JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro — Domingo, 11 de setembro de 1977 — Ano LXXXVII — N.º 156

TEMPO

Bom, névoa seca e temp. estável. Ventos: de Este a Norte, fracos. Máxima: 32.3 (Bangu). Mínima: 16.2 (Alto da Boa Vista). (Mapas na página 40)

O JORNAL DO BRASIL de hoje circula com 122 páginas em quatro cadernos de **Classificados**, Noticiário, **Cad. Especial, Cad. B** e **Cad. de Quadrinhos**, mais **Revista de Domingo.**

PREÇOS, VENDA AVULSA: Estado do Rio de Janeiro e Minas Gerais:

Dias úteis . . . Cr$ 4,00
Domingos . . . Cr$ 5,00

SP, PR, SC, RS, MT, BA, SE, AL, RN, PB, PE, ES, DF e GO:

Dias úteis . . . Cr$ 7,00
Domingos . . . Cr$ 8,00

CE, MA, AM, PA, PI, AC e Territórios:

Dias úteis . . . Cr$ 7,00
Domingos . . . Cr$ 9,00

ASSINATURAS — Domiciliar (Rio e Niterói): Tel. 264-6807.

3 meses . . . Cr$ 335,00
6 meses . . . Cr$ 584,00

(São Paulo, Capital):

3 meses . . . Cr$ 500,00
6 meses . . . Cr$ 1 000,00

Postal, via terrestre, em todo o território nacional, inclusive Rio:

3 meses . . . Cr$ 335,00
6 meses . . . Cr$ 584,00

Postal, via aérea, em todo o território nacional:

3 meses . . . Cr$ 390,00
6 meses . . . Cr$ 700,00

EXTERIOR — Via aérea: América Central, América do Norte, Portugal e Espanha:

3 meses . . . US$ 207.00
6 meses . . . US$ 414.00
1 ano . . . US$ 829.00

América do Sul:

3 meses . . . US$ 150.00
6 meses . . . US$ 300.00
1 ano . . . US$ 600.00

Demais: países:

3 meses . . . US$ 304.00
6 meses . . . US$ 609.00
1 ano . . . . US$ 1 218.00

— Via marítima: América, Portugal e Espanha:

3 meses . . . US$ 41.00
6 meses . . . US$ 82.00
1 ano . . . US$ 164.00

Demais países:

3 meses . . . US$ 58.00
6 meses . . . US$ 116.00
1 ano . . . US$ 232.00

Passarinho diz que Revolução não terminou

O Senador Jarbas Passarinho, vice-presidente nacional da Arena, advertiu ontem que o processo revolucionário não está concluído. "Tem muita gente pensando que estamos às vésperas de um novo baile da Ilha Fiscal, mas penso exatamente o contrário. Há muitos equívocos no ar e cedo se verá quais são", acrescentou.

Em Belo Horizonte, o Deputado Francelino Pereira garantiu que "os atuais Partidos não serão extintos, nem antes nem depois das eleições de 1978". O Senador Magalhães Pinto disse estar disposto "a satisfazer a curiosidade dos que não me conhecem", ao anunciar que já começou a formular a sua plataforma de Governo como candidato à Presidência da República. (Página 3)

A indústria tem estocados 40 mil veículos, que continuam antieconômicos e custam caro

Produção de carros cairá 7% este ano

A indústria automobilística, com 40 mil unidades estocadas, terá sua produção reduzida este ano em cerca de 7%, com relação a 1976. Os veículos automotores nacionais ainda apresentam graves falhas de segurança, custam cada vez mais caro e continuam antieconômicos, como é mostrado numa série de três reportagens de Juarez Bahia, que o JB começa hoje a publicar.

Um mercado interno como o brasileiro "pode exigir um produto mais resistente e mais qualificado, consequentemente mais durável e mais seguro", afirmou o coordenador do Congresso Internacional de Corrosão, Aldo Cordeiro Dutra. (Págs. 38 e 39)

Crédito é dado para 300 mil universitários

Com as inscrições neste semestre, o Programa de Crédito Educativo passou a financiar 300 mil universitários, 23% do total do país. Criado em janeiro de 1976, o Programa dispõe de CrS 2 bilhões 900 milhões, este ano, para fornecer seus dois tipos de bolsa: manutenção (Cr$ 600 mensais ao estudante) ou pagamento integral das anuidades.

O total foi apurado pela Caixa Econômica Federal, que na semana passada começou a computar as inscrições do semestre. Os Estados do Nordeste são os que têm maior número de inscrições num "dos maiores programas de assistência ao estudante já executado no mundo", como afirmou o Ministro da Educação, Sr Ney Braga. (Página 20)

Reitor prevê um 2.º semestre normal na UnB

"O movimento grevista não conseguiu abalar a sólida estrutura em que se assenta a Universidade de Brasília", afirmou ontem o Reitor José Carlos Azevedo, em nota à imprensa onde anuncia o reinício do segundo semestre letivo, amanhã, "em plena normalidade". Também o Ministro Ney Braga prevê ambiente de absoluta tranquilidade na UnB.

No documento distribuído à imprensa, o Reitor assegura que a crise no primeiro semestre, "depois de oito anos de tranquilidade e plena normalidade, nasceu fora do campo". Acrescentou que "no movimento de paralisação das aulas estiveram empenhados grupos não só de outros pontos do Brasil como também do exterior".

Balanço do movimento estudantil em todo o país revela claramente um recuo, que as lideranças universitárias atribuem à necessidade de melhor organização. Em São Paulo, na semana passada, foram convocadas três assembléias para decidir a participação estudantil em manifestações no dia 7, mas pouca gente apareceu.

"A problemática que envolve a UnB não se diferencia substancialmente da que envolve o regime e não se resolverá sem a substituição da repressão pela negociação", segundo análise de Walder de Goes, para quem a rigor só há uma crise, que reflete a incapacidade das instituições vigentes para lidar com a complexidade. (Páginas 20 e 21 e Especial)

Kadhafi pensa pelos líbios

O paternalismo e o militarismo são os dois traços mais evidentes na Líbia do Coronel Al Kadhafi, onde, a par de um desenvolvimento material que propicia praticamente um trator para cada agricultor e um automóvel para cada grupo de quatro habitantes, subsiste um povo cuja mentalidade não acompanhou esta evolução.

O enviado especial do JB a Tripoli, Araújo Netto, conviveu durante 11 dias com um povo cujas expressões mais correntes são mafish *(não sei) e* malesh *(não importa), que refletem, menos que desinteresse, uma confiança cega no chefe, e cujas imagens constantes são marciais, as próprias crianças vestindo uniformes.* *(Página 16)*

Floresta ou favela da Tijuca

Os casarões coloniais, que abrigaram barões e viscondes — e mais recentemente evocavam os mistérios do passado no meio da Floresta da Tijuca — transformaram-se num imenso conjunto de pardieiros, habitados agora por 56 funcionários da administração do Parque, que, por um impasse burocrático, está entregue à depredação e passando à favela.

As tradicionais ceramicas de Itaipava resistem à invasão dos plásticos e à alta da gasolina, com um fiel mercado consumidor. Em cada ponto de venda há grande oferta de peças, cujos preços variam numa escala de Cr$ 12 a Cr$ 800, para uma xicara ou um sofisticado abajur. (Caderno B)

Michel declara que não foge e quer a verdade

Em declaração transmitida por um de seus advogados, Michel Frank, o principal acusado pela morte de Cláudia Lessin, disse ontem que não vai fugir e que sua apresentação só ocorrerá após o julgamento do habeas-corpus que vai requerer. Confessou-se em depressão e admitiu que é um toxicômano, "e vou continuar assim porque o que esperava da sociedade não aconteceu".

Michel disse que sente que vai ser traído por George Khour e afirmou que este deveria apenas mencionar os nomes das pessoas presentes à festa, em seu apartamento, que poderiam colaborar para esclarecer a verdade. Seu advogado negou que tivesse havido violência sexual. Apesar da denúncia formulada pelo Promotor José Carlos da Cruz Ribeiro, muitos pontos ainda permanecem obscuros.

Depoimentos contraditórios, acusações e desmentidos de pessoas envolvidas, o esforço dos advogados para reduzir as implicações de seus clientes, as conflitantes interpretações do laudo cadavérico, as dúvidas em relação aos participantes da festa. são circunstancias que estimulam o aparecimento de muitas versões e dificultam a elucidação do caso.

Em Vitória, o Juiz Hilton Sily, da 3a. Vara Criminal, marcou para quarta-feira o interrogatório de Paulo Helal, Dante Michelini e seu filho Dantinho, acusados de rapto, indução ao tóxico e ocultação do cadáver da menina Aracéli Cabrera Crespo, morta em maio de 1973. (Páginas 29 a 33 e 40)

EUA este ano não ratificam acordo do Canal

O Tratado sobre o Canal do Panamá não será ratificado este ano pelo Senado dos Estados Unidos, afirmou ontem o líder da maioria democrata, Senador Robert Byrd, que não admite essa possibilidade antes de janeiro ou fevereiro de 1978. A posição de Byrd é considerada fundamental e ele disse que ainda não tomou decisão "sobre um assunto de tanta importancia".

Para o Senador democrata, o julgamento do Tratado sobre o Canal deverá basear-se "nos méritos e não nos clichês ou nas reações apaixonadas". Advertiu, também, para "o uso de frases emocionais e pressões durante os debates". (Pág. 17)

China revê o pensamento de Mao Tsé-tung

A China está preparando as bases teóricas para uma reinterpretação do pensamento político de Mao Tsé-tung, cujas diretivas eram muitas vezes "contraditórias" — dá a entender um editorial divulgado ontem pelos novos líderes chineses em comemoração ao primeiro aniversário de sua morte. O texto adverte que é preciso interpretar essas diretivas "dentro do contexto apropriado".

O Vice-Presidente chinês, Teng Hsiao-ping, ao criticar pela segunda vez numa semana os Estados Unidos, considerou "um passo atrás" na normalização das relações entre os dois países as conversações mantidas mês passado em Pequim pelo Secretário de Estado Cyrus Vance. Teng negou qualquer flexibilidade dos dirigentes chineses em relação ao problema de Formosa. (Página 17)

Alemães vão aumentar ação contra terror

Até ontem a noite não havia qualquer informação sobre o empresário Hans Martins Schleyer, permanecendo em vigor os termos da carta dos sequestradores que pedem a liberdade de 11 terroristas presos para soltá-lo. Durante o enterro dos policiais mortos no atentado, autoridades alemães pediram que a luta contra o terrorismo seja intensificada.

Em pesquisa de opinião, realizada ontem, 67% dos alemães manifestaram-se a favor do restabelecimento da pena de morte para os terroristas que matam em seus atentados. Outros 60% afirmaram ser contra a troca de reféns por terroristas presos, mesmo que para salvar a vida do sequestrado. (Página 14)

Urânio traz esperanças a regiões pobres

As populações das três regiões de prospecção de uranio delimitadas por decreto presidencial de 6 do corrente — Poços de Caldas (MG), Amorinópolis (GO) e Figueira (PR) — estão vivendo um sonho de riqueza, principalmente as das duas últimas, extremamente pobres e subdesenvolvidas.

Em Amorinópolis, a 240 km de Goiania, o Prefeito João dos Santos só há pouco conseguiu entender a *invasão* daqueles homens munidos de estranhas máquinas: "E' uma pesquisa de um tal de uranio" — disse. Mas os trabalhadores rurais da cidade se dizem prejudicados pelos "uranianos", que lhes destróem cercas e abrem buracos em suas terras. O uranio de Poços de Caldas foi descoberto em 1948, pelo engenheiro Resk Frahya. (Págs. 18 e 19)

O teto desabou em meia hora de fogo e os técnicos consideraram condenado o galpão

Alojamento do metrô pega fogo na Tijuca

Um incêndio — 18 dias após o ocorrido no alojamento dos operários do metrô no Flamengo — destruiu ontem à tarde, em meia hora, o galpão onde se alojavam os 280 trabalhadores do lote 23, na esquina da Rua Almirante Cochrane, na Tijuca. O engenheiro-chefe da obra suspeita de crime, uma vez que, pela manhã, ocorreu principio de incêndio no lote vizinho, o 22.

Não houve vitimas entre os poucos operários que se encontravam no alojamento, mas a grande maioria perdeu todas as suas roupas e documentos. No Estácio, três homens armados invadiram o canteiro de obras do metrô e roubaram da apontadoria o dinheiro destinado ao pagamento do pessoal, entre Cr$ 170 mil e Cr$ 180 mil. (Página 24)

Coluna do Castello

Continuam os problemas

Brasília — *Apesar da tranqüilidade habitualmente demonstrada pelos partidários da candidatura do General João Batista Figueiredo, parece pelo menos prematuro ter como assegurada sua indicação tranqüila à sucessão do Presidente Geisel. Os problemas que envolvem desde o início a fixação do seu nome persistem e não há indícios de soluções simples para os mesmos.*

O primeiro desses problemas, como se sabe, é a conquista da quarta estrela de general, condição geralmente tida como necessária para justificar a candidatura de um militar a um posto eminentemente civil. A leitura do Almanaque do Exército, que se tornou corriqueira nos meios políticos, demonstra que, para alcançar o posto de General de Exército em novembro, o General Figueiredo deveria contar com a boa vontade do General Geisel no sentido de ampliar de três para cinco as vagas que se darão até lá. Dificilmente, porém, o Presidente o faria, seja por não corresponder tal ação à habitualidade do seu comportamento, seja para não agravar ressentimentos. Não sendo promovido em novembro, também não o seria em março, quando haverá apenas uma vaga a preencher.

Por isso mesmo, fala-se que há tendência a prescindir do preenchimento da condição hierárquica, afinal apenas de natureza consuetudinária, e fazer do General Figueiredo candidato com suas atuais três estrelas. Esse seria um problema político e a decisão está nas mãos do Presidente da República que, segundo se admite, considera o General Chefe do SNI preparado para substituí-lo.

Se tal ocorrer, embora não haja missão atribuída ao Ministro do Exército — a notícia aqui registrada a respeito continua a sofrer contestação — a decisão será obviamente comunicada ao General Sylvio Frota, cujo nome continua posto como uma espécie de candidato natural da hierarquia militar e como postulação dos grupos mais empenhados na continuidade do processo revolucionário. Sob esse aspecto a comunidade de informações, sobretudo na fração denominada aparelho de segurança, estaria mais pelo Ministro do Exército do que pelo Chefe do SNI.

O General Frota poderá fazer, não em nome de aspirações pessoais mas das forças que lhe atribuem representatividade, objeções à escolha de um militar mais moderno quando há todo um quadro de alto comando a oferecer alternativas para uma decisão que se tomaria sob a invocação da necessidade de termos por mais um período um Presidente militar. O provável, segundo os peritos em política militar, é que tais objeções sejam feitas, acompanhadas de uma proposta de reexame da decisão presidencial.

O General Geisel terá suas razões de preferir o General Figueiredo e, embora haja entre sua personalidade e a do Ministro do Exército diferenças paralelas às que separavam o Presidente Castelo Branco de seu Ministro do Exército, a conjuntura poderia aconselhar a evolução dos acontecimentos no sentido de uma alternativa que pudesse atender dos requisitos que o Presidente da República considera imprescindíveis para que alguém aspire ao posto presidencial. Se o General Frota, a quem geralmente se atribui desambição e ânimo pacífico, não opuser sua candidatura à do Ministro Chefe do SNI, não faltariam nomes a examinar e conselheiros a se interpor para preservação da unidade militar. Entre esses conselheiros, apontam-se desde já o Presidente Médici e o General Orlando Geisel.

Do ponto-de-vista da situação geral, a solução de compromisso militar, que resultasse de um pacto de unidade, excluiria a adoção de reformas liberais da Constituição e representaria a vitória de uma espécie de linha dura que operaria respaldada na faixa dominante do aparelho de segurança. A mudança de perspectiva seria total, pois ainda que o acordo se realizasse em torno de um dos dois candidatos apontados, ele importaria no sacrifício da constitucionalização, a menos que, prevendo essas futuras dificuldades, o Presidente Geisel acelere a concretização do seu projeto e o faça aprovar ainda este ano ou no início do próximo ano, antes do anúncio do nome do candidato.

Nesse quadro, não se pode deixar de tomar como um complicador importante a candidatura militante do Senador Magalhães Pinto, que vai somando apoios visíveis na área política e possivelmente até mesmo apoios invisíveis. Haverá um momento de dificuldades e essa será a hora de expor convincentemente à Nação o motivo que, a critério do Governo, determine um veto à aspiração de um civil à Presidência. Esse veto terá de assentar-se em razões bastante sólidas para evitar a extensão das frustrações de que já sofre com abundancia a sociedade civil.

Carlos Castello Branco

Teotônio não crê em crise das Forças Armadas com a imprensa

Porto Alegre — O Senador Teotônio Vilela (Arena-AL) disse ontem que não há motivos para "se temer um novo endurecimento" nas relações das Forças Armadas com a imprensa brasileira. O que há, ele acha, é que o Exército está "apelando para a Justiça" depois de se sentir ofendido por uma crônica publicada no jornal *Folha de São Paulo*.

O mesmo pensa o líder do MDB no Senado, Sr Franco Montoro, que, em São Paulo, afirmou que o recurso à Justiça, "que é órgão competente para julgar as infrações da lei, é o caminho normal do regime democrático". Negou-se entretanto, a fazer outros comentários por desconhecer o texto que serviu de base à representação.

Lamentável

Já o Deputado Dias Menezes (MDB-SP) acha que o caso todo é lamentável. Embora acredite que o Ministro agiu acertadamente, buscando a via judiciária, entende que "o jornalista tem o direito de divulgar sua opinião". De qualquer maneira, a crônica, segundo o Deputado, "não é um insulto às Forças Armadas e, para crimes dessa natureza, deve prevalecer a Lei de Imprensa".

O inquérito, que amanhã começa a ser conduzido por um delegado da Polícia Federal para apurar a responsabilidade pela publicação da crônica considerada ofensiva ao Exército, poderá resultar no enquadramento do jornalista Lourenço Diaféria (autor da crônica) no Inciso III do Artigo 39.º da Lei de Segurança Nacional.

Crime e pena

Expressa o Inciso III que é crime contra a segurança nacional incitar *"à animosidade entre as Forças Armadas ou entre estas e as classes sociais ou as instituições civis"*. A pena prevista é de 10 a 20 anos de prisão. Mas, o Parágrafo 1.º do Artigo 39.º estabelece ainda que se o crime previsto no Inciso III for praticado por *"meio de imprensa, radiodifusão ou televisão"*, a pena passa a ser de 15 a 30 anos de prisão.

O Departamento de Polícia Federal não informou se há prazo para a conclusão do inquérito. Mas, de qualquer maneira, se o Sr Diaféria for indiciado como responsável, poderá ser preso antes da conclusão. Para tanto, basta que o delegado responsável solicite sua prisão, com base no Artigo 59.º da Lei de Segurança.

Diz o Artigo: *"Durante as investigações policiais, o indiciado poderá ser preso pelo encarregado do Inquérito, até 30 dias, comunicando-se a prisão à autoridade judiciária competente. Esse prazo poderá ser prorrogado uma vez mediante solicitação fundamentada do encarregado do inquérito à autoridade que o nomeou"*.

Governador vê fato isolado

Recife — O Governador Moura Cavalcanti, ao comentar a nota oficial distribuída pelo Ministro do Exército, General Sílvio Frota, disse que há " comunistas disfarçados, sob variados matizes, tentando tumultuar a vida da nação".

Acrescentou que isso ocorre "justamente num momento em que os políticos bem intencionados buscam, através do entendimento, soluções para os mais graves problemas brasileiros". Afirmou também, que "através da imprensa, irresponsáveis tentam subverter a ordem, agitando o processo político brasileiro, e atacando as Forças Armadas. E' evidente que o lugar destes é na cadeia, pois estão praticando crimes contra a segurança nacional".

DISFARCE

Salvador — O episódio da instauração de processo criminal, pelo Ministério do Exército, contra o jornalista Lourenço Diaféria, é um fato isolado, motivado por um artigo que chocou a instituição militar, não sendo indício de endurecimento ou de mudança de ritmo no atual processo político. A opinião é do Governador da Bahia, Sr Roberto Santos, que esteve com o Presidente da República por mais de duas horas, na manhã de ontem.

Magalhães elabora plataforma

Brasília — O Senador Magalhães Pinto, que hoje encerra um encontro de vereadores do Triangulo Mineiro em Uberlandia, anunciou ontem que está disposto a satisfazer a curiosidade de muitos, pois já começou a formular a sua plataforma ou programa de candidato a Presidente da República.

"Em breve apresentarei meu programa, sobretudo para atender à curiosidade dos que não me conhecem", acrescentou o Sr Magalhães Pinto, ao comentar declarações do Almirante Macedo Soares advertindo para a necessidade de o ex-Goverrador de Minas Gerais justificar o lançamento de seu nome com a apresentação de um programa de Governo.

ESTRATÉGIA

O Sr Magalhães Pinto explicou, ontem, que não poderia começar pelo fim, isto é, pela formulação de uma plataforma de Governo. Antes, teria que testar a receptividade popular, esta amplamente comprovada pelas viagens e inúmeros convites que vem recebendo.

Vencida esta etapa, de levar o povo a compreender o sentido de sua candidatura, o ex-Governador mineiro já considera chegado o momento de começar a formulação desse programa, que deverá consagrar suas idéias postas em prática no Parlamento e nos cargos executivos que já ocupou no Brasil.

O Senador Magalhães Pinto mostra-se entusiasmado com a animação popular em torno de seu nome, como agora em Fortaleza, quando sentiu o interesse de populares em torno de sua presença na Capital cearense.

"Está havendo animação de povo. Sinto que o colorido de outros contactos que mantive está voltando".

Francelino é por dois Partidos

Belo Horizonte — O presidente nacional da Arena, Deputado Francelino Pereira, que amanhã, às 16 horas, terá nova audiência com o Presidente Ernesto Geisel, afirmou ontem, nesta Capital, que "os atuais Partidos politicos nacionais não serão extintos, nem antes, nem depois das eleições de 1978."

Declarou o Deputado que "é preciso ficar bem claro, até mesmo para conhecimento das bases de ambos os Partidos, que não tem nenhuma procedência qualquer informação sobre extinção dos mesmos. Não só serão mantidos, como também já cuidamos de ampliar para o triplo o número de candidatos nas chapas para as eleições parlamentares". Atualmente, este número está limitado ao dobro.

MULTIPARTIDARISMO CAÓTICO

O Sr Francelino Pereira assinalou que as reformas de natureza juridico-institucional a serem realizadas, não atingirão a parte relativa à criação ou extinção de Partidos.

"O dualismo partidário não e um dogma politico da Revolução. A Constituição consagra o principio da pluralidade partidária. Quem, por ventura, desejar fundar outros Partidos, não precisa de autorização de ninguém. Basta abrir a Constituição e, saindo da teoria à prática, cumprir as axigências nela contidas. Já disse que estas exigências não são inexequiveis. Considerando-se o resultado das eleições de 1974 para a Camara Federal, poderão ser criados hoje nada menos do que 19 ou 20 agremiações partidárias. Após as eleições do próximo ano poderão ser criados entre 25 e 28 Partidos. Desejar-se mais do que isto, ou chegar-se a tanto, significa voltar-se ao multipartidarismo caótico, que imperou e multiplicou a vida politico-nacional antes de 1964. A idéia de criação de novos Partidos não pode partir da Arena, a cujos representantes e adeptos em todo o pais cabe o papel — já que não desejamos uma posição forte — de consolidar e tornar efetivamente permanente a legenda do Partido que presido e que tem como Presidente de honra um lider da estirpe e do valor moral do Presidente Ernesto Geisel.

Passarinho vê para logo fim de equívocos

Brasília — O vice-presidente da Arena, Senador Jarbas Passarinho (PA), advertiu ontem que o processo revolucionário ainda não está concluido. "Tem muita gente — comentou — pensando que estamos às vésperas de novo baile da Ilha Fiscal, mas penso exatamente o contrário. Há muitos equivocos no ar e cedo se verá quais são."

Lastima o Senador Passarinho, que é Coronel da reserva, que após 13 anos a Revolução "ainda não tenha desenvolvido um projeto politico que edifique a democracia, realizando o equilibrio justo entre a defesa do Estado e as franquias individuais", o que é dificil e em especial para "os paises que não conheceram, historicamente, periodos estáveis de prática democrática".

Combate

Para ele, a Revolução brasileira, por ser nitidamente anticomunista, "mobilizou desde logo, contra si, a "inteligência ocidental, tão violenta contra improvável volta do nazismo e tão permissiva e benevolente para com a tirania comunista". O Brasil passou "a fazer parte do arquipélago do mal, onde os direitos humanos são desprezados, os povos oprimidos, as economias postas a serviço do imperialismo capitalista, mas os que fazem estas acusações despudoradas elogiam os regimes comunistas".

Há, para o vice-presidente da Arena, "uma reorganização dos que foram batidos em 1964, aproveitando-se de que os jovens de hoje eram crianças quando a Revolução ocorreu. "A técnica de combate ao processo revolucionário caracteriza-se na atual fase, para o Senador Jarbas Passarinho, "por uma ofensiva maciça de negativismo, não se reconhecendo o que os Governos revolucionários fizeram em beneficio do país."

"Há 15 anos" — observa — "Celso Furtado preparou, iludido pelo Governo, um plano trienal de desenvolvimento global. Trabalhou com renda *per capita* da ordem de 230 dólares. Hoje, depois de sucessivos anos de elevada taxa de desenvolvimento econômico, temos 125 bilhões de dólares do PNB e uma renda *per capita* que saltou de 230 para os 1 mil 100 dólares, mas também isto é negado".

Modelo

Reconhece o Senador arenista que há falhas no modelo econômico, mas o considera muito superior ao que existia antes de 1964 quando "o Brasil crescia negativamente, com menos 1,6% em 1963, e tinha de negociar "de pires na mão, a recomposição da divida externa" A sociedade brasileira, a seu ver, ainda está muito longe de ser justa principalmente no que se refere à concentração de renda, mas isto tem de ser vencido por maior investimento no setor educacional.

O lamentável para o Senador Jarbas Passarinho é que os interessados não observem esses fatos. "Recentemente" — comentou — "os negativistas deram o maior valor às declarações de um assassino, simplesmente porque denigriu as Forças Armadas, encarregadas da segurança da pátria. Mas — indaga — que é a pátria para eles? Não acabam de proclamar que a comemoração do 7 de setembro, é uma farsa, uma mistificação, pois, segundo eles, somos vassalos dos imperialistas e aqui dentro uma imensa senzala, desprovida de lei, de segurança para o homem etc.".

"O clima que estamos vivendo hoje em relação ao futuro da Revolução de 64 é algo que sugere o baile da Ilha Fiscal, no fim da monarquia, pelo menos a acreditar na vigorosa ofensiva verbal, de um lado, e na escalada das manifestações coletivas, de outro. Para mim o processo revolucionário ainda não está concluido. Creio que há muitos equivocos no ar e cedo se verá quais são os equivocados".

O Baile

Para agradecer as homenagens prestadas ao Brasil pela República do Chile, que mandara o encouraçado Almirante Cockrane, o Governo Imperial resolveu dar, na Ilha Fiscal, um baile que deixasse as melhores impressões aos visitantes.

Para a festa, foram convidadas as mais importantes figuras da sociedade e da politica brasileira. Em princípio ela deveria realizar-se a 19 de outubro, mas só o foi a 9 de novembro de 1889.

Nunca acontecera no Rio de Janeiro um baile tão suntuoso. Na madrugada do dia 10 de novembro, começaram a circular rumores de que, enquanto o Império tinha a sua última festa, o Clube Militar deliberava sobre a prisão do Ministério.

Seis dias depois, era proclamada a República.

Cardoso não crê que democracia traga o caos

O professor Fernando Henrique Cardoso não acredita que a recondução do país ao estado de direito possa trazer o caos, "como dizem os agoureiros que querem a ditadura", pois a sociedade brasileira é "forte, estruturada, com interesses constituídos".

De acordo com o Sr Cardoso, o Governo "faz piruetas para ver se amarra a redemocratização à sucessão. Quer evitar o debate claro e a legitimidade que só o voto popular concede". Ele disse, em entrevista, que, "hoje, não é apenas o MDB — ou os *radicais* dele — que pede a Constituinte. Quebrou-se a confiança. Em todos: empresários, Igreja, jornalistas, intelectuais, estudantes, donas de casa, trabalhadores. Eu acho que mesmo nos quartéis deve existir quem pense que como vai não é possível".

O PROFESSOR

Formado em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo, o Sr Fernando Henrique Cardoso é carioca e tem 46 anos. Professor desde os 21 anos, aos 35 era o mais novo titular da Sorbonne. Aposentado pela Revolução na USP, é professor da Universidade de Cambridge e ensinou também nas Universidades de Stanford e Princeton, onde há um dos centros de pesquisa mais avançados e respeitados dos Estados Unidos.

Autor de centenas de artigos científicos publicados em revistas de todo o mundo, o sociólogo Fernando Henrique Cardoso escreveu mais de uma dezena de livros, entre os quais o mais conhecido é *Dependência e Desenvolvimento na América Latina*. São dele também *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*, *O Empresário Industrial e Desenvolvimento Econômico no Brasil*, *Mudanças Sociais na América Latina*, *O Modelo Político Brasileiro* e *Autoritarismo e Democratização*.

Foi diretor-adjunto da Divisão Social da CEPAL, no Chile (entre 1964 e 1967) e integrante do Conselho Social de Pesquisas dos Estados Unidos. E' um dos fundadores do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento (Cebrap), ao qual permanece ligado.

A entrevista

Vamos admitir que venha o estado de direito. O que acontecerá depois?

— Depois não vai ser o caos, como dizem os agoureiros que querem a ditadura. Olhe aqui para baixo da janela: veja São Paulo. Esta sociedade é forte, estruturada, com interesses constituídos. Tudo isso é mais visível em São Paulo, mas ocorre em todo o Brasil. A sociedade brasileira move-se sob o impulso de dois princípios de organização: o estatal e o das empresas. Talvez fosse mais adequado dizer que, se no passado a sociedade brasileira articulava-se ao redor do Estado e da Igreja, no presente o Estado — e por trás dele o Exército — e as empresas dão a cadência. Mais e mais o comportamento cotidiano das pessoas se define no mundo do trabalho. Aqui em São Paulo você sente a presença das empresas até nas ruas, no lufa-lufa no Viaduto do Chá, no desfilar de carros pela Paulista. Quando se viaja em direção ao Norte, sente-se mais a presença do Estado.

A empresa e o Estado enfraqueceram o poder da Igreja?

— Não é bem isto; ela mudou o sentido de sua ação. No passado, o cardeal e o general simbolizavam a ordem estabelecida. Aliás, mais o cardeal do que o general. Agora, quando a empresa e a burocracia governamental passaram a servir de bússula para definir a ordem, a Igreja voltou-se para o outro lado: para o trabalhador. Neste sentido, ela continua atuante e — dada a inexistência de Partidos e organizações sindicais que possam expressar com força o sentimento dos trabalhadores do campo e da cidade — a Igreja assumiu funções críticas.

O "depois" será capitalista

— E essas instituições garantem uma transição política suave?

— Garantir, não garante. Há sempre o espaço para a política: a ousadia, a imaginação de alternativas, a capacidade de liderança. Mas o que eu estou dizendo é que não se vai passar do autoritarismo ao socialismo distributivista como alguns temem e outros, ingenuamente, pensam que é possível. Não creio que o pêndulo se desloque muito para a esquerda com a redemocratização. Haverá, espero, espaço para a esquerda. Mas o *depois* será capitalista. Hoje já há, sem dúvida, um forte setor estatal na economia. Depois haverá talvez uma verbalização nacionalista mais forte. Mas a realidade é que a economia brasileira está articulada a um sistema transnacional e se baseia em fortes interesses capitalistas internos. Nada disto desaparecerá, por encanto, com a redemocratização. No médio prazo estes parametros estão dados.

"Boa parte da 'inteligentzia' de esquerda sabe que o "distribucionismo" não resolve nada"

— Nesse quadro não existe a possibilidade de um novo populismo?

— Existe, por certo. Mas dependerá da forma pela qual se resolva o sistema partidário. Se o Governo continuar descrendo, como no passado, da capacidade organizativa do povo e definindo na cúpula quantos e quais serão os Partidos políticos, imaginará um **modelo** que será mais uma camisa-de-força. Se, no pólo oposto, tudo for deixado ao sabor de lideranças personalistas, não se terá a camisa-de-força, mas o risco do hospício não será menor. O populismo sempre esteve baseado no personalismo e na manipulação dos votos de massa pela utilização de parte do aparelho de Estado e das políticas públicas com fins eleitorais. Ora, hoje tal possibilidade é remota. E' difícil que os que controlam o Governo, mesmo querendo, possam ser populista, pois a tendência popular não é a de votar neles.

Por outro lado, pelo menos boa parte da **inteligentzia** de esquerda sabe que o **distribucionismo** não resolve nada. Uma redistribuição de renda desatada, sem produção tem como resultado um processo inflacionário galopante, como se viu no Governo Allende. A reação a esta conjuntura costuma ser a recessão, o desemprego e, com eles, a repressão.

Portanto, **depois** qualquer política popular genuína deverá preservar a racionalidade da produção e questionar a assimetria econômica e a necessidade de redistribuição a partir daí. Não faz mais sentido hoje o estilo de gozação que o Roberto Campos fazia com os **distribucionistas**; ninguém que saiba algo de política e economia, à esquerda, defende uma tese distribucionista irresponsável.

— Como seria possível articular um sistema partidário que não seja definido pela cúpula?

— Por que não seguir, neste ponto, o caminho espanhol?

— Qual?

— Primeiro dar claros sinais de que a democratização já está em curso. Olhe bem, não é difícil assim: afinal hoje existe mais liberdade de imprensa e de opinião e os aspectos mais brutais da repressão estão contidos pelo Governo. Veja as últimas passeatas dos estudantes em São Paulo. Muita cara zangada, exibição de força policial, mas grau de violência efetiva controlada. Por que, então, em vez disto não dizer simplesmente que os estudantes podem se manifestar? Um gesto claro e unilateral do Governo — sem passar por insondáveis e intermináveis diálogos entre quem não dispõe da força, Arena e MDB — seria um bom começo, como disse Bolívar Lamounier em sua entrevista ao JORNAL DO BRASIL. Por exemplo: restabelecer o **habeas corpus** e dar independência à magistratura. Em seguida, um período de liberdade para que as forças políticas se organizassem para enfrentar as eleições.

— Mas isto não levaria à pulverização partidária?

— Ela não é desejável. Mas a limitação do número de partidos deve ser pelo menos semi-espontanea. Ver-se-ia primeiro a capacidade de liderança e negociação entre os vários grupos, antes de definir e limitar um número mágico de partidos. Por que quatro? A limitação, para ser legítima, deveria vir no bojo de uma Constituição votada, e não outorgada que definisse as condições mínimas para o reconhecimento de novos partidos.

— Mas assim chegamos na convocação de uma Constituinte, o que parece ser um tabu para o Governo.

— Eu sei. O Governo faz piruetas para ver se amarra a redemocratização à sucessão. Quer evitar o debate claro e a legitimidade que só o voto popular concede. Mas veja bem, hoje não é apenas o MDB — ou os **radicais** dele — que pede a Constituinte. Quebrou-se a confiança. Em todos: empresários, Igreja, jornalistas, intelectuais, estudantes, donas-de-casa, trabalhadores. Eu acho que mesmo nos quartéis deve existir quem pense que como vai não é possível.

E a sucessão presidencial?

— Está visto que em termos de conjuntura o país enfrenta dois problemas: sucessão e inflação. Para combater a inflação é preciso persistir numa dada linha e é preciso contrariar interesses. O Estado, na circunstancia atual — de uma transformação na estrutura produtiva que se faz no contexto de uma dívida externa elevada e pressão inflacionária — tem que contrariar interesses. Veja bem: não basta mais controlar salários. É preciso discutir quem investe e no que. Tudo isto reclama uma direção hegemônica. Sem legitimidade ou sem repressão violenta o Governo não consegue definir os rumos. A repressão, porém, não se justifica mais: não há terroristas e os subversivos que a extrema direita inventa são, em geral, patriotas honestos. Ninguém mais engole a pílula de que uma sucessão que está amarrada apenas na vontade dos áulicos, seja qual for o candidato, pode ajudar a tirar o país do impasse. Se houvesse gestos claros de redemocratização, em vez de diálogos indefinidos, então sim, **qualquer** candidato, civil ou militar, apareceria com força.

"As esquerdas têm, e legitimamente, a bandeira da luta contra as desigualdades nas mãos"

— Como é possível aparecer um partido popular que não seja populista?

— Sociologicamente, o fenômeno que mais chama a atenção num país que alcançou os níveis de urbanização e acumulação do Brasil, é a desigualdade, a assimetria social. A ordem militar instaurada em 1964 tinha a faca e o queijo na mão para diminuir a assimetria. Mas não tomou providências: preocupou-se com as empresas e com o crescimento a qualquer custo. Resultado: as esquerdas têm, e legitimamente, a bandeira da luta contra as desigualdades nas mãos. A solução do impasse brasileiro depende de que se encontrem fórmulas políticas para diminuir a assimetria sem desorganizar o sistema produtivo. Os conservadores pensam que isto é impossível e propõem a fórmula de sempre: democracia para as elites. Os setores progressista têm, por isto mesmo nova chance histórica: mostrar que as reformas são mais do que possíveis, são desejáveis e que já existe um grau de racionalidade na sociedade brasileira que permite organizar, aglutinar e transformar, sem provocar o caos econômico e a demagogia, que terminam sempre em mais repressão.

"A direita radical brasileira é gagá; pensa que sou comunista"

— Então a chave da questão estaria na social-democracia européia?

— Por enquanto eu só falei da Europa para lembrar o caso da Espanha. E este mesmo é diferente do brasileiro: se é certo que lá, como aqui, a transição possível vai ser feita com a desagregação das Forças Armadas, lá, diferentemente daqui, existe maior pressão organizada dos trabalhadores. Eu não creio que se possa pensar o Brasil como um modelo europeu na cabeça, da social democracia ou do fascismo. Hoje o Brasil ao mesmo tempo em que tem um pé na V República francesa (com seus estudantes libertários) tem o trabalho semi-compulsório na Amazônia, e a falta de garantias sociais e políticas. Seria engano, diante disto, pensar que temos um pé no século XIX e que no futuro seremos europeus. Se a esquerda pensar que teremos um partido "tipicamente proletário", vai enganar-se. Isto aqui tem cheiro de América, de Novo Mundo. Há uma expansão industrial fantástica e uma fronteira agrícola imensa e aberta. Quando alguém pensa que entende o Brasil a partir da repetição de textos que se referem a outras experiências se engana. Frequentemente, por causa do doutrinarismo dogmático, a extrema esquerda fica parada e a direita também: reciprocamente imobilizadas ao nível da bobagem.

A incapacidade de ver o novo e pensar o real deva a proposição de analogias sem fundamento. Quando se diz que a questão fundamental é a da igualdade social, setores à esquerda lêem logo: "social-democracia", esquecendo-se de que esta dependeu da existência de um forte movimento operário e da chance de transformar revolucionariamente a sociedade, que foi trocada por um desejo de co-gerir os interesses capitalistas por parte dos líderes social-democratas europeus. No Brasil nem se tem um forte movimento de trabalhadores, nem o empresariado está propondo aliança a eles. Logo, é preciso refuscar a cabeça e ter olhos para ver. Por outro lado, a direita radical brasileira — que é gagá — quando digo que precisamos de lutar pela igualdade social pensa logo que eu sou comunista.

Seria de rir, se não fosse empobrecedor estar todo o tempo tendo que discutir sobre equívocos.

— E os militares nisto tudo?

— A tragédia é que este processo maniqueista atingiu os militares à fundo. Eles descobriram a Guerra Fria (que se tornou ideologia oficial em 1964) quando ela já tinha acabado. As armas nucleares acabaram com as teorias convencionais sobre a guerra mas também com a ilusão de que seria possível destruir qualquer dos dois poderes principais. Se o mundo capitalista não pode erradicar a União Soviética do mapa, tem que negociar e tem que admitir que existem os PCs no mundo. E' isto que estão fazendo na Europa. Diante do euro-comunismo (que expressa, por outro lado, a incapacidade da União Soviética de impor sua norma aos PCs ocidentais) os líderes ocidentais preferem negociar. As tentativas de todo capitalismo inteligente vão no sentido de **civilizar** a esquerda, mesmo a esquerda comunista.

— Isto se aplicaria ao Brasil?

— Por que não? Existe uma intelectualidade militar. Ela lê jornais, tenta informar-se. Precisa processar as informações e elaborar uma doutrina que arquive as idéias antiquadas sobre a Guerra Fria e a guerra revolucionária (de guerrilhas) e elabore uma doutrina afim com os interesses brasileiros e compatível com a sociedade contemporanea a nível nacional e internacional.

— Essa conciliação não pode ser atropelada pelo revanchismo da Oposição?

— Nenhuma força política brasileira na oposição, que eu saiba, propôs a revanche. Inclusive porque os setores propriamente repressivos perderam força política no Governo atual. O General Geisel os desativou. Houve, neste sentido, uma transição. Não será necessário que ocorra uma virada de mesa para que a redemocratização triunfe. Talvez o Governo Geisel, sem que se perceba, já represente uma transição. A liberdade de imprensa, ainda que parcial, é muito importante. Por certo, há o problema da anistia. Mas alguém já disse: a anistia deve ser ampla; com ela cessa também a revanche.

E a anistia vai acontecendo. Não sei se haverá decreto para sancioná-la. Mas que vai acontecendo galopantemente, vai. Como fórmula de compromisso seria possível aceitar que o Supremo Tribunal Militar decida sobre os casos mais espinhosos de um e de outro lado. Não creio que tal procedimento entre em choque com as atribuições do Supremo Tribunal Federal. Este deveria ser a instancia superior para dirimir dúvidas constitucionais.

— E a incorporação das medidas de salvaguarda do Estado à Constituição?

— Concordo com o que disse recentemente o Senador Marcos Freire: tirar o arbítrio das mãos de um para colocá-lo nas mãos de uma dezena de pessoas não muda essencialmente nada. Criar uma comissão com poderes especiais para quê? Pois já se tem aí o Conselho de Segurança Nacional e, na prática, o Presidente absorve as funções dele quanto à aplicação do AI-5. Não vejo por que manter o fetiche de que sem instrumentos de exceção não há ordem que se mantenha. Basta cumprir as leis e dar politicamente legitimidade aos que mandam para assegurar a ordem. Não foi por falta de recursos formais de defesa da democracia que a contestação armada cresceu no passado. Foi porque muita gente, aberta ou discretamente acreditou nela. Os meios legais, sempre que setores sociais importantes estejam comprometidos com eles, bastam para a manutenção da ordem.

— O senhor acha que é a crise de um pacto social rompido?

— Esta idéia de um novo pacto pode ser equívoca. Eu não acredito que a ordem social esteja em decomposição no Brasil. Existe um desgaste político, um cansaço da sociedade diante do autoritarismo. Mas ele, pelo menos por enquanto, se expressa mais ao nível das classes médias e das elites. O regime político ficou curto diante das demandas destes grupos. É óbvio que ainda com mais força verifica-se a incapacidade do regime autoritário assentar base no "povão" e processar suas demandas. Tudo isto vem levando ao que eu chamo de "descolamento" entre a sociedade e o Estado. Há, portanto, uma crise política.

— Essa crise política não é, em parte, uma crise paulista?

— Como o Castellinho escreveu há pouco em sua coluna, está havendo um deslocamento do eixo do processo político para São Paulo. Há em São Paulo maior discrepancia em relação ao autoritarismo vigente do que no resto do país. E isto é sério: por mais que se planeje em Brasília, boa parte do que efetivamente se realiza faz-se em São Paulo. O clima político paulista é mais liberal hoje, refletindo a existência de uma camada ampla de trabalhadores e de setores empresariais que não dependem diretamente do Estado na mesma proporção em que isto ocorre no resto do país. Dificilmente poderia haver uma reunião da SBPC nas condições da última em outro Estado. Nem o CEBRAP. E mesmo um bispo com a independência e o reconhecimento público de sua força moral como D Evaristo dificilmente poderia atuar do mesmo modo nos outros Estados.

Delfim unificou todos os setores sociais. "Mas agora o regime ficou curto"

— Haveria, então, o risco de um novo espírito separatista?

— Não é o que eu penso. Os paulistas somos nós todos brasileiros que trabalhamos aqui (eu nasci no Rio). Por certo existe uma velha elite de passado antigetulista e anticentralizadora. E é óbvio que a preocupação instintiva de quem está no Poder central é controlar São Paulo. Nem Getúlio nem Jango deixaram que São Paulo tivesse um PTB forte. Com Médici, havia o Delfim que não deixava São Paulo insubordinar-se. Quando decidiram não colocar Delfim no Governo de São Paulo imaginei que o plano da distensão estivesse bastante articulado. Seria impossível fazer a distensão se São Paulo tivesse orientação distinta. Em suma, os regimes autoritários ou procuram subordiná-lo diretamente ao Governo central, dando-lhe vantagens, como no tempo de Delfim. Ademar representava a "nova burguesia", os chamados "turcos", os judeus, os italianos, novos ricos do Cambuci. Estes setores sociais no tempo de Getúlio não tinham interesses coincidentes com os dos paulistas tradicionais. Delfim unificou todos. Mas agora, como eu disse, o regime ficou curto para a sociedade gerada pelas forças sociais mais dinamicas de São Paulo.

— Como vai se resolver, no futuro, o peso desta força no Brasil?

— O sucessor de Geisel — e o regime futuro — terão que se entender com São Paulo, ou seja, com a democracia. Não é São Paulo como geografia. E' um espírito que vai até ao Sul e existe nas cidades principais de todo o Brasil. Mas para evitar a fragmentação social (e talvez política) do país, o pacto futuro terá de absorver a diversidade, reconhecendo-a. Como? Deixando que as forças populares se organizem em Partidos socialistas-trabalhistas, pois só assim os interesses empresariais poderão ser contrabalançados e será possível assegurar a integridade nacional. Fazer um Partido que corresponda aos interesses dos assalariados é ao mesmo tempo fazer um Partido que assegura a diversidade e por isto, contraditoriamente, a unidade nacional.

Geisel sobrevoa Salvador

Salvador — O Presidente Ernesto Geisel sobrevoou ontem, de helicóptero, durante duas horas e 10 minutos, a Região Metropolitana de Salvador, e pousou no canteiro de obras do Pólo Petroquímico de Camaçari, em companhia do Governador Roberto Santos e do Ministro da Indústria e do Comércio, Sr Angelo Calmon de Sá.

O Chefe do Governo que passa o fim de semana nesta Capital, prometeu inaugurar a Central de Matérias-Primas, "pois Camaçari — segundo o Sr Roberto Santos — é a grande paixão do Presidente". O pólo baiano foi definido quando o General Geisel presidia a Petrobrás.

O VÔO

O Presidente sobrevoou o Terminal de Granéis Sólidos do porto de Aratu e, em seguida, o de Granéis Líquidos, ainda em construção. Esteve também na Refinaria de Mataripe para conhecer as obras de ampliação e passou pelo Terminal de Madre de Deus, da Petrobrás.

Depois do pouso em Camaçari, o General Geisel sobrevoou ainda o conjunto habitacional do Caji, os canteiros dos conjuntos Mucurunga, Narandiba, Cajazeiras e Boca do Rio, a região dos *alagados* e a indústria da companhia química do Recôncavo. Os Ministros Sylvio Frota e Araripe Macedo já retornaram a Brasília, ficando em Salvador apenas o Ministro Azevedo Henning.

Informe JB

Sofisma

A Coderte, empresa que administra no Rio de Janeiro uma praça de quinze andares chamada Edifício-garagem Menezes Cortes, anunciou um engenhoso sistema para aumentar a rotatividade em seus estacionamentos. Vai aumentar os preços.

Num país em que se criou a estranha doutrina de que a administração pública deve dar lucro, é razoável, sensato e até plausível que a Coderte aumente o aluguel de suas vagas para aumentar sua arrecadação.

• • •

Afinal, desde que os cidadãos perderam o uso de uma praça pública que lhes pertencia, para cedê-la aos automóveis, pode-se admitir que essa praça desapropriada seja usada como o novo proprietário bem entender.

Inadmissível é a suposição de que, por terem perdido uma praça, os cariocas tenham perdido também a capacidade de raciocinar. Aluguéis mais caros de vagas para carros aumentam os lucros da Coderte, não a rotatividade dos automóveis, por mais que se alegue o contrário. Assim como o aumento do preço da gasolina não diminuiu o consumo, diminuiu foi os rombos do tesouro. O que baixou o consumo foi uma campanha de conscientização do consumidor.

• • •

A menos que a administração da Coderte suponha que os usuários deixem seus carros nos estacionamentos pelo prazer barato de ficar flanando pelo Centro da cidade.

Nesse caso, vale esclarecer que a era do footing na Avenida Rio Branco acabou há muitos anos.

Descoberta

Nas escavações na história do Clube São Cristóvão, chamado time dos cadetes e introdutor do regime de concentração de jogadores para treinamento, descobriu-se uma preciosidade sucessória.

Em 1926, o time, concentrado no Regimento de Cavalaria, não aprovou a novidade e iniciou um movimento para escapar.

O clube e o treinador começaram a ceder. Mas o Comandante do Regimento fechou questão: "Concentração é concentração. Vocês ficam".

• • •

Ficaram e a prática vingou.

O Comandante se chamava Coronel Euclydes Figueiredo. Era o pai do atual Chefe do SNI e candidato à sucessão do Presidente Geisel.

Fusos

Sexta-feira, às 4 horas da tarde, um cidadão chegou ao prédio do Ministério do Trabalho, setor de carteiras profissionais, e atracou no primeiro balcão. Lá, disse a que vinha.

— Seu caso — respondeu-lhe um funcionário, amável — só pode ser tratado na segunda-feira, porque a pessoa que cuida disso já foi embora.

— Mas o horário do expediente não vai até as 5 horas? — ele ainda tentou.

— Vai. Mas ele hoje chegou muito cedo e então saiu mais cedo.

• • •

Diante do argumento, o cidadão voltou os olhos para os céus e deparou com os quatro relógios da repartição.

Um marcava 16h15m. Outro, 15h 30m. Um terceiro anunciava as 16h 10m. O quarto dava as 14h em ponto.

João Teimoso

Está novamente armada, na Arena, a plataforma da prorrogação das eleições parlamentares.

Diálogo

O Prefeito de São Paulo, Olavo Setúbal, visitou na Rua São Clemente o Prefeito do Rio de Janeiro, Marcos Tamoyo. Juntos, trocaram histórias de problemas administrativos.

O paulista se queixou de que, em sua Prefeitura, as despesas do metrô são do município, ao passo que o Estado se encarrega do ensino de primeiro grau. O carioca rebateu que, no Rio, o metrô é estadual e o ensino de primeiro grau do município.

• • •

Derrotado na competição de problemas, o Sr Olavo Setúbal foi olímpico:

— Pois eu, se me dessem o ensino de primeiro grau, ia embora.

Sucessão

O Ministro das Comunicações, Euclides Quandt de Oliveira, frequentou muito os gabinetes do Largo da Misericórdia, onde pelos idos de 1974 preparou-se o programa do Governo Geisel.

Ontem, de passagem pelo Rio, foi capturado por um curioso da sucessão:

— Ministro, haverá novamente um Largo da Misericórdia?

— Acho que não. Ficará mesmo em Brasília... Ou talvez em Belo Horizonte. Não, mesmo o de Belo Horizonte funciona também em Brasília. Será em Brasília mesmo.

• • •

Diante de tantas dúvidas, o interlocutor voltou à carga:

— Quer dizer que a sucessão pode passar por Belo Horizonte?

— A esta altura, tudo é possível.

— E em janeiro, tudo também é possível?

— Bom, em janeiro é que vamos ver.

Horror

Surgiu uma nova e horrorosa confusão no caso da jovem Cláudia Rodrigues.

O Sr Egon Frank, pai do principal suspeito, anunciou que tem duas certezas e que a elas contrapõe uma terceira.

Ele está certo de que seu filho não matou Cláudia, que teria morrido em consequência de uma dose exagerada de tóxicos.

Está certo também de que seu filho, se for preso, será morto para não contar o que sabe da rede de tóxicos que existe na cidade.

• • •

Dito isto, dá a certeza de que, caso esteja diante da iminência da prisão do filho, tira-o do país, "pois para isso temos 8 mil quilômetros de fronteiras".

Com essa declaração, compreensível num pai que acredita na inocência do filho, o Sr Frank acaba de editar um ato institucional pelo qual transfere para a sua capacidade de agir o desfecho do caso. Será ele quem dará a sentença, deixando o filho no Brasil ou afastando-o.

• • •

Resta saber se o Sr Frank tem razão quanto aos 8 mil quilômetros de fronteiras. Na sua visão, essa extensão lhe pertence e serve para beneficiá-lo.

No entender dos mortais, é do país e serve para capturar quem ofende a lei.

Observador

Perguntaram ontem ao General Eduardo D'Avila Mello, ex-Comandante do II Exército, sua opinião sobre a sucessão presidencial.

— Está aí vendo a minha roupa? — ele respondeu, mostrando o terno e a gravata. "Eu agora estou em casa".

Lance-livre

• A Camara de Vereadores do Rio começa a comprar este mês carros para os seus 21 membros. Duas fórmulas foram tentadas para evitar a compra: pagamento de motoristas particulares ou da gasolina, com os vereadores usando seus próprios carros. Ambas foram negadas pela Procuradoria. A verba para a aquisição de veículos é superior a Cr$ 1 milhão.

• **Chega hoje ao Rio o Deputado Tancredo Neves. Vem tratar da documentação para a viagem que fará este mês à Bulgária. Retorna na terça-feira a Brasília para a Convenção do MDB.**

• Para a expansão do porto de Recife já foram concluídos 110 processos de desapropriação. Estão em fase final 40.

• **O Chefe do Estado-Maior da Armada, Almirante Gualter Maria de Magalhães, viaja hoje para o México, a convite oficial do Comandante-em-Chefe da Marinha daquele país. No mês de julho, o Almirante realizou viagem semelhante à Argentina, onde permaneceu uma semana.**

• As transmissões de televisão na Copa do Mundo da Argentina não serão iguais às do jogo Cruzeiro x Boca Junior, na semana passada. A Argentina está instalando um sistema PAL, mais moderno do que o usado no Brasil. A primeira transmissão para o exterior, teste do novo sistema, será feita no dia 14 de janeiro, durante o sorteio dos grupos.

• **O Cardeal de São Paulo, D Paulo Evaristo Arns, embarca dia 16 para Roma, onde participará da reunião do Secretariado Romano para os Não Crentes. Este encontro é realizado a cada cinco anos. Depois, o Cardeal de São Paulo irá a Londres, para reuniões com associações católicas interessadas em enviar missionários para o Brasil.**

• A Sudene e a Universidade Federal de Pernambuco vão realizar o levantamento geológico do Nordeste. O mapa será em escala de um para um milhão.

• **O ex-Deputado Djalma Marinho reapareceu na semana passada nos corredores do Congresso. É o mais novo coadjuvante das negociações sobre reformas. Ja esteve com o Senador Daniel Krieger e, por duas vezes, com o Senador Petrônio Portella. Está otimista.**

• Toda a diretoria da Comlurb está sendo mudada. Permanecerá apenas o seu presidente, Gastão Sanges.

• **O Deputado Célio Borja estará hoje em Macaé. Participa das solenidades do centenário de fundação de uma usina de açúcar, naquela cidade. É uma das mais antigas do país.**

• Os juros e correção monetária das cadernetas de poupança, no terceiro trimestre do ano, não deverão ultrapassar a 7,5%.

• **A título de experiência, foram vendidos seis caminhões frigoríficos brasileiros para a Nigéria.**

• A Companhia Brasileira de Cartuchos vai tentar junto ao IBDF a revogação da portaria que proíbe a caça em 16 Estados.

• **A Estrada Rio—São Paulo ganhará sinalização padronizada com finalidade turística.**

• Os agentes de segurança da Camara estão participando de um curso de Relações Humanas. Aprendem a lidar com o público, sem perder o tato.

• **O técnico brasileiro José Bonetti dará este mês um curso sobre futebol para técnicos mexicanos e uruguaios. O Uruguai, que estará fora da próxima Copa do Mundo, fará uma reformulação total em seu futebol.**

• Uma delegação de 18 empresários de Gana está no Brasil. No momento visita o Rio Grande do Sul verificando a possibilidade de importar produtos manufaturados.

Deputado critica os Partidos

São Paulo — O Deputado Dias Menezes (MDB-SP), defendeu ontem a necessidade de que seu Partido "deve dialogar diretamente com os chefes militares, pois a conversa entre os dois Partidos não leva a coisa alguma". Criticou o MDB "por ter marcado convenção para aprovar a convocação de uma Assembléia Constituinte".

O Sr Dias Menezes disse que "está havendo radicalismo em todas as áreas e até, e principalmente, no MDB". Afirmou que os dois Partidos "são considerados pelo sistema como peças formais e se o MDB quisesse se firmar como Partido, não devia nunca dialogar com a Arena, que não existe. Devia conversar com quem existe, que é o sistema".

A luta

O Deputado admite que a realização da Convenção no dia 14 "deve se transformar num centro de debates, para traçar linhas que devem ser seguidas na campanha eleitoral de 78. O MDB deve lutar pela realização das eleições e não procurar colocar uma pedrinha no calendário eleitoral. Fala-se em distensão e diálogo, mas acho isso uma burrice".

ELEIÇÃO NO INSTITUTO BRASILEIRO DE CONTABILIDADE

No dia 6 do corrente mês, a Assembléia Geral Ordinária do INSTITUTO BRASILEIRO DE CONTABILIDADE elegeu, em primeira convocação, com "quorum" superior a dois terços de comparecimento, e por escrutínio secreto, o Presidente e os órgãos dirigentes e de fiscalização da entidade, para mais um mandato de cinco anos — 1978 a 1983, tendo sido reconduzido para o alto comando administrativo e técnico da entidade, o Professor PÍNDARO MACHADO SOBRINHO, que criou, organizou e consolidou a Faculdade de Ciências Contábeis e Administrativas "Moraes Junior", fundada, sob sua inspiração, há mais de quatorze anos, ou seja em 13 de abril de 1963.

A foto acima registra o momento em que depositava o seu voto na urna o Professor Lafayette Belfort Garcia — Diretor Geral de Ensino das Unidades administradas pelo INSTITUTO BRASILEIRO DE CONTABILIDADE, no qual se destaca, como ponto alto daquela instituição cultural, a FACULDADE DE CIÊNCIAS CONTÁBEIS E ADMINISTRATIVAS MORAES JUNIOR, pela qual passaram, durante quatorze anos de sua existência, aproximadamente, setenta mil estudantes de grau superior, tendo formado mais de seis mil Técnicos de Administração e de Ciências Contábeis e contribuído, positivamente, com recursos humanos para o progresso das empresas de grande, médio e pequeno portes, bem como, autuando, brilhantemente, na Administração Federal, Estadual e Municipal, haja visto o resultado obtido pelos diplomados na Faculdade Moraes Junior nos concursos realizados pelo DASP, nos quais verifica-se que, de 1.125 candidatos aprovados para os cargos de Técnicos de Administração e de Contadores do Serviço Público Federal, 705 concluíram os cursos nessa Faculdade.

A Chapa, liderada pelo Professor MACHADO SOBRINHO e eleita por unanimidade de votos dos presentes à Assembléia Geral Ordinária, é integrada dos seguintes profissionais liberais: PRESIDENTE — Píndaro José Alves Machado Sobrinho. CONSELHO CONSULTIVO — Membros Efetivos: Mário Lorenzo Fernandez, Ovídio Paulo de Menezes Gil, Waldemiro da Fonseca e Silva e Ferdinand Marius Esbérard. Suplentes: Amadeu Pacífici Filho, Milton Martins dos Santos, Oldreno de Caro e Numa Freire dos Santos Pereira. CONSELHO CURADOR — Membros Efetivos: Heitor Borges Sobrinho, Rogério Gomes de Lima, José Maria Matos e Zeuxis Soares Pessoa. Suplentes: Armando Lofiego, Onofre de Barros, Emerson Pires dos Santos e Augusto Cesar das Chagas Pires. CONSELHO DIRETOR — Presidente: Píndaro José Alves Machado Sobrinho. Membros Efetivos: Carlos Avelino de La Rocque Martins, Júlio Rodriguez y Mitrani e Nilson Gismonti. Suplentes: Renato Sattamini de Abreu, Sylvio Carvalho Duarte e Aureo de Siqueira Mello.

Sizeno diz que é aspirante a tenente-candidato ao Governo do Rio de Janeiro

O ex-Ministro do Superior Tribunal Militar, General Sizeno Sarmento, disse ontem que era "aspirante a tenente-candidato" ao Governo do Rio de Janeiro, em 1978, e afirmou que suas viagens pelo interior do Estado "não é campanha política. Servi 52 anos ao Exército e estou agora recebendo algumas homenagens por isso".

O General Sizeno Sarmento disse que sua candidatura "depende dos meus amigos", enquanto o Governador Faria Lima negava-se a falar sobre ela: "O que posso dizer — ressaltou o Governador — é que o General Sizeno é primo-irmão de minha cunhada. Agora, se ele tem chances, eu não sei".

IMPREVISÍVEL

Afirmando que em política "tudo pode acontecer", o General Sizeno Sarmento disse que "pode ocorrer até um acordo entre Arena e MDB para a escolha do futuro Governador":

— No momento não sou candidato. Mas caso meus amigos desejem, eu aceito a candidatura. Afinal, sou um soldado da Revolução.

Após lembrar que logo depois de deixar o STM filiou-se a Arena, o General Sizeno Sarmento respondeu com um "quem sabe" a indagação se poderia ser Governador caso houvesse uma prorrogação do prazo para o processo de fusão dos dois antigos Estados da Guanabara e Rio de Janeiro.

O Governador Faria Lima, por sua vez, disse que sobre política só falará em janeiro. Ele afirmou que não preocupado com o risco de possíveis vetos às suas mensagens na Assembléia.

MDB não quer tumulto ao processo de fusão

A sucessão estadual na área do MDB, que tem maioria no colégio eleitoral depois da pacificação entre as correntes lideradas pelo Senador Amaral Peixoto e pelo ex-Governador Chagas Freitas, "entrou em compasso de espera", segundo o primeiro vice-presidente do Partido, Sr Ecil Batista, "porque a Oposição não deseja, ao contrário da Arena, tumultuar o projeto de fusão".

O secretário-geral do MDB, Deputado Ário Teodoro, informou, por sua vez, que a tendência dos líderes e dirigentes do Partido, "é não precipitar o processo de escolha de candidatos a Governador, Vice-Governador e Senador (a vaga indireta) antes da abertura oficial dos debates relacionados com a sucessão presidencial, prevista para janeiro de 1978".

A FUSÃO

A direção do MDB está executando, ainda, um pacto não declarado de ajuda ao Governo do Estado, na consolidação do projeto da fusão. Isso é explicado, pelo líder da bancada na Assembléia, Deputado Sílvio Lessa, "como uma atitude correta, pois a integração, em quatro anos, do novo Estado do Rio, deve ser vista como missão e a ela a Oposição, amplamente majoritária, não pode ficar indiferente".

"A Arena resolveu tumultuar o processo de fusão e fustigar o Governador Faria Lima — acrescentou o líder do MDB — e quem pagaria o preço dessa atitude pouco cívica seria o povo, caso a Oposição partisse para uma posição radical na Assembléia. Estamos de fato ajudando o Governo, naquilo que é possível, e o que não anula, contudo, a posição crítica da bancada, sempre que necessário".

OS CANDIDATOS

A partir da pacificação entre os Srs Chagas Freitas e Amaral Peixoto, o MDB cessou os seus primeiros movimentos de bastidores relacionados com a sucessão do Almirante Faria Lima. O Senador Roberto Saturnino (amaralista) e Erasmo Martins Pedro (chaguista), que se proclamavam candidatos a Governador, diminuíram, inclusive, o ritmo de seus contados nas bases oposicionistas.

Chagas não vê Constituinte como obstáculo ao diálogo

O ex-Governador Chagas Freitas disse ontem que não há como evitar que a proposta de convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte não seja aprovada pela convenção do MDB, marcada para a próxima quarta-feira, em Brasília, "pois este é o desejo de todo o Partido".

Falando pela primeira vez à imprensa desde que assinou com o Senador Amaral Peixoto um acordo para a pacificação do MDB fluminense, o Sr Chagas Freitas acredita que a aprovação da tese da Constituinte não colocará qualquer obstáculo a um entendimento entre a Arena e o MDB, "e isto o Senador Petrônio Portella já deixou bem claro".

O otimismo

Mostrando-se otimista com os entendimentos, "que estão sendo muito bem encaminhados", o Sr Chagas Freitas disse ser natural que até o momento nada de concreto tenha sido apresentado nem pela Arena, nem pelo MDB, "pois os Partidos passaram um longo tempo sem conversar. Esse início então é lento, mas é perfeitamente normal que isto aconteça".

Para ele, o ideal é que se chegasse a um "bom resultado antes da sucessão presidencial". O Sr Chagas Freitas disse ainda que apoiava "integralmente, em gênero, número e grau, as declarações do Deputado Tancredo Neves quanto ao diálogo". O parlamentar mineiro pediu esta semana apoio à missão Petrônio Portella, pois "dificultar ou sabotar esses entendimentos não parece uma ação de clarividência política".

O ex-Governador da antiga Guanabara negou que tivesse tido qualquer encontro com o Senador Petrônio Portella, "mas estarei pronto a dar a minha colaboração através de meus amigos".

O Sr Chagas Freitas disse que não falava sobre a sucessão presidencial, pois "o MDB não tem candidato".

— Mas o senhor prefere um civil ou militar?

— Eu estou com o meu Partido.

— E a sucessão estadual?

— Ainda é cedo para isso. O certo é que o futuro Governador será um nome que reúna o consenso das duas correntes.

Ulisses já tem o esboço do documento sobre a convenção

Brasília — Já se acha em poder do presidente nacional do MDB, Deputado Ulisses Guimarães, o esboço do documento com que a Convenção Nacional oposicionista — que se realiza no dia 14 em Brasília — deverá aprovar a tese de convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte "para resolver o problema político-institucional do país".

A minuta da moção foi redigida por uma comissão constituída pelos Deputados Tancredo Neves e Aldo Fagundes e o Senador Roberto Saturnino. Os integrantes da comissão estudaram as várias contribuições e redigiram um esboço de seis páginas, que está sendo submetido ao Deputado Ulisses Guimarães, ainda hoje, sendo levado, em seguida, ao exame dos Srs Franco Montoro e Freitas Nobre, líder no Senado e na Camara.

Justificação

O Senador Roberto Saturnino, 2º vice-presidente nacional do Partido, disse que a elaboração do documento obedeceu à necessidade de justificar para a opinião pública nacional a tendência majoritária do MDB em favor da convocação de uma Assembléia Constituinte.

Tem consciência o Senador fluminense que muito pouco de novo se pode dizer nessa matéria, lembrando que a chamada *Carta aos Brasileiros*, assim como manifestações da Igreja e da Ordem dos Advogados do Brasil "já disseram tudo o que devia ser dito".

Contudo, acredita que se trata de uma posição histórica de seu Partido, interpretando o pensamento da maioria esmagadora do povo brasileiro, em favor de um esforço em prol da reconstitucionalização do país.

"É um anseio generalizado a reinstitucionalização do país. De todos os pontos do país sentimos isso. Todos desejam que a única saída efetiva esta em recorrer novamente à fonte primária do Poder, que é o povo. O documento do MDB, contudo, não fecha a porta ao diálogo, mas, pelo contrário, mantém a disposição de nossa parte em conversar sempre que necessário, "disse o Sr Roberto Saturnino.

Acrescentou que a Oposição não deseja dar um sentido revanchista ou contestatório à tese da Constituinte, "mas sim apresentá-la como um gesto de conciliação nacional". Como se trata da mais democrática das fontes de Poder, não acredita que alguém ainda tenha a ousadia de vinculá-la a qualquer objetivo subversivo.

O Sr Roberto Saturnino, afirma que ele e muitos de seus companheiros continuam alimentando a esperança de encontrar uma saída político-institucional pela via do entendimento entre os dois Partidos. Pessoalmente, acredita que o Governo só estará em condições de apresentar uma proposta concreta depois que for escolhido o futuro Presidente da República.

Contribuição

Até sexta-feira, o MDB estará de posse de algumas idéias básicas que devem informar a elaboração de um projeto de reforma constitucional, contribuição de uma equipe de professores e especialistas da Universidade de São Paulo coordenada pelos professores Dalmo Dallari, José Cândido Melo e Souza, José Goldemberg e Montoro Filho.

Essas idéias serão examinadas pela bancada oposicionista no Senado "de forma a adequá-las à realidade do quadro político-institucional". Será uma contribuição do MDB para a solução do problema institucional, contendo "o máximo de concessões que poderemos fazer ao sistema para obter uma saída democrática".

A idéia era a de apresentar essa contribuição na Convenção Nacional, mas a antecipação do encontro torna impraticável a conclusão do trabalho a tempo de submetê-lo as convencionais. O MDB mantém a decisão de divulgar o documento para exame do Governo e da opinião pública, segundo o Sr Roberto Saturnino.

Nobre quer proposta concreta

Brasília — O líder do MDB na Camara, Deputado Freitas Nobre, admitiu, ontem, que o Partido poderá convocar nova Convenção Nacional, para examinar uma proposta concreta do Governo de reforma política o Institucional, desde que isso ocorra, observando que para existir o entendimento "é indispensável que exista um fato evidente de redemocratização".

Com isso o líder da Minoria confirmou observações do secretário-geral do Partido, Deputado Thales Ramalho, segundo as quais a aprovação da tese da campanha pró-Constituinte, na Convenção de quarta-feira, não significará que o Partido fechará as portas a um entendimento com emissários credenciados do Governo à frente o Senador Petrônio Portella.

O CAMINHO

Ao admitir nova Convenção do MDB, para examinar uma possível proposta concreta do Governo de restauração da normalidade democrática, o Sr Freitas Nobre comentou que a Constituinte "é uma posição partidária". E acrescentou: "Se estivéssemos em pleno regime democrático, é claro que não haveria razão para a aprovação da tese do MDB. Ela só surgiu e hoje foi acolhida unanimemente porque estamos em crise institucional e a Constituinte é o caminho apontado para o reencontro com a Nação.

Arenista fala de apreensão no MDB

Brasília — Declarando-se "partidário ostensivo de um diálogo entre os dois Partidos para o encontro de um novo modelo institucional", o Deputado Theódulo de Albuquerque (Arena-BA), admitiu ontem que levou ao Senador Petrônio Portela "as apreensões" de amigos seus no MDB "quanto à demora na formulação de uma proposta concreta".

"Conversei com amigos que tenho no MDB e senti essa preocupação. Eu contestei os argumentos utilizados por eles em favor da formulação de um projeto, agora. E lhes disse que não se pode ser contra o diálogo. Seria a mesma coisa que se visitar uma igreja apenas para renegar a Deus", disse o parlamentar baiano.

Vereador acusa colegas de adesismo ao Prefeito

Mesa mostra dificuldades iniciais

Embora considere que "a simples abertura da Camara já caracteriza um passo importante na busca de melhores condições de vida do povo carioca", a grande maioria dos 21 vereadores — 15 do MDB e seis da Arena — aponta como principal entrave às suas atividades "o esvaziamento do Poder Legislativo". Queixam-se da impossibilidade de legislarem sobre taxas e impostos ou de apresentarem projetos que impliquem aumento de despesas.

Só o arenista Américo Camargo discorda da tese: "Os vereadores não entenderam a força que têm como legisladores. Politicamente são mais importantes do que os deputados estaduais, já que o Governador pode legislar por decreto, ignorando a Assembléia, e o Prefeito não. O que há na verdade, é muita barganha, muita troca, muitos compromissos, coisa que como arenista espero que continue: é bom para o Governo, mas não é bom para a Camara como um todo."

PROBLEMAS

Ao comentarem os primeiros seis meses de trabalhos, os membros da Mesa diretora — presidente Romualdo Carrasco (MDB) vice-presidente Daisy Lúcidi (Arena) e secretário Murilo Maldonado (MDB) — lembraram as dificuldades iniciais para instalação da Camara: falta de mesas, cadeiras, máquinas de escrever, material e funcionários. Este é um dos poucos pontos com que todos os vereadores concordam.

Alguns culpam a Assembléia Legislativa, que ali funcionava, por ter levado quase todo o mobiliário e equipamentos da Casa. Os responsáveis pela demora na organização da Camara, porém, foram os próprios parlamentares, que durante meses discutiram, por vezes rispidamente e sem chegar a um acordo, a regulamentação do quadro de pessoal. Muitos deles atribuem o fato à sua inexperiência como vereadores (a grande maioria em primeiro mandato) e a seu medo de, agindo apressadamente, "trazerem de volta os panamás da antiga Gaiola de Ouro".

O Secretário Murilo Maldonado contou que só agora estão chegando o papel ofício e as lampadas necessárias. Os aparelhos de ar condicionado do plenário e dos gabinetes maiores — os da Mesa e das lideranças — continuam estragados, segundo ele, porque na primeira tomada de preços foi feita uma proposta de Cr$ 1 milhão para o conserto, "impossível de ser paga".

Apesar das dificuldades na instalação da Casa, quase todos os vereadores acreditam que sua principal função está sendo cumprida: a de fiscalizar os atos do Poder Executivo Municipal, até então onipotente na direção da Cidade. "Começamos a merecer o respeito da Prefeitura, que governava nosso Município como se fosse uma satrápia persa, sem dar satisfações a ninguém", comentou o Secretário emedebista.

Ao mesmo tempo, reclamam da impotência do Legislativo, praticamente limitado à apresentação de projetos autorizados ou que não acarretem gastos. Nesse ponto, é um arenista (Ivo da Silva) quem discorda de todos os pareceres favoráveis à atuação da Camara: "Não fizemos nada nesses seis meses e nada faremos nos quatro anos de mandato enquanto prevalecer a legislação vigente, que tanto restringe o poder das Camaras Municipais. Hoje, o dono da Cidade chama-se Marcos Tamoyo, que tem total autonomia e não precisa prestar contas a ninguém."

VALOR ELEITOREIRO

O excesso de projetos autorizativos é atualmente causa de divergência entre o arenista Américo Camargo e os outros quatro membros da bancada. Ele não concorda que se restrinja a isso o trabalho do vereador, afirmando que muito pouco se fez no semestre. "Houve, sim, um número excessivo de indicações e moções, que embora tenham valor eleitoreiro, não têm valor político. Também sou contra projetos autorizativos, a não ser em casos especiais, e não como acontece aqui, onde se generalizaram".

Divergência há também, e várias, entre os 15 emedebistas. Uma "falta de unidade e diretriz da bancada" é apontada pelo presidente Romualdo Carrasco, do que discorda o líder do Partido, Silvio Moraes: "Procurei orientar o MDB dentro de uma diretriz cautelosa, no sentido de nos aprofundarmos com uma série de dificuldades que vem enfrentando o Município em consequência do processo de fusão".

MESA DIVIDIDA

Clemir Ramos apóia o líder e afirma que alguns de seus companheiros de Partido, "que em sua atividade plenária tentam demonstrar autenticamente e independência, buscam composições espúrias com o Poder Executivo. Outros, por sua moderação, maior atenção à lei e levantamento sério dos problemas, são mal interpretados e acusados de adesistas". Segundo ele, há uma divisão "entre os membros da Mesa e o restante do Partido, pois a Mesa não respeita as diretrizes emanadas de reuniões da bancada".

Já Edgard de Carvalho Jr acha que o Partido está unido e organizado na defesa de alguns temas, "como o da redistribuição do ICM devido ao Município", mas considera que, "quando se entra na discussão política, há divergências. Cada grupo quer, então, fazer prevalecer seus interesses eleitorais: um representa um setor ou uma classe, outro se arvora em dono de um bairro, e ficam defendendo essas coisas".

Para José Frejat, a divisão mais acentuada do Partido não se situa dentro da Camara, mas sim em termos de cúpula: "Há uma queixa generalizada de que a direção regional do MDB não vem tendo nenhuma atuação junto às Casas legislativas e junto à população, o que vem enfraquecendo o Partido justamente no período que antecede sua ascensão ao Governo do Estado do Rio".

Apesar de confirmar a existência de uma "disputa entre os diversos agrupamentos dentro da bancada", Antônio Carlos de Carvalho não critica a divisão do MDB: "Ela apenas confirma que o quadro partidário é artificial, imposto de cima para baixo, caracterizando a necessidade do pluripartidarismo".

Um discurso do Vereador mais votado — o emedebista Edgar de Carvalho Júnior (114 mil 997 votos) — em que acusou alguns de seus companheiros de "procurarem, em sua atividade parlamentar, não desagradar a Prefeitura, caracterizando o adesismo", marcou, na última sessão de agosto, os seis meses de existência da Camara Municipal do Rio de Janeiro.

Instalada a 1.º de março, ela aprovou, em 84 sessões plenárias, 29 projetos de lei, 17 dos quais enviados ao Prefeito Marcos Tamoyo, que vetou seis; fez cerca de 5 mil 500 indicações (para asfaltamento de ruas, iluminação pública, saneamento básico, criação de escolas etc.), menos de 200 delas atendidas; e encaminhou 15 pedidos de informação a diversos órgãos do Município, recebendo oito respostas.

O primeiro veto da Prefeitura — a um projeto do Vereador José Frejat (MDB) determinando a preferência a empresas nacionais em concorrências públicas — foi rejeitado em plenário. O Prefeito não aceitou a decisão e recorreu à Justiça. O segundo — dado parcialmente ao projeto que regulamentava o quadro de pessoal — foi mantido, segundo os Vereadores "porque havia pressa em organizar administrativamente a Casa".

Ainda não foram a debate os vetos totais dados a projetos dos emedebistas Edgar de Carvalho, Paulo Cesar de Almeida e Mesquita Bráulio e um veto parcial a projeto que regulamenta a concessão de alvará provisório de localização, de autoria do Vereador Américo Camargo. Este foi afastado pelo Prefeito da vice-liderança da Arena na Camara (por ter votado pela rejeição do veto do Executivo Municipal ao projeto de José Frejat) e substituído pelo Vereador Barcelos Neto.

Três Secretários Municipais compareceram ao plenário para prestar esclarecimentos sobre problemas específicos de suas áreas. Em depoimento mais tranquilo, o Secretário de Administração, Paulo de Aquino, falou sobre o Plano de Classificação de Cargos. No mais longo, o Secretário Samuel Sztyglic, do Planejamento, levou seis horas e 15 minutos para expor o Plano Urbanístico Básico da Cidade (PUB-Rio). A professora Terezinha Saraiva, da Educação, provocou os debates mais polêmicos do semestre ao responder a acusações dos Vereadores contra a deterioração de produtos utilizados na merenda escolar e irregularidades em sua compra.

Mais votado diz que nada prometeu

Os quase 115 mil votos que elegeram Edgard de Carvalho Jr, advogado e jornalista, não lhe foram dados, segundo afirma, em função de promessas. "Nunca prometi nada em campanha eleitoral, e continuo não prometendo". Para ele, sua principal atuação na Camara se fez na área de saúde, através de inúmeras denúncias sobre o mau estado dos hospitais do Rio, carência de funcionários, ambulancias e equipamentos e as falhas no atendimento, "trabalho que culminou em investimentos no setor de grande parcela do novo empréstimo recentemente contraído pela Prefeitura". Como seus principais projetos, apontou a concessão de 20% das arquibancadas no carnaval, para os participantes de escolas de samba, e o de criação dos Comandos Sanitários, aprovado em plenário e vetado pelo Prefeito.

Já Carlos de Carvalho (28 mil 856 votos) se confessou "um político de bairro". Professor e dono do Colégio São Carlos, em Vigário Geral, já deu mais de 1 mil bolsas-de-estudo e fez 300 indicações pedindo asfaltamento, luz, saneamento, *orelhões* e sinais luminosos. "Por estas indicações, muitos hão de pensar que temos predileção pela Zona da Leopoldina, mas é aí que se localiza a maioria dos nossos eleitores", lembrou. Candidato da corrente amaralista, se disse ligado ao Prefeito Marcos Tamoyo.

Simpatia do prefeito

O arenista Barcelos Neto (23 mil 896 votos) garantiu que sua votação não surgiu "de promessas, màs de todo um passado como engenheiro e sanitarista do Estado e administrador regional de Bangu". Ele negou que durante a campanha tenha recebido apoio da máquina administrativa ("o Prefeito me ajudou por simpatia pessoal, porque eu era o seu candidato"), mas na época conseguiu asfaltamento, conserto de buracos e limpeza de galerias pluviais pedidos por moradores dos subúrbios. Na Camara, sua atuação tem sido, desde o início, a de leitura quase diária de obras e atos do Prefeito e sua defesa acirrada diante de acusações da Oposição.

A emedebista Bambina Bucci (66 mil 577 votos), radialista e representante dos adeptos da Umbanda, mantém-se coerente com o programa defendido durante a campanha: proteção aos 35 mil centros espíritas do Rio que congregam cerca de 1 milhão 800 mil pessoas. Além do atendimento social ("já recebi 2 mil 163 pedidos para internações, empregos, informações e até aconselhamentos de ordem íntima"), considera seu trabalho mais importante o projeto que cria o Cemitério Municipal Umbandista e o que destina a este credo a Macaia, "pedaço de terra com mar, floresta e cachoeira para a realização de cultos à natureza", ao qual, o MDB acrescentou emenda estendendo a concessão a todas as outras religiões.

O vice-líder do MDB, Dirceu Amaro (27 mil 167 votos), dono de uma loja de discos e Pastor da Igreja Batista, reafirmou que suas preocupações são "o menor abandonado e o ancião desabrigado", seu programa de campanha eleitoral. No entanto, não apresentou até agora nenhum projeto, "pois estou esperando para trazer à Tribuna coisas de grande importancia e impacto". Segundo ele, seu principal trabalho na Camara tem sido "o de abrir a boca e denunciar os problemas da Cidade. Se o povo vir uma rua esburacada, não pense que a culpa é nossa, pois reclamamos".

Primeiro suplente da Mesa Diretora, o emedebista Ubaldo de Oliveira (25 mil 120 votos) apresentou dois projetos que considera importantes: o de criação do Dia do Feirante, já aprovado em plenário, e o que autoriza o Poder Executivo a denominar Monsenhor Santa Rosa uma praça em Bangu. Na campanha, prometeu uma série de mudanças nos conjuntos habitacionais (escolas, áreas de lazer e transportes coletivos) e defendeu a necessidade de melhores salários para os fiscais da Secretaria Municipal de Fazenda, assuntos que até hoje não levou à tribuna.

Ivo da Silva, da Arena (24 mil 673 votos), proprietário de três empresas de ônibus e ex-funcionário da Secretaria de Viação e Obras Públicas de São Paulo, tem feito diversos e violentos pronunciamentos reclamando contra a atuação da Secretaria de Transportes do Município. Prometeu na campanha um projeto para concessão de passagens gratuitas em coletivos para escolares, mas até o momento seus projetos se referem à criação de postos móveis médico-sanitários nas favelas, à instalação de ambulatórios anexos aos centros médicos para "doenças ocupacionais alérgicas" e ao credenciamento de farmácias para funcionarem como mini-postos de saúde.

Melhorias urbanas

O emedebista Mesquita Bráulio (47 mil 16 votos), professor de Português, fundador e diretor da Sociedade Universitária Santa Edwiges e do Colégio do mesmo nome, em Jacarepaguá, foi o que apresentou maior número de indicações — 2 mil 812, das quais a grande maioria referente a melhorias urbanas para seu reduto eleitoral. Seus principais projetos dispõem sobre o cadastramento de imóveis e benfeitorias, loteamentos, vilas e posses; criação de núcleos assistenciais para crianças excepcionais nas escolas do Município; definição do direito dos herdeiros sobre as autonomias dos táxis; anistia de contribuintes em falta e criação de um órgão municipal de amparo à velhice.

Laércio Maurício da Fonseca, do MDB (35 mil 181 votos), bacharel em Ciências Administrativas, quintanista de Direito e funcionário público há mais de 20 anos, apresentou projetos concedendo seguro de vida funcional aos servidores e criando auxílio-funeral às pensionistas beneficiárias de funcionários municipais falecidos. Segundo ele, nestes seis meses fez "25 pronunciamentos, 90 apartes e outras atuações, totalizando 1 mil 600 intervenções em sessão plenária". Ressaltou como "saldo positivo" do semestre de trabalho "nossas atividades como fiscalizadores dos atos do Prefeito".

A atriz de rádio e TV Daisy Lúcidi, da Arena (51 mil 135 votos), também vem mantendo a coerência com os propósitos definidos em sua campanha eleitoral. Dona de um programa na Rádio Nacional, onde há seis anos faz um trabalho de assistência social e agenciamento de empregos, ela continua preocupada "com a mulher brasileira". Tanto que considera seu projeto mais importante o que cria creches em todo o Município, "pois no rádio pude sentir bem esse problema aflitivo". Também por ser de rádio, "onde a cada dia dou uma prestação de serviços inteiramente nova", ressente-se da "falta de dinamismo da Camara".

Merenda escolar

O presidente da Camara, Romualdo Carrasco (56 mil 238 votos), português naturalizado brasileiro, professor de Matemática do nível médio e orientador educacional, vem trabalhando em favor do magistério, classe que o elegeu. Foi quem levantou na Camara os problemas relativos à merenda escolar, abordando não só a má qualidade dos alimentos utilizados, mas, principalmente, "as irregularidades constatadas nas guias das empresas fornecedoras quanto à especificação das mercadorias". Por comentar a questão num programa de TV, está sendo processado pela Prefeitura.

Também ligado ao magistério, o emedebista Diofrildo Trotta (25 mil 362 votos), professor da Faculdade de Educação da UERJ e da Escola de Serviços Públicos e Coronel reformado do Exército, como presidente da Comissão de Educação da Camara já deu pareceres a mais de 50 projetos de lei. Vem representando a classe que lhe deu mais votos através de projeto determinando o aumento do número de Distritos Educacionais, da intervenção, junto ao Prefeito, para manter em 15 ou 16 horas o trabalho semanal dos professores de ensino médio, o que conseguiu, e da obtenção de uma gratificação de 40%, a partir de 1978, para os especialistas em Educação.

O líder do MDB na Camara, Silvio Moraes (35 mil 236 votos), economista e jornalista, acha que seu principal trabalho foi "o de coesão da bancada". Ele louvou "a moderação com que se conduziram todos os seus membros, sem, porém, abrirem mão de seus princípios e de sua total liberdade de ação". De início, agressivo em seus discursos contra a atuação do Prefeito Marcos Tamoyo, ele confessou ter mudado de atitude "após me aprofundar no conhecimento dos problemas reais do Município. Mas estejam certos de que não vacilaremos e não cederemos um só milímetro naquilo que venha trazer benefícios à população carioca", garantiu.

Clima de compreensão

Já o líder da Arena, Eurípires Cardoso de Menezes (37 mil 847 votos), professor e cinco vezes Deputado federal durante 20 anos consecutivos, é outro que fundamentou sua campanha eleitoral nas realizações do passado e até hoje as relembra em todos os seus pronunciamentos. Ele mesmo não considera que tenha apresentado nenhum projeto importante e, modestamente, recusou-se a comentar sua atuação na Camara. Afirmou, porém, que "o clima reinante entre os dois Partidos é de grande compreensão e cordialidade. Havendo o mesmo entendimento entre o Legislativo e o Executivo, menos difícil se tornará a administração da Cidade, em boa hora entregue à visão esclarecida e ao dinamismo do Prefeito Marcos Tamoyo".

Paulo César de Almeida, do MDB (25 mil 129 votos), advogado com reduto eleitoral em Irajá, iniciou seu mandato com discursos contundentes contra o Prefeito Marcos Tamoyo. Atualmente, comparece e discursa em inaugurações de obras da Prefeitura. Só apresentou um projeto (vetado), que pretendia trocar o nome do Viaduto Castro Alves por Maurício Crispim da Fonseca, em homenagem ao pai do Vereador Laércio. Afirma que, "dentro do atual quadro de limitações impostas à ação do Vereador, as indicações, melhor do que os projetos de lei, permitem que se tente sua execução por meio de negociações e entendimntos com as autoridades municipais".

Candidato amaralista, Clemir Ramos (22 mil 417 votos), advogado e professor de Línguas do nível médio, reclamou contra "o excessivo número de projetos de lei autorizando o Executivo a dar esse ou aquele nome a logradouros públicos e o exagero de indicações para serviços urbanos". Ele apresentou 10 projetos, que não quis especificar, por crer que seu papel mais importante na Camara foi o de "ter-me juntado ao desejo de toda a Nação, de ver a volta do estado de direito".

Cultura e lazer

O arenista Moacir Bastos (42 mil 639 votos), bacharel em Pedagogia e ex-administrador de Campo Grande, seu reduto eleitoral, continua, como na campanha, defendendo melhorias para a Zona Oeste do Município, embora suas 309 indicações tenham abrangido 19 bairros. Acha que sua atuação voltou-se principalmente para o setor artístico-cultural, urbanístico e de lazer, sobre o que fez 24 pronunciamentos. De seus 12 projetos de lei destacou três transformar a Reserva Biológica em Parque Zoobotanico, condicionar a concessão de habite-se ao plantio de árvores na calçada e tornar obrigatória a identificação por placa dos proprietários de terrenos baldios.

O secretário Murilo Maldonado, do MDB (24 mil 265 votos), Coronel da Polícia Militar, tem defendido ardorosamente a classe policial, inclusive respondendo a acusações que lhe são feitas com a afirmação de que "cada Governo tem a polícia que paga." Apresentou 11 projetos, considerando mais importantes a criação de fornos crematórios; aumento da frota de táxis autônomos de 14 mil para 21 mil; aproveitamento de áreas desapropriadas para construção do Metrô, não utilizadas como áreas verdes, e a cessão de uso de logradouros públicos para estacionamento. E' um dos poucos a se manter em oposição ao Prefeito Marcos Tamoyo, que acusa de "em vez de cobrar o ICM devido, contrai empréstimos endividando o Município."

Área educacional

O ex-vice-líder do Governo na Camara, Américo Camargo (26 mil 955 votos), professor de Português e Literatura do nível médio e diretor do Colégio Menino Jesus, em Santa Teresa, defende interesses da área educacional. Um de seus projetos de lei atualiza a carga horária de Língua Portuguesa nas escolas municipais de 1.º grau e introduz obrigatoriamente uma aula semanal de Redação da 2a. à 8a. série. Outros projetos que apontou como importantes são o de criação do Conselho Municipal de Educação e o de placas indicativas de ruas com explicação de seus nomes, quando estes envolverem vultos ou datas históricas.

Antônio Carlos de Carvalho, do MDB (38 mil 930 votos), engenheiro e representante dos estudantes e operários, prossegue na defesa dos interesses destas duas classes que o fizeram Vereador. Considera que seu principal papel na Camara foi o de denunciar "a falta de liberdades, as perseguições políticas e a miséria". Diz que coloca seu mandato "a serviço das lutas reivindicatórias de classes e associações de bairros, favelas e conjuntos habitacionais".

Considerado pela maioria "o melhor vereador", o emedebista José Frejat (39 mil 638 votos), advogado, ex-presidente da UNE e autor do livro *Capital Estrangeiro Parasitário*, aponta como principal em sua atuação "a defesa do Forte Copacabana como área de lazer, já conquistada, e agora a do Parque Laje". Ele está financiando uma ação popular contra a licença de construção do Edifício Palazzo del Parco. Um de seus projetos torna obrigatória a construção de acessos aos deficientes físicos.

D Avelar critica imprensa

Salvador — O Cardeal D Avelar Brandão Vilela, Arcebispo de Salvador, afirmou — segundo reportagem publicada ontem, no jornal *Diário de Notícias* — a sua "preocupação com a cobertura jornalística que determinados órgãos de imprensa vem dando ao 4.º Congresso Sacerdotal Brasileiro, procurando Bispos de determinadas regiões para abordar apenas problemas de grilagem, tentando jogar a Igreja contra o Governo e dando ao Congresso um cunho de contestação, quando na verdade não é isso que está acontecendo aqui".

D Avelar deixou o 4.º Congresso Sacerdotal na sexta-feira à tarde, viajando para Maceió, para assistir a uma festa de formatura, na qualidade de paraninfo. O Congresso foi encerrado ontem à noite, com missa na Catedral Basílica de Salvador. Promovido pelo Serra Clube de Salvador, ele reuniu, durante quatro dias, cerca de 200 pessoas, inclusive 18 bispos, que discutiram temas ligados à vocação religiosa.

O 4.º Congresso, através de palestras, painéis e reuniões de grupos, teve o objetivo de levantar o problema vocacional e, ao mesmo tempo, apontar caminhos para a superação das dificuldades existentes mediante participação mais intensa de religiosos e leigos, no estímulo aos que têm vocação religiosa.

No geral, houve o reconhecimento de que existe uma crise vocacional, como decorrência das próprias modificações sofridas pela Igreja após o Concílio Vaticano II e das alterações socioculturais impostas pelo mundo moderno.

Exposição de Flores abre dia 16

Com a participação de 40 expositores, entre produtores e comerciantes de flores e plantas e profissionais de paisagismo, jardinagem e arranjos florais, será aberta dia 16, no Salão de Exposições do Hotel Nacional, sob o patrocínio do JORNAL DO BRASIL, João Fortes Engenharia e Barramares, a 6a. Exposição de Flores.

Durante três dias serão exibidos, entre outros, samambaias, prímulas, margaridas, rosas, avencas, orquídeas, gloxínias, violetas, gerânios, cactus e crisântemos. Com 82 *stands*, a exposição também oferecerá projetos de paisagismo e planejamento de jardins, além de instrumentos e acessórios para jardinagem, como vasos, terra vegetal e adubos.

Entre empresas e profissionais autônomos, participarão da VI Exposição de Flores: Yedda e Tina Jardinistas, Sociedade Brasileira de Jardinagem, Toa-Toa, Maria Sem Vergonha, Garden Center do Brasil, Thuya Plantas e Jardins, Odette Ribeiro Nacur, Paulo de Azevedo Athayde, Shoichi Arimura, Tropiflora, Santa Luzia Agropecuária, Roberto Lyra Fragoso, Chácara Nossa Senhora de Fátima, Spring Flores, Penta Jardins e Plantas Ornamentais, Antônio de Brito Dantas, Agávea Jardins, Burle Marx, Arteiro Presentes, Yedda Leite Rodrigues, Mirasol Plantas e Jardins, J. M. Plantas, Dona Flor, Plantaviva, Luwasa Hidrokultur, Viva Rosa, Clube das Flores, Hibridizadora Iemira, Corona Internacional, Luiz Emílio Portela, Florália Orquidários Reunidos, Adriana Paula Flores, Sociedade Brasileira de Orquidófilos, Granja Estrela do Norte, Verde que te Quero Verde, Flores Decorativas, Grupo dos Dez, Vale das Plantas, Orquidário Binot e Tajá Paisagismo.

Diamantina reverencia Juscelino

Belo Horizonte — O lançamento do livro **JK — Confissões do Exílio**, do acadêmico Osvaldo Orico, e a antecipação para ontem do Dia Nacional da Seresta, instituído por decreto municipal em homenagem ao Presidente Juscelino Kubitschek, marcaram as cerimônias realizadas à tarde e à noite, em Diamantina, em sua memória.

O Prefeito Sílvio Felício dos Santos (MDB), que esteve presente ontem a todas as solenidades, inclusive nas serestas em praça pública, convidou todos os participantes e a população para missa a ser celebrada amanhã, data natalícia do Presidente Kubitschek, na catedral local.

Minas abre concurso literário

Belo Horizonte — O primeiro centenário da morte de José de Alencar será comemorado em Minas com um concurso literário instituído pelo Conselho Estadual de Cultura, que concederá Cr$ 15 mil, divididos em dois prêmios, para estudantes de curso superior e de 1º grau que escreverem monografias sobre o autor de **Iracema** e o **Guarani**.

O Governo de Minas deverá anunciar no final deste mês os resultados de outro concurso literário, o Guimarães Rosa, que dará Cr$ 50 mil ao melhor livro de autor brasileiro na categoria ficção. Concorrem 119 originais, que estão sendo lidos pelos escritores Fernando Sabino, José Cândido de Carvalho e Ciro dos Anjos.

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro, 11 de setembro de 1977

Vice-Presidente Executivo: M. F. do Nascimento Brito
Editor: Walter Fontoura
Diretora-Presidente: Condessa Pereira Carneiro
Diretor: Bernard da Costa Campos
Diretor: Lywal Salles

Despertar das Idéias

A entrada da sociedade brasileira em uma *zona de turbulência*, correspondente à necessidade de encontrar novas formas para uma matéria política que transborda as atuais limitações, torna particularmente relevante o cuidado no sentido de que se dê um passo à frente, e não atrás.

Particularmente delicado, na virtual recriação de uma normalidade política, é o tratamento requerido pelo fenômeno ideológico. E nesse terreno, nada seria mais prejudicial do que deixar de olhar à nossa volta, para o que está acontecendo em outras partes do mundo.

Virulentas, ainda, as ideologias parecem, de fato, ter dobrado o Cabo Bojador do seu ciclo vital. Pensando sempre em termos de força, de obstáculos a remover, caminharam para tornar-se uma *física* da sociedade. E neste movimento, perderam-se de vista alguns valores fundamentais.

A razão para isto é extremamente simples: extraindo invariavelmente da ideologia a sua justificação e a sua eficácia de um longo encadeamento de raciocínios lógicos, ela não serve para afirmar com ênfase valores que devem existir por si mesmos — como a liberdade.

Na lógica aparentemente irrespondível do marxismo parece estar embutido o seu vício totalitário — é o que vêm denunciar agora os *novos filósofos* que estão sacudindo as árvores da Europa pensante. A lógica, dizem os Glucksmann e os Bernard-Henri Lévy, já traz em si uma conotação totalitária, na medida em que se destina a *provar* as coisas, a deixá-las definitivamente resolvidas. Escapou a esses doutrinadores — Marx e sua descendência — que não se chegaria a uma sociedade verdadeiramente humana através da lógica, da análise *científica* das forças sociais, na medida em que na sociedade, que é o produto e a soma dos homens, há valores que escapam à lógica, ou estão para além da lógica.

A voga dos "novos filósofos" — o que de mais interessante parece ter acontecido em Paris desde os dias dos existencialistas — vem de que eles mudam de clave. Fogem à tirania ideológica. Não propõem novos sistemas, e sim uma nova maneira de encarar a batalha das idéias. E é nesse estilo de florete que estão atingindo a fundo o *establishment* marxista.

Nesse terreno, o risco brasileiro é perder de vista — por uma preocupação obsessiva com a nossa problemática local — essa mudança de atmosfera, que, entretanto, já chegou até aqui, dada a rede de infinitos canais comunicantes de que é feito o mundo de hoje.

A juventude de hoje, particularmente, é diferente da que viveu a guerra fria. Vale a pena observar, por exemplo, que se há infiltração marxista na Igreja, ela não está sendo veiculada pelas gerações mais jovens. Estas, pelo contrário, poderão inclusive induzir a Igreja, ou os setores ditos radicais da Igreja, a retornarem a uma linha mais "conservadora" (à falta de um termo mais preciso). Porque o jovem de hoje tem um *feeling* especial para os valores, incluindo os valores puramente espirituais, cansado, talvez, de décadas de materialismo.

Há em tudo isto ciclos que vão e vêm. Nada impede que amanhã estejamos de volta à vil matéria. Mas no momento, as preocupações são outras — o que não deveria ser esquecido pelos que têm a seu cargo o encaminhamento político de uma cada vez mais jovem sociedade brasileira.

Às novas gerações, de pouca valia é acenar com contra-ideologias, carregar na discussão teórica do marxismo. Essa discussão, em primeiro lugar, aborrece. Em segundo lugar, a ser conduzida nos velhos canones, levará o jovem, que por força da época costuma conhecer o marxismo "em primeira mão", a considerá-la insuficiente. Ela poderá, em última análise, ajudar a devolver algum viço aos velhos raciocínios do conhecido filósofo alemão.

Argumentar-se-á com a defasagem histórica que faz com que ainda estejamos vivendo, aqui, a Europa ou os Estados Unidos de 20 anos atrás. Essa defasagem, entretanto, é mais da geração madura do que da juventude; o que é particularmente sensível quando se sente a decisão dos maduros de ainda proporcionarem aos jovens esquemas *feitos* de raciocínio. Este é, no momento, o pecado capital. Os novos contingentes — o chamado Brasil de amanhã — querem o direito de dizer sim ou não, e, sobretudo, o direito de serem ouvidos.

A mudança de clima, para voltar ao plano mundial, pode ser constatada no próprio destino do comunismo. Que perdeu a sua consistência monolítica, teve de assistir à cisão entre o bloco chinês e o bloco soviético, à contestação cada vez mais séria do eurocomunismo e à aparição do movimento *dissidente* — onde Alexander Soljenitsyn faz o papel de profeta dos "novos filósofos", com seus livros que ofereciam a primeira fotografia próxima do reverso da sociedade soviética. Nos Estados Unidos, o outro pólo do mundo, a transformação não é menos sensível. Passada a era, comprometida inevitavelmente com a guerra fria, houve uma volta triunfal à consideração dos *valores*. Aos que considerariam simplista ou esquemática a atual mentalidade dominante em Washington, convém ouvir o que tem a dizer Zbigniev Brzezinsky, um dos "cérebros" da atual administração americana: "Uma política ideológica procura promover um sistema particular com base numa doutrina rígida, enquanto uma política totalmente pragmática, como a dos últimos oito anos (referência a Kissinger), é desprovida de conteúdo moral; é essencialmente tática, tratando de aproveitar as oportunidades. Já a nossa política é uma política filosoficamente estruturada, baseada em noções fundamentais quanto à natureza do homem, à moralidade e à justiça. Não procura promover temas específicos".

Isto é, também em Washington a ideologia deixou de ser uma obsessão. É mais uma vez parece chegada a hora da velha democracia, capaz de absorver com perfeição este novo ciclo da experiência humana.

Cortina Pragmática

É possível que a política industrial brasileira não seja *filosófica*, no sentido de ser dissociada da realidade, como disseram alguns empresários. É possível mesmo que a política seja mais *pragmática*, como pretende o Ministro da Indústria e do Comércio e, por isso, mais sensível às características eminentemente práticas da atividade empresarial.

Não tem razão, porém, o Ministro, quando acusa duas instituições de dirigentes empresariais — ABDIB e Abimaq — de pretenderem sustar as importações de qualquer novo projeto que se instale no país. Apesar de alguns arroubos mais radicais, essas instituições, como, de resto, os empresários, de maneira geral, não chegam a propor uma política autárquica conduzida a extremos. É indiscutível que os empresários do setor de bens de capital tendem a beneficiar-se de uma postura fortemente protecionista. Mas não chegam à irracionalidade de propor o fechamento das portas do país às compras no mercado externo.

A simples polêmica revela, contudo, que a política industrial brasileira está longe de ser institucionalizada ou codificada. Pode ser pragmática — mas o adjetivo é insuficiente para defini-la. E, na verdade, de tão inconclusivo, chega a ser restritivo: o Governo parece proteger-se atrás do *pragmatismo* para evitar definições que são absolutamente indispensáveis.

Além de *pragmática*, a política industrial precisa ser explicitada claramente. E nesse ponto têm absoluta razão alguns empresários do próprio setor de bens de capital, que até hoje não sabem — apesar de todos os estímulos e incentivos que receberam — qual a política industrial do país. E frequentemente reclamam por uma.

E não só os industriais querem saber. Toda a sociedade se pergunta se ainda estamos vinculados a uma idéia — e por que não a uma filosofia — livre cambista que atende à formação da economia brasileira e, pragmaticamente, às suas indisfarçáveis vinculações com o mundo exterior.

Ainda respeitamos a idéia de que é muito melhor um dólar exportado do que um dólar de importação que se poupe? Ainda estamos convencidos de que o capital estrangeiro é reforço indispensável à poupança interna?

Todos os indicadores levam à conclusão de que, na prática, continuamos perfilhados à idéia de que a economia brasileira deve estar embricada com a economia mundial. Ainda somos, porém, submetidos a uma descussão ultrapassada, fomentada pela tecnocracia que se robustece com o fechamento da economia e transforma os agentes privados em entes passivos das resoluções que baixam e sobem tarifas, concedem ou não concedem créditos.

É fundamental que o Ministro da Indústria e do Comércio perceba que a definição de uma política industrial interessa não apenas aos empresários, que se valem dela — ou se valeriam, se existisse — para programar o destino de seus empreendimentos. A definição da política industrial transcende, porém, a essa implicação: ela deverá definir o grau de fidelidade de seus formuladores a princípios econômicos que sempre orientaram os brasileiros e, hoje, infelizmente, estão sendo turvados pela impressionante ascensão da burocracia.

Todos querem saber qual seria a política industrial brasileira. Pois ela afeta o destino de todos.

Ziraldo

Cartas

Doação de córnea

Ao mesmo tempo em que remeto dois boletins de doação de córnea ao Banco de Olhos do Hospital Adventista Silvestre (Caixa Postal 768, ZC 00, Rio/RJ), estou distribuindo outros, entre amigos que se prontificaram a participar desta meritória campanha para proporcionar visão a pessoas carentes de transplante de córnea, o qual não necessita a retirada do globo ocular.

Todos desconheciam o Banco de Olhos, como funciona e o que fazer para doar as córneas depois da morte. Seria muito bom que o **JORNAL DO BRASIL** procurasse esclarecer aos seus leitores, e até mesmo ouvisse alguns juristas, sobre legislação que permitisse a retirada de córneas e demais órgãos, a exemplo, se não me falha a memória, do Ceilão (atual Sri Lanka). **Luiz Carlos Cardoso — Rio de Janeiro.**

Embrapa

Este Jornal publicou domingo (28-8-77) reportagem sobre a Embrapa, que merece alguns reparos. Essa empresa pública é herdeira e continuadora do Centro Nacional de Ensino e Pesquisa Agronômicas (CNEPA), criado em 1938. Os diversos departamentos desse centro dedicaram-se com afinco ao estudo e experimentação de várias dezenas de culturas úteis (...). No âmbito pecuário e zootécnico, as atividades não foram menores (...). A Embrapa constitui assim uma nova fase, herdeira daquele vasto acervo nacional de atividades agronômicas. Ela não está começando os numerosos trabalhos de que o artigo trata, mas prosseguindo a atividade pioneira de muitos técnicos, agrônomos e veterinários, espalhados pelo território nacional desde aqueles tempos. Convém dizer que apesar dos vultosos recursos de que a Embrapa dispõe, não quis aproveitar algumas valiosas bases físicas existentes e que funcionavam a pleno contento. Cito o famoso Km 47, onde quase uma centena de técnicos de alto gabarito trabalhou nos mais úteis projetos e que se encontram semiparalisados. Várias estações experimentais nos Estados se encontram em situação semelhante. É propósito construtivo da presente carta apelar à Embrapa para melhor aproveitar os trabalhos pioneiros desses estabelecimentos. **Clovis Nery — Rio de Janeiro.**

Macedo Soares

O caso Macedo Soares recomeça a ser ventilado nos jornais e vejo que a maioria das pessoas com quem converso se coloca solidária ao nosso ilustre Almirante Macedo Soares. A minha voz é muito pequena para ecoar, mas ela é sincera e é integralmente ao ilustre oficial. (...) E' preciso que todos os brasileiros sejam ouvidos e possam manifestar livremente suas opiniões. (...) **Paulo Roberto Felisberto de Carvalho — Rio de Janeiro.**

Via do minério

Há dois anos e pouco a RFFSA resolveu, por força de contrato, corrigir a linha de trem, a partir de Ibicui até a entrada da ponte para a Ilha da Guaiba, que fica em Santo Antônio, ramal de Mangaratiba. Era uma gentileza bem paga que ela fazia a **dona** Hanna Corporation, perdão, MBR. Esta empresa precisava com urgência de uma via para escoar nosso minério, nossa riqueza. E não me venham com explicações econômico-financeiras, porque as pessoas não são tão burras como os tecnocratas pensam. Durante as obras, os moradores da região ficaram sem trem e, como não dispõem de ônibus, foram obrigados a andar distancias incríveis em busca de condução. As obras foram planejadas por engenheiros de gabinete, que não conhecem o local. Assim, dinamitaram morros e pedreiras, aterraram e destruíram praias, pedras enormes voaram para o mar, afugentando os pássaros, por causa do barulho causado pela dinamite. Terminadas as obras, os trenzinhos voltaram, acompanhados de enormes composições de minério, com 90 ou mais vagões. Há uns quatro meses, em Filgueiras, um curso dágua que foi aterrado provocou o deslisamento de terra, num local onde uma pedreira foi dinamitada, fazendo desaparecer o sítio de um morador e ameaçando outro. Tudo ficou em sigilo, a despeito da presença, no dia do acidente, de jornais e televisões, além de dirigentes da RFFSA. Como a linha tinha de ser prontamente recomposta — a Central paga multa diária à MBR — retiraram o nosso trenzinho, sob a alegação de que a ferrovia é perigosa para os passageiros. Isto é uma ridícula desculpa, pois o trem só possui uns seis vagões e o de minério, que tem mais de 90, está passando tranquilamente. **Clara Alves — Rio de Janeiro.**

Bacalhau

Tal como fizeram muitas outras pessoas que foram à Feira da Providência, eu também adquiri na barraca da Noruega uma caixinha de bacalhau por Cr$ 70. Embora constasse da tampa (em anexo) que se tratava de produto sem pele e sem espinhas, escrito em espanhol, o bacalhau que estava dentro tinha pele, espinhas e até barbatanas, sendo, outrossim, artigo escuro, fibroso e sem gosto, depois de cozido. Foi um logro e quero crer que a representação diplomática daquele país escandinavo não estivesse a par da baixa qualidade do bacalhau. (...) Cumpre consignar, para ser justo, a excelência do queijo que foi vendido na mesma barraca. (...)" **Joseph Vilhena — Teresópolis (RJ).**

Vista do convento

No dia 7 de setembro, como eu, milhares de cariocas acordaram petrificados com a notícia de que a Prefeitura pretende mandar demolir todo o lado ímpar da Rua da Carioca, sob o pretexto de abrir a vista do convento de Santo Antônio. Ora bolas, a frente do dito convento já está limpa, dando para o Largo da Carioca, que após as obras do metrô todos esperam ver transformado em ampla praça. Como se não bastasse, estão incluídos entre os imóveis a serem destruídos o famoso Bar Luiz, em via de fazer 100 anos de existência e ponto tradicional do Centro; e o legendário Cine Íris, o mais antigo da cidade, construído em 1909. Conclamo os cariocas, a Embrafilme a classe cinematográfica em particular para que interfiram junto ao Patrimônio Histórico, ao Prefeito Marcos Tamoyo e ao Governador Faria Lima para que impeçam mais este atentado a esta cidade outrora maravilhosa. **João Carlos Rodrigues — Rio de Janeiro.**

Vila Isabel

(...) A respeito das coisas boas da Zona Norte, sugiro às autoridades, principalmente as nascidas em Vila Isabel, a reconstrução de suas calçadas. Para os que não sabem, as calçadas da Av. 28 de Setembro (...) foram construídas para representar uma imensa pauta musical — obras de Noel Rosa, Ari Barroso e Lamartine Babo, entre outros famosos compositores.(...). **J. Meireles de Jesus — Rio de Janeiro.**

Reparos históricos

No JB de 7 de setembro, o Sr Bruno Almeida Magalhães, numa apressada tentativa de contestar minha carta, de 2 do mesmo mês (...), sem consultar jornais da época para relatar a ida do Senador Getúlio Vargas ao Palácio Tiradentes, confundiu a sessão da Assembléia Nacional Constituinte, objeto da aludida carta, com uma reunião no Congresso em homenagem às Forças Armadas pelo 29 de outubro de 1945. (...) Os acontecimentos por mim revividos não tiveram nenhuma ligação com a sessão lembrada por ele para afirmar que Getúlio foi chamado às pressas ao plenário, a fim de, com sua presença, sabotar a homenagem, cuja votação, segundo o Sr Bruno de Almeida Magalhães, foi de 135 a 131 — uma diferença de quatro votos, portanto (...). O vigilante epistológrafo pode recorrer à coleção de **O Globo**, edição de junho de 1946, para conferir os fatos. No dia 6 daquele mês e ano, eu e o fotógrafo Antônio Monteiro entrevistamos Getúlio Vargas no seu apartamento do Edifício Uruguai. (...). **Armando Pacheco — Rio de Janeiro.**

INPS

E' lamentável que numa época em que o INPS procura mudar sua imagem diante do público, anunciando a tão esperada e necessária melhoria no atendimento aos seus segurados, o Hospital das Laranjeiras (Rua das Laranjeiras, 374) continue demonstrando a mesma falta de respeito para com os pacientes que necessitam de seus serviços. A diretoria daquele hospital deveria saber que nem todos os funcionários têm aptidões ou preparo para lidar com o público (...) Minha esposa, que além de cardíaca está grávida de seis meses, esteve no hospital no dia 25 de agosto para se submeter a um exame, solicitado por um dos médicos que ali trabalha — exame marcado com 30 dias de antecedência. Qual não foi sua surpresa ao ser informada, da maneira mais indelicada possível, como se tivesse culpa pela desorganização no serviço, de que aquele não era dia para o exame. Quinta-efira, acrescentou o funcionário, é dia de folga do médico responsável pelo mesmo. (...) **Luiz Cloret Valente — Rio de Janeiro.**

Atendimento eficiente

Tendo sofrido uma crise hipertensiva, no último dia 24, fui levado para o CTI do Hospital do INPS, em Laranjeiras, cujas instalações são realmente excelentes. Lá fiquei internado durante dois dias, quando pude constatar que nem tudo está perdido. Sou eternamente grato ao tratamento que médicos e enfermeiros me dispensaram. Graças aos Drs Renato Castro, José Guilherme, Jorge Brandão, Carlos Américo e Otávio Guarçone, solidificou-se em mim a convicção de que a Medicina é uma nobre missão, quando exercida com desvelo, denodo e competência... e que o INPS funciona. **Antônio Ivan Gonzaga de Faria — Rio de Janeiro.**

As cartas dos leitores serão publicadas só quando tiverem assinatura, nome completo e legível e endereço. Todos estes dados serão devidamente verificados.

S. A. JORNAL DO BRASIL, Av. Brasil, 500 (ZC 08). Tel Rede Interna: 264-4422 — End. Telegráfico: JORBRASIL. Telex números 21 23690 e 21 23262.

Assinaturas: Tel.: 264-6807.

SUCURSAIS

São Paulo — Av. São Luís, 170, loja 7. Tel.: 257-0811.

Brasília — Setor Comercial Sul — S.C.S. — Quadra 1, Bloco K, Edifício Denasa, 2º and. Tel.: 225-0150.

Belo Horizonte — Av. Afonso Pena, 1 500, 7º and. Tel.: 222-3955.

Niterói — Av. Amaral Peixoto, 116, salas 703/704 — Ed. Ribeiro Junqueira — Tel.: 722-1730. Administração: Tel.: 722-2510.

Curitiba — Rua Presidente Faria, 51 — Conj. 1 103/05 — Ed. Surugi. Tel.: 24-8783.

Porto Alegre — Av. Borges de Medeiros, 915, 4º andar. Tel.: Redação: 21-8714. Setor Comercial: 21 3547.

Salvador — Rua Chile, 22, s/ 1 602. Tel.: 3-3161.

Recife — Rua Sete de Setembro, 42, 8º andar. Telefone: 22-5793.

CORRESPONDENTES

Macapá, Boa Vista, Porto Velho, Rio Branco, Manaus, Belém, São Luís, Teresina, Fortaleza, Natal, João Pessoa, Maceió, Aracaju, Cuiabá, Campo Grande, Vitória, Florianópolis, Goiânia, Washington, Nova Iorque, Paris, Londres, Roma, Moscou e Los Angeles.

SERVIÇOS TELEGRÁFICOS

UPI, AP, AFP, ANSA, DPA, Reuters e EFE.

SERVIÇOS ESPECIAIS

The New York Times, The Economist, L'Express e The Times.

Mutirão de civismo

Barbosa Lima Sobrinho

É difícil imaginar a idéia da troca do AI-5 por uma lei que venha garantir a segurança do Estado. Qual será a segurança do Estado que se deseja? A de fazer, por exemplo, do Executivo um Poder preponderante e, sobretudo, discricionário? Já se havia aprendido, com João Barbalho, que recebera a lição dos maiores mestres da ciência política, como era vantajoso para os povos a existência de um Governo em que "o exercício do Poder Público não está a cargo e sob a dependência de uma só autoridade (indivíduo ou conselho), mas distribui-se por diversas". Nem o estado de direito será outra coisa que uma divisão de poderes, uma divisão organica, como a denominava João Barbalho, para fugir à idéia de uma separação, que pudesse levantar barreiras entre poderes que devem ser "harmônicos e independentes entre si", como diziam as nossas Constituições de 1891 e 1946.

Os que defendem a constitucionalização do país subentendem que se trata do advento de uma Carta que institua o estado de direito e que seja, na essência, uma renúncia ao discricionarismo, que denuncia a presença do absolutismo, pela presença de uma autoridade, individual ou coletiva, que se possa colocar acima de todas as outras, pelo exercício de uma faculdade discricionária, e que não perderia esse caráter pelo fato de denominar-se Conselho.

Veja-se o exemplo da União Soviética. Existe lá um Poder supremo, que é realmente discricionário e que não é concedido a um indivíduo, mas a uma espécie de conselho, que se denomina Presidium, com a presença de 42 pessoas eleitas pelo Soviet Supremo, que na verdade corporifica o Poder Legislativo. O Presidium vale por um Poder Executivo, numa forma de Governo colegiado, que as lideranças individuais podem reduzir aos donos reais do Poder, que tanto poderiam ter o nome de Stalin, como o de Kruschev ou o de Brejnev. Mas tudo isso sob o título geral de Constituição, para nos mostrar que, sob esse nome, também podem existir regimes discricionários.

Não era outro, por exemplo, o que resultava da Constituição brasileira de 1937, tão malsinada pelos que vieram depois restaurá-la e até mesmo aprimorá-la com datas diferentes. Não se trata propriamente da existência de um Poder preponderante. Na Inglaterra, por exemplo, todos sabem que o Parlamento só não exerce uma autoridade ilimitada, pela impossibilidade de eliminar as restrições que os costumes foram criando, obstáculos intransponíveis, desde a Magna Carta de 1215, que dava a João sem Terra a impressão de haver perdido o trono. Quem imaginaria, na Inglaterra, o Poder Executivo cassando o mandato de um deputado? No fundo, porém, a supremacia não está ainda com o Parlamento, mas com a opinião pública, que na verdade dirige e orienta a Grã-Bretanha. O que vale dizer que a supremacia é do povo, o que faz de seus governantes meros executores da vontade popular.

A dificuldade, já o sabemos, é passar de um regime absolutista para um regime verdadeiramente constitucional, ou sair do discricionarismo para o estado de direito. A experiência de 1945 é válida, o que não quer dizer que se não possa admitir a hipótese de uma renúncia leal e efetiva, de que temos também exemplo no caso de Pedro I, que antes de abdicar do trono, em 1831, havia abdicado do absolutismo em 1824, com uma Constituição promulgada, que era, de fato, uma Constituição de estado de direito, uma Constituição *constitucional*. — Poder Moderador não era uma autoridade discricionária. Tobias Barreto acentuou o aspecto romantico de sua adoção. (Tobias Barreto, *A Questão do Poder Moderador*). Parece-me que se devia reconhecer a influência do título. Quem é que não vê as virtudes de uma presença *moderadora*? Quando a realidade nos revela que, em vez de um Poder Moderador, acabou sendo um Poder Exasperador, no criar resistências e Oposições, que acabaram comprometendo e desprestigiando a instituição monárquica. Já não falo dos publicistas que trataram do assunto, mas dos debates parlamentares e da crítica jornalística, que não encontraram arma mais poderosa para o combate à ação de Pedro II, no único ponto em que o Poder Moderador era realmente discricionário, qual fosse o da dissolução da Camara, que passou a ser mero instrumento para a troca de Partidos, em face de eleições viciadas, que traziam Camaras unanimes ou quase unanimes. Nada concorreu mais para impopularizar a monarquia que o exercício desse Poder Moderador, no caso único em que era realmente discricionário. O que vale dizer que fugir ao discricionarismo é também um meio de defender os Governos. Nos regimes parlamentares, a dissolução do Parlamento é uma faculdade normal, que deixa de ser discricionária pela existência de uma representatividade real, através de eleições limpas.

Também não tenho dúvida de que uma Constituição resultante de um poder constituinte legítimo e não de segundo grau, como o classifica Pontes de Miranda, encontra maior receptividade e um prestígio, que não pode deixar de reforçar a sua autoridade. Posso dar, a esse respeito, um testemunho pessoal, pois que participei da Assembléia Constituinte de 1946. Assisti ao ato final de sua promulgação.

Sou realmente testemunha daquele inesquecível desfile dos constituintes, que iam assinar, a 18 de setembro de 1946, o documento que resulta de uma elaboração tão esforçada, quando imbuida dos melhores desejos de servir à Pátria. No Palácio Tiradentes, as galerias estavam repletas como nunca as havia visto. Um ambiente festivo, com flores e bandeiras por toda a parte. Cada constituinte, antes de assinar o texto definitivo, pronunciava algumas palavras, nos microfones colocados no recinto. As frases eloquentes explodiam como foguetes. Não havia quem escapasse à comoção íntima, que estava reunindo espectadores e legisladores em face de um ato histórico, como se uma corrente mágica percorresse todo o Brasil e ali estivesse a nos dar contas dos deveres de todos. Nunca senti de maneira mais poderosa o sentimento de confraternização, como se todos, constituintes ou não, tivéssemos consciência dos laços que nos prendiam, numa só família, que era todo o Brasil. Uma compensação gloriosa para os longos dias que ali vivêramos, atentos a todos os problemas nacionais, esquecendo siglas partidárias para a manifestação de um voto de consciência, que não pensasse senão no interesse da Pátria. Que diferença para a outorga da carta promulgada em 1937!

Não tenho dúvida de que a solenidade concorrera para o prestígio da Constituição que se acabava de elaborar e lhe dera, por isso mesmo, uma estabilidade, que foi um elemento positivo no progresso nacional. Já a Constituição de 1967 mudou de data com dois anos de vigência irregular, perturbada pela adoção de Atos Insitucionais. A de 1937, irmã gêmea da de 1967, só resistiu enquanto esteve no Poder a autoridade que a promulgara. E a rigor não poderiam ser chamadas de *Constituição*, pois que acabavam não significando uma renúncia efetiva a um regime discricionário, o que vale dizer que não chegaram a significar o advento do estado de direito. E esse é, realmente, o ponto fundamental, o da renúncia ao arbítrio, sem a qual todas as fórmulas acabam valendo tanto como cataplasmas ou sedativos. E o que se deseja, o que se precisa, é de um mutirão de civismo, que saiba conjugar a segurança do Estado com a segurança da pessoa humana que nele se encontra, para o progresso e a felicidade do Brasil.

Como perus no círculo de giz

Fernando Pedreira

HOJE, no Brasil, é cada vez mais reduzido o número de pessoas que têm coragem de *não* dizer o que pensam. Melhor, que têm a coragem de continuar não dizendo o que pensam. A observação é de Aluisio Salles. A nuvem de medo e de insegurança que por tanto tempo paralisou o país e o anestesiou moral e civicamente dissipa-se com alguma rapidez, embora ainda não nos deixe ver bem o céu limpo por trás dela.

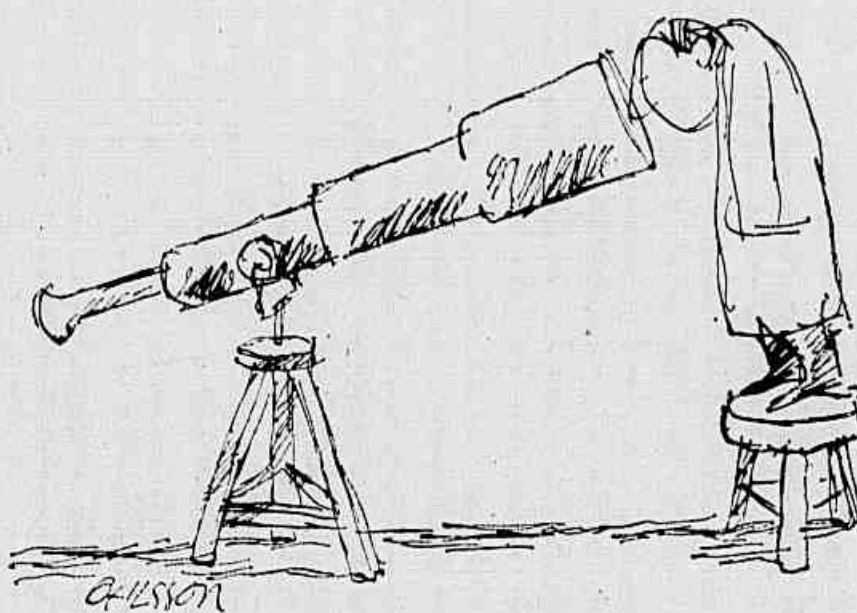
O país desacostumou-se à liberdade. Mesmo as manifestações tateantes e cautelosas de agora parecem perigosamente irreais, destinadas a submergir outra vez no mesmo oceano de temor e de indiferença que foi a realidade esmagadora desses anos consumidos no culto do Produto Nacional Estúpido.

Acordamos estremunhados, e nem sequer nos livramos ainda de alguns curiosos paradoxos. A sucessão presidencial deve ser a porta para o regime da liberdade e do direito. Mas a sucessão está oficialmente suspensa e, assim suspensa, funciona como uma espécie de rolha, um tampão que sufoca ou adia, sabe Deus para quando, os arroubos e as aspirações mais generosos. E' mais um caso de carro adiante dos bois. Tudo ficaria mais claro, ou menos confuso, se investigássemos o sentido das coisas, por trás do rito formal.

A sucessão ocorre por força da lei — mesmo desta lei que temos e que o próprio Presidente altera quando quer. Termina um mandato, outro deve começar. Mas a sucessão, em si mesma, o que é? A sucessão é a escolha de um novo Chefe de Estado e de um novo Governo para o país. Ela se precipita, como ocorre agora, quando o anseio do país pela mudança é maior, mais urgente. A escolha do candidato deve refletir esse anseio. O candidato escolhido (eleito) exprimirá, exprimiria os rumos que o país quer tomar.

Eis aí uma instancia em que a ordem dos fatores frequentemente altera o produto. Ainda em 1972, apesar da popularidade do General Médici e das feridas recentes abertas pelo terror, o anseio de mudança foi bastante forte para obrigar o Governo a tapar a brecha, impondo uma rigorosa censura à imprensa que duraria até janeiro de 75. Com a unção e a posse do General Geisel, as esperanças se reacenderam. Instaurou-se o gradualismo que permitiria uma série de avanços importantes, mas que acabaria na grande frustração de abril deste ano.

E agora? Agora, há uma contradição cada vez mais evidente e mais gritante entre o estado de espírito do país, entre os desejos da grande maioria, e o rito imposto à sucessão pelos canones do regime militar. Afinal, não estamos no México; ou estamos? Também não estamos mais nos tempos da República Velha e da teimosia do Sr Washington Luis Pereira de Souza, que, diga-se, acabaria como acabou.

Ninguém negará ao General Ernesto Geisel o direito, e até o dever, de *influir* na escolha do seu sucessor e de tudo fazer para que este seja um homem à altura do cargo que vai exercer. Mas, se queremos viver num regime livre e democrático, quem deve *escolher* (eleger) o Presidente é o país, é a Nação — diretamente, o que seria preferível, ou através de representantes legítimos, para isto eleitos.

Assim como vamos, corremos o risco de repetir, 10 anos depois, o episódio Costa e Silva. Teríamos um Presidente aparentemente forte, mas na verdade enfraquecido pela origem do seu mandato. Um Presidente que, não sendo nem carne, nem peixe, acabaria não tendo o apoio necessário nem da sociedade civil, nem da retaguarda militar. Em outras palavras, teríamos (teremos) um Presidente inadequado à ordem de coisas democrática e que, à primeira crise séria, ver-se-ia forçado a recorrer ao mesmo velho recurso da exceção e da violência para não soçobrar.

Em 1966-67, o que fez o Marechal Castello foi elaborar e votar apressadamente uma Carta Constitucional, na esperança de que este quadro legal bastasse para disciplinar e ordenar um estado de coisas — e um novo Presidente — que se haviam imposto antes dele. Em 1945, o país optou pela democracia, as Forças Armadas sancionaram e garantiram esta opção e o General Dutra elegeu-se num pleito que seria na verdade o mais livre e o mais amplo de quantos se tinham realizado, até aquela data, neste nosso imenso país sul-americano.

Repetir agora 1966-67 seria com certeza um grave erro. Repetir 1945 será talvez difícil, mas é na verdade a única saída limpa, clara e cabal. A presente crise institucional brasileira deflagrou-se a 25 de agosto de 1961, com a renúncia do Sr Janio Quadros. E não estará propriamente encerrada senão quando pudermos eleger decentemente e *livremente* um novo Presidente da República, seja ele militar ou civil.

A condução do processo político está hoje posta nas mãos do General Geisel, o que não parece assim tão saudável, uma vez que questões de tamanha relevancia não devem ficar confinadas à discrição de uma só pessoa, por mais ilustre ou cheia de méritos que seja. Mas isto não é o mais importante. O mais importante é que, ao menos na esfera oficial (e oficiosa) a abertura política e a sucessão estão sendo tratadas em termos destituídos de grandeza, em termos de cálculos de médio e curto prazos sobre quem leva o quê. Ora, esses termos não me parecem dignos nem do General Geisel, nem do Exército brasileiro, nem de nós outros, pedestres da política.

Era preciso romper o círculo de giz. Era preciso que os homens responsáveis tratassem os problemas políticos, que hoje nos preocupam, de maneira franca e aberta (que é a maneira dos fortes) e diante de todos, uma vez que a questão a todos interessa.

•

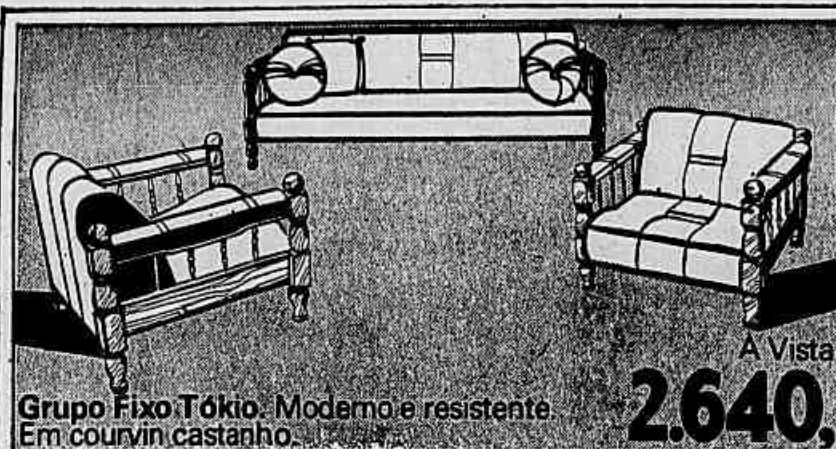
O número de pessoas que continuam a ter a coragem de não dizer o que pensam é cada vez menor, mas é também cada vez mais significativo. Ele inclui o Sr Petrônio Portela e os demais chefes do Partido do Governo; ele inclui, antes de mais ninguém, os próprios homens do Governo; inclui ainda um novo e crescente estamento social que é aquele constituído pelos candidatos à presidência, declarados e não declarados.

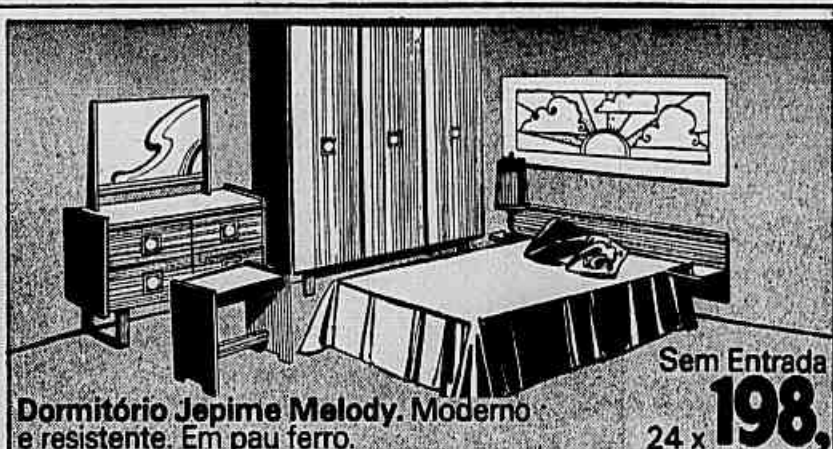
Não me lembro de outra sucessão que tivesse tido tantos pretendentes, tão difíceis de distinguir uns dos outros e menos dispostos a arriscar passos mais ousados. É bem verdade que o General Geisel os conhece melhor do que nós, o que dispensaria, da parte deles, maiores efusões. A culpa, dir-se-ia, é menos dos homens que do sistema. Mas não deixa de ser inquietante ver alargar-se esse fosso entre o país que começa a falar e lideranças que se calam e que têm a duvidosa coragem de continuar a não dizer claramente o que pensam.

Fernando Pedreira, diretor de O Estado de S. Paulo, escreve frequentemente no JORNAL DO BRASIL.

Dayan sugere que árabes absorvam povo palestino

Tel Aviv — Para o Chanceler israelense, Moshé Dayan, a solução do problema palestino é fazê-los abrir mão do direito a um Estado e obrigar os países árabes a absorver e dar nacionalidade aos refugiados que estão atualmente em seus territórios.

Depois de dizer que até Israel poderia se encarregar de absorver uma parte daqueles refugiados, o Ministro das Relações Exteriores voltou a rejeitar a idéia da criação de um Estado palestino entre Israel e a Jordânia, além de criticar o Presidente norte-americano, Jimmy Carter, por defender a idéia de um "solo pátrio" *(homeland)* para os palestinos, o que em sua opinião só serve para "abrir uma porta aos assassinos da OLP".

Colônias ilegais

O Ministro da Agricultura, Ariel Sharon, que também preside a comissão encarregada de estabelecer colônias judaicas nos territórios árabes ocupados, declarou que Israel pretende construir cinturões de segurança em torno das áreas ocupadas, para assegurar uma posição mais forte no caso de ter de negociar a devolução de alguns desses territórios ocupados.

Ainda que sem entrar em pormenores quanto a suas declarações, o Ministro da Agricultura israelense afirmou que as colônias judaicas na Cisjordânia (margem ocidental do rio Jordão) serão construídas em áreas elevadas e terrenos rochosos, possibilitando o estabelecimento de um perfeito domínio militar das planícies em volta.

Juan Carlos firma com Perez texto pela democracia

Caracas e Cidade de Guatemala — O Rei Juan Carlos e o Presidente Carlos Andrés Perez assinaram uma declaração conjunta na qual afirmam que "a instauração e a evolução do sistema democrático na Espanha e na Venezuela abriram maiores caminhos de entendimentos e colaboração entre os dois países".

Na declaração, emitida ao final da visita do Rei da Espanha à Venezuela, os dois dirigentes elogiam o novo Tratado do Panamá, prometem desenvolver esforços para aperfeiçoar a democracia em seus respectivos países, condenam a discriminação racial e o terrorismo e dão seu apoio a uma nova ordem econômica no mundo.

Concordaram também em fortalecer as "expressões dos ideais de liberdade, respeito à dignidade humana e ao progresso social para aperfeiçoar a democracia, considerando-a como melhor sistema de Governo para obter a efetividade da proteção dos direitos humanos".

A Venezuela vive um regime de democracia eleitoral há 19 anos depois de passar 150 anos governada principalmente por ditadores; a Espanha realizou em junho passado suas primeiras eleições gerais desde a Guerra Civil de 1936, que marcou o início do período do franquismo.

Delegados dos dois países assinaram também uma série de acordos econômicos relativos à cooperação econômica da Espanha para a construção de estradas de ferro, armazéns frigoríficos, estaleiros e motores para caminhões.

O Rei e a Rainha Sofia terminaram sua visita de dois dias a Caracas e partiram para a Guatemala, na primeira visita de soberanos espanhóis a esse país nos últimos 454 anos.

Polícia holandesa procura armas em bairro molucano de Assen e é recebida à bala

Assen, Holanda — Novos tiroteios ocorreram ontem no bairro molucano de Assen quando a polícia holandesa, pelo segundo dia consecutivo, bloqueou todas as saídas e, de casa em casa, procurou armas escondidas. Segundo o promotor público de Assen, os agentes descobriram um plano para à captura de novos reféns.

Na operação, 32 molucanos foram detidos e a busca estendeu-se a Bovensmilde, onde também vivem milhares de pessoas originárias das ilhas Molucas do Sul. Em Assen, onde o fogo de franco-atiradores foi intenso, um policial saiu gravemente ferido e foram apreendidas duas metralhadoras, oito revólveres, 250 cartuchos e 50 facas.

CERCO COMPLETO

Guardas armados com fuzis e metralhadoras, apoiados por blindados leves, fecharam todas as saídas dos bairros ao mesmo tempo que centenas de policiais revistavam casa por casa, alguns com detetores de metais para localizar armas enterradas em jardins.

Franco-atiradores, instalados em telhados, dispararam diversas vezes contra os policiais. Os 40 mil molucanos radicados na Holanda vivem em 60 concentrações dispersas pelo país e as operações policiais enfureceram a comunidade. A busca de armas seguiu a explosão de violência de quinta-feira, quando dezenas de militantes da Frente de Libertação das Molucas do Sul incendiaram duas escolas e enfrentaram a polícia com pedras. A tensão aumentou em resposta ao julgamento dos comandos responsáveis pelo sequestro de um trem e da ocupação de uma escola em maio último. No sábado, o promotor pediu para cada um dos sete acusados penas de 10 anos de prisão.

Bomba a bordo de Boeing da Panam obriga piloto a sair da rota e descer na Irlanda

Londres — Um Boeing-747 da Pan-American, em vôo de Nova Iorque para Londres, com 298 passageiros e 16 tripulantes, fez aterrissagem de emergência em Shannon, na Irlanda, porque um desconhecido telefonou para o escritório central da empresa, em Nova Iorque, e exigiu 1 milhão de dólares ameaçando explodir uma bomba dentro do Jumbo.

No banheiro do avião, policiais irlandeses encontraram dois pedaços de gelinita (explosivo plástico), em forma de cartuchos, unidos por um detonador elétrico. Os especialistas levaram a bomba para um local seguro e a destruíram com auxílio de outros explosivos. O homem que telefonou para o escritório da Pan American, embora tenha afirmado que ligaria novamente, não cumpriu a promessa.

EM CALMA

O alarme de bomba a bordo foi enviado ao Boeing quando ainda sobrevoava o Atlantico, mas impossibilitado de voltar a Nova Iorque, o piloto seguiu direto para a Irlanda. Embora advertidos de que talvez tivessem de usar as saídas de emergência, os passageiros demonstraram calma e usaram as escadas, ao mesmo tempo que os policiais começavam a busca.

Bonn exorta o povo à luta contra terror

As pressões sobre Schmidt

Quando o Procurador-Geral da República Federal da Alemanha, Siegfried Buback e seu motorista foram assassinados, no dia 8 de abril deste ano, por um comando da organização terrorista Baader-Meinhof, o presidente do Partido Democrata Cristão (oposição), Helmut Kohl, defendeu, energicamente, a necessidade de serem adotadas "providências mais efetivas capazes de por um paradeiro definitivo ao terrorismo".

A situação preocupa também o presidente do Partido Social Democrata, Willy Brandt, que compara os atuais terroristas de esquerda em seu país àqueles que, em seu tempo, destruíram a República de Weimar. Brandt manifestou a opinião de que "os terroristas fazem o jogo da extrema direita e acabam transformando a Alemanha num Estado policial".

Exercício retórico

A posição firme da oposição ao Chanceler Helmut Schmidt e o desabafo de Willy Brandt, somados à inquietação popular e, agora, à dos empresários, é um dado que vem crescendo rapidamente no jogo político da Alemanha Ocidental.

O Governo tem manifestado seu desejo de conter, por meios legais e reforço acelerado do aparato policial, as manifestações do terrorismo. Mas isso parece um exercício tão retórico quanto inútil. A cronologia da violência na terra alemã ocidental demonstra que conter o terrorismo será praticamente impossível, já que as características de atuação do movimento ou a falta de uma ideologia definida não fornecem a qualquer analista uma perspectiva de enceramento, no curto ou no médio prazo, das ações brutais e condenadas pela opinião pública.

As pressões da oposição sobre o Governo social-democrata continuarão a ser exercidas, por uma questão de bem dosado oportunismo político. Na verdade, não há dados sistemáticos que possam facilitar o desbaratamento das organizações terroristas. Isso porque a amostragem dos militantes até agora capturados revela que a maioria é formada por intelectuais de classe média, que procuraram se integrar na violência política por diferentes razões. Ulrike Meinhof, por exemplo, que se suicidou na prisão, era uma intelectual com idéias socialistas. Ela escrevia na revista *Konkret* e se converteu ao terrorismo, sob o efeito da forte personalidade de Andreas Baader, que conheceu quando foi entrevistá-lo na prisão.

O jornalista Peter Homann comenta que Ulrike Meinhof, antes do encontro com Baader, poderia ser considerada socialista. Poucos dias depois da publicação do artigo, Ulrike comandou o grupo armado que, sob intensa fuzilaria, tirou da prisão Andreas Baader. De uma posição política intelectualizada ela passou à ação armada.

Ainda sob o impacto da morte do banqueiro Jurgen Ponto e do sequestro do líder empresarial Hans Martin Schleyer, os setores políticos mais preocupados com a preservação do estado de direito da Alemanha Ocidental advertem que, se prosseguir a atmosfera de terror e a consequente intranquilidade, estarão delineadas as condições para um fortalecimento do nazismo como solução *providencial*, à semelhança do que ocorreu na década de 30.

A lembrança pode valer como elemento de pressão sobre o Governo ou como instrumento de colheita de votos em favor da Oposição. Mas, na verdade, falta-lhe base política e sustentação na realidade do país e da Europa.

Os neonazistas, com suas inexpressivas votações desde a década de 50, são mais uma curiosidade do que um espantalho a ser agitado diante dos democrata-cristãos no Poder.

A partir da morte de Jurgen Ponto e do sequestro de Schleyer — este até o momento não resolvido satisfatoriamente — o Governo alemão começou a enfrentar um tipo mais consistente de inquietação — a do empresariado. Suas figuras mais representativas só andam acompanhadas de guarda-costas e vivem em permanente sobressalto.

No curto prazo, Helmut Schmidt tem um grave problema a resolver — a libertação do empresário Schleyer. No médio prazo, sua tendência natural será tentar obter da Oposição uma trégua de respeito pela situação incômoda que o terrorismo cria para o país como um todo, pois não será com o enfraquecimento do Governo que os atentados deixarão de ocorrer.

Com a libertação dos 11 terroristas — entre eles os dirigentes Andreas Baader, Gudrun Eusslin e Jan-Carl Raspe — o Governo assume vários riscos conscientes e um deles é o de estimular a fantasia criadora de outros intelectuais ansiosos por ação e aventura.

Bonn — Autoridades do Governo alemão ocidental assinalaram o grande ressentimento provocado em todo o país pelo sequestro do empresário Hans Martins Schleyer e pediram que seja travada uma luta implacável contra o terrorismo. Os pronunciamentos foram feitos ontem, durante enterro dos três policiais mortos durante a emboscada em Colônia, segunda-feira última.

Até ontem à noite, não havia qualquer notícia sobre o paradeiro de Schleyer, sobre cujo destino existem as versões mais pessimistas. O advogado Denis Payot, presidente da Liga Suiça de Direitos Humanos, escolhido como intermediário entre o Governo e os terroristas, aguarda um telefonema dos sequestradores.

Em mensagem enviada ao jornal **Frankfurter Rundschau**, os sequestradores afirmaram que intermediários são supérfluos e que o Governo, ao propor uma negociação, estava querendo ganhar tempo. Na carta, disseram também que Schleyer só será libertado após a partida dos 11 terroristas. O jornal informa que a carta recebida foi colocada numa agência postal de Mannheim.

Junto com a carta havia um bilhete com a letra que parecia ser de Schleyer. O autor da carta agradecia a todos que estavam se esforçando para libertá-lo e afirmava que confiava em que os sequestradores cumpririam o compromisso assumido.

No elogio fúnebre dos três policiais, o Primeiro-Ministro do Estado de Baden-Wuerttemberg, Hans Filbinger, exigiu "o uso enérgico de todos os meios legais à disposição do Governo para reprimir a loucura destrutiva de uma minoria de inimigos perigosos".

Maioria quer pena de morte

Bonn — Uma pesquisa de opinião realizada ontem revelou que 67% dos alemães estão a favor do restabelecimento da pena de morte para os terroristas que matam em seus atentados. A pesquisa mostra que essa percentagem vem subindo, pois era de 44% em 1974 e de 57% em 1976.

Em resposta a outra pergunta da mesma pesquisa, 60% se manifestaram contra a troca de reféns por terroristas que estejam na prisão, enquanto 37% acharam essa troca necessária para poder salvar a vida da pessoa sequestrada.

SILÊNCIO E DÚVIDA

Os meios de divulgação mantinham ontem quase completo silêncio sobre a situação do presidente da Confederação das Associações de Empresários da Alemanha, Hans Martin Schleyer, e começavam a surgir algumas dúvidas se ele continua vivo.

Os terroristas Andreas Baader e Jan Carl Raspe, condenados à prisão perpétua e que estão entre os 11 terroristas cuja libertação é pedida em troca da devolução de Schleyer pelos sequestradores, começaram a fazer exercícios físicos em suas celas para estar em forma se realmente forem libertados.

Os carcereiros dos terroristas informaram que sua primeira reação foi rir quando souberam que seus companheiros tinham pedido sua libertação e de outros nove em troca da vida do empresário sequestrado.

O bando de Baader-Meinhof e os outros grupos terroristas alemães já mataram 28 pessoas, feriram 90 e fizeram 14 reféns

O terrorismo segundo Lacqueur

"A verdadeira inspiração da qual resulta o terrorismo é, de modo geral, um ativismo desenfreado, que tanto pode ser dirigido para a direita quanto para a esquerda. O terrorismo não é uma escola filosófica. O mais importante é sempre e apenas a ação".

Esta é uma das mais incisivas afirmações do historiador Walter Lacqueur, diretor do Instituto Londrino de História Contemporanea, que publicou recentemente um livro sobre o tema, intitulado Terrorismo. *O autor afirma que "o terrorismo, hoje, na maioria dos casos, é simplesmente uma luta religiosa ou nacionalista".*

Walter Lacqueur tenta separar a "mitologia do terrorismo da realidade". E ainda os seguintes argumentos, entre outros:

"1 — Ao contrário do que se supõe geralmente, o terrorismo não é um fenômeno novo e sem precedentes. Afirma-se, com muita frequência, que, no passado, era esporádico e não apoiado por uma doutrina. Mas a Norodnaia Volia *e os revolucionários russos eram tão bem organizados quanto os grupos de hoje, mesmo que suas armas não fossem tão modernas. Seu grau de desenvolvimento político e ideológico era provavelmente superior".*

2 — "O terrorismo é uma expressão política espúria, que precisa ser abolida, já que o terrorismo de uma nação é a libertação nacional de outra. Isso é verdadeiro. Mas alegar isso contribui tão pouco para o debate como dizer que, em 1933, muitos norte-americanos apoiaram Franklin Delano Roosevelt e, no mesmo ano, muitos alemães votaram em Adolf Hitler. Evidentemente, o terrorismo, em determinados casos, foi uma força libertadora. Mas, enquanto o terrorismo da Narodnaia Volia *e grupos semelhantes investiram contra regimes despóticos, isso não ocorre mais atualmente. Hoje, o terrorismo age quase exclusivamente contra sociedades livres e democráticas ou sistemas autoritários ineficientes".*

"O que, outrora, era a última ratio *dos oprimidos é atualmente, quase sempre, a* prima ratio *de um grupo de pessoas de várias origens, com os motivos mais diversos. O terrorismo não se dirige mais contra as formas mais perversas de ditadura. Na Alemanha nazista ou na Itália fascista não houve movimentos terroristas e também eles não existem nos países comunistas. O terrorismo nacional do passado combatia o domínio estrangeiro. Hoje, na maioria dos casos, é simplesmente uma forma de luta religiosa ou nacionalista."*

"3 — O terrorismo é considerado, por muita gente "de inspiração esquerdista" ou "revolucionário". Muitos terroristas na verdade afirmaram que agiam para o bem das massas, mas também acreditavam que "a libertação das massas" era uma missão histórica a ser desempenhada por um pequeno grupo de eleitos. Embora, atualmente, a maior parte dos manifestos de guerrilheiros seja escrito numa frascologia "de esquerda", os terroristas da geração anterior tendiam para o fascismo".

"4 — O terrorismo, segundo se diz, surge onde o povo tem razões legítimas para reivindicações. Quando se suprimem as reivindicações, a pobreza, a discriminação e a falta de possibilidades de participação política, supostamente o terrorismo desaparece. Estes sentimentos são elogiáveis, e muitos homens e mulheres de boa vontade pensam assim. Mas, como remédio contra o terrorismo, têm valor muito limitado. A experiência demonstra que as sociedades afetadas pelas maiores injustiças e menores possibilidades de participação são as menos tocadas pelo terrorismo."

Lacqueur sugere o exame do caso do terrorismo contra os Governos democráticos da Europa Ocidental, Estados Unidos e Japão. Para ele, é ridícula a tese de que os membros do grupo Baader-Meinhof, por sua força moral e inteligência, são mais predestinados do que os social-democratas a assumir um papel de liderança.

"5 — Afirma-se que o terror é muito eficaz. De fato, o terrorismo conduziu a mudanças políticas, mas só em casos raros teve efeito duradouro, e assim mesmo quando as táticas terroristas foram aplicadas no contexto de uma estratégia apoiada por movimento de massas."

"Na história moderna" — justifica Laqueur — "não há um caso conhecido em que um pequeno grupo terrorista tenha tomado o poder. A violência gera a violência e a repressão exacerbada. Os meios de repressão à disposição do Estado, são muito mais eficazes. A única esperança dos terroristas é impedir que as autoridades exerçam seu poder. Se, de acordo com Mao Tsé-tung, o terrorista é um peixe, então a liberdade da sociedade liberal e a ineficiência dos Governos autoritários são a água, de que o terrorista precisa para sobreviver."

"6 — Diz-se que os terroristas são idealistas, que são mais humanos e inteligentes que os criminosos comuns. Afirmações como esta, quer sejam verdadeiras quer não, contribuem muito pouco para a compreensão do terrorismo. A profunda humanidade dos primeiros terroristas russos não pode ser posta em dúvida. Mas isso não se aplica em relação a muitos movimentos terroristas que surgiram nas últimas décadas. Além disso, convém registrar que algumas das maiores atrocidades da história da humanidade foram cometidas por homens de cujo idealismo ninguém duvida. O prazer da aventura é um motivo importante em um mundo sem sensação e sem emoção."

Comunistas decidem substituir Dolores por outro deputado

Madri — Com 30 votos a favor e quatro abstenções, o Comitê Executivo Regional das Astúrias do Partido Comunista espanhol decidiu-se em favor da renúncia de Dolores Ibarruri, *La Pasionaria*, à Camara dos Deputados. Não ficou decidido, ainda, quem ocupará a cadeira.

Os médicos que atendem a dirigente disseram ontem que ela melhorou da operação a que foi submetida na quarta-feira para implantação de marcapasso. Dolores, de 81 anos, já caminha pelo hospital e dentro de uma semana poderá voltar às atividades politicas.

La Pasionaria foi a única comunista eleita pos Astúrias nas eleições de 15 de junho. Na lista do PCE, após seu nome, figurava o de Fernandez Inguanzo, um militante do Partido que participou na resistência interna nos 40 anos de franquismo.

Alguns membros do Comitê Executivo Regional sustentam a candidatura de Julio Gonzales Campos, titular da cátedra de Direito Internacional na Universidade de Oviedo.

O poeta Rafael Alberti (74 anos), também Deputado comunista, anunciou há dias sua decisão de abandonar o Congresso para se dedicar plenamente à criação literária. O sindicalista Marcelino Camacho, secretário-geral das Comissões Operárias, também anunciou que renunciará como Deputado pelo PC para se concentrar no trabalho sindical.

Líbia de Kadhafi, Estado puritano e militarizado

Texto e fotos de
Araújo Netto
Enviado especial

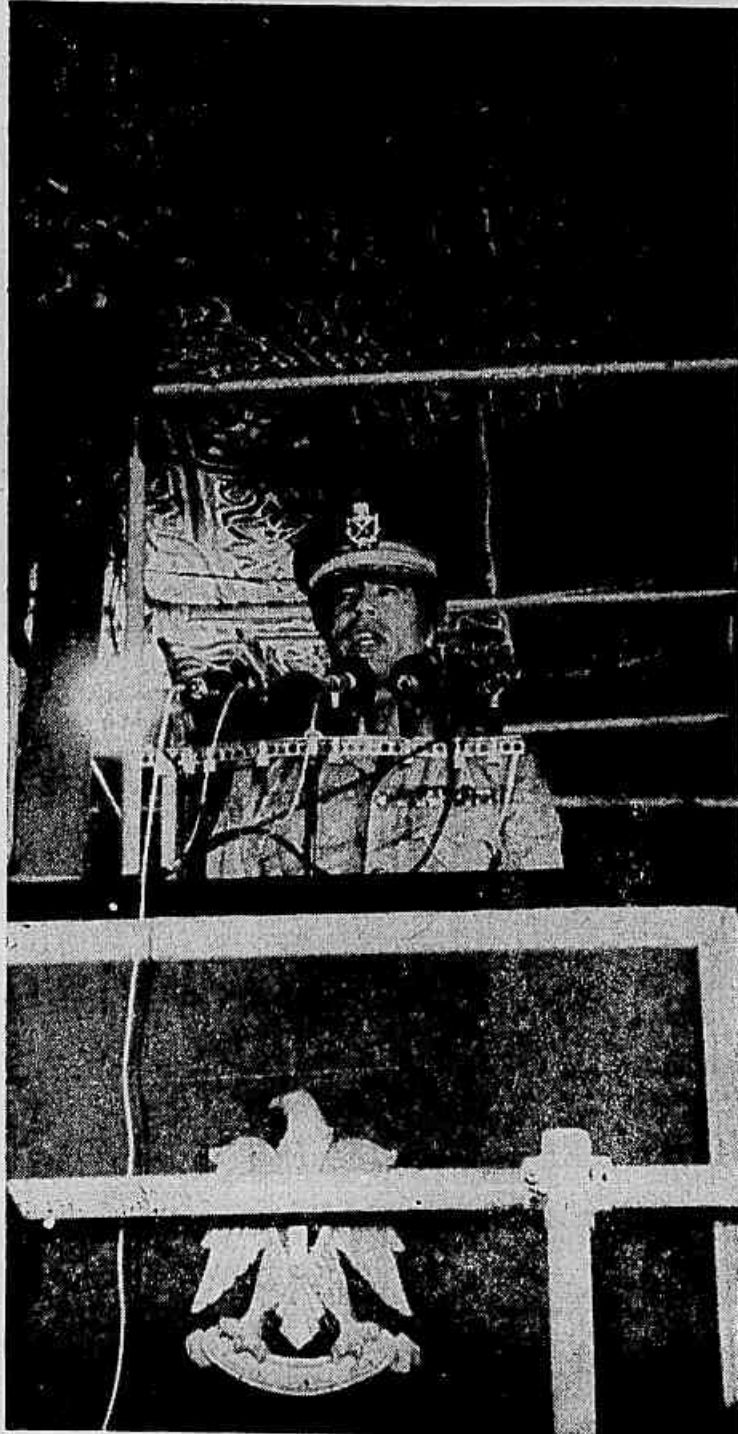
Tripoli — A Jamairia Arabe Libia Popular Socialista deve ser realmente o maior comprador e consumidor de armas e fardas que o mundo conhece hoje, tal como a identificam os observadores militares do Ocidente. Depois de 10 dias em Tripoli é impossível discutir ou contrariar essa conclusão. A mostra é indiscreta demais. A cidade e sua gente parecem viver, orgulhosas e felizes, um permanente, interminável desfile militar bélico.

Até seus meninos vêm sendo levados a passeio por pais e mães em caprichosos uniformes de gala ou de combate. Vestem-se e brincam de tenentes, capitães, majores; os mais modestos, de milicianos, pára-quedistas e homens-rãs, procurando imitar em tudo aqueles de verdade. Fazem-se ver e comportam-se como miniaturas vivas dos já célebres e históricos 12 oficiais livres, autores do golpe de setembro de 1969, da madrugada do Fatah que pôs fim à mediocre e corrupta monarquia do velho Rei Idris e deu inicio a uma das mais excêntricas e eficientes revoluções feitas em nome do povo nestes últimos anos.

Essas fardas e armas vêm se fazendo fundamentais e irresistíveis também para as jovens mulheres líbias. São mais do que moda. Vestindo-as, manejando-as, elas estão dando os primeiros passos para a sua emancipação. Abatem tabus arcaicos. Exibem-se como as primeiras árabes a contrariar o milenar princípio da superioridade dos homens. Descobrem-se, revelam-se, emergem de tradicionais e abundantes cortinas de algodão branco, que as mantiveram envolvidas e escondidas por tanto tempo. Superam barreiras de preconceitos e discriminações que mantiveram suas avós e mães mulheres sem rosto, sem inteligência e voz. Trocam o baracano alvo e inviolável pelo verde oliva que dá formas e vida aos seus corpos. Surpreendem os que nunca as imaginaram assim: bonitas, cordiais, falantes, perfeitamente humanas.

Não esqueço a cena do diálogo de uma dessas jovens milicianas com uma daquelas senhoras cobertas e mudas, na madrugada em que se celebrou a revolução do primeiro de setembro. Excitada, risonha, com gestos e palavras veementes, a jovem explicava à velha o funcionamento de uma metralhadora soviética e de uma granada de mão. Abraçando uma criança sonolenta, prendendo nos dentes o véu que lhe cobria o rosto, a velha parecia hipnotizada. Seus olhinhos miúdos e negros seguiam todos os movimentos da jovem miliciana. Quando a moça representou o ato do lançamento e da explosão da granada, a velha descuidou-se, o véu descobriu-lhe o rosto tatuado e um sorriso feito de dentes de ouro e prata.

E' um processo de militarização global, contínuo, dirigido pelas lideranças políticas do país, que não pode ser visto com tranquilidade por quem conhece e recorda tantos outros similares. Desagradável, chocante para quem aprendeu a história da experiência de outros regimes nacionalistas que transformaram povos pacíficos em exércitos obedientes à ordem-unida. Ou por quem não perde de vista o preço político dessas transformações.

Com todos os seus tambores, com tantas e bem sopradas gaitas de fole, as bandas marciais que estão fazendo a gente das ruas marchar em Tripoli não disfarçam nem atenuam uma imutável realidade deste país. Com pouco mais de 2 milhões de habitantes, com um exército regular de 30/ 35 mil homens, que, na melhor das hipóteses, se todos os projetos para expandi-lo forem cumpridos, no máximo atingirá a um contingente de 60 mil. Os 2 mil tanques, todos os Migs e Mirages, bombardeiros supersônicos, sistemas de misseis, os submarinos que fariam parte dos últimos fornecimentos militares feitos pela União Soviética, França, Alemanha, Inglaterra e Brasil à Libia seriam um excesso mesmo para um país que vivesse um outro estágio de desenvolvimento.

A figura e os discursos de Kadhafi geram fanatismo

Até os mais velhos se deixam inflamar pelo líder

Armas sofisticadas são distribuídas à população

Muita pressa, riqueza e displicência

Nuammar, em árabe, quer dizer "aquele que constrói". Em oito anos, o que a revolução do Coronel Nuammar Kadhafi construiu na Líbia talvez não tenha sido feito, guardando as devidas proporções, nem mesmo pela Revolução Soviética, às vésperas de seus 60 anos. Custa a crer.

Seus 80% de analfabetos foram reduzidos à metade. Já se pode dizer que no momento não existe um libio sem casa própria. Os nômades de seus intermináveis desertos cada dia são menos nômades: grandes conjuntos residenciais vêm sendo erguidos para recebê-los e abrigá-los, melhor do que as velhas tendas, de todas as tempestades de areia. Cerca de 125 mil miseráveis barracos de Tripoli foram substituídos por casas sólidas, novas, com todo conforto, doadas pelo Governo Revolucionário.

Um país sem hospitais há 10 anos, hoje tem uma das mais modernas e ativas redes hospitalares do mundo árabe. As escolas inteiramente grátis se multiplicam: quase todos os dias, em Tripoli, Bengazi, Misurata, El Zawia, Sebha, Derna ou El Khons, vive-se uma festa de inauguração de um novo conjunto de salas de aulas. A moderna, ultra-americanizada Universidade de Bengazi — com capacidade para 10 mil estudantes — já está funcionando. Em todo o mundo, o Governo mantém hoje 1 mil bolsistas fazendo cursos de especialização. Os 12 mil professores em função em setembro de 1969 fizeram-se 32 mil 500 em dezembro de 1975. Até 1980, a Jamairia Árabe Líbia Popular Socialista espera não contar com um analfabeto entre seus cidadãos em idade escolar.

Como todos têm pressa de fazer e chegar, as estradas de ferro vêm sendo preteridas pela construção de um sistema rodoviário em condições de abreviar as distancias dentro do país. O aeroporto internacional de Tripoli está pronto, à espera da fita de inauguração, que será cortada num dia mais calmo do *irmão-coronel* Kadhafi. É uma pequena jóia, e me asseguram que foi construido em menos de três anos, com a mesma rapidez que vem sendo imposta a todos os empreiteiros de obras públicas, num país em que as concorrências são ganhas pelos que se demonstrarem mais aptos a cumprir os prazos recordes que o Governo estabelece.

A paisagem da Líbia é formada de planaltos, montanhas, colinas e desertos imensos. Seu território, um semi-quadrado, por muito tempo foi comparado a um "grande caixão de areias": 1 milhão 740 mil quilômetros quadrados, sete vezes maior do que a Grã-Bretanha, o quarto maior país africano. Com um clima que varia do quente (no inverno) ao tórrido (no verão). Com dias, no deserto, de temperatura que chega a 57 graus à sombra e à noite cai para 17 graus.

Até 1973, o último recenseamento oficial constatou que 57% de seus 2 milhões 200 mil habitantes viviam na faixa litoranea, à beira do Mediterraneo, entre Tripoli, Bengazi e Zawia, grandes cidades que seus diversos invasores e colonizadores (fenicios, gregos, romanos, otomanos e italianos) fizeram florescer nas terras mais férteis do país.

Socialismo islâmico

Em 1975, um relatório da FAO revelava que a Libia é o terceiro país do mundo no incremento de sua produção alimentar, à frente de 127 outros pequenos e grandes, pobres e ricos, com uma produção agricola que em menos de cinco anos dobrou. Com uma nova rede de silos e armazéns que permitiam, em 1976, a estocagem de 160 mil toneladas de trigo. Com 629 mil 218 hectares de terras beneficiadas e desenvolvidas. Toda uma politica que justificou uma rara inversão de tendência: promovendo o refluxo ao campo da migração que se dirigiu aos centros urbanos. Campos hoje cobertos de verde, mas que até bem poucos dias eram desertos áridos, aparentemente irrecuperáveis. Todos eles beneficiados pelas mais modernas técnicas de irrigação, por extenuantes pesquisas que acabaram por localizar grandes reservas de água subterranea.

Resultados foram alcançados sem qualquer poupança de dinheiro e técnicas. Alguns deles — como os projetos iugoslavos e rumenos — são tão requintados a ponto de justificar grandes vôos internacionais, transportando 500 cabeças de gado argentino ou milhões de colméias de abelhas para as novas áreas cultiváveis e de criação.

Em três embaixadas estrangeiras recolho o mesmo depoimento: A Libia de hoje é um país sem fome e sem desempregados. O Estado é paternal, generoso, pródigo. Quando não financia, sem juros e a longos prazos, doa aos que não têm como pagá-lo. Sem limites, de tudo um pouco: automóveis e tratores, terras e aparelhos eletrodomésticos isentos de **taxas**. Qualquer item de consumo, luxo ou prazer permitido, não condenado pelo Alcorão.

A reforma agrária que por aqui se pratica atém-se aos princípios do socialismo islamico: respeita e consagra a propriedade privada, não faz concessões ao coletivismo. A propriedade nacional/estatal só se justifica como defesa contra ingerência ou participação estrangeira. A orientação básica de toda a economia libia segue o moralismo religioso do Irmão Kadhafi. Manda evitar o acúmulo de bens e riquezas. Suprime o excesso dos que já têm em benefício dos que querem ter alguma coisa. O novo proprietário de terras libio está chegando à sua propriedade com um mínimo assegurado pelo Estado, com aquela estrutura considerada essencial ao desenvolvimento do seu projeto: casa para uma família de quatro pessoas, um trator, assistência técnica e um pequeno auxilio pecuniário.

O mais nostálgico ds libios desapeados pelo movimento militar — inicialmente ingênuo e megalomaniaco — que substituiu o regime feudal do Rei Idris por uma república socialista muçulmana hoje não teria coragem de negar a materialização das promessas e *slogans* divulgados às primeiras horas da manhã de 1.º de setembro de 1969, dos estúdios ocupados da Rádio Bengazi, lidos por uma voz anônima de um major não identificado que dizia falar em nome de um "Conselho de comando da revolução.

Mudanças superficiais

Este êxito não se reflete e não se mede apenas pelo crescimento vertiginoso da renda *per capita* (hoje de quase 6 mil dolares). Tampouco pela nova relação homem-automóvel no **país: um** em cada quatro libios está motorizado. Muito menos pela novissima frota de Boeings-727 da Libyan Airlines, em uso em linhas internas e internacionais. Nem sequer pelo alto padrão de vida e pelo poder aquisitivo do povo, em condições de pagar, no mercado negro, até mesmo 75 dólares por uma garrafa de uisque proibido.

O salto de qualidade foi dado e numa longa extensão. Se a consolidação definitiva dessa revolução dependesse apenas do consenso popular, a esta hora poderia celebrar o fato consumado. Seus líderes não estariam explicando a oportunidade da militarização do povo, a utilidade de um Exército popular como medida de segurança nacional. Talvez não insistissem em fazer de todos os homens e mulheres — dos 18 aos 45 anos — soldados prontos e armados para defender a Jamairia libia de qualquer agressão inimiga.

Difícil é aceitar que o salto de qualidade tenha mudado, feito evoluir o homem, tenha criado o novo árabe libio. Um árabe que muitos estimariam fosse preparado, sério e objetivo, como aquele que integra o grupo dirigente do Libyan Arab Foreign **Bank, cérebro e gestor** de um notável programa de investimentos internacionais, sócio e fiscal exigente de no mínimo cinco grandes uniões de bancos árabes-europeus com sedes e atividades em Nova Iorque, Paris, Londres, Madri, Roma, Abu Dhabi e Hong-Kong.

Esta obra, a revolução socialista islamica do Coronel Kadhafi está longe de ter-se completado. Seu maior inimigo — o Presidente egipcio Anwar Sadat — parece ter razão quando diz que a Libia continua um país sem quadros, até mesmo para não suicidar-se com o arsenal que comprou e acumulou. O homem libio parece ter mudado apenas no superficial: na roupa, na casa, nos novos hábitos de consumo que adquiriu. Entrou no mundo da eletrônica incapaz de instalar uma tomada ou de recompor uma resistência em curto-circuito. Em muitos casos está convencido de que uma pane de automóvel se resolve com a compra de um **novo**.

E' bom, para ele tem o valor de lei ou dogma o que o Coronel Kadhaffi disser e fizer. Por que pensar, por que fazer, por que trabalhar, se o Coronel está aqui mesmo, vivo, febril, infatigável, mistico, incorruptível, criando e decidindo por todos?

"Mafisch" — "Malech"

Mafisch, não sei. *Malech*, não me interessa deixa *pra* lá. Continuam a ser palavras velhas, as mais repetidas, as primeiras que um estrangeiro aprende na Líbia. A grande criatura do socialismo líbio e até agora um Estado assistencial, rico e tolerante, que se manifesta e confirma através desses e de tantos outros indícios de resignação e conformismo. Seu guia e chefe iluminado, visto como a reencarnação de Maomé, deve portanto, ser privilegiado: a ele se concede o monopólio, as dores **de** cabeça da Nação.

Para o segundo escalão de ministros, para a pequena burocracia da revolução, para toda a fauna de chefetes e secretários, a falta do segundo volume do *Livro Verde* (réplica do vermelho maoista) por muito tempo funcionará como desculpa para sua inoperancia e ineficiência. Para a sua tendência de deixar tudo para amanhã. Para sua inacapacidade de organizar e executar até mesmo o mais simples, como o programa social de uma festa de aniversário da revolução.

Essa gente acomodada e displicente, que pretende resolver tudo e conquistar a simpatia do mundo evitando a palavra não, prometendo o que não fará, é o pior espetáculo da revolução do *Fatah*. E' a mais insensível e a menos útil.

A eles parece destinado o que é mediocre na revolução: A operação da censura de revistas estrangeiras que cheguem com mulheres nuas (que para não ofender o pudor devem ser cobertas de tinta preta). O confisco de máquinas de escrever e de qualquer texto (mesmo de um conferencista brasileiro convidado pelo Governo) que tente entrar na bagagem dos que estão chegando a Tripoli. Tudo o que complica, diminui ou emperra o funcionamento da máquina do Governo.

Devem ser também os que mais contribuem para acentuar e agravar as contradições do kadhafismo. Como aquela de ver no mesmo palanque destinado às grandes personalidades, aos hóspedes ilustres do oitavo aniversário, quase lado a lado, o Dr. Georges Habashe, lider terrorista palestino, e o advogado Michele Pappa, um boss de 150 quilos da Máfia de Catania. Ambos tratados com a mesma atenção, talvez merecedores dos mesmos cheques de solidariedade e apoio da Libia.

As ambições teóricas do "Irmão Coronel"

Uma acusação que não pode ser feita ao Coronel Muammar Kadhafi é a de incoerência. Desde os primeiros comunicados da revolução, redigidos e lidos por ele mesmo, o Coronel informou claramente sobre a Libia de seus sonhos. Antecipou-a socialista a seu modo, alheia a qualquer doutrina, confiante na evolução da história destinada a transformá-la de país subdesenvolvido e mal governado, num país progressista, pronto a lutar contra o colonialismo e o imperialismo, disposto a socorrer as nações ainda colonizadas.

Tudo isto foi dito horas depois da deposição do Rei Idris, e vem sendo cumprido pelo Coronel. As vezes com exageros, com açodamento, mas sempre em nome de um princípio de coerência, que se repete e se generaliza no seu último discurso, quando o Coronel diz que hoje a Libia é a segunda pátria, continua com suas portas abertas a quantos lutarem contra a opressão no mundo.

Os três conceitos fundamentais de sua revolução foram expostos nas primeiras horas de seu Poder. "Por liberdade, entendemos uma liberdade ao mesmo tempo individual e nacional, que elimina a pobreza, o colonialismo, a presença em nosso território de tropas estrangeiras. Por unidade de todos os povos árabes, que possa exprimir-se sob a forma de um único grande Governo árabe ou sob a forma de uma federação de **pequenos** Governos, dependendo das circunstancias. Por socialismo, enfim, entendemos antes de mais nada um socialismo islamico. Somos uma nação muçulmana: respeitaremos, em consequência, como nos manda o Alcorão, o princípio da propriedade privada, inclusive quando se trate de propriedade hereditária. Mas o capital nacional gozará de privilégios, de modo a poder contribuir para o desenvolvimento do país".

DEMISSÃO NEGADA

Nestes oito anos o Coronel amadureceu, perdeu muito de seu ingênuo idealismo; dizem que sofreu grandes crises existenciais em consequência das desilusões que experimentou na prática da grande politica e na convivência com outros líderes. Muitas vezes voltou ao deserto, recorreu à solidão e ao silêncio das noites e dos dias do deserto em que nasceu para refletir e retemperar-se.

Sua renúncia aos titulos e às galas do Poder vem seguindo um processo de evolução. Um titulo ao qual ainda não renunciou foi ao de Coronel, o único, a maior patente do Exército libio. Em julho de 1973 chegou a demitir-se da Presidência da República. Superada essa crise, por uma recusa do Conselho da Revolução ao seu pedido de demissão, em abril de 1974 ele insistiu e deixou toda a responsabilidade da Chefia do Governo com o Major-Comandante Abdel Salam Jalloud, seu indefectivel segundo homem. Preferiu dedicar-se com maior disponibilidade e ardor à missão de politizar "seu povo", em sua maioria beduinos, pastores de cabras e pequenos mascates da Libia.

Hoje, desde março deste ano, a única função que o Coronel exerce é a de secretário-geral do Congresso Geral do Povo, a mais alta hierarquia da Jamairia. Primeiro dos cinco *irmãos* sobreviventes da conspiração, que formam o secretariado do Congresso Geral, todos eles em nivel de Ministro.

A Jamairia libia é o produto acabado da revolução cultural formulada pelo Coronel nas 41 páginas do **Livro Verde**, que teve seu primeiro volume concluido e publicado há menos de um ano. Uma sintese didática da **terceira via** ou **terceira teoria** definida pelo próprio Kadhafi como sistema inspirado numa formulação de principios econômicos, politicos e sociais.

O Coronel nunca foi homem de contentar-se com pouco. A revolução de 1969 ele praticamente iniciou-a 10 anos antes, nos tempos de escola secundária, antes de escolher e ingressar na Academia Militar, que viu como o centro adequado, o melhor terreno para sua ação conspiratória e para o recrutamento de outros revolucionários.

Uma das grandes ambições do Coronel é a de ver-se respeitado como grande ideólogo. Dos poucos **hobbies** e prazeres que se concede, como chefe da oitava potência petrolifera do mundo, O reconhecimento que esperaria da história: de incluí-lo e aceitá-lo entre os grandes pensadores politicos do século.

"No plano econômico" — diz ele — "a **terceira teoria** se fundamenta no socialismo. Diante dos dois sistemas — comunista e capitalista — estamos procurando elaborar um terceiro, que se distinga de um **o** outro. Se é verdade que o capitalismo, dando rédeas soltas ao indivíduo, sem qualquer restrição, transformou a sociedade numa verdadeira e autêntica bagunça, a pretensão comunista de encontrar solução para os problemas econômicos pela supressão total e definitiva da propriedade privada terminou por transformar os indivíduos num rebanho de ovelhas".

Dai a utilidade e a oportunidade que o Coronel vê para a sua **terceira via**, ou **teoria**. Algo de muito singelo e conciliante, que **ele explica** assim: "Nós não levantamos qualquer obstáculo à vontade do individuo. Preconizamos um socialismo que, permitindo à natureza humana desenvolver-se harmoniosamente e fazer-se fonte de criatividade constante, consiga resolver todos os problemas da sociedade. Nosso socialismo autoriza a expropriação por motivos da utilidade pública, como a nacionalização, da mesma forma que dispõe da faculdade de impor certas restrições à propriedade... Enfim, um socialismo inspirado e modelado pelas circunstancias que a sociedade enfrentar".

No dia 2 de março deste ano, reunido em Cahira-Sebba, o Congresso Geral do Povo, conduzido pelo Coronel, institucionalizou tudo isso. Proclamou que o nome oficial da Libia passava a ser Jamairia Arabe Libia Popular Socialista. O Corão é a fonte essencial da sua legislação. O poder popular direto é a base do seu regime politico. O povo exerce seu poder através dos congressos e dos comitês populares, dos sindicatos, uniões e ligas profissionais e, naturalmente, em última instancia, através do Congresso para "garantir e afirmar a marcha da revolução na direção de uma sociedade em que o homem possa realizar sua libertação". Tomou-se ainda a decisão de escolher para seu "pensador-revolucionário e mestre-condutor o Irmão Coronel Muammar Kadhafi, intérprete e agente do poder das massas".

O PETRÓLEO PAGA

A revolução libia é uma das poucas que pode se dar ao luxo de errar muito. Segundo o conhecimento que hoje se tem de suas disponibilidades, as reservas petroliferas podem durar ainda mais 30 anos. Hoje os técnicos e economistas das 12 empresas que operam a exploração do petróleo libio — entre elas, a Braspetro, em três áreas da bacia do Sirte e no Murzuk, um mundo de areia pura — não discordam da avaliação em dólares dessas reservas conhecidas.

O petróleo conhecido e debaixo da terra na Libia — concentrado em 99% na bacia do Sirte — hoje vale 500 bilhões de dólares. Dez vezes o Produto Nacional Bruto do Brasil.

Riqueza fabulosa, que faz do Coronel Muammar Kadhafi um homem incômodo e perigoso demais. Principalmente para o Ocidente que até aqui não conseguiu descobrir e trabalhar o terreno vulnerável desse puritano, um poderoso muito pouco humano, capaz de resistir ao que o mundo oferece de mais belo e ameno: mulheres, vinhos e contas em bancos suiços.

Um caráter que é exatamente o oposto do Major Abdel Salam Jalloud, dois anos mais moço do que o Coronel, grande negociador, um populista que agrada à elite das finanças e corteja uma base operária. Jolloud é um jovem de 33 anos capaz de rir — impulsivo e espontaneo, ao ponto de fazer imprevisíveis e frequentes viagens a Paris e Roma para fugir à rotira monástica de Tripoli. Personagem no qual muitos já começam a identificar o futuro Sadat do Coronel Kadhafi.

Pequim/Nova China-AP

Coberto por uma bandeira, corpo de Mao foi mostrado ontem pela primeira vez nos jornais

Senado não debate Canal este ano

Washington — O líder da maioria democrata no Senado, Robert Byrd, afastou ontem qualquer possibilidade de que o tratado sobre o Canal de Panamá venha a ser ratificado ainda este ano no Senado: "Quem pensa que o tratado será apresentado antes de janeiro ou fevereiro do ano que vem só pode estar sonhando", declarou.

Byrd, cuja posição é considerada pelo Governo como crucial para a aprovação do tratado, disse que "pessoalmente ainda não tomou nenhuma decisão, pró ou contra, sobre um assunto de tanta importancia".

Sem paixões

Há semanas, o Senador vem dizendo que na atual sessão do Congresso, o Senado deverá se ocupar de importantes projetos de lei do programa de energia de Carter. "O Senado não pôde examinar o tratado em setembro nem poderá em outubro; em novembro já não estaremos aqui," declarou Byrd, ao explicar porque não pretende apresentar o assunto antes do final do ano.

Acrescentou que o julgamento do tratado deverá se basear "nos méritos e não nos clichês ou nas reações apaixonadas." Advertiu, também, para "o uso de frases emocionais e pressões durante os debates".

Para o Senador, se o tratado fosse apresentado agora, às pressas, ao Senado, seria rejeitado. Ele e o líder republicano Howard Baker manifestaram apoio aos líderes da Comissão de Relações Exteriores do Senado para que as audiências, que começarão nas próximas duas semanas, sejam minuciosas.

China prepara revisão do pensamento político de Mao

Fox Butterfield
The New York Times

Hong-Kong — Num importante editorial para comemorar o primeiro aniversário da morte de Mao Tsé-tung, os novos líderes chineses deixaram entrever ontem que estão em preparo as bases teóricas para reinterpretar seu pensamento político.

O editorial salientou que as diretivas de Mao eram algumas vezes contraditórias e advertiu para a necessidade de interpretá-las "dentro do contexto apropriado".

Justificações

"Não devemos usar mecanicamente citações extraídas dos ensinamentos do Presidente Mao sem levar em conta o momento, o local e as circunstancias", diz o editorial. "As declarações sobre uma determinada questão em momentos e circunstancias diferentes algumas vezes divergem".

O editorial de ontem permitirá a Pequim explicar mais convincentemente por que Teng Hsiao-ping, vice-presidente do Partido Comunista, foi reabilitado em julho último, apesar de Mao, num de seus últimos atos políticos, ter ordenado em abril de 1976 que ele fosse expurgado. Permitirá também a Pequim justificar perante alguns chineses relutantes a nova ênfase dada pelos líderes do país à produção e aos lucros na indústria, e à experiência na ciência e educação, embora Mao parecesse se opor a isso em seus últimos anos de vida.

Essas justificações são importantes, porque os novos líderes se defrontam com a tarefa difícil de, simultaneamente, preservar o legado de Mao, como fonte vital de legitimidade para seu Governo, e modificar algumas de suas políticas menos bem-sucedidas.

O editorial apareceu ao mesmo tempo nos três principais órgãos oficiais chineses: no jornal do Partido, *Jenmin Jih Pao (Diário do Povo)*, no jornal do Exército, *Chiehfang Chun Pao*, e no jornal teórico, *Hungchi*. Os editorais conjuntos são considerados como os pronunciamentos finais e com mais peso de Pequim, e usados como texto em aulas políticas em todo o país.

Teng reitera afastamento dos EUA

Tóquio — Em sua segunda crítica aos Estados Unidos numa semana, o Vice-Presidente da China, Teng Hsiao-ping, disse que as conversações mantidas pelo Secretário de Estado norte-americano Cyrus Vance, mês passado, em Pequim, foram "um passo atrás" no processo de normalização das relações entre os dois países.

Segundo a agência japonesa de notícias Kyodo, numa reunião de duas horas com membros do Parlamento do Japão, Teng desmentiu versões norte-americanas, segundo as quais líderes chineses haviam manifestado a Vance indícios de flexibilidade em relação ao problema de Formosa. Teng teria dito, numa alusão à China e a Formosa, que os Estados Unidos "estão jogando com duas cartas".

Lembrando Ford

Teng frisou que a China não poderia tolerar tal visão de Carter na busca de relações diplomáticas plenas, numa aparente referência à posição de Pequim, para quem Formosa é um problema interno chinês, que não permite interferência externa. Finalmente, Teng teria reiterado que as formulações de Vance em Pequim constituíram um passo atrás em relação à posição adotada pelo Presidente Gerald Ford.

Em Pequim, foi divulgado um texto inédito de Mao Tsé-tung, intitulado *Sobre a questão de se o imperialismo e todos os reacionários são tigres verdadeiros*, datado de 1.º de dezembro de 1958. Nesse texto Mao defende a tese de que "o imperialismo e todos os reacionários são ao mesmo tempo tigres verdadeiros e tigres de papel", pelo que é necessário "desprezar o inimigo, estrategicamente, e levá-lo muito em conta, taticamente."

Noruega elege novo Parlamento

Oslo — O Partido Trabalhista sairá reforçado das eleições parlamentares que se realizam hoje e manhã na Noruega mas seu aliado no Governo, a Esquerda Socialista, perderá várias cadeiras, o que significará o fim da coligação atualmente no Poder, segundo as últimas pesquisas de opinião divulgadas em Oslo.

O fracasso se deveria a uma reação popular contra a Esquerda Socialista, cuja campanha contra a Organização do Tratado do Atlântico Norte — OTAN — desagradou ao eleitorado. Os trabalhistas conseguiram manter-se no Governo com a maioria de apenas um voto no Parlamento.

Sindicalistas soviéticos vão aos EUA

Washington — O Departamento de Estado informou ontem que aprovou a visita, aos Estados Unidos, de quatro representantes sindicais soviéticos, decisão que contraria a orientação mantida pela central sindical norte-americana — a AFL-CIO.

John Trattnor, porta-voz do Departamento, declarou que o Governo Carter decidiu, no mês passado, conceder os vistos e que a autorização final foi dada há alguns dias. Os quatro sindicalistas foram convidados pela União pela Ação e Democracia, organização com sede em Chicago, que anuncia a chegada dos soviéticos para terça-feira próxima.

Zaire quer condenar ex-Ministro

Kinshasa — O promotor do Tribunal de Segurança do Zaire pediu ontem a pena de morte para o ex-Ministro das Relações Exteriores Nguza Karl-I-Bond, acusado de "alta traição", atentado contra a segurança interna e ofensa ao Chefe de Estado, General Mobutu Sese Seko — "crimes cometidos durante a fracassada invasão de Shaba".

Nguza Karl-I-Gonde, que rechaçou as acusações, até 13 de agosto último, quando foi preso, era considerado a segunda figura do regime instaurado no país por Mobutu porque, além de Chanceler, acumulava a vice-presidência do Conselho Executivo Nacional — órgão máximo do Governo zaireano.

Somália admite intervenção

Nairóbi — Ao admitir pela primeira vez que está envolvido na guerra pela conquista do deserto etíope de Ogaden, o Governo somali anunciou ontem que dará apoio "total e aberto" as forças pró-Somália que lutam na área. Adis-Abeba, por sua vez, para melhorar o desempenho das tropas na grande contra-ofensiva que desencadeou, fez diversas mudanças nos comandos militares.

A rádio Mogadiscio revelou que caças-bombardeiros F-5 da Força Aérea etíope bombardearam Hargeisa, perto da fronteira, principal base de suprimentos da Frente de Libertação da Somália Ocidental (FLSO), mas apenas um avião cargueiro soviético sofreu danos com a incursão.

Amorinópolis/GO

Caminhões-sonda comprovaram a existência de urânio em quase toda a área do município

Urânio traz esperanças de vida nova para três regiões

De acordo com decreto baixado pelo Presidente Geisel no dia 6 do corrente, há três polos de prospecção de uranio no Brasil: em Poços de Caldas, Minas Gerais; em Amorinópolis, Goiás, e em Figueira, Paraná. Em Poços de Caldas, após 29 anos de pesquisas, foram localizadas 30 jazidas de uranio, além de uma grande mina de tório.

Esas jazidas estão disseminadas numa área de cerca de 400 quilômetros quadrados e a que concentra as maiores atenções da Nuclebrás é a do Campo do Cercado, a 30 quilômetros do centro de Poços de Caldas, no Município de Caldas.

Descoberta

O uranio de Poços de Caldas foi descoberto pelo engenheiro Resk Frayha, que colheu minério de zircônio na região, em 1948. As análises de laboratório confirmaram que o minério continha uranio. Como o teor era inferior a 1% os técnicos brasileiros não deram importancia à descoberta. Mas em 1950, um dos diretores do Geological Survey, dos Estados Unidos, esteve em Poços de Caldas e levou para os EUA uma coleção de minérios de zircônio da região.

O engenheiro Resk Frahya conta o que aconteceu, três anos depois: "É, santo de casa não faz milagre mesmo. Em 1953 o geólogo americano Max Hite escreveu uma carta ao presidente do Conselho Nacional de Pesquisas do Brasil, Almirante Álvaro Alberto, comunicando que havia analisado as amostras de Poços de Caldas e que eles continham uranio no teor de 0,5% a 1% e dizendo que, de acordo com a quantidade de minério, a descoberta tinha grande significado econômico".

"A partir desta carta" — prossegue — "houve um grande interesse do Governo brasileiro e foi feito um convênio com o Geological Survey". Durante pouco mais de um ano, os geólogos americanos Max White e Jean Tolbert e o engenheiro Resk Frayha realizaram o primeiro trabalho na área, com o levantamento aerofotogramétrico do planalto e um estudo preliminar. Depois que os geólogos voltaram para os EUA, o engenheiro Frayha continuou as pesquisas, fazendo sondagens e perfurando praticamente todos os campos. "Quando se criou a Comissão Nacional de Energia Nuclear, todo o mapeamento preliminar já estava feito" — diz.

Ex-assessor técnico da CNEN, ex-chefe da Residência da Companhia de Pesquisas de Recursos Minerais em Poços de Caldas, e hoje aposentado, o Sr Frayha explica que as jazidas de uranio estão localizadas no Centro-Sul do planalto de Poços de Caldas, formando uma provincia geo-mineralógica de 800 quilômetros quadrados, na divisa do Sul de Minas com o Estado de São Paulo.

Conta que há dois tipos de uranio na região: o associado ao zarcônico, com teor médio de 0,4%, cujo processo de extração é mais dispendioso; e o associado ao molibdênio, com teor médio de 0,2%. O engenheiro Frayha diz que tanto o zircônio quanto o molidênio têm grande aplicação em ligas especiais de aço.

"Embora não se possa desprezar o uranio associado ao zircônio, as atenções da Nuclebrás se concentram atualmente no uranio associado ao molibdênio, havendo duas jazidas conhecidas: a do Campo do Cercado, no Município de Caldas, onde deverá ser construída uma usina para a extração do uranio; e a do Campo do Agostinho, no Município de Poços de Caldas" — diz.

Preocupação

O Sr Resk assegura que a CNEN tem uma equipe de alto padrão, mas admite que a preocupação da Prefeitura de Poços de Caldas está ligada à possibilidade de que rios da cidade sejam poluidos, principalmente o rio das Antas, futuro abastecedor do município.

O Secretário de Planejamento de Poços de Caldas, Sr Roberto Oliveira, afirma que "já existe uma equipe que, há um ano, estuda o assunto. A Prefeitura colabora apenas no fornecimento de plantas e de algumas informações. Mas eles dispõem de plantas muito mais minuciosas que as nossas".

Segundo ele, "os efeitos das pesquisas do uranio na vida de Poços de Caldas são apenas indiretos. O mercado de empregos está melhor, porque eles pagam bons salários e contratam serviços de empresas locais, principalmente empreiteiras, pessoal de segurança e pessoal administrativo. Existe até uma certa concorrência na mão-de-obra, particularmente na área da topografia, pois os salários são mais altos".

"De um modo geral — conclui — o comércio é beneficiado. Eles contribuíram, também, para a inflação imobiliária que aconteceu na cidade, em função do desenvolvimento industrial. Com a instalação de várias indústrias, o preço dos aluguéis se multiplicou por 10 nos últimos cinco anos. Hoje, um apartamento de dois quartos é alugado por Cr$ 5 mil, enquanto uma casa, com garagem para dois carros, custa Cr$ 17 mil por mês".

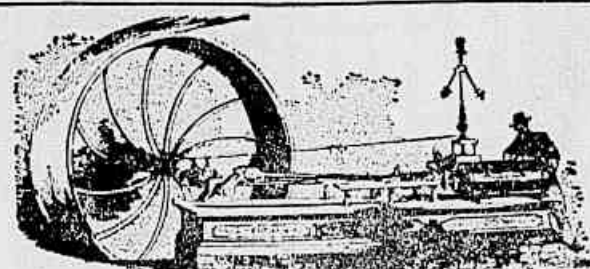
Segurança

Localizada a 30 km do centro de Poços de Caldas, na estrada que liga a cidade a Andradas, a jazida do Campo do Cercado é protegida por rígido esquema de segurança. Nenhuma informação é dada pelos técnicos, no local, sem autorização expressa da diretoria da Nuclebrás.

Cinco quilômetros antes, na mesma estrada, fica o campo de Agostinho, onde há uranio associado ao molibdênio. Até 1975, a área, de 226 ha, pertenceu ao fazendeiro Agostinho Afonso Junqueira, herança de seu pai, Tenente Agostinho Afonso Junqueira, que a herdou do Coronel Agostinho Junqueira, um dos fundadores de Poços de Caldas.

Com a abertura da estrada para Andradas e com as pesquisas em busca de uranio, ficou difícil o transito de gado e por isso o Sr Agostinho Junqueira vendeu sua fazenda ao Governo federal, em 1972. O preço que pediu foi de Cr$ 450 a Cr$ 500 mil, mas a CNEN pagou "apenas uma indenização simbólica de Cr$ 35 mil, pelo tempo que explorou a terra, embora a indenização correta fosse de Cr$ 350 mil" — diz o Sr Agostinho.

Dono de outra fazenda, também em Poços de Caldas, onde além de criar gado cultiva café, o Sr Agostinho conta que levou mais de dois anos para vender suas terras, "pois os interessados, ao saberem da possibilidade da extração de uranio, ficavam receosos, temendo a desapropriação, e desistiam do negócio".

Casado e pai de três filhos, o Sr Agostinho não guarda ressentimento com a venda da área "porque já não pertence a um Junqueira". Para ele, a descoberta do uranio "foi motivo de alegria, principalmente porque o nome Poços de Caldas foi mais divulgado e é tido, hoje, como a capital do uranio".

Máquinas assustaram Amorinópolis

A 240 km de Goiania, na região conhecida pelo apelido de Mato Grósso Goiano, uma cidadezinha de 5 mil habitantes, com 780 casas, viu surgir repentinamente pessoas estranhas, acionando sondas e outras máquinas, fato que o fazendeiro Antônio de Paula considera um "flagelo. Eles destroem cercas, pastagens, plantios e removem terras". E só há pouco o Prefeito de Amorinópolis, João dos Santos, que os habitantes chamam de **João Perna Torta**, conseguiu entender a razão da **invasão**: "E' uma pesquisa de um tal de uranio".

A notícia de que havia sido constatada a presença de uranio em quase toda a área do município (539 km2) envaideceu a população de Amorinópolis. Um sonho de riqueza contagiou os habitantes a ponto de converterem o desfile de 7 de Setembro numa espécie de **parada do uranio**. Para o ano que vem, o diretor da rede escolar local, professor Jayme Esteves Pereira, pretende escrever, em letras garrafais, uma grande faixa com os dizeres: **Seja bem vindo à terra do uranio.**

Os técnicos da Nuclebrás, em Goiania, têm ordens para não fornecerem informações a respeito das pesquisas, mas o superintendente da Metago — Metais de Goiás — Sr Arlindo Gaudie Fleury, que mantém contato com a Nuclebrás para prospecção de outros minerais, diz:

"Tenho informações de que o uranio de Amorinópolis é de boa qualidade e de que se trata de uma das maiores jazidas, embora não conheça a delimitação da área. Soube também que sua exploração é mais econômica que a do uranio de Poços de Caldas, porque, enquanto lá o mineral é protegido por uma crosta espessa de terra, aqui o material aflora à terra. Não vejo inconvenientes em falar sobre o andamento das pesquisas pois eu, em Poços de Caldas, vi tudo sem maiores problemas".

Por que o nome Amorinópolis? Responde o Prefeito João dos Santos, 40 anos, pai de cinco filhos, bebendo cachaça no bar do professor Orlandino que há 17 anos ensina matemática: "E' uma homenagem ao antigo chefe político desta região, Israel de Amorim. Ele foi tão influente que Israelandia é outra cidade em sua homenagem".

O Prefeito diz que se o município ficar com pelo menos 1% do Imposto Único sobre Minerais, "nossa receita atual de pouco mais de Cr$ 2 milhões vai subir suficientemente para eu pavimentar toda a cidade" (as ruas são de barro batido. O desfile de 7 de Setembro teve de ser adiado para a tarde por causa do lamaçal provocado pela chuva da manhã).

Há uma velha rixa entre Amorisópolis e Iporá, distantes apenas 27 km. Enquanto em Iporá os habitantes dão péssimas informações dos rivais, em Amorinópolis todos se ufanam porque a cidade tem uranio e a outra não.

O pessoal urbano de Amorinópolis está empolgado com o uranio, mas os da zona rural só têm queixas a fazer. Segundo os agricultores, os funcionários das empresas contratadas para a prospecção e sondagem do solo dizem que são enviados do Governo federal e invadem as propriedades com as máquinas de sondagens, usando tratores de esteira para derrubar cercas de arame farpado que marcam as divisas das fazendas e das chácaras. Um dos donos da Fazenda Buritizal, distante 12 km da cidade, já chegou a apelar para o advogado de uma das empresas de mineração que trabalham na área para que a empresa consertasse os estragos que fez, mas em vão.

Outro proprietário, Sr José Pires, conseguiu uma indenização pelo plantio de milho que "os uranianos" destruíram em sua propriedade. Indenização que, de acordo com seu vizinho João Leão, foi inferior em Cr$ 17 mil ao valor da produção estragada.

O secretário da Prefeitura de Amorinópolis, João Bento da Silva, teve o privilégio de ver as sondas funcionando. Mas isso em troca de um favor que fez para um dos funcionários de uma das empresas pesquisadoras. "Eles são muito fechados" — diz — "não gostam que a gente se aproxime dos aparelhos. Eles não dizem nada, mas a gente sabe que eles não gostam".

A 350 km ao Nordeste de Curitiba fica o Município de Figueira, do distrito de Curiúva. E' um lugarejo p equeno, pobre, mas agora esperançoso de progresso, com as informações de que há uranio na região.

O Prefeito de Curiuva, sede do distrito, Sr Geraldo Garcia Molina (MDB) pretende entrar para a história: "A transformação do distrito em área de segurança nacional é o principal para nós porque só assim Figueira se desenvolveria. Com isso eu entraria para a história porque seria o último prefeito eleito diretamente no município".

A vida econômica de Curiuva e Figueira se baseia na mina de carvão da Companhia de Mineração Cambui e na Usina Termelétrica da Companhia Paranaense de Eletricidade. Mas, recentemente, três fatores vieram trazer esperanças de progresso para a região: a chegada de técnicos da Nuclebrás em 1975, que comprovaram a existência de uranio, e duas cartas recebida pelo Prefeito Geraldo Garcia Molina.

A primeira delas, da agência da Nuclebrás em Curitiba, pedia que ele tomasse providências para melhorar e manter em perfeitas condições a pista de terra batida do pequeno aeroporto, localizado dentro das propriedades da Companhia de Mineração Cambui. A segunda, de um militar de Jacarezinho, no Norte do Estado, classificada de **confidencial**, pedia que o Prefeito preparasse o ambiente para a chegada de técnicos que vão trabalhar na região, na maioria estrangeiros.

Tudo indica que as maiores reservas de uranio da região estejam localizadas na fazenda Cambui, cuja proprietária, Dona Maria de Barros, filha do ex-Governador de São Paulo, Adhemar de Barros, é também dona da Companhia de Mineração Cambui. Nos 2 mil alqueires da fazenda, foram perfurados centenas de poços, com profundidade média de 100 a 200 metros, pois as jazidas de carvão estão localizadas neste nível e, segundo habitantes que assimilaram informações dos técnicos, o uranio fica numa profundidade semelhante à do carvão. João Maria da Cruz, um crioulo alto e forte de 37 anos, que trabalhou como motorista para a CPRM na época em que se intensificaram as pesquisas em Figueira, disse que os melhores sinais obtidos pelos medidores foram em amostras colhidas na fazenda de Dona Maria de Barros. "Por isso acho que a maior parte das reservas está nestas terras".

Se a esperança de progresso é grande, a incerteza não é menor: os habitantes de Figueira não fazem a menor idéia do dia em que chegarão os técnicos. Mas isso não impede que alguns façam seus planos. João da Cruz, por exemplo, garante que tão logo "venham os engenheiros e geólogos para cá, eu vou garantir novamente meu emprego de motorista, pois sou amigo de todo o mundo".

Já o Prefeito Geraldo Molina afirma que precisa "examinar a legislação e ver se a exploração de uranio tem algum imposto semelhante ao arrecadado pela Prefeitura com o carvão, pois se tiver, o município vai ser beneficiado com o dinheiro que vai entrar".

E conclui: "Se os técnicos chegarem logo, não teremos nada a oferecer a eles, senão as máquinas de terraplenagem, pois nem estrutura de habitação temos aqui. Mas com o uranio, a Prefeitura de Curiuva poderá mudar muito. Por enquanto, ela é só de um tamanho suficiente para ajuntar bastante papel, mas dinheiro que é bom não aparece".

O distrito de Curiuva, incluindo Figueira, tem 25 mil habitantes e um orçamento previsto para este ano em Cr$ 6 milhões. As condições de vida são precárias para os habitantes e piores ainda para os visitantes: não há um só hotel na cidade, embora o Galo Vermelho seja rotulado como tal, porque seus cinco quartos estão permanentemente ocupados.

Professor pede lei nuclear

São Paulo — "A legislação brasileira sobre matéria nuclear deveria ser a mais avançada porque poderia conter toda a experiência dos outros países, que há mais tempo se preocupam com o problema". Essa é a opinião do professor de Direito Internacional, Sr Guido Fernando Silva Soares, consultor das Centrais Elétricas de São Paulo para assuntos nucleares e considerado um dos maiores conhecedores brasileiros do assunto.

Referindo-se ao anteprojeto de lei sobre responsabilidade civil por danos nucleares e sobre responsabilidade criminal por atos relacionados com as atividades nucleares, o professor Guido Soares ressalta que, além de uma norma de conduta interna, ela definirá o relacionamento contratual e extracontratual das entidades e empresas brasileiras com organizações e empresas estrangeiras. "Por isso mesmo ela merece um exame dos mais acurados", disse.

FALHA TÉCNICA

A legislação, encaminhada pelo Executivo para discussão no Congresso, na sua opinião, padece de uma "lamentável falha técnica", que é reunir num único documento normas de responsabilidade civil com normas de responsabilidade criminal, que trata de ilícitos penais no campo da energia atômica.

A primeira parte da legislação, conforme explicou, define o aspecto de reparação do dano, matéria que, no Brasil, normalmente está regulada no Direito Civil, enquanto a segunda parte trata do ilícito criminal, "que deveria ser apêndice de um código de segurança".

Movimento estudantil recua em busca de organização

Crédito Educativo em menos de dois anos já deu bolsas a 300 mil universitários

De janeiro de 1976, quando foi criado, até agora, o Crédito Educativo já forneceu bolsas para 300 mil universitários, ou seja, 23% do total brasileiro de alunos de nível superior. O dado foi verificado pela Caixa Econômica Federal, que semana passada começou a computar as inscrições nesse semestre.

"Um dos maiores programas de assistência ao estudante já executado no mundo", no dizer do Ministro da Educação e Cultura, Sr Ney Braga, o Programa de Crédito Educativo mobiliza este ano Cr$ 2 bilhões 900 milhões. Os resultados alcançados até agora, continua o Ministro, dão ao MEC a certeza de que é "muito bem recebido pelos universitários".

DADOS

A Caixa Econômica Federal começou semana passada a computar os dados sobre as inscrições neste semestre, encerradas no final de agosto. Até junho, 283 mil 912 estudantes recebiam a bolsa de anuidade, paga diretamente à universidade, e/ou a de manutenção, Cr$ 600 entregues ao estudante, por mês.

Os Estados do Nordeste são os que tiveram o maior número de inscrições, com 113 mil 379 contratos assinados. O destaque é da Paraíba, com a inscrição de 75,77% do alunado universitário do Estado.

Otimista com a receptividade do programa em todo o país, o Ministro Ney Braga disse que "o universitário está tendo uma compreensão nítida e plena de que só pretendemos ajudar". O MEC analisa as inscrições, inclusive, levando em conta sugestões de Diretórios Acadêmicos para aperfeiçoar o sistema, informou o Ministro. Uma já aceita foi a alteração do prazo de carência de um ano: o aluno de curso que exige especialização após a formatura, como a residência médica, tem agora dois anos para começar a pagar.

JUROS E COBRANÇA

O pagamento do Crédito Educativo começa um ano depois de terminado o curso, no mesmo prazo em que o estudante usou o empréstimo, isto é, se recebeu as bolsas durante quatro anos, tem outros quatro para pagá-lo. Há juros de 15% anuais, contabilizados semestralmente durante o período de utilização e no de carência. Dos juros, 12% se destinam à remuneração do agente financeiro e 3% a um fundo de liquidez movimentado com autorização do Banco Central para cobrir prejuízos por não-resgate. Até agora nem o MEC, nem a Caixa Econômica, estabeleceram critérios especiais para ação no caso de falta de pagamento do Crédito.

A CEF faria cobrança judicial, como último recurso; o contrato prevê um acréscimo de 1% ao juro regularmentar, a título de mora independente do aviso ou interpelação judicial. A pena, quando o caso for à Justiça, será 10% do valor total da dívida.

No MEC, entretanto, há quem defenda outras formas de pagamento da dívida, quando o estudante não encontrar recursos para saldá-la. Examina-se a hipótese de liquidar a dívida através da prestação de serviços em projetos do Governo. Entre os educadores e os financistas da Caixa Econômica ainda não se chegou a acordo sobre a sugestão.

A maior vantagem do Crédito Educativo apontada pelo MEC e pela Caixa Econômica, e o que distigue essa forma de operação financeira das demais, é a inexistência de correção monetária, além dos juros baixos.

O programa do Crédito Educativo começou no primeiro semestre de 1976 com recursos de Cr$ 193 milhões 600 mil. No semestre seguinte, os recursos subiam a Cr$ 504 milhões 800 mil e no primeiro semestre deste ano o programa contava com Cr$ 1 bilhão 292 milhões, passando a Cr$ 2 bilhões 900 milhões como reforço.

Dados da Caixa Econômica Federal sobre o movimento até junho, indicam que Norte tem 14 mil 762 estudantes beneficiados, Nordeste, 113 mil 379; Centro-Oeste, 20 mil 580; Sudeste, 91 mil 425; e Sul 43 mil 772. Dos 34 mil contratos assinados no Rio de Janeiro no início do ano, 31 mil foram renovados agora para o segundo semestre e foram firmados 9 mil 652 novos.

SUBVENÇÃO

Nas universidades agora já não há pressões significativas contra o Crédito Educativo, embora grupos estudantis continuem a se opor à expansão de programa. Para membros do Conselho de Representantes do Centro de Tecnologia da UFRJ, o Crédito Educativo está tornando-se uma forma de subvenção indiscriminada às Universidades e faculdades isoladas.

Segundo eles, o programa "artificializa o poder aquisitivo do estudante" para manter uma clientela farta para todas as instituições particulares de ensino, que, devido à expansão do ensino superior a partir de 1968, baseada em entidades privadas, corriam o risco de ficarem ociosas.

O mal continuam, é que o Governo subvenciona indiscriminadamente boas e más instituições, passando ao estudante, em última instancia, a responsabilidade de financiar todo o sistema.

Esta não é, entretanto, a preocupação do estudante que se inscreve no Crédito Educativo, como resumiu a aluna do curso de Psicologia da Universidade Gama Filho, Glória Ferreira: "O Crédito é bom por um único motivo, para mim: sem ele eu não poderia terminar meus estudos. Depois eu vejo como pagar a dívida, mas pelo menos já terei mais chance de arranjar melhores salários".

PROCEDIMENTOS

Duas vezes por ano, no início de cada semestre letivo, a Caixa Econômica Federal abre em todas as universidades e faculdades isoladas do País as inscrições ao Crédito Educativo: basta preencher uma ficha sob a orientação de estagiários, estudantes treinados por técnicos das instituições financeiras que participam do programa.

As exigências aos candidatos no momento da inscrição também são pequenas: aos maiores de 21 anos, carteira de identidade e de estudante; aos menores, carteira de identidade e CPF do pai ou responsável. Da ficha, os dados sobre a vida acadêmica são checados pela secretária das faculdades, fazendo-se amostragem para conferência dos outros dados pessoais.

A Caixa Econômica Federal, responsável pela seleção dos estudantes, centraliza em sua sede, em Brasília, as informações recolhidas dos candidatos do Brasil todo, através de computadores. Essa é a base para a seleção.

O processo de escolha dos bolsistas é considerado secreto pela CEF, que se limita a informar que usa apenas o critério de pobreza. O programa de computador permite 21 diferentes cruzamentos dos dados reunidos pelos candidatos, o que, garantem os técnicos da Caixa, é o bastante para detectar informações falsas.

Primeiros formam-se grupos do tipo aluno menor de idade não emancipado; aluno menor emancipado; aluno maior de idade com pai e mãe vivos; aluno órfão de pai; órfão de pai e mãe; aluno que aluno que reside com os pais; aluno que reside só, etc.

Formam-se três grandes blocos com o cruzamento dos grupos. O primeiro tem, por exemplo, aluno menor de idade, órfão de pai, sem casa própria, sem nenhuma bolsa-de-estudo; são os casos prioritários, que podem receber as duas bolsas.

No segundo grupo ficam os casos intermediários, nem pobres, nem ricos. O terceiro grupo é o dos não prioritários; exemplo: o aluno maior, mora com os pais, tem carro, casa própria o pai tem bom emprego, não trabalha, estuda em um único período do dia.

A classificação é por contagem de pontos, sendo que cada item recebe um valor definido. Esses valores não são divulgados para evitar que os candidatos dêem respostas conseguir o Crédito com maior facilidade, mesmo não o merecendo, o que é possível, já que a conferência é por amostragem.

O Ministro Ney Braga tem repetido que o movimento estudantil está em declínio, e é até possível pensar assim ao se comparar o agosto com as intensas manifestações de maio-junho. Mas essa não é a opinião das lideranças estudantis de São Paulo, Belo Horizonte, Brasília, Salvador e Recife, onde se desenvolve um trabalho interno que fortalece o movimento.

Após ter ficado de 1968 a 1976 em hibernação, pelo menos em termos de uma ação política mais agressiva, o movimento universitário voltou a ganhar expressão nacional no primeiro semestre, embora com oposição interna. O presidente de um Diretório Acadêmico gaúcho, por exemplo, condena "passeatas e balbúrdias, que são feitas por uma minoria e não levam a nada".

Reestruturação

Na semana passada foram convocadas três assembléias na Universidade de São Paulo para decidir a participação estudantil em manifestações no dia 7, mas pouca gente apareceu e nada ficou definido. Membros do DCE-Livre negam que seja sinal de um esvaziamento do movimento estudantil, pois acham que ele está aumentando.

Lembram as manifestações de agosto (na Faculdade de Direito e as passeatas no dia 23), a criação da União Estadual dos Estudantes de São Paulo, a decisão de se realizar o 3.º Encontro Nacional dos Estudantes no dia 21, em local não marcado.

Invocam também manifestações em cidades do interior (Campinas, S. Carlos e Ribeirão Preto) como sinal de que o movimento está forte, "ao contrário do que faz crer o balão de ensaio lançado pelo Ministro Ney Braga". Argumentam ainda que o movimento estudantil "não é apenas o que sai nos jornais, ou seja, as manifestações de rua. Em várias escolas se fazem movimentos em torno de problemas específicos. As manifestações divulgadas pela imprensa são apenas aquelas que têm eco na sociedade".

Lembraram ainda que é preciso também se preocupar com as aulas: "Um aluno que é apenas participante geralmente é mal visto pelos colegas. Essa dupla função é desgastante. Por isso é necessário um período de descanso e avaliação, para depois voltar e participar. Isso caracteriza um refluxo do movimento, nunca um esvaziamento."

Refluxo também notado em Belo Horizonte, onde as eleições (diretas) para o DCE da UFMG absorvem os esforços dos estudantes mais politizados, que se distribuem pelas correntes Liberdade, Centelha, e Reconstrução e Luta. De modo geral, as lideranças acham que o movimento agora procura estruturar o crescimento que houve no primeiro semestre.

Apesar das divergências, observa-se que as lideranças estão preocupadas principalmente em organizar suas entidades para criar mecanismos fortes de participação estudantil, "abrir espaços políticos", como disse um universitário. O fato das discussões enfatizarem a necessidade de um maior contato com "a massa dos estudantes" revela uma fraqueza do movimento, mas nada indica que ele tenda a terminar. Até porque se percebe uma genérica insatisfação pelo atual estado de coisas, o que serve de denominador comum para a maioria dos universitários e muitos dos professores.

Confrontação

Em São Paulo e Belo Horizonte a repressão policial teve efeitos distintos. Na Capital mineira, como na de outros Estados, o movimento estudantil inchou logo no início de maio, com os protestos contra a prisão de estudantes em São Paulo se alastrando da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG para toda a universidade, atingindo depois a Católica, a Fundação Mineira de Educação e Cultura e até colégios.

Na primeira manifestação pública na Faculdade de Medicina compareceram cerca de 5 mil pessoas, seguindo-se greve geral na UFMG e UCMG; no ato, a polícia ficou de longe. A seguir os esforços se concentraram no 3.º Encontro Nacional de Estudantes, marcado para junho. Foi um período de muitas discussões, com as lideranças se afastando progressivamente dos colegas, como afirmou um deles.

O 3.º ENE teve repercussão nacional e levou a Belo Horizonte estudantes dos principais Estados. O Encontro não se realizou e teve como saldo cerca de 850 detenções, dois inquéritos policiais (já estão na 4a. Auditoria Militar de Juiz de Fora), um inquérito administrativo na UFMG, o fechamento do DA da Medicina, e o reconhecimento, por parte das lideranças, "da fragilidade da organização estudantil mineira e a necessidade de rearticular as forças de base".

São Paulo foi a cidade que teve as principais, e em maior número, manifestações de rua, as quais os estudantes consideram positivas: sobre a de 23 de agosto os DCE da USP, PUC e Centro Acadêmico da FGV concluíram que "apesar de toda a repressão, o povo pôde sair e protestar contra a situação vigente".

Mas há críticas: "No dia 23, somente em poucos lugares foi possível distribuir as cartas-abertas. Por isso, para a população a manifestação pode ter parecido apenas uma gigantesca corrida de gato-e-rato da polícia contra os estudantes. Ficou difícil mostrar que a manifestação era em solidariedade aos companheiros presos de Brasília e Rio."

Nessa passeata verificou-se uma maior reação da população contra a polícia, com gente atirando dos prédios, na maioria escritórios, garrafas, água e objetos nos soldados. Os estudantes acreditam numa "identificação dos populares conosco", mas são contra uma reação dos participantes: "Nossas manifestações são pacíficas. Nós achamos injusta a violência policial, mas não vamos reagir, não só pela diferença de forças, mas também porque não é essa a nossa intenção."

Ostensiva

Dia 7 de setembro o Diretório Acadêmico da Universidade de Brasília distribuiu o manifesto *Por uma Verdadeira Independência*, e mostrou que o movimento estudantil no Distrito Federal parece estar contido apenas pela força de um esquema policial que há três meses tornou-se ostensivo, embora há mais de um ano atuasse discretamente na Universidade.

Nesses três meses, dentro e fora da UnB, a polícia gastou milhares de rolos de filmes, na tentativa de identificar agitadores e detectar "elementos estranhos" ao ambiente universitário. Cerca de 200 pessoas foram detidas, fichadas e advertidas, afastando-se da movimentação. A Reitoria também puniu com expulsões e suspensões, e por fim voltou-se a algo semelhante à normalidade.

A situação estudantil na UnB era delicada desde o início do ano: em janeiro, 38 alunos foram presos por reclamarem contra o aumento dos preços no restaurante universitário. O Reitor José Carlos Azevedo negava a existência de uma crise e evitava o diálogo com os alunos. Ao punir 16 em 30 de maio, devia imaginar que os ânimos aquietariam, como ocorrera em maio de 1976 (sete alunos expulsos, 12 suspensos).

No dia seguinte começaram a greve e as prisões. A UnB entrou em recesso por três dias e ao reabrir encontrou um movimento em ascensão. Transformada em questão política de grande importancia, a greve levou a novo recesso, de 32 dias, decretado pelo Reitor em 21 de julho, após contatos com o MEC e numerosas idas ao Palácio do Planalto. Por fim, 30 alunos foram expulsos e 34 suspensos, o que aumentou os protestos e a ação repressiva.

Até hoje tropas da PM continuam na UnB, ninguém prevendo quando sairão. O Ministro Ney Braga evita tocar no assunto, repetindo que garante a autonomia universitária.

Crescimento

Nas duas principais Capitais do Nordeste, Salvador e Recife, a questão do esvaziamento do movimento estudantil nem se coloca. Na Bahia a participação cresce muito desde o ano passado, quando houve sérios protestos na UFBA. Em Recife vive-se uma situação especial, pois só há algumas semanas o movimento se revigorou.

As lideranças baianas dizem que a participação é crescente, sendo contida, na maior parte dos casos, pelo medo da repressão. De qualquer forma, notam que nas últimas assembléias gerais os debates deixaram de serem centrados em uns poucos estudantes, para tomarem conta de todo o plenário. E destacam a adesão da Universidade Católica de Salvador, que sempre se mantinha à parte, mas agora está sempre representada nas reuniões.

O problema da repressão é abordado pelo secretário de imprensa do DCE-UFBA, Rui César da Costa: "O que pode muito bem refletir esta situação são as reuniões de Diretórios Setoriais que, quando são realizadas, conseguem atrair a grande maioria da escola. Mas em compensação, quando o ambito de uma atividade é mais geral, envolvendo toda a universidade, há uma retração e apenas 90% acompanham."

Em Recife, os estudantes contam que o movimento cresceu depois que a Reitoria ameaçou impugnar as eleições dos Diretórios Acadêmicos, caso houvesse manifestações no Dia Nacional de Luta. Até então a atitude fora de moderação e houve até, no auge das manifestações no Sul, a proposta de um diálogo com as autoridades (não realizado porque se rejeitou a proposta feita pelo Ministro da Educação: só quatro estudantes e sem pauta de assuntos).

Como em todos os Estados, há divergências no movimento de protesto, assim como uma bipolarização ampla entre os estudantes. Assim o presidente do Diretório da Faculdade de Filosofia de Recife, Priscilíano de Moraes, disse que a participação está chegando ao fim, pela ausência de líderes e pela falta de argumentos válidos entre os candidatos.

"O movimento estudantil não reflete o pensamento da maioria silenciosa pelo simples fato de que os estudantes são alienados, não têm garra. Se não tentam resolver seus próprios problemas, como podem ter condições para solucionar os da Nação? Ao invés de um somatório de esforços em busca de soluções através de meios viáveis, e este é o tipo de movimento que defendo, o que hoje em dia se interpreta como movimento estudantil são greves, passeatas, falta às aulas. E' como uma bolada: o primeiro que grita domina a situação."

Divisão no Sul

"Defendo o fim do movimento estudantil nos moldes de concentrações, passeatas e balbúrdias, que são feitas por uma minoria e não levam a nada. Acho que deve existir um movimento estudantil, mas que busque o diálogo, num trabalho construtivo e que beneficie questões específicas dos universitários", afirmou em Porto Alegre o presidente do DA da Escola Superior de Educação Física, Pedro Luís Lemos.

Na cidade, desde o início do ano, as mobilizações e concentrações universitárias reuniam cerca de 500 estudantes (a UFRS tem 15 mil), mas no Dia Nacional de Luta (23 de agosto), umas 2 mil pessoas enfrentaram o policiamento ostensivo com passeatas-relampago. Esse tipo de ação é defendido por 35% dos DA, liderados por quatro correntes, com seus opositores controlando outros 35%; os demais são indecisos.

Enquanto em Porto Alegre representantes dos dois blocos principais acham que o movimento permanecerá estacionário, em Curitiba as lideranças reconhecem que as manifestações começam a recuar, por falta de consciência política, por causa da repressão indireta da Reitoria da UFPR e também em consequência das divisões dentro das vanguardas.

Em Curitiba, apenas uma vez, em maio, uma assembléia chegou a ter mil pessoas, mas os estudantes lembram que havia uma forte pressão emocional, pois se protestava contra as prisões de universitários em São Paulo. No momento, as duas correntes mais ativas politicamente estão em conflito, o que paralisa o movimento estudantil.

Falta de tempo reduz participação no Rio

Universitários do Rio que não participam do movimento estudantil acreditam que esta e outras formas de manifestações políticas significam contestação ao sistema para o qual estão se preparando profissionalmente, e do qual esperam conseguir benefícios pessoais, a partir de um diploma.

A atitude silenciosa nem sempre significa desaprovação às manifestações estudantis. Os mais jovens alegam medo à repressão, falta de líderes mais firmes e desinformação. Já os de mais de 30 anos — a maior parte dos alunos das faculdades isoladas, principalmente nos cursos noturnos — dizem que não têm tempo nem para pensar numa participação política ativa.

MEDO E SEGURANÇA

Esse pensamento predomina nas faculdades isoladas, que, embora não tenham estudos para definir o tipo de aluno que as frequentam, atribuem todo o desinteresse ao fato de ele estar, geralmente, na faixa de 30 a 40 anos, trabalhando para sustentar a família e manter os estudos.

A explicação mais frequente dos estudantes dessas faculdades, inclusive os da Sociedade Universitária de Ensino Superior e Cultura (SUESC) — a única que mantém aberto um Diretório Acadêmico — é que todos fazem esforço para frequentar as aulas, pagando anuidades (ali, a maioria é de funcionários públicos, comerciários e bancários) e estudando no tempo que sobra ao trabalho, o que não lhes permite ficar na escola mais do que o necessário para assistir às aulas. Além disso, temem que a participação em algum movimento reivindicatório comprometa a segurança no emprego. O diretor acadêmico da Sociedade Educacional Nuno Lisboa, professor José Medeiros Nitchell, afirma que lá "não há agitadores e não existe, no país, movimento estudantil, porque essas manifestações que aí estão não têm cunho estudantil".

JUSTOS PROTESTOS

Mesmo aqueles que não participam de manifestações estudantis apóiam o movimento, desde que se mantenha como reivindicatório de melhorias de condições de ensino. Os alunos do curso de Medicina da Universidade Gama Filho, que pagam cerca de Cr$ 25 mil de anuidade, insistem no caráter apolítico de sua faculdade, mas admitem que, em outras universidades, as deficiências de ensino podem provocar justos protestos.

Mas, conforme disse o estudante Milton Mourão de Souza, do quarto ano de Medicina da UGF, "temos que ver a coisa no geral. Reivindicações em termos de infra-estrutura brasileira não competem ao estudante. Acho que há outras coisas que devem ter prioridade em suas reivindicações".

A discussão de assuntos políticos dentro das faculdades, entretanto, tem suas regras definidas e, conforme disse o diretor da Faculdade Brasileira de Direito, professor Darcy Villaça, "aqui o estudante tem toda a oportunidade para este debate nas aulas de Problemas Brasileiros, quando trata dos assuntos nacionais em alto nível e com as características que o Estado adota".

O Deputado estadual Francisco Gama Lima Filho (Arena), diretor-geral das Faculdades Integradas Celso Lisboa, faz questão de rassaltar que aos alunos, além das aulas, são oferecidas olimpíadas internas com distribuição de medalhas e troféus, e "participação na vida política do país como, por exemplo, no caso da assinatura do Acordo Nuclear Brasil-Alemanha, quando eu orientei os professores para que explicassem aos nossos estudantes por que o Governo estava com a razão".

Constatar a existência de problemas nacionais, entretanto, não é o bastante para levar o universitário a participar de manifestações, como é o caso de Carlos César Botelho, do primeiro ano de Medicina da Gama Filho. Diz ele: "Sabemos que no Nordeste, por exemplo, há muitos problemas de saúde, como a esquistossomose. Mas isto não se resolve da noite para o dia e, além do mais, tudo o que se pode fazer, está sendo feito pelo Governo. Então, por que contestar?"

Com ele concorda Henrique Braga, da SUESC. Bancário, 43 anos, Henrique afirma não ser contra as manifestações estudantis, mas delas não participa "porque isso é coisa de gente jovem, que sempre tem que se rebelar contra a sociedade para depois entender melhor como ela funciona e poder dela participar, que é, no fundo, o que todos querem. Se eu tivesse tempo e uns 20 anos a menos, talvez até fosse a esses atos públicos". Sua principal preocupação é se formar para "trabalhar menos e ganhar mais", e observa: "Se eu tivesse vontade e condições de participar de alguma coisa, seria de meu sindicato".

Já João Antônio Cordeiro, 22 anos e aluno do terceiro ano de Administração da Gama Filho, adiantando não saber o que está acontecendo no país porque só lê a parte de esportes nos jornais, acha que o movimento estudantil é formado de "pessoas desordeiras que querem tumultuar. A maioria é influenciada por uma minoria que perturba".

DIRETÓRIOS E POLÍTICA

São raras as Faculdades que permitem a criação de Diretórios Acadêmicos, pois temem que seus alunos passem a fazer política. Na Faculdade de Comunicação Hélio Alonso (Facha), apesar da apatia de grande parte dos alunos, um grupo está começando a organizar o DA, já tendo conseguido o apoio da diretoria. Para os estudantes, tal boa-vontade da administração tem como objetivo "açambarcar nossas reivindicações e criar uma relação de dependência, exercendo o controle sob a forma de paternalismo".

O prof. Gama Lima afirma não ser contra a formação de Diretórios mas nega que isso seja possível na Celso Lisboa, porque a entidade mantenedora não admite tal tipo de representação estudantil. "O ambiente aqui é ótimo, liberal, não temos inspetor de aluno nem bedel". Tentativa dos estudantes da faculdade em participar do movimento estudantil? "Não há, não pode haver, sempre que está marcada qualquer manifestação, como a concentração que se realizaria em frente à Assembléia Legislativa, eu chamo alguns alunos em quem mais confio e peço para sentirem, nas salas de aula, a reação que cada um está tendo em relação à manifestação. O que sei é que o aluno daqui está muito mais interessado em sua formação profissional".

Apesar da natural falta de interesse dos alunos por problemas políticos e em muitos casos até mesmo pelos problemas de ensino, os diretores das faculdades sentem-se mais seguros sabendo que podem contar com leis que lhes garantam o direito de punição aqueles que, por acaso, venham a perturbar a tranquilidade das salas de aula.

O diretor da Faculdade Brasileira de Direito, professor Villaça, admite a revogação do Decreto 477, mas acha que "o Estado deve ter meios para evitar a alteração da ordem e manter a situação de respeito todas as vezes que perceber interesses escusos nos movimentos dos estudantes". Adverte não ser a simples discussão política justificativa para a aplicação de ato punitivo aos alunos, pois, em seu entender, deve ser empregado quando "se usa uma entidade de ensino para fazer proseletismo".

Já o Deputado Gama Lima acredita que mais importante do que o movimento estudantil ou a política seja a formação cívica do jovem: "Há uns 30 anos participei do movimento estudantil e depois vi que minha energia tinha sido dispersada, e que os colegas que não se engajaram estavam profissionalmente melhores do que eu. Por isso, acho que se incentivarmos a formação de Diretórios os líderes irão se politizar".

Concentrações e passeatas são vistas por alguns como formas radicais de protesto e, conforme disse Renato Bastos, aluno de Medicina da Gama Filho, "são métodos de pressão inadequados ao nível do estudante". Para ele, "a mobilização da opinião pública em torno de um problema nacional só deve acontecer em situações extremas, quando o Governo demonstrar não ter condições de resolvê-lo, o que não é, pelo menos agora, o caso do Brasil".

Residentes na CEU querem o tombamento do prédio para impedir que a UFRJ o venda

Como a UFRJ não tem interesse em reformar o prédio da Casa do Estudante Universitário (CEU), porque é parte do patrimônio posto à venda, os residentes iniciaram campanha para levantar recursos. Também estudam a possibilidade de pedir o tombamento do prédio de quase 100 anos, na Avenida Rui Barbosa, sob o argumento de conservação da paisagem.

O prédio, que já abrigou a Escola de Enfermagem Ana Néri, foi construído no final do século passado para ser cassino e hotel de luxo, utilizando-se material da melhor qualidade. É por isso, dizem os estudantes, que resiste tanto tempo sem nunca ter sido restaurado, apesar de abandonado por muitos anos. O prédio tem 8 mil metros quadrados.

PROBLEMAS

O prédio está hoje em péssimas condições, com sérios problemas nas instalações hidráulica e elétrica, além do telhado. Os moradores aproveitam seus conhecimentos para fazer pequenos reparos, como os encanamentos e a fiação cuidada pelos estudantes de Engenharia, ou a conservação das obras de arte que ainda restam pelos de Arquitetura.

Avaliado há quatro anos em Cr$ 12 milhões (a área é das mais valorizadas da Zona Sul), o prédio deverá ser vendido pela UFRJ, apesar dos apelos dos moradores para que seja doado à CEU; a proposta também foi feita ao Estado. Os estudantes dizem que uma residência deste tipo é importante por causa da autonomia, e também porque permite "uma completa convivência entre os universitários".

Até agora os estudantes não receberam respostas oficiais, mas o MEC já fez duas sugestões: quando a UFRJ vender o prédio, seus moradores ganharão bolsas-de-estudo; ou serão transferidos para outro prédio federal, desde que eles encontrem algum desocupado.

QUESTÃO DE IMAGEM

Além do prédio, os moradores da CEU têm um outro problema: acabar com a imagem de que lá vivem desocupados e não estudantes. Admitem que isso ocorreu durante algum tempo, mas informam que passou a haver controle depois que perceberam os prejuízos e dificuldades gerados por tal situação. Agora só aceitam lá universitários que participem da vida da comunidade.

Por isso, os 70 residentes estão sendo divididos em grupos para realizar serviços comuns. Também pretendem manter na CEU diferentes atividades culturais, abertas ao público, com a utilização das duas salas de espetáculos, a dinamização do cineclube e a inauguração em breve de uma galeria de arte.

Reitor da Universidade de Brasília anuncia reinício das aulas em normalidade

Brasília — "O movimento grevista não conseguiu abalar a sólida estrutura em que se assenta a Universidade de Brasília", afirmou ontem nota distribuída pelo gabinete do Reitor José Carlos Azevedo, ao anunciar para amanhã o início do segundo semestre letivo, "em plena normalidade".

"'Um ambiente da mais absoluta tranquilidade" também é previsto pelo Ministro da Educação, Sr Ney Braga, para a UnB, que após um curto recesso regulamentar reiniciará suas atividades mobilizando 677 professores para o atendimento dos 9 mil 420 alunos matriculados em seus 35 cursos de graduação e 618 inscritos em 23 cursos de pós-graduação.

CAMPANHA

Embora as autoridades educacionais estejam confiantes na paz dentro da UnB, neste segundo semestre, diversos representantes do Diretório Acadêmico da instituição permanecem inconformados com as medidas tomadas pela Reitoria, nos últimos meses, protestando principalmente contra a manutenção de policiais dentro do campus e a infiltração de grande número de agentes à paisana entre os próprios alunos.

Algumas medidas acauteladoras para se evitar o ressurgimento de manifestações de grupos são, todavia, consideradas indispensáveis pelo Reitor José Carlos Azevedo, que mesmo antes de terminado o primeiro semestre deste ano já havia tomado a providência de reforçar esquema de vigilância interna da UnB, contratando mais 200 guardas fardados para garantir o patrimônio da instituição.

A influência de elementos estranhos também continua preocupando o Reitor, e a prova disto é a nota distribuída ontem por seu gabinete, onde se afirma que "a crise que enfrentou a Universidade de Brasília no primeiro semestre, depois de oito anos de tranquilidade e plena normalidade, nasceu fora do campo".

Esse documento, distribuído ontem à imprensa pela assessoria do Reitor, diz ainda que "no movimento de paralisação das aulas estiveram empenhados grupos não só de outros pontos do Brasil como também do exterior".

Regiões Metropolitanas não deram resultado previsto

Instituídos, em 1973, por lei federal, as Regiões Metropolitanas ainda não deram os resultados previstos, pelo menos no que se refere aos municípios vizinhos das Capitais, cujos prefeitos se queixam de que só elas recebem auxílios, porque seus prefeitos têm trânsito político em Brasília. Os desses municípios têm de recorrer aos conselhos da Região Metropolitana, cujas decisões ainda são julgadas por Brasília, e, muitas vezes, nem recursos têm para as viagens à Capital federal, quanto mais para obras.

Saneamento e transportes são as maiores reclamações dos prefeitos, que criticam a criação das Regiões Metropolitanas. Os responsáveis, porém, alegam que ainda é cedo para julgar se foi benéfica sua criação, porque os problemas eram muitos e foi preciso muito tempo para planejar as soluções. Os resultados, porém, são pequenos: São Paulo integrou o sistema de transportes, aumentou o abastecimento de água e elaborou lei de proteção aos mananciais.

Porto Alegre também alterou o sistema de transportes coletivos e está estudando um trem suburbano no eixo Norte da região. Curitiba não registrou nenhuma modificação nos 13 municípios e a Coordenação da Região Metropolitana só é sentida na publicidade oficial. Belo Horizonte não teve alterações significativas e a única lei aprovada foi para regular o uso do solo.

Salvador fez o Programa de Ação Prioritária da Região Metropolitana, elaborou estudos sobre o uso do solo e os transportes, concluiu a primeira etapa do Plano Metropolitano de Desenvolvimento e criou o Programa de Abastecimento Alimentar e o Parque Metropolitano de Pituaçu. E Recife, até agora, só criou um plano urbano geral.

Técnicos gaúchos confiam na obtenção de financiamentos externos para novas obras no sistema viário da Capital

Belo Horizonte tem uso do solo limitado

Belo Horizonte — Apesar de a Região Metropolitana ter sido planejada desde 1969, em nada alterou, de modo significativo, a fisionomia dos 14 municípios que a formam. No entanto, como consequência de sua criação, foi aprovada uma lei do uso do solo para Belo Horizonte, considerada — mesmo pelos maiores críticos da região — importante instrumento para o controle do desordenado crescimento da cidade.

O presidente da Superintendência da Região Metropolitana de Belo Horizonte, engenheiro Roberto Vicchi, reconhece que a criação da área ainda não provocou alterações em termos de qualidade de vida, de implementos culturais e de transformações urbanas em nenhum dos municípios, mas observou que sua existência, de apenas quatro anos, é muito curta para se exigir tais mudanças.

Realidade

"O importante é que já há uma consciência da necessidade de ação coletiva por parte dos municípios na solução dos problemas comuns" — disse ele.

A Região Metropolitana de Belo Horizonte, no entender do urbanista Radamés Teixeira, da Universidade Federal de Minas Gerais, "é uma realidade legal, mas não possui espírito metropolitano. Não há a menor evidência disso no seu comportamento, nas suas ações. Se uma indústria quiser instalar-se num município vizinho à Capital, terá todo o apoio do prefeito, mesmo que suas chaminés lancem fumaça poluidora em Belo Horizonte, porque o que vai interessar ao município é o ICM".

Indefinições

O engenheiro Roberto Vicchi, com receio de ferir susceptibilidades, informou, por escrito, que "permanecem dúvidas quanto à responsabilidade por assuntos. Há indefinições quanto às atribuições da Região Metropolitana e a autonomia municipal".

O diretor da Escola de Arquitetura da UFMG, professor Henrique Osvaldo Campos, critica abertamente a Superintendência e a Prefeitura de Belo Horizonte, por não se entenderem, e acha incrível que "com tantos planos volumosos e bonitos, não se consiga elaborar um esquema para que os ônibus urbanos tenham horários certos".

Num simpósio sobre transporte público e problemas urbanos, realizado recentemente, o diretor de Planejamento da Superintendência, Sr Nei Werneck, declarou que "a dúvida sobre quem detém o poder de decisão é o maior entrave à solução dos problemas da Região Metropolitana".

Uso do solo

A lei do uso do solo, apesar de considerada um dos resultados mais positivos da Região, não passa de uma lei municipal que só atinge Belo Horizonte e os municípios limítrofes. O Sr Roberto Vicchi reconheceu que "o processo de transformação da terra rural em urbana é mais rápido do que o de dotar essas áreas de infra-estrutura e de equipamentos".

O crescimento demográfico de Belo Horizonte é de 6,6% ao ano. A cidade concentra 14% da população do Estado e 47% do pessoal ocupado em Minas Gerais. Só 47% dos seus habitantes são servidos de água potável e 42% das casas possuem água e esgotos.

Integração

A população metropolitana gira em torno de 2 milhões de habitantes e se calcula que, em 1990, ela será de 5 milhões. O transporte de massa, feito na maioria por ônibus, tem uma série de deficiências: 71% das pessoas que se deslocam o fazem em ônibus e o trem é usado apenas por 0,05 dos passageiros.

Isso ocorre porque o sistema ferroviário de Belo Horizonte, embora bom, é mal explorado, o que levou o técnico norte-americano Douglas Carrol, especialista em problemas urbanos, a exclamar no simpósio:

"É estranho. O Governo pede que vocês andem menos de carro, para economizar combustíveis, mas permite que os trilhos enferrujem".

A principal realização da Região Metropolitana, já iniciada, é a Via-Expressa Leste-Oeste, que corta Belo Horizonte, além de uma estrada bloqueada de 37 quilômetros, entre a capital e Pedro Leopoldo, em fase adiantada; um centro social e urbano em Rio Acima, já concluído; e a solução de alguns problemas de abastecimento de água na região.

O Prefeito de Pedro Leopoldo, Hélio Issa, também presidente do Granbel — entidade que reúne os municípios da região — acha que Belo Horizonte tem tantos problemas que a Superintendência não pode olhar para os demais municípios. Para ele, a integração entre a superindência e os demais municípios é mínima, mas valeu a pena criar a Região Metropolitana.

Porto Alegre muda transportes

Porto Alegre — O trabalho de *carmelita descalça* que a Fundação Metropolitana de Planejamento vem desenvolvendo na região da Grande Porto Alegre, nos últimos quatro anos, começou a apresentar resultados objetivos, como o que determinou a mudança no sistema de transportes coletivos e o que recomenda a criação de um trem suburbano no eixo Norte da área.

Os dois planos nasceram dentro da fundação (Metroplan), mas os projetos foram elaborados mediante convênio do Geipot com a Prefeitura de Porto Alegre. "É por isso que aqui se brinca que o nosso é trabalho é de freira carmelita: nunca aparece" — afirmou o diretor-superintendente da instituição, arquiteto Danilo Landó.

O começo

Em 1967 o Governador do Estado criou uma comissão para delimitar a Região Metropolitana. Determinados os 14 municípios integrados pela continuidade do espaço urbanizado e pelas funções que exercem uns sobre os outros, foi firmado convênio entre esses município e, em abril de 1970, instituída a Região Metropolitana, órgão responsável pelo planejamento e ações metropolitanas. O Governo federal se integrou ao plano, através da Sudesul.

O grande desafio do grupo de trabalho foi o de elaborar o Plano Integrado da Região Metropolitana, que contou com especialistas alemães. Um trabalho de dois anos se responsabilizou pela projeção do crescimento meropolitano e das necessidades em itens tão diversos, como poder aquisitivo e administração pública, transporte e recreação, distribuição espacial e abastecimento, estrutura econômica e saúde pública, poluição e recreação. O Plano ficou pronto em 31 de março de 1973, quando foi aprovado pelo Conselho Metropolitano e homologado pelos Governos estadual e federal.

A evolução persistente das preocupações com a região metropolitana transformou o minucioso plano integrado na *bíblia* de atuação dos planejadores, reunidos há dois anos na Fundação Metropolitana de Planejamento — integrada por representantes dos 14 municípios.

Protestos

Agir através do consenso dos municípios da região, já que a Metroplan não possui qualquer "poder de polícia ou de administrar metropolitanamente", tem sido o maior entrave à melhor integração da Grande Porto Alegre, segundo entende o arquiteto Danilo Landó, que pensa ser necessária a criação de uma empresa metropolitana de planejamento.

A maior parte dos planejadores metropolitanos admite, por exemplo, os protestos do Município de Viamão, destinado a ser área de lazer no plano da região, mas que quer localizar indústrias para ter melhor renda interna.

"Seria necessário uma reforma tributária para que Viamão também se beneficiasse do trabalho de seus moradores que atuam em outros municípios da região" — disse o assessor da Metroplan, Sr Murilo Silva. A existência de limites municipais é o outro entrave à maior integração metropolitana e os exemplos chegam a ser desumanos: uma vila popular de Viamão está localizada junto a uma das usinas hidráulicas de Porto Alegre, mas a vila não tem água porque a hidráulica está no município vizinho. Em Esteio, uma das avenidas mais bem cuidadas é a antiga rodovia que liga a São Leopoldo, mas em Sapucaia do Sul ela está em completo desleixo, porque não há interesse municipal na sua conservação.

Os técnicos acreditam que quanto melhor for o sistema de transporte metropolitano, mais tênues se transformam os limites municipais e, por isso, confiam na obtenção de financiamento do Banco Mundial para o trem suburbano, entre Porto Alegre e Novo Hamburgo, e para obras no sistema viário da Capital e se preocupam com a correção no processo de conceder linhas de ônibus intermunicipais.

"Uma prefeitura pode conceder linha dentro do seu município e o Estado é o outorgante nas linhas intermunicipais, mas um ônibus intermunicipal não pode pegar passageiros no município vizinho, o que é um dos absurdos da ausência de uma administração metropolitana" — argumentou o Sr Murilo Silva. O outro absurdo é a falta de uma lei do uso de solos, que também onera os municípios que, por sua vez, legislam diferentemente sobre o tema, numa região onde a população cada vez mais se integra em termos de trabalho, moradia e recreação.

Com uma medida preventiva ao mau uso do solo, a Metroplan firmou convênio para emitir parecer técnico sobre todo o pedido de parcelamento da área rural, para evitar o surgimento de vilas sem infra-estrutura urbana.

A Fundação Metropolitana de Planejamento tem, este ano, um orçamento de Cr$ 23 milhões, oriundos de uma cota de 10% do Fundo de Participação dos 13 municípios e da Capital, que participa com 20%, o Estado colabora com 5% do seu Fundo de retorno. O programa metropolitano de investimento é de Cr$ 1 bilhão 600 milhões, nos quais serão beneficiados os projetos de Cidade Nova que estão sendo desenvolvidos em Lomba Grande, Município de Novo Hamburgo, e em Canoas, como evolução urbana da futura localização, em zona anexa à região, do 3.º Pólo Petroquímico.

Vida não se alterou em São Paulo

São Paulo — Enquanto a maioria dos problemas permanece em projetos ou planejamento, a Região Metropolitana da Grande São Paulo completa dois anos e meio de um processo que, se ainda não alterou a vida dos seus 37 municípios, começa a produzir alguns resultados práticos e os primeiros investimentos diretos em obras de interesse regional.

Embora reconheçam a necessidade de um sistema metropolitano de planejamento e administração — numa área que concentra 10% da população brasileira, em 0,1% do território nacional — os prefeitos e representantes dos municípios da Região reclamam maiores recursos para executar os planos e projetos. Transportes e saneamento básico são os grandes problemas da Região, onde 15 municípios não têm esgotos e os 22 restantes são atendidos apenas parcialmente.

Prioridade

Definida por lei em 1973, a Região Metropolitana surgiu em 1968. No dia 18 deste mês, foi autorizado o Plano de Aplicação do Fundo Metropolitano de Financiamento e Investimento — no total de Cr$ 366 milhões — e até essa data a Secretaria de Negócios Metropolitanos agiu mais na coordenação dos investimentos de outras secretarias, além de realizar, através da Empresa Metropolitana de Planejamento da Grande São Paulo, levantamentos sobre as áreas e projetos técnicos da Região. Os recursos do fundo serão aplicados, principalmente, em transportes e saneamento.

Como resultados diretos ou indiretos da ação da Secretaria, figuram a ampliação da rede de água — de 20 metros cúbicos por segundo, em 1975, para 30 metros, este ano — o início da integração no sistema de transportes (metrô-ônibus intermunicipais e trens de subúrbio) e a lei de proteção dos mananciais, que já está reorientando o crescimento industrial da Região.

Indústrias

O crescimento da área industrial, na região dos mananciais, que era de 62,6% no último trimestre de 1975, caiu para 5,4% no final de 1976 e o crescimento do número de operários, que era de 50,9%, passou para 4,6%. Ao mesmo tempo, foram registrados crescimentos nas subregiões Nordeste e Leste, os chamados Eixos Dutra e da Central.

A prioridade é a melhoria das condições de vida. Pesquisa de destino e origem indicaram que houve um aumento da renda familiar na Região de 1970 a 1977. O grande problema é o crescimento demográfico exagerado, a uma taxa de 5% ao ano, não havendo possibilidade de acompanhar o aumento da demanda.

Críticas

Com cerca de 350 mil habitantes — sede de grande parte da indúsria automobilística — "São Bernardo do Campo não foi beneficiado e nem prejudicado com a criação da Região Metropolitana, segundo seu Prefeito, Tito Costa. Ele informou que o Município recebeu projetos para a construção de dois trevos na Via Anchieta, mas o DER alegou que não tem recursos. A retificação de um ribeiro, para controle de enchentes, e a construção de uma via expressa serão as primeiras obras que São Bernardo fará com os recursos do fundo. Com mais seis prefeitos da subregião, o Sr Tito Costa rejeitou o projeto de criação de uma empresa de economia mista para cuidar da coleta do lixo nos sete municípios.

Da falta de recursos também se queixa o Prefeito de Arujá, Sr Benjamim Manoel, que pretende pavimentar uma avenida marginal até Guarulhos, para desafogar a Via Dutra, além de construir casas populares. Com 30 mil habitantes, Arujá tem um computador na Prefeitura, para facilitar a administração e economizar pessoal. O Prefeito se diz satisfeito com o sistema de região metropolitana, "pois, antes, se fazia muita política e hoje eles exigem planejamento de nós".

Em Santa Isabel, também no Eixo da Dutra, o Prefeito Valdir Cabral Saueia concorda com a necessidade de um sistema de planejamento e administração, mas reclama maior apoio do Estado, "pois 85% do Município não estão incluídos na área de proteção aos mananciais, em função da represa de Jaguari. Para preservar a represa e não cercear o desenvolvimento do Município, precisamos de recursos para tratar as águas nela jogadas".

Autonomia

Para o Prefeito de Osasco, Município operário com cerca de 500 mil habitantes, "é importante a discussão dos problemas a nível metropolitano, mas é preciso preservar a autonomia municipal". O Sr Guaçu Piteri acha que a legislação federal restringe a participação dos prefeitos e minimiza as atribuições do seu conselho, deixando de lado uma experiência que poderia dar bons resultados.

Segundo o Prefeito de Guarulhos, o ex-Deputado estadual Neftales, "recebemos auxílio técnico, mas sem recursos financeiros não se faz nada".

Com uma infra-estrutura mais sólida, a Capital é menos dependente da Secretaria dos Negócios Metropolitanos. Para o Prefeito Olavo Setúbal, "o primeiro resultado da adoção do conceito de região metropolitana foi a criação do Conselho de Prefeitos, que precisam discutir juntos os seus problemas".

Desequilíbrio

Ocupando uma área de 8 mil 51 quilômetros quadrados, os 37 municípios da Grande São Paulo estão divididos em oito sub-regiões, apresentando desequilíbrios sensíveis em seu nível de desenvolvimento: ao lado de cidades altamente industrializadas — como a Capital e a Região do ABC — há cidades-dormitório, usadas apenas como moradia e não como local de trabalho.

Um perfil do desnível entre as sub-regiões da Grande São Paulo pode ser sentido através da participação de cada município na composição da receita. Dados de 1975 indicam que a Sub-Região Centro (São Paulo e Osasco) participou em 79,2%, com 77,7% da Capital e 1,5% de Osasco. A receita total da Grande São Paulo foi de Cr$ 9 bilhões 44 milhões 24 mil 424.

A participação da Sub-Região Sudeste (área do ABC) foi de 15,7%, com 6,1% de São Bernardo do Campo. Os demais municípios tiveram a seguinte participação: Santo André (4,8%), São Caetano do Sul (0,3%), Mauá (0,7%), Diadema (0,7%), Ribeirão Pires (0,4%) e Rio Grande da Serra (0%).

Por ordem decrescente, a participação dos demais municípios foi: Nordeste, 2% (Guarulhos, Arajá e Santa Isabel); Leste, 1,5% (Mogi das Cruzes, Suzano, Poá, Itaquaquecetuba, Ferraz de Vasconcelos, Guararema, Salesópolis e Biritiba-Mirim); Sudoeste, 0,5% (Taboão da Serra, Itapecerica da Serra, Embu, Umbu-Guaçu e Juquitibá); Oeste, 0,4% (Cotia, Itapevi e Jandira); Noroeste, 0,4% (Carapicuiba, Barueri, Cajamar, Santa do Parnaíba e Pirapora do Bom Jesus) e Norte, 0,3% (Franco da Rocha, Mairiporã, Caieiras e Francisco Morato).

Salvador em 10 anos muda muito

Salvador — E' unânime a resposta a qualquer pergunta sobre a Região Metropolitana de Salvador: muitas transformações ocorreram na área, desde que ela foi idealizada, em 1967. Muitos, porém, acham que "ainda é muito cedo para responder se valeu ou não a pena criá-la."

O ex-Prefeito e um dos maiores críticos da Região Metropolitana, Jorge Hage, demitido pelo Governador Roberto Santos, disse que "já é hora de o Governo promover um balanço completo de sua experiência com regiões metropolitanas."

Problemas

Agora, quando os projetos metropolitanos apenas começam a ser executados, a Região Metropolitana é um aglomerado de problemas acumulados nos últimos 10 anos, a partir do surgimento do Pólo de Produção e de Refino de Petróleo, do Pólo Petroquímico de Camaçari e do Centro Industrial de Aratu. Os três provocaram mudanças econômicas, sociais e humanas tão profundas, numa área até então voltada para as atividades agrícolas, a ponto de alguns afirmarem que "a Região Metropolitana é uma promessa de bem, numa realidade de pesadelo."

O crescimento urbano acelerado e o desenvolvimento industrial atingiram os maiores índices desde a criação da Região. A falta de integração entre os estratos modernos e os tradicionais não atingiram, ainda, as atividades de apoio: administrativas, comerciais e financeiras.

O primeiro reflexo dessa falta de integração é a distorção na distribuição de renda, que apresenta grande concentração, se comparada a outros centros desenvolvidos. Em 1962, os dois terços inferiores da população absorvem cerca de 34% da renda; em 1971, baixou para 24%; e, em 1975, para 20%.

Empregos

Outro problema é que a alteração na distribuição do emprego industrial não tem correspondência em termos de distribuição da população e de serviços urbanos. Salvador é local de residência de 70% dos que trabalham no Centro Industrial de Aratu e no Pólo Petroquímico de Camaçari. Nessa fase em que predomina a construção civil, 53% dos trabalhadores são recrutados localmente, mas 40% dos trabalhadores estáveis e qualificados residem em Salvador.

Esse fenômeno se verifica porque, paralelamente aos investimentos em infra-estrutura e em instalações industriais, não foram, no mesmo ritmo e com a mesma intensidade, construídos a infra-estrutura e os equipamentos urbanos.

No ano 2000, a população da Região Metropolitana deverá ser de 3 milhões 700 mil habitantes. Se Salvador continuar absorvendo, como agora, 80% dessa população, terá 3 milhões de pessoas em seu território, daí defenderem os técnicos um sistema de planejamento aberto, flexível, sem propostas fechadas ou rígidas, a fim de preparar a Capital baiana para este crescimento.

Revisão

O ex-Prefeito de Salvador Jorge Hage acha que já deviam ser revistos os conceitos sobre regiões metropolitanas. Ele apontou nove problemas que considera graves na "efetiva criação das regiões metropolitanas, que vão desde a definição do que são problemas metropolitanos e municipais, até outros como o descompasso entre o planejamento metropolitano e o comportamento efetivo dos governantes em questões como uso do solo, financiamentos e o mecanismo do Conselho Deliberativo da Região Metropolitana de Salvador, que não funciona como órgão colegiado, porque ou os prefeitos dizem amém ao Governador, que é o seu presidente, ou, então, nada é feito."

Prioridade

O Governador Roberto Santos anunciou prioridade para a consolidação da Região Metropolitana, mediante uma estratégia de planejamento regional integrado e de uma eficaz ação planejada. Como reflexo dessa ação, apontou o Programa de Ação Prioritária da Região Metropolitana, com aplicação de Cr$ 749 milhões; a elaboração de estudos sobre o uso do solo e transportes; a conclusão do primeiro estágio do Plano Metropolitano de Desenvolvimento; e a criação do Programa de Abastecimento Alimentar; e da criação do Parque Metropolitano de Pituaçu, área de lazer.

A Região Metropolitana de Salvador, com 1 milhão 400 mil habitantes, é composta por oito municípios: Salvador, Candeias, Camaçari, Itaparica, Lauro de Freitas, São Francisco do Conde, Simões Filho e Vera Cruz.

Em Curitiba queixas são de 13 prefeitos

Curitiba — A criação da Região Metropolitana em nada mudou a vida nos 13 municípios que a formam. Qualquer atividade só é percebida pela publicidade oficial ou pela existência da Coordenação da Região Metropolitana. Por isso, entre os prefeitos dos municípios existe o consenso de que "sua atuação, até agora, deixou muito a desejar."

Dos 13 municípios, quatro não têm serviços de água, ruas pavimentadas ou qualquer tipo de serviço básico a que se propunha a Coordenação, ao iniciar suas atividades. Campina Grande do Sul e Quatro Barras, por exemplo, ainda apresentam o mesmo aspecto de decadência de 10 anos atrás. Nas ruas sem asfalto e cheia de buracos, poucos carros circulam e a figura do lavrador numa carroça ou andando em magro pangaré ainda é facilmente encontrada.

ATRASO

Em Quatro Barras, uma das poucas obras em execução — para dotar a cidade de 10 mil habitantes de água encanada — está atrasada em mais de dois meses, segundo o Prefeito João Carlos Creplive. Ele disse que a criação da Região Metropolitana "não é o que todo mundo esperava, mas acredito que vá melhorar."

Nas reuniões mensais da Coordenação, o ambiente está se tornando inflamado, porque, segundo o Prefeito de Campina Grande do Sul, Elerian do Rocio Zanetti, "de obra, até agora ela não fez nada. Por enquanto, só temos conversa". No Município de 18 mil habitantes, a única obra financeira pela Coordenação — uma concha para esportes — está com problemas, pois foram fornecidos apenas Cr$ 115 mil, o suficiente apenas para 50%. O Prefeito confessou que foi obrigado a comprar material a prazo e a utilizar operários da Prefeitura, para a obra não atrasar.

Essas duas obras, a ligação de Curitiba com Araucária, e uma outra estrada são os únicos sinais da atuação da Coordenação, porque, segundo seu presidente, Sr Vicente de Castro, "ainda estamos fazendo um trabalho de coordenação. A instituição foi criada em 1974.

O Sr Vicente de Castro disse que "não é tudo um mar de rosas e a liberação de recursos para as obras depende do empenho de cada prefeito". Dos Cr$ 300 milhões gastos até agora pela Coordenação, a maior parte foi aplicada na Capital. Isso se deve à ação do Prefeito Saul Raiz, com transito fácil em Brasília, que, no ano passado, conseguiu Cr$ 1 bilhão 50 milhões para aplicar em Curitiba.

DISCRIMINAÇÃO

O Prefeito de Campo Largo — Município com 50 mil habitantes e certa base industrial com extração de minerais para a produção de porcelana e azulejos — Sr Amadeu Pusi, protestou e disse que "onde vamos conseguir recursos para ir a Brasília e como vamos levar projetos para serem aprovados, se não temos o Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba para trabalhar para nós?" Ele defendeu a criação de um organismo semelhante na Coordenação, para beneficiar os demais 13 municípios da Região Metropolitana.

Curitiba, como Capital, faz reivindicações diretas, mas os municípios têm de dirigir-se à Coordenação, que depende das decisões dos Conselhos Deliberativo e Consultivo, presididos pelo Governador Jaime Canet Júnior. As decisões, por sua vez, "dependem de Brasília", segundo o Sr Vicente de Castro. Os prefeitos acreditam que esteja havendo discriminação na distribuição de verbas, conforme disse o Sr Elerian do Rocio. O presidente do Instituto de Curitiba, Sr Lubomir Ficinski, também membro do Conselho Deliberativo da Coordenação, informou que "essa é uma tendência natural, porque Curitiba representa 80% da população, do orçamento e das atividades econômicas da Região Metropolitana".

OBRAS

Existem poucas obras e muitos projetos, com exceção de Curitiba, onde foram aplicados Cr$ 141 milhões em um sistema viário básico, no transporte de massa, em terminais de bairro e na sincronização de sinais.

"Em Curitiba, existem até dualidades de projetos — segundo um dos prefeitos — "porque o Instituto e a Coordenação estão trabalhando na mesma coisa."

Segundo o Sr Lubomir Ficinski, "a Região Metropolitana deixará de ser projetos e mais projetos, no momento em que for aprovado o plano-diretor, concluído recentemente". Se aprovado, o plano fixará diretrizes a serem aplicadas no tratamento aos 13 municípios, já que, por enquanto, somente Curitiba recebeu auxílios. Sabe-se que o plano define Araucária e Campo Largo como áreas de reserva industrial e cerceia o crescimento urbano na direção de Piraquara, porque ali existem os rios que abastecem Curitiba e quase toda a região.

URBANIZAÇÃO

Os prefeitos reclamam, também, da falta de projetos de urbanização para suas cidades, onde existem alguns exemplos de má utilização do solo. Em Piraquara, o bairro de Maria Anchieta é sujeito periodicamente a inundações, que poluem os rios que abastecem a região.

A Coordenação fez um levantamento aerofotogramétrico da Região Metropolitana, que poderá ser usado para disciplinar o uso do solo nos municípios, mas até agora não existem projetos a esse respeito.

"A Região Metropolitana é um problema institucional e não se pode fazer um balanço das alterações causadas pela sua criação, devido ao pouco tempo" — disse o ex-Prefeito de Curitiba e urbanista Jaime Lerner.

Recife tem problemática própria

Recife — Com apenas quatro anos da criação das Regiões Metropolitanas e dois da Fundação do Desenvolvimento da Região Metropolitan de Recife (Fidem), ainda não é possível fazer uma aferição exata da melhoria da qualidade de vida da população local, principal objetivo do planejamento urbano.

A opinião é do superintendente da Fidem, Sr Laudo Bernardes, explicando que isso não significa que não tenham sido obtidos resultados positivos: "Não se trata apenas de construir obras físicas; temos que levar em conta a existência de um processo de transformação que não pode ser atingido plenamente a curto prazo".

O Sr Laudo Bernardes considera fundamental o planejamento no Recife porque, "ao contrário de outras Capitais como Curitiba e Fortaleza, existe uma problemática urbana que transcende os limites de sua área político-administrativa. Recife tem seu território ligado aos demais municípios da Região Metropolitana, que funcionam, em alguns casos, como cidades-dormitório".

"Por isso" — acrescentou — "os problemas de cada município não podem ser considerados isoladamente. Assim, se em outras metrópoles é interessante a existência de organismos de compatibilização dos esforços estaduais e municipais, no Recife é indispensável".

Afirmou que, apesar das dificuldades — falta de novas fontes de recursos, organismos executores que não estão habituados a seguir determinadas instruções, como a apresentação de projetos detalhados, e outras — muitos projetos estão sendo concretizados. Para a Região Metropolitana do Recife, composta de nove municípios, com um total de 2 milhões 200 mil habitantes, foi elaborado um plano geral urbano.

O plano prevê um programa de ação prioritária, destinado à consolidação e instalação de distritos industriais, dinamização das atividades terciárias, ampliação do abastecimento de água e da rede de esgostos sanitários (a cidade dispõe, atualmente, apenas de 30% de sua população servida de esgotos), instalação de anéis rodoviários, drenagem e proteção contra enchentes e melhoria dos transportes urbanos.

Rio encerra vacinação contra pólio

Com a vacinação de mais 2 mil crianças, elevando para 185 mil o número de imunizações, foi encerrada, ontem, a campanha contra a poliomielite, que pretendeu garantir um razoável nível de prevenção para que um surto da doença não volte a ocorrer pelo menos nos próximos cinco anos.

A campanha, segundo a Secretaria Municipal de Saúde, foi assistida por monitores e mobilizou mais de 100 pessoas, entre médicos e enfermeiras.

Com a conclusão da rampa que dará acesso à Av. Presidente Vargas, o tráfego ficará mais descongestionado na Candelária

Rampas de descida da Av. Perimetral serão entregues antes do final de outubro

No próximo mês, segundo promessas da Secretaria de Transportes, o tráfego ficará mais fácil na Candelária, na junção das Avenidas Brasil e Francisco Bicalho e no acesso à Presidente Vargas. Outubro é o prazo fixado para a entrega de duas rampas de descida na Perimetral, além de outra na saída do Elevado Paulo de Frontin.

Entre as duas pistas que darão prosseguimento ao trecho pronto do elevado da Perimetral, sobre a Praça 15, está sendo terminada uma rampa de descida para a Candelária. O tráfego da Avenida Brasil será desviado para um elevado, na altura do Caju, descendo na Francisco Bicalho. Será entregue também a rampa, que ligará o Paulo de Frontin à Presidente Vargas.

AS VANTAGENS

Da rampa de descida da Candelária, faltam concluir 100 metros de muretas laterais no início da rampa e terminar a base de concreto da pista nos últimos 50 metros da descida. Nesse trecho também não foram concluídas as muretas laterais. Ontem à tarde havia alguns operários no local, mas os poucos que trabalhavam se dedicavam a serviços de manutenção do canteiro.

A rampa de descida para a Candelária facilitará o tráfego vindo da Zona Sul, via Aterro, evitando que se divida a estreita rampa de subida local, em mão e contramão, no *rush* de manhã e no final da tarde, o que, diariamente, provoca retenções que se estendem por quase todo o elevado da Perimetral.

No encontro das Avenidas Brasil e Francisco Bicalho, o transito é moroso há mais de dois anos, em consequência dos canteiros da Perimetral que estreitam a pista e principalmente devido ao sinal no cruzamento da Francisco Bicalho com Avenida Pedro II.

O tráfego da Avenida Brasil subirá uma rampa na altura do Cemitério do Caju, prosseguirá em via elevada sobre a Avenida e descerá na Francisco Bicalho, depois do sinal da Pedro II. O desvio permitirá que sejam abertas na superfície duas grandes valas (uma no encontro das duas Avenidas, outra mais adiante, em frente à Rodoviária) que receberão as fundações de dois pilares de sustentação da Perimetral.

Ontem à tarde, 30 operários trabalhavam na rampa de descida na Francisco Bicalho, onde já estão prontas as muretas, faltando apenas a pavimentação e sinalização. No elevado sobre a Avenida Brasil, no entanto, resta construir as muretas laterais em vários trechos.

Em fase mais adiantada, a rampa de descida do Elevado Paulo de Frontin na Rua Afonso Cavalcanti (cujo prolongamento é a Rua Benedito Hipólito), paralela à Presidente Vargas, espera apenas pela pavimentação, a sinalização horizontal e vertical e a iluminação. Neste acesso trabalhavam 10 operários ontem, fazendo serviços de acabamento nos guarda- rodas.

Esta rampa evitará que os motoristas que vêm da Zona Sul pelo Paulo de Frontin, em direção à Presidente Vargas, sejam obrigados, ao descer do elevado, a percorrer um percurso de um quilômetro e meio, seguindo o Viaduto dos Pracinhas, contornando a Praça as Bandeira, hoje já tumultuada com as obras do metrô e por onde passa a maior parte do tráfego da Tijuca e dos subúrbios da Central.

Fogo destrói o alojamento com roupas e documentos do pessoal do metrô na Tijuca

Um incêndio — com suspeitas de ser criminoso — destruiu ontem à tarde o alojamento de 280 operários da Ecisa, que trabalham nas obras do lote 23 do metrô, na esquina das Ruas Almirante Cochrane e Pareto, na Tijuca. Os trabalhadores perderam documentos e roupas e o chefe da obra calcula o prejuízo da empreiteira em Cr$ 1 milhão. Não houve feridos.

O engenheiro-chefe, Waldner Paschoal, levantou a suspeita de crime, baseado num principio de incêndio que houve pela manhã, no lote vizinho — 22 — da Mendes Júnior. O engenheiro disse que pedirá investigações para determinar as causas do fogo.

GALPÃO CONDENADO

O fogo começou às 14h45m e logo se expandiu pelas divisões de madeira e colchões de crina. Em meia hora a estrutura de ferro, que sustentava a cobertura do alojamento, derreteu e o teto desabou. Só restaram as paredes laterais, de alvenaria, mas os engenheiros do lote consideraram o galpão condenado.

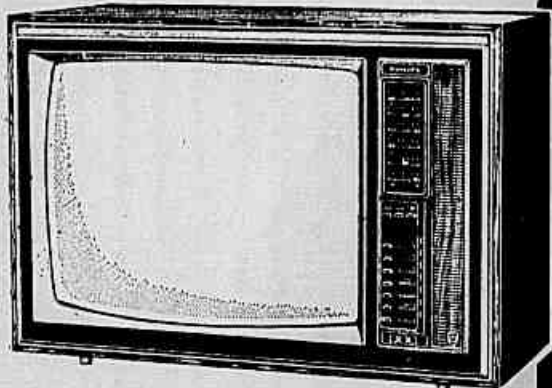
Havia poucos operários no alojamento quando o fogo começou — a maior parte estava trabalhando — e alguns ainda conseguiram salvar umas poucas roupas. Outros, como Geraldo Borges, maranhense de 26 anos, ficaram apenas de calção.

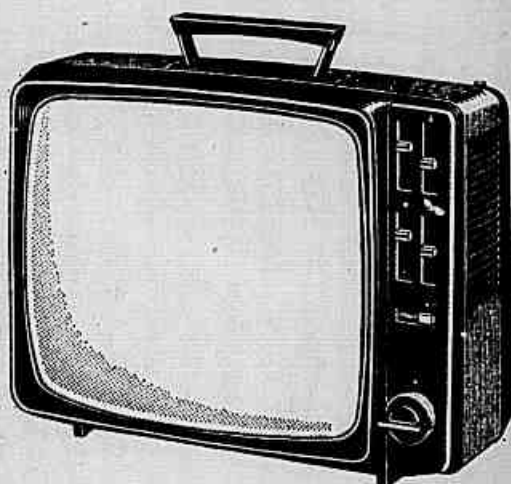
CRIMINOSO

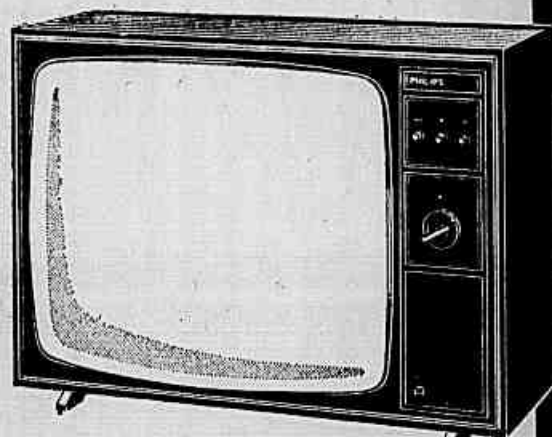
O engenheiro Waldner Paschoal levantou a suspeita de que alguém tivesse provocado o fogo, baseando-se no que ele considerou "uma estranha coincidência".

O Sr Waldner Paschoal disse não considerar os alojamentos dos operários do metrô sem segurança, embora as divisões dos cubículos sejam feitas em madeira — o que, segundo os bombeiros, é extremamente perigoso. O engenheiro explicou que não há outra maneira de construir alojamentos — aproveitando-se prédios desapropriados — e afirmou que suas suspeitas de incêndio criminoso acabam na coincidência entre a destruição do alojamento da CBPO há 18 dias, no Flamengo, e o da sua empreiteira.

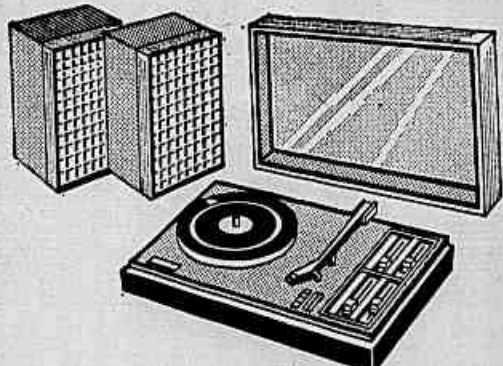
PHILIPS

O MELHOR SOM E A MELHOR IMAGEM PELO MELHOR PREÇO

NOVO TV PHILIPS A CORES COM CONTROLES DESLIZANTES 26" (66 cm) SELETRONIC.
De: ~~10 x 1.780,00~~
Por: 10 x 1.695, mensais s/entrada

RADIOFONE PHILIPS RF 545 ESTÉREO - Rádio com 4 faixas AM/FM. Toca-discos automático com 4 velocidades.
De: ~~520,00~~
Por: 479, mensais s/entrada

NOVO TV PHILIPS PORTÁTIL 17" (43 CM) T 620
Controles frontal deslizantes. Antena telescópica. Alça escamoteável.
De: ~~300,00~~
Por: 269, mensais s/entrada

NOVO ELETROFONE PHILIPS G-F 623 ESTÉREO
Portátil. Pilha ou luz. Duas caixas acústicas destacáveis. Toca-discos de 3 velocidades, automático. Controles deslizantes. Tomada para gravador.
De: ~~145,00~~
Por: 116, mensais s/ entrada

NOVO TV PHILIPS 24" SUPER LUXO - 61 cm. Totalmente transistorizado. Dispensa regulador de voltagem.
De: ~~330,00~~
Por: 299, mensais s/entrada

Instalação Grátis

NOVO AUTO-RÁDIO PHILIPS AM/FM TURNOLOCK RN 513 - Pré-sintonia de até 6 emissoras.
De: ~~139,00~~
Por: 113, mensais s/entrada

NOVO CONJUNTO DE SOM PHILIPS ESTÉREO GF 723 - 2 caixas acústicas. Pilha ou luz. Tomada para gravador e alto-falantes.
De: ~~180,00~~
Por: 159, mensais s/entrada

ELETROFONE ESTÉREO PHILIPS G-F 603
Portátil. Pilha ou luz. Duas caixas acústicas destacáveis. Toca-discos de 3 velocidades, automático. Controles deslizantes. Tomada para gravador.
De: ~~140,00~~
Por: 113, mensais s/ entrada

ultralar CADA VEZ MAIOR

77.195

ULTRA BARATO DO DIA

FARINHEIRA "BOM APETITE". De grande utilidade no lar. Finamente litografado. Várias Cores.
De: ~~10,00~~ Por: 5,90

CONJUNTO "HORTI-FRUTTI" - Fabricado em alumínio especial. Composto de uma tigela grande e seis pequenas. Utilíssimo em casa para servir saladas, sorvetes, doces, etc. Acondicionado em sugestiva embalagem p/presente.
De: ~~100,00~~ Por: 69,90

CONJUNTO "GRACIELA" WOLFF P/CAFÉ. Composto de 6 xícaras com suporte e pires em aço inox especial. Rica embalagem p/presente.
De: ~~200,00~~ Por: 149,

PORTA SHAMPOO - Mantém sempre à mão shampoos, cremes Rinse, óleos, sabonetes etc., Pintura esmaltada, resiste à umidade s/ enferrujar. Várias cores.
De: ~~70,00~~ Por: 34,90

JARRA UTILAR - Em plástico inquebrável, ideal p/ água, refrescos, sucos, etc. Bico especial para servir líquidos, sem derramar. Tampa com vedação total. Várias cores.
De: ~~20,00~~ Por: 9,90

PRATOS REFRATÁRIOS DECORADOS TERMO-REY — Para forno, mesa e geladeira. Decoração floral tipo exportação. Finíssimo acabamento.
Rasos/Fundos.
De: ~~14,00~~ Por: 7,50

PICADOR DE TEMPEROS E LEGUMES - Novo aparelho para picar e triturar pimenta, tomate, salsa, hortelã, alho, cebola etc., evitando o desagradável cheiro nas mãos e o ardor nos olhos. Lâminas em aço sueco.
De: ~~70,00~~ Por: 36,90

JOGO DE TABULEIROS 3 peças em tamanhos diferentes. Para bolos, tortas, etc. Em alumínio especial.
De: ~~100,00~~ Por: 59,90

REFLETOR MULTI-DIRECIONAL - Adaptável em qualquer lugar. Portátil. Várias cores.
De: ~~60,00~~ Por: 38,90

MULTI-FIO C/ 5 METROS Extensão para ligação simultânea de várias tomadas. Caixa em neoprene super reforçada para consumo até 2.000 watts.
De: ~~100,00~~ Por: 49,90

JOGO DE FORMAS MEISTER Moderno conjunto de duas formas em tamanhos diferentes com dispositivo especial que libera o fundo automaticamente permitindo a retirada de bolos, tortas, etc, sem risco de esfarelar ou deformar.
De: ~~40,00~~ Por: 29,90

JOGO P/MANTIMENTOS EM ALUMÍNIO. Conjunto de 5 peças em alumínio polido. Tampas com pegador anatômico.
De: ~~200,00~~ Por: 149,

FORMA CONJUGADA PARA PUDINS E BOLOS 2 peças em duralumínio polido. Forma americana para bolos, pudins em banho-maria e caldeirão.
De: ~~120,00~~ Por: 79,90

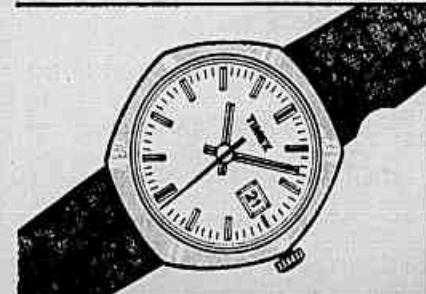
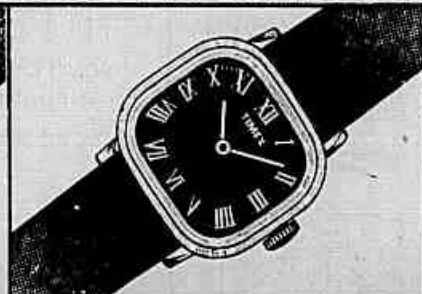
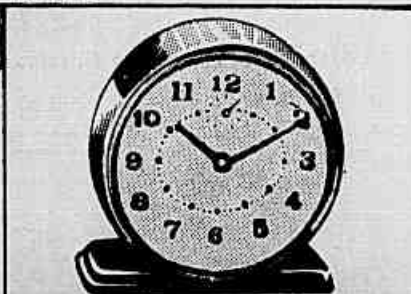
TÁBUA PARA CARNE — Em madeira de lei. A prova d'agua. Pegador anatômico. Indispensável no lar.
De: ~~34,00~~ Por: 16,90

COPO P/LIQUIDIFICADOR Adaptável em liquidificador Arno e Walita. Em neoprene inquebrável. Tampa hermética em várias cores.
De: ~~40,00~~ Por: 19,90

CORTADOR DE OVOS - LUXO - Inoxidável, corta instantâneamente ovos em fatias uniformes. Indispensável no preparo de saladas, maioneses, macarronadas, etc.
De: ~~50,00~~ Por: 29,90

ESPALHADOR DE CERA Moderno e econômico aparelho para espalhar cera rapidamente sem sujar as mãos e sem produzir cansaço. Útil na limpeza de vidraças, ladrilhos, sintecos, etc. Estrutura cromada.
De: ~~50,00~~ Por: 29,90

BACIA DOMÉSTICA "LUXO" - TAM. GRANDE. Em duraplast inquebrável, c/ bordas anatômicas para fácil transporte. Indispensável no lar. Várias cores.
De: ~~20,00~~ Por: 12,90

RELÓGIOS EM ULTRA OFERTA

RELÓGIO TIMEX P/ HOMEM - Caixa dourada. Pulseira plastificada. Calendário. Mostrador dourado. Prova d'agua. Garantia 1 ano.
De: ~~[illegible]~~ Por: 299, ou 27,90 mensais s/entrada

RELÓGIO TIMEX P/SENHORA Caixa cromada, fundo de aço, pulseira corfan. Mostrador azul. Garantia 1 ano.
De: ~~[illegible]~~ Por: 299, ou 27,90 mensais s/entrada

DESPERTADOR WESTCLOX — Fácil leitura de horas, mesmo à distância. Diversas cores.
De: ~~128,00~~ Por: 89,90

SUCESSOS DA SEMANA

BENITO DI PAULA Stereo
De: ~~98,90~~ Por: 86,90

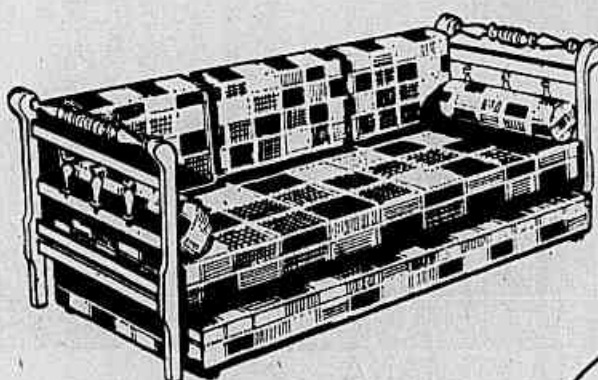
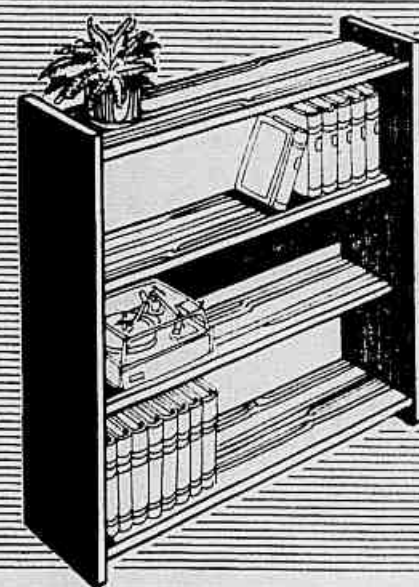
ELVIS MOODY BLUE Stereo.
De: ~~98,90~~ Por: 87,90

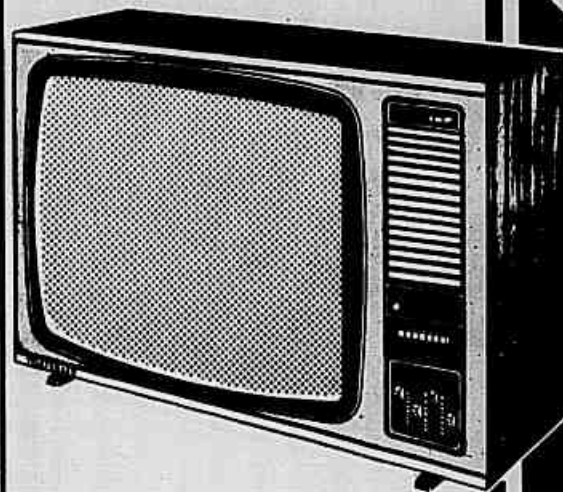
ELVIS ALMOST IN LOVE. Stereo.
De: ~~79,90~~ Por: 61,90

DISCOTECA HIPPOPOTAMUS - VOL. 4 Stereo.
De: ~~98,00~~ Por: 87,90

ultralar

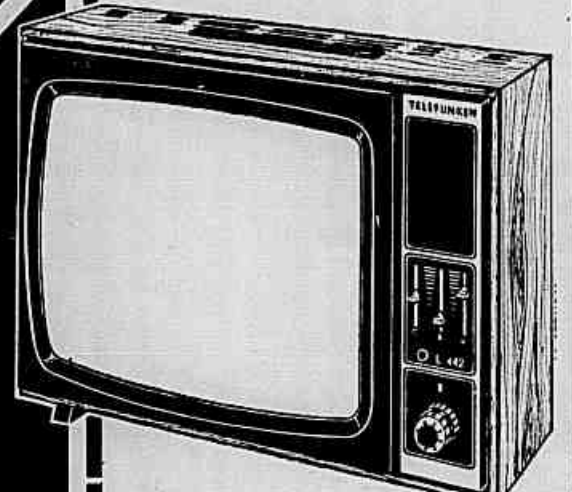
77.180

ULTRALAR DÁ PREÇOS
ARMÁRIO DUPLEX SUPER DECOR
Em cerejeira ou louro. Fino acabamento.
De: 4.300,00 Por: 3.690, ou 359,00 mensais s/entrada
MÓDULOS STATUS SUPER LUXO — Em tecido listrado com laterais em helanca.
De: 600,00 Por: 499, ou 49,90 mensais s/entrada
NOVO CONJUNTO ESTOFADO NOVO HORIZONTE
Estrutura em madeira de lei. Revestido em Courvin/Couro. Com apoio anatômico de braços.
De: 2.200,00 Por: 1.690, ou 159,00 mensais s/entrada
NOVO CONJUNTO ESTOFADO FIAT - Em courvin e tecido. Frizos cromados decorativos.
De: 3.200,00 Por: 2.390, ou 239, mensais s/entrada
NOVO CONJUNTO ESTOFADO "LOS ANGELES" SUPER LUXO
Tipo exportação. Forração em "soft-courvin"
De: 2.800,00 Por: 2.190, ou 199, mensais s/entrada
NOVO CONJUNTO ESTOFADO VANGUARD SUPER LUXO - Revestimento em super courvin. Estrutura em madeira de lei.
De: 5.000,00 Por: 3.490, ou 349,00 mensais s/entrada.
GRÁTIS: COLCHÃO DE ESPUMA SUPER LUXO
NOVO DORMITÓRIO INTER-CONTINENTAL SUPER LUXO — Em madeira de lei
De: 3.800,00 Por: 2.990, ou 299, mensais sem entrada
NOVO CONJUNTO FORMI-LUX COPA/COZINHA - Buffet, mesa e cadeiras em formiplac.
De: 1.650,00 Por: 1.250, ou 119, mensais s/entrada
ESTANTES MODULADAS BERGAMO
① Com Portas e Prateleiras. De: 2.500,00 Por: 2.190, ou 215,00 mensais s/entrada
② Com Portas Bar e Prateleiras De: 2.750,00 Por: 2.350, ou 229,00 mensais s/entrada
③ Com Prateleiras e Gavetas De: 2.900,00 Por: 2.290, ou 255,00 mensais s/entrada
GRÁTIS: Colchão de Espuma.
NOVO DORMITÓRIO BERGAMO SUPER LUXO JACARANDÁ
De: 4.200,00 Por: 3.690, ou 379,00 mensais s/entrada
NOVO DORMITÓRIO INTER-CONTINENTAL 4 PORTAS SUPER LUXO — Fino acabamento. Em madeira de lei.
De: 4.200,00 Por: 3.390, ou 349, mensais sem entrada
GRÁTIS: Colchão de Espuma.
NOVA BICAMA MARQUESA IMPERIAL — Revestida em tecido xadrez exclusivo. Em madeira de lei escurecida.
De: 1.600,00 Por: 1.190, ou 119,00 mensais s/entrada
NOVA KITINETE FUTURAMA EM AÇO
Fino acabamento. Várias cores.
De: 1.700,00 Por: 1.279, ou 122,00 mensais s/entrada
ESTANTE MODERNA - Em madeira de lei. Inteiramente desmontável. Decorativa e versátil para qualquer ambiente.
De: 600,00 Por: 459, ou 43,90 mensais s/entrada
CAPITAL: CATETE: Rua do Catete, 235 • CENTRO: Rua Buenos Aires, 126; Rua da Assembléia, 104; Rua Uruguaiana, 154 • COPACABANA: Av. Copacabana, 673 • PENHA: Av. Brás de Pina, 96 • BONSUCESSO: Rua Cardoso de Morais, 68 • MÉIER: Rua Dias da Cruz, 92; Rua Arquias Cordeiro, 278 • MADUREIRA: Av. Min. Edgard Romero, 233; Estrada do Portela, 54; Rua Domingos Lopes, 795 • BANGU: Av. Min. Ary Franco, 35 • TIJUCA: Rua Conde Bonfim, 255 • CAMPO GRANDE: Rua Viuva Dantas, 60 • CORDOVIL;

Estrada do Quitungo, 776 • GRANDE RIO: NITERÓI: Rua Visconde do Uruguai, 535; Rua José Clemente, 47 • SÃO GONÇALO: Av. Nilo Peçanha, 14; Estrada Raul Veiga, 51 Lojas 109/110 (Alcântara) • NOVA IGUAÇU: Rua do Ouvidor, 25; Rua Otávio Tarquino, 165 • SÃO JOÃO MERITÍ: Rua da Matriz, 44 • NILÓPOLIS: Av. Mirandela, 58 • CAXIAS: Av. Nilo Peçanha, 207; Av. Pres. Kennedy, 1.499 • PETRÓPOLIS: Av. 15 de Novembro, 133 a 141 • TERESÓPOLIS: Rua Francisco Sá, 166.

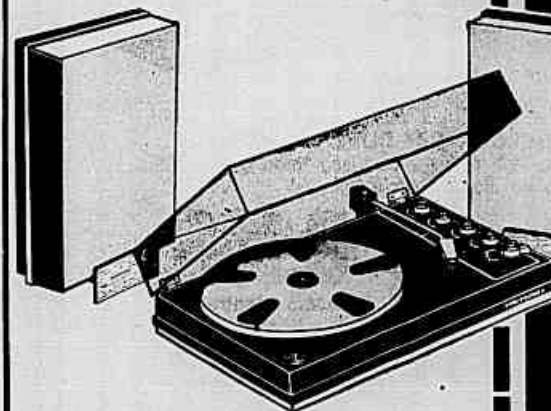
TELEFUNKEN NUNCA SAI DA MODA

TELE FUN KEN

NOVO TV TELEFUNKEN PALCOLOR 26" MOD. 663 – SOLID-STATE C/SELETOR ELETRÔNICO VARICAP – Seletor de canais por teclas. Cinescópio Black-Matrix. Controles deslizantes e som frontal. Móvel de alto luxo.

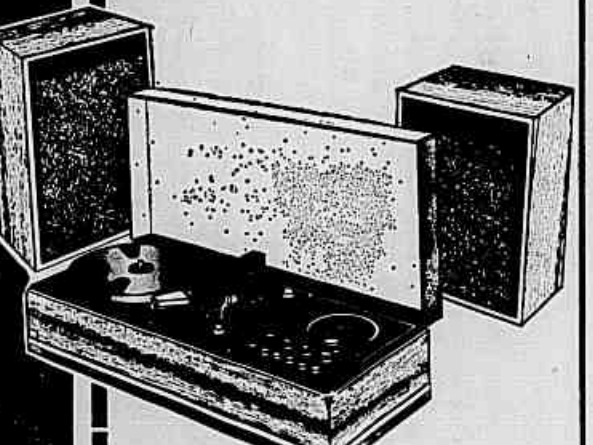
De: ~~12 x 1.600,00~~ Por:

12x 1.439,
mensais s/ entrada

NOVO TV. TELEFUNKEN PORTÁTIL MOD. 442. 44 cm. Controles deslizantes e som frontal. Gabinete em madeira de lei.

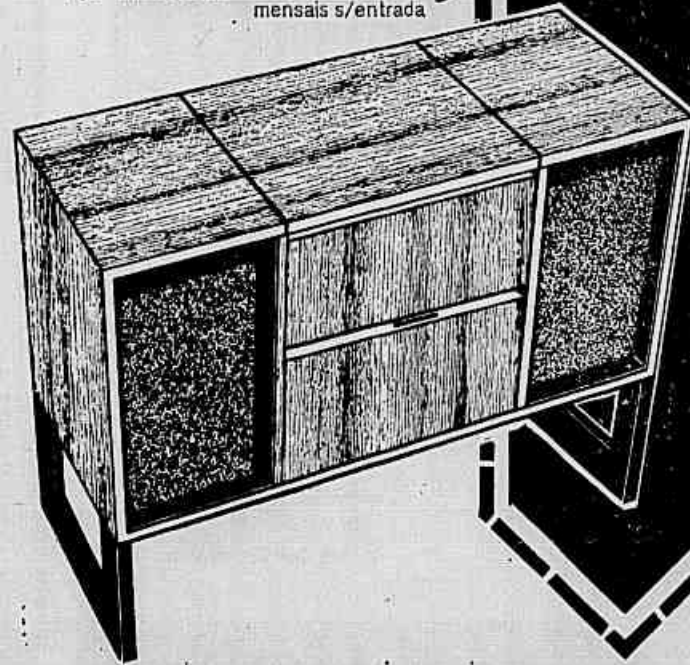
De: ~~300,00~~

Por: **248,**
mensais s/ entrada

CONJUNTO DE SOM TELEFUNKEN — ESTÉREO
Toca-Discos. Amplificador e 2 caixas acústicas.

De: ~~12 x 800,00~~

Por: **12 x 228,**
mensais s/entrada

NOVO CONJUNTO DE SOM STEREO CENTER TELEFUNKEN
Amplificador de 40 W. Sintonizador AM/FM Stereo. Toca-discos de 3 velocidades. Com controles deslizantes.

De: ~~12 x 650,00~~

Por: **12 x 599,**
mensais s/entrada

NOVO RADIOFONÓGRAFO TELEFUNKEN CANTATA S — ESTEREO - Toca-discos automático de 3 velocidades. Rádio de 4 faixas de onda (FM, OM, OT e OC) totalmente aproveitável. Móvel em madeira de lei de fino acabamento.

De: ~~650,00~~

Por: **599,**
mensais s/ entrada

A PREÇO SEM IGUAL NA

ultralar

CADA VEZ MAIOR

77.105

Michel diz que se entrega mas não abandona o tóxico

"Não vou fugir; só me apresento quando me sentir bem e tiver confiança na sociedade. E vou me apresentar após o julgamento do habeas-corpus". Esta declaração de Michel Frank foi obtida ontem à noite e transmitida por um dos seus advogados, que esteve com ele nas últimas horas.

Michel disse mais: "Estou em depressão e não posso me apresentar. Estou sentindo que meus companheiros eram somente aproveitadores e não amigos. Não vou fugir, repito. Não vou deixar o Brasil. Sou um toxicômano, de fato; e vou continuar assim porque o que eu esperava da sociedade não aconteceu. Talvez se eu tivesse recebido mais carinho, franqueza e sinceridade, eu não estaria onde estou agora".

Sobre Khour

"Todos dizem que sou muito inteligente, por saber ganhar dinheiro e falar seis idiomas, sem sotaque. No entanto, sinto-me totalmente imbecilizado porque, apesar de tudo, não soube honrar a responsabilidade que minha família sempre exigiu. A decepção mais uma vez me cala porque Khour, depois de chamar meu pai de seu pai, pedindo que ele o ajudasse, deu entrevista à TV e, agora, estou sentindo mais uma vez que serei traído, disse Michel.

"Eu acho que a fala de Khour foi uma tentativa de embaralhar este processo. Ele sabe tão bem quanto eu que, para chegarmos à verdade sobre a morte de Cláudia, seria necessário dizer somente o nome das pessoas que estavam em minha casa e que poderiam colaborar para o esclarecimento do caso. Ele não tem o direito de envolver outras pessoas que, mesmo estando em minha casa, não poderiam ajudar a esclarecer a morte de Cláudia. E o que Khour fez foi somente aumentar a desgraça destas pessoas, que já estavam desgraçadas, como eu e ele, por recorrerem a tóxico para complementar uma felicidade que nós achamos inexistente" — afirma Michel Frank.

O mesmo advogado que transmitiu a declaração assinalou que Michel leu nos jornais de ontem a entrevista dada por Khour à televisão. Assinalou mais o seguinte, e que não estava na mensagem rabiscada por Michel: "Não houve violência sexual. Ninguém estava despido, a princípio. Os três tiraram a roupa e deitaram-se, mas continuaram drogando-se. Queriam dormir, a qualquer preço. E não conseguiam".

O advogado explicou ainda que a apresentação de Michel não se efetuou, antes de tudo, por temor de que ele venha a ser preso "por facilitação de tóxico" — um outro processo além da acusação de homicídio. Admitiu que se pensou em dar fuga a Michel para outro país, mas que, no entanto, seu passaporte "estava caduco". O advogado leu ainda o seguinte trecho rabiscado por Michel: "Na impossibilidade de me apresentar, desejo antes de tudo desintoxicar-me".

Parecer deixa Wilson otimista

Apesar de aborrecido por ter falhado uma parte de seus planos ("o esquema montado para me levar ao encontro de Michel *furou*"), o advogado Wilson Lopes dos Santos voltou ontem de manhã para o Rio sentindo-se "muito satisfeito" com o parecer inicial que um médico legista de São Paulo deu sobre o laudo cadavérico do Instituto Afranio Peixoto.

"Ele afirmou que não há no laudo descrição de marcas de esganadura (estrangulamento com as mãos), que são típicas e têm forma semicircular, como também não viu nele nada que constate ter havido violência contra Cláudia", disse. Para ele, a linha de defesa que o advogado Jair Auler vem tomando "só vai desmoralizar George Khour. Ele está no mesmo barco que Michel e precisa saber que agora só a verdade completa poderá salvar os dois. O advogado não sabe ainda quando vai requerer habeas-corpus em favor de seu cliente.

O parecer

O médico paulista, cujo nome ainda não pode ser divulgado, interpretou assim alguns itens do laudo, num parecer ainda superficial que só será aprofundado após os resultados dos novos exames:

"1.º) O laudo diz que o pescoço revela escoriações pardo-avermelhadas irregulares, em maior número na metade esquerda, e sulco oblíquo descendente da esquerda para a direita quase completo (que seria resultante do arame e, como o próprio laudo conclui implicitamente, foi produzido após a morte). Quanto às escoriações, não caracterizam o estrangulamento com as mãos, que deixa marcas típicas, de forma semicircular.

2.º) Acho imperdoável que não tenham recolhido de imediato o conteúdo do estômago e os segmentos das vísceras para exame químico-toxicológico, uma vez que o legista já suspeitava de crime sexual, onde os tóxicos estão sempre acompanhando tais processos.

3.º) A escoriação descrita na fúrcula (parte da genitália) é superficial. Atingiu apenas a mucosa e não foi interpretada pelo legista como rutura da vagina. ("Um jornal disse ter havido rutura", acrescentou o advodago, "mas existe só uma erosão pequena").

"4.º) Diga-se o mesmo da erosão epidérmica, tipo esfoladura, portanto superficial, descrita na borda do anus. Jamais se poderia pensar em empalamento — produto de ato sexual pervertido pela ação de tóxicos. ("Isso prova que é mentirosa a suspeita de que lhe teriam introduzido algo após sua morte", comentou o defensor de Michel).

5.º) Com relação à hemorragia das meninges, o couro cabeludo íntegro com escoriações apenas na face e pescoço, sem nenhuma ação contundente, mostra não ter havido pancada suficiente para produzir hemorragia". (Ela poder ter resultado da asfixia de sua emoção diante da agonia por não conseguir respirar", disse).

Nova linha

O Sr Wilson Lopes dos Santos confessou-se "muito mais tranquilo com a nova linha de defesa, pois é mais fácil trabalhar sobre a verdade dos fatos". E explicou que a linha inicial — de negativa — "justificava-se pela minha certeza de que Michel não matou Cláudia. Digo a vocês que não foi o aparecimento do operário da Avenida Niemeyer, como testemunha da tentativa de ocultar o cadáver, que mudou a linha, pois este depoimento do *Indio* não era difícil de derrubar. Modificamos a defesa porque consideramos melhor para meu cliente".

Ele disse estar preocupado com a posição que George Khour e seu advogado assumiram na entrevista à televisão, "pois a esta altura dos acontecimentos, só a verdade inteira salvará os dois. A meia-verdade não adianta. A versão que tenho até agora é de que a moça morreu de morte natural. Então, George fez o mesmo que Michel: tentou socorrê-la e depois no desespero que em que encontravam face a ela ter ingerido tóxicos na casa de Michel e pelo medo de serem autuados em flagrante por uso de drogas, tentaram desaparecer com o corpo".

"A verdade de Michel", continuou, "na qual acredito, é que o francês foi dormir. O casal e o cantor Enrico ficaram com ele, Khour e Cláudia na sala e, quando esta começou a passar mal, a mulher do italiano a ajudou. Depois, estes três personagens, que negam suas presenças na reunião, foram embora, e Cláudia melhorou. Ela cheirou mais cocaína e foi para o quarto com Michel e Khour. E' bom lembrar que a moça já estava debilitada, havia vomitado muito, tinha o estômago vazio. Além disso, o clima em que os três se encontravam levou a uma grande excitação".

O advogado acrescentou que "esta soma de bebidas alcoólicas, cocaína, fraqueza e erotismo deve ter provocado a crise, e Cláudia entrou numa espécie de estado comatoso. Drogados, os dois homens perderam o controle e é normal que no esforço de salvá-la a tenham machucado". Sua conclusão é de que Cláudia "pode até mesmo não ter morrido por ingestão excessiva de tóxicos, que entraria como causa concorrente de sua morte, já que realmente estava muito debilitada".

"Não entendo"

O advogado afirmou não entender por que Carlo e Bernardete Simonelli e o cantor Enrico Grossi "insistem em não admitir que estavam na casa de Michel àquela noite e viram a moça começar a passar mal". Ele lembrou que o casal "está dirigindo suas acusações à pessoa errada, pois eu disse ao JORNAL DO BRASIL que George Khour me contara, através de um correspondente (o advogado Jair Auler) que tanto eles quanto o cantor do *Pirata* estavam também nus e cheiraram pó. Em nenhum momento esta afirmação saiu de minha boca; ao contrário, disse que checaria primeiro a informação por não ter o direito de envolver pessoas sem saber a verdade".

Segundo o Sr Wilson, Michel lhe teria contado desde o início todos estes detalhes e, inclusive, fornecido os nomes das pessoas atualmente envolvidas no caso, "mas eu não prestei muita atenção porque estava na linha de negativa. Tanto Michel como Khour não queriam envolver Daniel Labelle e estavam dispostos a nunca revelar seu nome, mesmo após a mudança de defesa, por considerarem que ele estava dormindo e não vira nada. Mas ambos passaram a dar muita importancia ao casal Simonelli, que viu Cláudia passar mal, saindo em seguida do apartamento. A mim, porém, Michel nunca disse que estivessem nus ou tenham usado tóxicos".

Na segunda fase da defesa, então, disse o advogado que passou "o procurar este casal feito um louco. Com muito custo consegui o endereço; fui até lá mas não estavam em casa e deixei um recado com o porteiro. No dia seguinte eles me telefonaram aos gritos, reclamando da entrevista que dei ao jornal e informando que constituiriam advogado para me processar".

Sem dolo

Depois, comentou que "a questão do dolo até o momento não foi observada. Eles afirmam que não mataram Cláudia, mas, mesmo que o tivessem feito, não tinham intenção de matá-la. Mais ainda: a toxicomania é uma forma de insanidade mental, e a insanidade deixa o agente na condição de semi — ou mesmo total — inimputabilidade, ou seja, ele não tem responsabilidade sobre seus atos. Quando entrarmos na parte judicial, vou discutir estes aspectos, pois o Artigo 15 do Código Penal afirma que o crime só é punível quando existe dolo".

A opinião do defensor de Michel é de que, se George Khour agora "quiser mudar as coisas, é pior para ele. A verdade poderá, como ele teme, comprometer sua imagem de homem que não usa drogas; mas acontece que ele está sendo acusado de homicídio, que é muito mais grave. Como vai explicar o que fazia nu ao lado de Cláudia e Michel? Alguém acreditará que ele participou apenas da tentativa de ocultar o cadáver, por solidariedade ao seu amigo?", indagou.

Para o advogado, os dois indiciados "teriam de estar participando de um tipo de festinha pouco recomendável para uma grande parcela da sociedade, mas é preciso encararmos a realidade: são homens, Michel é solteiro, George desquitado; ambos frequentam grupos em que ese tipo de relação sexual é normal e comum. Michel me disse que Cláudia quis participar, por livre vontade. Eu acredito piamente nele".

Oitava pessoa era uma mulher

O advogado de George Khour, Sr Jair Auler, admitiu ontem, em entrevista ao **Jornal Nacional** da TV Globo, que a oitava pessoa presente à reunião de Michel era uma mulher. O repórter perguntou-lhe se seria Denise Camargo, a vizinha que acompanhou a vítima no táxi aquela noite, segundo ela só até Ipanema. Ele respondeu: "Posso garantir que não".

Quando lhe lembraram o nome de Marília Ambrósio, a Mag, o advogado disse: "Mag me parece que seria, ou teria sido, uma namorada permanente de Michel". "Sim", insistiu o repórter. "Ela estava na festa?". O Sr Auler informou, depois de uma breve hesitação: "Eu acho que ela não pôde participar da festa por imposição do próprio Michel".

Segundo o advogado, quando Michel constatou a morte de Cláudia, teria pedido a ajuda de Khour "E ele quis ser solidário ao Michel que num determinado momento se jogou aos pés dele e pedia: "Todo mundo foi embora" e "Não me deixe só, não me deixe só, George Khour". Interrogado se Khour vai acusar Michel, respondeu que "ele vai contar tudo o que houve". Nova pergunta: "E o que houve compromete o Michel?" Resposta: "Eu acho que compromete até o George Khour".

Novamente o repórter: "Mas ele acusa o Michel?". O Sr Jair Auler afirmou que "ele acusa até ele mesmo". Perguntaram-lhe então se Khour acusava Michel como responsável pela morte, e o advogado concluiu a entrevista: "Bem, quarta-feira você vai saber disso". Neste dia ele pretende apresentar seu cliente à Justiça.

Análise ajudava Cláudia

Bonita, alta (quase 1,80m), "meiga, carinhosa e muito sensível", segundo a sua família, Cláudia Lessin Rodrigues era uma jovem de 21 anos, de olhar triste e com constantes crises de depressão e de choro. Mas vinha apresentando "sensíveis melhoras" no seu tratamento psicanalítico segundo o terapeuta Luis Alberto Pinheiro de Freitas, com quem realizava análise individual.

E na terapia de grupo, que fazia simultaneamente com a individual, o quadro apresentado pelo psicanalista Carlos Castelar Pinto era o de que Cláudia "estava despertando para uma vida mais consciente". Segundo sua irmã Márcia Rodrigues, até os 19 anos "era dócil demais, sem iniciativa; depois começou a se revoltar, como se de repente sentisse a necessidade de vomitar tudo o que tinha engolido durante tantos anos".

Em meio a uma de suas crises, no ano passado, seus pais, Hilton Calasans Rodrigues (piloto do DNER) e Maria Dorotéia Lessin Rodrigues, resolveram mandá-la para os Estados Unidos, onde estava o seu irmão Guilherme Passou uns 25 dias com ele e depois juntou-se a um grupo de norte-americanos, com os quais correu quase todo o país.

Nos cinco meses em que ficou nos Estados Unidos, telefonava quase todo dia, às vezes rindo, às vezes chorando. E o psicanalista Carlos Castelar Pinto aconselhou que fossem buscá-la. Ela deixou lá um namorado, Dustin, a quem se referia constantemente com sua irmã Márcia, e sua melhor amiga, Marisa Paranhos, dizendo "amá-lo muito".

Cláudia interrompeu um pré-vestibular de Psicologia, porque, muito angustiada, sentia-se "sem cabeça para estudar". Ela conheceu Michel Frank um mês antes de sua morte, durante o lançamento do filme Gente Fina É Outra Coisa. *Na mesma noite, no Hotel Meridien, conheceu seu último namorado, o diretor do filme, Pedro Rovai.*

Crime tem quatro versões e nenhuma é a definitiva

No dia 25 de julho, o corpo de uma mulher, de 28 a 30 anos presumíveis, nua e bonita, apareceu com mais de 20 quilos de pedras amarradas ao pescoço, na plataforma da Gruta da Imprensa, conhecida como Chapéu dos Pescadores. No dia seguinte, o corpo foi identificado: era o de Cláudia Lessin Rodrigues, irmã da atriz Márcia Rodrigues, a Garota de Ipanema, e mais jovem do que aparentava: apenas 21 anos.

As investigações policiais e o trabalho da imprensa revelaram uma trama cujas reais implicações ainda não são totalmente conhecidas. O detetive, que, em cinco dias, chegou aos nomes dos principais suspeitos foi afastado do caso; a situação que levou a jovem à morte já possui quatro versões diferentes: o que antes parecia ser uma simples reunião a dois, para um jogo de cartas, transformou-se numa festa com pelo menos sete participantes; e as possíveis relações do crime com o tráfico de tóxicos na Zona Sul não foram esclarecidas.

Primeira versão

Com apenas um nome — Michel — citado ao acaso pelo pai de Cláudia, o detetive Jamil Warwar iniciou as investigações. No dia 31 de julho, ele terminava seu relatório indicando dois suspeitos: Michel Frank e George Khour. Três pistas o levaram a estes nomes: um telefonema anônimo — mais tarde revelado como sendo do operário Luiz Gonzaga — dando a placa do carro visto na Av. Niemeyer, na madrugada de segunda-feira, dia 25; o depoimento do zelador Antônio Jerônimo, que disse ter visto Michel acompanhado por um homem, no domingo, dia 24; e uma reportagem do jornal **Ultima Hora**, que revelava ser o cabeleireiro Khour o companheiro de Michel.

Concluído o seu relatório, Jamil foi afastado do caso. Na sexta-feira passada, o diretor do Departamento de Polícia Especializada, delegado Waldemar Gomes de Castro, justificou a medida afirmando que o detetive não tinha autoridade para instaurar um inquérito, o que foi feito pelo delegado Wanderley José da Silveira. Nas oito páginas e meia, em que relatou suas investigações, Warwar deu a primeira versão do crime. Para ele, Cláudia e Khour teriam dormido no apartamento de Michel, no sábado. No dia seguinte, à noite, saíram os três para comprar tóxicos e foram à casa de Jucélio Gonçalves Dutra, na Niemeyer, a 100 metros do local em que acharam o corpo. Lá, sob o efeito de drogas, Cláudia teria morrido e os dois — Michel e Khour — tentaram jogar seu corpo ao mar. Jamil acreditava que "Cláudia teria se insurgido contra Michel, ou seu companheiro", sendo, então, espancada.

No dia 5 de agosto, Khour presta depoimento e apresenta a segunda versão sobre a morte de Cláudia. Afirma que estava jogando cartas com Michel, quando a moça apareceu no apartamento da Rua Desembargador Russel. Tomou uma dose de uísque, deu vários telefonemas e, após receber um chamado telefônico, retirou-se. Restava à polícia somente uma opção: procurar identificar quem telefonou para Cláudia. Na época, chegou a ser ventilada a hipótese de que Cláudia, depois de sair do apartamento de Michel, teria sido atacada por dois marginais, que a violentaram, mataram e abandonaram o corpo na Gruta da Imprensa. A hipótese servia ao interesse da família Frank em não admitir que houvesse uma reunião na casa de Michel, onde se consumiram tóxicos.

Reviravolta

O filho do industrial Egon Frank ainda não tinha sido ouvido pela polícia quando uma nova revelação provocou a primeira reviravolta nas investigações. No dia 7 de agosto, o jornal *O Globo* localizava Geraldo Farias, que, no domingo, 24 de julho, pescava na Gruta da Imprensa. Ao ver as fotos de Michel e Khour, o pescador não titubeou: "A menos que esteja havendo uma grande coincidência, são estes os homens que vi saindo do penhasco na noite do crime."

Geraldo observou quando dois homens e uma mulher chegaram, por volta de 18h, às pedras. Uma hora depois, viu os dois homens sozinhos. A revelação, no entanto, não impressionou os suspeitos. Dez dias depois, Michel depõe na Delegacia de Homicídios e repete quase integralmente a versão anteriormente sustentada por seu amigo cabeleireiro. Para os ferimentos que apresentava na mão, tinha uma expicação, inclusive com testemunha: um acidente de motocicleta.

Neste ponto, tudo indicava que o inquérito caminhava para o arquivamento. As pessoas que depunham na Delegacia de Homicídios — quase todos amigos de Michel ou empregados da Imobiliária Suíça — apesar de serem simples testemunhas ou mero informantes, compareciam sempre acompanhadas de advogados. As investigações dirigiam-se para a confirmação do relato inicial de Michel e Khour. Já havia no entanto, mais repórteres investigando o crime do que policiais da Delegacia de Homicídios e fatos, que ainda não constavam do inquérito, começaram a aparecer.

No último dia de agosto, quando o caso parecia interessar apenas à imprensa e à família da moça, o inquérito é enviado para o 1.º Tribunal do Júri. Trinta e sete dias de investigações e 126 páginas de depoimentos não foram suficientes para a polícia chegar a qualquer conclusão: a Delegacia de Homicídios não apresentou nenhum indiciado. Outros aspectos, porém, reativaram o caso: o laudo do Instituto Carlos Éboli afirma que Cáudia chegou viva ao Chapéu dos Pescadores e, só ali, foi espancada e morta, por estrangulamento. Confirma ainda o que a imprensa já tinha revelado: não estava sob o efeito de tóxicos. O laudo apóia o depoimento do pescador e atrapalha a terceira versão, que ainda surgiria.

Terceira versão

No começo de setembro, começou a circular a infrmação de que o patologista Domingos de Paola, professor da UFRJ, teria sido procurado pela família de Michel para, através de sua influência no Instituto Afrânio Peixoto, conseguir que o laudo do exame cadavérico de Cláudia fosse compatível com a versão contada pelos dois suspeitos. O jornal *Última Hora* já tinha publicado em agosto, que o mesmo patologista participara, logo após o crime de uma reunião com Michel em que este teria admitido que Cláudia morrera em seu apartamento. Procurado pelo JORNAL DO BRASIL, o patologista desmentiu a informação e afirmou que nada tinha a ver com o caso Cláudia. No dia 5 de setembro, entretanto, a revista *Veja* chega às bancas com o seu relato, que provocou nova reviravolta.

Mais de um mês depois de participar de uma reunião nos escritórios de Egon Frank, o patologista, pelo que definiu como uma "coação irresistível de consciência", resolve contar tudo que sabia. Da reunião participaram o advogado João Batista Magalhães, os criminalistas Evaristo de Moraes Filho e George Tavares, o arquiteto Luiz Antônio Pontual Machado e Michel.

Michel teria dito que, no sábado, convidou Cláudia para uma reunião onde haveria consumo de drogas e relações sexuais. Na festa, "de que participou muita gente", eles tomaram comprimidos de Mandrix, beberam vinho e aspiraram cocaína. Cláudia teria começado a passar mal, ficando com a língua enrolada, tapando-lhe a garganta. Os outros ferimentos encontrados no corpo da vítima teriam sido provocados por Michel e Khour "na ânsia de salvá-la". Os ferimentos na mão de Michel também ganham nova justificativa: foram causados pelos dentes de Cláudia, quando ele tentava desenrolar sua língua.

Assim, Michel responderia apenas por crime de ocultação de cadáver e facilitação do uso de tóxicos. No entanto, Evaristo de Moraes Filho conseguiu adiantar o resultado do laudo cadavérico (não constatou a presença de tóxicos e deu como causa da morte um hematoma subdural — hemorragia das meninges) e afastou-se do caso. Michel também não sustentou mais esta versão, até vir a público o relato de De Paola. A nova versão desmentia também o depoimento do pescador.

Os omissos

Depois da revelação de De Paola, os fatos passaram a acontecer mais rapidamente no inquérito, que, a esta altura, já estava de volta à Delegacia de Homicídios. Os novos fatos incriminavam também outras pessoas. Entre elas, o corretor Cristiano André Frias, que, como a maioria dos que depuseram na primeira fase do inquérito, era amigo de Michel e empregado da Imobiliária Suíça. Cristiano era a testemunha que confirmara o acidente de moto que teria provocado os ferimentos na mão de Michel. Na última sexta-feira, ele se justificou: "Menti porque meu amigo e patrão me pediu para fazê-lo".

O relato de De Paola também denunciava que houve uma reunião na casa de Michel para consumo de drogas. Se mais pessoas participaram da reunião, por que não tinham ainda aparecido? O JORNAL DO BRASIL localiza cada um dos que estiveram no apartamento. Primeiramente, o industrial francês Daniel Labelle, que revela a presença de pelo menos sete pessoas. Contando Michael, Khour e Cláudia, ainda faltavam três: o cantor Enrico Grossi e o casal Carlos e Bernardete Simonelli são entrevistados pelo JB.

A denúncia

Na última semana, o promotor José Carlos da Cruz Ribeiro, do 1º Tribunal do Júri, passou a dirigir as diligências policiais; o patologista e as pessoas que participaram da festa são chamados para depor.

Na terça-feira à noite, os indícios já são considerados suficientes para o Juiz Alberto Mota Morais decretar a prisão preventiva dos acusados. Na sexta-feira à noite, o promotor os denuncia e sustenta a quarta versão, a da Justiça: Michel e Khour "desferiram pancadas na cabeça de Cláudia Lessin e estrangularam-na com as mãos, causando-lhe lesões, além de asfixia mecanica, causas suficientes para que se desse a morte".

E continua: "Os autores da morte de Cláudia, além de terem cometido um crime torpe, usaram de meio cruel, impossibilitando a defesa da vítima, que foi brutalmente seviciada".

A história, no entanto, ainda está longe de acabar. O novo advogado de Khour, Sr Jair Auler, já anuncia para a semana que vem, quando apresentar seu cliente à Justiça, "toda a verdade". Como aperitivo, o cabeleireiro em entrevista à televisão já forneceu um novo dado para o caso: havia oito pessoas na festa. Pode, então, surgir a quinta, mas certamente não defintiva, versão dos fatos. Tudo indica que Michel e Khour acabarão se acusando mutuamente, como os envolvidos em outro crime famoso: *Lou* e Wanderdey.

Por que mataram Cláudia Lessin? O detetive Warwar, cinco dias depois de o corpo ter sido encontrado, disse que as circunstancias apontavam o tóxico. Mas apresentou também outra alternativa: "A certeza de impunidade, que Michel pensava ter, em virtude do grande poder econômico e político de seu pai".

Psicanalista diz que melhora era sensível

Na tarde de sexta-feira dia 22 de julho, Cláudia Lessin Rodrigues teve a sua última sessão de análise individual, com o psicanalista Luis Alberto Pinheiro de Freitas. Nada de anormal foi anotado pelo terapeuta, que no seu depoimento à polícia observou que a paciente vinha apresentando "sensíveis melhoras".

Na noite do mesmo dia às 19h, seu namorado, cineasta Pedro Rovai, telefonou. Marcaram encontro para o dia seguinte. No sábado, dia 23, Cláudia foi apanhada em casa pelo seu colega de análise João Adeles Pereira Barta, de 20 anos, para passearem. Saíram por volta de 14h e foram até a Pedra Bonita, em São Conrado, para assistir a um campeonato de asas voadoras. Voltaram às e18h30m. "Eu a deixei na sala, vendo televisão", disse João.

ANTES DA FESTA

Já em casa (Rua Fernando Mendes, 7 apartamento 301), Cláudia telefonou para sua melhor amiga, Marisa Bueno Paranhos, convidando-a para ir "a uma festa no Leblon." Marisa recusou. Mais tarde, ela disse à prima Mônica que desmarcara o encontro com Rovai, "porque ele está muito ocupado com o Festival de Brasília."

Pouco depois de 22 horas, Cláudia Rodrigues foi para a casa de sua amiga e vizinha Denise Camargo Budant (Rua Fernando Mendes, 45 apartamento 801). Por volta de 23h as duas resolveram sair e *rachar* um táxi. Segundo Denise, Cláudia disse que iria à casa de um amigo, no Leblon: "Quando desci do táxi, em Ipanema", — diz Denise — "ela parecia estar feliz e pouco antes de nos separarmos perguntou-me se iria ao Privé, pois pretendia aparecer por lá, mais tarde".

O táxi, segundo Denise, era um Volkswagen, 4 portas, cor escura, até hoje não identificado pela polícia, que ainda não tem certeza se Cláudia realmente chegou sozinha à festa. Denise apresentou, no entanto, seu álibi: desde aquela noite de sábado, até a manhã de segunda-feira ficou com seu amigo Caio Mauro Furtado de Mendonça, um advogado de 33 anos. Caio conhece Michel Frank há dois anos, mas alega que "é uma ligação comercial", porque aluga imóveis na Imobiliária Suíça.

Segundo Michel Albert Frank, Cláudia teria chegado ao seu apartamento às 23h30m. O casal Carlos e Bernardete Simonelli encontrou a portaria aberta, quando chegou ao edifício, à 1h5m do dia 24, acompanhando o cantor Enrico Grossi.

Função de juiz é só processual

Há menos de um ano como sumariante do 1º Tribunal do Júri, o Juiz Alberto Mota Morais, responsável pela decretação da prisão preventiva de Michel e Khour, já atuou em, pelo menos, três processos de grande repercusão: o de Mônica Strachmann, acusada pela morte de Leopoldo Heitor Filho; o de José Carlos Ferrão, acusado de matar Maria Ignês Rayol, na Praia de Grumari; e um do Esquadrão da Morte, envolvido no assassínio do traficante Serginho do Pó.

Sua função, no entanto, limita-se à fase processual: ele não presidirá o júri que vai decidir a sorte dos dois acusados pela morte de *Cláudia Lessin. A disposição do Tribunal de Justiça, desde que foi efetuada a fusão, o Juiz Mota Morais começou sua carreira no interior do Estado. Discreto e reservado, foi quem menos deu informações sobre o inquérito de Cláudia.*

Até mesmo o teor das conversas que travou com os advogados envolvidos no caso, pediu que fosse mantido em sigilo. Este comportamento parece ser uma constante no seu trabalho. Quando Mônica Strachmann compareceu ao Tribunal para ser interrogada pela primeira vez, o magistrado só permitiu a presença dos advogados da jovem e dos auxiliares de Leopoldo Heitor.

De Paola mudou linha da defesa

Considerado uma das maiores autoridades do mundo em patologia, autor de 349 trabalhos sobre a sua especialidade, o professor Domingos de Paola provocou uma reviravolta na apuração da morte de Cláudia Lessin Rodrigues. Depois de sucessivos desmentidos sobre o seu envolvimento, decidiu contar que participou de uma reunião onde Michel admitiu que Cláudia morrera em seu apartamento.

Numa "coação irresistível de consciência", o patologista resolveu falar, para desmentir que o pai de Michel lhe teria oferecido Cr$ 200 mil para contraditar o laudo do Instituto Afranio Peixoto, e, sobretudo, para contar a história que ouviu durante o encontro, no escritório da representação dos relógios Mondaine, de propriedade de **Egon** *Frank, que mudou o curso das investigações e anulou o depoimento de Michel à polícia*

Michel tinha uma boa imagem

Um jovem e bem sucedido empresário, proprietário de uma imobiliária luxuosamente instalada, falando seis idiomas, que começou a trabalhar aos 17 anos e "se fez por si mesmo", apesar da riqueza e do prestígio do pai, o industrial Egon Frank. Foi assim que o advogado Wilson Lopes dos Santos procurou formar a imagem de Michel Albert Frank — suspeito de ter assassinado Cláudia Rodrigues — quando o apresentou pela primeira vez à imprensa.

O advogado não conseguiu sustentar essa imagem por muito tempo. Michel — um economista de 26 anos — hoje confessa que é viciado em entorpecentes, desde os 16 anos. Servia caviar e champanhe no seu apartamento, segundo o casal Carlos e Bernardete Simonelli.

Todos, amigos e vizinhos, definiam Michel como simpático e educado. O que não evitou o advogado Arlindo Daibert, que morava no andar de baixo, de um dia ir reclamar do barulho de uma de suas festas: "E' que somos da macumba" — explicou Michel — "e quando a pombagira baixa batemos garrafas no chão, para ela subir de novo".

No dia 19 de outubro de 1976, Michel atropelou e matou um operário na Barra da Tijuca. O inquérito sobre o fato, ficou, no entanto, paralisado, na 16a. Delegacia (processo nº 162/76) simplesmente por não ter sido remetido o laudo cadavérico da vítima.

Khour tornou-se dono de salão

Libanês, 36 anos, Georges Khour é um dos cabeleireiros mais prestigiados do Rio. Veio para o Brasil há 15 anos, logo após casar-se com a ex-Miss Brasil, Vera Lúcia Sabba, a quem conheceu no Líbano. Logo que chegou, foi trabalhar no Salão Chopin, na Avenida Atlântica, e, hoje, é o proprietário do Instituto que funciona no 4.º andar do Hotel Méridien.

Desde que se desquitou de Vera Sabba, há oito anos, morava com a mãe, Dona Virgínia, o irmão, Jean, e os dois filhos, Kátia e Ricardo, num apartamento da Rua 5 de Julho, em Copacabana. Ricardo, o filho mais moço, é doente, e faz tratamento numa clínica da Tijuca.

Para a mãe, Khour é um homem caseiro que nunca chega tarde do trabalho. "Um filho jamais mentiria para a própria mãe; e Georges me garantiu que nunca tomou drogas em sua vida". Exímio jogador de gamão, o cabeleireiro conhece Michel Frank há um ano e costumava frequentar seu apartamento nas noites de sábado, onde, além do sofisticado jogo europeu, "ouvia-se música, bebia-se drinques e jogava-se cartas (jinrummy)". Foi descoberto pela polícia através do depoimento do zelador do prédio da Rua Desembargador Russel, que disse ter visto "um homem branco" com Michel, no domingo, dia 24.

Participantes confessos não esclarecem história da festa no apartamento

Quem estava na festa de Michel Albert Frank? Como foi a morte de Cláudia Lessin? Até agora nenhum dos participantes confessos parece ter contado a verdadeira história da festa. Mas pelo laudo do Instituto Afranio Peixoto diz que Cláudia foi assassinada com requintes de crueldade.

E terá havido mesmo festa? Segundo os vizinhos, o apartamento de Michel registrava uma permanente movimentação de pessoas entrando e saindo, a toda hora, quase todos os dias. No encontro que teve com três advogados e o patologista Domingos de Paola, Michel admitiu que na noite do dia 23 houve no seu apartamento mais uma das suas reuniões "para consumo de drogas e relações sexuais".

A festa

O apartamento de Michel tem oito peças: sala, dois quartos, banheiro social, cozinha, área de serviço, quarto e banheiro de empregada. Dois telefones: um na sala e outro num dos quartos. Alguns móveis fora do lugar ou chamuscados e as paredes também parcialmente escurecidas são consequências de um princípio de incêndio que ocorrera alguns dias antes. Este é o cenário da reunião da noite do dia 23 de julho. O advogado de George Khour promete para a próxima semana a "versão definitiva" sobre o crime e o que ocorreu na festa, mas até agora, de acordo com os depoimentos conhecidos, a história apresenta muitas contradições.

Segundo Michel, Cláudia teria chegado, já drogada, ao seu apartamento, por volta de 23h30m, e pouco depois começou a passar mal, "vomitou e foi levada para um dos quartos por uma senhora italiana". Por volta de 4h, Khour teria alertado Michel de que Cláudia estava morrendo asfixiada. Os dois tentaram então reanimá-la "com socos no peito" e respiração artificial. Enquanto isto a senhora italiana e seu marido — provavelmente o casal Carlos e Bernadete Simonelli — iam embora, assim como o industrial francês Daniel Labelle, também presente à festa.

Mas o casal afirma que se por acaso Michel está mesmo se referindo a ele, mente mais uma vez: "Tudo é invencionice dele, que de tão enrolado procura tumultuar o caso". Os dois, segundo contam, não teriam ficado mais de 15 minutos no apartamento, onde chegaram à 1h15m da madrugada, acompanhando o cantor Enrico Grossi, que resolvera naquela noite pagar uma aposta, cobrada de forma grosseira, segundo ele, por Michel.

O casal observou que Michel e George tinham a aparência de drogados, "meio sujos e tortos", e que não havia na sala sofás, cadeiras ou outro móvel para se sentar. Além disto, as paredes estavam queimadas. O casal não ouviu música nem viu mais ninguém no apartamento, mas notou que um dos quartos estava com a luz acesa.

Quem mente?

O industrial Daniel Labelle repete em linhas gerais o que diz Michel Frank e contradiz totalmente as afirmações do casal italiano, que são idênticas às do cantor Enrico Grossi. Conta que por volta de 23 horas, já bêbado, depois de tomar muitas doses de caipirinha, (uisque no depoimento à polícia) foi levado para um dos quartos do apartamento, no fim do corredor, onde dormiu até às 4 horas.

Se o casal de italianos e o cantor Enrico Grossi chegaram mesmo à 1h15m ao apartamento, e saíram pouco depois, Labelle, já dormindo no quarto, não poderia tê-los visto. Mas ele reafirma que não só o casal como também o cantor participaram da reunião. A hora da morte, que segundo Michel e Labelle, ocorreu por volta de 4 horas da manhã de domingo não coincide com a hora provável, prevista no laudo do Instituto Afranio Peixoto: entre 16 e 20 horas daquele dia.

Michel diz que, no afã de reanimar Cláudia, ele e Khour lhe teriam dados "socos no peito" e tentado fazer respiração artificial. E a lesão no frontal da jovem, constatada pelo laudo, segundo o advogado Wilson Lopes dos Santos, poderia ter sido consequência de um choque junto à borda da cama onde se encontrava.

Labelle disse também que tanto Michel e Khour quanto Cláudia estavam nus, no momento em que viu os dois tentando reanimá-la. Talvez fosse por causa do "calor excessivo", afirma Wilson Lopes dos Santos. O que se nota nesta fase da reanimação descrita por Michel é a tentativa de explicar os detalhes amplamente comprometedores do laudo cadavérico de Cláudia Rodrigues: ela foi morta por estrangulamento com as mãos, e antes de morrer sofreu muitas pancadas e ruptura das meninges, também de origem traumática.

Além das sete pessoas já envolvidas, haveria mais uma na festa, segundo o cabeleireiro George Khour. Este último personagem, segundo muitas indicações recebidas pela polícia, poderia ser o economista Pedro Vieira, conhecido de Michel e Labelle e que no entanto já desmentiu várias vezes a sua participação.

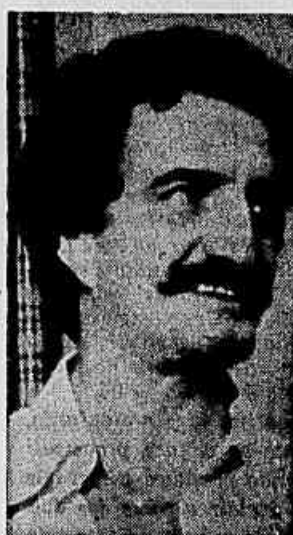
O caminho da verdade

A violência constatada pelo laudo cadavérico e o fato de Michel, Cláudia e Khour estarem nus, além dos antecedentes de Michel, relativos à violência com mulheres, que estão sendo pesquisados pela polícia, podem levar à versão que, do atual estágio das investigações, parece a mais correta: drogada ou não, Cláudia foi de tal forma brutalizada que acabou morrendo. Michel não nega que, ajudado por Khour levou o corpo até São Conrado, na madrugada de segunda-feira, onde tentaram fazê-lo afundar para sempre no mar. Entre a morte e a saída dos dois do apartamento, o cadáver teria permanecido no quarto, que tem ar refrigerado. O que ainda falta esclarecer sobre a festa provavelmente será desvendado esta semana.

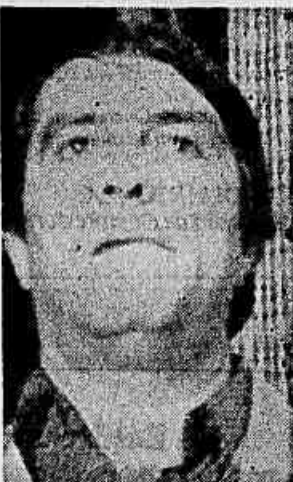
Labelle é a única presença confessa

No Brasil há três anos, o industrial francês Daniel Labelle envolveu-se no caso por ser um dos frequentadores das reuniões no apartamento de Michel Frank. No sábado, 23 de julho, ele era um dos que jogavam cartas com Michel e Georges Khour.

Representante da Mic-Mac, que atualmente instala no país uma indústria de prêt-à-porter, Labelle conheceu Michel há "oito ou nove meses". Afirma que este relacionamento se iniciou através da Imobiliária Suiça. Labelle procurava, para o presidente da empresa francesa, um apartamento para alugar, na Avenida Vieira Souto.

Seu depoimento é dos mais importantes, já que declara ter visto Michel e Khour, nus, tentando salvar Cláudia às 4h de domingo, quando o laudo do IML atesta que ela morreu entre 16 e 20h, mais de 12 horas depois.

Cantor ainda não obteve permanência

Apontado pelo industrial francês Daniel Labelle como um dos participantes da festa, na casa de Michel Frank, onde Cláudia Lessin Rodrigues teria sido assassinada, o cantor italiano Enrico Grossi está no Brasil há um ano, "com a mulher e o cachorro", mas ainda não conseguiu obter os documentos necessários à sua permanência definitiva no país.

Grossi disse que o seu único contato com Michel Frank foi quando o procurou para alugar o apartamento em que mora na Gávea. Não conseguiu explicar, no entanto, por que, mal conhecendo Michel, adquiriu a intimidade suficiente para fazer com ele uma aposta de Cr$ 1 mil, relativa a um jogo de futebol.

Casal Simonelli nega participação

Carlos Simonelli e sua mulher são, até agora, os principais suspeitos de formarem o casal que participou da reunião na casa de Michel Frank. Eles negam o fato. Afirmam que estiveram lá por 15 minutos apenas, na madrugada de domingo, em companhia do cantor Enrico Grossi. Disseram que nem viram Cláudia e que voltaram para o restaurante Pirata, onde estavam jantando.

No entanto, Michel já afirmou que Bernardete chegou a amparar a cabeça de Cláudia quando esta se debatia com dores de estômago. "Essa história é absurda: eu nem posso ver alguém vomitar", garante Bernardete. "Tudo isso é invencionice de Michel", afirma Carlos. Seu apartamento na Gávea foi alugado através da Imobiliária Suiça.

Um industrial rico e simpático

Industrial, rico e simpático. Assim, o proprietário da fábrica de relógios Mondaine e Classic, Egon Frank, é visto por seus amigos da sociedade. Em outros ambientes, ele é chamado de "mecenas do cinema nacional", onde a sua participação como produtor de filmes não se limitou às pornochanchadas de Pedro Rovai. Agora, ele é mais conheicido como o pai de Michel Frank, principal suspeito de ter assassinado Cláudia Lessin.

Muito querido nos meios artísticos, Egon, 58 anos, também é um dos proprietários da Empresa Incar, que possui o Teatro da Praia, no Rio, e o Teatro Itália, em São Paulo. Seu envolvimento nesta área foi que propiciou o encontro entre Cláudia e Michel. A jovem conheceu Pedro Rovai no lançamento do filme **Gente Fina é Outra Coisa,** interpretado por sua irmã Márcia Rodrigues. Mais tarde, Rovai a apresentou a Michel, numa das reuniões das noites de sábado.

Sempre defendeu o filho desde que seu nome apareceu no noticiário policial e no relatório do detetive Jamil Warwar: "Meu filho é um rapaz de 26 anos, sério, que se fez sozinho, apesar de eu ter recursos. Creio na inocência dele e vou continuar lutando até o fim".

Jamil apontou os implicados

Casado, dois filhos, 38 anos, o detetive que mais rápido chegou aos nomes dos acusados tem um apelido fabricado pela sociedade de consumo: Baretta carioca. Quando assumiu as investigações sobre a morte de Cláudia, o detetive Jamil Warwar era o chefe do 2º Setor de Investigações da Delegacia de Homicídios. Afastado do caso, pois o inquérito só poderia ser instaurado por um delegado, acabou sendo transferido também da Delegacia.

Agora, lotado no Departamento de Polícia Especializada, Jamil, em 14 anos de profissão, já trabalhou em várias delegacias: 34a., 18a., 9a., 15a., Tóxicos e Roubos e Furtos. Seus colegas garantem que ele não precisa do ordenado de policial para viver. Ele admite que o pai, próspero comerciante de eletrodomésticos em Bonsucesso, lhe deixou várias propriedades de herança.

No fim de julho, o detetive, que seguiu a carreira porque gosta de "uma vida emocionante", afirmava: "O Michel, direta ou indiretamente, está envolvido no caso. Disso não tenho dúvidas". A suspeita foi confirmada e constata a eficiência do policial, que revela seu gosto pela literatura: "Meus poetas prediletos são Augusto dos Anjos e J. G. de Araújo Jorge".

Operário reconheceu a Brasília

O que poderia se tornar um crime perfeito foi atrapalhado pelo depoimento de uma testemunha ocular: o operário nordestino Luiz Gonzaga de Oliveira, que viu, na madrugada de segunda-feira, 25 de julho, dois homens — um deles, garante que era Michel Frank — carregando um volume, que poderia conter o corpo de Cláudia Lessin, em direção ao Chapéu dos Pescadores.

Foi Luiz Gonzaga, o Índio, telefonou anonimamente para uma emissora de rádio carioca, logo após ter sido encontrado o corpo, afirmando que os assassinos usavam uma Brasília cuja placa era SX-5904. A partir daí, o detetive Jamil Warwar chegou ao principal suspeito: Michel, o dono do carro.

Luiz Gonzaga, agora, está escondido sob a proteção da polícia. Homem simples e desconfiado, 32 anos, ele já tem planos para quando sua participação no caso for dispensada: voltar para o Nordeste. "Esse tal de Michel é poderoso, tem muito dinheiro. Amanhã, ele manda alguém sumir comigo e fica por isso mesmo". O depoimento de Índio foi considerado verdadeiro pelo novo advogado de George Khour, Jair Auler.

Substituto de DH dirige inquérito

Substituto eventual do delegado Helber Murtinho, titular da Delegacia de Homicídios, o delegado Wanderlei José da Silveira, que conta com quatro anos e meio de polícia, esteve à frente das investigações do caso Cláudia Lessin, quando as sindicancias foram transformadas no inquérito 331/77. Casado, 34 anos, pai de três filhos, Wanderlei entrou para a polícia no cargo de comissário do então Estado da Guanabara, em março de 1973, servindo inicialmente na 1a. DP, na Praça Mauá. A seguir trabalhou na 34a. DP (Bangu) e 27a. DP, na Vila da Penha. Há dois anos e seis meses está lotado na DH. Com a fusão, foi elevado à categoria de delegado "A" e funcionou no crime do Grumari, em que foi morta Maria Ignez Chermont Rayol. O principal suspeito, José Carlos Coutinho Ferrão, foi preso sexta-feira última, denunciado por homicídio qualificado e estellonato.

Promotor mudou o rumo do inquérito

Quarentão, alto, louro, forte e desportista, o promotor José Carlos da Cruz Ribeiro deu novo rumo ao inquérito sobre a morte de Cláudia Lessin. Desde que a Delegacia de Homicídios enviou os autos para o 1.º Tribunal do Júri, ele passou a comandar pessoalmente as investigações, participando da elaboração de todas as peças processuais.

Embora tivesse estabelecido um prazo de 60 dias para a conclusão do inquérito, em sua segunda fase, prometeu encerrá-lo "o mais breve possível". Uma semana depois, cumpria a promessa: considerou os indícios suficientes para denunciar Michel e Khour.

Adepto da pesca submarina e frequentador do Clube Marimbás é o representante do Ministério Público que há mais tempo atua no 1.º Tribunal do Júri. Isto o torna muito respeitado naquela casa e os funcionários do cartório o chamam de "nosso decano". Apesar de nunca se ter negado a receber a imprensa, manteve o sigilo que caracterizava o inquérito desde quando estava na Delegacia.

Mendonça participa auxiliando acusação

Rosto vermelho, vasta cabeleira branca, o advogado Osvaldo Mendonça — que patrocina a causa da família de Cláudia Lessin Rodrigues, auxiliado particularmente pelo advogado Manuel Lima, amigo pessoal do pai da vítima — formou-se em Direito junto com o criminalista Evaristo de Moraes Filho, em 1955, na mesma Faculdade de Direito do Rio de Janeiro onde estudou Wilson Lopes dos Santos.

Com o defensor de Michel, participou do caso que envolvia uma missão comercial chinesa e diversos brasileiros, acusados de subversão em 1964, após a Revolução, defendendo o Deputado Max da Costa Santos, absolvido. E com o de Daniel Labelle, Sr Alexandre Gedey, do caso de sequestro do Caravelle, em 1970, na defesa de Colombo Vieira de Souza, apenado com 16 anos de prisão.

Casado, 45 anos, carioca de Botafogo, ele participou de quase todos os processos políticos instaurados a partir de 1964, depois de 12 anos de "trabalho intensivo com Samuel Pinto, especialista em advocacia política".

Defensor esconde idade com a barba

Nascido em Barbacena (MG), a 12 de outubro de 1918 ("é por isso que uso essa barba: para disfarçar um pouco a idade") o defensor de Michel Frank veio para o Rio jovem e aqui se formou advogado em 1946, pela então Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, no Catete. Ontem ele recordou, irônico, sua primeira causa: a defesa de Crisóstenes da Silva Maciel, acusado de ter matado um homem com uma facada nas costas.

"Consegui provar que a vítima não morrera da facada", contou, "mas devido a uma peritonite consequente de uma cirurgia mal feita a que o submeteram no Hospital Miguel Couto. Meu cliente foi enquadrado em "lesão corporal leve" e pegou só seis meses de prisão". Como vê(já comecei minha carreira discutindo laudos".

"Depois disso", prosseguiu, "comecei a receber um monte de causas. Todos os presos do Rio passaram a me procurar, impressionados com o que eu conseguira". Ele acha que sua causa de maior repercussão foi a defesa do bicheiro Carlinhos *Maracanã* que, acusado de mandante do assassinio de outro contraventor, foi absolvido recentemente por sete votos a zero.

Auler defenderá um velho amigo

Agitado e nervoso, impaciente com a imprensa e por vezes até agressivo, o advogado Jair Auler — que há três dias assumiu a defesa de George Khour — não é criminalista. Ele faz questão de frisar que conhece seu cliente "há 15 anos", que durante este tempo o defendeu — fazendo inclusive seu desquite da ex-miss Brasil Vera Sabba — e que, além de advogado, é "seu grande amigo".

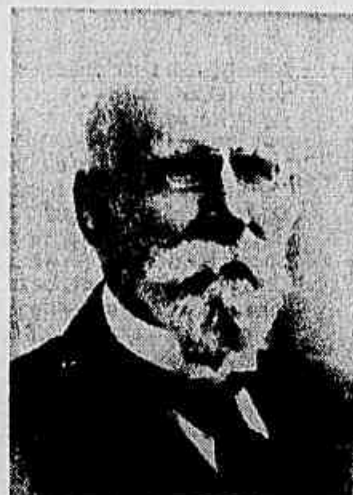
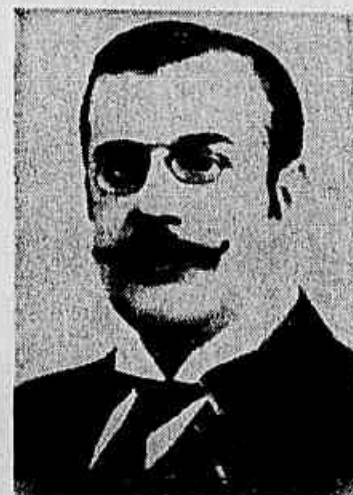
Assim ele se apresentou ao Sr Wilson Lopes dos Santos na última quinta-feira, quando, pelo telefone, combinou de aparecer no dia seguinte no escritório do defensor de Michel Frank para estudarem juntos a forma de agir no caso. Não apareceu, porém, nem mesmo telefonou de novo. Deu, sim, uma entrevista coletiva, na qual insinuou que sua linha de defesa incriminaria ao máximo Michel para suavizar a participação de Khour na morte de Cláudia, o que ficou comprovado na noite seguinte, em sua entrevista à televisão.

Gedey atuou em pena de morte

Carioca de Laranjeiras, 44 anos, desquitado e com uma filha de 20 anos, estudante de Psicologia, o advogado do francês Daniel Labelle, Sr Alexandre Gabriel Gedey, considera-se "um jornalista profissional frustrado". Formado em Direito, em 1965, pela Faculdade Candido Mendes, onde há nove anos é professor titular da cadeira de Direito Penal, ele traz em seu currículo a defesa do primeiro caso de pena de morte no país.

"Foi em 1970", lembrou, "quando três rapazes e uma moça tentaram sequestrar um Caravelle no Galeão. Meu cliente era Fernando Palha Freire, que pegou 12 anos de prisão". Também no primeiro e único caso de atentado contra a vida de um Presidente brasileiro — ocorrido em 1965 durante comemoração do aniversário da Intentona Comunista, no cemitério São João Batista — funcionou como defensor de Adilson Pinheiro Pimentel.

"Ele puxou o revólver, mas não chegou a atirar contra o Marechal Castelo Branco, que naquele momento estava ao lado de seu Chefe do Gabinete Militar, o General Ernesto Geisel. Consegui que só pegasse seis anos".

Os Prado — o papel da elite modernizante em São Paulo

Em meados do Século 19, o Brasil experimentou uma nova influência cultural que se tornaria determinante em seu desenvolvimento posterior e provocaria reações que iriam estourar décadas depois no próprio modernismo da Semana de Arte Moderna de 1922: a reeuropeização.

Para o brazilianista Darrel E. Levi, professor de História na Universidade do Estado da Flórida, tratava-se de recolonização do Brasil pela Europa. Em seu estudo Os Prados de São Paulo: Uma Família de Elite Brasileira numa Sociedade em Mutação, 1840-1930, publicado no Brasil como A Família Prado, mostra, seguindo uma linha atual da historiografia norte-americana — a da "nova história familiar" — como este processo se desenvolveu e sofreu sua própria crítica dentro de uma mesma família brasileira.

Processo que para o crítico Tristão de Athayde seria melhor chamado de "a descoberta da Europa pelo Brasil", pois se tratava na verdade da substituição da influência colonial estritamente portuguesa, por sua extensão ao continente europeu, especialmente França e Inglaterra.

Através de intensa pesquisa em arquivos familiares e públicos, volumes comemorativos da família, documentos oficiais e livros e trabalhos tanto dos Prado quanto sobre eles, Levi foi capaz de montar um quadro fascinante de como a experiência familiar divergiu do modelo patriarcal de elite largamente aceito como instituição fundamental no desenvolvimento social brasileiro e qual o papel que ele representou no processo de modernização do país.

Destacando o período de quase um século correspondente à era áurea dos Prado — 1840-1930 — e aprofundando os aspectos contraditórios, mas ligados por um mesmo traço comum — o "espírito de antecipação ao futuro", como o sugere mestre Tristão — de quatro ou cinco personagens do clã, Levi nos dá uma rica e belíssima reconstrução da glória e decadência do café, fase tão cara à nossa história e tão característica do que há de mais aventuresco e perene no espírito bandeirante.

Da fortuna do comércio de açúcar e de escravos e das relações com os Andrada e a Corte de D Pedro I, que fizeram a fortuna do terceiro Antonio Prado, depois Barão de Iguape, à futura ascensão da opção cafeeira de seu meio-irmão e cunhado Martinho Prado, os Prado já haviam concluído, pelo ano de 1840, mais de 130 anos de estabelecimento em São Paulo. Ao contrário das famílias paulistas quinhentistas, entretanto, não podiam reivindicar qualquer papel na fundação da cidade, nem nos episódios *heróicos* do bandeirantismo do século 17, apesar do fundador da família ter-se ido em busca de ouro, aparentemente infrutífera em 1730.

O individualismo, as contradições internas, mas o apego à família e às tradições brasileiras em oposição às novidades européias seria uma característica do ramo nuclear resultante do casamento da filha do Barão, Veridiana, com seu tio Martinho. Tanto a matriarca D Veridiana quanto seus filhos mais destacados, o conservador Antonio, o republicano Martinho e o ultramonarquista Eduardo — trouxeram consigo a preocupação de digerir e adaptar as conquistas da civilização européia às tradições e ao jeito de ser brasileiro.

Antonio Prado

Eduardo Prado

Antônio, o estrategista

O último grande estrategista da família Prado — e sua grande figura unificadora durante o período áureo de sua fortuna com o café — foi uma mistura de banqueiro, fazendeiro, político e empresário, que soube entrelaçar os diversos interesses da família, embora não ao ponto de transformá-los numa estrutura vertical, como o faria um Matarazzo, nem de impedir que seus filhos se voltassem somente para a produção e o comércio do café, numa hora que o caminho a seguir parecia ser justamente a direção oposta: a industrialização.

Mesmo assim, o Conselheiro Antonio Prado (1840-1929) viveu bastante para tornar-se Ministro da Agricultura, Comércio e Obras Públicas do Império, dirigir uma fazenda, um banco, uma ferrovia e uma casa exportadora, tornar-se Prefeito de São Paulo e lançar as bases, em seus últimos anos de vida, do Partido Democrático de São Paulo, que iria, por sua inspiração, aproximar-se dos grandes movimentos que sustentaram a Revolução de 1930.

A proclamação da República, atingindo-o no auge de seu prestígio de bastião do Partido Conservador no Estado, forçou-a um auto-imposto exílio em sua Fazenda Santa Veridiana por toda a década seguinte, de onde praticamente só sairia para seguidas viagens à Europa — cinco em 10 anos — fruto de seu desgosto pelos rumos que havia tomado a política do país.

O novo regime, entretanto, não o impediu de solidificar sua influência na área econômica. Em janeiro de 1890, menos de dois meses após a República, criava o Banco do Comércio e Indústria de São Paulo, que dirigiria até 1920 e se transformaria logo no principal estabelecimento de crédito do Estado, surgindo com quase um terço dos ativos médios de todos os demais bancos privados.

Em 1892, assume também a presidência da Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais, na qual os Prado tinham importante papel desde a fundação, mantendo-se no cargo até 1928 e fortalecendo a política familiar através da colocação, nos postos-chave da empresa, de parentes que lhe assegurariam uma política ferroviária conveniente a seus demais interesses. Graças ao café, a Paulista pagou dividendos a uma média anual de 10% de 1872 a 1922, não dependendo de empréstimos externos a não ser em 1892, para a duplicação dos trilhos, e em 1922, para a eletrificação.

Sua volta à política, como independente, ao aceitar a Prefeitura da Capital, é marcada por uma administração honesta, eficiente e enérgica. Reprimiu com severidade a greve da Paulista, em 1906, tanto como Prefeito como dono da ferrovia, e merece elogios da elite paulistana, mas um balanço hoje mostraria que seu Governo "deixou pouco mais do que alguns monumentos isolados, tais como o novo mercado e o imitativo e pretensioso Teatro Municipal".

Desgostoso com uma nova geração de políticos que, segundo ele, prezava mais os próprios interesses do que os da coisa pública, retira-se da Prefeitura em 1910 e, embora mantendo-se ao largo da agitação política, apóia Rui Barbosa e Nilo Peçanha em suas tentativas frustradas de quebrar a sucessão monolítica da Presidência da República.

A inexistência de um verdadeiro Partido republicano nacional era, para Antonio Prado, uma das principais falhas da Primeira República — por isso nunca se sentira à vontade com os dirigentes do Partido Republicano Paulista (PRP) que considerava "um simples agrupamento de políticos" que têm "apenas como objetivo a posse e a conservação do Poder em suas mãos".

Assim, quando Washington Luís, Governador do Estado e símbolo acabado da estrutura do PRP, se negou a aceitar uma iniciativa de diplomacia pessoal que tomara, assinando por conta e risco uma Convenção de Ouchy sobre a imigração de colonos italianos com o Governo de Mussolini, em 1921, o Conselheiro sentiu, por fim, que a República Velha já fora longe demais.

Em 1926, aos 86 anos, ajuda a fundar o Partido Democrático, no mesmo ano em que seu adversário assumia a Presidência da República. Formado principalmente pela alta classe média e fazendeiros de café, o Partido logo desenvolveu uma ala de *radicais*, que buscavam alianças com dissidentes de outros Estados, especialmente com o Partido Libertador, do Rio Grande do Sul.

Num último gesto de sua carreira, o Conselheiro lhes dá seu apoio entusiástico, apoiando a revolta de Assis Brasil contra a ditadura de Borges de Medeiros no Rio Grande e os esforços para converter a ela outros Estados. Ao morrer, em 1929, às vésperas da Revolução, acreditava na vitória final de seu Partido e em sua transformação num movimento revolucionário. O apoio com que lhe faltara Washington Luís veio através de Getúlio Vargas que, buscando fortalecer o eixo com São Paulo, fez o elogio póstumo de sua política cafeeira.

Eduardo, o intelectual

Em **A Cidade e as Serras**, o personagem Jacinto de Thormes é um diletante da **belle époque** mergulhado na Era das Máquinas, confundindo progresso com civilização — seria esta a caricatura que Eça de Queiroz teria traçado de seu amigo Eduardo Prado? De qualquer forma, Eduardo (1860-1901) foi um dos brasileiros que "viveram entre o Brasil e o mundo, entre a fazenda e o **boulevard**" e sua influência, através de **A Ilusão Americana**, iria, segundo Levi, lançar as bases para o persistente antiamericanismo entre a intelectualidade brasileira e até servir de base para argumentações de nacionalistas de esquerda.

Apesar de monarquista e "reacionário" — no sentido de pregar uma volta ao Império depois da Proclamação da República — Eduardo Prado agiu desta forma por se ter convencido de que a censura à imprensa, a supressão das discordancias e a violência do regime nos seus primeiros anos haviam tornado a República, esta sim, reacionária, enquanto o Império se mostrara liberal. Lutando pelos direitos humanos e a liberdade de imprensa, num regime hostil a ambos, chamou, entretanto, "a atenção para a pobreza e o esquecimento em que viviam os sertanejos brasileiros, expressou preocupação genuína com a "questão social" e com os abusos da ordem capitalista contra os trabalhadores e condenou o poder militar e a base estreita sobre a qual se assentava a Primeira República".

Pregou repetidamente a superiodade das monarquias européias sobre as Repúblicas americanas no que tocava à resolução das legítimas aspirações do proletariado. Mantinha, porém, uma mente ativa e independente, que tinha, segundo definiria Eça mais tarde, a "curiosidade" como principal característica e não o impediria de se tornar íntimo de socialistas como o próprio Eça e Ramalho Ortigão ou o geógrafo anarquista Elisée Reclus.

A Ilusão Americana foi escrito como forma de ataque à República brasileira, mas tem "o tom, a linguagem, os temas" de todo o subsequente antiamericanismo. Para ele, assim como para muitos brasileiros encharcados de cultura européia, a cultura norte-americana era improcedente e aparentemente inexplicável. Sua sociedade fascinava, dizia, apenas àqueles que possuíssem uma concepção materialista da vida. Era um país onde o extermínio dos índios, os linchamentos e a repressão da classe trabalhadora eram praticados no mais alto grau. A partir desta aversão pelos Estados Unidos, que enfatizava a futilidade de se copiar costumes e instituições estrangeiros, a "ilusão americana" tornou-se a "ilusão estrangeira" e Eduardo voltou-se também contra a "europeizão" do Brasil, de que sua própria família tinha sido tão importante baluarte.

Se não morresse aos 41 anos, de febre amarela, teria certamente aprofundado o caminho de seu tutor Capistrano de Abreu, examinando as raízes psicológicas, sociais e culturais da civilização brasileira.

Sigilo da renda não tem garantia nos EUA

The New York Times

Nova Iorque — *Uma coisa que interessa de perto à maioria dos americanos — e à sua bolsa — é a inviolabilidade de suas declarações de renda. Praticamente ninguém gosta de pagar imposto e o mínimo que os contribuintes esperam em compensação é a garantia do Governo de que seus dados financeiros pessoais ficarão guardados em segurança nos arquivos do Departamento de Rendas Internas (DRI).*

Agora, o Tribunal de Contas, o órgão de investigação e pesquisa sob controle do Congresso, informou que as declarações de renda não são tão seguras assim. Num estudo divulgado, no mês passado, das instalações do DRI em todo o país, o Tribunal de Contas concluiu que o serviço de impostos não protege adequadamente o sigilo dos dados tributários.

Falhas de segurança

Embora fossem constatados poucos casos de divulgação não autorizada, várias falhas no sistema do DRI no que tange à salvaguarda dos registros tributários do contribuinte foram citadas pelo Tribunal de Contas. Oportunidades amplas para a divulgação não autorizada existem em todo o DRI, porque ele não implementa nem elabora procedimentos de segurança e controles adequadamente, disse o Tribunal.

As descobertas de segurança inadequada no DRI não são novidade. Em fevereiro, por exemplo, a Comissão de Operações Governamentais do Senado alegou num estudo que o processo computado de auditagem das declarações de renda do DRI é vulnerável a múltiplos planos de corrupção e outras fraudes fiscais.

Especificamente, o estudo documentou uma série de trapaças por falsários, ex-funcionários do DRI e até um caso de um prisioneiro da penitenciária de Leavenworth, Kansas, que realizou sua fraude da prisão.

No mais recente relatório, o Tribunal de Contas acentuou que, durante o ano fiscal de 1976, o DRI investigou 182 alegações de revelações não autorizadas de dados fiscais. Em 43 casos, disse, a responsabilidade pelas revelações foi apurada. Seis funcionários foram demitidos subsequentemente e 37 foram punidos disciplinarmente.

O Tribunal de Contas indicou em seu relatório as seguintes falhas no DRI:

— Oportunidades para os funcionários do DRI e outros revelarem dados fiscais, ilegalmente. Os programadores de computador podem facilmente fazer um programa não autorizado ou promover uma mudança não autorizada sem detecção. As fitas magnéticas, cada uma contendo dados fiscais de pelo menos 5 mil contribuintes, não estavam controladas adequadamente, e algumas delas estavam até desaparecidas.

— Controles inadequados no Sistema de Restauração de Dados do Serviço Fiscal. O sistema inclui 4 mil terminais, que possibilitam o acesso imediato de 18 mil usuários autorizados e muitas contas de contribuintes. Muitos usuários podem ter acesso a dados de qualquer contribuinte, exceto algumas contas que o DRI restringiu.

— Fracasso do DRI em aplicar sua política de limitar o acesso dos funcionários apenas àqueles dados necessários à execução de seus deveres oficiais. Algumas instalações do DRI permitem quase a entrada geral a áreas restritas contendo dados fiscais sigilosos. Alguns supervisores do DRI não reviam as solicitações de dados fiscais nem fiscalizavam os dados obtidos para verificar se o solicitador necessitava deles, oficialmente.

— A possibilidade de revelação não autorizada de dados fiscais devido aos métodos do DRI para avaliar a integridade de funcionários e outras pessoas que têm acesso às suas instalações. O DRI colocou alguns funcionários em posições delicadas antes de obter os necessários relatórios sobre seus backgrounds *e permitiu que alguns guardas e porteiros entrassem em áreas restritas sem saber se o controle de seus* backgrounds *tinham sido feitos.*

Jerome Kurtz, diretor do DRI, disse ao Tribunal de Contas que o serviço fiscal aperfeiçoaria seu sistema de segurança o mais breve possível.

Banqueiros apóiam permissão de compra de crédito entre bancos

São Paulo — Ao analisar a possibilidade de a Comissão Consultiva de Mercado de Capitais do Banco Central aprovar projeto de resolução que permita aos bancos de investimento comprarem créditos uns dos outros, o presidente do Banco Mercantil, Sr Gastão Vidigal, defendeu a idéia de que a permissão seja estendida a todas as instituições financeiras, e não apenas aos bancos de investimentos.

O presidente da Associação Brasileira de Empresas de Capital Aberto (Abrasca), Sr Airton Girão, disse que proporá a criação de um certificado de crédito interbancário, para facilitar as cessões de crédito, enquanto o diretor-financeiro do Banco Itaú, Sr Luiz Guimarães, lembrou que essas operações já podem ser feitas atualmente, sem necessidade de qualquer regulamentação. Já o presidente do Banco Safra, Sr Carlos Alberto Vieira, afirmou que a cessão de crédito promoverá o aperfeiçoamento do sistema financeiro.

Arquivo

São Paulo

São Paulo

Enquanto Gastão Vidigal (acima à esquerda) é a favor da criação dos "bancos múltiplos", Luiz Guimarães (acima) manifesta-se contrário à idéia, pois acha que hoje as instituições financeiras já estão ligadas pela permissão de livre compra e venda de títulos emitidos por elas. Airton Girão (ao lado) é de opinião que os bancos de investimentos poderiam se transformar em holdings *dos conglomerados de que fazem parte, "para dominá-los".*

Certificado

Um dos membros da Comissão Consultiva do Mercado de Capitais e presidente da Associação Brasileira de Empresas de Capital Aberto (Abrasca), Sr Airton Girão, disse que apresentará, na reunião da Comissão, no próximo dia 21, a proposta de criação de uma carta de crédito interbancário, para permitir uma maior facilidade e controle nas cessões de créditos de uma instituição a outra.

— No momento, encontramos bancos com caixa muito baixa, o que exige recursos extraordinários. Com os certificados de depósito interbancário, a busca de auxílio seria simplificada. Com isso o cliente também passa a cooperar com o sistema, as operações bancárias do setor de bancos de investimentos serão mais perfeitas e a eficiência do sistema financeiro será aperfeiçoada.

Para Airton Girão, "os riscos operacionais serão reduzidos" e, uma vez regulamentada a questão do certificado, também as financeiras serão auxiliadas, além de haver também a preservação da clientela. A seu ver, ainda, "as financeiras independentes que operam numa faixa de custo mais elevada, terão também onde se socorrer, em caso de necessidade de recursos".

Sobre a tese dos conglomerados, ele disse que os bancos de investimento poderiam se transformar em *holdings*, pois seria importante que os bancos de investimentos dominassem os conglomerados".

— Entretanto, nós, empresários, continuaremos a defender os bancos de investimentos e as financeiras independentes. Essas instituições podem se especializar em áreas que não são atendidas pelos bancos ligados a conglomerados. Isso seria sadio para o mercado, concluiu o Sr Airton Girão.

Vantagens

O diretor-financeiro do Banco Itaú, Sr Luiz Guimarães, considera que "a cessão de créditos entre instituições financeiras é uma prática vantajosa para o mercado, principalmente para organizações menores, pois com a venda da parte de seu ativo ficariam em condições de efetuar novas operações".

O Sr Luiz Guimarães, salienta que "a compra de créditos de um banco de investimento por outro pode ser feita atualmente sem necessidade de qualquer regulamentação, pois é procedimento antigo no direito brasileiro, tendo, inclusive, as organizações Itaú se utilizado deste instrumento várias vezes".

— Creio que esse sistema não foi ainda generalizado, devido ao pouco amadurecimento de nosso mercado, mas acredito que ele se expandirá naturalmente dentro de um sistema de livres negociações. Deve-se lembrar que, efetivamente, o mercado financeiro brasileiro passou a existir a partir do ano passado, quando o Banco Central liberou completamente as taxas de juros.

O Sr Luiz Guimarães salienta que "o maior crescimento das entidades financeiras ligadas a bancos comerciais deu-se a partir da liberação das taxas de juros, sendo, portanto, consequência natural e não derivada de qualquer favorecimento das autoridades".

— Não creio no dogma da vantagem da empresa grande nem da necessidade da empresa pequena. O mercado é que definirá automaticamente e melhor do que ninguém a conveniência e a proporção das médias, pequenas e grandes empresas. Qualquer regulamentação acadêmica só viria criar favoritismo e distorções.

O diretor financeiro do Itaú é contra a criação do chamado banco múltiplo e salienta "não ver necessidade na sua implementação. Hoje, as instituições financeiras de um grupo estão intimamente ligadas, devido à permissão da livre compra e venda de títulos emitidos pelas mesmas".

— No caso das instituições financeiras, como em qualquer outro, só a árdua competição é que irá inovar as técnicas administrativas e melhorar a produtividade, reduzindo, assim, os custos para o público. Custos não se reduzem com regulamentação oficial, muito ao contrário, esta tende a aumentá-los, concluiu o Sr Luiz Guimarães.

O Sr Gastão Vidigal afirmou que está procurando demonstrar há algum tempo "o descabimento da excessiva compartimentação das instituições financeiras".

— A especialização, nesses casos, não passa de uma complexa e dispendiosa ficção. O chamado erradamente "banco múltiplo", na realidade, seria banco comercial na plenitude de suas funções tradicionais.

— As financiadoras independentes terão sempre o seu papel e o seu campo de ação, e os bancos de investimentos não devem ser desviados na área em que realmente poderão ser mais úteis ao desenvolvimento econômico do país, promovendo a capitalização das empresas, suprindo-lhes capital fixo, estudando a viabilidade de novas linhas de produção ou de novos empreendimentos, administrando fundos de valores mobiliários, e tudo mais que, em toda parte do mundo, constitui o objeto de suas atividades especificas.

Descentralização

O presidente do Banco Safra, Sr Carlos Alberto Vieira, disse que "a cessão de créditos entre bancos de investimentos se constituirá em grande aperfeiçoamento do sistema, porque permitirá que os bancos negociem entre si esses papéis de crédito. E' natural que alguns estabelecimentos tenham excesso de crédito e outros apertura de liquidez. A medida permitirá que os bancos, ao invés de procurarem autoridades monetárias, como ocorre, procurem-se mutuamente".

— E' uma forma de descentralizar e distribuir os encargos de liquidez do sistema. Beneficiará a clientela e contribuirá até para a redução da taxa de juros.

O diretor de Planejamento da Corporação Bonfiglioli (Banco Auxiliar), Sr Paulo Possas, ao falar sobre os bancos múltiplos, salientou que "a maior parte dos conglomerados financeiros já funciona, na prática, como banco múltiplo. A grande inovação seria estender a todos os recantos do país a caderneta de poupança, ou de economia, com evidentes benefícios para o pequeno poupador e para a indústria em geral".

— Hoje, há cerca de Cr$ 140 bilhões no Sistema Financeiro da Habitação, com aplicação circunscrita ao setor imobiliário, onde as boas oportunidades de empreendimentos têm um limite global bem inferior aos recursos disponíveis.

Na sua análise, o Sr Paulo Possas considerou também que "mediante uma taxa de juros diferenciada, pode-se conciliar três coisas: 1. O crescimento do mercado de cadernetas; 2. A maior horizontalização geográfica do Universo poupador; 3. Sobrevivência das atuais companhias de crédito imobiliário independentes. Como sugestão, diria que essa taxa deveria ser de 6% mais a correção monetária para as companhias de crédito imobiliário independentes e de 4% mais a correção monetária para os bancos. Trata-se de um sistema já adotado nos Estados Unidos".

Governo tenta vencer pobreza rural com crédito e tecnologia

Brasília — O Governo aplicará até o final do ano mais de Cr$ 888 milhões no projeto experimental de produção de alimentos e melhoria do Estado nutricional em áreas de baixa renda. O programa, cuja execução teve início em 1976, beneficiará este ano 201 mil 150 agricultores através de projetos desenvolvidos pela Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural — Embrater — Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição — INAN — e Superintendência de Desenvolvimento da Pesca — Sudepe.

Este programa considera como produtor de baixa renda aquele que possui uma renda mensal média abaixo de Cr$ 2 mil 400 e que cultive uma área com extensão entre três e 50 hectares. Em 1977, o programa atuará em 1 mil 655 municípios, beneficiando os agricultores independentemente de serem proprietários da terra em que trabalham, podendo ser posseiros ou arrendatários.

EXECUÇÃO

Junto ao pequeno produtor o técnico da Embrater elabora um projeto simples que é apresentado ao banco para a concessão de crédito e diante do qual a Embrater se responsabiliza, caso seja a gestora do projeto na região, pelo pagamento do financiamento. Como garantia é realizada a compra da produção através da Companhia Brasileira de Alimentos, Cobal, que garante um preço ao nível da tabela de preços mínimos. Parte da produção, de acordo com as especificações apresentadas ao financiador, destina-se à alimentação do agricultor e parte à comercialização.

Os principais produtos que envolvem os financiamentos são arroz, feijão, milho, algodão e mandioca e a compra garantida pela Cobal é proporcional aos objetivos do programa. Assim, para o arroz há um compromisso de 60% de compra da produção, 30% destinando-se à alimentação e uma margem de 10% de perda. No milho, a compra é de 70% e no algodão é de 80%.

O contato com o agricultor é realizado através da formação de pequenos núcleos de agricultores que reúnem 15 pequenos produtores de baixa renda e recebem periodicamente a visita de extensionista que demonstra a utilização da tecnologia para a produção agrícola.

O convencimento do produtor é realizado através de campos experimentais onde são demonstradas a aplicação de fertilizantes e de inseticidas, além de sementes melhoradas. "Não há uma imposição para que o produtor aceite os nossos métodos, o importante é que ele compare o rendimento das lavouras e se decida a utilizar a tecnologia", diz um técnico da Embrater.

As dificuldades de acesso a cada uma das pequenas propriedades obrigaram que o programa tivesse uma operacionalização peculiar, através da reunião dos participantes em grupos e na associação espontanea desse grupo, que se compromete a realizar em conjunto a venda dos produtos e a cumprir os contratos firmados.

Os Estados onde o programa tem sido mais concentrado são os nordestinos, especialmente Pernambuco e Ceará, havendo ainda solicitação a cada uma das Ematers estaduais de projetos para atendimentos dos produtores locais.

A estratégia do programa de baixa renda firma-se no incentivo à melhoria das condições familiares e procura associar às informações técnicas a assistência social às populações, integrando os setores de saúde e educação.

Atualmente existem 58 mil 264 técnicos assistindo socialmente uma população rural de 528 mil 677 pessoas, representando mais de 170 mil propriedades e com a previsão para concessão em crédito de financiamento de produção de mais de Cr$ 850 milhões.

Os recursos para o financiamento dos projetos são conseguidos através da Finep — Financiadora de Estudos e Projetos — INAN, Banco Mundial, além da Embrater e suas vinculadas estaduais, universidades, bancos privados e Pronan — Programa Nacional de alimentação e Nutrição.

OS PROJETOS

1. O projeto Sudepe/Embrater objetiva o atendimento a pescadores e agricultores, que são divididos em quatro categorias, segundo a média de produção. Relaciona 14 mil 787 beneficiados com uma produção individual, até o final do ano, de 1,3 toneladas de peixe. Os recursos destinados aos pescadores e agricultores são de Cr$ 21 milhões e os Estados onde se concentram são no Nordeste, além do Amazonas, Acre, Amapá, Espírito Santo e Paraná.

Estima-se que este projeto conceda em crédito para a produção mais de Cr$ 10 milhões em 89 municípios, assistindo socialmente uma população de mais de 15 mil pessoas.

2. INAN — O Instituto Nacional de Alimentação e Nutrição assiste aos agricultores que se dedicam à produção de algodão, arroz, milho, feijão nos Estados nordestinos. O maior número de produtores atendidos dedica-se à produção de milho (mais de 10 mil) e o total de beneficiados é cerca de 29 mil agricultores. A área cultivada coordenada por este projeto é de 106 mil hectares para uma produção estimada em aproximadamente 50 mil toneladas.

3. Os projetos desenvolvidos pela Embrater — Empresa Brasileira de Assistência Técnica e Extensão Rural — e o projeto desenvolvido em consórcio Embrater/INAN possuem as mesmas caracteristicas e a mesma programação. São destinados a cada um deles Cr$ 378 milhões para atender 193 mil produtores rurais. As áreas de produção somam individualmente, para cada um dos projetos, 730 mil hectares. Aqui são beneficiados produtores de milho, arroz, feijão, mandioca, algodão, frutas e oleaginosas, além de carne.

Criador compara Paulinelli a Cirne Lima e acusa falta de atenção para Agricultura

Recife — Ao criticar a politica governamental para a agropecuária, o presidente da Associação de Criadores de Gir no Brasil, Sr Tarley Vilela, afirmou que o Ministro da Agricultura encontra-se atualmente desprestigiado no centro de decisões do Governo, "o que aliás, sempre ocorre, quando um Ministro demonstra entrosamento com os problemas enfrentados pela Agricultura e Pecuária".

Disse que as posições defendidas pelo Ministro nem sempre são levadas em consideração, e citou o confisco da soja, "que o Sr Alysson Paulinelli combateu, e mesmo assim, foi adotado para algum tempo depois ser eliminado". Citou ainda a renúncia do Ministro Cirne Lima, acrescentando que o Sr Paulinelli ainda "não caiu, porque é mineiro, e como todo bom mineiro, está conseguindo equilibrar a situação".

DISCRIMINAÇÃO

Afirmou que o Ministro não aceita a discriminação do Governo, em relação aos produtos agrícolas, com o tratamento diferencial para os produtos industriais, "que gozam de uma série de incentivos, enquanto produtos agrícolas além de não receberem incentivos, são onerados pelo confisco".

O Sr Tarley Vilela disse ainda que o abate de matrizes está crescendo em proporções alarmentes, como um meio que os produtores encontram para se capitalizarem, uma vez que não existe uma política de crédito para a atividade.

Para o pecuarista — afirmou — esta é uma solução fácil e que lhe traz apenas lucros, porque ele pode perfeitamente abandonar a atividade, investindo no mercado financeiro. O seu problema está solucionado, mas e o do Governo, que terá que enfrentar dentro de pouco tempo, a escassez da carne? Informou ainda que nos dois últimos anos, 70% da carne estocada foram procedentes do abate de matrizes.

Americano dá nova visão de supermercado

Ao falar ontem para os participantes da 11a. Convenção Nacional de Supermercados, o ex-presidente da Food Market Institute, dos Estados Unidos, Sr Michel O'Connor afirmou que os empresários brasileiros estão mais preocupados com as margens de rentabilidade imediatas do que com o retorno do investimento a longo prazo.

"A margem de lucro por unidade vendida pode registrar uma ligeira redução desde que o volume de negócios de uma rede varejista garanta o retorno do investimento, disse o especialista. Sobre o ritmo inflacionário no Brasil, o Sr Michael O'Connor disse que os dirigentes de supermercados no Brasil, ao contrário dos norte-americanos, aprenderam a conviver com a inflação e, quando esta estiver sob controle, o setor vai apresentar um desenvolvimento bastante expressivo."

Perspectivas

Em sua palestra, o ex-presidente da Food Market Institute sugeriu aos empresários uma sensível observação do deslocamento da população a longo prazo porque, segundo ele, "é mais fácil vender numa área onde as pessoas estão se concentrando". Revelou que nos Estados Unidos dezenas de centros de pesquisa estão encarregados de estudar as perspectivas dos supermercados, de modo que o exemplo das empresas norte-americanas pode ser seguido pelos empresários brasileiros. "Mas, tenho certeza e, posso até jurar que, dentro de 10 a 15 anos nós, nos Estados Unidos, estaremos usando idéias brasileiras para a modernização do setor".

Ontem, na parte da tarde, a palestra sobre Recursos Humanos — Um Investimento Altamente Lucrativo ficou a cargo da professora Nereide Emília Brunelli Tolentino, consultora do Banco Itaú para assuntos de comunicação social. "O empresário brasileiro não está lucrando tanto quanto poderia se desse maior atenção aos recursos humanos. Sendo o lucro, a meta final do investidor, e estando ele diretamente na dependência do bom desempenho nas vendas, o Homem passa a exercer papel de primordial importancia na estrutura empresarial o que, na verdade, não está acontecendo", afirmou a professora Nereide Emília Tolentino.

Após a palestra realizou-se um debate sobre o tema. Um convencional perguntou a conferencista de que maneira poderia aumentar o grau de valorização do seu funcionário. Ela citou um exemplo como resposta: "As moças das caixas registradoras, por exemplo, recebem alta carga de agressividade do consumidor e, por isso, sugiro que estas jovens tenham, para cada duas horas de trabalho, 15 minutos de descanso".

A especialista em recursos humanos criticou a omissão dos empresários de supermercados para com seus clientes, "que foram colocados em segundo plano". E para comprovar sua teoria, a professora fez menção a um **slogan** muito usado pelos empresários do setor: "Os supermercados são ótimos, apesar dos clientes."

Dois dias sem chuvas aceleram atracações no Porto de Santos

São Paulo — Dois dias de tempo seco, permitiram que as operações de carga e descarga, no Porto de Santos, pudessem ser reiniciadas no setor de produtos a granel, e a divisão de tráfego na Companhia Docas de Santos acredita que a situação poderá ser definitivamente normalizada esta semana, caso não volte a chover no litoral paulista.

Ontem, 61 navios operavam no cais do porto. Entretanto, 17 navios permaneciam ainda na entrada da barra de Santos, aguardando vaga para atracação, e mais 12 cargueiros deverão chegar até amanhã cedo. A entrada desses navios ficará condicionada à saída dos que estão atracados. O congestionamento se verifica desde o início de setembro, e chegou a reter 26 navios na barra.

A primeira remessa, de 18 mil 229 sacas de café, adquiridas pela Interbrás em Nova Iorque, seguirá hoje à tarde, de Santos para os armazéns do IBC, em Catanduva. O impasse que surgiu desde que o cargueiro *Itaquice*, do Lóide Brasileiro, chegou à barra de Santos, foi decidido ontem, pelo IBC, que formalizou a destinação preferida pela Interbrás.

Os 72 *containers* que fazem parte dessa remessa, conforme decisão do IBC, seguirão lacrados e somente poderão ser abertos para conferência do produto e da documentação fito-sanitária em Catanduva.

Brasil fixa posição nos acordos de açúcar e café

Salvador, Brasília — O Brasil vai defender um acordo de preços entre 13 e 23 centavos de dólar por libra-peso de açúcar na Conferência da Organização Internacional do Açúcar que se realizará em Genebra. O anúncio foi feito, ontem, em Salvador, pelo Ministro da Indústria e do Comércio, Sr Angelo Calmon de Sá, momentos antes de viajar para a Suíça, onde chefiará a delegação brasileira.

Em Brasília, o presidente do Instituto Brasileiro do Café (IBC), Sr Camillo Calazans de Magalhães, disse que na próxima reunião da Organização Internacional do Café, em Londres, de 26 a 30 de setembro, deverá ser aprovada a criação de um fundo de estabilização dos preços do café, com recursos de 1 bilhão de dólares no prazo de cinco anos. Para ele, o fundo será aprovado sem maiores dificuldades, "já que a idéia partiu dos Estados Unidos, o maior importador mundial".

Também no caso do açúcar, o interesse dos Estados Unidos em promover um acordo de sustentação dos preços que evite a perda de competitividade dos produtores norte-americanos é um indicador positivo.

O novo preço mínimo a que o Governo brasileiro concorda em chegar para o açúcar é um pouco menor do que o que foi aprovado pelo Congresso americano, fixando em 13,5 centavos por libra-peso o preço para o açúcar produzido nos Estados Unidos.

Bardella e Severo lideram preferência de empresários em SP

São Paulo — Cláudio Bardella, Severo Gomes, José Mindlin, Antônio Ermínio de Moraes, Paulo Villares, Augusto Antunes, Paulo Vellinho, Larte Setúbal Filho, Amador Aguiar e Jorge Johannpeter — nessa ordem — são os primeiros líderes do empresariado nacional, segundo apontou pesquisa realizada junto a 5 mil dirigentes de empresas nacionais pelo jornal paulista **Gazeta Mercantil.**

Os questionários distribuídos entre os empresários pediram que indicassem três nomes com autoridade para falar pelo empresariado nacional como um todo e os mais capacitados a falar em nome do seu ramo específico de atividade. O índice de retorno dos questionários foi de 16,5% (825 respostas), e, embora o anonimato fosse facultado, 83% das respostas estão assinadas.

POSIÇÃO POLITICA

O resultado da pesquisa pode ser considerado surpreendente, por não apontar a preferência do empresariado por qualquer das grandes entidades de representação dos empresários, por demonstrar a preferência dos consultados pelos empresários considerados da nova geração, que se têm destacado pela defesa dos princípios liberal-democráticos, principalmente o da livre iniciativa.

A pesquisa da **Gazeta Mercantil**, jornal que pertence ao grupo Herbert Levy, vem recebendo ampla divulgação pela imprensa paulista, que interpreta a escolha dos empresários como uma atitude política, à medida que as lideranças apontadas identificam-se com a crítica à atual política econômica, notadamente ao processo de estatização e à excessiva burocratização da administração federal.

QUEM SAO

Cláudio Bardella — Ex-presidente da Associação Brasileira para o Desenvolvimento da Indústria de Base (ABDIB) e principal diretor do Grupo Bardella (faturamento pouco superior a Cr$ 1 bilhão em 1976). Tem 37 anos e já recebeu de Brasília várias advertências para minimizar as críticas que faz à estatização da economia e a alguns pontos básicos da política econômica do país, como taxas de juros excessivas e facilidades para a importação de tecnologia.

Severo Gomes — Presidente da Tecelagem Parahyba e grande fazendeiro, foi Ministro da Agricultura no Governo Castelo Branco e da Indústria e Comércio do Governo Geisel. Defende, principalmente, o fortalecimento do mercado interno, minimização das medidas monetaristas e maior controle das empresas estrangeiras aqui instaladas.

José Mindlin — Conhecido por suas posições liberais e pela luta em favor da capitalização da empresa privada nacional, foi Secretário da Cultura, Ciência e Tecnologia do atual Governo de São Paulo. Também defende com insistência a volta ao estado de direito. E' diretor da Metal Leve e da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (FIESP).

Antônio Ermírio de Moraes — Conhecido pela franqueza dos seus (poucos) pronunciamentos públicos e pela dureza com que critica alguns pontos da política econômica, mesmo quando em contato com Ministros e altas autoridades. E' superintendente das Indústrias Votorantim e filho do falecido Senador pernambucano José Ermírio de Moraes (ex-PTB).

Paulo Villares — Principal diretor do Grupo Villares, costuma advertir o Governo para o perigo que representa o fato de a estatização da economia contribuir para a formação de bolsões de poder dentro do próprio Governo. Pertence a uma família tradicionalmente liberal e pouco fala à imprensa.

Augusto Antunes — E' outro que não costuma fazer pronunciamentos públicos e não frequenta solenidades, mas critica asperamente os rumos estatizantes da economia nacional. Preside a Companhia Auxiliar de Empresas de Mineração (Caemi), o mais poderoso grupo brasileiro do setor.

Paulo Vellinho — Notabilizou-se pela insistência com que pede aos empresários que participem da vida pública e pelo esforço que desenvolve no sentido de atrair investimentos estrangeiros para o seu Estado, o Rio Grande do Sul, onde preside a Springer-Admiral. Já presidiu a Federação das Indústrias.

Laerte Setúbal Filho — Privativista, especialista em mercado externo e defensor de um maior diálogo entre as empresas e os sindicatos de trabalhadores, também conclama o empresariado a forçar uma participação da classe nas decisões políticas nacionais. Dirige o Grupo Deca-Duratex.

Amador Aguiar — Lidera o grupo empresarial encabeçado pelo Bradesco, maior banco privado da América Latina. Tem uma inegável participação na tomada de decisões oficiais que afetam o sistema financeiro nacional mas pouco se conhece das suas posições políticas.

Jorge Johannpeter — Outro gaúcho. E'o principal diretor do Grupo Gerdau, que inclui cinco siderúrgicas entre os seus empreendimentos, e é associado à Thyssen, da Alemanha. Preocupa-se sobretudo com a democratização do capital das empresas e com a estratégia de fortalecimento da empresa privada nacional. Politicamente, é considerado liberal.

HOMENS DE SETOR

Para falar em nome das empresas do seu setor de atividade, os empresários indicaram os seguintes nomes:

Agências de publicidade — Mauro Salles; agropecuária — Jorge Atalla; alimentos — Horácio Coimbra; bebidas e cigarros — Karl Gregg; comércio — Jorge Geyer; construção civil — Eduardo Celestino Rodrigues; editorial e gráfica — Júlio de Mesquita Neto; eletroeletrônica — Paulo Vellinho; equipamento de transportes — Einar Kok; finanças — Amador Aguiar; indústria automobilística — Luiz Eulálio de Bueno Vidigal Filho e Mário Garnero; madeira — Laerte Setúbal Filho; material e serviços de escritório — José Bonifácio de Abreu Amorim; mecanica — Giordano Romi; metalurgia — Carlos Villares; mineração — Augusto Antunes; não metálicos — José Ermírio de Moraes Filho; papel e celulose — Leon Feffer; química — Hélio Beltrão; serviços públicos — Antonio Gallotti; têxtil — Jacks Rabinovich; e transportes — Erik de Carvalho.

Informe Econômico

Washington e a Bolsa

A Commodity Futures Trading Commission, CFTC, organismo especial do Governo norte-americano encarregado de controlar as Bolsas de Mercadorias, vai reunir-se esta semana em Washington para discutir a política comercial externa dos Estados Unidos e sua influência sobre as Bolsas. O ponto mais importante da discussão será como impor às administrações das Bolsas a aceitação das normas da CFTC, condição que o diretor da Comissão, William Bagle, acha essencial para o sucesso de seu trabalho.

* * *

Pela legislação em vigor, as Bolsas de Mercadorias não estão obrigadas a aceitar automaticamente as normas da CFTC, que foi a responsável pelas várias mudanças na sistemática de negociação dos contratos futuros de café, na Bolsa de Nova Iorque. As Bolsas, que são associações de investidores, costumam achar que o jogo deve ser o mais livre possível, e com um mínimo de mudanças nas regras. Já a CFTC vê o movimento de papéis como uma parte da estrutura comercial dos Estados Unidos, que deve prevalecer sobre os interesses particulares.

* * *

E' um aspecto novo de uma briga antiga, universal e, neste caso, perigosa para os países exportadores dos produtos negociados nas Bolsas americanas.

Equilíbrio em agosto

Apesar da queda no café de agosto (apenas 38 milhões de dólares, contra uma média de 352 milhões entre janeiro e julho) a receita de exportação daquele mês deverá manter-se acima de 1 bilhão de dólares, equilibrando-se com a importação, e conservando o pequeno superávit de 330 milhões de dólares, acumulado desde o princípio do ano.

* * *

O problema são os meses à frente, quando a receita da soja deverá refletir toda a verdade da queda de preços no mercado externo, e poderá mesmo cair bruscamente, como caiu a do café. Para isso, basta que as cotações declinem mais um pouco, até o ponto de não interessar mais ao exportador brasileiro.

Cacex e imprensa

Depois de alguns anos de corpo a corpo entre os repórteres e os técnicos da Cacex, o diretor daquele órgão, Sr Benedito Moreira, resolveu finalmente designar um assessor de imprensa. Será o Sr Paulo Araújo, ex-chefe do Núcleo de Estatística, e hoje diretor do Departamento Geral de Administração e Estatística, uma espécie de centro de informações sobre comércio exterior. Ele promete conseguir uma entrevista coletiva por mês do Sr Benedito Moreira, que até hoje tinha um dos gabinetes mais inacessíveis à imprensa dentro da área econômica.

Dívidas peruanas

O Peru está devendo quase 4 bilhões de dólares a bancos privados estrangeiros e tentando prorrogar a todo custo sua cobrança. A falência só não é efetivada porque os bancos temem que ela provoque uma onda geral pelo Terceiro Mundo (a Turquia já está atrasada para pagar centenas de milhões de dólares em dívidas a curto prazo).

* * *

Há um ano, os bancos estavam confiantes, acreditando que iriam controlar a economia do Peru e assegurar o pagamento, mas meses atrás tiveram que insistir que o FMI fosse chamado a negociar um programa de austeridade com Lima antes de conceder novos créditos.

Foi lá o FMI, e quando tudo parecia acertado, em julho, o Governo cancelou inesperadamente o acordo com o Fundo e demitiu o Ministro da Fazenda, Walter Piazza, e cinco altos funcionários do Banco Central, nomeando o General Acibíades Saenz, que comandara ántes a Nona Brigada Blindada.

Agora, em meados de agosto, lá esteve um vice-presidente do Citybank — um dos que estão ameaçados de não ver a cor de seu dinheiro — Irving Friedman, e não conseguiu nada com os peruanos, que culpam tanto o Banco Mundial quanto o próprio FMI.

* * *

"O Banco nos meteu e a si mesmo nesta confusão. Agora é bom ele se virar para nos tirar daí', disse um banqueiro de Lima. "Eles deram dinheiro para um enorme oleoduto na selva sem checar se havia petróleo suficiente, apoiaram um enorme complexo pesqueiro que não tinha barcos", afirma um economista peruano.

Geladeiras

A indústria de refrigeração Consul, de Joinvile, exportará em outubro, 6 mil refrigeradores para o Irã através do porto de São Francisco do Sul, no Norte de Santa Catarina. E' a maior carga até agora exportada pela empresa e pelo porto.

Construtora japonesa

A construtora japonesa Ohbayashi do Brasil, em São Paulo desde 1974, decidiu desmobilizar seu escritório em São Paulo devido à falta de negócios.

* * *

Está construindo uma estrada no Paraguai.

Produção automobilística cai 7% este ano

São Paulo — A indústria automobilística, relegada a plano não prioritário em favor dos setores de bens de capital e insumos básicos, tem em seus pátios 40 mil unidades estocadas e, segundo a Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores (Anfavea), apresentará este ano crescimento negativo de cerca de 7%. Sua produção se situará entre 910 mil e 920 mil unidades, contra as 985 mil de 1976. Para o presidente da General Motors, Joseph Sanchez, a queda nas vendas estará em proporção direta à involução da produção, "pois há uma correlação entre os dois fatos".

O presidente do Sindicato Nacional da Indústria de Autopeças, Luiz Euláilo de Bueno Vidigal, informou que a ociosidade do setor atinge 30%, "índice muito ruim para o setor, formado, na sua maioria, por empresas pequenas e médias. A redução da produção para compatibilizá-la com a da indústria montadora pode ser avaliada em aproximadamente 10%. Quanto à descapitalização do setor, já esteve pior do que agora, situando-se no momento em níveis suportáveis".

Outro problema grave provocado este ano pela situação da indústria automobilística foi o do desemprego, com mais de 10 mil dispensas, segundo o Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo e Diadema (Municípios onde estão as fábricas da Volkswagen, Chrysler, Ford e Toyota). Para o presidente do Sindicato, Luiz Inácio da Silva, a "situação de emprego na indústria automobilística encontra-se em relativa normalização. Demite-se ainda, mas algumas empresas estão admitindo, em bom número, novos empregados. O maior problema, contudo, é a redução salarial. Há casos de empregados que, na readmissão, tiveram uma redução de 50% em seus vencimentos".

Fundamental é o mercado

A indústria automobilística procura, nestes últimos meses do ano, dinamizar o mercado com seus lançamentos, mas sabe perfeitamente que, mesmo assim, terá redução de venda ao redor de 7%, em relação a 1976. O Sr Luiz Euláilo Vidigal acha que "a liberdade de preços foi muito importante, mas o fundamental é que se mantenha o mercado, para que as fábricas continuem com a escala de produção", o que não está ocorrendo e "é fator de descapitalização". De acordo com a Anfavea, que tem como presidente o Sr Mário Garnero, "os últimos dados oficiosos da produção indicavam 608 mil unidades de janeiro a agosto, contra 656 mil 378 em igual período de 1976". Para se chegar à produção de 1976, segundo técnicos das fábricas, seria necessário que até o final do ano, incluindo-se o mês de setembro, se produzissem 94 mil unidades mensais, quando a média da indústria, em *pique*, é de 75 mil unidades.

Dirigentes da Ford Brasil, Volkswagen, Chrysler e outras empresas, como a Fiat, não têm esperança de um crescimento de vendas. Em junho, pediram ao Governo o aumento dos prazos de financiamento aos compradores de veículos. O Ministro da Fazenda respondeu negativamente. Quanto aos preços, subiram durante 1977, em média, 40%, e algumas fábricas deverão fazer nova majoração, embora pequena (ao redor de 5%) em outubro.

Um levantamento realizado pela Anfavea indica que, até maio, o capital social das indústrias automobilísticas somado atingia Cr$ 10 bilhões 639 milhões, e o da indústria de tratores, Cr$ 916 milhões 737 mil. Os salários totais pagos a 114 mil 67 empregados alcançavam, até maio, Cr$ 3 bilhões 901 milhões 741 mil; na indústria de tratores somavam Cr$ 237 milhões 567 mil. Nesse período, a indústria automobilística tinha adquirido no mercado interno Cr$ 22 bilhões 899 milhões e importado aproximadamente Cr$ 20 bilhões 34 milhões. Seu faturamento de janeiro a maio foi de Cr$ 33 bilhões 514 milhões.

Situação passageira

O presidente da General Motors do Brasil, Joseph Sanchez, afirma entretanto que a indústria automobilística no geral, e a General Motors em particular, consideram passageira a atual situação

São Paulo

Joseph Sanchez

do mercado, havendo boas possibilidades de recuperação até 1980.

Reconhecemos que atualmente — afirmou "o país reorganiza sua economia, e com isso obterá bons resultados. Não se pode dizer que empresas como a General Motors, Ford, Fiat e Mercedes-Benz estejam sofrendo descapitalização, mas sim perdas".

"Essas perdas, entretanto" — acrescentou — "não nos tiram o otimismo em relação ao país. A General Motors investiu nos últimos anos, no Brasil, quantia superior a 600 milhões de dólares (Cr$ 9 bilhões). A posição dos nossos acionistas é de inteira confiança nesta Nação, pois sabem que seus dirigentes estão realizando um trabalho excelente para o controle da inflação e do balanço de pagamentos, e já alcançam bons resultados, o que mostra o seu poder de recuperação".

Em relação ao mercado nestes oito primeiros meses do ano, afirmou o Sr Joseph Sanchez: "No momento estamos numa etapa de reativação do mercado consumidor da indústria automobilística. Até agora houve uma queda de 9% nas vendas em relação ao ano passado. Entretanto, agosto foi um mês bom para a General Motors, que recuperou 60% das perdas sofridas em julho. Para os últimos meses do ano, temos a esperança de um crescimento idêntico a igual período de 1976".

"Mas, ao final do ano, em confronto com 1976" — acrescentou — "teremos um crescimento negativo nas vendas de 5% a 7%. A produção deverá ajustar-se a essa percentagem."

A General Motors admitiu em agosto 300 empregados e sua produção diária atingiu 600 unidades. Atualmente ela emprega mais de 20 mil trabalhadores em suas fábricas de São Caetano do Sul e São José dos Campos, não computando os 10 mil da Detroit-Diesel Fábrica de Motores, inaugurada no começo do ano, também em São José dos Campos.

Para seu presidente, a perda do poder aquisitivo do consumidor, além da desaceleração da economia, foram fatores preponderantes para a queda de vendas de veículos no país: "Fabricávamos de 500 a 1 mil unidades mensais, principalmente caminhões para órgãos do Governo. Com os cortes dos Orçamentos federal e estaduais esse número caiu muito".

"Temos que levar em consideração também" — disse o presidente da General Motors — "os altos juros, que agora estão começando a baixar, mas chegam ainda a 48% ao ano, isto é, 12% a mais em relação a igual período do ano passado."

OS CARROS (I)

SUBIU O PREÇO E NÃO MELHOROU O PRODUTO

Juarez Bahia

Apesar de normas legais para fabricação de veículos automotores, baixadas há cinco anos por determinação do Contran, eles continuam a apresentar graves falhas de segurança. Além disso, custam cada vez mais e, pelo menos até 1980, continuarão antieconômicos, apesar da crise de combustível que afeta o país.
Só muitos acessórios, por conta dos consumidores, atenuam os riscos, mas não evitam problemas como o abusivo emprego de plásticos, a poluição e a ferrugem precoce que muitas vezes já manifesta seus primeiros sinais no caminho do fabricante para o revendedor, dado que especialistas consideram alarmante.
"Um grande mercado interno como o nosso" — afirma um técnico — "pode exigir um produto mais resistente e mais qualificado, consequentemente mais durável e obviamente mais seguro". E aponta a qualidade da chapa de aço nacional como uma das causas da ferrugem, porque o aço é obtido diretamente do minério, sem elementos de liga capazes de melhorar a sua resistência à corrosão.
Enquanto isso, os Estados Unidos se preparam para pôr em execução a lei que determinará a obrigatoriedade de se equiparem os carros com sacos infláveis de borracha, para proteção em casos de batida, a partir dos modelos postos à venda em 1981, como parte de uma escala de medidas de proteção contra acidentes.

Os veículos automotores nacionais de todas as marcas e classes, *pequenos, médios* e *grandes*, de passeio, uso misto, passageiro e carga, cinco anos depois das mudanças ordenadas pelo Conselho Nacional do Transito, apresentam ainda graves falhas de segurança, custam cada vez mais e pelo menos até 1980 continuarão antieconômicos apesar da crise de combustível que afeta o país.

As tímidas normas legais baixadas desde 1972 e adotadas pelos fabricantes não resultaram em melhoria básica do produto. Só muitos acessórios por conta dos consumidores atenuam os riscos mas não evitam problemas como o abusivo emprego de plásticos, a poluição e precoce ferrugem que muitas vezes se manifesta no caminho do fabricante para o revendedor, um dado que especialistas na construção de automóveis e técnicos em sistemas de tráfego consideram alarmante.

Arquivo

Normas legais baixadas desde 1972 para fabricantes e a fiscalização não reduziram sensivelmente poluição

Preço e qualidade

O VW-1300 ou fusca (Cr$ 49 mil 109, padrão *standard*) e a Kombi (Cr$ 73 mil 890) de uso misto (carga e passeio) são líderes de vendas no mercado não obstante seu acabamento inferior aos congêneres alemães. Todos os veículos dos demais fabricantes têm essa mesma natureza de produção. Novos aqui, antigos na matriz. Seguros lá, inseguros aqui. As diferenças não são sutis mas, ao contrário, tão evidentes que para entrar nos Estados Unidos e Europa o carro fabricado no Brasil deve acrescentar ainda dezenas de itens.

Há, também, o inverso. O Maverick ao ser lançado teve sinal verde de Detroit para trazer os principais itens de segurança exigidos nos Estados Unidos. Este seria seu maior apelo de venda. O projeto brasileiro terminou por eliminar tudo, apenas deixou a estrutura monobloco que em caso de acidente tende a *sanfonar-se*. O *147* da Fiat, comparado na propaganda do fabricante a uma novidade que deixa os competidores em situação de velhos e ultrapassados, justifica a incomodidade do banco de direção com a conveniência de manter tensos os músculos do motorista. Como os restantes assentos seguem igual estilo ninguém escapa de ter estimulados permanentemente os reflexos no seu interior.

O *Passat* VW e o *147* (que deriva do 127 italiano) são os dois modelos mais atuais de fabricação brasileira. Mas, na Alemanha, o *Polo* e o *Golf* possuem tecnologia superior à do *Passat*. A versão diesel do *Golf* é geralmente aceita na Alemanha como o melhor carro médio. E, na Itália, o Fiat *127* tem, a mais numerosos itens em relação ao *147* brasileiro.

Nos carros médios e grandes que os fabricantes classificam de *luxo e superluxo*, assim como nos pequenos *especiais* — apelidos que visam a dar ao consumidor a idéia de catedrais do conforto — as pedas de combustível e as falhas de segurança desprotegem por igual. Em vinte anos a indústria automobilística responde por um número cada vez maior de incêndios na soma de acidentes com carros.

Os incêndios decorrem de dois fatores principais: a) inadequada colocação do tanque e, b) inexistência de material retardante de incêndio no interior do veículo. Há nos veículos *luxo, superluxo, especiais* etc., bancos que correm sobre carretilhas de plástico que por serem de pouca resistência quebram não raro causando sérios riscos. O plástico está nos radiadores do *Passat*, do *Fiat* e de outros modelos levando a frequentes trocas (cada troca custa acima de Cr$ 1 mil). Nos carros grandes os radiadores de metal utilizam tubos medíocres para as exigências de motores de quatro e seis cilindros.

Em quase todos os modelos (o *Passat* é uma das raras exceções) e, notadamente, nos médios e grandes as entradas e a circulação de ar são insuficientes, provocando o embaçamento de vidros em ocasiões de chuva e frio. Os pneus, antes das normas do Contran e também depois delas, continuam apresentando *deschapagens* (fenômeno de perda de aderência) porque dimensionados para velocidades inferiores à capacidade dos veículos.

Os carros dos sonhos possíveis de comodidade das classes médias têm preços (antes, CIP; agora, liberados) que apesar de considerados tímidos pelos fabricantes marginalizam milhões de compradores em potencial que entrariam logo (pelo sistema do crédito) no restrito clube dos 15% de brasileiros proprietários de automóveis, se houvesse no mercado veículos a partir de Cr$ 35 mil.

Poucas inovações

A análise dos modelos mediante indicadores de qualidade — *ruim, regular, bom* e *ótimo* — sobre desempenho, nível de ruído, consumo de combustível, porta-malas, caixa de marchas, estilo, transmissão, direção, freios, motor, estabilidade, conforto, posição do motorista, instrumentos e acabamento, oscilam com maior presença entre *bom* e *ruim*, mais *regular* do que *bom* e ocasionalmente *ótimo* (sendo este tributo incomum verdadeiro privilégio de poucos entre os 12 tipos de automóveis fabricados no país).

Os modelos há menos tempo lançados, Fiat-147, Passat, Chevette, Maverick, Brasília, Dodge Polara (para citar os que poderiam entrar na categoria de *novos* em relação aos *velhos* Dodge Dart, Galaxie, Corcel, Alfa-Romeo — extensão do JK que ainda conserva componentes fundamentais do desenho antigo, Opala e sedan VW) possuem algumas virtudes tecnológicas comprometidas, no entanto, por defeitos de segurança comuns a todos, *novos* e *velhos*.

Acima de Cr$ 50 mil e Cr$ 60 mil os mais baratos dos *novos* não chegam a compensar com suas virtudes tecnológicas as carências de proteção e pouco se distinguem dos *velhos* que, nem por isso, têm preços menores em cada faixa de estilo e desempenho. Estão, porém, dentro das normas legais, nem expansivas e nem severas, emitidas pelo Conselho Nacional do Transito. Tais normas ainda absolvem a poluição dos veículos.

Freios dianteiros a disco, carroçaria progressivamente deformável, circuitos hidráulicos independentes no sistema de freios dianteiros e traseiros, dispositivo regulador de freadas no circuito dos freios traseiros, direção retrátil, pára-choques traseiros resistentes são componentes de segurança incorporados por determinados fabricantes e não por todos em todos os veículos como padrões *standards* brasileiros, o que restringe a proteção que deveria ser ampla, obrigatória e não de conveniência, geral e não circunstancial.

Esses e mais alguns itens de segurança introduzidos nos últimos cinco anos em carros nacionais — assim como, nos caminhões Mercedes-Benz, o desenho de cabina rígida — deixam ainda nus os veículos fabricados aqui, separados dos veículos europeus e americanos não propriamente por um fosso tecnológico mas por um abismo de segurança que tanto pode ser medido pelo pobre pacote de normas oficiais a serem obedecidas anualmente pelos fabricantes em relação aos abundantes e rigorosos padrões dos Estados Unidos e Europa, quanto pelo insignificante número de componentes de proteção existentes no país comparados com as dezenas de itens a que estão obrigados os mesmos fabricantes nas suas matrizes.

Nossa legislação tornou obrigatória, a partir de 1974, a colocação de vidros temperados em pára-brisas. Como na maioria das iniciativas que geraram normas de segurança, esta coube à Associação Nacional de Fabricantes de Veículos Automotores — Anfavea. Mas, o vidro temperado é desaconselhado porque se estilhaça em colisões causando cortes e ferimentos, o que não ocorre com o vidro laminado ou o vidro estratificado — duas folhas de vidro intercaladas por uma de plástico.

A legislação omite exigências técnicas relevantes para a colocação de tanques de gasolina, deixando de considerar aspectos de perda de combustível e segurança do veículo em casos de incêndio. Na quase totalidade dos veículos nacionais a posição do tanque de gasolina favorece os dois elementos, a perda e a insegurança do veículo e de seus passageiros. Caso parecido é o da colocação do extintor de incêndio. A norma que criou esse item desprezou padrões de disposição, de modo que não é raro encontrar-se o extintor em lugar impróprio, longe da ação do motorista ou simplesmente trancado no porta-malas do veículo. A falta de trava de encosto nos bancos dianteiros é outra omissão, entre multas.

Os modelos 1979 deverão sair com dispositivos antipoluição. Esta é uma promessa da indústria automobilística feita não ao Conselho Nacional de Transito, que administra as normas de segurança, mas à Companhia Estadual de Tecnologia de Saneamento e Defesa do Meio Ambiente — Cetesb, uma agência do Governo de São Paulo que faz permanente pressão, há anos, contra a crescente participação dos veículos no aumento dos índices de poluição naquele Estado.

Em São Paulo a Cetesb já decidiu que fará o controle da poluição dos veículos a partir de 79. A melhoria do nível da qualidade do ar sobretudo na Capital paulista depende disso. Pelo compromisso tomado com a indústria através da Anfavea a Cetesb quer que as fábricas produzam veículos que emitam, no máximo, 4,5% do monóxido de carbono do volume de gases medidos com o carro em marcha lenta, o que levará a uma redução de 70% na emissão atual de monóxido de carbono e de 65% na emissão de hidrocarbonetos (o suficiente para manter nove *ppm* — partes de monóxido de carbono por milhão de metros cúbicos de ar, conforme a recomendação da Organização Mundial de Saúde. Em São Paulo, atualmente, a média é de 17 *ppm* em suspensão na atmosfera).

Outras exigências da Cetesb que a indústria automobilística considerou viáveis a menor prazo: a) os carros deverão sair da fábrica com lacre nos carburadores, b) em São Paulo as oficinas mecanicas receberão credenciamento da Cetesb e só assim poderão fazer a regulagem dos carros a partir de janeiro de 1978 quando o Detran passará a exigir um certificado de regulagem obrigatório para o licenciamento, c) as fábricas deverão produzir motores com chapas de aço especiais para eliminação quase total do chumbo tetraetila da gasolina (atualmente o chumbo é adicionado à proporção de 0,8 microgramas por litro de gasolina e com a mudança nos motores passará a 0,08%), d) os carros importados estarão obrigados a esses padrões-Cetesb e os carros usados só estarão obrigados a uma regulagem periódica (considerando-se que por serem usados terão de ser substituídos por novos).

Qualificação e resistência maior podem ser exigidas

A própria qualidade da chapa de aço nacional, obtida em grande parte diretamente do minério, sem elementos de liga capazes de melhorar sua resistência à corrosão, é um dos motivos da ferrugem precoce do carro brasileiro, segundo o presidente do Conselho Deliberativo da Associação Brasileira de Corrosão (Abraco), Aldo Cordeiro Dutra.

Coordenador da Comissão Executiva do 6.º Encontro Nacional de Corrosão, que se realizará de 26 a 30 de outubro, e do 7.º Congresso Internacional de Corrosão Metálica, de 4 a 11 de outubro do ano que vem, ambos no Rio, Aldo Cordeiro Dutra é engenheiro mecanico, trabalha em controle de corrosão desde 1960, é membro do Conselho Internacional de Corrosão (com sede nos EUA) e foi vice-presidente da Abraco. Ele explica como se pode exigir maior resistência e qualificação.

Entrevista

JB — Por que a ferrugem precoce do carro brasileiro?

Aldo Cordeiro Dutra — Um dos motivos decorre da própria qualidade da chapa de aço nacional que é obtida, em grande parte, diretamente do minério, não contendo, portanto, elementos de liga capazes de melhorar a sua resistência à corrosão. Na Europa e Estados Unidos, onde essa chapa de aço é produzida a partir de sucata, a sua maior resistência à corrosão é devida àqueles elementos de liga que se acham incorporados à matéria-prima, embora não requeridos pelas especificações.

JB — Como resolver esse problema?

Aldo Cordeiro Dutra — Penso que a primeira iniciativa seria criar um grupo de trabalho de alto nível técnico a fim de propor um conjunto de medidas efetivas a serem adotadas tendo em vista a preservação dos componentes do carro sujeitos à corrosão. No encontro do Hotel Glória (6º Encontro de Corrosão) teremos uma mesa-redonda com a participação da indústria automobilística durante a qual será sugerida a criação desse grupo de trabalho que deve absorver, também, áreas competentes dos Ministérios da Indústria e do Comércio e de Minas e Energia.

JB — Mas, não é certo que a ferrugem condena o consumidor a pagar caro por um carro pouco resistente e menos qualificado?

Aldo Cordeiro Dutra — Infelizmente o consumidor continua tendo um produto menos resistente e menos qualificado do que deveria ter pelo preço que paga. Um grande mercado interno como o nosso pode exigir um produto mais resistente e mais qualificado, consequentemente mais durável e obviamente mais seguro.

JB — Isso também afeta o tempo de utilidade do veículo, isto é, o seu uso em condições ideais, não acha?

Aldo Cordeiro Dutra — Na realidade o consumidor brasileiro está hoje submetido a uma troca frequente de carro, se quizer manter uma taxa razoável de conservação e segurança do veículo.

JB — Que mudança de atitude a Associação espera com relação à ferrugem do automóvel?

Aldo Cordeiro Dutra — A ferrugem do automóvel é um dos itens da corrosão. O fenômeno é extremamente vasto, atingindo todos os ramos da indústria, requerendo do Governo, dos fabricantes, dos técnicos, dos usuários, uma mudança de atitude de modo a se criar uma consciência da necessidade de medidas de prevenção, de combate e de controle da corrosão. A corrosão — da ferrugem do carro ao resto — pulveriza recursos fundamentais do país e afeta a sua própria segurança.

JB — Não concorda que a ferrugem do automóvel, na extensão existente, compromete as expectativas do consumidor brasileiro sobre o valor do produto adquirido?

Aldo Cordeiro Dutra — Dos bens de consumo de massa o automóvel é o que apresenta maior índice de despesas com a sua conservação. E a corrosão, sem dúvida, que ele sofre, é um dos fatores que contribuem com a maior parcela para a sua degradação.

Sacos de ar são promessa para década de 80 nos EUA

N. D. Spínola
Correspondente

Washington — Somente se as duas casas do Congresso votarem contra — o que é pouco provável deixarão os carros de passeio nos Estados Unidos de obedecer à lei que determinará a obrigatoriedade de se equiparem com sacos infláveis de borracha, para proteção em caso de batidas, a partir dos modelos postos à venda em 1981 para o ano de 1982.

A proposta partiu do Departamento dos Transportes e se insere na escalada de medidas de proteção contra acidentes que vêm sendo tomadas nos Estados Unidos, ano após ano. A mais importante dessas previsões é a lei de segurança nacional para o tráfego e motores de veículos em geral, promulgada em setembro do ano passado.

O Departamento dos Transportes definiu nada menos de 25 itens que foram submetidos a várias modificações nos modelos de automóveis, como consequência das medidas restritivas destinadas à proteção em colisões ou acidentes de qualquer natureza.

Pela ordem, são as seguintes as partes afetadas:

1. Teto — Foram determinadas medidas de fortalecimento da estrutura em caso de capotagem.

2. Janelas laterais — Foram feitas determinações que se aplicam desde o material utilizado até especificações capazes de evitar o congelamento ou embaçamento de vidros durante estações frias.

3. Assentos frontais — A norma de número 207 estabelece que a partir de janeiro de 1978 os assentos, seus equipamentos de montagem e instalação sejam reformados de forma a minimizar as possibilidades de falha como consequência de forças que atuem durante um impacto. Foram feitas ainda especificações quanto o uso de material retardante de incêndio e proibiu-se o deslizamento (**slippage**) em qualquer posição. Protetores de cabeça do passageiro foram contemplados.

4. O interior das portas é submetido a um **standard** de proteção mínima do passageiro (normas números 214 e 215).

5. Determinou-se um sistema de controle de acelerador para evitar perda de combustível.

6. Pára-choques devem resistir também a padrões mínimos de impacto em alta e baixa velocidade, além de obedecer a uma colocação fixa padronizada. Este fato influenciou o **design** de todos os carros, mesmo os mais esportivos.

7. Os motores foram também atingidos. Na realidade, recentemente Carter propôs ao Congresso uma legislação que penalizaria os veículos consumidores de mais gasolina, beneficiando inversamente os modelos mais econômicos. A legislação de energia do Governo encontra-se debaixo de um fogo severo no Congresso e algumas de suas partes mais importantes já foram derrotadas em níveis de comissões e subcomissões.

Washington

Demonstração do saco de ar sob controle de Ralph Nader

8. Suspensão, pneus e frieos — Estes itens foram severamente atingidos. A norma número 105 criou especificações para os freios hidráulicos de forma que os veículos equipados com esse dispositivo ofereçam alternativa de frenagem em caso de emergência Até a iluminação foi atingida, posto que os carros estacionados foram obrigados à prova de que a luz traseira pode permaiecer acesa numa proporção de 30% até 20%. Além disso determinou-se uma nova luz de advertência para o motorista em caso de perda de pressão, baixo nível de fluido e condições do freio de estacionamento ou de mão.

9. Coluna de direção — Uma nova norma estabeleceu padrões para as posições de neutro nas alavancas hidramáticas, requerendo também uma posição intermediária para prevenir o acionamento da partida com o carro engrenado. O padrão número 204 determinou novos limites de resistência da coluna de direção e volante de forma a amortecer o impacto do corpo do passageiro em caso de batida.

10. A suspensão traseira (tanto quanto a dianteira) deve obedecer a novos limites de resistência.

11. Os assentos traseiros devem ser confeccionados com material com grau comprovado de resistência ao fogo.

12. As perdas de combustível foram especificadas para os tanques de gasolina, em caso de colisão, a uma velocidade máxima de 30 milhas por hora. Da mesma forma os pára-choques traseiros devem oferecer resistência ao impacto.

Quanto ao uso de material plástico, uma fonte do Departamento dos Transportes disse ao **JB** que não há um limite específico, desde que o material empregado atenda às exigências de segurança estabelecidas em normas específicas. Isto é, se o plástico empregado tiver capacidade de resistência a uma tensão ou esforço máximo (em caso de prova de impacto) e de não ser inflamável, poderá ser utilizado em qualquer parte do veículo. Por outras palavras, não é o tipo de material que está em jogo e sim sua capacidade para preencher os requisitos de tolerabilidade e resistência.

Ao considerar o grau de segurança dos carros americanos, um porta-voz do Departamento dos Transportes disse que por certo as novas leis criariam condições mais severas para a indústria. Isso se reflete na maior segurança oferecida aos passageiros. Mesmo assim, a taxa de acidentes em estradas aumentou ligeiramente no ano passado, depois de ter declinado um pouco em 1975, comparando-se com 1974. Em dezembro de 1976 registraram-se (para o ano todo) 45 mil 113 casos fatais, o que equivale a mais 1,4 sobre o ano anterior. A taxa de fatalidade em acidentes tinha declinado em 1975 numa proporção de 1,2 sobre os números de 1974. Deve-se, entretanto, considerar que as milhas percorridas aumentaram em 4,6 durante o ano passado, o que também deve ter contribuído para o crescimento da taxa de riscos.

Nos meios oficiais não se estabelece aqui qual o carro mais seguro, embora a burocracia de Washington pareça convencida de que os mais **econômicos** são mesmo o Honda Civic — japonês importado — e o Volkswagen alemão. Algumas instituições de defesa do consumidor fixam seus próprios critérios. Mas, a rigor, se todos igualmente cumprirem as mesmas determinações de segurança mínima, pode-se dizer que a proteção oferecida por qualquer modelo será comparável, em termos relativos, dado o fato de que em geral os fabricantes tendem a considerar os **standards** de proteção como um **teto máximo** de custos, a partir do qual procuram economizar no uso de materiais de forma a aumentar a margem de lucro.

Falecimentos

Rio de Janeiro

José Rodrigues Monteiro, 72, na residência, em Copacabana. Português do Porto, era comerciante aposentado, desquitado e tinha um filho e vários netos.

Severino Borges de Souza, 79, na Casa de Saúde Santa Maria. Natural de Pernambuco, casado com D Maria de Lourdes Souza, era aposentado, morava em Del Castilho e tinha sete filhos e vários netos.

Antônio Guimarães Viana, 51, no Prontocór. Natural do Estado do Rio, era vendedor, casado com D Maria José Ferreira Viana e morava no Leblon.

Fábio Rebello de Oliveira, 47, no Hospital da Lagoa. Paulista, solteiro, era corretor de imóveis e morava no Flamengo.

Daisa Fogliato, 78, no Hospital de Ipanema. Natural do Estado do Rio, era solteira e morava no Centro.

Domitila Candida de Medeiros, 63, na Casa de Saúde Grajaú. Portuguesa de Vizeu, morava em Vila Isabel, era viúva de Antônio Gonçalves e tinha cinco filhos e vários netos.

Octávio Macedo de Abreu, 58, no Hospital Miguel Couto. Natural do Estado do Rio, era solteiro, técnico em contabilidade e morava em Benfica.

Francisca Silva da Costa, 79, na residência, em Bonsucesso. Natural do Estado do Rio era solteira e aposentada.

Célia Bezerra Correia, 57, no Hospital São Sebastião. Natural do Estado do Rio, morava em Cordovil, era casada com Walter Correia tinha três filhos e duas netas.

Luciano Peixoto de Castro, 49, no Tijucór. Natural do Estado do Rio, era laboratorista, desquitado e morava na Usina.

Waldir Nogueira de Mello, 51, no Hospital da Ordem 3a. da Penitência. Natural do Estado do Rio. comerciário, era casado com D Margareth Ferraz de Mello, tinha um filho e morava no Andaraí.

Josquina Lima de Carvalho, 93, na residência, na Penha. Natural do Estado do Rio, era viúva de Henrique Cesário de Carvalho e tinha dois filhos, vários netos e bisnetos.

Maria Cecilia Duarte dos Santos, 58, na Casa de Saúde Santa Teresinha. Natural do Estado do Rio, morava em Laranjeiras, era casada com Manoel dos Santos e tinha uma filha.

Ely de Brito Pinheiro, 48, no Hospital dos Marítimos. Natural do Maranhão, casado com D Ivana Pinheiro, era publicitário e protético e tinha três filhos.

Estados

Leonor Aguiar, 90, em São Paulo. Ex-cantora lírica, estudou canto na Itália e foi tradutora para diversas editoras paulistas. Intelectual, falava quatro línguas e frequentava as rodas literárias das livrarias Alfredo Mesquita e Itauim no tempo em que às mulheres ainda era praticamente vedado o acesso.

Ely da Silva Barbosa, 63, na residência em Porto Alegre. Gaúcho de Vacaria, era aposentado. Casado com D Altair Geni Barbosa, tinha dois filhos.

Lidio Antunes Pinto, 59, no Pronto Socorro, em Porto Alegre. Gaúcho de Viamão, era motorista, casado com D Amília Dutra Pinto.

AVISOS RELIGIOSOS

DELVEN NUNES PIRES

A Empresa Brasileira de Engenharia S.A. — EBE, por seus Diretores e funcionários, agradece as manifestações de pesar recebidas por ocasião do falecimento do seu funcionário e inesquecível amigo DELVEN NUNES PIRES, e convida seus amigos para a missa de 7.º dia que será celebrada, segunda-feira, dia 12, às 18,00 horas, na Igreja Porciúncula de Santana, à Rua Estácio de Sá — Campo de São Bento, Niterói.

DR. IVRE BRANDÃO CAMPELLO

(MISSA DE 7.º DIA)

Sua esposa, filhos, mãe, irmãos e demais parentes agradecem as manifestações de pesar recebidas por ocasião do falecimento e convidam para a missa de 7.º dia que mandam celebrar na próxima quarta-feira, dia 14, às 9 horas, na Igreja Nossa Senhora do Carmo, na Rua 1.º de Março.

MARIA JOSÉ SOARES DE MOURA

(PEQUITA)

(MISSA DE 7.º DIA)

Camilo Soares de Moura Neto, esposa, genro e filhos, Renato Soares de Moura esposa e filhos, Maria da Graça Soares de Moura, convidam para a missa de 7.º Dia a ser celebrada pela boníssima alma de sua adorada mãe, sogra, avó e irmã no Altar Mor da Igreja N. S. do Carmo à Rua Primeiro de Março, no dia 13 de setembro (terça-feira) às 11:30 hs.

(P

EDITH RANGEL DA MOTTA MORAES

(FALECIMENTO)

Mario da Motta Moraes Filho, filhos e netos; Carminha, Claudio da Motta Moraes; comunicam aos amigos e familiares o falecimento de sua mãe, sogra e avó cujo féretro sairá hoje, dia 11, às 11 horas, da Capela n.º 6 da Real Grandeza, para o Cemitério de São João Batista.

(P

MARIA JOAQUINA BRANDÃO SEABRA

(MISSA DE 7.º DIA)

Rodrigo Brandão Rego e Família, Ilmar Penna Marinho Junior e Família agradecem as manifestações de pesar recebidas por ocasião do seu falecimento e convidam para a missa de 7.º Dia que mandam celebrar amanhã, 2.º feira, dia 12, às 12 horas na Igreja São José (Rua 1.º de Março).

Ano Novo judeu começa amanhã

Ao pôr-do-sol de amanhã, exatamente às 18h30m, começa o ano 5 738 do calendário judaico. O *Rosh Hashaná*, como é chamado pelos judeus o seu Ano Novo, tem duração de 48 horas e será celebrado com rituais religiosos em todas as sinagogas, que constam de cânticos, leitura de trechos da Bíblia e de passagens de cinco livros de Moisés e dos profetas.

O símbolo mais importante das comemorações do início do Ano Novo Hebraico, mantido até hoje nas cerimônias realizadas nas sinagogas, é o toque do *shofar* — instrumento feito com chifre de carneiro. Segundo a tradição, o significado deste toque — repetido na cerimônia diversas vezes — é chamar os fiéis ao arrependimento das faltas cometidas no ano que passou e despertar para um reencontro com Deus no ano que começa. O *Rosh Hashaná* termina na quarta-feira, às 18h30m.

Os israelitas, mais conservadores, também costumam celebrar o Ano Novo em seus lares, promovendo reuniões, geralmente realizadas na casa do membro mais velho da família.

Psicólogo vê ciência em ritmo lento

Porto Alegre — "Oitenta por cento das organizações brasileiras — tanto instituições privadas quanto do serviço público — não tomam conhecimento das mudanças sociais e tecnológicas a não ser no momento em que já não têm mais jeito de ignorá-las. Elas não desenvolveram a capacidade de andar à frente dos acontecimentos. Um grande exemplo disso foram as medidas de racionalização de combustível, só adotadas no Brasil muito tempo depois de o terem sido por países muito mais ricos. Tivemos que pagar um altíssimo preço por este atraso".

A afirmação é do coordenador de Seminários do Desenvolvimento Organizacional e Executivo no Brasil e Exterior, psicológo Paulo Costa Moura, falando ontem sobre Sociedade Transindustrial, no último dia do 2º Encontro Regional de Psicologia Organizacional, que reuniu cerca de 150 participantes do Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina.

Para o Sr Paulo Moura, "o país chegou até a adotar o estilo de administração através de cartas de leitor: um sujeito escreve uma carta para um jornal propondo a criaçao do depósito restituível para compra de gasolina e ssa medida é aceita pelo Governo. Felizmente as **simonetas** não chegaram a entrar em vigor, porque era uma coisa impossível de funcionar".

Depois de definir desenvolvimento organizacional de "tornar a organização mais eficiente, sumamente adaptável às mudanças sociais e tecnológicas, ntegrando as necessidades humanas às metas organizacionais", o Sr Paulo Moura criticou os sistemas que procuram mudar, nas organizações, ou as pessoas somente ou a organização somente, acrescentando: "O desenvolvimento organizacional trabalha simultaneamente com as pessoas, os grupos e a própria organização, ensinando as pessoas a trabalharem em equipe. E' o treinamento do sistema de trabalho".

Disse ainda que os conflitos nas organizações devem ser reconhecidos e tratados, porque "onde há trabalho há conflito", e observou que "não tem sentido ficar se fazendo festinhas do aniversariante do mês ou churrascos de confraternização se os conflitos não são colocados abertamente em cima da mesa".

Juiz interroga 4.ª-feira os acusados do caso Aracéli

Vitória — Paulo Helal, Dante Barros Michelini e seu filho, Dante Brito Michelini, serão interrogados quarta-feira, no salão do júri do Tribunal de Justiça do Espírito Santo, em Vitória, pelo Juiz Hilton Sily, da 3a. Vara Criminal, como acusados pelo rapto, indução ao tóxico e ocultação do cadáver da menina Araceli Cabrera Crespo no dia 18 de maio de 1973.

Para o advogado Manoel Camara, assistente de acusação contratado pela Sra Lola Sanches, mãe de Araceli, os esforços dos emissários dos acusados para liquidar a dignidade da testemunha-chave, Wilson Cabral, foram em vão, pois o Corregedor Valdiner Frasson preparara uma armadilha para saber até onde iriam os interessados em tirar os três da cadeia.

Estratégia

"Na verdade, os trunfos do Corregedor são outros e ele usou Wilson somente para distrair os advogados e os elementos que há muito tempo destroem documentos contra Helal e os Michelini", opina o Sr Manoel Camara. Ele assegura que também possui trunfos para usar e está convencido de que o Sr Frasson tem toda a história alinhavada, bem como trunfos escondidos para dizer, como o fez: "Tenho certeza de que eles são os autores".

Segundo o Sr Manoel Camara, o Corregedor, encarregado do inquérito, é um velho e ótimo policial. Ele não seria ingênuo para fornecer seus trunfos aos lobos: fez o jogo que o momento exigia, usando cobaias para dosar a ação dos adversários. Considera-o um homem competente e esperto, que não faria uma acusação desse porte se não estivesse documentado.

Sobre o que aconteceu com Wilson Cabral, o advogado lembra que ele era epilético, mas, logo depois de ser apontado pelo Corregedor como testemunha-chave, virou louco. E indaga se o rapaz não foi levado a ingerir adrenalina para praticar violências, quebrando a casa do irmão e de um amigo. Acrescenta que logo depois de ter lançado dúvidas quanto a esse comportamento, deixaram Wilson quieto e ele não fez mais nada.

Dona Lola

O Sr Manoel Camara nega que a mãe de Araceli fosse traficante de tóxicos, conforme acusação do perito Asdrubal de Lima Cabral. Afirma que, a princípio, também teve dúvidas quanto ao comportamento de Dona Lola, mas com o tempo se convenceu de que ela não tinha envolvimento com tóxicos, tratando-se de uma mulher despreparada e ingênua para essas coisas.

O advogado revela que conversou, antes, com o Corregedor Valdiner Frasson e com o promotor público, Sr Volmar Bermudes, certificando-se de que nada existia contra a mãe de Araceli. Em seguida, passou a observá-la e hoje está certo de que ela está inocente em tudo: em nada contribuiu para a tragédia de sua filha.

Influência

Para um processo com duração de 80 dias, estão previstos fatos importantes, pois as investigações do Corregedor Valdiner Frasson evidenciaram que a situação dos acusados influiu junto a autoridades policiais, em 1973 e 1974, para eliminar provas materiais: o laudo pericial e o caderno de anotações de Araceli, que sumiram.

Agora, quando foram reveladas as principais testemunhas de acusação, na passagem do processo da polícia para a Justiça, essas pessoas foram vítimas de assédios constantes de emissários das famílias envolvidas, criando tumulto, que acabou levando uma delas, Wilson Cabral, ao manicômio oficial, e outra ficar sob proteção da polícia. A isso, soma-se a morte misteriosa, ou em circunstancias especiais, de quatro pessoas ligadas ao caso.

Esse assédio começou há 15 dias, logo depois que o Corregedor anunciou a participação dos acusados no rapto, indução ao tóxico e na ocultação do cadáver de Araceli, tendo como testemunhas Wilson Cabral Gomes, Almerina Santos Pereira, Marislei Fernandes, Bertoldo Lima, João Brandino e Ana Maria Maglione. Mal o inquérito chegava à Justiça, esses nomes eram divulgados na imprensa local com estardalhaço e entravam em contradições, além de surgirem acusações ao comportamento de cada um.

Contradições

No caso de Wilson Cabral Gomes, sua vida foi vasculhada até com depoimentos de psiquiatras, que não o tinham examinado, sugerindo tratar-se de um débil mental. Os parentes deram depoimentos contraditórios sobre ele. Wilson, numa madrugada de maio de 1973, viu Paulo Helal e Dante Michelini (filho) descarregar um saco contendo o corpo da menina próximo ao terreno baldio do Hospital Infantil de Vitória.

Wilson está internado no Manicômio Adauto Botelho, de Cariacica. A mesma suspeita recairá sobre Marislei Fernandes, pois ela ora confirma suas acusações aos implicados ora as desmente. Marislei foi amante de Paulo Helal e teria ido em sua companhia ao terreno baldio onde foi deixado o corpo de Araceli.

A cozinheira Almerina dos Santos Pereira, empregada do Bar Francisco, pertencente a Dante Michelini (pai), viu o corpo de Araceli ser escondido ali. Almerina foi colocada pelo Corregedor em lugar seguro, sob proteção policial, pois o Sr Valdiner Frasson soube que ela está sendo induzida por parentes de Michelini a recuar no seu depoimento.

O mesmo tipo de pressão sofreram os outros: Bertoldo Lima, ex-motorista da família Michelini, conhece detalhes do crime e ficou em companhia do Corregedor; o advogado João Brandino, que deixou a defesa dos Michelini quando foi instruído para contratar jagunços, a fim de eliminar o Deputado Clério Falcão; e a enfermeira Ana Maria Miglione, que viu Paulo Helal no Hospital Infantil.

Pelo menos nos três primeiros anos da morte de Araceli, algumas autoridades policiais esforçaram-se para eliminar as melhores provas materiais do crime. O laudo pericial fotográfico sumiu do processo e o negativo do filme sumiu do fotógrafo Carlito Medeiros, feito para o jornal **O Diário**, de Vitória.

O Corregedor Valdiner Frasson responsabilizou o ex-superintendente de polícia, Sr Gilberto Barros Farias, o ex-delegado Manoel Araújo, o Coronel da PM Lizio Carvalho, ex-diretor da Polícia Técnica, e dois fotógrafos oficiais, pelo desaparecimento e por prevaricação do cargo, que permitiram a eliminação da principal prova do crime.

Outra peça importante que desapareceu do inquérito — ocorrência mais recente — segundo o perito Asdrubal Lima Cabral, foi o caderno de desenhos de Araceli. Por ele, Éboli chegou a várias deduções, pos a menina tinha desenhado interiores de casas luxuosas da Praia do Canto e do Bar Franciscano, conhecidos dos acusados de sua morte.

Um detalhe que chamou a atenção de Éboli foi que Araceli costumava desenhar noivas sem mãos. Isso o levou a buscar uma interpretação com uma psicóloga, mas não chegou a saber a conclusão, pois morreu logo em seguida.

Mortes estranhas

Durante os quatro anos passados desde a morte de Araceli, pelo menos quatro participantes importantes do caso morreram de forma estranha, sem contar a morte de um desembargador, que usava sua influência junto à polícia para a elucidação do crime.

A lista começa com o sargento da Polícia Militar, José Homero Dias. Ele deu os primeiros passos para identificar os criminosos, com base no trabalho que fazia sobre tráfico de drogas, no qual descobrira o envolvimento de jovens de importantes famílias do Estado.

Homero contou suas suspeitas ao Capitão da PM Manoel Araújo, que chefiava o primeiro inquérito para apurar a morte de Araceli. Surpreendentemente, viu seu trabalho desviado pela ação da própria polícia. Como pertencia ao Serviço Secreto da Polícia Militar, comunicou os fatos aos seus superiores. Logo depois, foi designado pelo Capitão Manoel Araújo para participar de uma ação contra traficantes de drogas, na Ilha do Príncipe, e foi assassinado.

O traficante **Boca Negra**, principal objetivo da ação policial, foi preso e condenado pela morte do sargento Homero. Seu advogado conseguiu livrá-lo da acusação, provando que, na ocasião, ele tinha um revólver **Taurus** calibre 32 e a arma que matou o sargento foi um 38. **Boca Negra** foi assassinado na cadeia por um outro detento.

O amigo e o tio

Fortunato Piccin, jovem milionário como Paulo Helal e Dante Michelini (filho), companheiro dos dois, morreu logo após o assassinio de Araceli. Depois de aparecer muito agitado entre os rapazes da Praia do Canto, bairro rico de Vitória, Fortunato foi internado na Santa Casa de Misericórdia, para tratamento de uma crise provocada por tóxicos.

Durante seu internamento, Fortunato saiu do hospital para se encontrar com seus amigos. Dois dias depois do encontro, quando iam lhe aplicar uma injeção, no hospital, Fortunato, na presença de seu pai, pediu que não o fizessem, pois iria morrer. Foi seguro e lhe injetaram um líquido escuro. Ele morreu em seguida.

Segundo seus amigos, Fortunato Piccin estava disposto a revelar os segredos de Araceli, como participante de uma festa onde foram consumidos tóxicos. O perito carioca Carlos Éboli desvendou a morte do rapaz, mostrando que o laudo cadavérico, apontando malária como causa, era irregular. Fortunato morrera devido à aplicação de medicamento estranho.

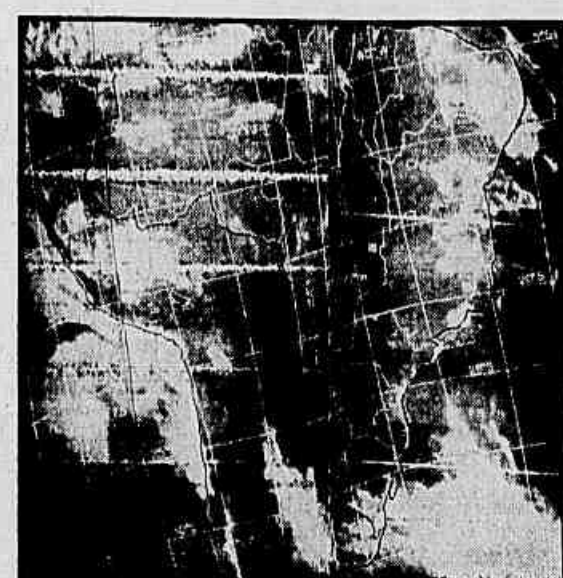
Jorge Michelini, irmão de Dante Barros Michelini (pai), morreu num desastre de carro na Avenida Dante Michelini, quando, ao fazer a curva com seu carro, acabou sob as rodas de um caminhão, numa madrugada de 1975. Segundo o perito Asdrubal de Lima Cabral, Jorge era viciado em cocaína e promovia reuniões para consumo de tóxicos entre os meninos ricos da Praia do Canto. Para Asdrubal, Jorge se suicidou.

O Desembargador Édson Queiroz do Valle, austero membro da Justiça capixaba, morreu atropelado no local onde atravessava a Avenida Jerônimo Monteiro há 50 anos. Ele usava sua influência para desvendar a morte de Araceli.

Ponto de tóxicos

Para o perito Asdrubal Lima Cabral, principal personagem que sustentou durante todos esses anos a acusação contra Paulo Helal, Dante Michelini e seu filho, Dantinho, o crime é consequência do tráfico de drogas e seu uso por pessoas ricas de Vitória. Ele relaciona a mãe de Araceli com o Bar Franciscano, local de encontro da juventude da cidade.

Asdrubal, pela sua atuação, tornou-se amigo pessoal de Gabriel Sanches, pai de Araceli e marido de Dona Lola, de quem está se desquitando. O perito levanta a questão do tóxico para incriminar a mãe da menina, pois acha que ela foi responsável, indiretamente, por Araceli ter conhecido o ambiente onde morreu. Ele cita o depoimento de Almerina para confirmar suas afirmações, e fala das investigações do sargento Homero sobre tóxicos, que alcançavam o Bar Franciscano.

Outro aspecto mencionado pelo perito se refere à possível ligação de Lola Sanches com Jorge Michelini, morto na mesma Avenida onde fica o bar de seu irmão. Todo esse quebra-cabeça é coordenado por Asdrubal para envolver a mãe de Araceli com tóxicos. Mas ele prefere deixar a questão fora do processo para resguardar Gabriel Sanches, "um homem capaz de vingar a morte da filha".

Transmitida pelo satélite meteorológico NOOA-4 e recebido entre 11h03m e 13 horas as partes claras indicam formação de nuvens que pode provocar chuvas e as partes escuras tempo bom. A deformação do mapa do Brasil é causada pela esfericidade da Terra e pela altitude em que foi tomada a fotografia (1 444 km). A estação receptora pertence ao Instituto de Pesquisas Espaciais, órgão do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), vinculado à Secretaria de Planejamento da Presidência da República.

NO RIO

Tempo bom, névoa seca, temperatura estável. Ventos: de Este a Norte, fracos. Max. 32.3 (Bangu). Min. 16.2 (Alto da Boa Vista).

TEMPERATURA E O TEMPO NOS ESTADOS

Amazonas, Roraima, Acre e Pará — Tempo bom, com nebulosidade, sujeito a instabilidade pela madrugada. Temperatura estável. Max.: 35.8. Min.: 22.2.

Rondônia — Bom com nebulosidade, ocasionalmente nublado, temp. estável.

Maranhão, Piauí e Ceará — Bom, com nebulosidade variável. Temperatura estável. Max.: 31.6. Min.: 22.5.

Rio Grande do Norte, Paraíba e Pernambuco — Bom, com nebulosidade i instabilidade ocasional pela madrugada no litoral. Temperatura estável. Max.: 28.6. Min.: 20.8.

Alagoas, Sergipe e Bahia — Bom com nebulosidade ocasional, instabilidade no litoral. Temperatura estável. Max.: 26.8. Min.: 20.5.

Mato Grosso e Goiás — Bom com nebulosidade. Temperatura estável. Max.: 36.8. Min.: 17.2.

São Paulo — Bom, com névoa seca e nebulosidade em aumento à tarde no Sul. Temperatura estável. Max.: 21.9. Min.: 17.7.

Minas Gerais — Bom com nebulosidade. Temperatura estável. Max.: 29.7. Min.: 12.5.

Espírito Santo — Instável, temp. estável.

Distrito Federal — Bom. Temperatura estável. Max.: 28.5. Min.: 16.

Paraná — Bom, com nebulosidade ocasional. Nublado à tarde no litoral e sujeito a instabilidade no Planalto. Max.: 30.3. Min.: 15.3.

Santa Catarina e Rio Grande do Sul — Nublado, sujeito a instabilidade. Temperatura em declínio. Max.: 32.0. Min.: 20.5.

O SOL

Nascer	5h57m
Ocaso	17h45m

A LUA

MING.

Até 12 de setembro.

A CHUVA

Chuvas (em mm): recolhida no posto do Aterro do Flamengo do Departamento Nacional de Meteorologia. Cidade do Rio de Janeiro:

Últimas 24 horas	0.0
Acumulada este mês	26.9
Normal mensal	53.2
Acumulada este ano	629.0
Normal anual	1075.8

OS VENTOS

Este a Norte fracos

O MAR

MARES

Rio—Niterói — Preamar: 1h/1,2m e 13h43m/1,3m. Baixa-mar: 8h08m/0,0m e 20h23m/0,2m. **Cabo Frio** — Preamar: 1h01m/1,1m e 7h26m/0,1m e 19h45m/0,3m. **Angra dos Reis** — Preamar: 0h46m/1,2m e 13h16m1,2m. Baixa-mar: 7h37m/0,0m e 20h15m/0,3m.

TEMPERATURAS

Dentro da Baía	18º
Fora da barra	19º

TEMPO NO MUNDO

Temperaturas máximas de ontem e previsão do tempo para hoje, nas cidades seguintes: Amsterdã, 18, chuvoso — Atenas, 33, bom — Beirute, 27, bom — Berlim, 15, nublado — Bogotá, 18, bom — Bruxelas, 19, nublado — Buenos Aires 20, bom — Chicago, 26, bom — Estocolmo, 15, nublado — Genebra, 20, bom — Lisboa, 34, bom — Londres, 18, nublado — Los Angeles, 18, nublado — Madri, 33, bom — México, 11, chuvoso — Montreal, 23, bom — Moscou, 20, nublado — Nova Iorque, 26, nublado — Oslo, 14, bom — Paris, 20, nublado — Roma, 23, nublado — São Francisco, 14, nublado — Tel Aviv, 28, nublado — Tóquio, 10, nublado — Toronto 23, bom.

Denise e Miguel são detidos

Denise Martins Santos, de 17 anos, foi detida ontem em São Paulo, para onde fugiu após ter sido sequestrada — com seu consentimento — pelo namorado Miguel Arcanjo Soares Azevedo, de 23 anos, segunda-feira pasada, na Avenida Constante Ramos, em Copacabana. Denise disse que planejou o sequestro para fugir de casa, pois tinha problemas com a mãe.

Miguel deixou a moça em São Paulo e voltou ao Rio a fim de apanhar roupas para ela. Mas quando retornou a São Paulo, com um tio de Denise, o delegado de Roubos e Furto, José Gomes Sobrinho já sabia do paradeiro da garota e tomou um avião para prendê-la no Hotel Feijó, onde estava registrada com nome falso.

O delegado prendeu também Miguel e voltou ao Rio ontem às 16h15m. No Galeão, já o aguardava o delegado de Menores, Thier Viana Montebello, que proibiu a menor de dar entrevistas. Miguel foi processado por assalto, corrupção de menores e rapto concessual. Denise, por ser menor, só responderá a auto de Investigação Social. Miguel afirmou que "só fizemos essa burrada para curtir uma diferente e entarmos nos encontrar".

Loteria dá 1.º prêmio para o Rio

O 1.º prêmio de Cr$ 4 milhões 500 mil da extração 1 449 da Loteria Federal saiu para o bilhete n.º 8 571, vendido no Rio. São Paulo ficou com o 2.º prêmio, de Cr$ 450 mil (n.º 6 362), 4.º e 5.º prêmios, de Cr$ 120 mil e Cr$ 80 mil (bilhetes 3 566 e 48 914). O Rio Grande do Sul ficou com o 3.º prêmio, no valor de Cr$ 200 mil, que saiu para o n.º 5 120.

O prêmio único, de Cr$ 29 mil 720, saiu para o bilhete 48 852, vendido em São Paulo. Todos os bilhetes com o milhar do 1.º prêmio têm Cr$ 8 mil. Os bilhetes com o milhar invertido têm Cr$ 1 mil 500. Os terminados com a centena 571 têm Cr$ 1 mil e os terminados com a centena invertida, Cr$ 1 mil 500. As nove aproximações anteriores e posteriores ao 1.º prêmio têm Cr$ 1 mil 500.

CANTER

São Paulo — Ventarola, por Vin Vin e Vendimia, de propriedade do Haras Maria Lucia Ltda., e treinada por L. C. Mello, conduzida pelo jóquei S. P. Barros, venceu o principal páreo — o terceiro de ontem— em Cidade Jardim. A vencedora cobriu a distancia de 1 mil 300 em pista de areia leve, com o tempo de 1m20s 3/10, ganhando a dotação de Cr$ 45 mil. Good Song II, com Roberto Penacchio, defendeu a dupla (67) que teve rateio de 0,49. A ponta pagou 0,31 e os placês: (6) 0,18 e (7) 0,18. Em terceiro chegou Dariac, com J. M. Amorim.

O movimento de apostas foi bom, tendo sido arrecadado Cr$ 9 milhões 278 mil 442 com os portões recebendo Cr$ 5 mil 15. Beting duplo exato foi dividido entre dois apostadores, cabendo a cada pouco mais de Cr$ 300 mil.

PÁREO A PÁREO

1º Páreo — 1 500 metros — GL — Cr$ 30 mil.

1º Invernado, W. Mazolla Jr.
2º El Danúbio, A. Barroso
3º Estafante, J. G. Silva

Tempo: 1'37"3/10. Vencedor: 0,45. Dupla (24) 0,61. Placês 0,25 e 0,18. Prop. Paulo de Tarso A. Ribeiro Filho. Treinador: A. P. Penha. Filiação: Tang e Insidia. Criador: Haras Palmeiras H. P.

2º Páreo — 1 300 metros — AL — Cr$ 30 mil

1º Acarai, R. Penacho
2º To-Te, L. Yanez
3º Emblema, A. Masso

Tempo: 1'19"3/10. Vencedor: 0,16. Dupla (26) 0,31. Placês: 0,11 e 0,13. Proprietário e criador: Haras São Joaquim. Treinador: A. Nabosne. Filiação: Bonjardim e Suazilandia.

3º Páreo — 1 300 metros — AL — Cr$ 45 mil

1º Ventarola, S. P. Barros
2º Good Song II, R. Penachio
3º Dariac, J. M. Amorim

Tempo: 1'20"3/10. Vencedor: 0,31. Dupla (67) 0,49. Placês: 0,18 e 0,18. Proprietário: Haras Maria Lucia Ltda. Treinador: L. C. Mello. Filiação: Vin Vin e Vendimia. Importador: José Zunarzzi D'Elia.

4º Páreo — 1 300 metros — AL — Cr$ 38 mil

1º Enviable, E. Sampaio
2º Jimbel, L. C. Silva
3º Siciliano, R. Penachio

Tempo: 1'18"5/10. Vencedor: 0,23. Dupla (36) 0,27. Placês: 0,15 e 0,13. Proprietário: Haras Larissa. Treinador: E. Gosik. Filiação: Levino e Enzima. Criador: Haras 28 de Outubro.

5º Páreo — 2 000 metros — GL — Cr$ 38 mil

1º Masterful, A. Barroso
2º Juggler, A. Vale
3º Lord Rake, D. Albres

Tempo: 2'07"1/10. Vencedor: 0,16. Dupla (37) 0,49. Placês: 0,12 e 0,18. Proprietários e criador: Haras São Miguel Arcanjo. Treinador: M. Tiberio. Filiação: Millenium e Glore Du Mid.

6º Páreo — 1 000 metros — GL — Cr$ 30 mil

1º Amazonas, A. Bolino
2º Glink, A. Barroso
3º Verjel, J. R. Olguin

Tempo: 59"3/10. Vencedor: 0,33. Dupla (13) 0,09. Placês: 0,14, 0,12. Proprietário e criador: Haras Ipiranga. Treinador: L. S. Souza. Filiação: Kurrupako e Nainal.

7º páreo — 1 500 metros — GL — Cr$ 30 mil

1º Dobro, A. Deus
2º Kalamaki, A. Bolino
3º Marcris'Star, L. A. Pereira

Tempo: 1'32"9/10. Vencedor: 0,99. Dupla (67) 2,36. Placês: 0,63 e 0,44. Proprietário e criador: Haras Malurica. Treinador: A. Andrete. Filiação: Zaular e Linierette.

8º Páreo — 1 200 metros — AL — Variante — Cr$ 38 mil — Betting Duplo Exato.

1º Futileza, A. Bolino
2º Bel Alteza, V. Souza
3º Empresa, U. Bueno

Tempo: 1'14"4/10. Vencedor: 037. Dupla (24) 3,38. Placês 0,22 e 0,49. Proprieário: Stud Três Lirios. Treinador: F. V. Navarro. Filiação: Dusseldorf e Gueba. Criador: Hermínio Burnatto.

9º Páreo — 1 200 metros — AL — Variante — Cr$ 38 mil — Betting Duplo Exato

1º Jarbella, A. Altran
2º Fair Promise, W. R. Silva
3º Rondinha, J. P. Martins

Tempo: 1'15"4/10. Vencedor: 032. Dupla (14) 2,72. Placês: 0,17 e 0,77. Proprietário: Stud Karomari. Treinador: J. B. Gonçalves. Filiação: Heros Danola. Criador: Haras América.

10º Páreo — 1 200 metros — AL — Variante — Cr$ 38 mil

1º Azambuja, D. L. Albres
2º Glastina, A. Albres
3º Euphoria, A. Masso

Tempo: 1'14"7/10. Vencedor: 0,45. Dupla (38) 1,19. Placês: 0,30 e 0,49. Proprietário Tasso Rezende. Treinador: N. Raphael. Filiação: Novo Mundo e Beauy. Criador: Haras Alem Tejo.

Defender é força natural na prova inicial

Seleção de trabalhos para a reunião de hoje

Para a primeira carreira, Defender impressionou em 1m47s para a milha final, sob a direção de S. Silva; Folena, com J. Ricardo, marcou 2m23s para a volta fechada — 2 mil 40 metros — sem ser completamente apurada; Tuyubela fez um carreirão na mesma distancia, com J. Esteves, marcando 2m24s; Silica, com A. Ferreira, terminou firme em 2m23s para a volta fechada.

No segundo páreo, impressionou bem o treino de Ravage em 1m46s para a milha, correndo muito nos últimos metros; Alféres, com J. Machado, não foi exigido terminando em 1m35s para os últimos 1 mil 400 metros.

Para a terceira prova foi dos melhores o exercício de Lavanda em 1m26s3/5 para os 1 mil 300 metros, dirigida pelo aprendiz da Escola do Jóquei Clube, Cosme Morgado Neto.

Para o Grande Prêmio Marciano de Aguiar Moreira, apenas Draw Back e Cadur trabalharam mais forte, a primeira em 2m23s na volta fechado, com F. Esteves, sempre de carreirão, e a outra em 2m20s na mesma distancia, direção de G. Alves, também sem ser apurada.

Na sexta competição, Baroness fez um galope na milha, assinalando 1m50s, Tunisie mostrou melhoras em 1m27s3/5 nos 1 mil 300 metros, dirigida por um redeador.

Para a sétima prova, o estreante Kingdom foi o destaque em 1m18s2/5 para os 1 mil 200 metros, correndo muito no final, com J. M. Silva.

Na oitava carreira, Sang d'Or não foi exigido por M. Andrade em 1m21s para os 1 mil 200 metros, facilmente; Jean Grand marcou tempo igual, arrematando com firmeza.

Para o último páreo, Padelo não foi exigido em 1m27s, sempre com sobras.

Rufo vence em Minas

Belo Horizonte — *Rufo*, conduzido pelo jóquei José Luis de Souza, venceu ontem o quinto e principal páreo da reunião no Hipódromo Serra Verde, percorrendo em 1m30s a carreira de 1 mil 400 metros. O filho de *Zuido* em *Enraivada* liderou a prova de ponta a ponta superando os favoritos *Impulse* e *Bambo*.

O movimento geral de apostas do programa de seis páreos, todos corridos em pista leve, somou Cr$ 143 mil 596. Os demais ganhadores de ontem foram *Idolo*, na primeira carreira; *Da Cuca*, na segunda, *Lord Apolo*, na terceira; *Impuro*, na quarta, e *Igaro*, na sexta.

PAREO A PÁREO

1º Páreo — 1 000 metros

1º Idolo, H. Hevia 58
2º Cobrador, M. Braga 58

Vencedor (6) Cr$ 1,70 — Dupla (31) Cr$ 4,90 — Placês Cr$ 1,00 e Cr$ 1,00 — Tempo 1m5s 2/5.

2º Páreo — 1 100 metros

1º Da Cuca, A. Zanin 56
2º Xivertida, J. Silva 54

Vencedor (6) C$ 1,20 — Dupla (43) Cr$ 2,10 — Placês Cr$ 1,30 e Cr$ 1,20 — Tempo 1m12s 1/5.

3º Páreo — 1 200 metros

1º L. Apolo, J. L. Souza 56
2º Catulo, J. Silva 56

Vencedor (3) Cr$ 1,90 — Dupla (34) Cr$ 2,90 — Placês Cr$ 1,00 e Cr$ 1,00 — Tempo 1m19s 2/5.

4º Páreo — 1 200 metros

1º Impuro, J. Silva 54
2º Gutemburg, J. L. Souza 52

Vencedor (3) Cr$ 2,20 — Dupla (34) Cr$ 5,20 — Placês Cr$ 1,30 e Cr$ 2,30 — Tempo 1m26s 2/5.

5º Páreo — 1400 metros

1º Rufo, J. L. Souza 56
2º Impulse, A. Zanin 56

Vencedor (5) Cr$ 1,50 — Dupla (41) Cr$ 4,50 — Placês Cr$ 1,70 e Cr$ 2,20 — Tempo 1m30s.

6º Páreo — 1 100 metros

1º Igaro, J. L. Souza 54
2.º Kaunas, L. C. Bueno 52

Vencedor (2) Cr$ 2,60 — Dupla (21) Cr$ 2,40 — Placês Cr$ 1,50 e Cr$ 1,20 — Tempo 1m31s 2/5.

Draw Back é força no melhor páreo

PRIMEIRO PÁREO — ÀS 14H30M — 2 000 METROS — RECORDE — GRAMA — LUCCARNO — 2'00"2/5

1—1 Defender, S. Silva	5	56	3º (12) El Asterus e Zucaryl	1 600	AP	1'43"1	A. Araujo
2—2 Folena, J. Ricardo	2	56	1º (6) Ibex e Tuyubela	1 400	GL	1'25"	A. Ricardo
3—3 Tuyubela, J. Esteves	3	56	1º (10) Tágide e Pat Magna	1 400	AL	1'30"	A. V. Neves
4—4 Eldia, J. M. Silva	4	56	3º (14) Certeza e Inspirada	1 300	GL	1'17"3	S. Morales
5 Silica, A. Ferreira	1	56	10º (14) Certeza e Inspirada	1 300	GL	1'17"3	A. P. Lavor

SEGUNDO PÁREO — ÀS 15H — 1 600 METROS — RECORDE — AREIA — FARINELLI — 1'37"2/5

1—1 Ravage, J. Ricardo	7	57	2º (11) Single Cry e Davidof	1 600	AU	1'43"	A. Ricardo
2 Arrepio, J. M. Silva	2	56	3º (8) Fun Fair e Ximando	1 300	NP	1'23"1	F. P. Lavor
2—3 Racalian, A. Oliveira	1	56	1º (10) Compensat e Ignoramus	1 600	NP	1'43"4	A. P. Silva
4 Compensation, G. F. Alm	3	53	2º (10) Racalian e Ignoramus	1 600	NP	1'43"4	J. L. Pedrosa
3—5 Alferes, J. Machado	5	56	9º (10) Tout Joli e Remelexo	1 500	GL	1'30"2	W. Pinto
6 Scarlatti, G. Meneses	8	55	10º (11) Single Cry e Ravage	1 600	AU	1'43"	E. Freitas
4—7 Round Link, F. Pereira	6	55	8º (11) Single Cry e Ravage	1 600	AU	1'43"	A. Nahid
8 Quicio, J. L. Marins	4	57	5º (11) Single Cry e Ravage	1 600	AU	1'43"	G. Feijó

TERCEIRO PÁREO — ÀS 15H30M — 1 400 METROS — RECORDE — GRAMA — DEMI-TOUR — 1'22"2/5

INICIO DO CONCURSO

1—1 Duba, U. Meireles	6	57	2º (11) Zuza e Anuki	1 200	NP	1'17"1	A. Morales
2 Honeste, R. Marques	7	55	10º (11) Zuza e Duba	1 200	NP	1'17"1	J. U. Freire
2—3 Anuki, J. Machado	11	57	3º (11) Zuza e Duba	1 200	NP	1'17"1	L. Coelho
4 Zoura, E. Ferreira	8	57	7º (11) Zuza e Duba	1 200	NP	1'17"1	E. P. Coutinho
5 Smolkin, J. M. Silva	10	57	6º (10) Queen's Light e Duba	1 300	AU	1'25"1	R. Tripodi
3—6 Jaula, J. Ricardo	[illegible]	57	4º (11) Zuza e Duba	1 200	NP	1'17"1	A. Ricardo
7 Jandaré, J. Malta	2	57	7º (9) Air Duke e Esquivo (CP)	1 300	NL	1'22"2	B. Ribeiro
" Liza Minelli, E. R. Ferreira	1	57	8º (11) Zuza e Duba	1 200	NP	1'17"1	B. Ribeiro
4—8 Trouvaille, G. Meneses	5	61	4º (12) Teureg e Fangal	1 400	GM	1'27"2	F. P. Lavor
9 Lavanda, G. F. Almeida	9	57	4º (10) Queen's Light e Duba	1 300	AU	1'25"1	R. Morgado
10 Bala de Prata, G. Alves	3	57	5º (10) D. Betty e P. Tina	1 300	NL	1'24"4	J. D. Moreira

QUARTO PÁREO — ÀS 16H — 2 400 METROS — RECORDE — GRAMA — LOHENGRIN — JANUS — 2'25"1/5

GRANDE PRÊMIO MARCIANO DE AGUIAR MOREIRA — GRUPO I — CR$ 120 000,00

1—1 Draw Back, F. Esteves	4	59	2º (9) Ellisie e Egléfs II	2 000	GU	2'02"4	A. P. Silva
2—2 Egléfs II, J. Garcia (SP)	6	59	3º (9) Ellisie e Draw Back	2 000	GU	2'02"4	S. d'Amore
3—3 Induzida, G. Meneses	1	59	4º (9) Ellisie Drawu Back	2 000	GU	2'02"4	A. Araujo
4 Fabiola, J. Quintana	2	[illegible]	3º (7) Xesca e Papper Doll	2 000	GL	2'05"3	J. J. Marinal
4—5 Fernanda II, J. M. Silva	7	61	1º (10) M. Up e D. de Loire	1 600	AL	1'37"3	S. Morales
" Fontanelle II, J. C. Costa	5	59	7º (7) Luz Azul e Shining	1 600	AL	1'38"5	S. Morales
" Cadur, G. Alves	3	59	5º (9) Ellisie e Drawu Back	2 000	GU	2'02"4	S. Morales

QUINTO PÁREO — ÀS 16H30M — 1 200 METROS — RECORDE — GRAMA — ZOLIZ — 1'10"1/5

DUPLA-EXATA

1—1 Vimeiro, W. Gonçalves	7	56	3º (15) Lindazo e Nojiri	1 300	NP	1'23"	G. Ulloa
2 Confiteor, G. Meneses	11	57	13º (15) Lindazo e Nojiri	1 300	NP	1'23"	H. Tobias
3 Golondrina, J. Ricardo	12	48	2º (12) Pif-Paf e Porão de Ouro	1 000	AP	1'04"3	A. Ricardo
2—4 Prólogo, G. F. Almeida	6	57	5º (13) Mangeador e Setembrina	1 400	GL	1'25"1	C. I. P. Nunes
5 Hilite, J. Pinto	13	56	6º (15) Lindazo e Nojiri	1 300	NP	1'23"	A. Palm F9
6 Norde Marinha, J. M. Silva	4	56	8º (9) Mentasur e América	1 300	NP	1'04"	W. G. Oliveira
3—7 Setembrina, J. L. Marins	1	54	3º (12) Remanso e Flic	1 000	NP	1'03"1	S. D'Amore
8 Volcan, F. Silva	5	58	14º (15) Lindazo e Nojiri	1 300	NP	1'23"	P. Duranti
9 Porão de Ouro, R. Macedo	10	51	11º (12) Pif-Paf e Golondrina	1 000	AP	1'04"3	S. P. Gomes
4-10 Marinissimo, L. C. Mendes	3	58	6º (11) Latinus e Ditricico (CJ)	1 400	NL	1'26"4	L. Nickel
11 Barichini, F. Pereira	9	55	11º (15) Lindazo e Nojiri	1 300	NP	1'23"	R. Carrapito
12 Ben-Hur, D. F. Graça	2	55	7º (15) Lindazo e Nojiri	1 300	NP	1'23"	S. M. Almeida
13 Pana, H. Cunha	8	55	5º (12) Remanso e Flic	1 000	NP	1'03"1	R. Costa

SEXTO PÁREO — ÀS 17H — 1 300 METROS — RECORDE — GRAMA — CAROTÁ — 1'15"4/5

1—1 Dream Dream, A. Ramos	12	55	2º (10) H. Caravan e Realidade	1 600	GL	1'37"4	H. Cunha
2 Pitaná, F. Lemos	11	55	4º (11) Urdele e Romilly	1 000	AP	1'03"3	G. Feijó
3 Baroness, G. F. Almeida	9	55	5º (10) H. Caravan e D. Dream	1 600	GL	1'37"4	C. Pereira
2—4 Altíssimo, J. M. Silva	4	55	3º (11) Galanteria e Cavod	1 300	NP	1'22"4	F. P. Lavor
5 Dizzy Dance, J. L. Marins	10	55	4º (10) H. Caravan e D. Dream	1 600	GL	1'37"4	G. Morgado
6 Sada, J. Esteves	2	55	9º (11) Galanteria e Cavod	1 300	NP	1'22"4	S. M. Almeida
3—7 Ceytetuna, E. Alves	7	57	10º (12) Xirbosa e Millizia	1 400	GL	1'25"	A. Araujo
8 Tunisie, A. Oliveira	1	55	6º (10) H. Caravan e D. Dream	1 600	GL	1'37"4	E. Freitas
9 Sinecura, F. Pereira	5	55	4º (11) Galanteria e Cavod	1 300	NP	1'22"1	A. Nahid
10 Toranja, W. Gonçalves	6	55	9º (11) Daluar e Ly	1 000	NM	1'03"1	P. Morgado
4-11 Freedwoman, P. Cardoso	13	55	7º (10) Terracota e D. Dream	1 300	NL	1'23"	O. Cardoso
12 Cavod, G. Alves	8	55	2º (11) Galanteria e Altíssimo	1 300	NP	1'22"4	S. Morales
13 Analfa, E. Freire	14	55	8º (10) Chonchas e Millizia	1 500	AP	1'27"	J. C. Tinoco
14 Astúcia, J. Ricardo	3	55	11º (13) M. Royal e H. Caravan	1 300	NL	1'23"	E. Morgado N19

SÉTIMO PÁREO — ÀS 17H30M — 1 100 METROS — RECORDE — AREIA — ESBULHO — 1'07"

1—1 G. Forward, J. Escobar	5	57	7º (11) Gran Texano e Estático	1 000	NM	1'03"	L. G. F. Ulloa
2 Filósofo, R. Marques	3	57	5º (7) Takanir e Rei Sadal	1 300	AP	1'24"3	S. T. Camara
2—3 Estático, J. Machado	1	57	2º (11) G. Texano e G. Forward	1 000	NM	1'03"	Z. D. Guedes
4 Kingdon, J. M. Silva	8	57	Estreante		Estreante		A. Miranda
3—5 Armênio, E. R. Ferreira	9	57	3º (10) Horsete e Zanzo	1 000	NL	1'03"2	J. S. Silva
6 Gipsy River, E. Freire	2	57	9º (11) G. Brigadier e Pinhalão	1 400	AL	1'25"7	A. P. Silva
7 Dreamer, A. Garcia	6	57	5º (7) Eromin (CP)	1 100	NL	1'09"3	C. I. P. Nunes
4—8 Zanzo, J. Pinto	7	57	2º (10) Horsete e Armênio	1 000	NL	1'03"2	E. P. Cout'nho
9 Turkestan, J. Garcia	10	57	8º (10) Horsete e Zanzo	1 000	NL	1'03"2	F. P. Lavor
" Thunder, J. Ricardo	4	57	7º (11) G. Texano e Estático	1 000	NM	1'03"	F. P. Lavor

OITAVO PÁREO — ÀS 18H — 1 100 METROS — RECORDE — AREIA — ESBULHO — 1'07"

1—1 Sang D'Or, M. Andrade	1	54	2º (7) Zamorim e Tiercaron	1 600	GL	1'37"2	G. Ulloa
2 Jasmar, J. M. Silva	5	54	6º (7) Rayadon e Tiriac	1 300	NP	1'24"2	H. Tobias
2—3 Funny Face, J. Malta	4	57	3º (10) King Lear e Heroi	1 300	NL	1'23"	S. d'Amore
4 Jean Grand, E. R. Ferr.	3	54	7º (10) Horsete e Zanzo	1 000	NL	1'03"2	I. C. Borioni
3—5 Pinhal Ralo, E. Alves	7	54	6º (9) Furibond e Jelly	1 600	NP	1'43"3	A. Nahid
6 Babinito, S. P. Dias	2	54	8º (11) Gran Texano e Estático	1 000	NM	1'03"	R. Ribeiro
4—7 Tottenham, G. Meneses	8	54	4º (11) G. Texano e Estático	1 000	NM	1'03"	F. P. Lavor
8 Soleil D'Or, L. Santos	6	57	4º (10) Horsete e Zanzo	1 000	NM	1'03"2	R. Ribeiro

NONO PÁREO — ÀS 18H30M — 1 300 METROS — RECORDE — AREIA — YARD — 1'18"3/5 — VARIANTE

DUPLA-EXATA

1—1 Lindazo, C. Valgas	1	54	1º (15) Nojiri e Vimeiro	1 300	NP	1'23"	J. Pedro F9
2 Gambrinus, G. Alves	5	56	9º (15) Jusante e Funny End	1 300	NL	1'22"	W. Aliano
2—3 Funny End, J. Ricardo	8	56	2º (15) Jusante e Prince Bold	1 300	NL	1'22"	J. C. Tinoco
4 Jefferson, J. Queiroz	9	58	6º (13) Ladonis e Pernambuco	1 100	NP	1'10"2	P. Morgado
5 Guarda Fogo, H. Cunha	6	57	8º (13) Too Dark e Ladonis	1 000	NM	1'02"3	M. B. Silva
3—6 Fair Meed, J. M. Silva	1	54	3º (11) Integro e Prince Bold	1 600	NP	1'44"3	O. M. Fernandes
" Tarro, F. Pereira	10	58	4º (11) Integro e Prince Bold	1 600	NP	1'44"3	O. M. Fernandes
7 Redskin, G. Meneses	4	55	4º (9) Ninsky e El Trebol	1 600	AP	1'40"2	F. P. Lavor
4—8 Fast Blonde, E. Ferreira	2	54	2º (7) Clodomico e Harki	1 300	NM	1'23"4	W. P. Lavor
9 Criterium, C. Amestely	11	54	3º (5) Ilka II (BH)	1 300	AL	1'26"1	Z. D. Guedes
10 Padelo, A. Ramos	3	57	5º (7) Clodomico e F. Blonde	1 300	NM	1'23"4	A. Vieira

RETROSPECTO

1º páreo — Defender — Tuyubela — Folena
2º páreo — Alferes — Arrepio — Racalian
3º páreo — Lavanda — Smolkin — Duba
4º páreo — Draw Back — Cadur — Induzida
5º páreo — Vimeiro — Marinissimo — Setembrina
6º páreo — Dream Dream — Tunisie — Cavod
7º páreo — Kingdon — Gipsy River — Gang Forward
8º páreo — Pinhal Ralo — San d'Or — Tottenham
9º páreo — Lindazo — Criterium — Fast Blonde

Vitória fácil de Queen's Catch na quinta carreira

Queen's Catch, por King's Catch em La Guaira, criação do Haras Palmital e propriedade de Ruth Correa Mesquita, venceu o quinto páreo de ontem na Gávea, marcando o tempo de 59s 1/5 para o quilômetro em pista de grama leve. A pensionista do treinador Mário Mendes contou com uma direção bastante segura do freio José Queiroz.

Resultados

1º Páreo — 1 400 metros — Pista AM — Prêmio Cr$ 40 000,00

1º	Princesa Laura, A. Oliveira	55	9,00	12	7,30
2º	Quenomá, G. Meneses	55	3,00	13	3,30
3º	Tágide, J. Queiroz	55	5,70	14	5,30
4º	Muzina Dacha, J. Pinto	56	22,40	22	26,70
5º	Gambardela, J. M. Silva	55	3,50	23	6,00
6º	Dona Areco, P. Cardoso	56	2,20	24	7,40
7º	Pat Magna, F. Pereira	55	9,00	33	11,70
				34	2,60
				44	13,50

Diferenças: 1 corpo e 1 corpo — Tempo: 1'29"2 — Vencedor: (7) 9,00 — Dupla (14) 5,30 — Placê: (7) 3,80 e (1) 2,20 — Movimento do Páreo: Cr$ 421.570,00. PRINCESA LAURA — F. C., 3 anos, RS — Kamol e Aralinda — Criador: Haras Santa Ana do Rio Grande — Proprietário: O Criador — Treinador: C. Pereira.

2º Páreo — 1 400 metros — Pista AL — Prêmio Cr$ 40 000,00

1º	Etandard, G. Alves	56	11,50	11	16,70
2º	Bamborial, F. Esteves	55	12,80	12	5,80
3º	Pithecampthus, G. F. Almeida	55	3,50	13	2,30
4º	Ibaizabal, G. Meneses	55	2,50	14	4,70
5º	Vento Forte, J. M. Silva	55	2,80	22	40,30
6º	Jamy, S. Silva	55	4,10	23	7,30
7º	Principe Perfeito, A. Oliveira	56	21,30	33	13,60
8º	Flou, F. Pereira	56	21,30	33	13,60
				34	3,50
				44	35,10

Diferença: 1 corpo e 1/2 corpo — Tempo: 1'28"1 — Vencedor: (6) 11,50 — Dupla: (13) 2,30 — Placê: (6) 6,00 e (2) 6,30 — Movimento do Páreo: Cr$ 592 440,00. ETANDARD M. C., 3 anos, RS — Quintuplo e Valda — Criador: Haras Vacacai — Proprietário: Stud Pharas — Treinador: J. A. Limeira.

3º Páreo — 1 300 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 30 mil

1º	Anielle, J. M. Silva	56	4,10	11	16,10
2º	Argali, F. Pereira	57	1,80	12	6,90
3º	Tizzana, W. Gonçalves	55	6,30	13	4,70
4º	Too Nice, G. Meneses	55	3,00	14	1,60
5º	Miss Curvona, O. Ricardo	56	6,20	23	17,90
6º	Urdele, S. Silva	57	13,70	24	6,60
				34	7,40
				44	7,10

N/CM. ITAPOÃ e MELODY ROYAL.

Dif. 1 corpo e 1/2 corpo — Tempo — 1'18"3 — Vencedor (7) 4,10 — Dupla (14) 1,60 — Placê (7) 1,70 e (1) 1,30 — Movimento do páreo Cr$ 564 mil 770 — ANIELLE — F. T. 4 anos — SP — Zuido e Edição — Criador: Haras Itaiassu — Proprietário: Jelda Maruska R. Paiva Palhares — Treinador: L. Coelho.

4º Páreo — 1 300 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 35 mil

1º	Zafete, G. Meneses	56	2,10	11	10,70
2º	Igangan, J. Machado	56	30,40	12	1,60
3º	Aciana, J. M. Silva	56	1,90	13	7,60
4º	Triunfante H. Cunha (*)	48	7,30	14	3,60
4º	Zikilam, G. F. Almeida (*)	56	6,70	22	40,80
6º	Ballorca, F. Pereira	56	9,80	23	9,60
7º	Manola, E. Freire	53	7,30	24	6,90
8º	Call me, J. Esteves	56	10,80	33	36,10
9º	Espuminha, F. Lemos	56	40,70	34	20,70
				44	33,50

N/C. CARTOMANTE (* empate)

Dif. 3 corpos e 2 corpos — Tempo 1'18"2 — Vencedor (3) 2,10 — Dupla (22) 40,80 — Placê (3) 1,70 e (4) 8,10 — Movimento do páreo Cr$ 643 mil 890 — ZAFETE — F. C. 3 anos — SP — Viziane e Lafette — Criador: Haras São Quirino — Proprietário: Haras Rancho Ferradura — Treinador: W. Aliano.

5º Páreo — 1 000 metros — Pista: GL — Prêmio: Cr$ 35 mil

(DEBUTANTES DO CIRCULO MILITAR DA PRAIA VERMELHA)

1º	Queen's Catch, J. Queiroz	50	4,10	11	8,00
2º	Snow Bati, R. Carmo	56	1,50	12	4,10
3º	Lemican, J. Escobar	56	1,50	13	2,70
4º	Lembrada, J. Esteves	56	4,00	14	2,50
5º	Bla-Bla-Blás, A. Ramos	56	10,80	23	17,50
6º	Selva, E. Freire	53	13,60	24	9,60
7º	Estiagem, R. Marques	56	16,10	33	16,60
8º	Saraiva, Jz. Garcia	53	13,60	34	10,00
9º	Inera, M. Peres	56	19,50	44	23,20

Não correu: DOGESA.

Diferenças: vários e vários corpos — Tempo: 69"1 — Vencedor: (3) 4,10 — Dupla: (12) 4,10 — Placês: (3) 1,60 e (1) 1,20 — Movimento do páreo: Cr$ 521 mil 880. — QUEEN'S CATCH — F.T. 2 anos — SP — King's Catch e La Guaira — Criador: Haras Palmital — Proprietário: Ruth Corrêe Mesquita Bastos — Treinador: M. Mendes.

6º Páreo — 1 400 metros — Pista: AL — Prêmio: Cr$ 35 mil

1º	Penitown, C. Valgas	56	5,20	11	10,50
2º	Sir Sloop, J. M. Silva	56	6,20	12	2,30
3º	Lucchini, J. Machado	56	12,00	13	7,80
4º	Czar Piotr, J. Pinto	56	26,40	12	7,80
5º	Vapuaçu, J. Escobar	56	10,10	22	8,20
6º	Velletri, G. Meneses	56	2,60	23	8,20
7º	Quibdó, G. F. Almeida	56	2,10	24	6,10
8º	Improvisor, G. A. Feijó	56	37,90	33	26,70
9º	Frontão, F. Pereira	56	26,00	34	16,30
10º	Dauber, G. Alves	56	2,10	44	62,70

Não correram: INTRUJÃO e FREE GALLANT.

Diferenças: paleta e vários corpos — Tempo: 1'29"3 — Vencedor: (6) 5,20 — Dupla (13) 7,80 — Placês: (6) 4,10 e (3) 5,90 — Movimento do páreo: Cr$ 720 mil 670. PENITOWN — M.A. 3 anos — RS — Dawn Town e Peniche II — Criador: Haras Sadal — Proprietário: Stud Avatar — Treinador: J. L. Pedrosa.

DUPLA EXATA (06—03) Cr$ 131,40.

7.º — Páreo — 1 600 metros — Pista — GL — Prêmio Cr$ 35 mil — (DEZ ANOS DA PREVIDENCIA SOCIAL — PROVA ESPECIAL)

1º	Tout Joli, J. Escobar	55	7,70	11	6,60
2º	Uirari, J. M. Silva	58	3,40	12	3,50
3º	Demagogo, G. Alves	54	3,70	13	4,60
4º	Thasos, G. Meneses	55	5,20	14	5,20
5º	Estênico, F. Pereira	58	16,30	22	8,60
6º	Tobello, A. Oliveira	55	7,70	23	5,40
7º	Hidden Treasure, G. F. Almeida	59	3,40	24	6,40
8º	Zagote, J. Machado	52	3,70	33	18,90
9º	Dicio, A. Ferreira	58	33,60	34	9,20
10º	Eulogy, P. Cardoso	56	6,20	44	22,60
11º	Dascale, J. Malta	54	10,30		

Dif. — 1 corpo e cabeça — Tempo: 1'36" — Venc.: (8 7,70 — Dup. (24) 6,40 — Placês (8) 3,20 e (3) 3,10 — Mov. do pareo Cr$ 741 mil 450. Tout Joli — M. C. 6 anos — SP — Vivet Rex e Jolie Etoile — Criador — Haras São Luiz — Propr. — Stud B.B.C. (SP) — Treinador — A. P. Silva.

8.º Preo — 1 000 metros — Pista — AL — Prêmio: Cr$ 20 mil.

1º	Teuck, J. M. Silva	55	2,90	12	6,40
2.º	Tio Brase, G. F. Almeida	58	2,70	13	8,50
3º	Colorado Fleet, J. Esteves	58	5,80	14	7,50
4º	Cabaretier, P. Vignolas	51	8,80	22	19,80
5º	Torvaly, L. Santos	55	16,90	23	3,50
6º	Nojiri, R. Carmo	58	3,50	24	3,40
7º	Raveira, A. Oliveira	55	7,50	33	14,90
8º	Honey Ronald, G. A. Feijó	56	24,00	34	3,90
				44	7,30

N/CM. FLIC e CANECÃO

Dif. paleta e 3 corpos — Tempo — 1'03" — Venc. (10) 2,90 — Dup. (24) 3,40 — Placês (10) 1,70 e (3) 1,50 — Mov. do pareo Cr$ 601 mil 070. Teuck — M.C. 6 anos — SP — King Buck e Neukridge — Criador — Haras São Luiz — Propr. — Agricola Comercial Haras João Jabour Ltda. — Treinador — A. V. Neves.

9º Páreo — 1 000 metros — Pista: NL — Prêmio: Cr$ 40 mil

(PROVA ESPESCIAL DE LEILÃO)

1º	Ix, G. Meneses	56	2,30	11	14,80
2º	Gran Fifi, J. N. Silva	56	4,80	12	7,10
3º	Salter, G. F. Almeida	56	6,70	13	4,80
4º	Social, F. Silva	56	12,10	14	1,90
5º	Sir Patriota, J. Queiroz	56	2,30	22	43,60
6º	Vanini, G. Alves	56	12,50	23	16,10
7º	Alquivir, E. Marinho	56	2,30	24	8,10
8º	Anabar, M. Cervalho	56	18,80	33	26,80
9º	Arel, J. Machado	56	50,40	34	5,80
10º	Camilinho, C. Valgas	56	20,50	44	7,10

Diferenças: 1 corpo e 2 corpos — Tempo: 1'03" — Vencedor: (1) 2,30 — Dupla: (13) 4,80 — Placês: (1) 1,40 e (5) 2,00 — Movimento do páreo: Cr$ 610 060,00. IX — M. C. 3 anos — RJ — Symba e Perrata — Criador: Haras Planicie — Proprietário: Luiz Paulo Fragoso Pires — Treinador: S. Morales.

10º Páreo — 1 300 metros — Pista: NL — Prêmio: Cr$ 24 mil

1º	Reiville, F. Pereira	58	4,80	11	5,90
2º	El Galant, J. M. Silva	58	3,60	12	6,70
3º	Rey Sol, G. F. Almeida	58	12,10	13	2,70
4º	Quebro, Jz. Garcia	54	25,00	14	3,50
5º	Iamar, P. Cardoso	57	5,00	22	49,30
6º	Sapé, G. Meneses	57	3,90	23	10,80
7º	Alpestre, J. Malta	56	26,90	24	9,90
8º	Clairval, F. Lemos	57	50,20	33	18,20
9º	Underwriting, J. Esteves	58	14,90	34	4,40
10º	Irox, J. Escobar	58	87,50	44	20,70
11º	Frete, A. Oliveira	55	5,80		
12º	Baby Chou, C. Valgas	58	57,50		
13º	Cuiabano, M. Carvalho	53	73,20		
14º	Inhoco, A. Ramos	54	9,70		

N/CM. COSTELO, SADALNINO e HIBÉRNIO.

Dupla Exata (08-01) 15,30 — Diferenças: 3 corpos e mínima — Tempo: 1'22"1 — Vencedor: (8) 4,80 — Dupla: (13 2,70 — Placês: (8) 2,50 e (1) 2,30 — Movimento do páreo: Cr$ 598 810,00. M. A. 5 anos — RS — Bougainville e Hisbela — Criador: Haras Inembui — Proprietário: Stud Shangrilá — Treinador: N. P. Gomes.

Apostas: Cr$ 6 milhões 910 mil 930 — Portões: Cr$ 9 mil 733.

BOLO DE SETE PONTOS

O bolo de sete pontos teve um acertador com Cr$ 140 mil 195,37.

Emerson e Alex, mesmo eliminados, talvez corram

Connors e Vilas decidem hoje em grande final o Torneio de Forest Hills

Nova Iorque — O tenista norte-americano Jimmy Connors, considerado por muitos o melhor do mundo, e o argentino Guillermo Vilas, quarto colocado no **ranking** mundial e primeiro na lista dos ganhadores de prêmios, farão hoje a final do Torneio Aberto de Forest Hills. Vilas passou à final ao derrotar o norte-americano Harold Solomon, por 6/2, 7/6 e 6/2, em partida que durou duas horas e 45 minutos.

Connors, ainda sentindo a contusão nas costas, que o tem incomodado frequentemente, teve muita dificuldade para superar o italiano Corrado Barazutti, por 7/5, 6/3 e 7/5, ontem, na semifinal. Barazzutti foi uma das grandes surpresas deste ano em Forest Hills, pois para chegar às semifinais derrotou o romeno Ilie Nastase e o norte-americano Brian Gottfried, ambos muito bem classificados no **ranking** mundial.

Para o público que esperava ver novamente o confronto entre Connors e Borg — Borg ganhou na final de Wimbledon — resta o consolo de ver um grande jogo, já que Connors por si só já garante um grande espetáculo, enquanto Vilas, invicto há 45 partidas, terá de dar tudo para impor-se ao norte-americano.

Chris Evert consegue título de tricampeã

Nova Iorque — A tenista norte-americana Chris Evert conquistou pela terceira vez consecutiva o Torneio Aberto de Forest Hills, ao derrotar ontem a australiana Wendy Turnbull por 7/6 e 6/2, depois de um começo um pouco indeciso, que colocou o público em dúvida em relação a sua vitória. Além do bicampeonato, Chris reconquistou a posição de primeira tenista do mundo, que parecia ter perdido quando foi derrotada pela inglesa Virginia Wade, nas semifinais do Torneio de Wimbledon. Pela vitória recebeu o prêmio de 33 mil dólares (cerca de Cr$ 495 mil).

A calma até exagerada de Chris Evert e o nervosismo visível de Wendy fizeram contraste desde os primeiros movimentos da partida. Wendy chegou a dominar no primeiro **set**, colocando a vantagem de 5 a 4 nos **games**. Quando tinha tudo para fechar o **set** a seu favor, deixou-se tomar pelo nervosismo e permitiu o empate em 5 a 5, seguindo depois para 6 a 6 e decisão em **Tie-break**, em que predominou o controle de Chris, fechando em 7/6.

JOGO IRREGULAR

A quebra consecutiva dos serviços tanto de Wendy quanto de Chris, no primeiro **set**, deram ênfase à irregularidade do jogo das duas tenistas, que ora faziam jogadas lindíssimas, ora cometiam erros primários. Wendy começou a dominar no primeiro **set** quando passou a subir à rede com frequência, fazendo a norte-americana correr de um lado para o outro, para finalizar com violento voleio. Foi nesse momento que Wendy conseguiu quebrar duas vezes o serviço de Chris, fazendo 4 a 3 e 5 a 3 nos **games**.

No **set** seguinte, que parecia ser favorável a Wendy, Chris Evert percebeu que o jogo forte da rival era atraí-la para a rede para finalizar com **passing-shots**, e passou então a impor seu jogo de fundo de quadra, com uma precisão incrível nos **backhands**, que quase sempre caíram em cima da linha confundindo a adversária.

Wendy Turnbull perdeu visivelmente o controle dos movimentos, comentando sua terceira dupla falta, jogando diversas bolas na rede e sendo traída por **passing-shots** e **drop-shots**, aplicados com perfeição por Chris Evert. Na decisão do primeiro **set** por **tie-break**, Chris chegou a cometer uma dupla falta e levar o segundo **ace** de Wendy, mas soube manter a calma, fazendo 7 a 3 e definindo o primeiro **set** em 7/6.

O segundo **set** foi marcado pelo total domínio da norte-americana. Chris mostrou-se quase que infalível no revés com duas mãos, mantendo o jogo de fundo de quadra, à espera dos erros da australiana, que acabaram acontecendo com frequência. Wendy tentou várias vezes **drop-shots** para atrair Chris, mas o fazia de maneira errada, jogando quase sempre na rede. Numa tentativa, já desesperada, quando o jogo estava 3 a 1 nos **games** do segundo **set** para Chris, Wendy tentou subir à rede, mas foi traída pelos **passing-shots** de Chris. Wendy ainda conseguiu diminuir a vantagem no **game** seguinte, ficando o jogo em 3 a 2 para Chris, que, com facilidade, chegou ao **match-point**, fechando em 6 a 2.

Copa Itaú

Salvador — Tomas Koch e João Soares estão classificados para disputar a partida final da nona etapa da II Copa Itaú de Tênis, marcada para hoje às 9h30m no ginásio de esportes da Associação Atlética da Bahia. Soares chegou à última partida ao vencer ontem Carlos Alberto Kirmayr por 2 x 1, parciais de 6/4, 6/7 e 6/3, enquanto Koch derrotou Marcos Hocevar por 2 x 0, parciais de 6/4 e 7/6.

Forest Hills/AP

Chris recuperou agora o prestígio perdido com a derrota em Wimbledon

Chico Júnior
Enviado especial

Monza, Itália — Pela terceira vez em sua carreira e a segunda este ano, Emerson Fittipaldi não conseguiu classificar-se para a largada de um grande prêmio. Ontem, com um carro cheio de problemas, seu melhor tempo foi 1m40s97, o suficiente apenas para deixá-lo como segundo reserva (fez o 26º tempo), atrás de Alex Dias Ribeiro, que também ficou de fora. Entretanto, ambos talvez, larguem hoje, pois a Comissão de Segurança de Autódromos reúne-se, pouco antes da corrida, a fim de estudar a possibilidade de aumentar de 24 para 26 o número de participantes, o que parece bem provável.

Se entre os brasileiros aconteceu uma coisa já esperada, o que não se esperava era ver o inglês James Hunt com a **pole position**, depois do ótimo desempenho dos dois Ferrari, no treino de sexta-feira. Mas Hunt surpreendeu a todos e rodou em 1m38s08, enquanto Carlos Reutemann fazia 1m38s29 e estabelecida o segundo tempo. Lauda, que bateu na saída da curva parabólica, durante o treino não cronometrado realizado pela manhã, teve que treinar com o carro reserva e não melhorou, descendo para a terceira fila.

BATIDAS E SURPRESAS

No treino não cronometrado, dois pilotos bateram: Patrick Tambay e, logo depois, Niki Lauda. Como resultado, nenhum deles pôde praticar com seus carros titulares, no treino da tarde. Tambay, que na sexta-feira fez um bom treino e tinha reais condições de se colocar entre os primeiros, precisou utilizar, à tarde, o carro reserva de Clay Regazzoni, com o qual não estava acostumado e que apresentava um leve problema de suspensão. Assim, Tambay acabou ficando entre os últimos.

Com Niki Lauda, porém, aconteceu pior, pois entre os dois é o que tem mais a perder, considerando-se que precisaria de uma boa posição na largada, para tentar vencer a corrida, o que lhe pode dar o título de campeão mundial, por antecipação. Treinando com o carro reserva, Lauda não conseguiu melhorar seu tempo de sexta-feira, quando foi o mais rápido, e acabou ficando com o quinto tempo.

Na Ferrari, a surpresa maior não foi o fato de Lauda cair para a terceira fila, mas os tempos obtidos por James Hunt e Jody Scheckter, que está com o terceiro.

— Quando vimos ontem (sexta-feira) que Mario Andretti começou a melhorar com a pista nas condições em que estava, sabíamos que ele poderia melhorar muito — explica Roberto Nosetto. Mas não imaginávamos que Hunt e Scheckter fossem fazer tempos tão rápidos. Isto realmente nos surpreendeu. Mas até que não está ruim. Afinal, temos um carro na primeira linha do pelotão e Lauda, mesmo na terceira, pode vencer.

Na McLaren, o tempo de Hunt foi explicado em função de novos pneus instalados em seu M-26. O inglês não conseguiu explicar direitos, pois, enquanto falava com alguns poucos jornalistas no *trailer* da McLaren, dava muito mais atenção a uma bonita loura italiana, que momentos antes tinha sido praticamente arrastada, por um amigo de Hunt, para dentro do *trailer*.

— E' — disse — botamos pneus novos e consegui fazer o tempo. Mas vamos esquecer esse negócio de pneus. O importante é que estou muito contente em ter conseguido a *pole position* e tudo que quero é vencer a corrida, pois só consegui uma vitória este ano.

Dito isto, passou a dar atenção única e exclusivamente à italiana.

PATRESE EM DESTAQUE

Para a Ferrari, os tempos de Hunt e Scheckter foram surpresas. O desempenho de Andretti, porém, já era esperado e ninguém se surpreendeu ao vê-lo marcar o quarto tempo, que o deixa na segunda fila, ao lado de Scheckter. Mas ninguém esperava ver o Shadow de Riccardo Patrese em sexto lugar, alinhando na terceira fila, ao lado de Niki Lauda.

O jovem Patrese, que ainda disputa o Campeonato Europeu de Fórmula-2 deste ano, estava simplesmente radiante, deixando também todos da Shadow muito felizes. Menos Alan Jones, que não se conformava com o fato de estar na oitava fila, ao lado do também estreante, Bruno Giacomelli, com um McLaren oficial.

A melhora dos tempos nos treinos de ontem foi geral e até certo ponto surpreendente. Na sexta-feira, apenas sete pilotos rodaram abaixo de 1m40s. Ontem, 19 conseguiram isto. O mais interessante é que os dois pilotos da Brabham, que no primeiro dia de treinos estavam com o terceiro (Watson) e quinto (Stuck) tempos, desceram. Ambos melhoraram, é verdade, mas não o bastante para continuar nas posições anteriores. Agora, Stuck ocupa a sexta fila e Watson a sétima, o que tira de ambos qualquer possibilidade teórica de conseguir boas colocações na corrida.

Jean-Pierre Jabouille continuou com problemas em seu Renault-Turbo e está lá embaixo, na 10a. fila. Durante o treino não cronometrado, teve alguns problemas e não conseguiu treinar o tempo todo, à tarde. Rodou um pouco mais rápido do que na sexta-feira, mas mesmo assim ficou entre os últimos.

Campeão dos leves mantém seu título

San Juan de Porto Rico — O campeão mundial dos pesos leves ligeiros, o porto-riquenho Alfredo Escalera, manteve o seu título mundial ao derrotar ontem, por decisão unânime, o desafiante mexicano Sigfrido Rodriguez. Com a vitória de ontem, Escalera não só manteve o título como também estabeleceu um recorde para sua categoria, já que foi a 10a. vez que ele colocou o título em jogo.

Ao término da luta, o presidente da Comissão de Boxe de Porto Rico, Freddie Schuck, negou que esteja sendo feito um *complot* para ajudar o pugilista porto-riquenho Benjamin Ortiz, na sua próxima luta contra Alexis Arguello, representante da Nicarágua. Segundo ele, os boatos surgiram porque Alexis não quer vir a Porto Rico disputar a luta e está fazendo tudo para que o local seja modificado.

Ismar e Vítor passam à liderança da Taça Independência de Golfe

Ismar Brasil e Vitor Pinheiro Folho passaram à liderança da Taça Independência de Golfe, promovida pela Federação do Rio de Janeiro, depois de jogada a terceira volta em 18 buracos, ontem no campo do Gávea, totalizando 225 **gross**. Ismar obteve o melhor resultado de ontem com 71 tacadas, uma abaixo de Vitor. O terceiro colocado no torneio é Rafael Gonzales com 232 **gross**, seguido de Marcelo Stallone com 235. A última etapa será disputada amanrã.

D. C. Thrasher, na categoria **scratch**, com 77 **gross**, e Fortunato Azulay na categoria 0 a 28. com 67 **net**, foram os melhores resultados da abertura da Taça Itaú — campeonato de veteranos — em 18 buracos, ontem no Gávea. Os melhores classificados foram: **scratch** 1º) D. C. Thrasher 77 **gross**; 2º) Walter Ratto e E. Buchi, 83. **0 a 28** — 1º) Fortunato Azulay (28) 67 **net**; 2º) D. C. Trasher (9) 68; 3º) B. Barbosa (22) 69; C. Bocaiúva (16) 69.

Também ontem foi disputada a medalha mensal do clube. Os vencedores foram Vitor Pinheiro Filho na categoria **0 a 14** com 72/5/67, Celso Motta com 90/23/67 e Fortunato Azulay com 95/28/67 na **15 a 28** e John Kenney com 101/34/67 na 29 a 36.

Hoje no Gávea será jogada a última volta da Taça Independência e da Taça Itaú para veteranos. A primeira rodada da Taça São Conrado organizada pelo Gávea para jogadores das categorias 0 a 14, 15 a 28 e 29 a 36 deverá ser disputada até o próximo dia 25 na modalidade **match play**. Classificaram-se os 16 primeiros colocados de cada categoria na volta disputada durante a semana.

Comemoração já virou anedota

Fica cada vez mais longe o dia em que Emerson Fittipaldi vai comemorar o seu 100º Grande Prêmio. No início do ano, se tudo corresse normalmente, ele deveria participar do Grande Prêmio número 100 nos Estados Unidos. Com a desclassificação na Alemanha, a comemoração passou para o GP do Canadá. Agora, já estamos no Japão e os comentários jocosos dizem que o que Emerson deseja realmente é correr seu 100º Grande Prêmio em casa.

Brincadeiras à parte, o fato é que Emerson Fittipaldi talvez não consiga se classificar de novo para a largada de um Grande Prêmio. No motor-home da equipe, o ambiente refletia tristeza e tudo que se podia ver de vez em quando eram os sorrisos amarelos característicos dessas ocasiões. No mais, um olhando para a cara do outro, tentando descobrir uma explicação. Alguma mudança drástica?

— Não, por enquanto nada — explica Emerson. Tudo continua na mesma. Amanhã (hoje) vou participar do treino de verificação, não com o intuito de largar, mas para começar a testar as modificações que vamos fazer no carro. Vamos mudar as posições dos radiadores e mexer alguma coisa na suspensão. No meio da semana, treinaremos aqui em Monza.

Os Fittipaldi insistem que vão em frente, não se importando com o que acontece ou possa acontecer. Mas cada vez que sucede uma coisa parecida, é difícil esconder um ponto de crise, que existe, querendo eles ou não. Uma coisa é certa: não é possível que a cada desclassificação Emerson não se lembre dos tempos em que via a bandeira quadriculada baixar à sua frente.

Desta vez, os dois brasileiros podem ficar de fora. Alex Dias Ribeiro, que não treinou de manhã, deu pouquíssimas voltas à tarde, até que a suspensão dianteira do March se abriu, obrigando-o a parar. Resta o consolo de ser o primeiro reserva. Pela primeira vez, desde que Emerson Fittipaldi estreou na Fórmula-1, em 1970, pode ser disputado um Grande Prêmio sem a presença de um piloto brasileiro.

Reutemann, o favorito natural

Se considerarmos o resultado do Grande Prêmio do Brasil, em que James Hunt e Carlos Reutemann formavam a primeira fila do pelotão de largada, o argentino pode ser considerado vencedor em potencial. Mas temos que levar em conta também que, em Interlagos, Hunt foi obrigado a parar no boxe para trocar os pneus, deixando Reutemann tranquilo em primeiro lugar. Foi até uma vitória sem maiores problemas.

Entre os dois, Hunt seria o mais cotado. E' o atual campeão mundial e pelo que se viu durante todos estes anos em que ambos estão na Fórmula-1, tem mais garra, mais técnica e vontade de vencer do que Reutemann. Mas o argentino agora tem um Ferrari, embora sua característica não seja a de brigar pelas posições. Pelo menos este ano isso ainda não aconteceu, o que reforça a tese de que Hunt pode vir a ser o vencedor.

Os tempos

1. James Hunt (Inglaterra), McLaren, 1m38s08 (212,887 km/h)
2. Carlos Reutemann (Argentina), Ferrari, 1m38s15
3. Jody Scheckter (África do Sul), Wolf, 1m38s29
4. Mario Andretti (Estados Unidos), Lotus, 1m38s37
5. Niki Lauda (Áustria), Ferrari, 1m38s54
6. Riccardo Patrese (Itália), Shadow, 1m38s683
7. Clay Regazzoni (Suíça), Ensign, 1m38s684
8. Jacques Laffite (França), Ligier, 1m38s77
9. Jochen Mass (Alemanha Ocidental), McLaren, 1m38s86
10. Vittorio Brambilla (Itália), Surtees, 1m38s92
11. Hans Stuck (Alemanha Ocidental), Brabham, 1m39s05
12. Ronnie Peterson (Suécia), Tyrrell, 1m39s17
13. Patrick Depailler (França), Tyrrell, 1m39s18
14. John Watson (Irlanda do Norte), Brabham, 1m39s21
15. Bruno Giacomelli (Itália), McLaren, 1m39s92
16. Alan Jones (Austrália), Shadow, 1m39s50
17. Ian Scheckter (África do Sul), March, 1m39s62
18. Jean Pierre Jarier (França), ATS-Penske, 1m39s63
19. Gunnar Nilsson (Suécia), Lotus, 1m39s85
20. Jean Pierre Jabouille (França), Renault, 1m40s03
21. Patrick Tambay (França), Ensign, 1m40s19
22. Brett Lunger (Estados Unidos), McLaren, 1m40s26
23. Rupert Keegan (Inglaterra), Hesketh, 1m40s28
24. Patrick Neve (Bélgica), March, 1m40s51

Eliminados

25. **Alex Dias Ribeiro (Brasil)**, March, 1m40s79
26. **Emerson Fittipaldi (Brasil)**, Copersucar, 1m40s91
27. Lamberto Leoni (Itália), Surtees, 1m41s03
28. Brian Henton (Inglaterra), Boro, 1m40s13
29. Emílio Villota (Espanha), McLaren, 1m41s31
30. Ian Ashley (Inglaterra), Hesketh, 1m41s22
31. Teddy Pilette (Bélgica), BRM, 1m41s92
32. Hans Binder (Áustria), ATS-Penske, 1m43s10
33. Loris Kessel (Suíça), Williams, 1m46s68
34. Giorgio Francia (Itália), Brabham, 1m49s67

José Amaro ganha prova na Hípica com um bom 2.º lugar para Avelino

José Amaro, montando **Arcadius**, foi o vencedor da prova para seniores disputada ontem na pista da Sociedade Hípica Brasileira, em percurso de 12 obstáculos (460 metros), de 1,30m de altura, e faltas julgadas pela tabela C. Amaro completou o percurso no tempo de 57.4 segundos.

A segunda posição ficou para Avelino Arthur Jr que, embora tenha feito o percurso muito bem, chegou a um segundo de Amaro. Avelino montou **Elesbão** e obteve um tempo bem superior ao terceiro colocado, Luis Fernando Monnerat com **El Cordobes**, que conseguiram um tempo de 72 segundos cravados.

Entre os juniores, que correram na mesma pista, o vitorioso foi Alexandre Gontijo Bastos, que montou **Poty** e fez bom percurso no tempo de 61,5 segundos. Monika Marina Schuls se apresentou muito bem com **Oberon** mas não conseguiram além da segunda colocação, já que ficaram a um segundo do vencedor.

Os mirins também disputam uma prova — com desempate e 10 obstáculos de 1,0m de altura — e o vencedor foi Carlos Leser Soares Cavalcanti, com **Sonoro**. Eduardo não cometeu nenhuma falta na primeira passagem e melhorou muito seu tempo na segunda, disputada apenas com cinco obstáculos. O tempo dele na segunda foi de 28,2 segundos.

A segunda colocação ficou para Claude Papantonakis, que montou **Guri**. Claude fez na segunda passagem o tempo de 33 segundos. Carlos Eduardo Palhares ficou em terceiro e obteve, com Mike, o tempo de 77 segundos, caindo bastante porque fez na primeira 34,3 segundos.

Os resultados foram: seniors — 1º José Amaro e **Arcadius**; 2º — Avelino Arthur Jr e Elesbão; e 3º — Luis Fernando e **El Cordobes**; Juniors — 1º Alexandre Gontijo Bastos e **Poty**; e 2º Monika Marina e **Oberon**; mirins — 1º Eduardo Leser Soares e **Sonoro**; 2º Claude Papantonakis e **Guri**; e 3º Carlos Eduardo Palhares e Mike.

O bloqueio da Bolívia foi um ponto forte na vitória de 3 sets a 1 sobre o fraco time da Espanha no Mundial de Vôlei

Brasil enfrenta o Japão já classificado para a final

A Seleção Brasileira Juvenil masculina de vôlei classificou-se para a final do Campeonato Mundial, ao derrotar ontem à noite, no ginásio do Maracanãzinho a Seleção do México, por 3 a 0, com parciais de 15/5, 15/4 e 15/11. O primeiro *set* demorou apenas 13 min., o tempo registrado no segundo, enquanto no terceiro e último *set* o time brasileiro conquistou a vitória em 23 minutos. O forte bloqueio apresentado pelos mexicanos contra os Estados Unidos não funcionou bem ontem, e o ponto forte da equipe brasileira foi, mais uma vez, Renan. O Brasil jogou com Renan, Aloísio, Paulinho, Levenhagem, Grangeiro e Amauri e hoje à noite enfrenta o Japão (desclassificado) já classificado para a final. A renda foi de Cr$ 149 mil 820 e o público de 4 mil 39.

Com os olhos em outro Mundial

Alguns jogadores da Seleção Brasileira Juvenil masculina de vôlei, que hoje enfrenta a equipe do Japão, no Maracanãzinho, poderão ser chamados no próximo dia 18 — dia do encerramento do Campeonato Mundial — para fazer parte da Seleção Brasileira de Adultos, que vai disputar a Terceira Copa do Mundo, em novembro, no Japão, junto com Cuba, México, Japão, União Soviética, Egito, Polônia, Iugoslávia, Coréia do Sul, Bulgária e Canadá.

Os jogadores já convocados, do Rio, Minas e São Paulo, se reuniram ontem e treinaram na Escola de Educação Física do Exército, com os técnicos Evandro Meireles (do Rio) e Paulo Russo (de São Paulo). De agora em diante, os jogadores treinarão às segundas, quartas e sextas na EEFE e nos fins de semana treinarão à noite, ora no Rio, ora em São Paulo.

A exemplo do que aconteceu com a Seleção Brasileira Juvenil, os jogadores da Seleção Adulta ficarão hospedados no Hotel Argentina e, a partir de outubro, estarão sujeitos à concentração, que durará mais de um mês, pois a Copa do Mundo começa em meados de novembro. Bernard, cortado da Seleção Juvenil por ter jogado em período de concentração, embora não esteja oficialmente convocado, está treinando na EEFE e tudo indica que a sua convocação seja oficializada.

No dia 6 de novembro, a Seleção de Adultos segue para uma série de amistosos no Canadá, jogando com a Seleção local, México e Estados Unidos. De lá eles irão direto para Tóquio, já prontos para a fase de classificação da Copa do Mundo. Até o momento os jogadores convocados são: Fernando, Suiço, Zé Elias, Paulo e Pina (Rio), Moreno, Heraldo, Willians, Zé Roberto, Negreli, Manoel, Kink, Aberval e Décio (São Paulo), Ronaldo e Marcos (Minas). Paulo Russo é o primeiro treinador assessorado por Evandro Meirelles, com a preparação física a cargo de Paulo Laranjeiras.

Durante os jogos do Campeonato Mundial Juvenil, os jogadores estão sendo observados e, de acordo com o que apresentarem poderão ou não ser chamados pelo presidente da CBV, Carlos Arthur Nuzman. Pelo que apresentaram nos últimos jogos, Renan, Grangeiro e Aloísio são os mais cotados.

Em São Paulo, num jogo que teve apenas a duração de 26 minutos, considerado o mais fácil dessa fase semifinal, que vem sendo disputada no ginásio do Ibirapuera, a Seleção Feminina da China não encontrou dificuldade em derrotar a equipe da Costa Rica, por 3 a 0, com parciais de 15/1, 15/1 e 15/1.

Tecnicamente num nível bem superior, as jogadoras chinesas impuseram o ritmo de jogo, com suas cortadas passando com relativa facilidade pelo bloqueio adversário. A Seleção de Costa Rica acabou limitando-se às poucas tentativas isoladas. A vitória da China já era esperada, não causou surpresa ao público.

Na segunda partida, masculino, a China derrotou a Colômbia por 3 a 1, sendo disputados quatro *sets* com a equipe sul-americana vencendo o terceiro. Houve algum equilíbrio após o primeiro *set*, ganho por 15/2 pela China. Os demais: 15/8, 12/15 e 15/1. Nos minutos finais os colombianos caíram bastante de produção, demonstrando falta de preparo físico para aguentar o esquema do adversário.

Tática defensiva contra Coréia

Belo Horizonte — A Seleção Brasileira feminina de voleibol adotará, pela primeira vez neste Campeonato Mundial Juvenil, uma tática defensiva para enfrentar, hoje à noite, na última rodada semifinal, a equipe coreana. As brasileiras, até então pouco exigidas pelas adversárias da Costa Rica (na fase classificatória) e do Canadá (na primeira semifinal), nada puderam mostrar do esquema tático preparado durante o longo tempo de concentração e treinamento intensivo.

Hoje, porém, elas terão grandes adversárias: as coreanas invictas da fase eliminatória, derrotando o Peru, Paraguai e Estados Unidos. Além disso, a equipe da Coréia está sendo considerada a revelação do torneio, principalmente devido à atuação da cortadora Kim Hzi. O ataque coreano é muito veloz e quase todas as jogadas são resultantes de fintas.

O técnico Edinilton Vasconcelos, bastante seguro, declarou ontem que a Seleção Brasileira está preparada para enfrentar qualquer tipo de adversário, seja no ataque ou na defesa, sem prejuízo do nível técnico. O esquema para a disputa com as coreanas será o bloqueio baseado na marcação individual, numa tentativa de neutralizar as jogadas ensaiadas da Seleção da Coréia.

A Seleção Brasileira contará com Regina, Adriana, Isabel, Fernanda, Rosita e Dora. O técnico Lee Chang Hoo, da Coréia, manterá a mesma equipe que venceu a chave D, no Rio: Shim, Kim, Hwang, Yang, Lim e Kim Bok.

Praia é castigo para bolivianas

A tática do técnico boliviano Roberto Frias parece ter sido perfeita. Após a derrota de sua equipe pela Seleção peruana na primeira rodada semifinal (anteontem), ele levou as jogadoras, à noite, depois do jogo, para fazerem exercícios na praia em frente ao Hotel Sheraton, onde estão hospedadas todas as delegações do Mundial. A equipe encarou aquele treinamento, pouco comum, como castigo.

Na verdade, seu artifício tinha como objetivo fazer com que as atletas despendessem a energia física que não tinha sido gasta no jogo e descarregassem a tensão acumulada pela perda dos três sets (as bolivianas saíram da quadra desoladas). O resultado foi a primeira vitória da Seleção da Bolívia no Mundial de Vôlei, ontem, no Maracanãzinho, sobre a Seleção da Espanha, por 3 sets a 1. A bolivia venceu o 1º, 2º e 4º sets (15/7, 15/6 e 15/5) e a Espanha venceu o 3º (15/6), numa partida que durou 67 minutos.

Roberto Frias explicou que, pela diferença de altitude, a equipe precisa fazer mais exercícios no Rio que em La Paz para manter um bom equilíbrio físico. Além disso, com a ginástica, as jogadoras puderam recuperar a autoconfiança em seu condicionamento físico que, segundo o técnico, é o ponto forte do time.

As jogadoras realmente entraram na quadra com mais ânimo, o que, como explicou Roberto Frias, sempre foi uma característica da Seleção Boliviana, consciente de que é uma equipe fraca e com grande deficiência no bloqueio pela baixa estatura das atletas.

O jogo não chegou a ser empolgante (disputado pela 9a. e 6a. colocação) pelo nível técnico também fraco das espanholas, mas o escasso público presente ao Maracanãzinho na tarde de ontem torceu muito pelas bolivianas. A Seleção da Espanha mostrou um ataque fraco, com muito poucas cortadas, o que levou até as bolivianas (principalmente a jogadora Martha Torrico) a funcionarem bem no bloqueio, apesar da baixa estatura. O destaque, porém, foram as boas recepções, na maioria com manchetes, das bolivianas durante quase todo jogo.

JB/Shell tem hoje várias competições

Com 16 jogos de tênis pelas oitavas-de-final da classe C masculina (na Rural a partir das 9 horas), o último jogo da fase classificatória do campeonato de futebol entre Souza Marques e Estácio de Sá (às 10 horas no Fundão) e o jogo entre as equipes masculinas de basquete da Somlei e UFRJ (às 10 horas no ginásio da Somlei), têm prosseguimento hoje os Jogos Universitários JB/Shell.

A programação inclui ainda uma prova de ciclismo disputada em 30 quilômetros, com largada às 9 horas na Avenida VX de Novembro, em Petrópolis. A prova não é válida pelo campeonato da modalidade mas serve como observação para a formação da equipe da FEURJ.

O departamento de vôlei, apesar de ter programado quatro jogos pela rodada do campeonato feminino, só conseguiu realizar um que apresentou a vitória da Gama Filho sobre a UERJ por três sets a dois. Nos demais, USU, SUAM, e UCP derrotaram seis adversários por WO. No campeonato masculino o único jogo da rodada marcou a fácil vitória da UERJ sobre a Silva e Souza por três sets a zero. Pelo campeonato de futebol de salão foram realizados seis jogos: PUC 6 x 3 UCP, Estácio de Sá 6 x 3 UERJ, SUAM 2 x 0 Somlei, Plínio Leite 4 x 2 Candido Mendes e UFRJ 2 x 2 Simonsen. A próxima rodada da modalidade será disputada na quarta-feira às 19 horas, na quadra da UERJ.

Fla tem 6 pontos de frente após primeira etapa do Atletismo

O Flamengo, com 23 pontos contra 17 do Vasco, comanda a primeira parte do Atletismo masculino, iniciado ontem à tarde na pista do Estádio Célio de Barros com apenas a final dos 3 mil com obstáculos, as eliminatórias dos 800m e as cinco provas do decatlo, este com liderança de Jorge Luís Silva Oliveira, do Vasco, com excelente marca de 3 576 pontos.

Jurema Henrique, da Gama Filho, vencendo o arremesso do peso, o salto em altura e obtendo a segunda colocação nos 100m com barreiras está na frente do pentatlo com 1 995 pontos, 79 a mais de Maria Conceição Ferreira, do Vasco. Como treinamento os atletas infantil e infanto-juvenil competiram em diversas provas extras e dentre eles o maior destaque foi para Robson José Maia, da Gama Filho, ganhador dos mil metros.

UM BOM DECATLO

Mesmo ocupando a segunda colocação nesta primeira parte do Campeonato, o Vasco é o franco favorito para conquistar o Torneio de Sênior, porque está bem estruturado em todas as linhas. Para hoje, são quase certas vitórias nas duas finais: 800m, com Cosme do Nascimento e no decatlo, através de Jorge Luis Silva Oliveira.

O resultado assinalado pela decatleta, no primeiro dia — 3 mil 576 pontos — pode ser considerado dos melhores, pois revela que ele tem boa média nas corridas, nos arremessos e nos saltos. Com o índice de ontem, não será difícil Jorge Luís atingir os 7 mil pontos, marca excelente para o seu primeiro decatlo deste ano.

Nos 800m, Cosme Nascimento é líder absoluto no Rio e para hoje o seu adversário mais forte é o seu próprio irmão, Damião Nascimento, também do Vasco. No pentatlo, Jurema Henrique tem duas boas adversárias: Maria Conceição Ferreira, do Vasco e a veterana Irenice Rodrigues, do Flamengo, cuja prova forte é os 800m.

JOÃO ALVES CAMPEAO

A única final da tarde, apresentou o seguinte resultado: 1. João Alves Sousa, Fla, 9m24s4; 2. Jorge Luís Sousa, Vasco, 9m39s9; 3. Sidnei Barreto, Vasco, 9m53s8.

Vencedores do decatlo: **100m** Aroldo Evangelista, Fla, 10s9; **salto em distancia**: Eleo de Sousa, Fla, 6,49m; **arremesso do peso**: Jorge Luis Silva Oliveira, Vasco, 11,64m; **salto em altura**: Eleo de Sousa, Fla, 2,00m; **400m**: Jorge Luis Silva Oliveira, Vasco, 50s6.

Vencedores do pentatlo: **100m barreiras**: Maria Conceição Ferreira, Vasco, 15s1; **arremesso do peso**: Jurema Henrique, Gama Filho, 10,26m; **salto em altura**: Jurema Henrique, Gama Filho, 1,60m.

Robson José brilhou nos mil metros infantil

ONTEM

RIO

Bolívia 3 x Espanha 1 (feminino)
15/7, 15/6, 6/15, 15/5
Estados Unidos 3 x Japão 2 (masculino)
15/13, 15/8, 12/15, 7/15, 15/11
Brasil 3 x México 0 (masculino)
15/5, 15/4 e 15/11

SÃO PAULO

China 3 x Costa Rica 0 (feminino)
15/1, 15/1, 15/1
China 3 x Colômbia 1 (masculino)
15/2, 15/8, 12/15, 15/1
Japão 3 x Estados Unidos 0 (feminino)
15/4, 15/11, 15/7
União Soviética 3 x Coréia 0 (masculino)
15/10, 14/16, 15/1 e 15/5

BELO HORIZONTE

Brasil 3 x México 0 (feminino)
15/6, 15/12, 15/9
Coréia do Sul 3 x Canadá 0 (feminino)
15/8, 15/1, 15/2
Venezuela 3 x Peru 0 (masculino)
15/9, 16/14, 15/12
Canadá 3 x Arábia Saudita 0 (masculino)
15/12, 15/9, 15/8

HOJE

Última rodada semifinal

Rio			
Peru	x	Espanha	(feminino: 15h30m)
Estados Unidos	x	México	(masculino: 20h)
Brasil	x	Japão	(masculino: 21h30m)
São Paulo			
Costa Rica	x	Estados Unidos	(feminino: 14h)
Costa Rica	x	Colômbia	(masculino: 15h30m)
Japão	x	China	(feminino: 20h)
União Soviética	x	China	(masculino: 21h30m)
Belo Horizonte			
Peru	x	Arábia Saudita	(masculino: 14h)
Canadá	x	Venezuela	(masculino: 15h30m)
Canadá	x	México	(feminino: 20h)
Brasil	x	Coréia	(feminino: 21h30m)
Brasília			
Haiti	x	Paraguai	(masculino: 15h30m)
União Soviética	x	Argentina	(feminino: 20h)
Argentina	x	Espanha	(masculino: 21h30m)

Vôo livre faz finais no Pepino

O Campeonato Estadual de Vôo Livre tem hoje as três primeiras provas de sua fase final, com vôos da Pedra Bonita para a praia do Pepino. Ontem foi realizada a última etapa da fase classificatória, que apontou os 10 participantes da classe livre e os cinco da *standard* para as finais. A competição atraiu numeroso público.

O melhor resultado desta fase foi obtido por Claudio Moura Castro com 507 pontos. O representante do JORNAL DO BRASIL e da Rádio Cidade, André Sansoldo ficou com a terceira colocação, totalizando 480 pontos. Para a etapa final estão programados além dos vôos de hoje, mais três, que serão realizados no próximo final de semana. Paul Geiser, que também representa o JORNAL DO BRASIL e a Rádio Cidade, foi prejudicado por uma mudança na direção do vento durante o seu vôo, cometeu falta e não conseguiu passar às finais. Nesta fase não serão computados os resultados obtidos durante a classificação.

Soling e Laser têm nova regata

Os campeonatos estaduais da Classe Laser e Soling prosseguem hoje, com regata na raia da Escola Naval. A largada será às 14 horas. A Classe Pinguim, também pelo campeonato estadual, tem sua quarta regata hoje, na raia do Iate Clube Jardim Guanabara. Nas regatas de ontem causou surpresa o reduzido número de participantes na Classe Soling: três.

Resultados: Laser — 1º) *Stornevogel*, Nelson Guimarães; 2º) *Chorão*, Pedro Bulhões; 3º) *Pink Panther*, John Kink; 4.º) *Trambique*, Carlos Alberto Dohnert; 5.º) *Charisuna*, Bernardo Jefferson; 6.º) *Charisma*, Luis Oliveira Neto; Soling — 1.º) *Icaraí*, Aspirante Bento; 2º) *Ipanema*, Aspirante Cardoso Garcia. Pinguim — 1.º) *Kuskus*, Antonio Sobral; 2º) *Zok*, Gilberto Luiz Sasse; 3º) *Grilado*, Fernando Gallo; 4º) *Nabo Escarlate*, Aloisio Cantois; 5º) *Tutatis*, Fernando Borcerth. Nelson Guimarães na Classe Laser, e Gilberto Luiz Sasse na Classe Pinguim são os líderes do Campeonato.

Cruzeiro tenta a vitória a qualquer custo contra Boca

Belo Horizonte — O Cruzeiro precisa vencer hoje o Boca Juniors, no Estádio Minas Gerais, a partir de 18 horas, por qualquer diferença de gols, a fim de que a decisão da 18a. Taça Libertadores da América seja adiada para terça-feira, às 21 horas, no Estádio Centenário, em Montevidéu.

Um simples empate dará o título ao Boca Juniors, o clube Argentino de maior popularidade, que derrotou o time mineiro, campeão sul-americano do ano passado, por 1 a 0, na última terça-feira, em Buenos Aires. Caso isto aconteça, a Taça retornará pela 11a. vez à Argentina. Três vezes veio para o Brasil, duas delas com o Santos, e quatro foi para o Uruguai.

RECORDE AMEAÇADO

Equipes: **Cruzeiro** — Raul; Nelinho, Morais, Darci Meneses e Vanderlei; Zé Carlos e Eduardo; Eli Mendes, Neca, Eli Carlos e Joãozinho. **Boca Juniors** — Gatti; Perma, Tesare, Mouzo e Tarantini; Suné, Benitez e Ribolzi; Mastrangelo, Vegilio e Felman. O juiz será sorteado entre Ramon Barreto, do Uruguai; César Orozco, do Peru; e Vicente Lobregat, da Venezuela.

Se forem vendidos todos os ingressos, arrecadando-se um total de Cr$ 6 milhões 700 mil, haverá quebra de recorde de renda sul-americana e nacional, que pertence ao próprio Cruzeiro, na decisão do título mundial, contra o Bayern, no ano passado: Cr$ 6 milhões 318 mil 855.

Além de se tornar campeão sul-americano, o Boca Juniors, se empatar com o Cruzeiro, estará automaticamente classificado para a decisão do título mundial deste ano, contra o Liverpool, atual campeão da Europa, que já se manifestou favorável à disputa. O time inglês conquistou a Copa da União Européia de Futebol, ao derrotar o Borussia (Alemanha Ocidental) por 3 a 1, em Roma, há quatro meses.

Esta é a segunda vez que os dois times participam de uma final da Libertadores. O Boca Juniors, em 1963, perdeu a Taça para o Santos, que já a havia conquistado no ano anterior. O fato de o Cruzeiro ter perdido para o River Plate, em Buenos Aires, na decisão de 76, e conquistado o título numa terceira partida, em Santiago do Chile, deixa esperançosos os torcesores e, principalmente, os diretores que já reservaram hospedagem em Montevidéu e passagens num vôo que sairá amanhã, às 15 horas, do Rio.

APELO À TORCIDA

O técnico Iustrich fez ontem um apelo pelas emissoras de rádio, pedindo que a torcida seja tão calorosa, e ajude o Cruzeiro, quanto os argentinos contribuíram para a vitória do Boca. Sendo paciente, porque, segundo ele, o gol deverá demorar a sair.

Será mantido o time, pois Vanderlei se recuperou da contusão no tornozelo direito, alterando-se apenas o sistema tático, que será baseado no toque de bola. Iustrich exigiu maior empenho do meio-campo, cuja falta de combatividade teria sido, para ele, a causa da derrota na primeira partida.

O técnico Juan Carlos Lorenzo, do Boca Juniors, desde que chegou, quinta-feira, revelou que seu time atuará na retranca, tentando o empate. Oos jogadores realizaram ontem um tranquilo treino na Vila Olímpica do Atlético, demonstrando grande confiança quanto à conquista do título.

A vitória valerá a cada jogador dos dois times um prêmio de Cr$ 5 mil. Cerca de 700 pessoas, chefiadas pelo Embaixador da Argentina, formarão a torcida do Boca Juniors.

Pelé joga bem, faz gol e entusiasma japoneses na vitória do Cosmos

Anilde Werneck
Correspondente

Tóquio — Pelé fez gol e jogou bem. O Cosmos venceu — 4 a 2 — e havia poucos e pequenos claros nas arquibancadas — componentes primordiais de uma festa em que não faltaram *show de rock* e concerto de órgão elétrico. Depois de tudo isto, seria pretender muito querer que o futebol apresentado fosse de alto nível. Mas houve muitos gols e, em alguns momentos, o time local chegou a ser superior, o que deixou os japoneses satisfeitos.

FUTEBOL E "PELADA"

Por 4 a 2, o New York Cosmos, campeão dos Estados Unidos, derrotou o Furukawa Electric, campeão do Japão, em jogo realizado ontem, no Estádio Nacional, de Tóquio, diante de quase 40 mil espectadores. Os gols foram marcados por Chinaglia (dois), Field e Pelé, para o Cosmos, e por Orudera e Kawamoto, para a equipe japonesa, que venceu o primeiro tempo por 2 a 1.

O jogo teve muito de *pelada* do tipo casados e solteiros. Muito corrido, sem rigidos esquemas defensivos, jogadas ensaladas ou planejamento tático. Talvez por isto mesmo tenha agradado, pois os gols saíram com facilidade. Cinco deles foram de dentro da grande área — o primeiro de Chinaglia foi de calcanhar — e o outro surgiu de uma cobrança de falta, por Pelé, do interior do semicírculo.

O Cosmos, com suas superestrelas, lembrou um time de veteranos astros, mesclado com alguns ainda em idade normal para o futebol. O Furukawa mostrou-se um time ingênuo na marcação, mas aplicado no ataque, chegando a surpreender em alguns momentos da partida, quando a equipe americana diminuía o seu ritmo. Sem estrelas, seus jogadores se nivelam numa média razoável de qualidade técnica. Pelé teve boa atuação, pouco abaixo de Chinaglia. No final do jogo, mostrou para os japoneses, principalmente para os milhares de garotos que foram ao estádio para vê-lo, toda sua genialidade. Primeiro, jogando-se ao chão para cavar uma falta que o juiz, meio na dúvida, marcou sobre a risca da grande área, na junção do semicírculo. Depois, batendo com o lado interno do pé direito na bola, para jogá-la sobre a barreira de seis homens, mansinha, à meia altura, no canto direito do goleiro Yodogawa.

O estádio delirou e seu nome foi gritado durante vários minutos, enquanto os companheiros corriam para abraçá-lo. O jogo acabou em seguida e sua camisa foi quase arrancada por um jogador japonês. Na volta olímpica, ajudando a levar a bandeira do Japão, Pelé acenava sorridente para a torcida, que continuava a gritar seu nome.

Keystone

Descansando com os filhos, Cruyff anuncia a despedida próxima

Cruyff, um ídolo a menos na Copa do Mundo da Argentina

Franz Beckenbauer, Gerd Muller, o argentino Babington, muito provavelmente o inglês Keagan. Por motivos diversos, estas e outras estrelas do futebol não estarão entre as atrações que a próxima Copa do Mundo promete ao torcedor. Beckenbauer, agora brilhando no Cosmos, dificilmente será chamado por Helmut Schoen para voltar a ser o Kaiser do time alemão. Muller, depois que se sagrou campeão mundial, nunca mais quis vestir a camisa da seleção. Babington é um dos muitos argentinos em atividade na Europa que o técnico Luis César Menotti prefere não convocar. E Keagan, com a Inglaterra seriamente ameaçada de ser eliminada pela Itália, talvez só possa ir à Argentina como turista. Mas nenhuma ausência será tão sentida, na próxima Copa do Mundo, como a de outra estrela: John Cruyff. Uma ausência que ele anunciou há três anos, logo após a derrota para os alemães na final de Munique, e que agora, com a mesma firmeza, confirma, para tristeza do futebol.

— Uma Copa do Mundo já foi demais para mim. Manterei firme minha decisão de não participar do Campeonato Mundial na Argentina no ano que vem.

Na bela casa de campo nas montanhas Aquafreda, na Espanha, um dos maiores ídolos do futebol mundial, Johan Cruyff — o mais famoso jogador do Barcelona — se recupera de uma operação na perna esquerda, consequência de uma contusão durante amistoso de seu time com o Hamburgo, da Alemanha.

— A operação era necessária — ele explica — mas não afetará em nada minha carreira. Tiveram de retirar um pequeno fragmento ósseo da perna esquerda. Tenho de descansar oito semanas por causa disto, mas depois de recuperado estarei tinindo como novo.

O único problema de Cruyff no hospital foram os fãs, incansáveis no revezamento em seu quarto. Em pouco tempo, ele ficou cansado de ter de sorrir para cada estranho bem intencionado que o procurava para desejar pronto restabelecimento.

— Se você vê uma cara diferente na porta a cada 10 minutos, logo você se aborrece. E' claro que são ótimas pessoas, os fãs perfeitos, mas eu tive de escapar do hospital por causa deles.

E' compreensível que os fãs quisessem saber sobre seu estado de saúde — ainda mais na Espanha, onde ele é considerado o melhor jogador de futebol do mundo. Quando ainda jogava no Ajax, da Holanda, Cruyff almejava alcançar a popularidade com o apelido de Keiser. Mas nas montanhas espanholas, Johan Cruyff é Rei. Na Espanha, a adoração que os fãs lhe devotam está bem próxima ao delírio. Um exemplo típico: o jornalista toma um táxi no centro da cidade para dirigir-se à casa de Cruyff. O motorista vai em alta velocidade até sua própria casa e chama a mulher para acompanhá-lo na corrida.

— Nós nunca tivemos uma chance como esta — explicou ao repórter.

Com isto, a viagem foi atrasada em mais de uma hora, porque a madame não poderia jamais conhecer Cruyff sem antes embonecar-se dos pés à cabeça. Sua recompensa foi um breve aperto de mão do jogador. Durante toda a entrevista ela ficou ao lado, como que encantada pela presença de seu ídolo.

— Ver Nápoles, depois morrer — brincou Cruyff, em tom filosófico.

Cruyff não gosta deste tipo de admiração popular:

— Não me importo com o contato com o público. A coisa mais importante para mim é minha família. Minha mulher, Danny, é uma ajuda inestimável quando se trata de despistar os intrusos. Nós podemos ser um pouco eremitas aqui na montanha, mas é desta maneira que gostamos de viver.

Talvez esta popularidade quase asfixiante lhe seja bastante proveitosa na nova carreira, no ramo imobiliário.

— Depois desta temporada eu deixarei o futebol definitivamente — confidencia Cruyff, que pretende associar-se a um amigo, Jack van Zanten. Jack é o tipo da pessoa em quem se pode confiar e é isto que eu gosto nele. Vamos entrar no ramo das incorporações imobiliárias. Eu considero isto uma vida completamente nova para mim, um desafio enorme. Claro que não trabalho por dinheiro. Sinto-me longe da aposentadoria por enquanto e além disto sou muito ambicioso para parar agora. Você conhece as histórias dos jogadores que deixaram o campo sem ser coisa alguma? Pois eu estou feliz em saber que sou capaz de dissipar essa imagem.

Seus novos planos o afastarão forçosamente da Copa do Mundo do ano que vem e Cruyff não entende por que as pessoas na Holanda ficaram tão aborrecidas com a notícia.

— Eu já tomei parte em tantos campeonatos. Acho que é suficiente. Talvez eu seja um sujeito difícil, mas esta é a lei da selva. No meu novo campo de atividades terei de ser bem mais flexível no relacionamento com as pessoas. Acho que não terei problemas com isto.

Tóquio/AP

Beckenbauer observa Pelé passar com facilidade pelo seu marcador

Derrota gera crise no Palmeiras

São Paulo — A derrota de 2 a 1 ontem, contra a Portuguesa de Desportos, gerou uma nova crise no Palmeiras, deixando o time em má situação no Campeonato Paulista e provocando a reação do técnico Jorge Vieira que, inconformado com a hostilidade da torcida, parece disposto até a se demitir do cargo. As primeiras palavras do treinador, ainda no Pacaembu, foram de revolta:

"Não pedi para ser contratado. O Palmeiras é que foi buscar-me. Tenho orgulho disso, mas se as coisas não saírem como eu quero, vou-me embora. Quando deixei o Botafogo de Ribeirão Preto, esperava encontrar melhores condições de trabalho no Palmeiras. Mas não foi isso que aconteceu."

Alcino e Marinho, este de pênalti, aos 16 e 35 minutos do primeiro tempo, marcaram para a Portuguesa de Desportos, e Jorge Mendonça diminuiu para o Palmeiras, aos 27 minutos do segundo. O juiz foi Oscar Scolfaro e a renda chegou a Cr$ 578 mil 20, com 25 mil 681 pagantes. Os times jogaram assim: *Portuguesa* — Moacir, Marinho, Mendes, Beto Lima e Bolívar (Alexandre); Eudes e Ademir; Antônio Carlos (Valtinho), Enéas, Tatá e Alcino. *Palmeiras* — Leão, Valdir (Picolé), Jair Gonçalves, Beto Fuscão e Ricardo; Pires e Vasconcelos; Rosemiro, Jorge Mendonça, Toninho e Nei. Alcino e Rosemiro foram expulsos.

O Campeonato Paulista prossegue hoje com dois jogos: no Morumbi, o Corintians enfrenta a Ponte Preta, com arbitragem de Dulcídio Vanderlei Boschilia; em Campinas, o Guarani recebe o Santos, ambos precisando da vitória, sob a direção do juiz Romualdo Arpi Filho.

Grêmio e Inter têm rodada dura

Porto Alegre — A uma semana do Grenal que vai decidir o segundo turno da fase semifinal do Campeonato Gaúcho, Grêmio e Internacional enfrentam hoje seus adversários mais fortes no interior do Estado — Juventude e Caxias, respectivamente — ambos da cidade de Caxias do Sul e que se preparam para disputar o Campeonato Nacional.

A situação mais difícil é a do Grêmio que, estando um ponto atrás do Internacional, enfrenta o Juventude, considerado o terceiro melhor time de todo o Estado. Mais tranquilo que o grande rival, o Inter recebe em casa o Caxias, podendo — com uma vitória — garantir o título do turno por antecipação, pois neste caso chegaria à decisão com três pontos de vantagem sobre o Grêmio.

Para o jogo de hoje, o Grêmio tem mais um problema, que é o desfalque de Oberdã, um de seus principais jogadores. Em compensação, a defesa será reforçada com a volta de dois titulares: Ancheta e Eurico, afastados por problemas de contusão.

O Inter também joga desfalcado, pois Falcão cumpre suspensão automática e será substituído por Escurinho. Além disso, há a possibilidade da ausência do zagueiro Beliato, titular ao lado de Marinho. O técnico Sérgio Moacir não parece muito preocupado com os desfalques: para ele, Escurinho pode até tornar o time mais ofensivo, já que, além de meio-campo, tem boa presença na área adversária.

Santa Cruz decide sorte no clássico

Recife — O clássico entre Santa Cruz e Esporte, no campo deste, hoje à tarde, não sofrerá a concorrência do jogo Cruzeiro x Boca Juniors, porque o presidente da Federação Pernambucana, Rubem Moreira, conseguiu o cancelamento do televisionamento direto da partida em Belo Horizonte, através do presidente da CBD, Heleno Nunes.

O jogo decide a sorte do Santa Cruz no Campeonato Pernambucano, já que o Esporte garantiu o direito de jogar as finais ao conquistar as duas primeiras fases do torneio. O líder deste terceiro turno é o Náutico.

Horta vê Flu na Ilha já decidido a recorrer contra voto de censura

O presidente Francisco Horta assiste à partida do Fluminense contra a Portuguesa, às 15h15m de hoje, na Ilha do Governador, já decidido a recorrer contra o voto de censura pública que lhe foi imposto pelo Conselho da Magistratura. Por entender que "não se comenta uma ação judicial", o dirigente preferiu não tocar no assunto, limitando-se a dizer que estava sensibilizado pelo grande número de telegramas e telefonemas que recebeu como manifestação de solidariedade.

O dirigente — que recebeu ontem da Camara de Vereadores de Três Rios o título de Cidadão Trirriense — recorrerá ao Tribunal Pleno, que é composto de 36 desembargadores, dos quais seis integram o Conselho da Magistratura, responsável pelo voto de censura.

Times: **Fluminense** — Wendell, Rubens, Galaxe, Miguel, Edinho e Marinho; Pintinho, Artur e Rivelino; Luís Carlos, Doval e Zezé. **Portuguesa** — Ricardo, Calu, Fernando, Ernesto e Luís Carlos; Édson, Jair e Valinhos; Zair, Luisinho e Adriano. O juiz é Rubens de Sousa Carvalho.

UM DESAFIO

Com os jogadores novamente motivados (e mais tranquilos) com a possibilidade de chegarem à fase final do Campeonato através de seu próprio esforço, a equipe do Fluminense entra hoje em campo com uma única preocupação: reconquistar a confiança da torcida, apresentando um futebol de melhor nível.

Todos têm consciência de que a equipe caiu muito desde que voltou da Europa e que ainda não se exibiu tão bem quanto na partida contra o Dukla, na decisão da Taça Teresa Herrera. Esse detalhe chega a ser um desafio para os jogadores, que não sabem a razão da queda de produção do time.

CAFURINGA REINTEGRADO

Cafuringa, que estava afastado da equipe sem ao menos ser incluído na relação dos reservas, terá nova oportunidade de se reintegrar. Reconhecendo que o jogador vem se esforçando para melhorar sua imagem, Pinheiro o colocará no banco de reservas durante o jogo desta tarde, com possibilidades de lançá-lo no segundo tempo.

Cléber, que estava nos planos do técnico para o jogo de hoje (seria lançado no segundo tempo para ganhar ritmo), foi vetado pelos médicos, já que ainda sente dores no pé. Em seu lugar, entra Artur, que o tinha substituído no jogo contra o Botafogo.

No treino de ontem, ficou decidido também que Luís Carlos será o ponta-direita. Resta saber se em caso de alguma modificação tática, como tem acontecido nos últimos jogos, Pinheiro recorrerá a Geraldão ou a Cafuringa para ocupar a ponta direita.

Ontem de manhã, os jogadores fizeram uma leve recreação foram para a concentração às 22 horas, no Hotel Glória.

Técnico espera ver um Botafogo bem superior contra o Volta Redonda

O técnico Paulistinha entende que o Botafogo ganhará em fortalecimento defensivo e potencial de ataque, com a volta do zagueiro Renê e do ponta-de-lança Dé ao time que enfrenta o Volta Redonda, às 16h30m de hoje, no campo do Volta Redonda.

Os dois jogadores, anteriormente vetados pelo Departamento Médico, treinaram bem ontem pela manhã, em Marechal Hermes, e asseguraram a escalação, fazendo com que Odélio e Tiquinho fiquem no banco de suplentes, ao lado de Ubirajara, Jorge Luís e João Paulo.

MAIOR ENTROSAMENTO

O fato de escalar Renê, para compor a zaga com Osmar, dá a Paulistinha a certeza de um maior entrosamento na retaguarda. Em consequência, o meio-campo ficará liberado para auxiliar o ataque. Este setor, por sua vez, ganhará muito com a entrada de Dé que — motivado pelo interesse demonstrado pelo Sporting (Lisboa) em contratá-lo — novamente deverá atuar com destaque.

China, Carbone e Manfrini participaram do treino com desembaraço e o último só não foi relacionado para a suplência porque o preparador Hélio Vigio prefere contar com ele em perfeitas condições físicas. Paulo César e Perivaldo não treinaram. O primeiro ainda permanece em tratamento da gastrite; quanto a Perivaldo, continua com dores na perna direita e fará exames amanhã, na ABBR, podendo ser internado.

Após o treino, os jogadores foram liberados e se apresentam hoje, às 8h30m, no Mourisco. Daí, seguem em ônibus do clube para o Hotel Cirde, em Volta Redonda, onde almoçam e descansam até o momento da partida. Equipes: **Botafogo** — Zé Carlos; Ademir, Osmar, Renê e Rodrigues Neto; Luisinho, Mendonça e Mário Sérgio; Gil, Nilson Dias e Dé; **Volta Redonda** — Paulo Sérgio; Mauro Cruz, Ari Martins, Edinho e Valdir; Paulo Florêncio, Didinho e Gomes; Botelho, Adilton e Té. Juiz: Arthur Ribeiro Araújo.

PALMEIRAS CONFIRMA

São Paulo — Após a derrota de ontem para a Portuguesa de Desportos, a diretoria do Palmeiras confirmou o interesse na troca de alguns de seus jogadores por outros do Botafogo. Osmar, Rodrigues Neto e Nilson Dias são os nomes mais cogitados, embora só se admita a cessão de Vasconcelos e Jorge Mendonça.

Quanto a Paulo César, as opiniões se dividem. Alguns conselheiros consideram um erro sua contratação, enquanto outros chegam a admiti-la. O diretor Arnaldo Tironi comentou:

— Queremos realmente Osmar e Nilson Dias ou Rodrigues Neto. Paulo César, não.

Já o diretor Marco Polo Delnero reagiu favoravelmente à transferência de Paulo César, por achar que chegou o momento certo para mudar muita coisa dentro do Palmeiras.

Colorado terá bandeira a meio-pau e joga de luto em protesto à CBD

Curitiba — A bandeira vermelha do Colorado hasteada diariamente a meio-pau e os jogadores atuando na fase final do Campeonato Paranaense com braçadeiras negras, em sinal de luto — estas as fórmulas encontradas pela diretoria do clube para manter de pé o seu protesto contra a decisão do presidente da CBD, Heleno Nunes, de preterir a inclusão do Colorado em favor do Grêmio Maringá, no Campeonato Nacional.

Nas próximas horas será também divulgada uma nota oficial, denunciando todas as promessas da CBD não cumpridas até hoje. Há cinco anos o Colorado tenta sua inclusão no Campeonato Nacional. Hoje, antes da partida contra o Coritiba, os jogadores do Colorado farão um minuto de silêncio, em novo ato de protesto contra a atitude do Almirante Heleno Nunes.

Aziz Domingues, lançado há pouco como candidato à presidência do clube, declarou:

"O Colorado só voltará às atividades profissionais, após disputar o atual Campeonato do Estado, caso tenha assegurada a sua participação no Campeonato Nacional de 78."

O bom passe de Dirceu, os protestos infundados do Madureira e Helinho arranca para marcar

Vasco sofre no 1.º tempo mas acaba vencendo o Madureira

A apreensão com que a torcida do Vasco viu passar, ontem, o primeiro tempo — quando o goleiro adversário não precisou sequer fazer grandes defesas para manter o 0 a 0 — terminou logo após o intervalo: aos 9 minutos, Helinho aproveitou-se de uma indecisão da linha de zagueiros do Madureira — que parou no lance, pedindo a marcação de um impedimento inexistente — infiltrou-se pela área e, recebendo um excelente passe de Dirceu, marcou o primeiro gol da vitória de 2 a 0.

Daí em diante, ninguém no Estádio da Portuguesa, na Ilha do Governador, teve dúvidas de que o Vasco, mais uma vez neste Campeonato Carioca, passaria sem sustos por um adversário considerado pequeno, mística que vem sendo mantida desde o 1º turno. Armado num esquema que visava unicamente não sofrer gols, o Madureira, àquela altura não tinha mesmo condições de tentar qualquer reação. Três minutos depois, Paulinho encobriria Gilson e, ao tentar salvar, o lateral Jorginho acabou marcando, contra, o segundo gol.

NA RETRANCA

Equipes: **Vasco** — Mazaropi, Orlando (Fernando), Abel, Gaúcho e Marco Antônio; Zé Mário, Helinho e Dirceu; Wilson (Guina), Paulinho e Ramon. **Madureira** — Gilson, Paulinho, Mário, Roberto Lima e Jorginho; Sérgio Alonso, Carlinhos e Edson; Ivan, Antônio Carlos e Válber. O juiz foi Giese do Couto, auxiliado por José Maria Brandão e AmauriPonciano. A renda, Cr$ 279 mil 735, com 8 mil 396 pagantes. Gilson, Antônio Carlos (Madureira) e Wilson (Vasco) receberam cartão amarelo.

Mesmo aqueles que, naturalmente, esperavam do Madureira uma armação superdefensiva no jogo de ontem, foram surpreendidos com o esquema tático apresentado no campo. Abdicando completamente das ações ofensivas, o Madureira armou duas verdadeiras linhas de quatro zagueiros em frente a sua área, protegidas ainda pelo primeiro combate dos dois homens que sobravam, no caso, o ponta-esquerda Válber e o centroavante Antônio Carlos.

Dentro deste quadro, o Vasco não teve a menor dificuldade em dominar a partida desde o início, jogando até com Abel e Gaúcho no apoio ao ataque, e Mazaropi, como mero espectador. Dificuldades teve, sim, em transformar este domínio em situações de gol. O congestionamento no campo do Madureira era tamanho que qualquer passe ou chute a gol encontrava sempre pelo meio do caminho as pernas de um adversário.

A inadaptação de Paulinho às funções de Roberto — atacante de características ideais para este tipo de jogo — complica ainda mais o ataque do Vasco, que insistia teimosamente em centros altos sobre a área, todos sem nenhuma eficácia. A rigor, no primeiro tempo, só houve uma grande oportunidade de gol, aos 10 minutos, quando Marco Antônio cobrou bem uma falta próxima à meia-lua, e Gilson espalmou a bola, que ainda bateu na trave.

Além disso, só mesmo muita cera por parte dos jogadores do Madureira e frustradas tentativas de Fantoni, que após os 25 minutos trocou Paulinho e Ramon de posição, sem grandes efeitos práticos.

NA DÚVIDA

O segundo tempo começou com o Madureira dentro dos mesmos moldes — dos quais aliás não conseguiu sair, nem quando precisou — mas o Vasco voltou bem mais motivado. Realizava jogadas rápidas e trocas constantes de posição — tática planejada por Fantoni para desde o início do jogo — e numa dessas manobras aconteceu o lance discutido, e o gol.

Marco Antônio trocou passes com Dirceu, e este lançou Helinho, completamente livre, dentro da área. Os zagueiros do Madureira pararam, esperando do bandeirinha José Maria Brandão a marcação do impedimento, que não houve, e Helinho chutou violento, no meio do gol, não dando chances de defesa para Gilson: Vasco 1 a 0.

A vantagem era o bastante para desmantelar toda a armação e o entusiasmo do Madureira, que tentou passar da defesa para o ataque, sem a menor organização. Tentativa das mais frustradas, pois três minutos depois, Ramon e Paulinho entravam área a dentro — a essa altura toda a estrutura defensiva do Madureira já estava desarmada — com o último encobrindo a Gilson com um **lençol**. No afã de salvar o gol, Jorginho acabou, ele mesmo, o fazendo.

Com os 2 a 0, que já eram mais do que suficientes, o próprio Vasco esfriou a partida, e mesmo assim ainda marcou mais um gol, através de Paulinho, corretamente anulado por impedimento. Logo depois, Fantoni resolveu poupar Orlando e Wilson, substituindo-os por Fernando e Guina, respectivamente, o que contribulu para acabar de vez com o interesse pelo jogo.

Sem o apoio normal de Orlando pela direita, e todo modificado — Ramon passou para a ponta direita, Guina foi para o comando e Paulinho para a esquerda — o ataque do Vasco não criou mais nada. Quinze minutos antes do término, a preocupação já era a próxima partida, com o Olaria, no Maracanã, quando Geraldo e Roberto, ambos suspensos até ontem, voltarão à equipe.

Três jogos completam a rodada

Três jogos entre pequenos completam a rodada de hoje do Campeonato Carioca: Bangu x Bonsucesso, em Moça Bonita; Campo Grande x Americano, em Ítalo del Cima; e Goitacás x São Cristóvão, em Campos.

O Bangu tem como principal motivação sua boa colocação no Campeonato (sexto lugar ao lado de América e São Cristóvão) e a possibilidade de ser incluído no próximo Campeonato Nacional. Já o Bonsucesso, depois de uma campanha muito ruim, tem pouco a desejar. Os times estão escalados assim: **Bangu** — Luís Alberto, Ademir, Serjão, Sérgio Cosme e Belisário; Ernesto, Jorge Nunes e Eraldo; Cláudio (Gilberto), Jair Pereira e Hamilton. **Bonsucesso** — Pedrinho, Carlos Alberto, Antônio Carlos, Dário e Mário; Wilson, Paulinho e Ronaldo; Naldo, Tuca e César. O juiz é Mário Rui de Sousa.

Campo Grande e Americano fazem, talvez, a partida mais fraca da rodada de hoje, pois somam — juntos — nove pontos ganhos. **Campo Grande** — Moacir, Ademir, Carlos Alberto, Lírio e Vágner; Adilson, Freitas e Clécio; Rui, Russo e Pantera. **Americano** — Sanches, Marinho, Adilson, Jorge Luís e Valdir; Índio, Wilson e Abadia; João Francisco, Souza e Capetinha. O juiz é Geraldino César.

Mesmo jogando em Campos, o São Cristóvão pode ser considerado favorito contra o Goitacás por causa de sua boa campanha neste segundo turno, enquanto seu adversário está em último lugar, com quatro pontos ganhos. Os times devem jogar assim: **Goitacás** — Paulão, Totonho, Paulo Marcos, Zé Rios e Tita; Ricardo Batata, Jocimar e Armando; Vivinho, Alberis e Alcir. **São Cristóvão** — Jair, Júlio. Vanderlei, Rodrigues e Washington; Nélio, Almir e Farlei; Serginho, Dico e Geraldo. O juiz é José Marçal Filho.

Teste 354 paga prêmio alto de novo

Brasília — Apesar do feriado nacional de quarta-feira — que representou menos um dia de apostas — o teste 354 da Loteria Esportiva terá outra vez um excelente rateio: os apostadores que fizerem 13 pontos vão dividir um prêmio de Cr$ 44 milhões 714 mil 564,84, que pode aumentar depois de conhecido o relatório conclusivo dos computadores da Datamec.

No único jogo do teste realizado ontem, de número 12, deu a coluna dois, com a vitória do Vasco sobre o Madureira por 2 a 0, na Ilha do Governador. O prêmio desta semana é produto da venda de 9 milhões 872 mil 383 cartões, que proporcionaram a arrecadação de Cr$ 141 milhões 950 mil 909,50 — o que corresponde a uma média de Cr$ 14,37 por cartão.

A média maior por Estado não é em São Paulo, como se poderia imaginar, mas em Mato Grosso, com Cr$ 15,67. São Paulo está perto, em segundo, com Cr$ 15,44. No Estado do Rio, a média é de Cr$ 14.43. Amazonas também tem um índice elevado de média de apostas, com Cr$ 15,42 por cartão.

Campo Neutro

José Inácio Werneck

O Vasco venceu no segundo tempo, quando jogou contra o vento (que amainara um pouco) e resolveu colocar a bola no chão, desistindo dos centros altos sobre a área em que até o momento insistira.

Então o Madureira, que também procurava começar a sair, confiando no mesmo vento que ajudara a encurralá-lo no primeiro tempo, não teve como resistir muito mais. Houve uma boa jogada de Dirceu, descobrindo Helinho inteiramente livre pelo centro da área, e este chutou firme para o primeiro gol, em um lance em que a defesa do Madureira, a meu ver erradamente, reclamava impedimento.

Mas a superioridade do time vascaíno seria confirmada pouco mais adiante, numa penetração de Paulinho, que teria conseguido o gol de qualquer maneira, mas que acabou ajudado pela precipitação do zagueiro Jorginho.

Com dois a zero, a maior preocupação do técnico Fantoni era poupar seus jogadores para as partidas finais do returno e ele substituiu com acerto tanto Orlando, que jogava sentindo ainda os efeitos de uma contusão na coxa esquerda, quanto Wilsinho, que recebera cartão amarelo e estava nervoso, com risco de ser expulso. Pena é que a substituição de Wilsinho por Guina tenha forçado tantas modificações (com Ramon passando para a ponta direita e Paulinho trocando o centro do ataque pela extrema esquerda) que a partir daí o time nada mais conseguiu.

Hoje é o Fluminense que vai à Ilha e continua a favor das partidas em campos pequenos, mas seria justo que alguém de direito tomasse providências para fornecer melhores condições aos torcedores que fazem o sacrifício de comparecer. O estacionamento é um grave problema, com o povo sujeito a pagar não para que guardem seu carro, mas uma taxa de proteção, adiantada — depois do que os supostos responsáveis pelo local desaparecem por completo.

Ontem, estranhamente, via-se ainda o policiamento insistindo para que as pessoas colocassem seu carro em um terreno bem em frente ao estádio, onde o guardador cobrou as competentes taxas e depois sumiu, tendo empilhado os automóveis de tal maneira que ninguém mais conseguia sair.

* * *

EU estava anteontem na redação quando chegou a notícia da advertência do Conselho de Magistratura ao presidente Francisco Horta, mas decidi, propositadamente, não me manifestar sobre o assunto, convencido de que, muitas vezes, se torna necessária uma reflexão mais demorada.

Mas agora, 24 horas depois, minha primeira impressão só fez se fortalecer. A punição é errada e injusta, pois o senhor Francisco Horta estava fazendo um pronunciamento legítimo como presidente de um clube, não como um Juiz de Direito.

Os membros do Conselho não estão evidentemente obrigados a concordar com as opiniões do senhor Francisco Horta, mas daí a julgar que ele está constrangendo, ofendendo ou rebaixando o bom conceito da Magistratura vai uma distancia muito grande. A primeira advertência do Conselho ainda me pareceu cabível: tratava-se de um programa cômico de televisão, agravado pela tentativa de desfilar em uma Escola de Samba, e a figura de magistrado do doutor Horta não saía bem de nenhum dos dois episódios.

Mas, na segunda, nota-se no Conselho de Magistratura o objetivo de se constituir em um órgão repressor e censor — funções que, essas sim, estão abaixo do bom conceito dos magistrados.

* * *

QUANDO eu disse que concordava apenas em parte com o Juiz Evaristo de Morais Filho, ao colocar a principal culpa pela anulação da partida entre Vasco e Bangu no Regulamento do Campeonato Carioca, estava me referindo ao seguinte: foi a International Board quem determinou que o jogo se dispute novamente, ou então o resultado seja mantido.

Nada há na decisão da International no sentido de que, depois de tantos minutos do segundo tempo, o resultado se mantenha. Ao aplicar a ordem da IB no Brasil, a CBD deu às Federações o direito de optar ou pela manutenção ou pela repetição, e as duas hipóteses me parecem equivalentes — pois, em ambas, os Tribunais de Justiça Desportiva podem ainda se pronunciar pela existência ou não de um culpado.

No fundo, mesmo, o melhor era se jogar os minutos restantes da partida, mas tal ficou impossível depois da decisão da International Board.

Fla enfrenta América como se fosse uma decisão

Campeonato Carioca

2.º Turno

CLASSIFICAÇÃO

		PG	PP	J	V	E	D	GP	GC	TPG
1.º	Flamengo	20	2	11	9	2	0	29	1	43
2.º	Vasco	19	1	10	9	1	0	22	0	45
3.º	Fluminense	15	3	9	7	1	1	20	5	36
4.º	Botafogo	13	7	10	6	1	3	20	7	35
5.º	Portuguesa	12	8	10	5	2	3	13	10	19
6.º	América	10	8	9	3	4	2	11	8	31
	Bangu	10	8	9	5	0	4	12	10	22
	São Cristóvão	10	10	10	3	4	3	10	9	21
9.º	Olaria	9	13	11	4	1	6	12	18	20
10.º	Madureira	8	16	12	3	2	7	7	27	16
	Volta Redonda	8	12	10	2	4	4	8	13	16
12.º	Americano	5	17	11	1	3	7	5	19	16
	Bonsucesso	5	15	10	1	3	6	8	16	17
14.º	Campo Grande	4	18	11	2	0	9	4	22	11
	Goitacás	4	14	9	1	2	6	3	19	14

TPG é o total de pontos ganhos de cada equipe nos dois turnos.

Hoje

América X Flamengo (Maracanã, 17h15m).
Bangu X Bonsucesso (Bangu, 15h15m).
Campo Grande X Americano (Campo Grande, 15h15m)
Portuguesa X Fluminense (Portuguesa, 15h15m).
Goitacás X São Cristóvão (Campos, 15h15m).
Volta Redonda x Botafogo (Volta Redonda, 16h30m).

Merica e Júnior ouvem Coutinho falar do difícil jogo com o América

O Flamengo coloca em jogo diante do América — hoje, às 17 horas, no Maracanã — quase todas as suas chances de continuar na luta pelo segundo turno e chegar às finais do Campeonato Carioca. Uma partida decisiva para o time (se perder, está praticamente fora da luta pelo título) e sua diretoria, que pode representar o sucesso ou o fracasso de uma política de contratações vultosas, adotada este ano. Para o América, apenas a oportunidade de mais uma vez frustrar as esperanças de seu adversário e também de ganhar um prêmio adicional — Cr$ 10 mil para cada jogador — gentil e sigilosamente oferecido pelo Vasco, segundo fontes extra-oficiais.

Moacir Miguel dos Santos será o juiz. Equipes: **Flamengo:** Cantarele, Toninho, Rondineli, Dequinha e Júnior; Merica, Adílio e Luís Paulo; Osni, Cláudio Adão e Zico. **América:** Pais, Uchoa, Alex, Biluca e Valença; Renato, Bráulio (Pio) e Léo; Reinaldo, Mário e César. O Flamengo lidera o segundo turno, com 20 pontos ganhos e dois perdidos, enquanto o América, já afastado do título, tem apenas 10 ganhos e oito perdidos.

Incentivo extra não preocupa

Não era segredo para ninguém do Flamengo, ontem pela manhã, que seus adversários teriam hoje um *incentivo extra*, mas não havia aparentemente qualquer preocupação neste sentido. O técnico Cláudio Coutinho, cercado por crianças constantemente, limitou-se a perguntar a escalação do América, detendo-se na dúvida de Marinho Rodrigues: Bráulio. E ficou com expressão aliviada quando lhe disseram que provavelmente o meia-armador não jogaria. A zaga do adversário também mereceu rápidos comentários, apenas para ter certeza de que Uchoa e Biluca jogariam.

GRUPO UNIDO

Um dos fatores que vem sendo citado frequentemente pelo treinador para explicar a boa fase do time é a união e tranquilidade que xiste no grupo. Um ambiente visivelmente calmo, do qual compartilham os dirigentes — antes tão distantes — e que levou até o presidente Márcio Braga a participar de uma *pelada* entre os jogadores, como vinha fazendo constantemente o vice-presidente de futebol, Bruno da Silveira.

Sem Carpeggiani, um dos principais jogadords do time, Coutinho teve que optar pela escalação de Luís Paulo no meio-campo, mas recebeu uma notcia que, se não lhe agradou, pelo menos não trouxe preocupações: o ponta-esquerda apareceu na Gávea sentindo dores no tornozelo direito. Uma dúvida de última hora, contornada imediatamente com a confirmação de Valdo, no caso de Luís Paulo não poder jogar. Este problema fez com que o técnico relacionasse para a concentração o lateral Vanderlei, além de Roberto, Nélson, Ramírez, Tita, Valdo e Jorge Luís.

Na recreação na parte da manhã, dividida entre uma *pelada* de dois toques e vôlei, cuja escolha ficou por conta dos jogadores, a habilidade de Cláudio Adão no vôlei era o centro dos comentários dos muitos torcedores que assistiam à movimentação do alambrado. Adão foi o único a não participar do jogo de futebol. Ele, sempre fazendo uma série de malabarismos com a bola, é o parceiro preferido para duplas. Mas, na realidade, só mesmo os membros da Comissão Técnica, especialmente Dante Rocha, não trocam por nada o vôlei, seu esporte preferido.

Coutinho evitou, de todas as formas, fazer comentários táticos e na tentativa evidente de contornar as perguntas insistentes sobre o esquema da equipe, afirmou:

— Vamos jogar defensivamente, marcando em nosso campo e procurando explorar os contra-ataques. Já pedi atenção para as manobras do América e tenho certeza de que, com cautela, alcançaremos um bom resultado.

Depois desta declaração, sabendo que ninguém o levou a sério, o técnico deixou o campo em direção ao vestiário. Alegou atraso para a praia, prometida à mulher e ao filho, que agora o acompanha diariamente aos treinos do Flamengo. Os jogadores se concentraram à noite, em São Conrado.

Bráulio, dúvida que subsiste

Bráulio permanece como a única dúvida de Marinho Rodrigues. A falta de tratamento adequado impediu que os médicos do América dessem uma palavra definitiva sobre suas esclação. Ontem, mais uma vez, o Departamento Médico não pôde examiná-lo, porque o jogador se dedicou exclusivamente ao nascimento de seu segundo filho. Ele passou toda a tarde na Casa de Saúde Portugal, onde os médicos parteirós estavam indecisos entre esperar o parto natural ou fazer a cesariana.

Diante do impasse, Marinho resolveu liberar o jogador, deixando-o à vontade para se apresentar à noite, no Quilômetro 18 da Rio—Petrópolis, ou se reunir ao time **hoje**, no Maracanã. A contusão de **Bráulio não é considerada séria pelos médicos e multos admitiam** que ele tem **multas razões** para jogar hoje: **além de uma forma de comemorar o nascimento do filho,** um **bom prêmio é oferecido por um dirigente do Vasco.**

Mais Campeonato Carioca nas páginas 44 e 45

JORNAL DO BRASIL

Rio de Janeiro ☐ Domingo, 11 de setembro de 1977

FLORESTA OU FAVELA DA TIJUCA?

A antiga oficina de manutenção de carros do Estado é hoje um cemitério de automóveis e praça de biscates de mecânicos moradores no local

A mata, que vai deixando de ser densa, já não esconde o abandono em que estão os antigos casarões de duques e viscondes

A Floresta da Tijuca mudou de cenário. Em meio à mata, as antigas e silenciosas construções que traziam aos visitantes os mistérios do passado e estiveram sempre escondidas entre a flora nativa e as pedras, se revelam hoje aos olhos de quem passa. Mas foram transformadas em imenso conjunto de pardieiros. Os barracos se aglomeram exibindo o colorido de muitas roupas dependuradas, lavadas na fonte mais próxima. Galinhas ciscam, bacias estão encostadas às paredes descascadas e encardidas. Crianças mal vestidas e até despidas pedem dinheiro a quem se aproxima. Os casarões coloniais, que abrigaram barões e viscondes, são habitados agora pelas famílias dos 56 funcionários da administração. Esta não faz qualquer melhoria no local, desde quando se decidiu que a área seria entregue ao IBDF. Por sua vez, o IBDF, que ainda não assumiu a direção, também nada faz, alegando que não é de sua competência. E a extensa reserva de 2 mil 700 hectares permanece em situação indefinida, destruindo-se por um impasse burocrático.

Até a antiga oficina, destinada à manutenção dos carros da administração e instalada ao lado do Bar e Restaurante Esquilo, está abandonada. É ponto de encontro de motoristas de táxi e desempregados. Transformada em depósito de carros velhos e batidos, está sendo usada pelos moradores que fazem biscates consertando carros de particulares.

Antônio Domingos Aldrighi, administrador do Parque Nacional da Tijuca, diz que tem ouvido, "por alto", algumas reclamações. Alega que nada pode fazer, "pois a Floresta está sob a custódia do Município".

Segundo ele, assim que a administração da Floresta estiver a cargo do IBDF ela será totalmente recuperada. Terá pequenos centros de lazer para os visitantes e nas casas da fazenda serão construídos museus. "E a oficina também vai sair de lá" — promete.

A população humilde que se fixa dentro dos limites da reserva agride e altera o equilíbrio ecológico da região. Na antiga fazenda, onde o Barão d'Escragnolle passou seus últimos anos, depois de lutar ao lado do então Barão de Caxias pela pacificação do Maranhão, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, está se instalando uma comunidade. Seus integrantes se dizem funcionários do Estado e afirmam que trabalham pela preservação da Floresta. São cantoneiros, varredores, bombeiros hidráulicos, viveiristas que recebem salário mínimo.

Seu Sebastião, mecanico que fazia serviços para a administração da Floresta, conta que "antigamente não era assim não".

— Tinhamos tratores, pás mecanicas, tudo direitinho. Mas os carros que estavam aqui desceram e nós não sabemos nem *pra* onde foram.

À margem da estrada, em frente à oficina, os carros se espalham. Muitos Gordini amassados e carros de outras marcas sem nenhuma serventia. Zuza, filho de uma das muitas viúvas de funcionários que ali foram ficando depois da morte dos maridos, conserta o seu Volks. Está desempregado. Dentro do carro, o volume alto do rádio quebra o silêncio. Pelo chão, as ferramentas obstruem a passagem de outros veículos. Mas ele é de poucas palavras.

— O que vocês querem aqui? Se querem saber, essa oficina é do Estado. Antigamente, a gente só consertava os carros do Estado. Hoje, cada um tem suas *pererecas* por aí. Mas não tem esse negócio de consertar carro por fora, não.

Há 36 anos morando na Floresta, *seu* Afranio, o mestre-viveirista, recorda-se de que no início eram poucos os que moravam lá. Agora a população está aumentando.

Na casa da fazenda, onde há uma fonte vazia com uma imagem, em mármore, quebrada, moram duas famílias. O de *seu* Antônio, cantoneiro, que cuida da limpeza dos jardins, e a de Francisco de Oliveira, bombeiro hidráulico, que faz a manutenção dos banheiros públicos. Francisco não vê vantagem em morar lá, porque não tem luz elétrica e "ninguém nunca se interessou em botar". Em sua opinião, a fonte pode funcionar, "depende só de encanamento". Numa ocasião, quando trouxeram um ferro-velho da Fazenda Modelo, ela chegou a jorrar, mas depois enferrujou e está toda quebrada.

Esses zeladores da Floresta, como se autodefinem, já ouviram dizer que vão ter de sair de lá.

— Nós não queremos sair. Morar em Santa Cruz e trabalhar aqui, não dá. Depois, as crianças estão acostumadas, sabe como é, água pura, o clima. Chegam lá embaixo vão ter de beber aquela água com cloro e podem até ter problema. Mas se tivermos de sair, vamos sair mesmo, não adianta — lamenta Levi Lidônio do Nascimento.

Os moradores da Floresta estão satisfeitos, os visitantes reclamam: ela perdeu o encanto de outros tempos. José Augusto, há 26 anos garçom do Bar e Restaurante Esquilo, acha que a Floresta mudou. "Não é mais como antigamente. Até a freguesia é outra. As pessoas têm medo de vir aqui e, para piorar, as estradas estão esburacadas.

À espera de uma solução, ou melhor, de uma adoção, a Floresta vai se transformando em uma favela das muitas do Rio, onde não faltam cães vadios, a imundície, os mosquitos. Nem o tranquilo Bosque dos Eucaliptos escapou. E' um campo de futebol reservado para as *peladas* domingueiras do pessoal local.

Zózimo

Roda-viva

• Carmem e Tony Mayrink Veiga voaram ontem para Nova Iorque por uma semana.

• **Se os artistas que têm obras guardadas no MAM não as recolherem até o dia 16, será dadas a elas o destino que melhor convier à instituição. Dada a sua situação geográfica podem ir parar no fundo da baía.**

• Regressou na sexta-feira ao seu posto em São Francisco o Cônsul Raul de Smandeck.

• **O grupo de PMs que dava serviço na esquina das Ruas Teixeira de Mello e Barão da Torre deixou há alguns dias o local sendo substituído por uma banca de jogo do bicho. Os assaltos, no local, recrudesceram e já há pessoas sendo roubadas até dentro de farmácias.**

• Iberê Camargo e Walmir Ayala, entre outros, fazem parte do júri que distribuirá no dia 24 os prêmios do Salão Ferroviário.

• **O sociólogo Gilberto Freyre está preparando uma nova exposição de óleos para mostrar em São Paulo.**

• A Galeria Ipanema inaugura na terça-feira uma exposição dos trabalhos mais recentes de Carlos Scliar.

• **O jantar com leilão de quadros em benefício das obras assistenciais de D Hilda Faria Lima será realizado este ano dia 21 de novembro no Hotel Meridien.**

O mais jovem

• **Se o piloto Eddie Cheevers, cuja contratação pela Ferrari está sendo anunciada, participar da corrida em Imola, na inauguração do Autódromo Dino Ferrari, será o mais jovem piloto da história do automobilismo a sentar numa corrida atrás do volante de um Fórmula-1.**

• **Cheevers tem 19 anos e só fará 20 em janeiro.**

• **Há dois anos não tinha idade sequer para dirigir carros de passeio.**

• • •

SENHORAS SOZINHAS

• O Hotel Miramar, no Recife, é um hotel a ser evitado por senhoras que viajem sozinhas, evidentemente se sua intenção for apenas a de se hospedar num lugar tranquilo sem ser importunadas.

• Uma carioca, profissional liberal, em viagem de trabalho à Capital pernambucana, hospedou-se no Miramar e passou pelos seguintes constrangimentos:

— assim que apareceu na piscina, passou a ser assediada em seu apartamento por telefonemas indesejáveis dados por outros hóspedes com o auxílio, e conivência, da telefonista.

— se não tivesse o sono leve, teria sido atacada dentro do próprio quarto. A cópia da chave de seu apartamento tinha sido fornecida a um hóspede pelos encarregados da portaria.

• Diante de tamanha falta de compostura (dos hóspedes) e seriedade profissional (dos funcionários), só lhe restou no dia seguinte fazer as malas e mudar-se para outro hotel.

Zózimo

Guerra aos imitadores

• *O estilista Yves St.-Laurent está encantado em ver a aceitação que sua griffe encontrou no Brasil, estampada fartamente em mil e um artigos fabricados aqui, desde peças de prêt-à-porter até acessórios de moda, mas, ao mesmo tempo, está aborrecido por não receber um centavo sequer de royalties.*

• *Infelizmente, para ele, essa utilização maciça da marca vem sendo feita de maneira ilegal, já que no Brasil existe apenas um registro formal no Instituto Nacional de Patentes Industriais com seu nome.*

• *Por esse motivo, todas as demais firmas que se utilizam do nome de Yves St.-Laurent estão na mira dos advogados do costureiro, que darão entrada semana que vem numa ação contra os imitadores. E, ao que tudo indica, será uma ação fulminante.*

● ● ●

EM CIMA DA HORA

• A empresa estatal de telecomunicações argentina, a Entel, já comunicou à Embratel que pretende utilizar o mesmo padrão de cores da televisão brasileira na transmissão da Copa de 78.

• Com essa decisão, a Embratel será duplamente favorecida: a recepção e retransmissão para a Europa, a cargo dos técnicos brasileiros, será simplificada ao extremo e a um custo operacional mais baixo.

• A única coisa que preocupa no momento em relação à transmissão é que o sistema de TV a cores argentino ainda não está implantado, e só o será às vésperas da Copa, não permitindo, portanto, o necessário período de testes.

● ● ●

Cinema novo

• Se há uma atividade no Brasil com todo jeito de tomar um grande impulso daqui até o final da década é o cinema.

• Se isso não ocorrer não será por falta de dinheiro. Quando este ano terminar, a Embrafilme terá destinado à produção cinematográfica um total próximo dos Cr$ 160 milhões entre longas-metragens (Cr$ 110 milhões) e filmes para a TV (Cr$ 50 milhões).

• O movimento é ainda bem maior se forem acrescidos os orçamentos particulares. O filme *A Batalha dos Guararapes* custará depois de pronto mais de 1 milhão de dólares.

• Esses recursos tendem a crescer com as disposições da Embrafilme de elevá-los a mais do dobro no ano que vem.

• Se as perspectivas não fossem boas, não estariam correndo para cá como abelhas os produtores estrangeiros, sobretudo italianos e espanhóis.

Moda de pista

• *Régine*, a locomotiva *da noite internacional, diversifica seu ramo de atividades: parte para a inauguração de uma rede de* boutiques *espalhadas pelos quatro cantos do mundo.*

• *A primeira Zoa by Régine — é assim que se chamarão as* boutiques *— foi inaugurada em Paris, vendendo a moda* prêt-à-danser *e que inclui desde bolsas até peles, passando pelas blusas,* manteaux, *jóias e vestidos em tricô.*

● ● ●

Homenagem tardia

• Demorou um pouco, é verdade, mas a homenagem finalmente aconteu: os Beatles viraram nome de rua — em Liverpool, onde surgiram.

• Por coincidência, na mesma semana em que o conjunto era lembrado pela Prefeitura, ia abaixo o Cavern Club, onde os Beatles foram descobertos.

● ● ●

Cave canem

• A polícia está introduzindo métodos curiosos no combate à permanência de cães na via pública, sobretudo praias.

• As disposições que regulam o vaivém canino são agora exibidas aos recalcitrantes impressas em cartolinas que mais se assemelham a *menus*.

• Entre as sugestões do chefe está a que proibe o passeio de cães nas praias, orlas e calçadões adjacentes, limitando seu desfile às ruas de dentro.

• O único e pequeno inconveniente dessa determinação é condenar à clausura para todo o sempre os cães que habitem certos endereços, como, por exemplo, a Avenida Atlantica. Como conduzi-los a uma rua de dentro sem contrariar o dispositivo que proibe o seu transito pelo calçadão?

Encontro em Evian, em pleno verão europeu documentado por Edgard Schneider no último Jours de France: *Jean Verdier, Maria Alice Halfin e o pintor Pierre Doutreleau, com a mulher, Victoire, e os filhos*

A volta de "Daião"

• Os proprietários do cavalo *Daião*, vencedor do Grande Prêmio Brasil, desistiram de guardá-lo na cocheira até o Grande Prêmio Carlos Pellegrini na Argentina.

• Promoverão seu reaparecimento depois da vitória no *sweepstake* no Grande Prêmio Paulo de Frontin, que será corrido na Gávea dia 1º de outubro, em 2 mil 400 metros.

• Se *Daião* novamente corresponder, será então levado a Buenos Aires para a corrida do dia 1º de novembro, esta em 3 mil metros.

● ● ●

PROBLEMA E SOLUÇÃO

• *E' simpática a idéia de transformar o antigo prédio da Alfandega, no Largo da Candelária, num centro de comercialização do artesanato brasileiro.*

• *Como seria, também, simpático ceder parte de suas acomodações enormes, para ali instalar-se a recém-criada Associação Brasileira de Artistas Plásticos Profissionais, em fase de registro e organização.*

• *Ainda sem sede, os artistas plásticos terão como endereço provisório uma sala alugada pelo MAM.*

• *Já que o prédio da Alfandega está sendo desocupado para ser entregue ao Patrimônio Histórico, porque não se pensar nele como uma solução definitiva para o problema da Associação dos artistas plásticos.*

● ● ●

PRIMEIRA VEZ

• Terá início esta semana a disputa das várias taças européias de futebol — Taça da Europa, Recopa, Taça Uefa, para citar as mais importantes.

• Pela primeira vez, em 22 anos, o Real Madri não participa de nenhuma delas.

● ● ●

O novo Brabham

• O novo carro da Brabham, o BT-46, que os especialistas apontam como o favorito da temporada de Fórmula-1 do ano que vem, não limita as inovações que carrega apenas ao sistema de refrigeração.

• Revolucionária é da mesma forma a ausência no painel de quaisquer mostradores, substituidos por um pequeno aparelho de TV montado no centro do volante. Basta o piloto apertar um botão para aparecer no video, em digital, a pressão e temperatura do óleo e da água.

• Um outro botão mostrará, no mesmo video e também em digital, o tempo de cada volta logo depois de ela ser completada.

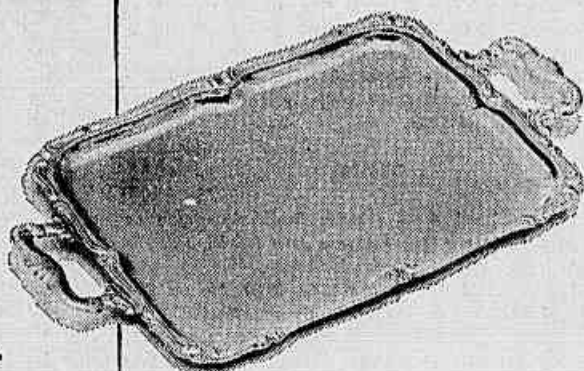
• Os técnicos da Brabham conseguiram reduzir de tal forma o peso do carro que puderam se dar ao luxo de criar e instalar uma série de novas engenhocas.

Zózimo Barrozo do Amaral

Cinema

ESTRÉIAS

DERSU UZALA (Dersu Uzala), de Akira Kurosawa. Com Youli Solomine e Maxime Mounzouk. Complemento: A Pedra da Riqueza, de Vladimir Carvalho. Novo Pax (Rua Visconde de Pirajá, 351 — 287-1935): 13h30m, 16h15m, 19h, 21h45m (Livre). Baseado no livro de Vladimir Klavdievitch Arseniev e ganhador do Oscar de Melhor Filme Estrangeiro de 1976. O filme, com fotografia de Takao Saito (o mesmo fotógrafo de Dodeskaden), conta a história de um explorador e um guia em missão de reconhecimento na Rússia do início do século, mostrando o confronto entre a comunhão com a natureza (Derzu, o caçador) e a civilização (Arseniev, o cartógrafo).

★★★★★ Mais que o poema visual de exaltação a um universo ainda quase intocado pelos ecocidas, esse filme, praticamente sem precedentes, é um grande lamento em torno de um elo perdido, aquele que integrava o homem com a natureza. Dersu Uzala tem a marca de Kurosawa na fixação do comportamento humano, mas, sobretudo, a capacidade do cineasta para transmitir experiências — e sua e a do escritor-explorador Arseniev. (E.A.)

DOMINGO NEGRO (Black Sunday), de John Frankenheimer. Com Robert Shaw, Bruce Dern, Marthe Keller, Fritz Weaver e Steven Keats. Condor-Copacabana (Rua Figueiredo Magalhães, 286 — 266-2610): de domingo a 5a., às 13h45m, 16h30m, 19h15m, 22h. 6a. e sábado, às 13h, 15h 45m, 18h30m, 21h15m, 24h. Metro-Boavista (Rua do Passeio, 62 — 222-6490), Condor-Largo do Machado (Largo do Machado, 29 — 254-3270), Rio (Rua Conde de Bonfim, 302 — 254-3270): 13h20m, 16h05m, 18h50m, 21h35m. Rio-Sul (Rua Marquês de São Vicente, 52 — 274-4532): 13h45m, 16h30m, 19h15m, 22h (18 anos). Filme de suspense, envolvendo líderes da organização terrorista Setembro Negro que planejam um ataque de proporções violentas no Estádio Olímpico de Munique.

★★ A excelente trilha sonora de John Williams e o hábil roteiro de Ernest Lehman, Kenneth Ross e Ivan Moffat são as principais garantias de suspense contínuo (F.M.)

GARRAS E DENTES (La Griffe et la Dent), de François Bel e Gérard Vienne. Studio-Paissandu (Rua Senador Vergueiro 35 — 265-4653), Art-Copacabana (Av. Copacabana, 759 — 235-4895), Art-Tijuca (Rua Conde de Bonfim, 406 — ..... 288-6898), Art-Méier (Rua S. Rabelo, 20 — 249-4544), Art-Madureira (Shopping Center de Madureira): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (Livre). Documentário de longa metragem sobre a vida animal no Leste da África, realizado por especialistas no gênero. Produção francesa.

★★ Um documento sobre a vida dos animais em todos os seus níveis. Poderá agradar crianças e interessados no assunto. (M.A.)

ROCK É ROCK MESMO (The Song Remains the Same), de Peter Clifton e Joe Massot. Com Led Zeppelin (John Bonham, John Paul Jones, Jimmy Page, Robert Plant e Peter Grant), Richard Cole, Derek Skilton e Colin Rigdon. Ópera-1 (Praia de Botafogo, 340 — 246-7705), Leblon-1 (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 227-7805), Carioca (Rua Conde de Bonfim, 338 — 288-8178): 13h50m, 16h30m, 19h10m, 21h50m (Livre). Longa-metragem mostrando o concerto do Led Zeppelin no Madison Square Garden, cenas de bastidores, aspectos da vida pessoal dos artistas.

★★ Um longo caleidoscópio de som e imagem — que agradará, em cheio, aos fãs do Zeppelin — com frustradas pretensões a ser algo mais do que apenas o documentário de um show do conjunto. (F.M.)

GANG EM APUROS (The Apple Dumpling Gang), de Norman Tokar. Com Bill Bixby, Susan Clark, Don Knotts, Tim Conway, David Wayne e Slim Pickens. Copacabana (Av. Copacabana, 801 — 255-0953), América (Rua Conde de Bonfim, 334 — 248-4519): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Santa Alice (Rua Barão de Bom Retiro, 1 095 — 201-1299): de 2a. a 6a., às 17h, 19h, 21h. Sábado e domingo, a partir das 15h (Livre). Comédia: western da Walt Disney Productions. As aventuras de três meninos que planejam roubar um banco. Produção americana. Último dia.

★ Mais uma produção infanto-juvenil dos estúdios Walt Disney. Interesse nulo. (M.R.F.)

OS CRUÉIS DEMÔNIOS DO CARATÊ, de Ting Chung. Com Chiang-Long Wen e Ing-Jye Harn. Programa complementar: E Deus Disse a Caim. Rex (Rua Álvaro Alvim, 33 — 222-6327): 11h50m, 15h15m, 18h45m, 20h30m. 4a. a sábado e domingo, às 13h30m, 17h, 20h30m (18 anos). Aventura. Produção chinesa de Hong-Kong. Último dia.

★ No primeiro filme do programa (o western europeu) o mocinho dá uma bofetada na antiga namorada, que se passou para o lado do vilão. No segundo filme o mocinho dá umas palmadas na mocinha que, só para despertar ciúmes no herói, finge estar interessada no bandido. Fora esses breves instantes de pausa com pancadas suaves, muita briga, muitos tiros, com os ruídos dos tapas, chutes e estampidos de revólver ampliados até qualquer coisa semelhante à explosão de uma bomba. (J.C.A.)

O SEGREDO DAS VELHAS ESCADAS (Down the Ancient Stairs), de Mauro Bolognini. Com Marcello Mastroianni, Françoise Fabian, Marthe Keller, Barbara Bouchet, Adriana Asti, Lucia Bose. Vitória (Rua Senador Dantas, 45 — 242-9020), Ópera-2 (Praia de Botafogo, 340 — 246-7705), Tijuca-Palace (Rua Conde de Bonfim, 214 — 228-4510): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (18 anos). Drama ambientado em um sanatório psiquiátrico. Mastroianni no papel de um psiquiatra que se envolve com três mulheres e é abalado pelas teorias de uma nova assistente sobre seu comportamento. Produção italiana. Último dia.

★ Lidando com psiquiatras que sentem um cômodo isolamento do mundo exterior entre os limites de um manicômio, Bolognini desperdiça ótima oportunidade de analisar os abusos da psiquiatria e a tendência das sociedades a tratar todas as questões (moral, política, etc.) como os donos da verdade científica tratam seus pacientes. Mais uma vez o cineasta enfeita de maneira deslumbrante sua falta de disciplina crítica, substituída por chavões sobre o comportamento burguês. No fundo, um filme conformista, apoiado na muleta de uma verdade sem contra-indicações: o fascismo é um mal. Cópias ruins em exibição. (E.A.)

UMA PONTE LONGE DEMAIS (A Bridge Too Far), de Richard Attenborough. Com Dirk Bogarde, James Caan, Michael Caine, Sean Connery, Edward Fox, Elliott Gould, Gene Hackman, Anthony Hopkins, Laurence Olivier, Robert Redford e Liv Ullmann. Odeon (Praça Mahatma Gandhi, 8 — 222-1508): 12h, 15h, 18h, 21h. 4a., sábado e domingo, a partir das 15h. São Luiz (Rua Machado de Assis, 74 — 225-7679): 15h, 18h, 21h. Roxi (Av. Copacabana 945 — 236-6245), Tijuca (Rua Conde de Bonfim, 422 — 288-4999), Madureira-2 (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 15h, 18h, 21h. 4a., sábado e domingo, a partir das 12h (16 anos). Versão do livro de Cornelius Ryan. Superprodução americana relatando uma operação empreendida pelos aliados em setembro de 1944 a fim de antecipar o fim da guerra. O título se refere à tentativa de alcançar uma ponte em Arnhem, de onde seria desfechada ofensiva sobre a área industrial do Ruhr.

★ De todas as recentes superproduções essa é, sem dúvida, a mais interessante. A história — o lançamento de tropas americanas e inglesas na Holanda, em setembro de 44, por trás das linhas de defesa nazistas — parece feita para falar da rivalidade entre os Generais Patton e Montgomery. Mas o que realmente importa — nesse filme em que os ingleses criticam a si mesmos e insinuam certos elogios à eficiência americana — é seguir o modelo de superprodução à americana, isto é: muita gente famosa no elenco, muitos figurantes e uma infinidade de efeitos especiais. (J.C.A.)

CONTINUAÇÕES

O ENIGMA DE KASPAR HAUSER (Jeder Fur Sich Und Gott Gegen Alle), de Warner Herzog. Com Bruno S., Brigitte Mira, Willy Semmelrogge e Jenry Van Lyck. Caruso (Av. Copacabana, 1 326 — 227-3544): 13h30m, 15h40m, 17h50m, 20h, 22h10m. (10 anos). ★★★★★ (J.C.A.)

CARLITOS, O GENIAL VAGABUNDO (The Gentleman Tramp), de Richard Patterson. Narração de Walter Matthau, Laurence Olivier e Jack Lemmon. Cinema-1 (Av. Prado Júnior, 286 — 275-4546): 14h40m, 16h30m, 18h20m, 20h 10m, 22h (Livre). ★★★★ (E.A.)

TRÁGICA OBSESSÃO (Obsession), de Brian de Palma. Com Cliff Robertson, Geneviève Bujold, John Lighgow e Wanda Blackman. Leblon-2 (Av. Ataulfo de Paiva, 391 — 227-7805): 13h40m, 15h45m, 17h50m 19h55m, 22h. Capri (Rua Voluntários da Pátria, 88 — 226-7101): 15h45m, 17h50m, 19h 55m, 22h. 4a., sábado e domingo, a partir das 13h40m. (14 anos) ★★★★ (M.R.F.)

NASCE UMA ESTRELA (A Star Is Born), de Frank Pierson. Com Barbra Streisand, Kris Kristofferson, Gary Busey, Oliver Clark e Vanetta Fields. Veneza (Av. Pasteur, 184 — . . . 226-5843). Comodoro (Rua Haddock Lobo, 145 — 264-2025): 13h30m, 16h15m, 19h, 21h45m (16 anos). ★★ (J.C.A.)

MOISÉS (Moses), de Gianfranco de Bosio. Com Burt Lancaster, Anthony Quayle, Ingrid Thulin, Irene Papas, Mariangela Melato e Laurent Terzieff. Império (Praça Floriano, 19 — 224-5276), Coral (Praia de Botafogo, 316 — 246-7218): 13h30m, 16h15m, 19h, 21h45m. Madureira-1 (Rua Dagmar da Fonseca, 54 — 390-2338): 15h15m, 18h, 20h45m (10 anos). ★ (M.R.F.)

ODIO (Brasileiro), de Carlo Mossy. Com Carlo Mossy, Átila lório, Ana Paula Lombardi e Celso Faria. Cisne (Rua Geremário Dantas, 1.207 — 392-2860): 16h20m 18h40m, 21h. Astor (Rua Ministro Edgar Romero, 236): 14h50m, 17h, 19h10m 21h20m (18 anos). ★ (E.A.)

SABENDO USAR NÃO VAI FALTAR (Brasileiro), de Francisco Ramalho Jr. e Adriano Stuart. Com Ewerton de Castro, Nadyr Fernandes, Helena Ramos, Renato Consorte e Yara Stein, Plaza (Rua do Passeio, 78 — 222-1709): de 2a. a sábado, às 10h30m, 12h20m, 14m10m, 16h, 17h50m, 19h40m, 21h30m. Domingo, a partir das 14h10m (18 anos). ★ (J.C.A.) Último dia.

ANSIA DE VINGANÇA (The Body of My Enemy), de Henri Verneuil. Com Jean-Paul Belmondo, Marie-France Pisier, Bernard Blier, Claude Brosset e Michel Beaune. Paratodos (Rua Arquias Cordeiro, 350 — 281-3628): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. Pathé (Pça. Floriano, 45 — 224-6720): de 2a. a 6a., às 12h10m, 14h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m. Sábado e domingo, a partir das 14h30m (16 anos). ★ (M.R.F.) Último dia.

REAPRESENTAÇÕES

O ANJO AZUL (Der Blaue Engel), de Josef Von Sternberg. Com Marlene Dietrich, Emil Jannings e Hans Albers. Lido-2 (Praia do Flamengo, 77 — 245-8904): 14h, 16h50m, 19h 40m, 22h30m (18 anos). ★★★★★ (E.A.)

O GABINETE DO DR CALIGARI (Das Kabinet des Dr Caligari), de Robert Wiene. Com Werner Krauss, Conrad Veidt e Lil Dagover. Lido-2 (Praia do Flamengo, 72 — 245-8904): 15h40m, 18h30m, 21h20m (14 anos). ★★★★★ (E.A.)

OS SETE SAMURAIS (Sichinin no Samurai), de Akira Kurosawa. Com Toshiro Mifune, Takashi Shimura e Ko Kimura. Jóia (Av. Copacabana, 680 — 237-4714): 14h, 16h30m, 19h, 21h30m (14 anos). ★★★★★ (E.A.)

GOLPE DE MESTRE (The Sting), de George Roy Hill. Com Paul Newman, Robert Redford e Robert Shaw. Rosário (Rua Leopoldina Rego, 52 — 230-1889): 16h, 18h25m, 20h50m (18 anos). ★★★★ (E.A.) Último dia.

... E O VENTO LEVOU (Gone with the Wind), de Victo Fleming. Com Clark Gable, Vivian Leigh, Olivia de Havilland e Leslie Howard. Studio-Tijuca (Rua Desembargador Isidro, 10 — 268-6014): 16h, 20h (14 anos). ★★★★ (E.A.) Último dia.

ELVIS TRIUNFAL (Elvis on Tour), de Pierre Adidge e Robert Abel. Cinema-2 (Rua Raul Pompéia, 102 — 247-8900): 14h, 15h40m, 17h20m, 19h, 20h40m, 22h20m (Livre) (J.C.A.)

NINGUÉM SEGURA ESSAS MULHERES (Brasileiro), filme em quatro episódios dirigidos por Anselmo Duarte, Jece Valadão, Harry Zalkowistch e José Miziara. Bruni-Grajaú (Rua José Vicente, 56 — 268-9352): 15h, 17h, 19h, 21h. (18 anos). ★★ (H.G.) Último dia.

A GRANDE BURGUESIA (Fatti di Gente Perbene), de Mauro Bolognini. Com Catherine Deneuve, Giancarlo Giannini, Fernando Rey, Tina Aumont, Laura Betti e Marcel Bozuffi. Ricamar (Av. Copacabana, 360 — 237-9932): 13h 30m, 15h40m, 17h50m, 20h, 22h10m. (18 anos). ★ (E.A.) Último dia.

KING KONG (King Kong), de John Guillermin. Com Jeff Bridges, Charles Gordin, Jessica Lange e John Randolph. Cinema-3 (Rua Conde de Bonfim, 229). Lido-1 (Praia do Flamengo, 72 — 245-8904): 14h, 16h30m, 19h, 21h30m (10 anos). ★ (J.C.A.) Último dia.

TERREMOTO (Earthquake), de Mark Robson. Com Charlton Heston, Ava Gardner, George Kennedy, Lorne Greene e Geneviève Bujold. Imperator (Rua Dias da Cruz, 170 — 249-7982): 13h30m, 16h50m, 19h10m, 21h30m. (16 anos). ★ (J.C.A.). Último dia.

O SEMINARISTA (Brasileiro), de Geraldo Santos Pereira. Com Eduardo Machado, Louise Cardoso, Nildo Parente, Lidia Matos, Liana Duval, Raul Cortez e Tony Ferreira. Roma-Bruni (Rua Visconde de Pirajá, 371 — 287-2908), Bruni-Copacabana (Rua Barata Ribeiro, 502 — 225-2908), Bruni-Tijuca (Rua Conde de Bonfim, 379 — 268-2325), Excelsior (Rua Major Ávila, 455): 14h, 16h, 18h, 20h, 22h (18 anos). ★ (C.M.)

PAPILLON (Papillon), de Franklin J. Schaffner. Com Steve McQueen, Dustin Hoffman, Victor Jory, Don Gordon e Anthony Zerbe. Scala (Praia de Botafogo, 320 — 246-7218): 19h, 21h45m (18 anos). ★ (J.C.A.). Último dia.

SOL VERMELHO (Red Sun), de Terence Young. Com Charles Bronson, Alain Delon, Ursula Andress e Toshiro Mifune. Programa complementar: A Reencarnação do Demônio. Orly (Rua Alcindo Guanabara, 21) 11h, 15h, 19h. 4a., sábado e domingo, às 13h15m, 17h15m, 19h25m (18 anos) Último dia.

DIO COME TI AMO (Dio Come Ti Amo), de Miguel Iglesias. Com Gigliola Cinquetti, Mark Damon e Micaela Cendall. Olaria: 15h, 17h, 19h, 21h. (Livre)

DRIVE-IN

A PORTA ENTRE O ÓDIO E O MEDO (Les Guichets du Louvre), de Michel Mitrani. Com Christine Pascal, Cristian Rist, Alice Sapritch, Michel Auclair e Mirchel Robson. Lagoa Drive-In (Av. Borges de Medeiros, 1 426 — . . . . 274-7999): 20h15m, 22h30m. (16 anos). ★★★★ (E.A.). Último dia.

MORTE: O PREÇO DA AMBIÇÃO (The Internecine Project), de Barry Levinson. Com James Coburn e Lee Grant. Ilha Autocine (Praia de São Bento — Ilha do Governador): 20h30m, 22h30m (18 anos). ★★ (C.M.).

MATINÊS

COSTINHA E O KING MONG — Scala: 14h20m, 15h50m, 17h20m. (Livre).

SESSÃO INFANTIL — Napoleão e Samantha — Ilha Auto-Cine: 18h30m. (Livre)

TOM E JERRY Nº 11 — Olaria: 10h (Livre).

UM AVENTUREIRO NO HAVAÍ — Metro-Boavista: 10h (Livre).

O GIGANTESCO REI DA FLORESTA — Condor-Largo do Machado: 10h (Livre).

CARLITOS, O GENIAL VAGABUNDO — Cisne: 14h30m (Livre).

EXTRA

CURTAS SOBRE MÚSICA POPULAR BRASILEIRA — Exibição de Mestre Ismael, de Adnon Luna Pitanga, Isto E' Lamartine, de Carlos Frederico e Chorinhos e Chorões. Às 20h, no Cineclube Santa Teresa, Rua Mauá, 136 — Largo do Guimarães.

REVISÃO CRÍTICA DO CINEMA BRASILEIRO (XXIII) — Exibição de Minha Namorada (Brasileiro), de Zelito Viana. Com Laura Maria, Pedro Aguinaga e Jorge Dória. Às 20h, no Cineclube do Leme, Rua General Ribeiro da Costa, 164.

WERNER HERZOG (III) — Exibição de Fata Morgana (Fatamorgana), de Werner Herzog. Com Wolfgang von Ungern-Stenberg e James William Gledhill. Complemento: O Grande Extase do Entalhador Steiner (Die Gross Ektase des Bildschnitzers), de Werner Herzog. Com Walter Steiner. Às 18h30m, na Cinemateca do MAM. Legendas em espanhol.

PASSE LIVRE (Brasileiro), documentário de longa metragem de Oswaldo Caldeira. Às 20h, no Cineclube Ancy Rocha, Rua Gonzaga Bastos, 346 — Vila Isabel (Clube Raio de Sol). (Livre). ★★★★ (J.C.A.).

ASSALTO AO TREM PAGADOR (Brasileiro), de Roberto Farias. Com Eliezer Gomes, Grande Otelo e Jorge Dória. Às 21h, no Cineclube da Casa do Estudante Universitário, Av. Rui Barbosa, 762. (18 anos). ★★★ (J.C.A.).

OS INCONFIDENTES (Brasileiro), de Joaquim Pedro de Andrade. Com José Wilker, Luis Linhares, Paulo César Pereio, Carlos Kroeber, Susana Gonçalves e Fernando Torres. Às 19h, no Cineclube Adhemar Gonzaga, Rua Silva Xavier, 31 — Abolição. (10 anos). ☆ (E.A.).

III SEMANA DO CINEMA IUGOSLAVO — Seleção de desenhos animados incluindo: Homo Augens, de Ante Zaninovic, El Cactusito, de Ivo Urbanic, Ecce Homo, de A. Marks, V. Jutrisa e M. Garnier, Bandeiras, de Zoran Jovanovic, Bim e Bum (Bim i Bum), de Zlató Grjic, Brincando no Campanário, de Boris Kolar, Tup Tup, de Nedeljko Dragic e O Guarda-Chuva, de Zdenko Gaparovic. Às 16h 30m, na Cinemateca do MAM. Entrada franca.

II SEMANA DO CINEMA IUGOSLAVO — Exibição de Malditos Somos, Irina (Ukleti Amo, Irina), de Kole Angelovski. Com Bata Zivojinnovic e Neda Arneric. Complemento: Homo Augens, de Ante Zaninovic. Às 20h30m, na Cinemateca do MAM. Entrada franca.

GRANDE RIO

NITERÓI

ART-UFF — A Porta Entre o Ódio e o Medo, com Cristine Pascal. Às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (16 anos)

CINEMA-1 — Ânsia de Vingança, com Jean-Paul Belmondo. Às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (16 anos). Às 10h: A Vingança de Milady, com Michael York.

ALAMEDA — O Homem Mais Forte do Mundo, com Kurt Russel. Às 15h30m, 17h20m, 19h10m, 21h. (Livre).

CENTER — Nasce uma Estrela, com Barbera Streisand. Às 13h30m, 16h15m, 19h, 21h45m. (16 anos)

CENTRAL — Domingo Negro, com Robert Shaw. Às 13h20m, 16h05m, 18h50m, 21h35m. (18 anos)

EDEN — Ódio, com Carlo Mossy. Às 14h15m, 16h40m, 19h05m, 21h30m. (18 anos).

ICARAÍ — Gang em Apuros, com Bill Bixby. Às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre)

NITERÓI — Uma Ponte Longe Demais, com Robert Redford. Às 15h, 18h, 21h. 4a., às 12h, 15h, 18h, 21h. (16 anos).

DRIVE-IN ITAIPU — Operação França nº 2, com Gene Hackman. Às 20h30m, 22h30m. (1 8anos). Às 18h30m: O Pistoleiro Mortal.

CINECLUBE SALA ESCURA — De Punhos Cerrados, com Lou Castel. Às 20h, no DCE da UFF (18 anos).

SÃO GONÇALO

TAMOIO — A Ilha no Topo do Mundo, com David Hartman. Às 14h, 16h, 18h, 20h, 22h. (Livre). Às 10h: Tom e Jerry (Livre).

DUQUE DE CAXIAS

PAZ — Os Carrascos de Shao Lin. Programa complementar: Sem Medo da Morte. Às 14h, 17h35m, 19h40m. (18 anos)

PETRÓPOLIS

DOM PEDRO — A Mulher Fiel, com Sylvia Kristel. Às 15h 50m, 17h40m, 19h30m, 21h20m. (18 anos). Às 13h50m: A Ilha no Topo do Mundo, com David Hartman.

PETRÓPOLIS — Domingo Negro, com Robert Shaw. Às 13h 20m, 16h05m, 18h50m, 21h35m. (18 anos).

TERESÓPOLIS

CINE ARTE — Entre Dois Destinos, com Joseph Bottoms. Às 15h e 21h. (14 anos)

ALVORADA — Cinco Dias de Conspiração, com Charles Bronson. Às 18h, 20h, 22h. (14 anos). Às 15h: A Montanha Enfeitiçada, com Eddie Albert.

Televisão

OS FILMES DE HOJE

Os inéditos — O Namoradinho, feito para o cinema, e A Noite do Lobo, feito para a TV — não animam. As preferências devem recair no já inúmeras vezes exibido Férias de Amar.

O NAMORADINHO
TV Guanabara — 19h30m

(The Boy Friend). Produção britanica originariamente em Panavision, de 1971, dirigida por Ken Russell. No elenco: Twiggy, Christopher Gable, Barbara ..indsor. Colorido.

Jackson, estrela de um musical, desloca o tornozelo e o empresário a substitui por uma assistente de produção inexperiente (Twiggy). Um diretor cinematográfico resolve filmar o espetáculo como se fosse uma estravaganza semelhante aos musicais da velha Hollywood dos nos 30. Mais ou menos livre das coerções narrtivas, o diretor Russel desanda em fricotes e pingtes formais que, por si só, tornariam o filme irritante. Como a gratuidade está no próprio texto, nada se salva.

A MULHER E OS INDIOS
TV Studios — 21h

(Seminole Uprising). Produção americana de 1955, dirigida por Earl Bellamy. No elenco: George Montgomery, Karin Booth, Steve Ritch. Colorido.

Montgomery é um oficial da cavalaria incumbido de aprisionar um chefe índio (Ritch) promotor de chacinas. Este sequestra a namorada (Booth) do oficial, com o intuito de negociar a moça com bandidos brancos, em troca de armas. Western corriqueiro em produção discreta, a levar em conta opiniões alheias emitidas na época do lançamento.

ROMA, CONVITE AO AMOR
TV Tupi — 21h50m

(Gidget Goes to Rome). Produção americana de 1962, dirigida por Paul Wendkos. No elenco: Cindy Carol, James Darren, Jesse Royce Landis, Cesare Danova. Colorido.

Gidget, que na figura de Sandra Dee já fizera surf na Flórida e no Havai, agora enfrenta Roma, com o rosto de Cindy Carol, agarrad a um namoradinho (Darren) e amigas, cuidada por uma tia e espionada por um amigo do pai. O tom de comédia com pouca pimenta é preservado, e os clichês, também. Entretanto, o diretor Wendkos, cuja capacidade vai além do proposto pela produção, diverte-se com a brincadeira e consegue transmitir seu bom humor ao espetáculo.

A NOITE DO LOBO
TV Globo — 22h

Moon of the Wolf). Produção americana de 1972, realizada diretamente para a TV por Daniel Petrie. No elenco: David Jansen, Barbara Rush, Bradford Dillman. Colorido.

No Sul dos Estados Unidos, certa região é assolada por estranha criatura que ataca as pessoas, deixando-as em tiras. Sucede a perseguição ao monstro nesta história de horrar à antiga, maltratada pelos comentaristas de fora que, ressalvando o final insólito, afirmam entretanto ser o mesmo rapidamente esquecido. Pelo visto, o monstro só deixa marca, mesmo, nas vitimas.

FÉRIAS DE AMOR
TV Globo — 24h

(Picnic). Produção americana, originariamente em Cinemascope, de 1955, dirigida por Joshua Logan. No elenco: William Holden, Kim Novak, Susan Strasberg. Colorido.

Holden, ex-campeão de futebol, chega a uma pequena cidade do Kansas para visitar um amigo (Robertson). Seu charme desperta o interesse de algumas mulheres do lugar e ele se sente atraído pela namorada (Novak) do amigo. História de amor em crônica de provincia, oriunda de sucesso da Broadway (de William Inge) dirigida pelo mesmo Logan. O filme teve defensores ardorosos, embora ao colunista só impressionassem alguns momentos menos estereotipados (flashes do festejos provincianos, uma dança extremamente sensual, alguns traços do caráter do protagonista) e o expressivo trabalho cenográfico na recriação da atmosfera provinciana. De qualquer maneira, dá para curtir.

O TRAQUINA
TV Guanabara — 0h30m

(Smiley Gets a Gun). Produção americana, originariamente em Cinemascope, de 1958, dirigida por Anthony Kimmins. No elenco: Keith Calvert, Sybil Thorndike, Chips Rafferty. Colorida.

O garoto Smiley (Calvert) — que já havia aparecido em Jogos da Vida (56) — filho de um ferreiro, tem a promessa de um rifle feita por um policial (Rafferty) se tiver comportamento decente. Uma suspeita de roubo quase põe tudo a perder. Aventura rural destinada ao espectador mirim. Por que este horário?

CANAL 2

12h30m — Palavras de Vida — Ecumênico.
13h — Opus — Musical apresentado por Aylton Escobar. Hoje Instrumentos de Percussão. Colorido.
14h — Os Mágicos — Hoje: O Mundo Mágico de Nelson Rodrigues. Apresentação de Araken Távora. Colorido.
15h — Esporte Especial — Várias modalidades do esporte amador.
16h — Água Viva — Musical. Apresentação de Hermínio Bello de Carvalho. Hoje: Copinha, Os Quatro de Prata. Colorido.
17h — Especial I — Alfabetização, Aula de um Povo.
18h — E' Preciso Cantar — Musical. Hoje: Jorginho do Império, Conjunto Época de Ouro, Simone, Luiz Vieira, Doris Monteiro, Zeca do Trombone, Hermes de Aquino e Mita.
19h — Cinema Especial — Filmes do Gordo e o Magro, Betty Boop, Os Batutinhas.
21h — Esporte Total — Mesa-redonda.
22h30m — Futebol — VT do jogo América x Flamengo e Compacto do jogo Fluminense x Portuguesa.
0h30m — Teatro 2 — Teleteatro. Hoje: A Viúva Azul, de Marcus Rey. Adaptação de Walter George Durest. Com Bárbara Fazio, Homero Kossac, Raul Cortez, Guilherme Correa, Sergio Hingst e Ciro Castro.

CANAL 4

8h45m — Padrão a Cores.
9h — Santa Missa em Seu Lar.
10h — Concertos para a Juventude — 1.º Concurso Nacional de Jovens Instrumentistas.
11h — Esporte Espetacular — Apresentarção de Leo Batista.
12h — Scooby Doo — Desenho. Colorido.
12h30m — Esporte Espetacular — Grande Prêmio da Itália, de Fórmula-1. Boletim exclusivo.
12h35m — Festival Tom e Jerry — Desenho. Colorido.
13h15m — Disneylandia 77 — Filme: As Aventuras de Tico e Teco. Colorido.
14h15m — Viagem Fantástica — Filme: Sonho de Conquista. Colorido.
15h15m — Praça da Alegria — Programa humorístico com Miele, Ronald Golias, Jô Soares, Zilda Cardoso. Colorido.
16h45m — Os Trapalhões — Programe humorístico com Renato Aragão, Dedé Santana, Muçum e Mauro Gonçalves. Colorido.
17h50m — Filme: a programar.
20h — Fantástico — Programa de variedades. Colorido.
22h — Premiere 77 — Filme: A Noite do Lobo. Colorido.
24h — Festival de Sucessos — Filme: Férias de Amor. Colorido.

CANAL 6

7h — TVE — Circuito Nacional — Colorido.
9h — Rex Humbard — Seriado. Colorido.
10h — A Voz do Pastor — Programa religioso. Colorido.
10h15m — Desenhos.
11h — Extensão — Apresentação de Álvaro Valle e Américo Camargo. Colorido.
11h30m — Programa Silvio Santos — Programa de variedades. Colorido.
20h15m — Domingo E' Dia de Graça — Programe humorístico com elenco liderado por Costinha. Colorido.
21h20m — Jornal de Domingo — Noticiário apresentado por Livio Carneiro Jr. e Ana Maria Braga. Colorido.
21h50m — Cinerama 77 — Filme: Roma, Convite ao Amor. Colorido.
0h — Futebol — VT do jogo América x Flamengo.

CANAL 7

12h — O Grande Circo — Programa com Torresmo e Pururuca. Colorido.
13h — Gol, o Grande Momento do Futebol — Apresentando a carreira de Pelé. Colorido.
14h — Os Melhores Momentos das Olimpíadas.
15h — Concerto de Rock — Apresentação de Olavio Ceschi Jr. Colorido.
16h — Balanço — Programa infanto-juvenil. Colorido.
16h30m — Tênis — Torneio de Forest Hills, direto dos Estados Unidos, final masculina.
18h30m — As Aventuras Submarinas de Jacques Cousteau. Filme: Polvo, Polvo. Colorido.
19h30m — Sessão de Domingo — Filme: O Namoradinho. Colorido.
21h15m — Gol, o Grande Momento do Futebol — Apresentando as carreiras de Zico e Roberto.
22h — Bola na Mesa — Debates ao vivo.
23h — O Melhor Futebol do Mundo — VT do jogo Flamengo x América.
0h30m — Cinema na Madrugada — Filme: O Traquina. Colorido.

CANAL 11

11h30m — Programa Silvio Santos — Variedades em cadeia com o canal 6. Colorido.
20h — Sessão Bangue-Bangue — Smith e Jones. Filme: Trem Errado para Brimstone.
21h — Sessão de Domingo — Filme: A Mulher e os Idios. Colorido.
22h30m — Futebol — VT do jogo América x Flamengo.

A PRÓXIMA SEMANA

SEGUNDA

14h — Canal 4 — O Fofoqueiro (The Big Mouth). Americano de Jerry Lewis, com Lewis e Susan Bay. Comédia (cor).

15h — Canal 6 — A Conquista de Golias (Golia alla Conquista di Bagdad). Italiano de Domenico Paolella, com Rock Stevens e Helga Line. Aventura (cor).

16h — Canal 11 — A Chama de Calcutá. Americano de Seymour Friedman, com Denise Darcel e Patric Knowles. Aventura na Índia (cor).

24h — Canal 7 — A História de Ruth. Americano de Henry Koster, com Elana Eden e Peggy Wood. Drama bíblico (cor).

0h05m — Canal 6 — Tramas da Traição (Foreign Intrigue). Americano de Sheldon Reynolds, com Robert Mitchum e Genevieve Page. Aventura de espionagem (p&b).

0h15m — Canal 4 — O Garoto da Califórnia. Americano de Richard T. Heffron (TV), com Martin Sheen e Vic Morrow. Criminal (cor).

TERÇA

14h — Canal 4 — Don Juan era Aprendiz (Under the Yum Yum Tree). Americano de David Swift, com Jack Lemmon e Carol Lynley. Comédia (cor).

15h — Canal 6 — Detetive Mixuruca (It's Only Money). Americano de Frank Tashlin, com Jerry Lewis e Joan O'Brien. Comédia (p&b).

16h — Canal 11 — Nobre Inimigo (Brave Warrior). Americano de Spencer G. Bennet, com Jon Hall e Christine Larson. Western (cor).

23h — Canal 7 — A Encruzilhada dos Destinos (Bhowani Junction). Britanico de George Cukor, com Ava Gardner e Stewart Granger. Drama (cor).

0h05m — Canal 6 — Um Punhado de Bravos (Objective, Burma!). Americano de Raoul Walsh, com Errol Flynn e William Prince. Aventura de guerra (p&b).

0h15m — Canal 4 — O Sol por Testemunha (Plein Soleil). Franco-italiano de René Clement, com Alain Delon e Marie Laforêt. Criminal (cor).

QUARTA

14h — Canal 4 — Melodia Imortal (The Eddy Duchin Story). Americano de George Sidney, com Tyrone Power e Kim Novak. Musical biográfico (cor).

15h — Canal 6 — Por Amor ou por Dinheiro. Americano de Michael Gordon, com Kirk Douglas e Mitzi Gaynor. Comédia sofisticada (cor).

16h — Canal 11 — A Vênus Moderna (The Petty Girl). Americano de Henry Levin, com Robert Cummings e Joan Caufield. Comédia (cor).

23h — Canal 7 — Criaturas Que o Mundo Esqueceu. Britanico de Don Chaffey, com Julie Ege e Brian O'Shaughnessy. Aventura na Idade da Pedra (cor).

0h15m — Canal 4 — Soborba (The Magnificent Ambersons). Americano de Orson Welles, com Joseph Cotten e Tim Holt. Drama (p&b).

QUINTA

14h — Canal 4 — Núpcias Reais. Americano de Stanley Donen, com Fred Astaire e Jane Powell, Comédia musical (cor).

15h — Canal 6 — Minha Vida, Meus Amores (The Perils of Pauline). Americano de George Marshall, com Betty Hutton e John Lund. Biografia musical (cor).

16h — Canal 11 — Hércules Contra Gengis Khan (Maciste nel Inferno di Gengis Khan). Italiano de Domenico Paolella, com Mark Forest. Aventura (cor).

21h — Canal 7 — Um Grito de Socorro. Americano de Daryl Duke (TV), com Robert Culp e Elayne Heilveil. Drama de suspense (cor).

24h — Canal 7 — A Última Caçada. Americano de Richard Brooks, com Stewart Granger e Robert Taylor. Western (cor).

0h05m — Canal 6 — Eles Beijaram a Noiva. Americano de Alexander Hall, com Joan Crawford e Melvyn Douglas. Comédia (p&b).

0h15m — Canal 4 — A Noite dos Desesperados (The Shoot Horses, don't They?). Americano de Sydney Pollack, com Jane Fonda e Michael Sarrazin. Drama (cor).

SEXTA

14h — Canal 4 — Esse Louco Me Fascina (The Might Be Giants). Americano de Anthony Harvey, com George C. Ssott e Joanne Woodward. Comédia (cor).

16h — Canal 11 — Astronauta Por Acaso (Sergeant Deadhead). Americano de Norman Taurog, com Frankie Avalon e Deborah Walley. Comédia (cor).

22h50m — Canal 4 — Modelos (Cover Girl). Americano de Charles Vidor, com Rita Hayworth e Gene Kelly. Musical (cor).

23h30m — Canal 2 — Os Vitoriosos. Britanico de Carl Foreman, com George Hamilton e George Peppard. Drama de guerra (p&b).

24h — Canal 7 — Drama na Página Um. Americano de Clifford Odets, com Rita Hayworth e Anthony Franciosa. Drama em tribunal (p&b).

0h5m — Canal 6 — Diário de Um Egoísta (Patterns). Americano de Fielder Cook, com Van Heflin e Beatrice Straight. Drama sobre executivos (p&b).

1h — Canal 4 — Umberto D. Italiano de Vittorio De Sica, com Carlo Battisti e Maria Pia Casilio. Drama (p&b).

SÁBADO

14h — Canal — Treze Cadeiras. Brasileiro de Franz Eichhorn, com Oscarito e Renata Fronzi. Comédia (p&b).

16h — Canal — Traição Heróica (The Rode West). Americano de Phil Karlson, com Robert Francis e Donna Reed. Western (cor).

20h30m — Canal 2 — A programar.

20h55m — Canal 4 — Pão, Amor e Fantasia. Italiano de Luigi Comencini, com Gina Lollobrigida e Vittorio De Sica. Comédia (p&b).

21h — Canal 7 — A Árvore da Vida (Raintree County). Americano de Edward Dmytryk, com Montgomery Clift e lEizabeth Taylor. Melodrama de época (cor).

23h — Canal 4 — Quando a Mulher Quer (Stand Un and Be Counted). Americano de Jackie Cooper, com Jacqueline Bisset e Stella Stevens. Comédia dramática (cor).

23h — Canal 7 — Deus Sabe Quanto Amei (Some Came Running). Americano de Vincente Minnelli, com Frank Sinatra e Shirley MacLaine. Drama de provincia (cor).

24h — Canal 6 — Zarak. Britanico de Terence Young, com Victor Mature e Anita Ekberg. Aventura na Índia (cor).

1h — Canal 4 — Terra Bruta (Two Rode Together). Americano de John Ford, com James Stewart e Richard Widmark.. Western (cor).

1h — Canal 7 — O Lodo Verde. Americo-japonês de Kinji Fukasaku, com Robert Horton e Luciana Paluzzi. Ficção-científica (cor).

DOMINGO

17h — Canal 7 — Maya. Americano de John Berry, com Clint Walker e Jay North. Aventura (cor).

19h30m — Canal 7 — Basta Querer Gostar (Never Mind the Quality Feel the Width). Britanico de Ronnie Baxter, com John Bluthal e Joe Lynch. Comédia (cor).

21h — Canal 11 — O Sinal Vermelho (The Red Beret). Britanico de Terence Young, com Alan Ladd e Susan Stephen. Aventura de guerra (cor).

21h50m — Canal 6 — Bandeira Negra (Giovanni dalle Bande Nere). Italiano de Sergio Grieco, com Vittorio Gassman e Anna Maria Ferrero. Melodrama de época (cor).

22h — Canal 4 — O Assassino uQe Não Queria Morrere. Americano de William Hale (TV) com Michael Connor, Samantha Eggar. Policial (cor).

24h — Canal 4 — Os Amantes de Montparnasse (Montparnasse 19). Francês de Jacques Becker, com Gerard Philipe e Anouk Aimée. Drama biográfico (p&b).

24h — Canal 7 — Bronson, o Aventureiro (Then Came Bronson). Americano de William Graham (TV), com Michael Parks e Bonnie Bedelia. Melodrama (cor).

Show

GRITE NA HORA CERTA — Texto de Paulo Carvalho. Dir. de Jorge Roberto Borges, com Nelson Caruso, Arthur Costa Filho. **Teatro João Caetano,** Pça. Tiradentes (221-0305). Às 18h e 21h15m. Ingressos a Cr$ 20,00. Até dia 18.

DIVÓRCIO, CUPIM DA SOCIEDADE — Comédia de Max Nunes e Hilton Marques. Dir. de Gracindo Júnior. Com Ari Fontoura, Lúcia Melo. **Teatro Casa Grande,** Av. Afranio de Melo Franco, 290 (227-6475). Às 18h e 21h30m. Ingressos a Cr$ 80,00 e Cr$ 50,00 estudantes.

A MORTE DO CAIXEIRO-VIAJANTE — Drama de Arthur Miller. Dir. de Flávio Rangel. Com Paulo Autran, Natália Tinberg, **Teatro Adolpho Bloch.** Rua do Russel, 804 . . . (285-1465). Às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 100,00 e Cr$ 50,00, estudantes.

SONATA SEM DÓ PARA TRÊS EXECUTANTES. — Texto de Marcílio Moraes. Dir. de José Luís Ligiero Coelho. Com Carlos A. Lopes, Amelim Fiani, Duca Rodrigues. **Teatro Experimental Cacilda Becker,** Rua do Catete, 338, acesso pela Pça. José de Alencar. (265-9933). Às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 30,00 e Cr$ 15,00. Último dia.

A CANTORA CARECA — Comédia de Ionesco. Direção de Olavo Saldanha. Com Tibério Velasquez, Expedito Barreira, **Sala Corpo/Som B do Museu de Arte Moderna,** Av. Beira-Mar, (231-1871). Às 21h30m. Ingressos a Cr$ 30,00.

SEIS PERSONAGENS À PROCURA DE UM AUTOR — Texto de Luigi Pirandello. Dir. de Paulo José. Com Dina Sfat, Luís Linhares. **Teatro Copacabana,** Av. Copacabana, 327 (257-1818 R. Teatro). Às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 80,00 e Cr$ 40,00 estudantes.

NÃO ME MALTRATE, ROBINSON — Texto de Paulo Afonso Grisolli. Dir. do autor. Com Luís Armando Queirós e Eduardo Tornaghi. **Teatro do Sesc da Tijuca,** Rua Barão de Mesquita, 539 (258-8142). Às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 30,00, estudantes e Cr$ 15,00, associados.

SODOMA E GOMORRA — O ÚLTIMO A SAIR APAGA A LUZ — Comédia de João Bethencourt. Dir. do autor. Com Milton Morais, Jorge Dória. **Teatro Mesbla,** Rua do Passeio, 42/56 (242-4880). Às 18h e 21h15m., Ingressos a Cr$ 80,00 e Cr$ 50,00, estudantes.

QUE MÃE QUE EU ARRANJEI — Vaudeville de Álvaro Perez Filho e Júlio Moreno. Dir. de Nobel Medeiros. Com Mauro Rosas, Dinorah Marzullo. **Teatro Ginástico,** Av. Graça Aranha, 187 (221-4484). Às 18h30m e às 21h. Ingressos nas vesperais a Cr$ 30,00 e Cr$ 20,00, estudantes e nas sessões noturnas a Cr$ 60,00 e Cr$ 30,00, estudantes.

FIM DE PAPO — Comédia de Sergio Cecco e Armando Chulak. Direção de Eloy Araújo. Com Arlete Sales, Mário Mendonça. **Teatro Serrador,** Rua Sen. Dantas, 13 (232-8531). Às 18h e 21h15m. Ingressos a Cr$ 70,00 e Cr$ 40,00, estudantes.

DOIS PERDIDOS NUMA NOITE SUJA — Texto de Plínio Marcos. Dir. de João das Neves. Com Juca de Oliveira e Osvaldo Loureiro. **Teatro Opinião,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). Às 18h e 21h30m. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 30,00 estudantes. (18 anos).

E'... — Texto de Millor Fernandes. Direção de Paulo José. Com Fernanda Montenegro, Fernando Torres. **Teatro Maison de France,** Av. Presidente Antonio Carlos, 58 (252-3456). Às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 100,00 e Cr$ 50,00, estudantes.

A CHAVE DAS MINAS — Tragédia-cabaré de José Vicente. Dir. de Ivan de Albuquerque. Com Ivan de Albuquerque, Rubens Correia, Eduardo Conde. **Teatro Ipanema,** Rua Prudente de Morais, 824 (247-9794). Às 18h e 21h30m. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 30,00, estudantes. Último dia.

LIÇÃO DE ANATOMIA — Texto e dir. de Carlos Mathus. Com Tony Ferreira, Regina Viana. **Teatro Gláucio Gil,** Pça. Cardeal Arcoverde (237-7003). Às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 70,00 e Cr$ 40,00 estudantes.

EXERCÍCIO — Texto de Lewis John Carlino. Dir. de Klaus Viana. Com Marília Pera e Gracindo Júnior. **Teatro Glória,** Rua do Russel, 632 (245-5527). Às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 70,00 e Cr$ 40,00, estudantes. (18 anos).

MUITO SOCÓ PARA UM SÓ SOCÓ COÇAR — Texto de Rafael de Carvalho. Direção de Luiz Mendonça. Com Rafael de Carvalho e Mary Neubauer. **Teatro do Sesc de S. João de Meriti,** Rua Tenente Manoel Alvarenga Ribeiro, 66 (756-4615). Às 20h30m. Ingressos a Cr$ 20,00, Cr$ 15,00, estudantes, e Cr$ 10,00, associados. Até dia 2 de outubro.

UM SANTO HOMEM — Drama de Oto Prado. Direção de Luiz Mendonça. Com Ilva Nino, Sônia de Paula. **Teatro Nacional de Comédia,** Av. Rio Branco, 179 (224-2356). Às 18h e 21h. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 30,00, estudantes.

NÓS OU SEM PÉ NEM CABEÇA OU ESTA COISA CHAMADA VIDA — Texto e direção de Gilvan Javarini. Com o grupo Quebra-Cabeças. **Teatro Armando Gonzaga,** Av. Gal. Cordeiro de Farias, s/n.º, Mal. Hermes. Às 21h. Ingressos a Cr$ 20,00 e Cr$ 15,00, estudantes.

ANIMAIS — Espetáculo de expressão corporal, com música de Pink Floyd. Com Dione Ferraz, Lúcio Santos, Pedro Jorge, Renato Silveira, Sandra Cazado e Valéria Mendonça. **Teatro Pedro-Jorge,** Rua Cardoso Júnior, 16, Laranjeiras. Às 19h. Ingressos a Cr$ 20,00 (18 anos).

STRIPTEASE EM ALTOMAR — Duas comédias de Mrozek Direção de Mário Teles Filho. Com Leila Cardia, Lúcia Vasconcelos. **Teatro Sub-Céu,** na **Casa do Estudante Universitário,** Av. Rui Barbosa, 762. Às 18h. Ingressos a Cr$ 30,00 e Cr$ 15,00, estudantes.

EXPOSIÇÃO — Criação coletiva de Edgar Ribeiro, orge Frauches e Ruy Sandy. Com o Grupo Ensaio de Teatro Aberto. **Aliança Francesa de Copacabana,** Rua Duvivier, 43. Às 19h. Entrada franca.

MARIA E SEUS CINCO FILHOS — Texto e direção de João Siqueira. Com o grupo Dia a Dia. **Teatro da Aliança Francesa de Copacabana,** Rua Duvivier, 43 (275-5240). Às 21h. Ingressos a Cr$ 20,00. Até dia 2 de outubro.

A INCRÍVEL HISTÓRIA DE PEDRO BACAMARTE — Comédia de Vital Paulino Filho. Dir. de Luís Mendonça. Com Tania Alves, Elba Ramalho. **Teatro Toneleros,** Rua Toneleros, 56. Às 19h e 21h15m. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 40,00, estudantes.

NO PRINCÍPIO ERA O CAOS? — Coletanea de textos de autores brasileiros e estrangeiros feita por Oscar Felipe. Com o Grupo Experimental de Campo Grande. **Teatro Armando Gonzaga,** Rua Gen. Cordeiro de Farias, s/n.º, Mal. Hermes. Às 16h.

O pintor austríaco Hundetwasser faz palestra sobre Ecologia na Pintura e na Arquitetura, **às 17h, no recinto de sua exposição que se encerra hoje no MAM. Excepcionalmente, o Museu permanecerá aberto até as 21h, e a partir de amanhã interrompe suas atividades regulares pelo período de 30 dias.**

Aonde levar as crianças

TEATRO

O JARDIM DAS BORBOLETAS — Texto e direção André José Adler. Com Ligia Diniz, Duse Naccarati. Às 16h. **Teatro Tereza Raquel,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Ingressos a Cr$ 30,00.

TATÁ, UM TAMANDUÁ APAIXONADO — Texto Oscar Von Pfuhl. Direção Eugênio Gul. Com o grupo Os Casulos. Às 16h. **Teatro Dulcina,** Rua Alcindo Guanabara, 17 (232-5817). Ingressos a Cr$ 20,00 e Cr$ 15,00, promoção.

TRIBOBÓ CITY — Comédia musical de Maria Clara Machado. Direção de Carlos Wilson Silveira. Às 16h. **Teatro da Galeria,** Rua Senador Vergueiro, 93. Ingressos a Cr$ 30,00.

ANDAR SEM PARAR DE TRANSFORMAR — Texto Maria Luiza Lacerda. Direção Ricardo Howat. Com o grupo Beta, Chapéu. Às 16h. **Gurilandia Clube Infantil,** Rua S. Clemente, 408. Ingressos a Cr$ 20,00 e Cr$ 10,00 sócios.

ZE' CAPIM — Texto e direção de Ricardo Mack Filgueiras. Com o grupo O Ponto. Às 16h. **Teatro Nacional de Comédia,** Av. Rio Branco, 179. Ingressos a Cr$ 20,00.

O CIRCO — Texto e direção de Hugo Sandes. Às 16h. **Teatro da Praia,** Rua Francisco Sá, 88. Ingressos a Cr$ 30,00 e Cr$ 15,00, crianças.

TERRA RONCA — Texto e dir. Maria de Lourdes Martini. Dir. Musical Batriz Eedram. Com o Grupo Quintal. Às 16h. **Teatro Quintal,** Rua General Rondon, 15 — (711-3595) Niterói. Ingressos a Cr$ 20,00.

A MARIPOSA — Texto de Marilda Kobachuk. Dir. de Manoel Kobachuk. Com o Grupo Carreta. Às 17h. **Aliança Francesa da Tijuca,** Rua Andrada Neves, 315. Ingressos a Cr$ 25,00. Último dia.

A VERDADEIRA HISTÓRIA DE CHAPEUZINHO VERMELHO — Texto e direção Jocemir Carneiro. Com o grupo Disneylandia. Às 17h. **Teatro da Gávea,** Rua Marquês de São Vicente, 52/ 4.º. Ingressos a Cr$ 30,00 e Cr$ 20,00, promoção. Até dia 25.

A PRINCESINHA MIMADA E O DRAGÃO MALVADO — Musical com texto e direção de Lauro Gomes. Com o grupo Etcétera e Tal... Às 15h30m. **Teatro Glória,** Rua do Rússel, 682 (245-5533). Ingressos a Cr$ 30,00.

A GAIOLA DE AVATSIU — Criação coletiva do Grupo Hombu. Às 16h. **Teatro Cacilda Becker.** Rua do Catete, 388 acesso pela Praça José de Alencar. (265-9933). Ingressos a Cr$ 20,00.

33 OU JOGO DO ACASO — Texto de Marcos Ribas. Bonecos de Raquel Ribas. Com o Grupo Contadores de Histórias. Às 16h. **Escola de Artes Visuais, Parque Lage,** Rua Jardim Botanico, 414. Ingressos a Cr$ 25,00.

PAPAGAIOS, ARRAIAS E PIPAS — Texto Luzia Mariana, Direção Simone Hoffman. Com o grupo Opinião. Às 16h. **Teatro Opinião,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). Ingressos a Cr$ 25,00.

SHOW DE VARIEDADES — Das 10h às 18h, apresentação da Bandinha de Bichos, **show** de palhaços, passeio de buguinho, teatro de marionetes com a peça **Cantinho Feliz,** exposição dos bonecos mecanizados de Antônio de Oliveira, além da peça **Era uma vez um Mundo. Pão de Açúcar,** Avenida Pasteur, 520 (226-0768). Ingressos a Cr$ 17,00 para crianças maiores de três e até 10 anos e Cr$ 34,00, para adultos.

OS SALTIMBANCOS — Musical baseado no conto **Os Músicos do Bremem,** dos Irmãos Grimm. Adaptação brasileira de Chico Buarque de Holanda. Dir. de Antônio Pedro. Com Grande Otelo, Marieta Severo, Miúcha, Pedro Paulo Rangel e coro infantil. **Canecão.** Av. Wenceslau Brás, 215 (226-4149, 266-4096, 286-9343). Às 14h30m. Ingressos a Cr$ 60,00 e Cr$ 40,00, crianças até 14 anos. Aberto uma hora antes com serviço de lanche.

JUJUBA, TRINGUELIM E A MONTANHA LILÁS — Texto Hélio Asp e Elza de Andrade. Às 17h. **Teatro Opinião,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-2119). Ingressos a Cr$ 20,00.

FLICTS — Texto de Ziraldo e Aderbal Jr. Direção de José Roberto Mendes. Às 16h. **Teatro Glaucio Gill,** Pça. Cardeal Arcoverde (237-7003). Ingressos a Cr$ 20,00.

CANTARIM DE CANTARA' — Musical de Sylvia Orlof Com o grupo Casa de Ensaios. Às 17h. **Sala Corpo Som A, do Museu de Arte Moderna,** Av. Beira-Mar, (231-1871) Ingressos a Cr$ 10,00. Até dia 18.

A ONÇA E O BODE — Texto Cleber Ribeiro Fernandes. Direção Maria Lina. Com o grupo Serrote: Às 16h. **Teatro Leopoldo Fróes,** Rua Manoel de Abreu, 16, Niterói. Ingressos a Cr$ 15,00 e Cr$ 10,00, crianças. Até dia 25.

O PEQUENO PRÍNCIPE — Texto Saint-Exupéry. Com o grupo Solus do Teatro Estudantil do Colégio de Aplicação Luso-Carioca. Às 15h30m. **Teatro do Sesc de São João de Meriti.** Rua Tenente Manoel Alvarenga Ribeiro, 66. Ingressos a Cr$ 15,00, Cr$ 10,00, promoção e Cr$ 5,00 associados. Até dia 2 de outubro.

BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES — Prod. Roberto de Castro. Com o grupo Carrossel. Às 17h. **Teatro de Bolso,** Av. Ataulfo de Paiva, 269 (227-6014). Ingressos a Cr$ 30,00.

A BELA ADORMECIDA NO BOSQUE — Texto Jair Pinheiro. Direção Dino Romano. Às 16h. **Teatro de Bolso,** Av. Ataulfo de Paiva, 269 (287-0871). Ingressos a Cr$ 30,00.

SIM SOM SONHO — Peça de Hector Grillo. **TEATRO DE MAMULENGO** — De Pedro e Rocha. **LENDA DA PEDRA DE FOGO** — Com o grupo Teatro Camara. Às 9h. **Pça. Saiqui,** Vila Valqueire. Entrada franca.

DE CONTO EM CONTO — Com o grupo Asfalto. **CÓCEGAS** — Com os Irmãos Flagelo. **CIRCO DO BIG JONES** Às 14h. **Pça. Edmundo de Bittencourt,** Copacabana. Entrada franca.

OS TRÊS PORQUINHOS — Texto e direção de Jair Pinheiro. Às 16h. **Teatro Tereza Raquel,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Ingressos a Cr$ 25,00.

OS CIGARRAS E OS FORMIGAS — Texto de Maria Clara Machado. Direção Wolf Maia. Às 16h. **Teatro Casa Grande,** Av. Afranio Melo Franco (227-6574). Ingressos a Cr$ 10,00. Patrocinio do SNT.

SOLDADINHO DE CHUMBO — Texto Sueli Poggio. Direção Rogério Frés. Com o grupo Vira e Mexe. Às 16h. **Grajaú Tênis Clube,** Rua Engenheiro Richard, 83 Ingressos a Cr$ 25,00.

OZ — Adaptação livre de **O Mágico de Oz** e direção de Alexandre Marques. Às 16h. **Teatro Brigitte Blair,** Rua Miguel Lemos, 51 (236-6343). Ingressos a Cr$ 20,00.

A FORMIGA FOFOQUEIRA — Texto de Carlos Nobre. Dir. de André Prévot. Às 18h. **Teatro Brigitte Blair,** Rua Miguel Lemos, 51 (236-6353). Ingressos a Cr$ 20,00.

PUTZ, A MENINA QUE BUSCAVA O SOL — Texto Maria Helena Kuhner. Direção João Carlos Barroso. Às 17h. **Teatro Toneleros,** Rua Toneleros, 56. (236-6223). Ingressos a Cr$ 25,00.

A REVOLTA DOS BRINQUEDOS — Texto Pernambuco de Oliveira e Pedro Veiga. Direção Carlos Imperial. Às 17h. **Teatro Brigitte Blair,** Rua Miguel Lemos, 51 (236-6343). Ingressos a Cr$ 20,00.

PLANETÁRIO

URAN, O VIAJANTE DO ESPAÇO — Programação didática especialmente para crianças. Às 16h, 17h30 e 19h. **Planetário,** Rua Pe. Leonel França, s/n.º, Gávea. Entrada franca. Último dia.

DANÇA

TARDE JOVEM — Espetáculo infanto-juvenil do Balé Lilá Santana, com números clássicos, de **jazz** e sapateado. **Teatro da Escola do Jóquei Clube Brasileiro,** Rua Bartolomeu Mitre, 1110. Sáb. e dom., às 17h. Ingressos na Rua dos Oitis, 20, Gávea. Último dia.

Teatro

TEATRO

TIM MAIA — **Show** do cantor e compositor com a participação da banda Vitória Régia. **Teatro do Instituto de Educação,** Rua Mariz e Barros, 273, Tijuca. Às 21h. Ingressos a Cr$ 40,00 e Cr$ 20,00, estudantes.

ORÓS — **Show** do cantor e compositor Fagner acompanhado de Robertinho de Recife (guitarra, violas e sitar), Amelinha (vocal), Nivaldo Ornellas (sax e flauta), Paulinho Braga (bateria), Ricardo Bezerra, piano acústico e elétrico), Ife (contrabaixo elétrico), Chico Batera (percussão). **Teatro Teresa Raquel,** Rua Siqueira Campos, 143 (235-1113). Às 21h. Ingressos a Cr$ 60,00. Até dia 18.

TARANCÓN — Apresentação de música latino-americana com o grupo formado por Marli (ritmo), Miriam (violão), Emilio (flauta), Valter (violão), Alice (piano) e Jair (ritmo). **Ginásio da PUC,** Rua Marques de S. Vicente, 209. Às 20h. Ingressos a Cr$ 30,00.

CANTO DAS TRÊS RAÇAS — **Show** da cantora Clara Nunes, com acompanhamento da orquestra. Texto de Paulo César Pinheiro. Direção de Arlindo Rodrigues, **Teatro Clara Nunes,** Rua Marquês de São Vicente, 52 — 3º andar (274-9696). Às 20h. Ingressos a Cr$ 80,00 e Cr$ 50,00 (estudantes). Último dia.

ALTA ROTATIVIDADE — **Show** humorístico com Rogéria e Agildo Ribeiro. Participação de Luis Pimentel, Maria Odete e o conjunto Somterapia. Texto de Max Nunes e Haroldo Barbosa. Dir. de Agildo Ribeiro. **Teatro Princesa Isabel,** Av. Princesa Isabel, 186 (275-3346). Às 18h e 21h 30m. Ingressos (1a. sessão) a Cr$ 80,00 e Cr$ 50,00 estudantes e (2a. sessão) a Cr$ 80,00.

AÍ... QUINTO — **Show** do humorista Chico Anísio, acompanhado do conjunto Tempo Sete. **Teatro da Lagoa,** Av. Borges de Medeiros, 1 426 (274-7999) e (274-7748). Às 21h. Ingressos a Cr$ 80,00 e Cr$ 50,00, estudantes.

AS MIL FACES DE UM CARA-DE-PAU — Texto de José Sampaio e Faya Guzzardi. Com Costinha. Participação de Lauretti Guzzardi. **Teatro Carlos Gomes,** Praça Tiradentes (222-7581). Às 18h e 21h15m. Ingressos a Cr$ 60,00.

DANÇA

SAPATEATRO — Espetáculo de dança e pantomima com um grupo de 11 dançarinos liderados pelo bailarino e coreógrafo Zdenek Hampl. **Museu de Arte Moderna,** Av. Beira-Mar (21-1871). Às 21h. Ingressos a Cr$ 40,00.

LOGOMANIA

Luiz Carlos Bravo

M	A	R
O	U	
S		
T	I	L

PROBLEMA N.º 824
Encontradas 68 palavras:
27 de 4 letras;
21 de 5;
13 de 6; 6 de 7;
e 1 de 9.

PALAVRAS DO N.º 823:
apara, apta, arara, ária, arraia, iara, para, parasita, PARASITÁRIA, pária, parra, pasta, pata, pátria, pirata, pirataria, praia, prata, prataria, raia, rapa, rara, raspa, rata, saia, saira, sapa, sapata, sapataria, sátrapa, satrapia, taipa, tapa, tara, tiara, traira.

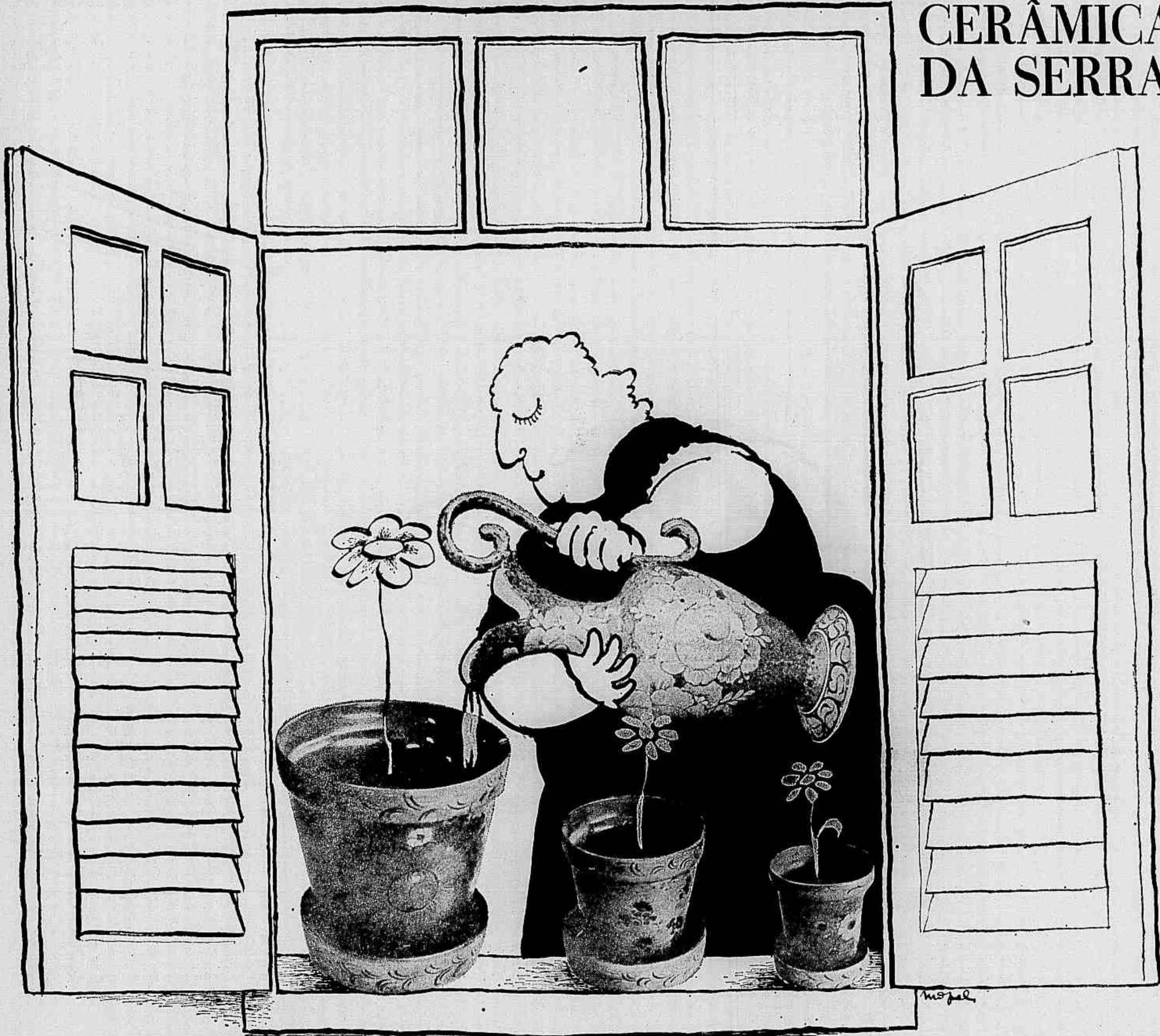
GARRAS e DENTES
UM FILME PARA TODOS!
HOJE
2-4-6-8-10 hs.
PAISSANDU
AMANHÃ
LIVRE

CASA

CERÂMICA DA SERRA

COM PACIÊNCIA, HÁ O QUE COMPRAR

As tradicionais cerâmicas de Itaipava resistem à invasão dos plásticos e à alta da gasolina: o mercado consumidor continua fiel. Em cada ponto de venda, há uma grande variedade de peças, desde uma simples xicara para café até um sofisticado abajour com pé e cúpula de tweed rústico. Os preços também variam, numa escala de Cr$ 12 a Cr$ 800. Basta seguir o roteiro indicado — Estrada União e Indústria — para encontrar as melhores opções em cerâmica, em plantas, e, de quebra, algumas lojas que servem doces portugueses e simpáticos pastéis.

As flores do desenho estão plantadas em vasos pintados com técnica de decapê (Nova Cerâmica / de Cr$ 15 a Cr$ 45) e como regador é utilizado o jarro que faz conjunto com bacia, em novo estilo romântico de florões (Castro / Cr$ 380)

AS expedições à Itaipava para as compras de ceramicas têm um roteiro muito simples. Comece a prestar atenção ao lado direito da estrada, logo depois do trevo de Itaipava. Pela ordem, estas são as principais lojas, com as melhores escolhas:

• *A Nova Ceramica* — Nem sempre a primeira parada é a mais propicia, dizem as grandes compradoras e pechincheiras. Neste caso, porém, não há restrições. Esta pequena loja, com fabricação própria e representação de outros locais, oferece ótimos preços em miudezas, e mais alguns artigos em madeira com azulejos, também tipicos da região. Xicaras para café com leite, cada uma por Cr$ 21; bules para café, por Cr$ 25; manteguelras, por Cr$ 18; sopeiras ou molheiras, por Cr$ 50; porta-caixas de fósforos, por Cr$ 15; em ceramica tratada com pintura em decapê, uma variedade de vasos em três tamanhos, por Cr$ 15 até Cr$ 45; nas bandejas com azulejos, muitas opções de tamanho e preços: as menores, com azulejo pequeno, para servir água ou um cafezinho custam Cr$ 29; se o azulejo é grande, Cr$ 32. (Estrada União Indústria, 9 100).

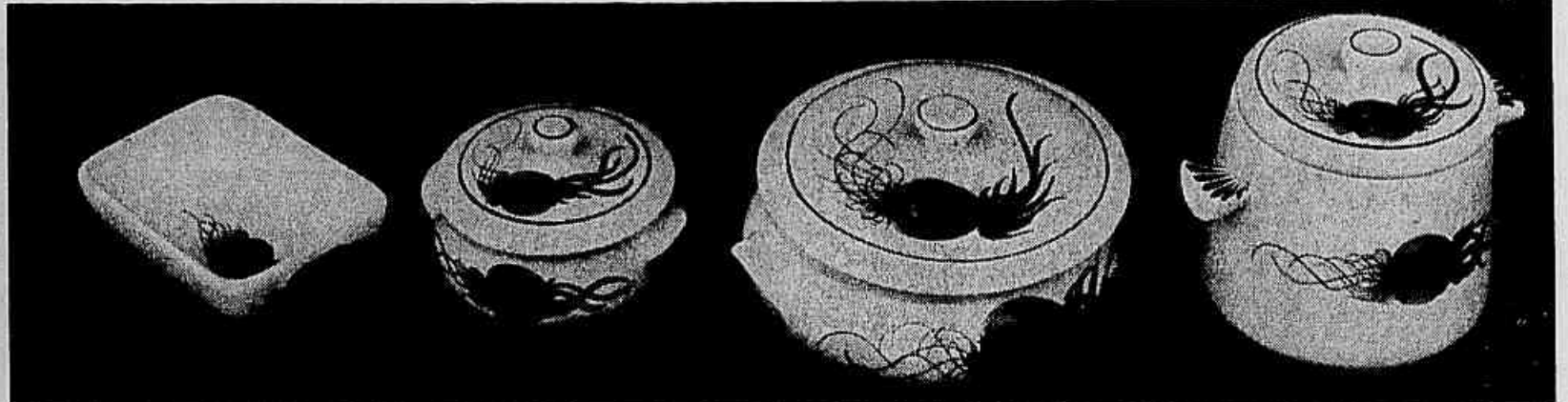
• *Gigi* — Ótimo ponto para quem levou cartão de crédito ou um talão de cheques com muitos fundos: na Gigi, paga-se um justo preço por toda a sofisticação e bom gosto expostos junto aos móveis de madeira envelhecida ou junco. A fábrica é em Araruama. Recomendamos a visita, mesmo que as compras não possam ser imediatas pelos preços mais altos. Conjuntos para servir cafezinho, Cr 480 (com seis xicaras); pratos avulsos, com as bordas imitando bambu e desenho facetado, Cr$ 80; de sobremesa, Cr$ 75. As bases para abajur são lindas. Como exemplo, a peça que é ao mesmo tempo base e recipiente para plantas, em ceramica branca, por Cr$ 670; ou tipos menores, como os dragões, cabeças de cavalo, desde Cr$ 310; os jarros grandes custam Cr$ 690. (Estrada União Indústria, 10 510).

• *Luiz Salvador* — Maioria de peças grandes, desde os jarros para base de abajur, por Cr$ 290 ou Cr$ 450, até estátuas de Branca-de-Neve e os Sete Anões (média de Cr$ 530 por figura) para enfeitar jardins. Preferimos as telhas coloniais por Cr$ 395 o par e as peças que ficam na ala da remarcação, no lado esquerdo do conjunto. Ali, os preços são estes: sopeiras grandes, lisas, por Cr$ 70; pratos em forma de folha, Cr$ 12 os pequenos e Cr$ 25 os grandes.

• *Ceramica do Moinho* — A mais artesanal e artistica do grupo que ladeia a estrada. Com novo salão de mostruário, parece estar com a linha de produção definida em direção a grandes vasos, pratos decorativos para parede e bases para abajur. A entrada para esta ceramica é escondida, preste atenção à placa indicativa. Depois das compras de vasos, dê uma olhada nas plantinhas à venda ao lado da casa, a maioria florida nesta época. Jarrões de barro natural, desde Cr$ 400; abajur completo, com pé e cúpula em tecido *tweed* rústico, Cr$ 800 (só a base custa Cr$ 500); pratos grandes para parede, Cr$ 400; saladeiras redondas, de Cr$ 25 a Cr$ 70, conforme os tamanhos. (Estrada União e Indústria, quilômetro 71).

Não vale a pena ir até Pedro do Rio, pelo menos para compras ou almoço. Volte no primeiro retorno e encontre a:

• *Castro Decorações* — na beira da estrada, quase debaixo dos caminhões e carretas, outro ex-fabricante, agora bom representante. A vantagem desta mudança de esquema é a seleção mais apurada das peasç. Lampeões com instalação pronta, pequenos, por Cr$ 195, grandes, por Cr$ 260; sopeiras desde Cr$ 180; aparelhos completos, com seis xicaras, dois bules, açucareiro e manteigueira, por Cr$ 290. (Estrada União e Indústria, 14 181).

Jarros em estilo chinês (Luiz Salvador / Cr$ 1 117 e Cr$ 975)

Travessas e panelinhas refratérias para sopa, soufflé, feijoada (Santa Etienne / de Cr$ 24 a Cr$ 38)

Queijeira (Cr$ 68); prato para pudim (Cr$ 45) e para bolo (Cr$ 40) (Imperial)

Abajur completo (Cr$ 800); prato de parede (Cr$ 400) e passarinhos (de Cr$ 14 a Cr$ 80) (Cerâmica do Moinho)

Bases para abajur (Gigi / desde Cr$ 310)

PECHINCHA

ENTRE NO JOGO E PAGUE MENOS. O GOVERNO GARANTE.

Susana Schild

Pechincha — O ótimo, diz G. Viana, Apost., II, 250, é desconhecido a não ser que se suponha relacionado o vocábulo com **pequeno**, pronunciado nos Açores com uma articulação que para ouvidos inexpertos faz que soe quase como **pitchencho**. A ser fundamentada essa hipótese, o **ch** de **pechincha** teria sido, em Portugal, imitação imperfeita da pronúncia açoriana. Figueiredo entende que talvez esteja por **pichincha**, de **pichincho**.

(Do **Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa** por Antenor Nascentes — 1932).

A tarefa tinha gosto de causa perdida. Sair pelas lojas pechinchando e me antecipar, assim, à campanha que será divulgada pelo Governo a partir de 3 de outubro. Segundo informou no final do mês o chefe da Assessoria de Relações Públicas da Presidência da República, essa campanha teria como objetivo corrigir hábitos do consumidor, e o Coronel Toledo Camargo considera a pechincha arma poderosa. Dúvida terrível pairava no meu espírito: como é que se pechincha? As tímidas investidas neste setor não ultrapassavam a quantia de Cr$ 0,50 ou Cr$ 1,00, na feira, para facilitar o troco. Sem dúvida, pechinchar é tarefa mais fácil do que seria no tempo de **Diga não à Inflação**. E sendo assim, repórter sai às ruas disfarçada de consumidora disposta a economizar.

A esquina da Rua Hilário de Gouveia com a Av. Copacabana parecia um bom ponto de partida. Nas vitrinas da loja Zacharias, manequins me lançavam olhares suspeitos, vestindo as novidades da próxima estação. Entro como quem não quer nada, passo os olhos por um cabideiro de saias. Vendedora solicita indaga:

— Quer ver alguma coisa?

— Hum, essa aqui, quanto é?

— Bonita, não acha? Custa Cr$ 580,00.

— Caro... (olhar de espanto).

— E'... (sorriso amarelo)

— Dá para fazer um desconto? (sorriso amarelo)

— Bom, sempre dá para fazer um agradinho. Experimente que vou ver o que é possível.

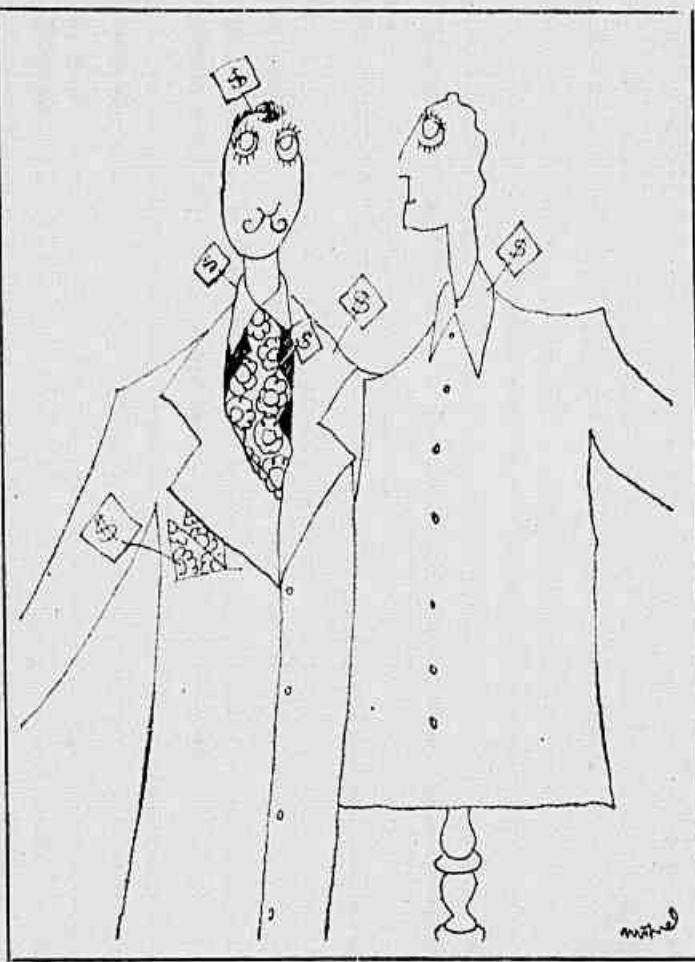
A farsa tinha que ser levada até o fim. Enquanto visto a saia, a vendedora espreita pela cortina e diz que pode fazer por Cr$ 540,00. Mas a saia não caiu bem, obrigada de qualquer jeito, volto outro dia.

Nada melhor do que começar bem. A loja ao lado, Só Calças, poderia ser a próxima vítima. O método anterior se repetiu, mas desta vez o vendedor foi mais decidido: "Sabe, freguesa, esta calça já tem um preço especial, custa só Cr$ 315,00. Em qualquer loja vai encontrar a mesma calça por uns Cr$ 350,00. Olhe, se for para ser gentil, dá para fazer por Cr$ 310. Experimente, sei que vai gostar".

Na árdua tarefa de experimentar uma calça num cubículo mínimo, o vendedor anuncia com ar vitorioso: "Falei com o gerente, e ele deixou por Cr$ 300,00."

Dois a zero, sem muito esforço, é estimulante. Pechinchar não estava sendo, afinal de contas, um bicho-de-sete-cabeças. Nova sondagem na loja de presente Dynis (Av. Copacabana 504-F) representa uma economia de Cr$ 5,00: um porta-retrato de Cr$ 95,00 poderia ser vendido por Cr$ 90,00.

O Centro Comercial de Copacabana tem ar de campo fértil para tais experiências. Mas lá, a repórter conheceu os primeiros revezes. Na loja Lugar Público (nº 332), por exemplo, argumentos dos mais convincentes não fizeram a dona da loja dar nem Cr$ 5,00 de abatimento em uma blusa de Cr$ 95,00. Pior aconteceu no Mercado da Palha (nº 310): nada demoveu o dono da filosofia de não dar descontos, nem a tentativa de fazê-lo colaborar com a próxima campanha governamental. Pelo contrário, provocou até uma certa indignação:

— O Governo é que devia colaborar com a gente, retendo a inflação. Um dia a gente compra a mercadoria por um preço e no dia seguinte já está mais caro, e dessa forma como é que a gente pode dar desconto?

Diante de tanta rigidez, nem tudo foi perdido: duas sacolas, a Cr$ 38,00 cada, acabaram por Cr$ 75,00.

Mas pode-se dizer que o saldo foi positivo: lá, no Centro Comercial, dois anéis, a Cr$ 35,00 cada (Bijouterias e Armarinhos Flores Ltda) saíram por Cr$ 60,00, uma carteira de Cr$ 120,00 (Pião) ficou por Cr$ 115,00 apesar da vendedora jurar que já era um preço especial e que abatia Cr$ 5,00 só para garantir a freguesa. Uma blusa de Cr$ 132,00 passou facilmente para Cr$ 125,00 na Sapeka, enquanto uma coruja de madeira de Cr$ 110,00 foi levada por Cr$ 100,00 na Mito Jóias e Souvenirs.

ATÉ então, foi fácil constatar que a maioria das lojas, mesmo sem liquidação, afirma que seus preços são especiais, são de fábrica, enquanto para outras lojas, o desconto já representa uma filosofia de vendas, e são conseguidos sem esforço: só não recebe quem não pede. São poucos os vendedores que têm autonomia para dar o desconto, embora alguns o façam sem consultar o gerente ou o dono. Nas numerosas lojas Di Marcello, por exemplo, as vendedoras afirmavam que não era possível dar abatimento sem falar com o gerente, que nunca estava. Outra coisa: o desconto, nessas investidas, ou era facilmente obtido, ou então, nada feito. Chorar, pedir, contar histórias, não adianta. Tudo parecia já depender do **marketing** do vendedor.

A Casa Gebara, na Av. Copacabana, 583 loja B foi a última tentativa em Copacabana. Num balcão no meio da loja escolho uma popelina por Cr$ 29,80 o metro. Vendedora corta, e ouve a pergunta: "Dá para fazer um desconto?" Não nesse corte que já era "preço especial", mas em outro, é possível, que mais a freguesa gostaria de levar? Escolho um **voil** de Cr$ 54,00 o metro, e para surpresa compro este pano por Cr$ 40,00 o metro.

O território seguinte (e último) a ser sondado seria a Rua da Alfandega, tida como **canja** pela freguesa que a esta altura já se considerava uma **pechinchadora** tarimbada. Doce ilusão. Enquanto em Copacabana os vendedores bem comportados aguardam os fregueses atrás de balcões, lá você é quase puxado para dentro das lojas: "Entre freguesinha, tá tudo num preço bom", "pode entrar e olhar, sem compromisso". Na maioria das lojas, está quase tudo em balcões na beira da porta, onde papelões anunciam sempre preços especiais. Por isso, os descontos são mais difíceis de conseguir em cenários que misturam bandeirolas verde e amarelas e cartazes de São Cosme e Damião como matéria promocional.

Depois de muito esforço, uma blusa de Cr$ 94,50 no Magazem Rony (Alfandega, 231) fica por Cr$ 93,00; uma bolsa de Cr$ 19,90 na loja Bolsas Arpoador (nº 200) é levada por esse preço mesmo; três panos de prato a Cr$ 8,00 cada na Casa Simões (nº 240) não admitem diálogo e são comprados por Cr$ 24,00. Na Belinco (n.º 238), o seu Adib explica por que não gosta de dar descontos: trabalha no ramo há 50 anos e nunca as coisas estiveram tão difíceis e tão caras. Soube que daqui a pouco vai estar todo mundo pedindo abatimento influenciado pelo Governo e já tem opinião a respeito:

— Isso é uma brincadeira, um esporte, não pode ser levado a sério. Imagine se pechincar vai resolver alguma coisa?

Na sua loja, tanta conversa afinal não foi em vão: um chocalho de Cr$ 19,90 ficou por Cr$ 19,00.

Na Feres Sauma (Alfandega 253) o vendedor não conseguia se definir: fez várias contas para saber o que era mais vantajoso: arredondar o preço de uma toalha de banho de Cr$ 83,50 ou o de uma de rosto por Cr$ 35,90 já que a freguesa não aceitou o desconto inicial de Cr$ 0,90. Acabou optando por arredondar para Cr$ 80,00 a toalha de banho, e as duas saíram por Cr$ 115,90. Já na Gabriel Habib (Alfandega 297) foi fácil: várias miudezas no total de Cr$ 105,00 tiveram um desconto razoável e ficaram por Cr$ 90,00. Em compensação, o vendedor da carrocinha de bala na Praça da República não perdoou: não quis dar nenhum abatimento em chicletes de Cr$ 3,00.

RESULTADO DE UM DIA DE PECHINCHAS

	de	por	
Saia	de Cr$ 580,00	por Cr$ 540,00	(Zacharias)
Calça	de Cr$ 315,00	por Cr$ 300,00	(Só Calças)
Porta-retrato	de Cr$ 95,00	por Cr$ 90,00	(Dynis)
Bolsas	de Cr$ 76,00	por Cr$ 75,00	(Mercado da Palha)
Anéis	de Cr$ 70,00	por Cr$ 60,00	(Bijouterias e Armarinho Flores)
Carteira	de Cr$ 120,00	por Cr$ 115,00	(Pião)
Blusa	de Cr$ 132,00	por Cr$ 125,00	(Sapeka)
Coruja	de Cr$ 110,00	por Cr$ 100,00	(Mito Jóias e Souvenirs)
Pano	de Cr$ 54,00	por Cr$ 40,00	(Gebara)
Blusa	de Cr$ 94,50	por Cr$ 93,00	(Magazem Rony)
Chocalho	de Cr$ 19,90	por Cr$ 19,00	(Belinco)
Toalhas	de Cr$ 119,40	por Cr$ 115,90	(Feres Sauma)
Miudezas	de Cr$ 105,00	por Cr$ 90,00	(Gabriel Habib)
Totais	de Cr$ 1 890,00	por Cr$ 1 762,90	

AS VELAS DA FANTASIA

ARTESÃO GAÚCHO PLASMA EM CERA E PARAFINA OS FRUTOS DE SUA IMAGINAÇÃO

O anjinho de cera está preparado para apagar a vela, pois sabe que se ela ficar acesa, ele também pode derreter-se

PORTO ALEGRE — Uma das principais curiosidades da Feira Nacional de Artes de Gramado são as esculturas de Henrique Lochman, alemão de nascimento, mas, como ele diz: "Mais brasileiro que qualquer um, porque moro aqui há 40 anos". A particularidade de sua obra é que é talhada em cera e parafina — são velas artísticas. O arremate final, as cores, é dado por Dona Dália, sua mulher.

Ela é uma cearense de Fortaleza, morena e bonita — e já avó. Ele é um alemão que fala um português escorreito, mas com sotaque germânico, tem cabelos brancos e muitas histórias curiosas para contar, nos seus bem-humorados 65 anos. Das mãos do casal, criativas e habilidosas, nascem diariamente os únicos exemplares de velas artísticas confeccionadas no país.

Antes de iniciar esse artesanato em parafina e cera de abelha, há 25 anos, o Sr Lochman fora técnico de tecelagem, explorador da floresta amazônica, artesão de palha de carnaúba, professor de órfãos, consertador de órgãos e administrador de uma chácara. "Não houve o que eu não fizesse neste país, de ponta a ponta, para onde vim atraído pelas histórias sobre as maravilhosas amazonas que ouvi na infancia".

Ele diz que, se quisesse, já poderia ter parado de trabalhar, pois o dinheiro que recebe de sua aposentadoria é suficiente para o sustento. "Mas aposentadoria não dá vida a ninguém. Tenho tantas idéias para pôr em prática, que, meu Deus, minha vida ainda tem de ser muito longa", diz.

Cada vela é uma pequena obra de arte, imaginada e executada com carinho pelo artesão

Trabalhando nos fundos do quintal de uma casa na Rua Botafogo ("não vão chamar de oficina"), num galpão de tábuas rústicas, iluminação precária e chão de tijolos, eles dizem imaginar os novos modelos de velas no silêncio da noite, de madrugada. Depois, tem início a labuta para realizar exatamente o concebido, o que leva às vezes até uma semana. "Muitas vezes, mesmo depois de uma semana, ainda não consegui o efeito desejado. Aí atiro a vela no balde e só volto a tentar depois de alguns meses".

No catálogo, há cerca de 200 modelos diferentes de velas artísticas. Muitas delas, é verdade, já são fabricadas há alguns anos, porque o tempo é escasso para o grande número de encomendas que o casal recebe mensalmente. O artesão fala com carinho de suas criações, e observa que cada uma delas tem um nome próprio. Assim, por exemplo, não há quem resista à Chorona, uma vela feita de diversas camadas, em cores diferentes, e que chora de minuto a minuto uma nova cor.

Pacientemente, Dona Dália vai pintando as velas criadas pelo marido, e diz que tem suas preferências. "Adoro pintar as flores do buquê do Arranjo. Já as da Jardineira não gosto muito, não. São muito pequenininhas". O senso de humor do Sr Lochman também se manifesta nas criações: é muito engraçada uma vela feita com a ajuda de uma lampada comum. "Se faltar luz, não se preocupem", ele diz. "Acendam a lampada, mas não queiram 60 velas numa só".

Uma das queixas do artesão é que as pessoas que compram as velas não as queimam. Os anjinhos, papais-noéis, árvores-de-natal e corujas acabam invariavelmente tornando-se objetos de adornos nas casas dos compradores. Na Europa, ele diz, e mesmo nos Estados Unidos, não há isso: todos acendem as velas, por mais bonitas que sejam.

Ele acredita ser o único artesão de parafina e cera no Brasil. Também diz que, na Alemanha, é muito comum as famílias se dedicarem a essa atividade. "Aqui, já tentei várias vezes difundir a minha arte, inclusive abrindo cursos. Muitas senhoras já aprenderam o ofício, se empolgaram no início, mas depois acabaram largando, porque é algo que exige muita paciência".

Na tradição do Natal, bons motivos para a escultura em cera

LIMÃO

O QUE É, DE ONDE VEIO, UTILIDADES PRÁTICAS E PRECAUÇÕES NO USO

O LADO ENCICLOPÉDICO

Botanicos e historiadores ainda não chegaram a uma conclusão final sobre as origens do limão. Na Enciclopédia Britanica *temos a informação de que os gregos e romanos antigos não sabiam da sua existência, e só a partir do ano 1000 A.D. o cultivo foi introduzido na Espanha e no Norte da Africa. Em compensação, o antropólogo Lloyd Cabot Briggs afirma que Aristófanes, Teofrasto, Antifanes e Virgilio já escreviam sobre limões e limoeiros muito antes da época lida na* Britanica. *Nos tempos de Trajano (em torno dos séculos 1 e 2) importavam-se limões da Libia; eram raros e caros na Roma antiga, mas o cultivo só foi abandonado de vez, quando o Império entrou em decadência. De qualquer maneira, por algum canto do mundo, um belo dia, o limão nasceu de forma hibrida entre laranjas ácidas e limas; foi introduzido na Europa ou na Africa e continua sendo uma planta hibrida, porque a reprodução é feita por galhos, não por sementes. E sabe-se, afinal, que seus habitats favoritos são os litorais pouco chuvosos, como a região da Sicilia e a Califórnia do Sul.*

USOS EXÓTICOS E APLICAÇÕES ROTINEIRAS

Se o lado histório permanece misterioso, as donas-de-casa pouco se importam com isto: elas querem é encontrar seus limõezinhos à venda nos mercados e feiras, bonitos e a bom preço. Aqui no Brasil, não existem multas variedades, poucas vezes se vêem os exemplares amarelinhos, quase do tamanho de laranjas, tão comuns na Europa. A variação encontrada por aqui, é mais devida aos tamanhos, quantidades e suco, casca mais fina ou mais grossa — mas o sabor é basicamente o mesmo, ácido e marcante.

Na India existe o costume de se conservarem os limões em óleo de mostarda para temperos exóticos, enquanto no Marrocos são servidos salgados, e exalam um perfume forte. Foi um dos primeiros ingredientes a dar sabor aos refrigerantes à base de soda, por volta de 1840, e ainda ocupa o quarto lugar na preferência dos consumidores de sorvetes de frutas (depois dos sabores de laranja, abacaxi e lima) nos Estados Unidos. No mundo inteiro, uma das sobremesas da moda é o **soufflé** de limão.

Nos Estados Unidos utilizam-se as flores do limoeiro como decoração flutuante nas sopas de cebolas, mas o tradicional uso da casca ralada está diminuindo, porque as donas-de-casa descobriram que o belo tom dourado da casca é conseguido através de exposição a produtos quimicos de efeitos duvidosos à saúde.

TRUQUES E ARTIMANHAS À BASE DE LIMÃO

Uma vez dentro de casa, o limão é útil como ingrediente culinário, ajuda na limpeza doméstica e é fundamental em tratamento caseiros de beleza. Estas são algumas de suas **funções:**

1. **Acompanhante dos frutos do mar:** E' indispessável para cortar o sabor de maresia dos camarões, realçar o gosto dos peixes em geral. Torna suportável a ingestão de ostras (sim, porque, normalmente, os aficionados das ostras, antes de escorregá-las goela abaixo, inundam-nas de suco de limão).
2. **Lavanda** — Em jantares cerimoniosos, algumas gotas de suco em água morna ajudam a perfumar os dedos dos comensais depois de refeições em que as mãos entraram em contato direto com frutas e comidas oleosas. Isto é, não se usaram talheres, e é preciso mergulhar os dedinhos em tigelinhas individuais cheias de limonada sem açúcar.
3. **Digestivo** — Não há aparelho digestivo e intestinal complicado, que resista ao tratamento feito com um copo de água morna e limão, sem açúcar, bebido antes do café, todas as manhãs.
4. **Protetor das panelas** — Quando se ferve água, convém adicionar algumas gotas de suco de limão, para evitar a formação de um contorno escuro na panela.
5. **Clareador das louças esmaltadas** — Nos aparelhos do banheiro e nos azulejos de parede, uma esfregadinha com meio limão passado no sal, faz com que voltem os tons naturais, eliminando as manchas escuras e amareladas da louça.
6. **Antigripal** — Aficionados da limonada continuam afirmando que o refresco diário (e quanto mais concentrado, melhor), mantém gripes e resfriados a distancia.
7. **Amaciante da Pele** — Metade do limão é passada nos cotovelos e joelhos, para mantê-los macios e clarinhos.
8. **Batom** — Esta é antiga: as damas da corte de Luis XIV costumavam mordiscar limões muito ácidos, para manter os lábios vermelhos.
9. **Nas máscaras de beleza** — Gotas de limão, misturadas a claras em neve diminuem a oleosidade do rosto; se a combinação é feita com colheres de açúcar até que se forme uma pasta, o efeito aumenta para um **peeling** de limpeza da pele.
10. **Colirio** — Há quem tenha a coragem de pingar gotinhas de suco nos olhos, para descongestionar. Mas os médicos não aconselham a prática, e é melhor seguir-lhes o conselho. No minimo, porque limão nos olhos deve arder demais.
11. **Anticaspa** — Se diminui a oleosidade do rosto, ajuda também a controlar a seborréia do couro cabeludo. Evita-se a caspa, passando pedaços de limão nas raizes dos cabelos (nunca nas pontas) uma vez por semana.
12. **Desodorante** — Um dos usos mais eficientes do limão. Basta esfregar de dois em dois dias nas axilas; depois de algumas semanas, o uso pode passar a ser apenas semanal, sem problemas. Se a pele ressecar demais, compensa-se com hidratante.
13. **Dentifricio** — Na falta de pasta de dentes, substitui-se com açúcar e gotas de suco de limão. Clareia o esmalte, e diminui o amarelado causado pela nicotina nos dentes dos fumantes.

AS RECEITAS

O limão é um dos únicos ingredientes que não é usado inteiro na culinária. Dele, o importante é o suco, como tempero, com realce dos pratos — mas nem por isto é menor sua importancia. E' o coadjuvante indispensável da boa cozinha, no mundo inteiro. Sua versatilidade está demonstrada nestas receitas, fornecidas pelos Centro de Informação Culinária das Refinações de Milho, Brasil e pelo Centro Nestlé de Economia Doméstica.

MOLHO FRIO

Dois cubos de caldo de galinha, meia xicara de água fervente; suco de um limão grande; meia xicara de óleo de milho; meia cebola picada; meio pimentão verde picado; um tomate picado.

• Dissolva os cubinhos de caldo na água fervente e deixe esfriar por cinco minutos. Junte todos os outros ingrediente ao caldo e está pronto o molho. Leve à geladeira por 10 minutos e sirva acompanhando legumes crus de qualquer tipo ou batata, cenoura, ervilha e vagem cozidas.

CONSERVA DE PIMENTA EM CACHAÇA E LIMÃO

Retire o suco de limão e ferva com a casca e o bagaço. Deixe esfriar, passe em coador fino e coloque junto com a pimenta em vidro próprio, adicionando a mesma quantidade de cachaça. A pimenta deve ser previamente preparada, retirando os talos, lavando em seguida. Na mistura, no vidro, junte uma colher (café) de sal, alho em rodelas e pedacinhos de louro. Agite bem e, aguarde 60 dias até a conserva estar pronto para o consumo. Depois de 90 dias (se ainda restar alguma pimenta em conserva) coloque uma camada de azeite no vidro, para evitar que se estrague, ou mofe.

SURPRESA DE LIMÃO

1a. massa: Meia xicara de suco de limão, quatro ovos, duas colheres (sopa) de Karo, três colheres (sopa) de açúcar, uma xicara e meia de leite.
2a. massa: Três claras, duas colheres (sopa) de açúcar, duas colheres (sopa) de Karo, uma colher café) de casca de limão verde ralada.

• Misture os ingridentes da primeira massa e passe-os na peneira. Despeje a massa obtida em uma forma refratária transparente, previamente untada com margarina. Leve ao forno quente por 40 minutos. Retire do forno e deixe esfriar por 10 minutos. Enquanto isso, bata as claras em neve. Junte o açúcar aos poucos e depois o Karo bem quente e a casca de limão. Bata durante 10 minutos. Despeje a segunda massa sobre a primeira que ainda está na forma. Sirva a seguir.

TORTA DE LIMÃO

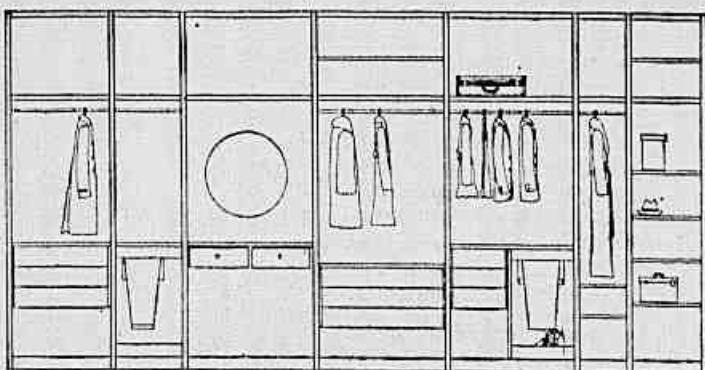
Massa: Duas xicaras de farinha de trigo, quatro colheres (sopa) rasas de margarina, meia lata de creme de leite, uma colher (café) de sal, uma colher (café) de fermento em pó.

• Peneire a farinha, faça uma cova no centro e coloque ai o restante dos ingredientes. Misture tudo com as pontas dos dedos e vá aos poucos juntando a farinha até que se incorpore à massa e solte das mãos. Deixe descansar por uma hora (ou 20 minutos, na geladeira). Abra a massa, forre uma forma de torta de 26cm de diametro, fure o fundo com um garfo e asse em forno quente por 20 minutos. Enquanto isso, prepare o recheio e a cobertura:
Recheio: Uma lata de leite condensado, uma xicara (café) de suco de limão, duas gemas (optativo).
Cobertura: Duas claras, quatro colheres (sopa) de açúcar.

• Misture bem todos os ingredientes do recheio até que adquira consistência de creme. Bata as claras em neve, junte aos poucos o açúcar e continue batendo até obter um merengue bem firme. Recheie a torta com o creme de limão, cubra com o merengue e volte a torta ao forno fraco por 10 minutos, apenas para dourar o suspiro.

USE, SEM ABUSAR

Por agir como detergente, desengordurante dos melhores, anti-gripal, anti-rugas, parece que uma das grandes caracteristicas do limão, fora seu sabor ácido, é o seu efeito altamente corrosivo (não é à-toa que o sabor é ácido). Não há mancha de óleo, secreção sebácea, virus, mancha amarelada que lhe resistam. Portanto, não é recomendável exagerar no seu uso: os tratamentos de beleza devem ser feitos uma ou duas vezes por semana, no máximo; as dietas à base de limonadas podem provocar superacidez estomacal, com tendência à úlcera, e ninguém deveria trocar seu dentifrício favorito por receitas cítricas caseiras. Provavelmente, quem o fizer vai acabar com as manchas de nicotina, e com o próprio esmalte dos dentes, inteiramente corroidos.

PARA GUARDAR OU SERVIR, ALGUMAS SOLUÇÕES

Portas mais largas, e possibilidade de encaixes de penteadeiras ou camas de casal, em modulados recém-lançados

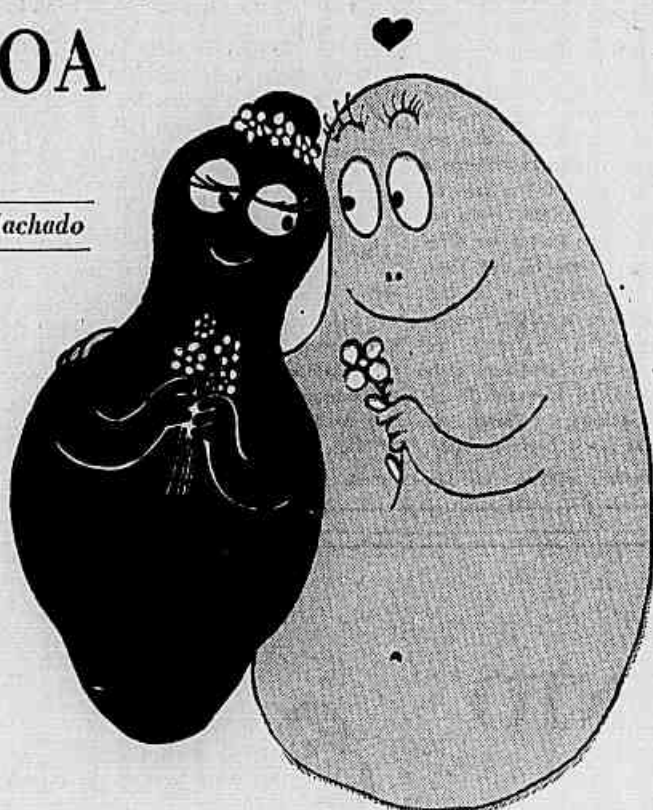
Os armários modulados continuam a ser a maneira mais prática de guardar roupas, malas, sapatos, velharias etc. A não ser que haja espaço para o **closet**, Eles constituem a solução ideal. Para quem conta apenas com a parede de um quarto-padrão e não quer se sentir esmagado dormindo em frente a um austero armário de dois andares, o móvel modulado, pela leveza do desenho e pelas possibilidades de adaptação a qualquer espaço, é perfeito.

Nesse setor existem muitas novidades, do armário especialmente construido para o espaço disponivel aos modulados em aglomerado natural ou laqueado, que podem aumentar na largura e na altura de acordo com as necessidades e o orçamento de cada um, mantendo sempre o mesmo padrão de qualidade.

Conjunto em acrilico: saladeira com lugar para gelo: Cr$ 220,00; cumbucas: Cr$ 570,00 a meia dúzia; pratinho de peixe: Cr$ 145,00; garfinhos (ou colheres): Cr$ 324,00 a meia dúzia; colher para salada: Cr$ 120,00

CRIANÇA É CRIANÇA

A MACIÇA INVASÃO DE UMA FAMÍLIA DE BOA PAZ

Ana Maria Machado

Entre os recentes lançamentos na área do lazer infantil, está a familia Barbapapa. Vem amparada por um intenso trabalho de promoção, escudada em uma carreira meteórica no estrangeiro. Afinal, sua ascensão é um fenômeno. Em sete anos, esses personagens se espalharam por mais de 40 paises, concentrando-se sobretudo na Europa. Agora, simultaneamente a seu lançamento nos Estados Unidos, chegam ao Brasil.

Aparentemente, é apenas mais uma tentativa de tomada de assalto massificante, através dos meios de comunicação. Em primeiro lugar, foram lançadas seis publicações nas bancas de jornais, englobando histórias em quadrinhos, revistas para colorir, álbuns para destacar e montar, revistas com quebra-cabeças, livrinhos e livrões de histórias com texto corrido e ilustração. A etapa seguinte é na área de *merchandising*, invadindo o mercado com camisetas, brinquedos, roupas de todo tipo, chaveiros e os mais variados objetos reproduzindo os personagens. Uma operação em tudo semelhante às do império Walt Disney, ou à expansão da turma do Peanuts ou ainda à versão cabocla de Mônica, Cebolinha e demais personagens de Mauricio de Souza.

Além dessa indiscutivel operação econômica, entretanto, alguns aspectos caracterizam especialmente a familia Barbapapa, ai já no campo especifico da relação da criança com os personagens. Ou seja, apesar de toda essa indústria por trás, que ainda anuncia o lançamento de discos e desenhos animados, os Barbapapa apresentam agumas caracteristicas que os diferenciam de outros personagens.

Inicialmente, é evidente um certo parentesco formal existente entre eles e o Ximu, inesquecivel personagem das histórias de Ferdinando há algum tempo. Também os Barbapapa se parecem com gigantescas gotas ou com aqueles bonecos tipo João-Teimoso. E também eles mantém um marcado compromisso com a inventividade, já que podem se transformar em qualquer coisa, assumindo as mais diferentes formas, de acordo com a necessidade do momento. Além disso, cada personagem da familia tem uma personalidade diferente e uma cor caracteristica. Barbapapa é cor-de-rosa, Barbamama é preta. Entre os filhotes, Barbazoo é amarelo, ama a natureza, os bichos e as plantas. Barbaploc é vermelho e atlético, fascinado pela cultura fisica. Barbaclic é azul, inventador de modas e quer ser cientista. Barbatinta é o artista, peludinho, pode virar pincel e sair pintando. Barbabela é lilás, vaidosa e toca qualquer instrumento em que se transforma. Barbacuca, intelectual, é laranja, usa óculos, adora ler e estudar. Em comum, têm a criatividade, um compromisso permanente com a alegria e a recusa da violência. Essa doçura ingênua é que acaba sendo a marca registrada da familia, que distingue seus personagens em meio à permanente agressividade do mundo dos heróis da comunicação de massa.

Mais que isso, outro aspecto parece bastante original dentro do universo massificado desse tipo de personagem: suas histórias são perfeitamente acessiveis às crianças bem pequeninas. No caso da revista em quadrinhos, por exemplo, os desenhos são por si só tão claros e eloquentes que mesmo uma criança não alfabetizada é capaz de *ler* visualmente a história, de compreendê-la em suas linhas gerais, de seguir as peripécias do enredo. Ao mesmo tempo, estará se preparando para a alfabetização, estabelecendo relações de causa e efeito, treinando seguir uma narrativa da esquerda para a direita e de cima para baixo. Ou seja, esses personagens que chegam com 60% de suas histórias sendo desenhadas no Brasil, iniciam sua carreira tropical com uma proposta inteligente, criativa e de bom nivel. Os votos agora são de que sua expansão não se acompanhe de facilidades massificadas e superficialismo apressado.

Mario Pontes

AH, ESSE MODO MEDIEVAL DE COMERCIAR

FREGUÊS, aficcionado e partidário das feiras livres, começo a perder a esperança de vê-las por muito tempo ainda desempenhando o seu papel de levar, em dias certos, um pouco de colorido, de festa e de livre iniciativa a lugares onde o ar da cidade já não ajuda a fazer dos homens cidadãos. Que podem os feirantes e que podemos nós, os quixotes que defendemos as feiras, contra os gigantes que as atacam? Mas mesmo a ponto de admitir a derrota, sinto ainda doerem os meus calos de escriba afeiçoado à História quando uma autoridade argumenta que as feiras devem desaparecer porque são "um modo medieval de comerciar".

Com o devido respeito à sapiência de quem o disse, peço vênia para observar que não é bem assim. Se não fosse parecer professoral, eu gostaria de lembrar, para começo de conversa, que Idade Média não e qualquer coisa como uma cunha de granito encaixado a martelo no corpo da história. Mesmo porque não houve uma só, houve várias. Mas para simplificar as coisas, digamos que houve duas.

Primeira, a daquela pobre gente que sobrou com vida quando o Império Romano foi para o beleleu (Deus tarda mas não falha, não há império, que nunca se acabe). O isolamento dessas populações gerou os feudos, isto é, algumas centenas de pessoas em torno de um castelo, produzindo tudo o que necessitavam e fechando as portas a quem quer que viesse de fora; inclusive aos comerciantes, pois quem podia garantir que eles não eram salteadores disfarçados? Não havendo cidades nessa Idade Média, não havendo dinheiro, não havendo confiança, não havia comércio. E portanto não havia esse "modo medieval de comerciar" que seriam as feiras.

A segunda Idade Média é apenas uma casca feudal que se quebra — e fica lá quebrada uma porção de tempo enquanto o bichinho que saiu de dentro se faz frango e finalmente galo. O bichinho é a burguesia, graças à qual renascem as cidades, caem as barreiras alfandegárias, surge um intercambio comercial cada vez mais ativo — e com ele as feiras. Elas não são, pois, "um modo medieval", mas um modo burguês, isto é, moderno, de comerciar.

Fica claro, então, que é por ser um sujeito identificado com a modernidade que quixoteio em favor das feiras. E não apenas porque ache mais bonito o festival de verduras exibindo sua unidade sensual à luz do sol matutino do que a mesmice das embalagens dos produtos vendidos a preço fixo no ambiente anêmico dos supermercados. Vou à feira porque ir lá é me permitir por alguns momentos a liberdade de escolher. E já observaram que as feiras não têm portas, nem roletas, nem camaras de televisão vigiando os passos da gente?

Além do mais, na feira eu me sinto inteligente. Ela me dá frequentes oportunidades de travar duelos de astúcia com o mercador que sempre pede mais para vender por menos, enquanto eu sempre ofereço muito menos para chegar ao preço que me convém. No fim, ambos nos sentimos vitoriosos, gratificados pela sensação de ter praticado não uma inexpressiva operação comercial, mas um exercício digno de diplomatas — resolvemos nosso conflito de interesse não na base do grito e do tabefe, mas através de um fino e divertido jogo de toma-lá-dá-cá para no fim declarar o empate.

Mais que aipos e rabanetes frequinhos, é o frescor da boa e velha liberdade inventada pelos burgueses do fim da Idade Média que encontro nas feiras. Eis porque gostaria de vê-las por muito e muito tempo ainda nas ruas desta cidade. Mesmo porque não tenho dinheiro bastante para ir vê-las nas ruas de cidades como Londres e Paris, provavelmente não menos modernos, provavelmente não mais medievais do que o Rio.

Setembro 11 — 1977 — Edição 138 — Ano III

O colecionador de arte começa a ficar mais exigente em relação aos seus próprios conhecimentos. Prova disso é o aumento da procura por livros de arte, segundo bem me informam os principais empresários do setor. O livro **O BRASIL DE THOMAS ENDER — 1817**, recentemente lançado pela Fundação **JOÃO MOREIRA SALLES**, mesmo ao custo de Cr$ 2.500,00 por exemplar, está vendendo satisfatoriamente, a ponto de se ver esgotada a edição de 3.000 exemplares. Na Livraria NOVA GALERIA DE ARTE do Copacabana Pálace v. ainda encontra os Guias MEYER e EMER com os preços dos Leilões Internacionais e edições fac-similares de DEBRET, CHAMBERLAIN, BERTICHEM, LANDSEER, OUSELEY e outras.

Para anunciar aqui ☎ 288-5414 | **GUIA SEMANAL/COMPRA, VENDA & SERVIÇOS** | **Cx. Postal 25.026/ZC.11 Rio**

NOTÍCIAS

★ No último leilão da Tableau, em S. Paulo, um quadro do pintor **CARLOS MARTINS** (endereço e telefone do **atelier** no GUIA/77 — nas bancas) foi arrematado por Cr$ 15.000,00.

★ **AUGUSTO RODRIGUES** me conta uma cena de estrada para ilustrar o imediatismo dos tempos atuais. A 80 km conseguiu ler uma tabuleta que anunciava "Compro Ossos". Logo adiante, uma outra onde se lia "Vendo Farinha de Ossos". Ambas na cerca da mesma propriedade. Amanhã, **AUGUSTINHO** estará na GALERIA IPANEMA autografando a belíssima edição das "Cartas de Abelardo e Heloisa" que acaba de ilustrar. Quem for até lá vai ver a exposição de **SCLIAR**, que inaugura na terça, mas já está montada.

★ O colecionador **CELSO TANUS ATEM** foi à MINI GALLERY (Rua Garcia d'Avilla, 58 — 247-6840) só para dizer que acredita na força da obra de **ADELSON DO PRADO** e acabou sabendo das datas do próximo Leilão: dias 10, 11 e 12 de outubro, nos salões do Othon Palace. **LILA COELHO** avisa que esta semana termina o recebimento das obras para o catálogo.

★ O Leilão de **PAULO BRAME** vem aí, quente de boas ofertas.

★ **FAYGA OSTROWER** é uma das conferencistas do 1.º ENCONTRO LATINO-AMERICANO de EDUCAÇÃO ATRAVÉS DA ARTE, cujas inscrições se encerram esta semana. Comunique-se com 266-2710. Ela inaugura depois de amanhã na BONINO.

★ SARAMENHA é o nome de um lugarejo nas proximidades de Ouro Preto, de onde se originam as ceramicas mais antigas do Brasil. Eis o porque do nome da GALERIA SARAMENHA (274-9445) homenagem de **JOSE' ROBERTO** e **VICTOR ARRUDA** (que estuda Museologia).

Carlos Scliar

★ **VICTOR ARRUDA** anuncia que está comprando tudo o que houver de **AUGUSTO RODRIGUES** disponível. Informado do fato, **AUGUSTO** me diz que acaba de adquirir um trabalho seu "Goiás Velho", de 1964.

★ Nasceu **JOANA**, neta do pintor **PERCY DEANE**, o avô mais feliz de Ipanema. Semana passada quem esteve em seu **atelier** a ver seus últimos trabalhos foi o nosso **SCLIAR** (exposição depois de amanhã na GALERIA IPANEMA) que acabou adquirindo 2 quadros de **PERCY.**

★ **ROBERTO MORICONI** (**atelier** 252-5362) acaba de pendurar em parede nobre de sua mansão uma tapeçaria de **GILDA AZEVEDO** (**atelier** 274-1806), ao mesmo tempo em que **GILDA** e **EDGARD AZEVEDO** marcam data para receber os amigos em torno de um antivolume de **MORICONI.**

★ O comparecimento de centenas de artistas à assembléia que aprovou os estatutos da Associação dos Artistas Plásticos Profissionais, terça-feira passada no MAM/Rio, indica novos rumos no comportamento de quem produz e abastece o chamado mercado de arte. Certamente não se trata de uma tomada de posição com propósitos apenas imediatistas de venda. O conceito de marginalidade cada vez mais se afasta da imagem do artista e a sociedade moderna parece aceitar e entender melhor a função do seu trabalho.

★ **INIMÁ DE PAULA** me informa que é filiado a um sindicato de artistas em Brasília. Ele também estava na assembléia do MAM, junto com **ISRAEL PEDROSA, ANNA LETYCIA, FAIGA, TENREIRO, VERGARA, FRANK SHAEFFER, JOSÉ MARIA DIAS DA CRUZ, QUIRINO CAMPOFIORITO, PAULO ROBERTO LEAL, LOIO PÉRSIO** e mais algumas centenas, que marcaram para os primeiros dias de outubro a próxima reunião.

★ Nesta nossa sociedade mercantil, sempre haverá alguém à procura do que comprar e quem esteja pronto a vender. **EMMANUEL NERY** (atelier 246-1686), por exemplo, filho de **ISMAEL NERY**, todos os anos, nesta época, é procurado por uma grande empresa que lhe encomenda uma grande quantidade de originais, presente de fim de ano aos melhores clientes. Ano passado foi o Grupo Peixoto de Castro. Feliz do artista cujo nome já faz parte das cogitações de mercado e sabe se cuidar.

★ Até mesmo quando se trata de obra de rara beleza gráfica, a estimativa dos editores pode ser otimista em relação ao mercado e resultar em encalhe. É o caso do MUNDO DOS MUSEUS (mais de 200 mil exemplares) que fez certo sucesso nas bancas há dois anos, mas sem esgotar a edição. Com a falência da CODEX nos Estados Unidos, na Argentina, no Brasil e em todos os países onde funcionava (ouvi falar em 35 bilhões de dólares), milhares de exemplares destes fascículos foram abandonados nos depósitos. Agora o Sr. **FRANCISCO MOURA** da Livraria Arcádia (R. da Alfândega 112 — 224-0506) recupera todo este acervo e o coloca à venda na Livraria e na barraca 16, da Feira do Livro da Praça N. S. da Paz.

★ A ALIANÇA FRANCESA da Tijuca, com a assessoria da EDUCAR EDITORA, começa dia 17 um Curso de Fotografia em Preto e Branco para Amadores. O telefone para inscrições: 284-6853.

★ Um leilão tranquilo, com obras oferecidas a preços realmente de oportunidade. E ainda com a facilidade do pagamento em 3 vezes, sem juros. Há os destaques: um magnífico **GUIGNARD**, um excepcional **DACOSTA** e um **DI CAVALCANTI** para ninguém botar defeito. Vá marcar o seu catálogo hoje, depois das 10 da manhã, na BOLSA.

★ **ROMEO DE PAOLI** (endereço e telefone do atelier no GUIA/77 que está nas bancas) confessa que não esperava por tudo isto: sua exposição no MUSEU NACIONAL DE BELAS-ARTES, teve a média diária de visitação de 200 pessoas. Não tencionava vender e lá se foram 15 quadros e o interesse pelos seus catálogos ainda rendeu uns bons trocados à Associação de Amigos do Museu.

★ E **LAZZARINI**, na GALERIA LEBRETON (R. Visc. de Pirajá, 550 B), logo na primeira semana faturou a venda de 17 quadros. Realmente um sucesso a inauguração, confirmando-se que **LAZZARINI**, além de bom pintor, dá sorte. Veremos pela 2a. exposição desta nova GALERIA.

★ A GALERIA TREVO está impossível. Compra o melhor de tudo que aparece. Está com os melhores trabalhos de **RAPOPORT**, cuja trajetória de artista está bem montada na GALERIA MILLIET da FUNARTE.

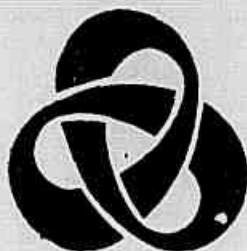
★ Muitas GALERIAS e MUSEUS em cima de **MANOEL SANTIAGO** para uma exposição retrospectiva, mas o velho mestre se esquiva alegando falta absoluta de tempo. Com mais de 80, acorda às 6h já pintando e só pára quando a luz do sol se põe.

★ Consulte os nossos telefones sempre que precisar de uma informação sobre mercado (288-0962 e 288-5414) ou compre o seu exemplar do GUIA INTERNACIONAL DAS ARTES, nas bancas e procure direto pela GALERIA ou artista de quem quer saber mais.

★ Outra da TREVO: **ADOLFO** e **MARCUS** me telefonam pedindo a indicação de uma GERENTE para uma filial que vão abrir lá mesmo no Shopping Center da Gávea. Quem tiver habilitada a trabalhar em GALERIA DE ARTE de primeiro time, marque entrevista pelo telefone 274-8522. Confirmada a notícia sobre o contrato **BUSTAMANTE SA'** e a TREVO. Agora, para comprar **BUSTAMANTE**, vá à loja 260 da R. Marquês de S. Vicente, 52. Não há mais uma tela sequer com **SAMUEL ROSENFELD.**

★ Amanhã estaremos em QUISSAMAN, comemorando com a família **RIBEIRO DE CASTRO** os 100 anos da 1.ª Usina de Açúcar instalada no Brasil. A indicação de **RENATO SOEIRO** ao Clube da Medalha resultou numa das mais lindas edições da CASA DA MOEDA que encomendou ao artista **SAMI MATTAR** a criação e a execução do original. A edição está à disposição dos colecionadores em ouro, prata e bronze.

(LÉO CHRISTIANO)

O mais lido informativo publicitário de artes da imprensa brasileira publicado por Léo Christiano Editorial com o patrocínio do Unibanco.

JORNAL DO BRASIL
ESPECIAL
RIO DE JANEIRO, DOMINGO, 11 DE SETEMBRO DE 1977

A UNIVERSIDADE E O REGIME

Walder de Goes

José Carlos Azevedo, Reitor da UnB.

UMA baioneta encostada à garganta de alguém produz disciplina?

Quem der resposta afirmativa à pergunta pode acreditar, desde já, que as inquietações estudantis no país encontram-se superadas ou prestes a sê-lo. Os limites de transigência (ou de intransigência) fixados pelo Governo para enfrentar a crise na Universidade de Brasília foram encurtados e se decidiu que o que vale para a UnB vale para todas as Universidades federais. Partiu-se do pressuposto de que a UnB foi escolhida por grupos subversivos para operar como centro irradiador de tensões que, criando ambiente propício à conspirações mais objetivas, atuem contra a estabilidade do Regime.

Quem, ao contrário, optar pela resposta negativa, acautele-se contra barulhos e solavancos, porque as vertentes interna e externa das inquietações estudantis continuam vivas e atuantes. Afinal, os problemas da vida acadêmica — a vertente interna — não foram resolvidos e as emoções políticas — a vertente externa — acentuam-se na medida em que progride a rejeição coletiva do Regime. As vertentes interna e externa da crise alimentam-se mutuamente e se a UnB foi escolhida pelo Governo como referência da ação repressora, os estudantes também a escolheram para campo de prova e correia de transmissão de seus desafios.

A história certamente iria longe se fôssemos remontar às origens, mesmo as recentes, da crise universitária brasileira, que cruza problemas políticos e acadêmicos muitos dos quais não são dissociáveis. Em 1968 o estrangulamento do acesso à Universidade, que oferecia apenas 150 mil vagas, foi apontado como causa principal do movimento estudantil de protesto. E' claro que já existia, então, o componente político da insatisfação com o regime, mas a expansão do número de vagas — 1 milhão, atualmente — tornou mais crítica a qualidade do ensino e potencializou os sentimentos políticos. Os projetos de reforma não foram executados com eficiência e os investimentos não foram nem suficentes nem corretamente utilizados para fazer face às novas demandas de ensino qualificado. Paralelamente, cresceu o contingente de professores jovens, geralmente pós-graduados, trabalhando em regime de horário integral, muitos deles com cursos no exterior e, portanto, com padrões de comparação que estimulam as insatisfações. Os professores com tais características, menores de 35 anos de idade, significam hoje cerca de 50% do corpo docente total das Universidades federais. Construíram-se elos de solidariedade política fáceis e fortes entre professores e alunos, alterando a realidade histórica caracterizada pela discrepancia ideologicamente reguladora dos corpos docente e discente.

Ora, o regime manteve-se fechado e a Universidade, ligando professores e alunos em sentimentos comuns, transformou-se numa frente ampla para reivindicar, na vida universitária, mudanças que não se podem verificar no quadro do sistema político vigente. A solução dos problemas acadêmicos que atropelam a Universidade brasileira passa, necessariamente, pela solução de problemas de política geral do país. E' nessa medida que o diagnóstico se altera, isto é, não existem duas vertentes, mas uma só: problemas de ensino e de organização universitária que só se resolvem num quadro de relações democráticas, plenamente institucionalizado, dentro do qual o conflito seja absorvido e utilizado como força útil.

A Universidade de Brasília não se encontra, bem como a de Campinas, entre aquelas para as quais afluiu um número muito grande de jovens professores tocados pelas emoções políticas típicas da juventude. Na UnB e na Unicamp, o recrutamento de alto nível, mediante pagamento de altos salários, formou corpo docente situado em faixa etária menos sensível — mas não insensível — às postulações políticas da juventude. Nem isso evitou, porém, que em 1965 mais de 200 professores da UnB hajam se demitido por insatisfação com a estrutura acadêmica, que prometia uma experiência nova mas precisou ceder às razões dominantes da ordem política. A realidade da UnB, hoje, revela e acentua o quadro de incompatibilidade entre a vida universitária e o regime autoritário, num momento em que expectativas de mudança animam sentimentos políticos e fazem aflorar contradições que estavam represadas.

A explosão de sentimentos políticos, na UnB, flui de uma acumulação de frustrações acadêmicas, velhas e novas, que não podem ser solucionadas porque a Universidade foi conduzida a reproduzir, nas relações internas, a fórmula de concentração de decisões adotada pelo Regime. Formalmente, todos os órgãos colegiados funcionam na UnB. E um organograma perfeito: os departamentos se integram nos conselhos departamentais e nas congregações de carreira, que se reúnem aqueles no Conselho de Administração e estas no Conselho de Ensino e Pesquisa. Ambos estão representados na mesa executiva e no Conselho Universitário, unidos pela liderança do Reitor e do Vice-Reitor. A UnB porém, é um supervigiado porta-aviões ancorado às margens do lago Paranoá. Seus alunos são, em grande maioria, filhos dos titulares dos três Poderes da República, incluindo as Forças Armadas e os serviços de informação e segurança, divididos em segmentos nem sempre concordantes.

Um corriqueiro atrito de sala de aula, que em qualquer outra cidade do país seria ignorado, pode chegar por via familiar ao conhecimento de um Ministro de Estado ou de um General e vai inevitavelmente explodir na Reitoria. O Reitor José Carlos Azevedo, sem embargo de suas qualidades intelectuais e de seu esforço de trabalho, é um homem que cultiva as virtudes características da formação militar e encontra-se perfeitamente integrado no Regime. Sua resposta aos problemas haveria de ser coerente com o seu temperamento e com sua visão da relação de forças políticas no país. Ele foi, gradativamente, avocando as decisões ou criando meios capazes de fazer com que elas não se produzam fora do campo de controle dos conceitos oficiais em matéria disciplinar. Era inevitável que Azevedo tornasse escassa a capacidade política dos órgãos colegiados, retirando-lhes competência para decidir em matéria de orientação acadêmica e atribuindo-lhe crescentes tarefas burocráticas. Os colegiados, por exemplo, estudam processos e efetuam transferências de alunos, tarefa típica de secretários e só escassamente opinam em matérias não burocráticas ou administrativas — como a organização de currículos, a política de administração ou demissão de professores. Isto é, os órgãos colegiados não atuam ao nível da política acadêmica, mas somente ao nível da administração burocrática da Universidade. A modificação informal das pautas de competência dos órgãos colegiados estará na base da crise recente da UnB e em si mesma a crise reflete *modus operandi* que é típico do Regime e detonador de reações políticas.

As soluções não puderam ser praticadas e as frustrações foram se acumulando. Desde 1971 arrastam-se, sem solução, problemas curriculares que afetam todos os alunos de Arquitetura. Enviados a realizar créditos no Departamento de Engenharia Civil da Faculdade de Arquitetura, eles não puderam atender às exigências porque, para obter os créditos, precisariam cumprir pré-requisitos típicos do curso de Engenharia. O projeto de oferecer currículos compatíveis com o curso de Arquitetura, no próprio Instituto de Arquitetura e Urbanismo não pôde avançar porque o Conselho de Ensino e Pesquisa perdeu competência para tomar decisões em matéria acadêmica. Estudar e solucionar problemas da estrutura curricular é atribuição típica do Conselho de Ensino e Pesquisa. A Reitoria não está aparelhada para fazê-lo e, não solucionando os problemas, a UnB como um todo viu-se de repente sem organização acadêmica capaz de atender à demanda por créditos numa dimensão de 10 mil matrículas. Só agora, já em meio à crise, o Conselho Universitário foi chamado a examinar o problema dos currículos.

Desse impasse é exemplar o problema da superposição de horários. Milhares de alunos tiveram suas matrículas compulsoriamente trancadas, em abril último, em matérias para as quais se haviam matriculado mas que não eram oferecidas em horários compatíveis com os demais cursos frequentados. O trancamento compulsório foi medida que, além de drástica, confessava impotência da organização universitária para atender à demanda por créditos numa base de horários compatíveis. O Reitor não teve alternativa senão revogar a própria decisão, mas o episódio alimentou ainda mais a crise e fez subir o termômetro na UnB. O problema continua sem solução. E' falacioso, portanto, dizer que não existem problemas acadêmicos na UnB, no sentido de impasses persistentes que, pretextualmente ou não, armaram os estudantes de posição legítima para protestar por soluções.

E' da natureza dos problemas persistentes potencializar as dificuldades e fazê-las gerar novos impasses. Politicamente impedido de fecundar a organização universitária, através da descentralização, o Reitor concentrou decisões mediante supressão de atribuições dos órgãos colegiados. Flutuando no vácuo de atribuições, os colegiados não se sentiram estimulados a operar e vão sendo atingidos pelo ferrugem que ataca, gradual mas seguramente, todo o organismo do porta-aviões; será por falta de estímulo aos departamentos, por exemplo, que as atividades de extensão passaram de uma etapa de crescimento (mais de 5 mil participantes em 1975 e mais de 6 mil participantes em 1976) para uma etapa de declínio (talvez menos de 2 mil participantes até o fim do ano em curso).

FOI sob a influência desse complexo *back-ground* que a crise da UnB construiu a sua perversa cronologia recente. Em janeiro último, por ato do Reitor, o que deveria ser produto de estudo e decisão do Conselho de Administração, a unidade de refeição do restaurante universitário teve seu preço elevado de Cr$ 5 para Cr$ 8. Os protestos estudantis, justificados ou não, prepararam as emoções que explodiram a 19 de maio, Dia Nacional da Luta, com passeatas e manifestações no campo. A resposta da Reitoria, dia 30 do mesmo mês, foi a punição com suspensão de 16 estudantes. No dia seguinte, o Diretório Universitário decretou greve geral e a inquietação se expandiu. A vertente externa, isto é, a ação de política geral que antagonizava o regime, aparece na cena da UnB. Alunos de outras Universidades, inclusive líderes estudantis da USP, chegaram a Brasília e fizeram discursos inflamados, embora aconselhando seus colegas locais a pôr fim à greve. Não se trata do Partido Comunista, dois de cujos líderes paulistas tentaram em Brasília desativar a greve, mas ela prosperou sob as estocadas de sentimentos de oposição ao regime que transcendem a capacidade de controle dos comunistas. O Partido Comunista, internamente dividido e atuando com estratégias menos amadorísticas, é minoria insignificante nos meios estudantis, mas não se pode dizer o mesmo quanto ao pensamento ou aos sentimentos socialistas e nacionalistas, que se fortalecem com a expansão da impopularidade do regime.

Todas as tentativas de conciliação falharam, uma a uma, porque as políticas mediadoras são conflitantes. Os centros de decisão sobre a crise da UnB, transformada em matéria de interesse da segurança nacional, transferiram-se da Reitoria e do próprio Ministério da Educação para o Conselho de Segurança Nacional. Já as decisões anteriores, a própria formulação das orientações gerais que centralizavam os procedimentos e praticavam rígidas medidas disciplinares, resultavam de diretrizes estranhas à vida acadêmica. A substituição da negociação pela repressão, na UnB, não foi um ato da Reitoria, mas política traçada em centros v[illegible]ais do Regime, embora aceitas pelo Reitor Azevedo. A questão é, porém, mais complexa. As decisões são produzidas a partir de relatórios informativos dos diferentes segmentos da chamada comunidade de informações e segurança. Os relatórios são conflitantes, na medida em que refletem dissídios internos no segundo escalão dos órgãos de informações e segurança, e por tal motivo as decisões finais não são límpidas e seus atores ostensivos não se comportam coerentemente.

O próprio Reitor Azevedo, acatando diretrizes do Conselho de Segurança, formuladas à base de informações oriundas de determinados setores da comunidade de informações e segurança, é afetado pelas visões diferentes oferecidas por outras áreas da mesma comunidade. Aparentemente, não há discordancias significativas, na fixação de estratégias para combater as crises, entre as cúpulas do SNI, do Conselho de Segurança, dos Ministérios militares, do Ministério da Educação e da UnB. A tendência moderadora dessas cúpulas, no entanto, às vezes não se expressa, porque é dificultada pela opinião de organismos do segundo escalão para os quais o movimento estudantil, no Brasil, resulta de diretrizes da última reunião da Internacional Comunista. Não há, nessas posições hierarquicamente secundárias mas politicamente atuantes do Regime, percepções mais sensíveis à complexidade dos problemas, nem visões políticas que aconselhem habilidade e moderação.

Nesse quadro, quem executa as políticas — o Conselho de Segurança, a Reitoria — tende a ser menos conciliador do que quem não o fez — o SNI, o Ministério da Educação. Há ainda a interveniência de um conflituoso panorama de lealdades. Os setores do Governo com os quais se ligam Ney Braga e Azevedo, por exemplo, não são necessariamente os mesmos. O Ministro é um homem totalmente votado à lealdade ao Presidente e ligado por sólidas relações de amizade ao General Figueiredo. Mas nem isso impediu, porém, que um relatório do SNI haja indicado ao Ministério da Educação, ano passado, a necessidade de providências para paralisar no nascedouro o que parecia, aos agentes, perigosos começos da rebelião estudantil. O Ministro não terá adotado as providências indicadas e hoje há reparos à sua atuação da parte de setores da comunidade de informações e segurança. Tais episódios criaram ou alimentaram divergência entre o Reitor e o Ministro e abriram espaço ao deslocamento dos centros de decisão. Foi tal deslocamento, finalmente, o principal agente frustrador das tentativas de conciliação. Não há mediação possível e eficiente entre estudantes e instancias que não têm poder real para negociar.

DE qualquer modo, Ney Braga surgiu na cena da crise para exigir, em junho, a formação do Conselho Universitário. Aqui voltamos à cronologia das dificuldades recentes na UnB. O Conselho Universitário não havia sido formado, e a rigor dele não se necessitava, pois se tratava apenas de ritualizar decisões e a Reitoria cuidava disso. Ritualizar, não formular, pois afinal a tarefa de formulação já havia escapado à Universidade e ao Ministério da Educação. Azevedo, por fidelidade e mesmo concordancia com as decisões, adotou um critério restritivo para a composição do Conselho e finalmente o formou com 29 membros. Uma interpretação liberal dos estatutos indicaria 84 membros, pois teriam assento, entre outros, não apenas nove representantes das Congregações de carreira, mas todos os titulares das 63 Congregações.

A explicação da crise pede, aqui, rápida descrição do modo como se organizaram os quadros diretivos da UnB. Os diretores das Faculdades e Institutos são nomeados pelo Ministro da Educação, mas todos os atuais o foram pelo Reitor José Carlos Azevedo, que os designou em caráter precário. Isso significa que, dos atuais 29 membros do Conselho Universitário, apenas o Vice-Reitor e os quatro representantes dos estudantes não foram nomeados por Azevedo. Ele tem, portanto, posição dominante no plenário. Por esta ou por outra razão, ao se reunir, o Conselho Universitário não examinou o mérito das 16 punições provocadas pelo Dia Nacional da Luta, julgando apenas sua legalidade. Atendo-se à legalidade, o Conselho manteve as punições, já que o Reitor tem autoridade para procedê-las. Mandado de segurança requerido pelos estudantes punidos, em seguida, pediu o alargamento da composição do Conselho Universitário e o julgamento do mérito das punições.

Mantidas as punições, a greve se reforçou e um habeas-corpus impetrado por estudantes dispostos a furar o movimento grevista deu apoio à entrada da polícia no campo. Os ânimos se exarcebaram, a polícia atuou contra os piquetes e fez prisões em larga escala. A Reitoria designou comissão integrada de quatro professores e um aluno para identificar responsáveis pelos danos físicos e agressões e afinal foram identificados 11 participantes de piquetes. A resposta da Reitoria, baseada em fotografias tomadas pelos serviços de segurança, apareceu na forma de 30 expulsões e 34 suspensões. Os aspectos mais factuais da crise, porém, não se esgotam aí. Entre 200 e 300 alunos encontram-se ameaçados de jubilamento, em processos que convocaram 1 mil 100 alunos que, pressupostamente, são enquadráveis nas normas que tratam da questão. A estes fatores de inquietação, soma-se agora outro, qual seja o da ameaça de demissão de professores até o fim do ano, na base de critérios que não poderão escapar à influência da comunidade de informações e segurança. As demissões, na UnB, são de fácil execução, pois dos 744 professores apenas 305 são do quadro e mesmo entre estes muitos ainda não adquiriram estabilidade. Em relação aos 436 fora do quadro, as demissões podem ser feitas pelo Reitor de modo sumário e inapelável.

A crise da UnB, finalmente mergulha num quadro imponderável, porque se transformou numa luta de desgaste entre estudantes e a política de segurança posta em prática na Universidade. Dir-se-ia que há fórmulas capazes de superar o impasse — o funcionamento efetivo dos órgãos colegiados, a reorganização do Conselho Universitário e o julgamento do mérito das punições havidas, medidas que seriam capazes de restabelecer a mediação dos professores e suprimir o choque direto e frontal entre os estudantes e o Reitor. Isso depende de vontade política, mas vontades políticas dessa natureza encontram barreiras na articulação do Regime, cuja capacidade hegemônica se sustenta na restrição das liberdades e, em consequência, não permitiria esse corpo estranho que seria o funcionamento democrático de uma universidade.

A problemática que envolve a UnB, portanto, não se diferencia substancialmente da que envolve o Regime e não se resolverá sem a substituição da repressão pela negociação, a aceitação da divergência, o progresso do nível de institucionalidade. A rigor, não há duas crises — a da UnB e a do Regime — mas uma só, que é a crise da incapacidade das instituições vigentes para lidar com a complexidade. O caso de UnB é exemplar e, como processo de desgaste é mais veloz, a crise ameaça cindir o casco do porta-aviões e fazê-lo imergir no lago paranóa, alagando terras vizinhas a montante e a juzante.

Walder de Goes é chefe da Sucursal do JORNAL DO BRASIL em Brasília.

O QUE SE JOGA NO CHIFRE DA ÁFRICA

Dev Murarka

"NINGUÉM pode sair realmente vitorioso ou perdedor das lutas que vêm sendo travadas no chamado Chifre da África, mas todas as partes nelas envolvidas poderão ficar prejudicadas durante muito tempo, qualquer que seja o resultado final, porque os nacionalismos étnico-religiosos, insatisfeitos da região se interligaram profundamente com a política mundial de poder e, portanto, com forças grandes demais para o seu próprio bem. O novelo de complexidade criado por esta circunstância é muito difícil de desenredar, mas é mister tentá-lo para que o conflito possa ser compreendido.

A surpreendente visita do Presidente somali a Moscou, de 29 a 31 de agosto último, é uma das chaves para o estranho curso dos acontecimentos. Para a Somália, a visita do General Mohammed Siad Barre foi um fracasso político de grande magnitude. Em primeiro lugar, ela não foi mantida em segredo, muito embora houvessem diferenças irreconciliáveis entre o dirigente somali e o Governo soviético. Se tivesse sido mantida em sigilo, ninguém teria notado o significado do fracasso em se chegar a um acordo entre Moscou e Mogadíscio num estágio crítico da situação no Chifre da África. Em segundo, o líder somali não conseguiu o seu objetivo — conversar com Leonid Brejnev.

Isso explica, também, a natureza da crise e do envolvimento soviético. Até onde se pode determinar, havia planos para Barre conversar com Brejnev na Criméia. Ao chegar a Moscou, já no final do dia 29 de agosto, a idéia era levá-lo à Criméia na manhã seguinte. Logo após sua chegada, Barre conversou com o Primeiro-Ministro Alexei Kossiguin e com o Ministro do Exterior Andrei Gromyko. Essas conversações decorreram suficientemente bem para que ficassem acertadas outras antes de sua partida para o encontro com Brejnev. Foi aí que as coisas saíram erradas.

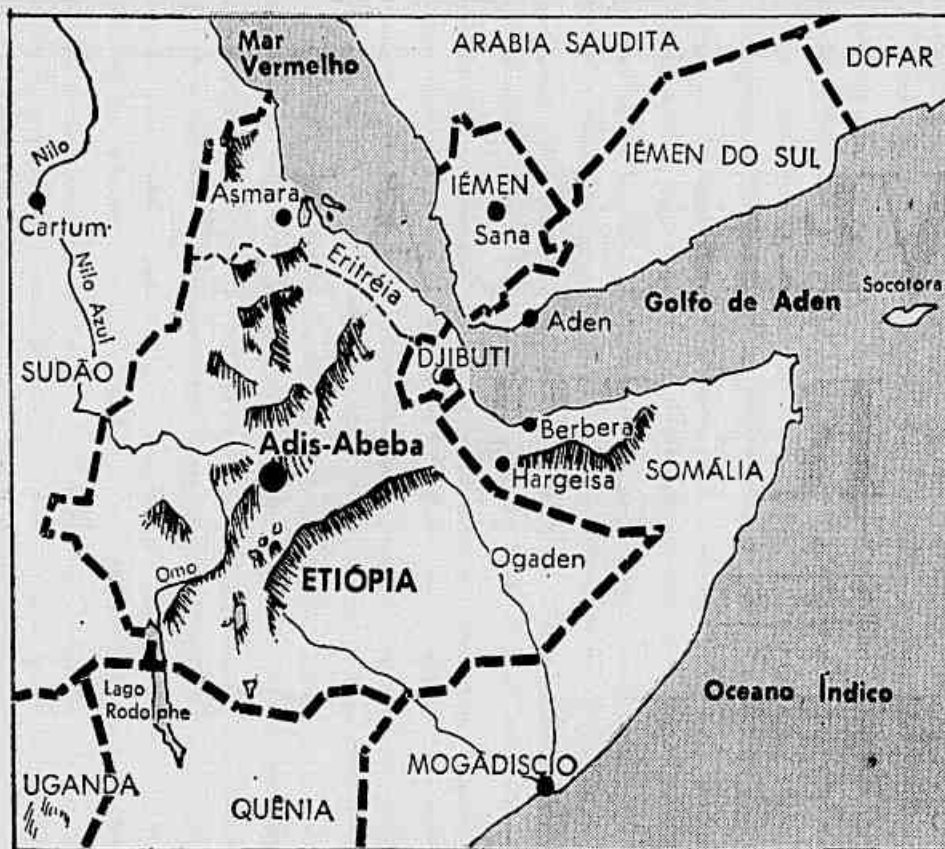
Abriu-se um fosso intransponível entre os pontos-de-vista soviético e somali sobre a crise. Os somalis queriam não somente que Moscou reduzisse gradualmente o seu envolvimento na Etiópia, como que lhes fornecesse armas suficientes para tornar vitorioso seu avanço pela região de Ogaden, o que era totalmente inaceitável para o lado soviético. Moscou explicou que embora estivesse comprometido em assegurar a integridade da Somália, estava igualmente comprometido com a da Etiópia.

Os detalhes desse encontro sejam desconhecidos, mas é possível que tenha havido uma áspera troca de palavras, e consequentemente Siad Barre foi informado que não era conveniente para Brejnev recebê-lo, já que de nada adiantaria para os dois lados. Na verdade, se o Somali tivesse se avistado com Brejnev, apesar das diferenças irreconciliáveis, o rompimento entre a Somália e a URSS teria sido completo, o que os soviéticos não queriam e muito menos Siad Barre.

Após outra infrutífera rodada de conversação, Siad Barre partiu para o Cairo a 31 de agosto, a fim de conversar com o Presidente Sadat, a caminho de casa. De certa forma, essa escala foi uma demonstração significativa do esfriamento nas relações somali-soviéticas. Moscou ficou tão contrariado e irritado com a maneira de Siad Barre enfrentar a crise, e tão ansioso em dissipar qualquer impressão de ter cedido aos seus importantes pedidos de armas, que revelou o fracasso das conversações através de um breve comunicado — que disse tudo por dizer apenas que "os dois lados trocaram opiniões sobre questões de interesse mútuo".

Ao que parece, Siad Barre escolheu um momento impróprio e parecia não estar a par do que vinha acontecendo no mundo exterior. Ele chegou a Moscou no auge das vitórias somalis na campanha de Ogaden contra a Etiópia. Achava que a Etiópia estava fraca e ficando cada vez mais debilitada, e por conseguinte ansiosa em entrar num entendimento, mediante um pequeno empurrão soviético. Siad Barre chegou a Moscou amparado não apenas em vitórias militares, como empolgado com o dinheiro saudita e as evidentes promessas americanas, francesas e britânicas de fornecimento de armas. Evidentemente, acreditava poder pressionar os soviéticos, ansiosos em reter seus elos com a Somália, e jogar o Leste contra o Ocidente. Certamente, a histeria artificial criada pelos meios noticiosos ocidentais — sobre como os etíopes eram terríveis, por terem se tornado vermelhos, e como os somalis eram cordiais e criticavam Moscou, por estarem aderindo ao Ocidente — reforçava sua convicção de que podia contar com apoio ocidental, e que ele seria ainda mais garantido se houvesse um atrito visível com os soviéticos. Realmente, em termos de valores, não há muita escolha entre Mengistu e Barre. Ambos os regimes são ensanguentados pela repressão.

Em tudo isso, Barre parece ter cometido um erro de cálculo. Ao chegar a Moscou, a maré estava virando em Ogaden e os etíopes fazendo sentir seu superior poder de fogo. Tinham conseguido bloquear o avanço somali sobre Diredawa e os foguetes recém-fornecidos por Moscou haviam derrubado caças Mig somalis, também de fabricação soviética. Mais importante ainda, o Kremlin chegara nesse ínterim a um entendimento provisório com Washington e Paris. Ignora-se se Kossiguin e Gromyko informaram ou não Barre da existência desse entendimento, mas o certo é que logo após a partida deste para Moscou, Washington (que para fins de política externa inclui Londres também) e Paris fizeram saber que por enquanto não pretendiam fornecer armas à Somália.

Barre ficou assim numa posição delicada. Não podia persuadir Moscou a fornecer armas se não fizesse concessões à Etiópia e não tinha outras fontes válidas de fornecimento a não ser o Ocidental. Em escala menor, talvez, estava num dilema como o de Sadat. Mas, parece ter agido mais astutamente que o Presidente egípcio. Ao perceber a situação em que se achava, enviou um telegrama a Moscou, agradecendo a hospitalidade recebida. Significativamente, a mensagem foi dirigida a Brejnev, embora não tivesse se avistado com ele. Além disso, ela não foi enviada entre o vôo de Moscou para Cairo, como teria sido normal, mas durante a viagem do Cairo para Mogadíscio. Uma percepção tardia, talvez, de que era vital manter as portas abertas com Moscou?

Na verdade, significa que as circunstancias políticas em torno do conflito no Chifre da África mudaram radicalmente em poucos dias. Os componentes da mudança são os seguintes:

1 — Já não é mais uma questão de luta direta entre a Etiópia, apoiada por Moscou, e a Somália, apoiada pela Arábia Saudita e o Ocidente, como pareceu durante algum tempo.

2 — A Etiópia já não parece tão vulnerável, pelo menos na frente somali, como resultado de dois desenvolvimentos ocorridos simultaneamente. O fornecimento de armas soviéticas à Etiópia está-se fazendo sentir rapidamente combinado com a maior capacidade de mobilização de recursos em relação à Somália Os somalis também ficaram mais isolados na arena internacional.

3 — As duas superpotências parecem ter chegado a uma acomodação sobre a situação no Chifre da África, reduzindo assim o perigo de uma confrontação entre elas, direta ou indiretamente, e aumentando a pressão para uma acomodação local. Pela própria natureza das coisas, nem a Somália nem a Etiópia podem manter uma luta prolongada sem ajuda externa.

O enfraquecimento da Somália, apesar de recentemente os rebeldes somalis e eritreus terem decidido coordenar sua atividade, terá um efeito adverso sobre os separatistas eritreus, que será ainda maior se forem suspensos os combates na região de Ogaden, e a Etiópia conseguir mobilizar seu crescente poder de fogo e recursos humanos treinados contra os rebeldes dessa região.

Claro, a chave dessas mudanças reside no entendimento entre as superpotências. A natureza exata desse entendimento é desconhecida, e não sabemos nem mesmo quando e de que forma ele foi alcançado, mas os seus componentes podem ser adivinhados. Parece que ele gira em torno de uma simples proposição. Em troca da suspensão americana de fornecimento de armas à Somália, Moscou teria concordado em reduzir a quantidade de armas fornecidas à Etiópia, além de dar garantias contra a introdução de forças cubanas no conflito. Evidentemente, há outros aspectos que ignoramos agora. Moscou deixou bem claro que forneceria mais armas à Etiópia, se houvesse qualquer aumento de ajuda ou entrega de armas à Somália.

Contudo, o fato de se ter chegado a um entendimento mostra que Washington estava longe de se sentir convencido com o barulho que vinha fazendo sobre uma suposta ameaça soviética ao mar Vermelho e de dominação soviética do Chifre da África. Parece que esses aspectos da situação foram deliberadamente exagerados com a ajuda de meios de comunicação coniventes para convencer o público americano e ocidental de que era necessário um vigoroso apoio de Washington à Somália. Contudo, essa retórica exaltada estava criando uma situação perigosa, sem grande proveito para os Estados Unidos.

É neste ponto que entra em jogo a posição estratégica do mar Vermelho, particularmente de Bab el-Mandeb e do porto de Djibouti, que domina a entrada desse mar via golfo de Aden. Esta rota controla o acesso a Israel através do porto de Eilat. Levando-se em conta que Djibouti já é um Estado independente e neutro, embora simpatize mais com a causa somali, e está situado entre as duas partes litigantes, e presumindo-se que a Somália consiga se impor na parte Leste da Etiópia, cortando assim o vital elo ferroviário entre Adis-Abeba e Djibouti, e presumindo-se ainda que os eritreus consigam obter sua independência, chega-se à conclusão lógica de que isso significaria o fim da Etiópia. Com a independência eritréia, toda a costa etíope do mar Vermelho se tornaria não apenas estranha a esse país, como o mar se converteria num lago árabe.

Nos últimos tempos, comentaristas soviéticos vêm declarando repetidamente que o mar Vermelho não deve se transformar num lago árabe; ao contrário, que deveria continuar sendo um curso d'água internacional. Essa é uma declaração de importancia estratégica, já que a dominação do mar Vermelho pelos árabes e seus aliados poderia representar um perigo a longo prazo à segurança de Israel. Curioso que em sua pressa em apoiar uma Somália aparentemente prestes a se desvencilhar do abraço soviético, Washington tenha parecido se esquecer desta ameaça a longo prazo à segurança israelense. Num contexto mais amplo, todos os países litoraneos do oceano Índico seriam atingidos por uma intervenção árabe no mar Vermelho, porque seus navios e mercadorias que passam pelo Canal de Suez — indo ou voltando da Europa — não têm outra rota disponível.

Israel, porém, não se descuidou dela. Um observador israelense, Mordechai Abir, escreveu em setembro de 1972 no nº 93 de **Adelphi Papers**, publicação do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, de Londres: "Se barcos israelenses puderem ser detidos em Bab el-Mandeb ou qualquer outro local fora do alcance do poder de fogo de Israel, não há razão para se manter Sharm el-Sheik, a não ser com vistas a anexar território árabe, uma intenção que Israel tem continuamente negado". Abir prosseguiu dizendo que "Israel recorreu a guerra em 1956 e 1967 em parte devido à ameaça a seus interesses no mar Vermelho, e em parte porque sua credibilidade, considerada uma salvaguarda à sua própria existência, estava sendo posta à prova com o fechamento do canal de Suez e do estreito de Tiran. Seus interesses materiais no mar Vermelho aumentaram substancialmente desde a Guerra dos Seis Dias. Qualquer tentativa árabe de interferir com o tráfego marítimo israelense no mar Vermelho levará a uma ação militar israelense".

Tudo isso talvez explique a extraordinária realidade de que a Etiópia é um país que tanto Moscou como Tel Aviv estão simultaneamente ajudando. Isto não significa que Moscou esteja especialmente interessado na segurança de Israel. Acontece que seus interesses de segurança se enquadram na preocupação mais ampla de Moscou com a liberdade de navegação em cursos d'água internacionais.

É possível que essa percepção tardia dos riscos à segurança de Israel através da dominação do mar Vermelho tenha sido também um fator de peso na mudança de pensar de Washington. Afinal, os países árabes como um todo já demonstraram ser parceiros muito instáveis das grandes potências. A União Soviética já descobriu isso, e a um custo elevado; os Estados Unidos também o descobriram no devido tempo. Essas considerações, combinadas com algumas iniciativas aceitáveis de Moscou, talvez sejam a causa da aparente moderação de Washington na escalada do apoio à Somália.

É muito provável que ao modificar sua política, os Estados Unidos tenham se deixado levar também por um cálculo a curto prazo. A posição do atual dirigente etíope, Mengistu Hailé Mariam, não é muito estável. O conflito com a Somália e os rebeldes eritreus não será resolvido num espaço de tempo razoavelmente curto; Mengistu poderá ser deposto, o que poderia originar uma mudança em favor do fortalecimento dos laços etíope-americanos. Nesse caso, por que antagonizar os etíopes a ponto de tornar especialmente difícil o restabelecimento desses elos?

Do lado soviético, os cálculos, embora diferentes, são da mesma natureza. Apesar dos fortes elos somali-soviéticos da última década, deve-se ter em mente que eles foram, até certo ponto, uma consequência da incapacidade de Moscou de aumentar sua influência junto ao velho regime em Adis-Abeba e levá-lo a romper suas ligações com Washington, particularmnte as de caráter militar. Mas a preferência soviética foi sempre de elos mais fortes com a Etiópia. Depois que a mudança de Governos nesse país nos últimos anos permitiu aumentar a influência de Moscou em Adis-Abeba, os formuladores de política soviéticos começaram a traçar um plano pelo qual Etiópia e Somália seriam acomodados sob o guarda-chuva de Moscou. Foi essa a razão por que o Kremlin se esforçou tanto — a ponto de persuadir Fidel Castro a estender seu giro pelos países do Chifre da África — para promover uma solução confederada para a disputa etíope-somali, inaceitável para os dois lados, e rejeitada vigorosamente pela Somália.

ASSIM que Moscou percebeu que Siad Barre seguia determinadamente num curso de colisão com a Etiópia a qualquer custo — durante dois anos ele conseguiu esconder dos assessores militares soviéticos os preparativos bélicos — os formuladores de política do Kremlin tiveram de fazer uma escolha, que recaiu sobre a Etiópia. Como é natural, os somalis não conseguem entendê-la e não escondem seu desapontamento. Presumiam que seu tratado de amizade com Moscou, assinado em 1974, lhes assegurasse automaticamente apoio da União Soviética. Não devem tê-lo lido cautelosamente, mas o fato é que deixaram de perceber os sinais de perigo quando, a 8 de maio deste ano, Etiópia e União Soviética assinaram uma declaração conjunta de amizade e cooperação durante uma visita do líder etíope, Mengistu Hailé Mariam, a Moscou. A declaração no fundo não passava de um tratado, embora, em parte para não ferir a suscetibilidade da Somália, não fosse considerado oficialmente como tal. Eles não interpretaram também corretamente os sinais quando Moscou começou a buscar e pressionar por uma solução conciliatória entre Somália e Etiópia.

Se os somalis achavam que podiam contar com ajuda externa para compensar a falta de assistência soviética, os acontecimentos mostraram que ela não se concretizou, pelo menos a um tal grau que permitisse obter uma vantagem decisiva sobre a Etiópia. Consequentemente, Barre enfrenta agora uma situação difícil e desalentadora, porque lançou mão de suas últimas reservas nas batalhas sendo travadas em Ogaden. Em contrapartida, a Etiópia tem mais de meio milhão de homens prontos para entrar em combate. As esperanças somalis de total apoio árabe também sofreram um revés. A Liga Árabe, que se reuniu há dias, recusou-se a apoiar a Frente de Libertação da Somália Ocidental, isto é, a organização sob cujo nome as tropas somalis estão lutando na Etiópia. E' verdade que a admissão de Djibouti como membro da Liga dificilmente agradará a Etiópia, mas isso não basta.

Considerando-se que não era segredo o fato de a Liga ter-se reunido com a intenção de dar pleno apoio à Somália, quais os fatores novos que a levaram a mudar de idéia? O mais importante foi certamente a mudança na posição americana em relação à Somália. Sem apoio americano, alguns dos membros mais importantes da Liga não podem tomar uma iniciativa que poderia envolvê-los numa situação séria, de quase guerra. O segundo fator mais importante foi a percepção de que as simpatias africanas não pendiam para o lado somali, porque os líderes africanos vêem com horror qualquer tentativa de modificação das fronteiras pela força. Um apoio árabe, total e ostensivo, significaria uma séria ruptura com a Organização de Unidade Africana (OUA) e dentro dela. Poderia também ter atraído um apoio mais ativo à Etiópia de alguns membros influentes da OUA. Convém lembrar também que no momento cerca de 14 Estados africanos estão tendo problemas fronteiriços e com toda a probabilidade de não apoiarem a pretensão somali de desmembramento da Etiópia. Só para dar um exemplo, o Quênia não pode estar satisfeito com os sucessos somalis, já que a Somália reivindica parte do território queniano habitado por tribos somalis.

A ambição da Somália é, naturalmente, juntar todos os somalis dentro e fora de suas fronteiras numa só nação. Cerca de um terço dos 4 milhões de somalis no Chifre da África vivem fora das fronteiras da Somália, espalhando-se pela Etiópia, Quênia e Djibouti. Mas nem os dois primeiros, e nem tampouco Djibouti, estão dispostos a ceder áreas de seu território aos somalis.

É grande a probabilidade de os acontecimentos se desenrolarem, de agora em diante, de maneira pouco favorável à Somália, o que a levaria a aprender uma lição de grande significação: em nossa época, é extremamente limitada a capacidade das pequenas nações de guerrear por conta própria. Assim que as grandes e superpotências decidirem se manter à margem do conflito, elas pouco terão a lucrar com guerras. Só quando uma ou mais nações pequenas são apoiadas por uma grande potência é que podem alcançar algum sucesso. No caso da Somália, já ficou claro que não somente falhou em ganhar apoio extra, como perdeu o que lhe dera antes a União Soviética, que não se mostrava de todo desinteressada de alguns dos seus problemas. É tambem significativo que apesar da rixa atual entre Moscou e Mogadíscio, as críticas soviéticas à Somália continuam brandas e bastante discretas.

Contudo, a guerra com a Somália não é a única preocupação atual do regime em Adis-Abeba. Ainda mais complexa, sob certos aspectos, é a situação na parte eritréia da Etiópia, e o problema eritreu é ainda mais difícil de resolver. A Eritréia, que fora um território sob mandato das Nações Unidas, formou em 1952 uma federação com a Etiópia, mas em 1962 o Imperador Hailé Selassié dissolveu-a, tranformando a Eritréia numa provincia comum. Na verdade, a luta contra o regime central já começara na Eritréia antes disso, tendo a Frente de Libertação da Eritréia surgido em 1965.

O problema eritreu tem dois aspectos. Um é puramente geográfico ou geopolítico. A Eritréia está estrategicamente situada, permitindo o controle da área meridional do mar Vermelho e controlando inteiramente o acesso etíope ao mar. Na realidade, todo o litoral etíope é constituído pela Eritréia. Por isso, se perder o controle da região ficará economicamente estrangulada. O outro é um problema de cunho ético-religioso. A população da Eritréia é dividida, quase em proporções iguais, em cristãos e muçulmanos, e são estes últimos que mais encarniçadamente se opõem ao Governo central cristão, ou que era cristão ao tempo do Imperador Seilassié.

Mas os cristãos também se opõem à dominação de outros cristãos do centro da Etiópia e estão fazendo causa comum com os muçulmanos.

Os rebeldes eritreus têm sido apoiados principalmente pelos países árabes, entre eles Sudão, Síria, Iraque e Arábia Saudita. Da reivindicação inicial de autonomia, eles passaram a exigir a independência total da Etiópia, e nenhum Governo etíope pode aceitar uma exigência dessas, qualquer que seja o seu caráter. Os eritreus, então, escalaram o conflito e com tal êxito que representam uma séria ameaça à hegemonia etíope sobre eles. Embora os muçulmanos eritreus busquem a independência, acreditando que a autoridade central está desmoronando, não confiam muito nesse curso de ação, porque receiam que se a Eritréia se tornar independente, os cristãos assumirão o controle — por serem mais numerosos, mais instruídos, etc.

Mengistu Heile Mariam

Mohammed Siad Barre

Dessa forma, se as autoridades etíopes quiserem firmar sua credibilidade junto aos rebeldes eritreus, e se se mostrarem suficientemente generosos no grau da autonomia que estão dispostos a conceder-lhes, não é de todo improvável que os eritreus se mostrem conciliatórios. Mas antes que isso aconteça, o regime em Adis-Abeba terá de demonstrar irrefutavelmente sua superioridade militar sobre os rebeldes. E' esse, na verdade, o cerne da situação atual na frente eritréia. Mais do que qualquer outra coisa, o regime etíope precisa de tempo. Precisa também se livrar do ônus de uma luta em duas frentes — com a Somália e os eritreus. Se o problema somali puder ser resolvido ou superado, os etíopes contarão provavelmente com força suficiente para manter os eritreus sob controle, muito embora não seja uma solução duradoura.

Este é o contexto conflito na Chifre da Africa. Intentando uma intervenção política nesse ambiente complexo e sobrecarregado emocionalmente, Moscou assumiu grandes riscos. Se as coisas não se resolverem, por exemplo, se a Etiópia sucumbir apesar de tudo, Moscou perderá tudo na região e, além disso, sua posição no oceano Índico e no golfo Pérsico se enfraquecer. Mas se — e esta é realmente uma grande dúvida — a Etiópia conseguir, no final, livrar-se da desintegração e Moscou cooperar para a realização de algum acordo entre a Somália e a Etiópia, isto representar um grande impulso para o prestígio e presença soviética não só no Chifre da África mas também em todo o continente africano. Os russos, obviamente, acham que o prêmio vale o risco.

Dev Murarka é correspondente do JORNAL DO BRASIL em Moscou.

O CIP, a SUNAB, a CADE, a SEMA, o INPI, a CACEX, o CDI, a SUDENE, a SUDAM, a EMBRATUR, a SUDEPE, o CONSIDER, a CAPRE, o CDE etc., etc.

A intervenção indireta do Estado na economia

Rubem de Freitas Novaes

AO discutir a intervenção do Estado na economia, convém notar que mesmo os liberais mais convictos aceitam a idéia de que o Governo tem um papel a cumprir: na área de segurança contra agressões externas, na garantia da lei e da ordem para evitar coerção de indivíduos por indivíduos, na definição e garantia dos direitos de propriedade e na provisão de um sistema monetário estável.

Mais modernamente, o neo-liberalismo, ainda que propondo uma organização da atividade econômica fundada no sistema de trocas voluntárias, admite a ação governamental: quando o funcionamento livre do mercado é falho, e neste caso se incluem a existência de monopólios naturais, as *externalidades* não captadas pelo sistema de preços e as imperfeições do mercado de capitais, quando se justifica um maior esforço de crescimento; quando critérios éticos aconselham uma melhor distribuição da renda ou da riqueza acumulada, ou quando se evidencia a necessidade de uma ação econômica anticíclica. Admite-se até que, em certas circunstancias, possa ser conveniente a ação governamental sobre variáveis econômicas psicológicas, de que são exemplos as expectativas inflacionárias e o animo empresarial para investir.

É com base nestas concepções neoliberais, em alguns conceitos de segurança nacional e em certas idéias paternalistas, segundo as quais a cúpula governamental teria condições de escolher melhor para os indivíduos do que eles próprios, que o Estado justifica hoje a sua abrangente presença no domínio econômico.

Assim é que empresas estatais controlam a exploração de petróleo, a geração e distribuição de energia elétrica e, praticamente, a produção e exportação de minério de ferro, enquanto participam, em grande escala, na intermediação financeira, na área petroquímica, na indústria de fertilizantes, na mineração em geral, na siderurgia, na energia nuclear, na distribuição de derivados de petróleo, na indústria aeronáutica, de armamentos e de computação eletrônica, e nos setores de educação, saúde, navegação, serviços portuários e seguros, entre outros.

O sistema fiscal além de sua função arrecadadora básica, discrimina produtos considerados supérfluos ou indesejáveis, tributa mais fortemente a renda dos ricos, redistribui fundos para regiões menos favorecidas, incentiva áreas consideradas prioritárias, protege setores produtivos da competição externa, incentiva a abertura de capital das empresas e a negociação de ações em bolsa de valores, protege a fusão de empresas, etc.

O sistema creditício oficial e, por indução, também o privado, oferece linhas especiais para exportações, pequenas e médias empresas, formação de capital próprio e para a agricultura. São criados, no ambito governamental, mecanismos de crédito educativo, de crédito subsidiado a alguns setores da atividade empresarial e de auxílio em casos de calamidades públicas. Veda-se o acesso das empresas estrangeiras ao crédito oficial.

Outros organismos e instrumentos de governo são instituídos além da esfera de indução oferecida pelos mecanismos fiscais e creditícios. Assim é que proliferam as agências encarregadas da regulamentação, controle, e punição da vida empresarial. O CIP e a SUNAB dilatam seu escopo no controle dos preços para coibir as estruturas de oligopólio e as ações especulativas bem como para reverter expectativas inflacionárias. Os juros ora são controlados, ora são liberados. O CADE e a SEMA se ocupam, respectivamente, da defesa do consumidor e do meio-ambiente. Os mecanismos de crédito são subdivididos em compartimentos estanques. Para o registro dos contratos de tecnologia não basta a livre vontade das partes contratantes. O INPI tem de se pronunciar visando a garantia de um maior poder de barganha às empresas nacionais e para evitar a remessa "disfarçada" de lucros. Índices de nacionalização elevados são requeridos para a aprovação de projetos e nas concorrências públicas. Acordos são celebrados na CACEX com produtores nacionais para que as importações de máquinas e equipamentos do exterior não colidam com os objetivos da lei do similar nacional. As importações em geral e até mesmo as exportações se sujeitam a uma verdadeira *via-crucis* para o cumprimento das exigências que lhes são impostas. Ainda no comércio exterior, são criadas proibições, quotas, pautas mínimas, preços de referência, depósitos prévios, atrasos burocráticos propositados e, muitas vezes, se exige que a comercialização de certos produtos seja monopólio de empresas do governo. No ambito do CDI, redefinem-se setores considerados prioritários e os incentivos a eles concedidos, sendo que os critérios utilizados nem sempre são muito explícitos. A Sudene, a Embratur, a Sudepe, o Consider, o Capre e o Conselho Monetário são colegiados que assim como o CDI definem prioridades e incentivos setoriais e regionais, enquanto que ao CDE cabe a definição das linhas mestras da política governamental.

Embora incompleta, esta listagem de atribuições dá bem uma medida do volume de responsabilidades hoje encampadas pelo Governo. Responsabilidades, diga-se de passagem, fundadas nas melhores das boas intenções e justificadas, quase sempre, com base nos mais nobres objetivos.

Mas, se são boas as intenções e nobres os objetivos, o que nos levaria à sensação e quase à certeza de que o Estado estaria indo longe demais na abertura de seus tentáculos?

No que diz respeito à participação direta do Governo, ou seja, à produção de bens e serviços por parte das empresas estatais, a justificativa para a intervenção, afora o provimento da infra-estrutura básica de estradas, saneamento, energia elétrica, etc., ou se baseia na insuficiência de *cacife* das empresas privadas nacionais e, portanto, na imperfeição do mercado de capitais, ou em teses que se relacionam com a segurança nacional.

No que concerne aos setores tidos como de interesse para a segurança nacional, embora exista grande dificuldade na definição dos contornos deste conceito, não vemos como justificar a exclusão da empresa privada nacional, não obstante a presença estrangeira ainda pudesse ser contestada em algumas áreas. Cremos que a experiência histórica recente vem demonstrando que, para alguns produtos críticos, mais vale a produção abundante em solo pátrio, mesmo que em mãos de empresas estrangeiras, do que o monopólio estatal exercido sobre uma oferta insuficiente ou com baixa produtividade.

Quanto a tese da insuficiência de fundos para a realização de grandes projetos, esta realmente tem, em ocasiões, correspondido à realidade dos fatos. Porém, não cremos que tenham sido esgotados todos os esforços no sentido de uma maior capitalização de nossas empresas e de uma melhor arregimentação de poupanças individuais, pré-condições para um envolvimento do setor privado acional em projetos de grande escala.

CUMPRE, a este respeito, não confundir projetos antieconômicos com espaços vazios bem como lembrar que maior poupança sob o controle do Estado implica quase que necessariamente, em menor capacidade de poupança do setor privado.

Embora se depreenda destas considerações a premente necessidade de uma mais nítida delimitação das áreas em que as empresas estatais participariam com a produção direta, não julgamos, no entanto, que os maiores problemas da classe empresarial digam respeito a esta forma de intervenção do Governo. Muito embora o Estado, pela diversidade das áreas em que hoje atua, já tenha deixado de ser um competidor apenas dos grandes grupos nacionais ou estrangeiros para afetar uma gama bastante extensa de interesses.

Preocupa-nos, mais ainda, a ação estatal indireta que indistintamente atinge a todos os empresários, atuantes ou potenciais, solapando por baixo as bases de nosso frágil capitalismo.

O crescimento da burocracia e da dependência crescente do empresário em relação ao Estado naquelas que são suas funções básicas de determinar os preços finais de venda, de negociar as condições de emprego da mão-de-obra, de programar investimentos e de comercializar com o exterior, são fatos causadores de verdadeira tormenta. As agências governamentais crescem, assim como crescem as suas atribuições, em grande parte pela facilidade que têm de legislar em matéria econômica através de portarias, resoluções, atos normativos, comunicados, etc. E' lógico que o 1º escalão do Governo tem grande dificuldade em acompanhar todos estes desdobramentos. Se não mantém vigilancia constante, perde fatalmente o controle sobre a máquina burocrática.

O funcionário público, agora dotado de um melhor verniz acadêmico, possui em sua mente um determinado projeto de salvação nacional. Seu desejo de resolver problemas segundo suas concepções acaba por transformar cada agência do Governo num feudo individual de planejamento sob a sua orientação. O empresário, lançado de uma porta a outra, entra em estado de perplexidade e, mesmo a nível ministerial, transparece o problema de "peregrinação burocrática à busca do centro decisório", para usar as palavras do embaixador Roberto Campos.

Com a ansia de atacar os problemas em muitas frentes o Governo acaba por obter efeitos conflitantes de alguns de seus instrumentos de política econômica. Num *flash* de memória poderíamos citar a incompatibilidade entre os incentivos a fusões, as exigências de capital mínimo e os impedimentos para a entrada de novas firmas em determinados setores, de um lado, e o uso do controle de preços como instrumento de combate aos efeitos maléficos das estruturas oligopolistas, de outro. Há incompatibilidade também quando se divulga amplamente a "segurança sem limites" oferecida pelas cadernetas de poupança em instituições oficiais de crédito ao mesmo tempo em que são criados mecanismos de estímulo à subscrição de ações de empresas privadas e se pretende uma maior parcela da intermediação financeira sob o controle privado, bem como quando se colocam tarifas elevadas desestimulando a importação de bens considerados supérfluos mas ao mesmo tempo lançando um manto protetor para o uso de recursos domésticos escassos na produção destes bens.

Algumas raizes históricas e sociológicas de nossa formação cultural prejudicam também um melhor entendimento entre a empresa e o Governo. Nos países anglo-saxões o empresário é tido como um empreendedor honesto até que prove em contrário. Aqui, via de regra, é tratado, em princípio, com desconfiança, o que explicaria o grande número das exigências que lhe são impostas *a priori*.

Quando a desconfiança e a prevenção não bastam para explicar o volume das informações requeridas, é o desejo de coletar estatísticas para um melhor estudo e planejamento da atividade econômica que o fazem. Mas para que a repetição de quesitos em formulários distribuídos por diversos órgãos governamentais? A era da computação eletrônica e da comunicação fácil precisa alcançar o nosso Governo com certa urgência. De qualquer forma os benefícios da informação mais detalhada não parecem ser sempre bem sopesados contra os custos impostos às empresas e aos indivíduos e contra aqueles imputáveis à criação e ao funcionamento da máquina administrativa.

O fato é que a vida econômica em nosso país está se tornando por demais intrincada. A proliferação de regulamentos, incentivos está a requerer verdadeiros gênios para o seu completo entendimento. O emaranhado de intervenções estatais complica sobremaneira o cômputo dos preços e das vantagens relativas turvando a visão empresarial. As prioridades são tantas e em tantas áreas que se acaba, na verdade, sem prioridade alguma.

Quando as diretrizes emanadas do Governo começam a ser entidades, modificam-se a legislação e os objetivos, o que gera novas incompreensões e incertezas quanto ao cálculo presente das operações empresariais e individuais. Aos homens de Governo parece faltar a necessária humildade para reconhecer que nem sempre acertam *na mosca* e que, a intervenção estatal tem seus custos e gera distorções, muitas vezes maiores do que as que pretende corrigir.

E' óbvio que algumas mudanças são desejáveis. Nenhum instrumento de política governamental é perfeito e, portanto, deve estar sujeito a alguma forma de aperfeiçoamento. A questão é saber ponderar prós e contras para que, no afã de correr atrás da conjuntura, o Governo não venha a proporcionar mais custos que benefícios à comunidade.

Outra questão importante é que as *regras do jogo* nem sempre são explícitas ficando as questões de vida ou morte para uma empresa ao sabor de decisões instáveis de conselhos e pareceres individuais. Se considerarmos também que pode haver uma preocupação latente de que o poder do Estado, exercido de forma crescente através dos mecanismos de controle, regulamentação, intermediação e punição, venha a cair, amanhã, em mãos não muito confiáveis, não se torna difícil explicar o êxodo de alguns empresários e o perigo de um desinteresse das novas gerações pela vida empresarial.

Urge a necessidade de uma definição firme do que se pretende com a intervenção governamental no domínio econômico. Definidos os objetivos, cumpre estabelecer as formas mais diretas de persegui-los através do uso de instrumentos e de regras de política econômica estáveis. Os mecanismos utilizados devem ser simples, explícitos e, tanto quanto possível, automáticos e impessoais, assim como as responsabilidades das agências do Governo devem ser definidas com nitidez para que bem se possa recorrer e cobrar resultados.

A motivação empresarial dentro do país não pode murchar. E' com a preocupação para ela voltada que deixamos registrada a nossa certeza de que a opção "regras definidas *versus* poder discricionário" deve ser o grande tema econômico de nossos dias e de que nada seria mais útil para o desenvolvimento do setor privado do que um amplo projeto de simplificação da vida econômica brasileira.

Rubem de Freitas Novaes é doutor em Economia pela Universidade de Chicago, professor da EPGE e chefe do Departamento Econômico da Confederação Nacional da Indústria.

DESERTIFICAÇÃO

A LEPRA DA TERRA

Jacqueline Giraud
L'Express

IMPOTENTE para solucionar os conflitos entre os Estados, poderão as Nações Unidas contribuir para resolver os problemas essenciais à sobrevivência do planeta? É essa a sua ambição, após a conferência de Estocolmo sobre o meio-ambiente, em 1972.

Depois das conferências sobre Alimentação, em Roma, População, em Bucareste, Habitação, em Vancouver, e Água, em Mar de Plata, agora é a Desertificação que esteve na ordem do dia de uma nova conferência mundial em Nairóbi, encerrada no dia 9.

Mas, são os homens realmente solidários face ao avanço dos desertos? Os países industriais têm geralmente a sorte — que não é estranha à sua prosperidade — de se situarem em zonas temperadas. Não serão tentados, por isso, a considerar que a desertificação, como a superpopulação, é antes de tudo um problema dos outros, dos países pobres da zona do Sahel, do subcontinente indiano ou da cordilheira dos Andes?

Se o fizerem, cometerão um erro. Pela sua amplitude, a desertificação ameaça não apenas os povos que ela mata à míngua, como todo o equilíbrio econômico mundial.

E verdade que após milênios, a humanidade se acostumou à existência de desertos, das terras geladas da Antártida e dos areais de Gobi ou do Saara, onde nada floresce. Fatalidade climática, esses desertos absolutos não interessam à conferência de Nairobi. Seu objetivo é o futuro de zonas bem mais extensas, as terras *áridas* ou *semi-áridas*, pobremente irrigadas por chuvas na maioria das vezes aleatórias, mas suficientes para que nelas o homem seja capaz de produzir seus próprios alimentos.

Mas eis que nas pastagens do Sahel e nos flancos do Himalaia, no vale do Indo e sobre os planaltos australianos, por placas, como uma lepra, a vegetação, a vida começa a desaparecer.

Segundo os especialistas que prepararam a conferência de Nairobi, o perigo afeta 45 milhões de quilômetros quadrados, ou seja 30% das terras emergidas, onde vivem 600 milhões de pessoas — um sexto da população mundial. Dos três bilhões de cabeças de gado com que conta o planeta, mais da metade pasta nesses territórios ameaçados.

Para atender às necessidades mundiais, a produção de cereais terá de aumentar um terço entre 1970 e 1985. Mas os Estados Unidos, principal país exportador, estabeleceram limites. Em toda a parte, na zona temperada, a produção estagnou; os campos recuam ante o avanço inexorável do asfalto e do cimento. Onde encontrar terras novas? Nos países em desenvolvimento? Acontece que em 50 anos, ao Sul do Saara, 650 mil quilômetros quadrados de solo deixaram de ser produtivos: o equivalente à França e Portugal reunidos. No mesmo período de tempo, a floresta argentina, superexplorada, regrediu de 60 para 16 milhões de hectares.

O mal não surgiu no século 20. Desde a Antiguidade que as ricas planícies da Mesopotamia vêm se desertificando. Desde o advento da agricultura, a soma das superfícies perdidas poderia se igualar à das terras hoje cultivadas, ou seja 14 milhões de quilômetros quadrados. A continuarem as tendências atuais, entre agora e o ano 2000, a desertificação, o desmatamento e o crescimento industrial e urbano conjugados devorarão o terço de terras ainda cultiváveis. A penúria alimentar é uma ameaça ainda mais vital que a crise de energia.

Foi necessária a catástrofe do Sahel para que a Assembléia-Geral da ONU decidisse, em 1974, organizar a conferência de Nairobi. Mas o que se pode esperar dela? Provocada por seis anos de estiagem consecutivos, o drama do Sahel não era uma fatalidade incontrolável? O avanço dos desertos não está ligado a modificações climáticas contra as quais o homem nada pode fazer?

Devido ao enorme trabalho dos especialistas que a prepararam, a Conferência de Nairobi terá no mínimo o mérito de eliminar as noções errôneas e o recurso fácil à fatalidade. Todos os séculos conheceram variações climáticas. A maior parte dos climatólogos não acredita que estejamos atravessando um período particularmente desfavorável, mas há os que julgam perceber perturbações excepcionais, oriundas não do céu, mas da atividade humana: o acúmulo de poeiras, gás carbônico e de aerosols, o desmatamento podem, local ou globalmente, modificar o regime das chuvas.

Estatisticamente, a África do Norte não parece menos orvalhada hoje que ao tempo em que servia de celeiro de trigo para o império romano. De 1910 a 1915, a região do Sahel foi vítima de uma estiagem ainda mais intensa que esta última, sem sofrer a mesma devastação.

Não foi o clima que mudou, mas o modo de explorar regiões que foram sempre frágeis. A pressão demográfica levou o homem a exigir mais do solo do que ele é capaz de produzir.

Tradicionalmente, o homem tirou partido das regiões mais secas praticando a criação nômade. Não uma vagueação improvisada, mas um percurso calculado segundo o deslocamento das chuvas, para dar à vegetação tempo de se reconstituir. Foi assim, por exemplo, que no coração do Niger os líderes tuaregues controlaram o acesso aos rebanhos e o uso de pontos de água. Ao sufocar sua rebelião, a colonização lhes tirou todo o poder, a ponto de não conseguirem se opor a recém-chegados, principalmente os peuls, com seus rebanhos bovinos, nem terem animo para expulsar lavradores vindos do Sul, que desbravam, cada vez mais, solos frágeis demais para a cultura.

Após a independência, em 1960, o Governo do Niger decidiu iniciar um programa de desenvolvimento pastoril: vacinação do gado, perfuração de novos poços. Contratou então peritos, que em seguida soaram o alarma. Como resultado, o Governo baixou normas estritas de acesso aos pontos de água, inviáveis na prática: como permitir que uns bebessem e outros fossem expulsos? Em torno de cada ponto de água, os animais eram duas ou três vezes mais numerosos do que previam os estudos.

A primeira estiagem instalou o drama na região. Pisados, cheios de pasto, as redondezas dos poços se transformam em placas desérticas. A forragem restante estava por demais empapada de água para que os animais pudessem completar o trajeto. E' de fome, e não de sede, que eles começam a morrer. Em todos os países da área do Sahel, a amplitude da catástrofe tem a mesma causa: estimulados por alguns anos de chuvas excepcionais, os pastores aumentaram demais seus rebanhos, os agricultores continuaram desbravando mais para o Norte, a ponto de se poder dizer: "No Sahel, o deserto avança não para o Sul, mas a partir do Sul".

O limiar crítico da exploração foi ainda mais claramente ultrapassado no deserto de Rajastã, que ocupa a área a Noroeste da Índia: um espantoso oceano de areia, o mais populado do mundo, com uma média de 46 habitantes por quilômetro quadrado — a metade da densidade francesa — e um rebanho de quase 20 milhões de cabeças. Durante muito tempo, cavando poços, estocando a água das monções em mares artificiais, os camponeses conseguiram viver nesta zona desfavorecida. Contudo, desde o começo do século, a população quase triplicou. O gado arrendado é muito numeroso, enquanto o abate de animais, mesmo os velhos ou doentes, é tabu. O lençol freático baixa. As árvores desaparecem, porque para os indianos, como para dois terços da humanidade, a lenha continua sendo a única fonte de energia. E na ausência dessa barragem natural, a areia vai lentamente reconquistando as superfícies cultivadas.

Mais favorecidos, os habitantes dos países industriais não se mostram por enquanto mais precavidos. Na própria França, a reconstituição de terrenos desmembrados, acentua, ao se destruirem sebes, a erosão eólia, principalmente na Bretanha, e agrava os estragos das cheias, como se pôde constatar no começo do verão, no Sudoeste. Quanto aos modernos cultivadores do Oeste americano ou do planalto australiano, eles não se mostram mais racionais do que seus colegas tuaregues.

A Oeste da Austrália, os 64 mil quilômetros quadrados do Gascoyne servem de pasto a cerca de 300 mil carneiros. Em 1970, um estudo aéreo da região mostrou que a metade das pastagens estavam profundamente desvastadas e que 15% eram praticamente irrecuperáveis. Nos Estados Unidos, em 1975, o Departamento Federal de Proteção ao Solo, responsável por 80 milhões de hectares de pastagens, estimou que um terço delas se achavam em estado lastimável. A causa é sempre a mesma: esgotamento das pastagens.

Foi nos Estados Unidos que ocorreu uma das maiores catástrofes ecológicas do mundo, o célebre **dust bowl**, que devastou nos anos 30 as grandes planícies do Meio Oeste, forçando milhares de fazendeiros arruinados a fugir para a Califórnia. Fiando-se em anos de muitas chuvas, eles também trabalharam demais o solo, desmataram-no, abateram sebes e árvores demais. Quando veio a estiagem, a terra transformada em poeira se levantou do chão e percorreu centenas de quilômetros sem encontrar o menor obstáculo.

Mas, a lição não parece ter sido aprendida. Este ano, a aridez voltou a se instalar no Oeste americano. Mais uma vez, os campos do Colorado, Texas, Kansas e Oklahoma desapareceram sob a areia, uvas, laranjas, tangerinas e limões secaram nos pés. Mas, há uma diferença, em relação a 1930: o homem do campo americano está hoje melhor equipado para enfrentar as calamidades. Até o próximo período de seca...

Ricos ou pobres, analfabetos ou não, todos os habitantes das zonas semi-áridas cometem o mesmo erro fundamental: exploram o solo como se anos de chuva fossem a norma, e a estiagem uma exceção catastrófica. Para combater a desertificação é preciso primeiro reconhecer "o caráter inevitável dos períodos de seca", salienta o plano de ação proposto em Nairobi. E' preciso deixar de acreditar que no ano que vem a água cairá do céu.

Explorar a água subterranea, captar a dos rios, parece ser a melhor arma contra a desertificação. Mas ela tem frequentemente os seus reveses. A existência de dois grandes lençóis subterraneos oferece algumas perspectivas de desenvolvimento agrícola aos oito países da península arábica e às quatro nações a Nordeste da África: Tchade, Líbia, Egito e Sudão. A Líbia, aliás, já se aproveitou desse fato ao criar o oásis artificial de Koufra.

Contudo, esse espetacular milagre verde em pleno deserto poderá ser efêmero, porque esses depósitos são essencialmente fósseis, isto é, foram criados há milhões de anos e não são mais realimentados, constituindo portanto um recurso exaurível, como um depósito de petróleo. Em Koufra, o bombeamento excessivo faz baixar o nível do lençol freático cinco vezes mais rápido que o previsto. Na Arábia Saudita, a injeção de água do mar nos poços de petróleo contamina a preciosa água doce. Em Nairobi, os peritos propuseram um plano de administração comum desses equíferos. Mas, conseguirão a Líbia e o Egito, e os dois Iêmens inimigos se entenderem para explorar racionalmente um recurso que ignora fronteiras?

Após a catástrofe, os países do Sahel fizeram causa comum para elaborar um programa de barragens no Niger e Senegal. A irrigação continua sendo, na verdade, a melhor chance de desenvolver a produção agrícola no Terceiro Mundo. Teoricamente.

Em Nairóbi, os Governos do Sahel poderão se aproveitar do relatório negativo apresentado pelos iraquianos sobre sua experiência fracassada: o projeto do Grande Mussayeb, na planície do Eufrates.

Criado em 1953, a partir da barragem de Hindiya, a rede de irrigação custou perto de 15 milhões de dólares. Ele não parecia mal concebido, porque aos 700 km de canais vinha se juntar uma rede de drenagem de cerca de 1.700 km, para evitar a salinização do solo. Primeira falha: a ligação dos campos com a rede de drenagem foi deixada a cargo dos lavradores. Mas estes, nessa região até então deserta, eram pobres imigrantes, analfabetos, muitos dos quais jamais tinham arado a terra e nenhum estava familiarizado com a cultura irrigada. Segunda falha: não fora prevista uma equipe técnica para treiná-los, nem créditos para a manutenção dessa enorme rede.

Em 1960, o espetáculo era desolador: o canal principal estava obstrído por bancos de areia, as margens desmoronavam, as comportas estavam quebradas, a rede de drenagem fora tomada pelo mato... e o solo se apresentava fortemente salgado. Os imigrantes sobreviviam miseravelmente, praticando a cultura tradicional em áreas de tamanho suficiente para alimentá-los. Em 1968, o Governo iraquiano destinou 10 milhões de dólares para restaurar a rede de irrigação, mas não resolveu o problema fundamental: a formação dos homens.

A dificuldade é sensivelmente a mesma no Paquistão, que possui a maior rede de irrigação do mundo, e que trava uma luta incessante contra a esterilização do solo pelo sal ou seu entupimento pelo lençol freático. Segundo os especialistas reunidos em Nairóbi, a cada ano no mundo a superfície das terras irrigadas arruinadas pelo sal equivaleria à das novas terras submetidas à irrigação.

ESTARIA perdido antes de começar o combate contra a desertificação? A principal lição dos relatórios apresentados em Nairobi é que não se deve esperar um milagre da ciência e da técnica. Em solos frágeis, a aplicação de grandes remédios, como a represa de Assuã, frequentemente resulta na morte do doente.

Um dos relatórios mais interessantes diz respeito ao projeto do "cinturão verde do Sahel". Seus autores mantêm o título, explicando que se trata de um absurdo. Além de um custo proibitivo — de dois a três bilhões de dólares. — o projeto parte da falsa premissa de que o deserto avança para o Sul como um mar, que se poderia conter com uma barragem de árvores.

Mas, não é o Saara que avança: é o Sahel que se destrói. E' ele que precisa ser regenerado com a plantação de mais árvores, mas sobretudo com a restauração da economia pastoril pelo controle do gado, zelando-se pelo bom equilíbrio de atividades completamentares como a cultura e a criação de animais de abate doméstico.

A ciência pode ser útil no estudo dos solos, na luta contra a salinização, na seleção de plantas mais adaptáveis, mas é preciso, acima de tudo, atacar o mal pela raiz: "os problemas econômicos e sociais ligados à administração dos recursos", a superpopulação principalmente, mas também a ignorancia e a pobreza.

Por que os nômades se obstinam em criar tanto gado? Porque é sua única garantia contra a destruição causada pela estiagem, da mesma forma que um grand número de filhos é a resposta tradicional a uma elevada mortalidade infantil. A medicina, a vacinação do gado contrabalançariam assim os mecanismo brutais da seleção natural.

Contudo, as mentalidades não assimilaram a mudança. "Para se tornar importante e influente, os homens procuram uma mulher, amigos, a felicidade. Sem gado, não poderá alcançar nenhum desses objetivos", diz um provérbio. Não é por decretos que se convencerá os nômades a dar mais valor à pastagem que ao gado, mas associando-os, como no tempo dos líderes tuaregue, a uma nova administração dos solos, assegurando-lhes uma solidariedade nacional, uma espécie de "seguro contra a seca".

Mas, há vitórias contra a desertificação. Em Israel e China, dois países com ideologias diferentes, seus povos foram conscientemente mobilizados para combate-la, e lá a formação e os meios materiais não são cruelmente negligenciados.

Para lutar contra a seca em escala mundial, estima a ONU, é necessário gastar 400 milhões de dólares por ano. Um investimento altamente rentável que representaria um ganho de produção de 900 milhões de dólares. O esforço, porém, está acima dos meios dos países afetados, que são também os mais pobres do planeta. Fonte de miséria, a desertificação é produto da miséria: eterno círculo vicioso do subdesenvolvimento.

CARTAS

As cartas dos leitores serão publicadas só quando trouxerem assinatura, nome completo e legível e endereço. Todos esses dados serão devidamente verificados.

Falha do CIP

"Há órgãos públicos que, pela sua estrutura administrativa pelos poderes, às vezes discricionários, que são dispensados aos dirigentes e funcionários, tornam possível a prática de atos incompatíveis com a administração dita pública. Dentre eles, podemos citar o CIP — Conselho Interministerial de Preços — subordinado ao Ministério da Fazenda, criado para controlar preços e custos das principais indústriais do país. Esse controle, deveras exagerado, tem sido criticado com constancia, havendo até ministros e funcionários do 2º escalão que advogam, com insistência, sua extinção.

A estrutura administrativa e os poderes excessivos que possuem seus funcionários geraram a criação de inúmeras empresas de assessoria, que, inegavelmente, prestam serviços de valia ao empresariado, pois acabam criando para benefício delas, um setor de custos até então desconhecido de uma grande parte de nossas empresas. Algumas dessas assessorias foram formadas por ex-funcionários do CIP e outras mantêm analistas em atividade no órgão como seus principais consultores. Mas a grande falha do CIP é permitir que pessoas desqualificadas, sem qualqer conhecimento de economia, continuem representando empresas, algumas das quais multinacionais, sem exibir procuração e qualquer possibilidade de discutir os problemas que surgem da análise de seus pleitos.

Incompetentes abrigam-se à sombra de seus conhecimentos com funcionrios do órgão para pleitear, em nome de seus **clientes**, favores inconfessáveis. Esses **despachantes**, que frequentam os corredores do **CIP**, deveriam ser banidos ou expulsos, permitindo-se, tão-somente, a representação de empresas através de procuração em favor de profissionais, tais como: economistas, administradores ou advogados, habilitados para esse mister. Por que tais **despachantes** têm entre seus **clientes** empresas multinacionais? Seria por competência? Evidentemente, não. Infelizmente, as vantagens oferecidas por essas empresas, gananciosas e irresponsáveis, a trabalhar com tais tipos de pessoas, que não se vexam de pleitear qualquer ilegalidade, porque nada têm a perder.

Sabemos que os dirigentes e alguns funcionários do **CIP** não gostam de atender a esses **zangões** de terno e gravata, que até se intitulam de **doutor**. Alguns estão até sob a mira dos órgãos de segurança, mas, infelizmente, nada foi feito de positivo para banir tais indivíduos, que tudo fazem para denegrir as empresas prestadoras de serviços. Um desses **zangões** é considerado figura **mitológica** no CIP, e consegue sobreviver à custa de expedientes, às vezes inconfessáveis. Urge, pois, providência das autoridades, para permitir apenas profissionais habilitados no trato dos interesses das empresas, como o fazem o BNDE, CDI e outros órgãos públicos. **Mário Freire — Rio de Janeiro**".

Franquismo

"Volto, mais uma vez, a escrever para este jornal face à carta do Padre Alfredo Perez, na qual o mesmo presta esclarecimentos acerca de afirmativas anteriores impugnadas por mim. Longe de mim o desejo de polemizar sobre o assunto, quanto mais que não reconheço em quem se admite franquista a isenção de animo necessária para discussão aberta sobre o assunto; entretanto, cumpre esclarecer que o fato de eu haver classificado a guerra civil espanhola de "a mais terrível e cruenta do século XX" não se prendeu ao desejo de empregar figura de retórica, como insinuado pelo Padre, mas sim corresponde à minha verdadeira opinião.

E' evidente que as guerras não podem ser classificadas quanto à sua natureza e gradação: não existem guerras mais amenas do que outras, por serem todas igualmente odientas. O que desejei colocar foi o fato de que uma guerra fratricida seria, necessariamente, mais dolorosa à própria nação, seja ela espanhola, russa ou norte-americana, gerando traumas e ressentimentos internos que nem o tempo consegue, às vezes, amenizar.

Entretanto, Padre Alfredo Perez, volto mais uma vez à carga para lamentar que o senhor, comparando a guerra civil espanhola às demais, venha afirmar que a mesma é de "pequena significancia (sic)", e que Francisco Franco foi regularmente eleito Generalíssimo e Chefe de Estado. Entendo que o próprio emprego do superlativo com o qual foi agraciado e ungido já dá a verdadeira dimensão da legalidade da pretensa eleição... Carlos Roberto Schlesinger — Rio de Janeiro"

Adivinhação

"Treze pontos para um candidato à Presidência da República: 1) querer, mesmo, ser Presidente (ele quer); 2) ser revolucionário autêntico (e de primeira hora); 3) ser político sagaz (raposa, de preferência); 4) ter convicção liberal democrática (já comprovada); 5) unir civis e unir militares (haverá outro?); 6) ter visão realista da política internacional (ex-Chanceler); 7) exportar imagem positiva da Revolução (ele é charmoso); 8) entender de dívida externa (financista, ex-bancário e banqueiro); 9) ter experiência administrativa (ex-Governador); 10) prestigiar a livre empresa (sem fanatismo); 11) ser nacionalista (sem xenofobia); 12) ser Homem de Visão (com diploma recente); 13) amar seu povo sobre todas as coisas (quem duvida?).

Sete anos com mais sete já se vão, / sem mais qualquer razão de ter cautela, / é justo e necessário que Labão, / enfim, lhe dê Raquel, serrana bela. **Marly Martins Baptista — Rio de Janeiro**".

Desemprego

"Temos que aceitar com otimismo as declarações que vez por outra já nos acostumamos a escutar ou ler de que o "índice de desemprego no Brasil é pequeno" (...) Sou formado em Administração de Empresas, com cinco anos de experiência na área de Marketing em empresas nacionais e multinacionais. Pretendo terminar este ano o curso de Economia e estou agora comemorando negativamente o meu 7º mês sem conseguir emprego. Se não fosse a ajuda dos meus pais e algum dinheiro que entra de meus trabalhos autônomos sobre planejamento de pesquisa de mercado, já havia decretado falência há tempos. Tenho feito durante esta experiência nada boa, inclusive com minha mulher no 9º mês de gestação do primeiro filho, mais de 30 contatos de solicitação de emprego, com currículo espalhado em diversas agências e diretamente nas empresas, quer por indicação de pessoas influentes ou por iniciativa própria, e o que tenho recebido em troca das entrevistas é pedido para aguardar. (...) Estou cada vez mais me convencendo de que a admissão de um candidato pelas vias normais de seleção está cada vez mais precisando de um apadrinhamento. (...) O mercado de trabalho não está nada fácil. A procura é maior do que a oferta. A falta de oportunidade dada pelos empresários é quase nula, em deixar um candidato desenvolver na empresa todo seu potencial. A dificuldade atinge desde o candidato que sai da universidade, até o profissional que já carrega uma bagagem com know-how de cinco anos, como e meu caso. Mário Jorge de Moraes Rego — Rio de Janeiro."

Zelo pelo idioma

"Hoje em dia, peca-se desbragadamente contra a gramática portuguesa. Na parte da sintaxe, ainda está em plena vigência a colocação dos pronomes átonos. É uma onda devastadora, e contra ela não se ergue voz autorizada, que conteste desmandos não para louvados e, sim, para combatidos. Campeia a danosa libertinagem gramatical; o erro é perpetrado, a monte, com a maior sem-cerimônia e desfaçatez. O pior, e magoa fundo, é ver tais desvios pelas colunas de jornais, tidos e havidos por sisudos, aos quais, por decência gramatical e decoro profissional, cumpria andar escoimados de tão feio pecado sintático. (...) Senhores redatores, profissionais ou não, vamos colocar os pronomes direitinho, consoante ordena a gramática? Vamos colaborar com a escola? Claro que sim. Então, tenhamos sempre lembrada a recomendação de João Ribeiro: "Dever de todos os que falam e escrevem é zelar a pureza do nosso idioma, ainda melhor é o exagero do que a criminosa negligência. **Artur Schwab — Rio de Janeiro.**"

MOMENTO

ECOLOGIA

Na ilha Maurício, Oceano Índico, havia um pombo gigante, conhecido como dodo ou dronte. Por seu tamanho e por quase não voar, era uma caça fácil para os europeus que lá chegaram. Em 1681, não existia mais um dodo na ilha. A raça estava extinta. Na ilha Maurício havia antigamente numerosos exemplares de uma grande árvore chamada Calvária. Em 1973, só foram encontradas 13 Calvárias, e nenhuma delas com menos de 300 anos de idade. Durante esse tempo todo, não há notícia de que uma só semente dessa árvore tenha germinado. Agora, o dr Stanley A. Temple, professor de ecologia da vida selvagem na Universidade de Winsconsin, EUA, está levantando a hipótese de que a Calvária vai desaparecendo porque não pode viver sem o dodo.

ECOLOGIA/2

Há provas fósseis de que o dodo comia frutos da calvária. Hipótese do Dr Temple: Como esse pombo gigante a a calvária evoluíram juntos, a árvore desenvolveu uma semente cuja casca era espessa e bastante forte para resistir à trituração da poderosa moela do dodo. Na realidade, a casca se tornou tão dura que, se não fosse "amaciada" pelas pedrinhas existentes na moela da ave, a semente não germinaria. Para testar sua teoria, o Dr Temple alimentou com sementes de calvária alguns perus. Depois plantou essas sementes. Entre 10, nasceram três, "talvez as primeiras sementes de calvária a germinar nos últimos 300 anos", diz ele. Se a tese do Dr Temple estiver certa, parece ser este o primeiro exemplo conhecido de extinção de um animal que resultou no declínio de uma espécie botânica.

EPILEPSIA

Em um relatório publicado após 18 meses de estudo, a Comissão Federal Para Controle da Epilepsia e suas Consequências, nos EUA, afirma que essa doença não somente causa sofrimento incalculável entre seus 2 milhões de vítimas no país como dá um prejuízo anual de cerca de 3 bilhões de dólares à economia americana (perda de produtividade e outros custos). O país gasta atualmente cerca de 1,5 bilhões de dólares no combate à doença. Os ataques epilépticos são desfechados por uma atividade elétrica anormal no cérebro. As causas dessa atividade ainda não são compreendidas perfeitamente, mas a comissão afirmou que, segundo se sabe, lesões na cabeça podem levar à epilepsia. Pelo menos 20 mil casos por ano poderiam ser evitados, com o uso obrigatório de cintos de segurança nos carros, e de capacetes nas motocicletas. Sarampo, caxumba e difteria também podem provocar o distúrbio.

EPILEPSIA/2

A comissão solicitou que a Administração de Alimentos e Remédios aprove um medicamento largamente usado na Europa para controlar os acessos periódicos que afetam 200 mil norte-americanos e que não respondem a outros tratamentos. Com os remédios e operações cirúrgicas atualmente disponíveis, cerca de 50% dos epilépticos ficam inteiramente livres de ataques, e 30% podem reduzir a sua frequência. "Muitíssimas vezes", diz o Dr Richard L. Masland, diretor executivo da comissão "não é a epilepsia mas a reação da sociedade que cria a incapacidade". As famílias se envergonham de ter um epiléptico, e os estranhos, com pavor do que não compreendem, rejeitam a pessoa que "está normal agora, e, no minuto seguinte, fora de controle". O dilema do epiléptico, diz a comissão, é que as pessoas que admitem ter esse distúrbio, antes de assumir um emprego, podem não ser admitidas; e, se escondem o fato de ser epilépticos, e têm um acesso durante o trabalho, provavelmente serão demitidas como mentirosas.

CORAÇÃO

O novo "Echopan KS", da Siemens, é uma espécie de sonar médico, permitindo a representação dos movimentos, dimensões, estruturas das paredes do coração, das válvulas e dos grandes vasos cardíacos. Emissões de ultra-sons penetram nos tecidos e refletem. Os ecos são captados por um dispositivo de medida, recebendo tratamento eletrônico para fornecer um gráfico bastante preciso. Assim, é possível avaliar movimentos anormais, alterações das membranas, dilatações e tumores da aurícula. O exame não oferece nenhum perigo e pode ser repetido quantas vezes forem necessárias para acompanhar a evolução de uma doença.

ALGUÉM PODE ESTAR ESCUTANDO

John Noble Wilford

MUITOS cientistas acreditam hoje que a vida não é exclusividade da Terra, e que em torno de algumas das incontáveis estrelas do universo devem girar planetas que desenvolveram civilizações próprias, algumas das quais poderiam ser mais avançadas que a nossa. Em consequência algumas tentativas têm sido feitas nos últimos anos para localizar estes seres extraterrestres e fazê-los saber que estamos aqui. Trata-se sem dúvida de um fascinante exercício, determinado ao

mesmo tempo pela curiosidade e um certo sentimento de solidão cósmica.

A mais recente tentativa de estabelecer contato extra-terrestre pode ser considerada também a mais ousada. Trata-se de uma mensagem gravada, sob o título "Sons da Terra", transportada pelas duas espaçonaves *Voyager*. A primeira foi lançada ao espaço no dia 20 de agosto e a outra partiu na última segunda-feira.

Ao contrário de suas antecessoras, que nunca deixaram o sistema solar, as *Voyager*, depois de explorarem planetas próximos, continuarão sua viagem pela galáxia como silenciosos peregrinos no espaço e no tempo. Considerando a possibilidade de que alguma civilização venha a interceptar a uma ou outra, o Dr Carl Sagan, da Universidade de Cornell, teve a idéia de fazê-las transportar uma mensagem da Terra, como "uma garrafa jogada ao oceano cósmico".

Preparando esta mensagem, destinada a permitir que seres extra-terrestres, daqui a milhares ou milhões de anos, façam uma idéia da Terra no século XX, o Dr Sagan e um comitê de cientistas, músicos e artistas tiveram de partir de certas suposições. Em primeiro lugar, consideraram que serão de uma civilização tão ou mais avançada que a nossa os seres que porventura interceptarem uma das espaçonaves, pois para tal te-

riam de estar numa expedição muito afastada de seu mundo de origem. Depois, admitiu-se que os interceptadores disporiam de algum sistema de percepção visual; não necessariamente um sistema ótico, como o nosso, mas pelo menos a capacidade de perceber pela luz. Finalmente, o Dr Sagan e sua equipe presumiram que tais criaturas teriam o sentido da audição, embora as diferentes voltagens elétricas que conduzem o som pudessem ser captadas e compreendidas por outros órgãos sensoriais.

Em seguida, a equipe tentou desincumbir-se da tarefa de descrever a Terra em duas horas de imagens e sons registrados num disco de cobre de pouco mais de três centímetros, com 16 2/3 rotações por minuto.

Uma sequência de 116 imagens e diagramas foi selecionada e gravada eletronicamente. A sequência começa com uma visão do sistema solar, apresentando em seguida imagens da Terra vista do espaço. A vida é descrita com desenhos de biologia elementar e imagens de um feto, um nascimento, uma mãe amamentando, um grupo de crianças e uma família. Aparecem então imagens de uma folha, um floco de neve, insetos, peixes, pássaros, elefantes e pessoas de diferentes raças e culturas. Para apresentar a tecnologia humana foram incluídas imagens de casas (da África e da Nova Inglaterra), cidades (Oxford e Boston), o edifício da ONU, a Ópera de Sidney, Austrália, um microscópio, um rádio-telescópio e um foguete em lançamento.

Após cumprimentos orais de 55 línguas, incluiu-se um "ensaio sonoro" com ruídos naturais (chuva, rebentação do mar, grilos e rãs, cachorros e baleias) e humanos (serrote, trator, martelo, apito de trem e a partida do Saturno-5).

A última sequência é uma seleção musical, de Bach e Beethoven a Louis Armstrong e Chuck Berry, passando por maracas mexicanas, flautas peruanas, uma raga indiana e um canto navajo.

Nenhum de nós saberá jamais se a mensagem das *Voyager* foi recebida. Se seguirem as rotas previstas, as espaçonaves não deverão aproximar-se de qualquer estrela antes de decorridos cerca de 40 mil anos. E resta saber, ainda, se quem porventura encontrá-las será capaz de decifrar a mensagem.

Malcolm McNeill

Alguns dos engenheiros que construíram as *Voyager* no Laboratório de Propulsão a Jato, em Pasadena, Califórnia, acham que as espaçonaves constituem em si mesmas mensagens decifráveis. Algum Sherlock Holmes extra-terrestre poderia, por exemplo, deduzir dos parafusos da nave que seus construtores tinham dedos, ou concluir, pelas inscrições, que dispunham de algum sistema ótico. Uma análise dos metais poderia dar-lhes alguma idéia sobre a Terra — que se trata de um planeta que teve um período de fusão, tem campo magnético, é vulcânico e, em consequência, tem atmosfera. O sistema de energia nuclear instalado a bordo daria mais indicações sobre o estágio tecnológico da Terra no século 20.

Enquanto isso, as mais promissoras tentativas de comunicação com seres extra-terrestres dependem da rádio-astronomia, e não de gravações fonográficas enviadas em espaçonaves. Nos EUA e na URSS, vários rádio-telescópios perscrutam permanentemente o espaço em busca de qualquer sinal de rádio que não pareça natural e possa vir de alguma civilização distante. Até o momento, sem nenhum proveito.

Mas o Dr. Frank Drake, diretor do Centro Nacional de Astronomia e Ionosfera dos Estados Unidos, prevê a intensificação das buscas nos próximos anos, de acordo com uma estratégia fixada por estudos realizados no Centro de Pesquisas de Ames, da NASA.

Os primeiros passos nesta estratégia, explica Drake, consistirão em integrar a potente antena rastreadora da NASA em Goldstone, Califórnia, a um programa sistemático de escuta e observação, e aperfeiçoar os receptores para que possam controlar um milhão de canais simultaneamente. O estudo da NASA recomenda ainda o lançamento em órbita terrestre de um gigantesco rádio-telescópio, aumentando a extensão e a eficácia da busca.

John Noble Wilford é editor de assuntos científicos do The New York Times.

OPINIÕES

Esta seção publica editoriais de jornais influentes sobre temas atuais.

Clarín

ENCRUZILHADA ARGENTINA

"AS Forças Armadas que assumiram o Governo da nação examinam-se a si próprias quando reiteram os princípios básicos do pronunciamento de 24 de março de 1976. Quanto mais parecem estes justificados e triunfantes quanto à necessidade de modificar a situação preexistente, tanto maior é sua responsabilidade de explorar os resultados da política seguida em matéria econômica e social. O contrário seria correr o risco de perder a paz, depois de haver vencido a guerra.

As Forças Armadas no Governo restabeleceram a ordem no país. Venceram e aniquilaram a subversão. Fizeram renascer virtudes nacionais que permaneciam adormecidas. Entre estas, a confiança na própria capacidade de realização. Os argentinos não acreditam em um "destino manifesto", mas sabemos que há um destino que se deve construir. Comoção tão profunda como a vivida, que inclui o sacrifício de vidas humanas em defesa da dignidade da vida, tornou inteligível para todos uma frase de San Martin que até agora era de difícil interpretação: "Serás o que deves ser ou não serás nada".

Esta é a encruzilhada em que se encontra o país. Cumprir seu destino ou desaparecer. E esse destino, que requer valores éticos, exige esforços que incluam uma política econômica capaz de manter a soberania nacional. Não faz muito tempo, a proposta foi sintetizada pelo Presidente Videla, quando relembrou a exigência de uma indústria básica para manter uma produção integrada. A necessidade se torna urgente, para que nossas fronteiras se nutram de energia (petróleo e hidreletricidade). E sua urgência redobra ante o crescente desequilíbrio social. Satisfazer a essas exigências é função de uma política econômica bem orquestrada."

LA PRENSA

A NÍVEL TÉCNICO

"SEM prejuízo de comentar em seu devido momento outros aspectos do trabalho desenvolvido no painel da Comissão Especial Brasil—Argentina, deve-se acentuar que os acordos assinados foram recebidos com sinais de aprovação por parte das entidades diretamente vinculadas com o sistema de autotransporte. Segundo o porta-voz da Conferência Nacional de Transportes Terrestres do Brasil, "a eliminação dos freteiros dará maior força às empresas organizadas para alcançar metas mais amplas". O secretário-geral da Confederação Argentina do Transporte Automotor de Cargas (CATAC) declarou que se conseguiu o melhor acordo possível dentro das circunstancias atuais. De sua parte, o representante da Associação de Transportes Internacionais de Carga (ATIC) afirmou que, pela primeira vez, este setor se viu respaldado pelas autoridades com medidas coerentes, o que indica — segundo ele — a seriedade com que se encarou o problema.

Não se pode, entretanto, deixar de mencionar, em vista do seu especial significado, as palavras pronunciadas pelo secretário de Transportes e Obras Públicas do nosso país, ao finalizar a reunião. A análise desses problemas — assinalou ele — deixada em mãos de técnicos da Argentina e do Brasil revaloriza uma metodologia que seria conveniente tomar como exemplo para debater outros assuntos que possam estar pendentes entre os dois países. Trata-se, na verdade, de uma observação oportuna, que convida à reflexão."

JOURNAL DE GENÈVE

LIMITES HUMANOS

"NUM livro impressionante (Les cent prochains siècles), *Raymond Ruyer ilustra nossa incapacidade para dominar o tempo, quando muito longo: ele imagina uma nave espacial que seria enviada para colonizar o cosmo e cuja viagem duraria pelo menos um século. Para que se possa imaginar a missão, seria necessário instalar casais a bordo. Esses pioneiros, imbuídos do sentido do seu empreendimento, teriam filhos que terminariam dirigindo a nave espacial: ora, ninguém pode garantir, nem mesmo pensar, que esses filhos, e depois seus próprios filhos, manteriam intactos os objetivos originais. Sua livre fantasia reduziria quase certamente ao nada esta missão de 100 anos.*

Na terra, o fenômeno é menos claro, graficamente, mas no fundo é o mesmo. A geração que não viu a guerra não pode raciocinar como aquela que estava nas linhas de frente. Os jovens que hoje têm 20 anos zombam das emoções dos mais velhos que "fizeram" maio de 68.

Do mesmo modo, certos valores perdem parte de sua significação, porque as situações mudam: ontem era justo e bom defender tal povo porque era oprimido; hoje, pode tornar-se absurdo, se as circunstancias fazem desse povo um opressor ou uma ameaça direta para nós.

É por isso que nos perguntamos se não seria mais sensato que, recobrando a consciência dos limites humanos, gastássemos menos as nossas energias tentando organizar a uma só vez o universo e o mundo, e nos dedicássemo mais a aprender como dominar o cotidiano imediato." (Claude Monnier).

LE FIGARO

DEMONIOS FRANCESES

"O demônio da divisão é certamente o mais francês dos demônios. Ele frequenta toda a nossa história. Muitíssimas vezes, algumas durante longos anos, nosso país viu-se cruel e gravemente dividido em dois. Católicos contra protestantes, Paris contra a província, realistas contra revolucionários, brancos contra azuis, clericais contra anticlericais, militaristas contra dreyfusistas — nunca terminaríamos de enumerar os tristes períodos em que nosso povo chegou a se arriscar, e até mesmo experimentou, a guerra civil.

Ora, forçoso é reconhecer que a França, mais uma vez — com as culpabilidades divididas — reencontra-se em situação idêntica. Basta uma variação ínfima de votos para que uma metade dos franceses, e não a outra, governe o país. Então, a contestação do poder pela Oposição torna-se incessante e incansável. Já não se satisfaz mais com o recinto das arenas políticas. Utiliza todos os meios, a imprensa, rádio, TV, as fábricas, a rua. O general De Gaulle, com uma Constituição preparada sob medida, acreditava que nos havia garantido a estabilidade: e na verdade, em profundidade, com a ajuda das circunstancias e dos homens, a insegurança política tornou-se geral e permanente. Vivemos diariamente confrontos tais e com tal nervosismo, que a qualquer momento isso pode levar ao pior". (Arthur Conte).

DESAFIO AO SOL

"COMO a Conferência Habitat em Vancouver e as muitas outras reuniões sobre o meio-ambiente que estão sendo realizadas, a conferência sobre desertificação, em Nairóbi, é realmente muito mais fundamental que as sessões diplomáticas que se reúnem para falar de fronteiras, de sistemas de votação e de acordos políticos. Embora todos esses arranjos políticos possam ser feitos, há pouca esperança de enfrentar os problemas naturais do homem. O necessário é reconhecer que as questões políticas podem ser resolvidas por meio de concessões mútuas: as questões naturais, não. O homem não pode discutir e argumentar com o Sol, as nuvens, o gelo ou a neve. Deve adaptar-se a eles — o que significa que deve primeiro chegar a um acordo com seus semelhantes."

The New York Times

Founded in 1851

SOLUÇÃO PARA A RODÉSIA

"O plano anglo-americano (para a Rodésia) até agora recebeu uma fria acolhida por parte dos chefes de outros Governos africanos. A Frente Patriótica e a "luta armada" já foram apoiadas pelos Presidentes dos cinco países da chamada "linha de frente" em volta da Rodésia e também pela Organização da Unidade Africana. Há sinais de que os cinco presidentes, assim como numerosos membros da OUA, estão muito mais nervosos do que aparentam publicamente com as perspectivas de uma Zimbabwe dominada pelos guerrilheiros. Tão poderoso é o simbolismo de "luta armada", entretanto, que até para questionar seus possíveis resultados é preciso coragem política.

Contudo a resistência final deve vir provavelmente dos brancos, mais que dos negros. Ian Smith espera usar seu mandato agora, fortalecido, para fazer um "acordo interno", pelo qual a autoridade formal passaria para negros eleitos enquanto seriam mantidos grandes privilégios para os brancos. Não dá certo. A única esperança de pôr fim à guerra, sem simplesmente passar o poder aos guerrilheiros e negar a todos os rodesianos o direito de resolver o caso, é através da adoção do plano anglo-americano. Smith deve aceitá-lo. Os Présidentes da linha de frente, também."

THE TIMES

CHOQUES EM PORTUGAL

"NÃO há dúvida de que haverá novos choques (em Portugal) mas sua gravidade deve depender em parte da orientação que o Partido Comunista der aos seus adeptos. O PC pode ser tentado a estimular uma resistência semiguerrilheira, a fim de criar o máximo de problemas para o Governo e talvez fabricar alguns heróis e mártires camponeses que a esquerda pode transformar em canções e mitos. Mas não pode haver dúvida sobre o resultado imediato da luta. Quanto a isso, o Presidente e as Forças Armadas — inteiramente expurgadas de esquerdistas desde 1975 — apóiam firmemente o Governo. Os ataques comunistas ao Governo estão servindo apenas para lançá-lo cada vez mais nos braços da direita."

ITAIPU

Silveira (Brasil), Montes (Argentina) e Nogues (Paraguai) retomam as conversações sobre Itaipu

OS TERMOS DA CONVERSA

Carlos Marchi

A menos de 20 dias do início das conversações trilaterais de Assunção para compatibilizar as hidrelétricas de Itaipu e Corpus, as Chancelarias brasileira e argentina começam a disputar uma surda luta pela fixação de posições. Cada uma procura ganhar o maior terreno político possível, a fim de chegar a Assunção com os melhores trunfos de negociação.

Esta luta política se trava em declarações extra-oficiais de ambos os lados e não significa a ampliação dos desentendimentos anteriores. Como em toda disputa política, tão logo foi conduzido o entendimento para as negociações de Assunção, as Chancelarias transferiram suas baterias para o ganho de posições políticas influentes, passando a disputar cada centímetro político, num "cabo-de-guerra" regional nitidamente configurado.

A principal discussão tem caráter conceitual, porque é através da fixação de conceitos básicos sobre aproveitamento hidrelétrico — e, numa segunda instancia, sobre o aproveitamento do rio Paraná — que se assentarão as conversas de Assunção. Neste aspecto, o Brasil tenta neutralizar as tentativas argentinas de emprestar, mesmo suberepticiamente, caráter "harmonizador" às conversas, buscando outras terminologias menos comprometidas com antigos conceitos emitidos pelos argentinos à época em que se discutiam teses jurídicas.

Há pressupostos para as conversações de Assunção. Na troca de notas de julho, entre o Itamarati e o Palácio San Martin, ficou acertado que a reunião terá caráter estritamente técnico, como exigiu o Brasil e aceitou o Chanceler argentino. A proposta inicial argentina, datada de 9 de março deste ano, ainda assinada pelo Chanceler Cesar Guzzetti, estabelecia regras que o Itamarati considerou "principistas", por se prender a fórmulas que possibilitassem a abertura da discussão de teses jurídicas de aproveitamento de recursos hídricos compartilhados, o que o Brasil não aceita. Ficou bem claro, entretanto, que as conversas de Assunção terão caráter "técnico e pragmático", como frisou o Chanceler Azeredo da Silveira em nota de 12 de julho. O Chanceler Oscar Montes concordou com tal colocação, em sua nota de 28 de julho que as conversações deveriam ter "um enfoque eminentemente prático".

Todos os acertos obtidos na troca de notas e nas posteriores respostas já continham uma inequívoca disputa por fixação de posições que permitissem um melhor aproveitamento dos argumentos de cada lado.

Assim, a nota à imprensa distribuída no último dia 29 pela Chancelaria argentina falava em "conversações tendentes a harmonizar os interesses dos três países empenhados no aproveitamento dos recursos do Alto Paraná". A Argentina voltava a utilizar uma antiga terminologia que falava em "harmonização" e, a seguir, "otimização" do aproveitamento hidrelétrico do Paraná, numa terminologia que contém, para o Itamarati, inegável vinculação com as teses de consulta prévia ou efeito suspensivo, renegadas pelo Brasil. A nota à imprensa do Itamarati foi mais seca. Falava apenas de "levar a cabo conversações técnicas sobre os aproveitamentos hidrelétricos de Itaipu e Corpus".

Antes, o Brasil já reiterara os termos da proposta inicial argentina (de 9 de março), porque ela se referia ao "objetivo de unificar critérios sobre bases estáveis e equitativas para o aproveitamento integral dos rios internacionais de curso sucessivo". A tese do "aproveitamento integral" é recusada pelo Governo brasileiro porque pressupõe, segundo os critérios argentinos, a sujeição de Itaipu — que está sendo construída — a Corpus, que não tem, sequer, pré-projeto definitivo. E, também, sujeita o futuro funcionamento da hidrelétrica brasileira-paraguaia a normas interligadas à hidrelétrica argentino-paraguaia, criando limitações para a operação em *ponta* ou em *base* e deixando uma dúvida sobre o atendimento das reais necessidades energéticas brasileiras a serem supridas por Itaipu.

No último dia 1º, o jornal *La Opinión*, de Buenos Aires, porta-voz do Governo argentino e sob intervenção estatal, publicou longo artigo em que citava o "objetivo de harmonizar os interesses" nas negociações de Assunção. Mais adiante, o autor do artigo, Alfredo Becerra, disse, a respeito de Brasil, Argentina e Paraguai:

"Os três sabem que, harmonizando as suas represas, obterão mais energia elétrica do que se não o fizerem. A isso pode-se chamar de aproveitamento ótimo do Alto Paraná."

O retorno, com insistência, da tese da *otimização* do aproveitamento soou suspeita para o Itamarati. E a Chancelaria brasileira reagiu preventivamente, recusando teses que busquem, através do emprego de uma terminologia que os diplomatas brasileiros consideram "viciada", à introdução de princípios inaceitáveis para o Brasil. A *otimização* subordina o projeto de execução de Itaipu ao de Corpus, o que equivale a *amarrar* a hidrelétrica brasileira aos interesses exclusivamente argentinos. Seria, no entender brasileiro, um eufemismo prático à "consulta prévia", tão recusada pelo Brasil, embora sem efeito suspensivo para a construção de Itaipu.

O Itamarati não tem pretensão de boicotar as conversações de Assunção e vai a elas com "intenção construtiva" — afirma-se extra-oficialmente em Brasília — mas não deixou de reagir preventivamente contra o jogo político prévio iniciado pelos argentinos. De ambos os lados, espera-se que tal jogo político — inevitável e esperado — não chegue a deteriorar o suficiente nível de entendimento obtido após a troca de notas de julho, mas será duro o bastante, porque é através dele que as duas Chancelarias obterão seus últimos trunfos para o encontro trilateral de Assunção.

Para o Brasil, Itaipu tem uma dimensão própria e não pode ser, de forma alguma, avaliada paritariamente a Corpus. A hidrelétrica argentino-paraguaia é menor em tamanho e capacidade geradora, ainda não tem pré-projeto de construção, nem recursos alocados. Da mesma forma, afirma-se, a experiência brasileira na construção de hidrelétricas é bem superior à Argentina, de onde se pressupõe uma garantia adicional à efetiva construção de Itaipu (o que não significa que haja dúvidas quanto à concretização de Corpus).

Assim, no entender brasileiro, não se pode comparar as duas hidrelétricas como termo de negociação. Com isso, o Brasil busca situar Itaipu numa dimensão maior, criando dois termos básicos de padrão para discutir. O que o Itamarati quer, reduzido a termos práticos, é que, nos debates de Assunção, Itaipu tenha um peso específico bem maior que o de Corpus.

As afirmações argentinas de que a "harmonização" das duas hidrelétricas permitiriam uma "otimização" do aproveitamento, evitando a perda de cerca de 30% do global energético produzido nas duas hidrelétricas, são recusadas no Itamarati. Tal avaliação é considerada "indevida", uma vez que não sabe qual a altura da barragem de Corpus, qual a sua capacidade geradora, nem que tipo de acordo poderá ser feito para compatibilizar as quotas de uma e outra. Mas, acima das dúvidas suscitadas pelos cálculos argentinos, há o receio de que se voltar a falar em termos antigos, verbetes argentinos indissoluvelmente interligados com teses jurídicas rejeitadas pelo Brasil, possa significar tentativa de ressuscitar, nas conversações de Assunção, princípios jurídicos de consulta prévia.

O Itamarati, para justificar o receio, recorda-se das conversações levadas a efeito em 1974, quando as delegações dos dois países suspenderam as negociações no início, dada a insistência argentina de levantar princípios jurídicos rejeitados pelo Brasil.

Não se nega a qualificação política que as discussões, mesmo caracterizadas como técnicas, terão. Sabe-se, também, que os seus desdobramentos serão políticos e, ao fim, os sucessivos turnos de conversações serão a evolução da mais importante definição política para a região em toda a história recente. Daí a preocupação em fixar, agora, as bases para o início das conversas, dentro de uma terminologia que crie limitações ao parceiro e abra perspectivas à evolução de teses próprias.

Para o Brasil, a base para o encontro de Assunção é que se deve buscar não a "otimização" ou a "harmonização" defendida pelos argentinos, mas a "coordenação hidráulica". O termo novo, inventado recentemente pelo Itamarati, encerra um entendimento semantico aparentemente idêntico — ou, ao menos, semelhante — à "otimização" ou "harmonização", mas pressupõe menos compromissamento das operações que Itaipu tem um peso específico diferente do de Corpus. Significa, por último, que a coordenação não altera o projeto de Itaipu — que já está pronto — mas apenas levará a uma sujeição de Corpus ao projeto brasileiro-paraguaio.

A grosso modo, entende-se daí que Corpus, em seu projeto final, deverá se prender a especificações que não prejudiquem Itaipu, pelo menos a ponto de tornar inviável a hidrelétrica brasileiro-paraguaia.

Da posição brasileira nas negociações, então, se resume em três pontos:

1. O Brasil não aceitará Corpus numa quota que importe em inundação de território brasileiro ou paraguaio (no que poderá ser acompanhado pelo Paraguai);

2. O Brasil não aceitará qualquer acordo que importe em perda de potência geradora a Itaipu, de modo a tornar inviável a hidrelétrica em construção;

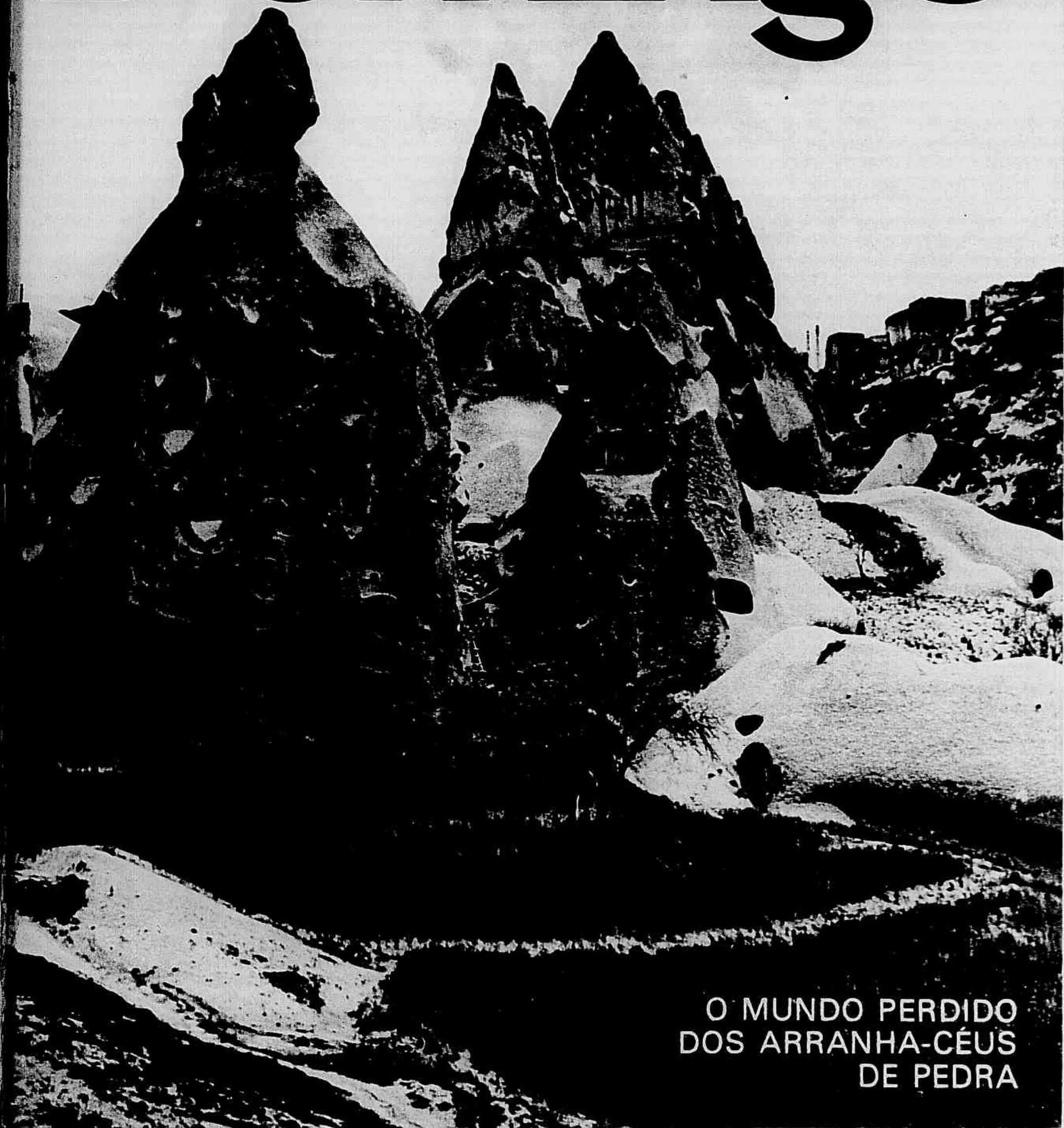
3. O Brasil não admite que os argentinos tentem dar a Corpus, no início das negociações, em peso específico idêntico ao de Itaipu.

Aparentemente, nestes três pontos está configurado um impasse. O terceiro ponto, principalmente, pode ser considerado bastante polêmico, porque sabe-se, com antecipação, que os argentinos tentarão, de todas as formas, emprestar um peso específico a Corpus idêntico ao de Itaipu, considerados os aspectos estratégicos que cercam a construção das duas usinas. Em artigo no dia 10 *La Opinión* assinala que Corpus "deve existir, mesmo que não produzisse energia elétrica, para que sua barragem sirva como amortizador da queda dágua de Itaipu". Tal opinião dá bem a medida do rigor estratégico com que os argentinos encaram a questão do caudal do Paraná após Itaipu, mediante o controle da vazão que a hidrelétrica brasileiro-paraguaia terá.

O Paraguai — como parceiro de ambos — assiste calado. As teses do Brasil e da Argentina necessitarão, no fim, de sua concordancia e é com a Chancelaria paraguaia que estarão as definições que certamente serão alcançadas ao fim das negociações que são aguardadas no dialogo trilateral.

Carlos Marchi é repórter da Sucursal do JORNAL DO BRASIL em Brasília.

JORNAL DO BRASIL Não pode ser vendida separadamente — Ano 2 — Nº 75

Revista do Domingo

O MUNDO PERDIDO
DOS ARRANHA-CÉUS
DE PEDRA

Cigarro fino satisfaz?

Experimente Chanceller.

RIO, 11-09-77 • ANO 2 — Nº 75
Domingo
JORNAL DO BRASIL

DOIS PONTOS

CONTRA A CORRENTE, A MINORIA SILENCIOSA

Viver uma vida cristã, num mundo de valores humanos cada vez mais colidentes, é tão difícil como nadar contra a correnteza. Mais difícil, ainda, é vencer a corrente, o temor reverencial, os preconceitos, as poluições da aldeia global, e abraçar um Sacramento hoje em dia, aparentemente, tão esquecido como o da Penitência: o Sacramento da Ordem.

A missão da Igreja — exercida pelos seus padres e religiosos — é difícil nos tempos que correm por ser, ao mesmo tempo, profética e contemplativa. Como há muitos profetas, não é de se estranhar que haja entre os jovens uma confusão mais ou menos generalizada. Como há no nosso século uma heresia, segundo a qual só é moral ou só tem sentido o que é útil, a contemplação foi devidamente cadastrada na categoria dos supérfluos. Não se pode, portanto, estranhar que os novos filósofos proclamem a morte de Deus (novamente), comparando-a até à de Marx, como se ambos fossem água do mesmo rio.

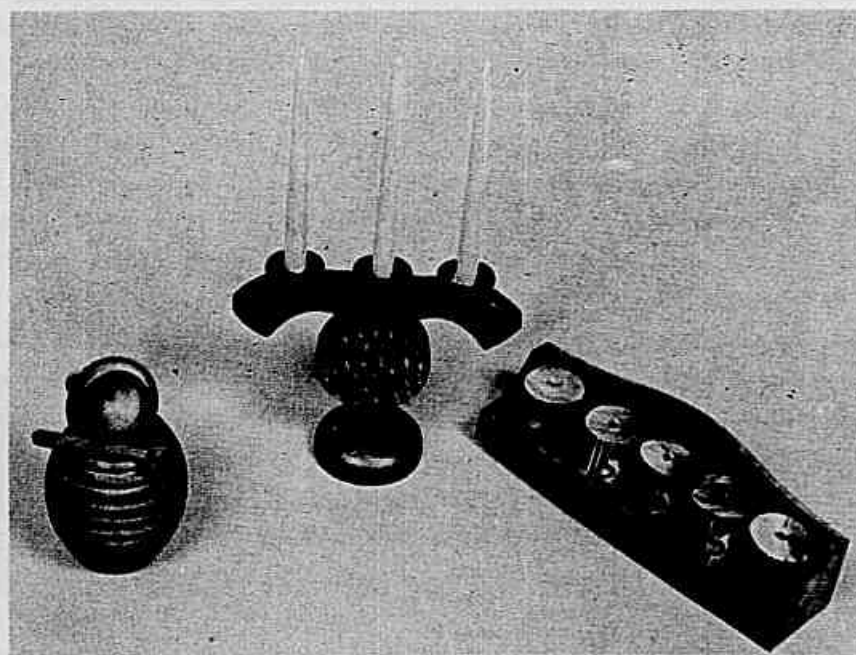
No entanto, sem que a maioria se dê conta, há uma crescente minoria silenciosa que volta a ocupar, aos poucos, os dormitórios dos seminários e as celas dos mosteiros, tão vazios nos últimos 10 anos. Seminários foram fechados por falta de vocações. Os mosteiros não fecham nunca.

D Basílio Penido, o atual abade-presidente da Congregação Beneditina Brasileira, informa, por exemplo, que a Ordem tem no momento, no Brasil, 30 noviços e postulantes, número considerado significativo, em comparação com os últimos dez anos.

Enfrentaram também uma crise de vocações, mas os que ficaram continuaram a rezar e a trabalhar. Os Novos Operários de Deus (*leia reportagem na página 4*) *podem ter de 12 a 44 anos.*

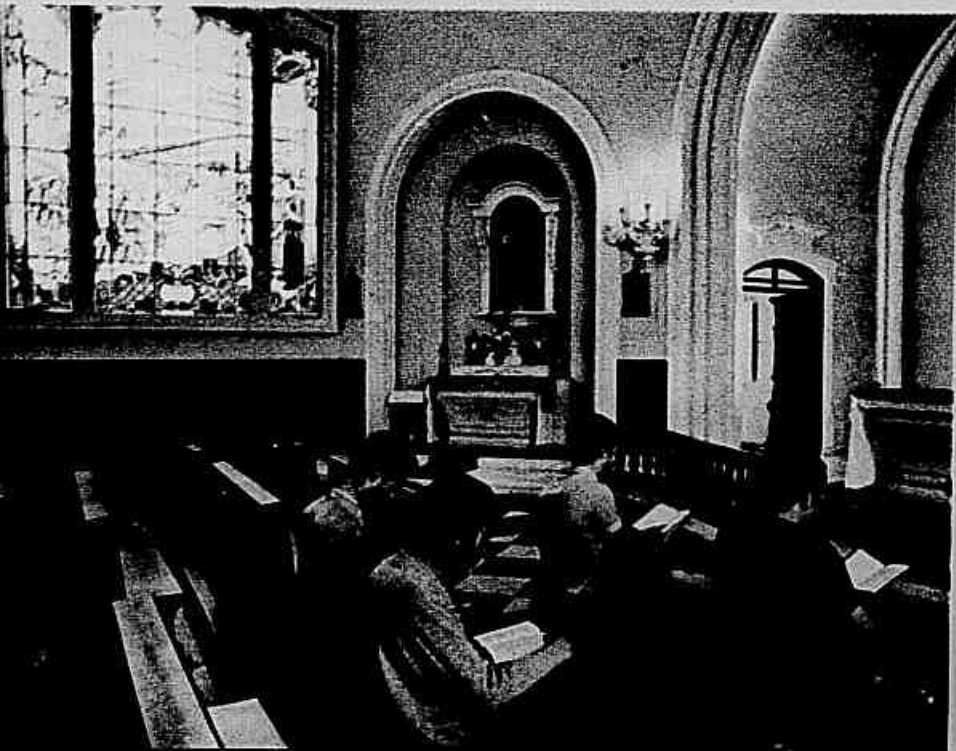
Os mais jovens, que nasceram na década conturbada dos 60, adquiriram anticorpos que os imunizam contra a poluição ambiental. Vêem tudo, ouvem tudo, podem falar de tudo. Mas chegaram à conclusão, de uma maneira ou de outra, de que o problema fundamental do homem não é o prazer, a realização profissional, a liberdade sem fronteiras. É a ausência de Deus.

Os mais maduros, que procuram seminários e mosteiros, fazem em geral um caminho de volta, com a humildade do filho pródigo, ou simplesmente se convertem, fazendo lembrar a época anterior à II Grande Guerra, quando, pela Graça de Deus e através da influência intelectual e espiritual de Maritain, Bloy, Péguy, e tantos outros, a Igreja recebeu uma extraordinária fornada de operários.

Luis Orlando Carneiro

OS NOVOS OPERÁRIOS D

Borges Neto

Seguindo a tradição, todos os dias eles fazem as orações de manhã e de noite. O estudo toma a maior parte do tempo mas ainda sobram algumas horas para o esport

E DEUS

Idealistas, eles não pretendem fugir do mundo, mas atender a um chamado que consideram importante

e os filmes de bangue-bangue

Fotos de Luís Carlos David

Alvimar entrou com 10 anos e Antônio com 38; Stael, como contador, ganhava, há cinco anos, Cr$ 3 mil 200 mensais, e Teixeira tinha dois açougues; os mais velhos se levantam toda manhã às cinco e os outros uma hora depois; há os que pagam Cr$ 50 de mensalidade e aqueles que pagam 10 vezes mais; Geraldo confessa que teve suas farras e namoros, mas Paulo, desde menino, que só pensava em ser padre.

São todos alunos do Seminário Nossa Senhora do Amor Divino, de Petrópolis, um belo edifício cor-de-rosa, de três andares, levantado ao meio de uma colina em Correias — presente do Embaixador Luís Guimarães Filho, que, morrendo sem deixar filhos, ordenou que "todos os seus bens viessem a pertencer às obras do Altíssimo."

Para além de todas as diferenças de origem, temperamento, idade e passado, existe no entanto um traço comum entre os 54 seminaristas daquela instituição: todos querem ser padre, o que para Mílton Antônio Mecabô, 24 anos, 1º ano de Filosofia, significa "não fugir do mundo mas atender a um chamado muito importante."

O Seminário de Petrópolis pode ser tido como uma das casas mais conservadoras dos antigos padrões de formação sacerdotal mas, ao mesmo tempo, nele têm lugar algumas experiências antes simplesmente impensáveis. Símbolo do antigo é o sino rachado, nos fundos do prédio, que toca a anunciar o fim do recreio; e símbolo do novo é a campainha-cigarra elétrica que bem cedo desperta do sono e seis vezes ao dia chama os alunos para as aulas.

Seguindo uma multissecular tradição, todo dia os seminaristas fazem as orações da manhã e da noite, dedicam à meditação 15 minutos e outros tantos à leitura espiritual, participam da missa, rezam o terço, fazem visitas ao Santíssimo. Eles se confessam de 15 em 15 dias, uma vez por mês, geralmente, procuram o diretor espiritual e uma vez por ano fazem seu retiro de três dias, em silêncio. E para que as férias grandes não deixem eventualmente perder o ritmo, os candidatos ao sacerdócio cortam-nas ao meio para passar 15 dias no sítio do Seminário, em Secretário, a 20 quilômetros de Correias.

Maiores (filósofos e teólogos) e menores, todos os seminaristas andam normalmente em traje esporte, mas nas cerimônias que se realizam na catedral ou por ocasião de visitas e festas mais importantes os teólogos vestem batina e os outros, calça azul-marinho e camisa branca. Podem tomar banho de manhã ou à tarde, mas a regra é andar de cabelo curto, não usar bigode nem deixar a barba por fazer.

O Reitor, Padre Jorge Facchin (42 anos de idade, rosto rosado, italiano de Pádua, que o Bispo da sua Diocese cedeu para ajudar na formação do clero de Petrópolis), defende a manutenção do regulamento elaborado a partir do Concílio de Trento (século XVI) ao dizer que "só através de sólida direção espiritual, vida de oração e espírito de sacrifício, os jovens chegarão gradualmente ao conhecimento da própria vocação". Mesmo para os mais novos faz-se necessário, segundo ele, o regime de internato, já que "normalmente nem a paróquia nem a família (considerada o "primeiro seminário") têm condições adequadas para o específico desenvolvimento humano e religioso dos vocacionados."

A fidelidade às antigas normas não impede contudo que, a partir do último Concílio (encerrado em 1965), fossem introduzidas certas reformas. Só os teólogos usam batina, e mesmo assim só em cerimônias mais festivas. Aos mais velhos é permitido fumar e nas paredes dos quartos de dormir (reservados a teólogos e filósofos) encontram-se não só o crucifixo como também retratos de jogadores de futebol, plásticos e coleções de chaveiros e flâmulas. Freqüentemente há sessões de cinema (tipo bangue-bangue) no próprio auditório, e nada acontece àquele mais travesso que corta o cigarro que o professor, menos esperto, segura atrás das costas enquanto dá sua aula.

Devido a distância, muitos seminaristas ficam sem ver a família durante os quatro meses de cada um dos dois períodos do ano escolar, mas as cartas, periódicas e compridas, são abertas não mais pelo Reitor mas pelo próprio destinatário, além de que todos os domingos o risonho porteiro Geraldo tem de abrir várias vezes a porta para receber a visita de familiares dos alunos.

Em caso de morte, casamento ou algum evento familiar mais relevante, os jovens são autorizados a ir a casa, assim como também os pais são por vezes convidados a tomar parte em reuniões com os padres do Seminário.

— A formação que damos supõe integração perfeita com a família. Seminário ajuda mas não substitui a família — explica o Reitor.

O silêncio, antes tão temido pelos antigos seminaristas, já que só podia ser quebrado fora do prédio ou nas horas de recreio e cuja imposição tão severas penas trouxe para tantos, não é mais problema: está agora limitado às galerias do claustro.

A conversação à mesa, ainda que moderada, tomou o lugar das longas leituras que antes eram feitas durante as refeições. No refeitório também, logo às primeiras horas do dia e antes de se sentarem para o café, os seminaristas aniversariantes são sempre saudados com palmas e o canto do *Parabéns*. Padre Reitor quer que "tudo seja feito como se fosse em família."

As inovações chegaram inclusive às salas de aula. Continua o estudo do Latim e do Grego mas para os teólogos existe, por exemplo, o curso de Doutrina Social da Igreja, e aqueles que quiserem podem aprender não apenas piano e harmônio mas também violão. Aulas de Teologia são dadas por padres, na Escola Teológica do Mosteiro de São Bento, mas para as de Filosofia os alunos vão à Universidade Católica de Petrópolis. E se antes só padres entravam nas salas para dar aula, hoje são os próprios filósofos e teólogos que se encarregam das matérias para os mais novos; homens *de fora* lecionam Português e Matemática. Inglês e Francês são dados por mulheres.

Os padres continuam fazendo as refeições numa sala em separado, mas sua alimentação é sensivelmente a mesma que a dos seminaristas. Só quando fazem anos ou em dias de festa eles se associam para repartir o bolo e refrigerantes. Uma velha tradição dos seminários católicos e que é mantida religiosamente no Seminário de Correias é o feriado todas as quintas-feiras.

Nesse feriado, os seminaristas põem mais em dia suas aulas, disputam seus campeonatos de tênis ou futebol, percorrem as redondezas ou vão até o sítio onde não faltam piscina, cavalos, vacas e árvores de fruto. De lá vêm o leite (15 litros por dia), a carne e as verduras com que três religiosas palotinas e cinco empregadas preparam os lanches e doces, o café da manhã, almoço e jantar de cada dia. São elas também que cuidam da lavanderia, remendam e passam a roupa a ferro. Ao Reitor compete também, com a Kombi amarela do Seminário, carregar o calçado precisado de sapateiro.

O clima de Correias — onde há 28 anos o Bispo de Petrópolis, Dom Manoel da Cunha Cintra, construiu, na Estrada União-Indústria, 3 441, o Seminário — é dos mais saudáveis do país, e a água que nasce de uma mina da granja e abastece a casa dos seminaristas nada fica devendo à melhor da região. No entanto, para qualquer eventualidade, existe o serviço médico prestado gratuitamente pelo Dr Jorge Machado, de Petrópolis, desde a fundação do Seminário.

A formação espiritual do seminarista não se restringe só a práticas religiosas e doutrinação que os padres vão dando ao longo do curso. Tampouco consiste só em rezar pelos benfeitores e o casal Embaixador Luís Guimarães Filho e Sra Lavínia (que depois de enviuvar se fez monja clarissa, com o nome de Irmã Maria da Encarnação) e cujos restos mortais »

O número de seminaristas, que em 1960 era de 19 mil 511, caiu em 1973 para 10 mil 123. Agora os números voltam a aumentar e o nível dos candidatos subiu muito

repousam ao lado do altar da igreja do Seminário. Ao casal se deve a granja onde hoje se ergue aquela casa de formação eclesiástica e ao fundo da qual se conserva ainda a moradia amarela dos primeiros proprietários — reservada agora para local de retiros, encontros de jovens vocacionáveis e reuniões do Serra Clube.

Os fins de semana são passados pelos teólogos (já todos ministros-extraordinários da Eucaristia), filósofos e alguns do colegial em paróquias, geralmente as de origem — Caxias, Magé, Petrópolis e outros municípios — para ajudar em atividades pastorais. Ainda como "escola de vida", no Seminário os alunos praticam determinados exercícios manuais. Além de fazerem sua cama, são eles que todo dia dedicam uma hora a serviços de limpeza interna, trato das plantas e manutenção dos campos de futebol e recreio.

É ainda cedo para avaliar os resultados da experiência que representa o Seminário de Petrópolis, dado que a existência dele conta apenas 28 anos, e a formação de um padre exige em média 14 anos (quatro de ginásio, três de colegial, três de Filosofia e quatro de Teologia). Sua lotação maior foi em 1959, com 83 seminaristas. Em 1973 (o ano mais crítico em geral para os seminários do Brasil) o número caiu para 37. Mas atualmente eles já são 54 (cinco de Teologia, quatro de Filosofia, 14 do colegial e 31 do ginásio). Até o presente, aquele Seminário formou 15 padres, no dia 11 de dezembro mais dois serão ordenados e no próximo ano o Reitor espera ter oito teólogos. Acredita o Padre Facchin que "aos poucos voltaremos ao ritmo normal."

A objeção de que muitos são os que batem à porta mas poucos os que chegam ao fim — no ano passado entraram 22 e só um foi ordenado — não assusta o Reitor nem altera a importância do seu prognóstico, já que, segundo ele, a chegada à Filosofia "implica quase uma opção definitiva". E sobre os que saem (para os quais o Seminário todos os anos organiza também encontros especiais), Padre Facchin tem uma boa saída:

— Eles sempre levarão alguma coisa de bom que aqui aprenderam. E nunca é demais lembrar que o Brasil inteiro se beneficiou de ex-seminaristas.

SEM NENHUM MEDO DA SOLIDÃO

Antônio: açougues e um Dodge

Paulo: lutando pela justiça

Dilson: de todos e de ninguém

Alvimar Alves Assis Rodrigues, *da cidade de Senhora dos Remédios (MG), só por uma concessão muito especial entrou o ano passado no Seminário. Ele tinha acabado de fazer 10 anos e a admissão se faz normalmente só a partir dos 12 anos. Os primeiros quatro meses que passou sem ver a família (a 250 quilômetros de distância), Alvimar diz que aguentou, mas no segundo semestre algumas vezes chorou de saudade.*

Agora, é um menino já bem adaptado — que quando está no Seminário pensa em casa e quando está em casa pensa no Seminário — e diz com firmeza que quer ser padre "porque é uma maneira boa de trabalhar para Deus". Tanto se afeiçoou já ao seu ideal que, se o mandassem embora, "tentaria entrar em outro Seminário, porque o negócio é ser padre."

Antônio Teixeira Pinto, *nascido na cidade do Porto (Portugal), entrou no Seminário quando já tinha 38 anos e era ministro-extraordinário da Eucaristia em Caxias, onde chegou a ter dois açougues e um belo Dodge azul-celeste. Confessa que chegou a namorar uma moça e depois outra, mas hoje — com seus 44 anos de idade e prestes a terminar o terceiro ano de Teologia — revela seu desencanto:*

— Nenhuma mulher poderia preencher minha ânsia de felicidade. Creio que só Deus poderá. Mas bem sei que isto é difícil de explicar, como diz São Paulo: "O Evangelho é loucura para os que não crêem".

Paulo Francisco Machado, *24 anos, e* ***Dilson Passos Júnior,*** *26 anos, ambos de Magé, que juntos entraram no Seminário há 14 anos e juntos serão ordenados no próximo mês de dezembro, admitem que "algumas vezes" tiveram a tentação de voltar atrás e não escondem as dificuldades que os esperam.*

— Muita gente pensa que ser padre é ter que renunciar a sentimentos ou que ele é um frustrado, um inapto para o casamento. Pois eu que, muitas vezes, sinto o apelo da vida familiar, sinto também o apelo de Deus para um serviço no qual a gente, não sendo de ninguém, é de todos — acrescenta Dilson.

— Não me interesso por política mas lutarei pela justiça até criar situações de conflito, se for preciso, porque isto é parte da nossa missão profética — diz Paulo Francisco depois de observar ter aprendido em Jaspers que "os interesses dos políticos muitas vezes não coincidem com o bem comum."

Paulo Francisco Machado leu Herman Hesse, e Antônio Pinto "alguma coisa" de Soljenitzey, Dilson leria o escritor Gustavo Corção ou o Bispo rebelde Marcel Lefebvre, mas "só por cultura". Geraldo Tamiozzo de Alvarenga, 27 anos de idade e 1° de Teologia, e Antônio Stael de Sousa, 32 de idade e 3° de Teologia, também lêem "alguma coisa" nos jornais e revistas, mas nenhum suporta novela de televisão nem as "imundícies do cinema."

Por outras palavras, o pequeno Pedro Lima Vasconcelos, 13 anos e 3ª série ginasial, de Barra do Piraí, acha que "é melhor viver para Deus do que para o mundo."

Apesar de jovem também, com seus 19 anos, Paulo Augusto Milagres Rodrigues — um dos que no próximo ano entrará em Filosofia — mostra-se bem informado e pronto em se pronunciar sobre alguns nomes mais em evidência no mundo eclesiástico.

Para ele, o Bispo de São Félix do Araguaia, Dom Pedro Casaldáliga, "tem razão, porque está num lugar empenhativo para se igualar mais um pouco com os pobres e ele se julga no direito de falar sobre as injustiças. Já para o Arcebispo de Diamantina, Dom Geraldo Sigaud, por estar onde está, as coisas são mais fáceis." Mesmo assim, Dom Sigaud não se livra da pecha de "um pouco bitolado."

E os últimos Papas?

— João XXIII foi um Papa bom e teve a coragem de abrir o Concílio. Paulo VI continuou e, apesar das dificuldades que tem passado, é admirável.

Milton Antônio Mecabô, *que veio de Campos Novos, em Santa Catarina, entrou no Seminário de Correias no ano passado, quando tinha 23 anos e depois de ter morado algum tempo em Três Rios (RJ). Como outros que entraram tarde, diz que "foi bom o tempo que passei lá fora; assim tive ocasião de conhecer melhor as dificuldades". Leu Jorge Amado, diz que gosta de ouvir Roberto Carlos e as músicas do Padre Zezinho, mas confessa que não conhecia Elvis Presley.*

Também Mílton namorou, desde os 15 anos, "mas só em festas e coisas assim". Agora está no Seminário para ser padre, já que essa é para ele a maneira mais adequada de "fazer bem a todo mundo". Sobre a idéia de chegar à velhice e sentir-se então só, privado do amor da mulher e filhos, o jovem diz que não tem por que recear:

— Mesmo então, espero não sentir o problema da solidão porque, se alguma coisa de bom eu tiver feito, só o olhar para trás deve proporcionar um pouco de felicidade e o povo a quem eu tiver ajudado a crescer para Deus certamente saberá retribuir de muitos modos. ●

SUGESTÕES DE DOMINGO

Seu melhor indicador de produtos e serviços

Emagreça e Rejuvenesça

• Massagem com Thiomucase: elimina celulite, flacidez e gordura localizada. • Máscara de colagênio Bel Plastic-elimina as rugas. • Embelezamento do Busto.
Academia de Beleza France-Bel: tratamentos eficientes e definitivos para rejuvenescer o corpo e o rosto. R. Raimundo Correia, 28/102. Tel.: 237-0578.

CORREÇÃO DOS PROBLEMAS DA FALA ATRAVÉS DA CIBERNÉTICA
Professor Simon Wajntraub e sua equipe tratam dos problemas da fala em geral. Crianças e adultos. Rio: R. Santa Clara, 75/402 (235-4751) e Brasília: Centro Médico B/E s/401 (243-3514). Das 9 às 22h.

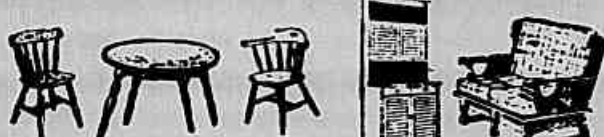
ECONOMIZE SUAS PERNAS

A Comercial Marítima vai até você.
Ligue para a Comercial Marítima e conheça em sua própria casa o Chevrolet dos seus sonhos. Com a melhor taxa de financiamento, entrega imediata e a tradicional assistência técnica.

Vendas Av. Oswaldo Cruz 67 Tels 245-0678 245-2833 e 225-2557
Esc. peças e serv. R. Sorocaba 233 239 Tels 286-3297 e 286-3348

MÓVEIS TIPO AUSTRÍACO

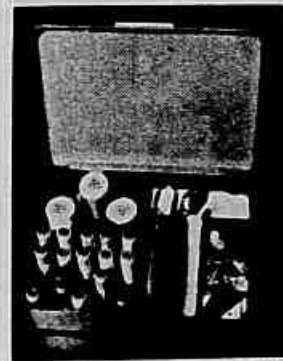
GIRAU R. HADDOCK LOBO 73 TEL 248-2528

MÓVEIS COLONIAL AMERICANO

GIRAU R. HADDOCK LOBO 73 TEL 248-2528

15 DIAS

Já estava na hora de alguém oferecer mais. Livre-se dos 60 dias de opção para a venda do seu imóvel. Carlos Varsano lança a mini-opção de 15 dias úteis, inédita no mercado.

CARLOS VARSANO
Av. Copacabana 1085 ... 255-3174

Agora, as linhas, agulhas, alfinetes e dedais têm um lugar digno para descansar.

A caixa de costura Record tem espaço amplo e divisões para todo o material necessário. É um produto utilíssimo que pode ser encontrado nas grandes lojas: Americanas, Brasileiras, Sloper, Casa Arthur, Madame Rosa e Parque Real. Ou, no atacado, à Rua Porena, 107 - Ramos. - Tel.: 230-3297. É leve, prática e muito bonita. Um produto Amp Record.

A SOLIVIA PARTICIPA DO SEU DIA D.
Solivia aluga ou confecciona seu vestido de noiva e, prepara seu álbum de casamento. Como brinde, você ganha um poster. **Rua General Roca, 778, s/408. Tel.: 268-9507.**

"São Moritz" TERESÓPOLIS

• Chalet suíço
• Sala convenção
• Tênis - Piscina - Sauna
• Parque - Lagoa - Jardim
• Play-ground - Cavalos
• Asfalto porta a porta
• Gasolina aos domingos

Inf. Rio: 265-7991 e 245-3379

COLOURSTATIC

O método de impressão e reprodução de estampas mais simples que já existiu. Com o ferro de passar roupa, mesmo uma criança faz reproduções incríveis, em tecidos sintéticos ou algodão.

FAÇA SEU PEDIDO PELO TEL.: 264-6999 E RECEBA EM SUA CASA SEM ACRÉSCIMO.

PALACE Comércio e Representações Ltda. Rua Barão de Ubá, 118 C/29

SOCORRO! PRECISO DE UMA EMPREGADA URGENTE.

Calma, calminha. É só ligar para 256-3070 e está resolvido seu problema.
Empregadas diaristas: arrumadeiras, cozinheiras, lavadeiras e passadeiras, às suas ordens. Diaria: Cr$ Cr$ 100,00
Não perca a cabeça. Ligue para Help.

256-3070

Apartamentos Para Temporada

Quando vier ao Rio, a negócios ou a passeio, alugue um apartamento mobiliado, com um, dois ou mais quartos com a TURISLAR. Para curtas ou grandes temporadas no bairro de sua conveniência. TURISLAR também compra, vende e administra o seu imóvel.

R. Barata Ribeiro, 181, lj. D; tel. 255-2391.

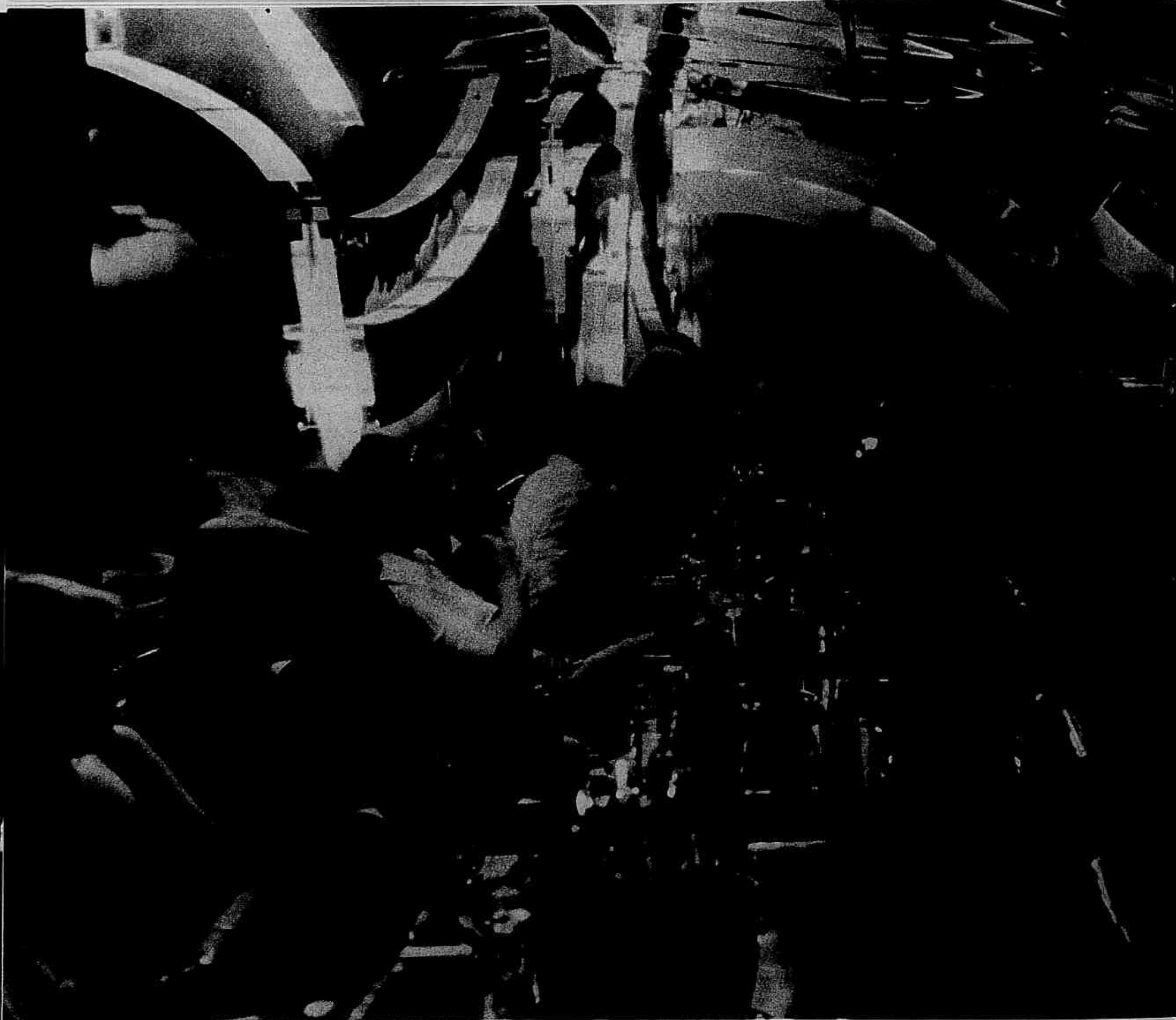
CONHEÇA OS PRODUTOS DA PALACE.
E O QUE ELES REPRESENTAM PARA VOCÊ.

VASSOURA MÁGICA NOVO ELO
Varre onde as vassouras comuns não conseguem chegar. As escovas rotativas se encarregam do trabalho. É leve e funcional.
Cr$ 300,00 unidade

PÁ PARA BOLO E FRITURA UNIVENSE
Em aço cromado, com cabo de jacarandá. Faz bonito tanto na mesa quanto no fogão. **cr$ 44,00 unidade**

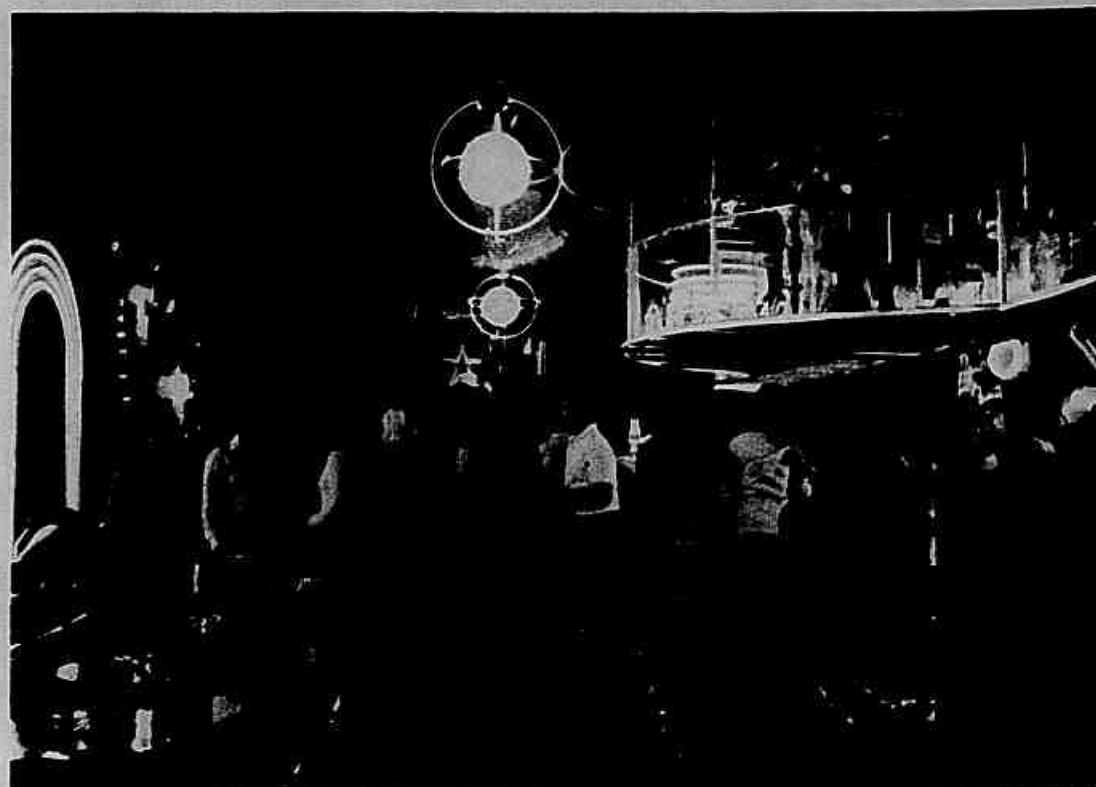
FAÇA SEU PEDIDO PELO TEL.: 264-6999 E RECEBA EM SUA CASA SEM ACRÉSCIMO.

PALACE Comércio e Representações Ltda. Rua Barão de Ubá, 118 C/29

RIO: Anúncios para esta seção pelo telefone: 243-0862

No Hippopotamus , um momento de dourados reflexos e calma, antes da dança frenética. Abaixo, o Papagaio, preferido pelos jovens

A LONGA NOITE DE SÃO PAULO

Ao terminar o dia, começa a frenética corrida em busca de diversões

Narciso James

milionários e as mulatas do Beco, um esforço para dar o tom tropical

Fotos de José Carlos Brasil

Um permanente festival, onde se misturam casas de luxo e sofisticados bares íntimos, discotecas psicodélicas, cantinas folclóricas e shows de samba com mulatas importadas do Rio. Nem todas as diversões são caras, mas quem quiser pode gastar uma fortuna em poucas horas

A partir das 18 horas São Paulo começa a parar de trabalhar. No Centro da Cidade, a agitação praticamente morre, embora ainda restem alguns lugares que lembram os tempos onde toda a vida noturna girava em torno da Rua 7 de Abril. A mesma inconstância nas diversões — o paulista se apega e abandona as novidades com a mesma rapidez, como aconteceu com os boliches, as discotecas, os bares de samba e as casas de chope — se repete com a localização. A moda e a diversão foram se afastando lentamente do Centro da Cidade. Primeiro pararam na Rua Nestor Pestana, espalharam-se para o Largo do Arouche e Rua Santo Antonio, mudaram para o Bexiga, com suas cantinas italianas e teatros e chegaram aos Jardins.

Em São Paulo, comer, beber e dançar é diversão. Os meninos ricos e os jovens executivos não são mais vistos nas ruas, com seus carros ou suas motos. Praticamente todos começam a trabalhar cedo, antes mesmo de terminarem seus cursos colegiais. Mas são vistos de noite, em busca de tudo que a cidade não oferece durante o dia. O sol torna-se uma imensa luz estroboscópica, o barulho de buzinas, apitos de fábricas e do transito muda para o também neurotizante ruído das músicas das discotecas, todas iguais e repetidas.

18 HORAS: OS BARES

Os bares da noite paulista não são aqueles onde se toma um café, um chope ou uma *batida* enquanto se conversa com os amigos à espera de um carro ou ônibus. São ambientes refinados, chamados "ambientes para executivos", onde o uísque é servido ao som de um piano e a discrição sempre é mantida, mesmo que a mulher que forma o casal seja a mais linda e bem feita de todas.

O Plano's fica na Rua Oscar Freire 811, perto da Rua Augusta. Abre sempre às 18 horas, como todos os bares do gênero. Seus *habitués* podem até jantar, e bem. O *picadinho caipria* faz sucesso há meses. Aqui, tudo acontece ao som do piano de João Maria de Abreu.

O L'Abshinte é na Rua Bela Cintra 1.862, também perto da Rua Augusta e da Avenida Rebouças. Seus clientes são fiéis e as reservas de mesa pelo telefone, comuns. A música fica por conta do pianista Pedrinho Mattar e de Carlos Roberto. Um casal tem que consumir, obrigatoriamente, Cr$ 200.

Na Galeria Zarvos, esquina da Avenida da Consolação com São Luiz, dois bares obrigatórios para quem deseja conhecer como se começa a noite em São Paulo. O Pub começa às 11 horas. É um lugar tipicamente inglês, muita madeira e pouca luz. Confortável e com um restaurante anexo. O Paddock, tem como atrações uma enorme variedade de uísque, a música de Geraldo Cunha, o conjunto Luís Melo e o cantor Dave Gordon, com as cantoras Ana Maria e Rosely. Tem ainda a vantagem de não cobrar consumação mínima.

Há até mesmo um bar diferente. No Checkpoint Snooker, na Consolação, não se entra somente para tomar um drinque e conversar. Aqui joga-se bilhar com extremo luxo, em casais. Tem ar condicionado, não se cobra consumação e fica aberto até às 4 horas.

TAMATETE, "O MERCADO"

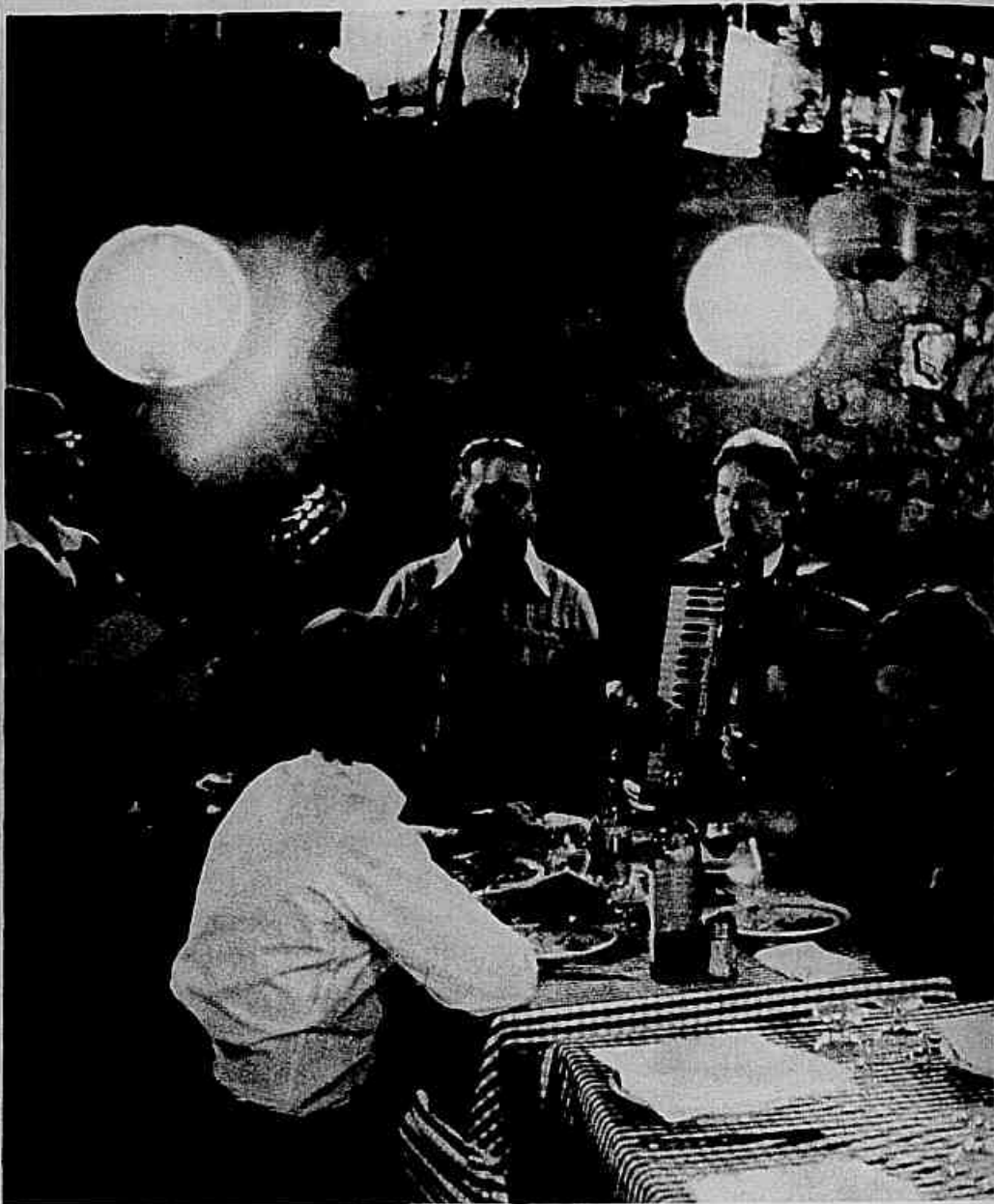
Em taitiano, *Ta Matete* quer dizer *mercado*, que na cultura local representa um lugar onde as pessoas se encontram, discutem, conversam, se divertem, fazem compras e bebem. Um lugar que pode ser tudo ou nada. Em São Paulo, quando se escolheu a Avenida 9 de Julho, em pleno coração dos Jardins, o Ta Matete tinha que ser pelo menos grandioso.

Uma casa de três andares, cercada de um muro branco com vidros *fumée* e por um jardim a céu aberto, é a primeira visão que seus freqüentadores recebem. O projeto foi feito sob encomenda, o Ta Matete nasceu planejado em seus menores detalhes pela dupla Campbell e Feltrini, a um custo não confessado mas sugerido como "por volta dos Cr$ 9 milhões só na montagem e construção". Cada andar tem dois níveis e representa, segundo seus donos, o que há de melhor em São Paulo como *american bar,* restaurante e discoteca. Paulo Mendonça, um dos sócios, explica:

— Não sabíamos se era melhor abrir um barzinho, um restaurante ou

Sofisticado, o Muro d'Hera é ponto de encontro de intelectuais

Os gourmets paulistas asseguram que só encontram restaurantes melhores que os de São Paulo em Nova Iorque

Ruth Escobar e Arrabal movimentam a noite com a Torre de Babel

Na Cantina Julio, a nostalgia e a cozinha napolitanas

uma discoteca. Resolvemos abrir os três juntos.

Foi o sócio Paulo Mendonça que, numa de suas viagens até a Escócia, escolheu um *blended* especial que é importado sob encomenda e que a Drury's do Brasil engarrafa exclusivamente para o Ta Matete. A garrafa é marron com letras douradas. É um uísque suave.

No andar mais alto fica o restaurante que começa a funcionar às 21 horas e fica aberto até às 3 horas. No andar intermediário, fica o barzinho, com a música do piano de Mario Edson. O barzinho funciona só até às 23 horas, exatamente quando a discoteca, no andar de baixo, começa a se encher. As entradas são separadas, mas lá dentro pode-se passear de um nível para o outro despreocupadamente: a conta acompanha o passeio. À partir do momento em que a música da discoteca começa a tocar, é levada para todos os cantos por um tubo de acrílico. Mas chega ao restaurante de modo bem suave, sem interromper as conversas.

Na discoteca, as mesas ficam em níveis, o que torna visível a pista para qualquer pessoa, mesmo sentada. São mesas redondas e ovais, que saem do chão e são contornadas por poltronas de almofadas. Isso faz com que cada grupo-mesa se torne um clube fechado, que não tem a atenção desviada pela passagem dos garçons.

Muita luz e cor, com os jogos e efeitos de Harry Pave. Patterson, o jamaicano criado na Inglaterra, ex-discotecário do Lalalbonne Clube de Londres, que canta, se agita, brinca, dança e desliga ou liga o som e as luzes.

21 HORAS: OS RESTAURANTES

No mundo inteiro, talvez apenas Nova Iorque possa competir com São Paulo em matéria de restaurantes. Encontra-se de tudo, a qualquer hora. A cantina italiana típica, dirigida por uma família simpática, comida chinesa, baiana, regional brasileira, mineira, japonesa, européia, alemã, *pizzas, hamburgers* e *foundues*, sem falar da carne de novilho precoce ou novilho estabulado, gado criado com pouca ou nenhuma movimentação apenas para que sua carne, ao ser servida numa churrascaria, seja macia e tenra.

Nas quatro casas principais de carne em São Paulo, um casal gasta, em média e sem bebidas importadas, Cr$ 250. Pode ser na Cabana, na Avenida Rio Branco, no Rodeio, Rua Hadock Lobo (perto da Rua Augusta), no Dinho's Place, com três endereços (Largo do Arouche, Alameda Santos quase esquina da Rua Cubatão e na Avenida Morumbi), no Brooklin, ou nos quatro locais em que existe um Rubayat: Avenida Vieira de Carvalho, perto da Praça da República, Alameda Santos, Avenida Adolfo Pinheiro, em Santo Amaro e Avenida Faria Lima, no Jardim Europa.

O La Tambouille fica na Avenida Cidade Jardim. Seu dono, o italiano Giancarlo Bolla, que está no Brasil há 21 anos, garante que na região dos Jardins existe um cliente que tem bom gosto, dinheiro e sabe comer bem. Em seu restaurante, o *faisão a chateau chillon*, Cr$ 150, costuma ser uma pedida comum. Nos Jardins fica ainda o La Cocagne (Rua Campos Bicudo, no fim da Av. 9 de Julho), com sua cozinha francesa considerada pelos paulistas como uma das melhores que existe fora da França.

Saindo dos Jardins, pode-se experimentar a comida típica brasileira no Maria Fulô, na Rua São José, em Santo Amaro. O preço, Cr$ 190, inclui opção para 30 pratos, desde o *vatapá* ao *xinxin de galinha*, sobremesa e café. O Profeta, comida típica mineira, fica na Alameda dos Aicas, perto da Avenida Indianópolis. Com música de órgão e decoração colonial brasileira, serve *feijão com torresmo, leitão à pururuca* e até mesmo *lagosta à nordestina*.

Na Cantina D'Amico Piolin, Rua Augusta, encontra-se a fauna intelectual, artística e a boêmia de São Paulo. Um público que dificilmente entraria na Taberna do Giulio, na Rua Conselheiro Carrão, um pouco mais cara e refinada e que tem o cantor Carlos Vilela com seus tangos como atração especial. Na Alameda Santos, fica o Massimo, com música ambiente e ao vivo, restaurante e bar e uma comida especialmente criada pelo seu proprietário, Massimo Ferrari, mesmo dono da Churrascaria Cabana. Um desses pratos e a *cumbuca de camarão ao grattin*, assado no forno com creme de leite, champinhon e queijo parmezão, por Cr$ 140.

O VERDE DO MURO D'HERA

A elegância de todos, a sofisticação da decoração em tons verdes e

No estilo sóbrio e tradicional, o restaurante Paddock recebe há anos clientela exigente em matéria de arte culinária

a fama da cozinha do restaurante Muro D'Hera, na Alameda Franca, são completadas com as apresentações, sempre às 21 horas, da cantora Madalena de Paula, que costuma interpretar Cole Porter em irrepreensível inglês e mostrar ainda um repertório de músicas em outros cinco idiomas. Nos intervalos, o violão de Marivaldo Carlini. O *chef-de-cuisine* é Aloy, que foi do cassino da Urca e do navio *Conte Grande*. Sob suas ordens, é feito um cardápio especial de comidas francesas, italianas e internacionais, como o *camarão a Muro D'Hera*, por Cr$ 180. No almoço, as saladas verdes e pratos caseiros, por um preço bem mais acessível: Cr$ 80.

A juventude manda na noite paulista. Isso pode ser constatado em suas discotecas, cada vez mais coloridas e barulhentas, enquanto as boates tradicionais apagam seus luminosos à neon. Em todos os lugares se escuta a mesma música importada, os casais dançam do mesmo jeito e a animação vive durante a noite e só começa a diminuir com o nascimento do sol.

No Centro da Cidade resta a New York City, na Rua Nestor Pestana, endereço que já foi de vários outros nomes famosos ou não, sempre na mesma linha. São paredes espelhadas, para 300 pessoas, filmes projetados em telas especiais e muita música. Frequentadores especiais possuem carteirinhas de sócios, que dão o direito de tomar três doses de uísque por Cr$ 88. Nos fins de semana, um casal tem que pagar Cr$ 400 na entrada.

Para quem gosta de *shows* ao vivo, **há *jazz* no Opus 2004, na** Avenida da Consolação, onde a consumação é de Cr$ 50. Pelo mesmo preço escuta-se Dick Farney no Regine's, na Rua Santa Isabel ou os sambas e choros de Manezinho da Flauta no Jogral, Rua Maceió. Para ouvir Geraldo Cunha e o *show* da cantora Claudinha e o Didi Trio, no Terceiro Uísque (Rua Santo Antônio) é preciso gastar pelo menos Cr$ 120.

Os espetáculos do Beco, boate e restaurante da Rua Bela Cintra, entre Consolação e Augusta, costumam fazer sucesso na noite paulista. Para se ver a cantora Rosemary no *show Rose Rose*, as mulatas que rebolam no *Planeta das Mulatas* a 1 hora da manhã, e ainda o bailarino Pepe de Cordoba e a concertista de violão Leysi Miranda, **paga-se um *couvert*** artístico de Cr$ 160 por casal. Uma noite no Beco, com jantar, fica em Cr$ 600 por casal. Em média.

FIM DA NOITE: PAPAGAIO

Dentro de um *shopping center*, o Calcenter, na Avenida Faria Lima, perto da Avenida Rebouças, fica a discoteca mais badalada de São Paulo atualmente: Papagaio. Com chão preto, um salão enorme onde existe uma arquibancada e anúncios por todos os lados, com bicicletas penduradas e rodando sobre a pista de danças, as mesas, todo mundo. Com o piscar das luzes destacam-se as marcas Bells, Coca Cola, Calói, Gledson e Vat 69. Filmes publicitários são mostrados para os que estão cansados de dançar e na cabine de acrílico suspensa sobre a pista de danças o discotecário Roberto, 25 anos, ex-Ton Ton, acompanha o ritmo dançando e assumindo os contornos de fantasma ou de louco. Paga-se, na entrada, Cr$ 100 nos fins de semana, um pouco menos em dias úteis. Aos sábados e domingos à tarde existe a *pipoca dançante*, para adolescentes de 14 a 18 anos.

O dono do Papagaio é Ricardo Amaral, que tem ainda em São Paulo um clube fechado, o Hippopotamus, que fica no fim da Avenida 9 de Julho e onde só entram os sócios ou seus convidados. Com uma ressalva: se a casa estiver lotada, os sócios têm preferência. O Hippopotamus tem quase 3 mil sócios em São Paulo, Rio e Salvador. Do Rio, apenas 100 pessoas possuem a carteirinha, mas agora deve começar uma campanha para novos sócios, já que será inaugurada em setembro, na Praça Nossa Senhora da Paz, a filial carioca com discoteca e restaurante, bar e anexo. Os responsáveis calculam que a sociedade carioca poderá dar mais mil sócios para o clube Hippopotamus. A do Rio será a terceira casa no Brasil, já que além de São Paulo está em pleno funcionamento a de Salvador, no Othon Hotel.

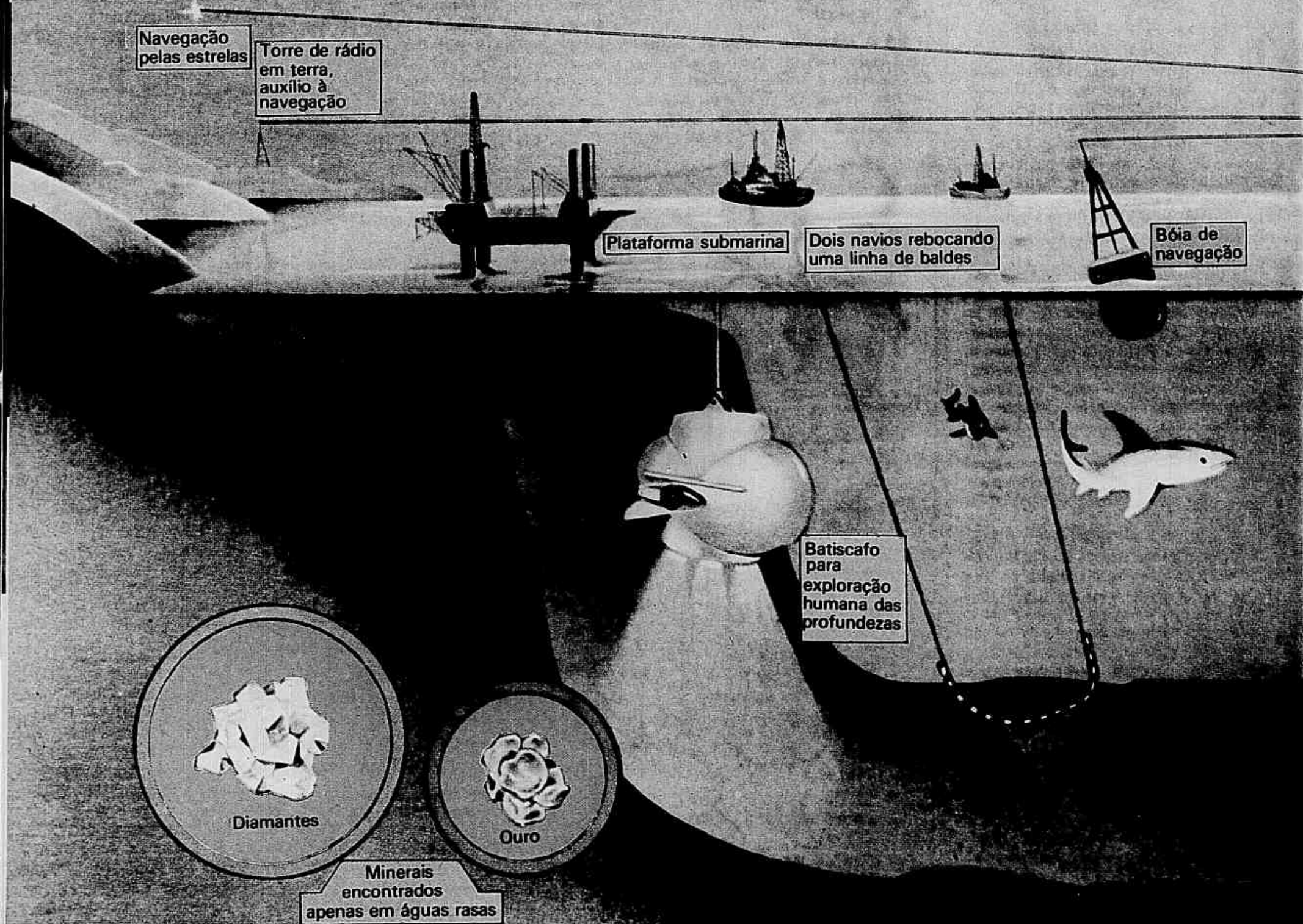
Quando o sol surge, São Paulo já está trabalhando novamente. Mas ainda resta um lugar para se ir, antes de encerrar a noite. É o cafezinho no Aeroporto de Congonhas, um hábito que está caindo de moda. Segundo as más línguas, porque Congonhas agora fica fechado até às 8 horas para pouso e decolagem de avião. ●

Elas estão lá, é só ir buscar
AS RIQUEZAS DO FUNDO DO MAR

Enquanto as jazidas de minérios da superfície se esgotam, no fundo dos oceanos incalculáveis riquezas esperam novas técnicas de exploração

William Wertenbaker
The New York Times

Quilômetros abaixo da superfície do mar, numa terra que homem algum poderá pisar, há uma paisagem espetacular que só recentemente começou a ser explorada, praticamente ignorada até 25 anos atrás. É uma região ainda hoje menos conhecida do que grande parte da superfície lunar, mas que mesmo assim tornou-se o ponto central de uma das mais acirradas — e provavelmente insolúveis — disputas nas relações internacionais.

Ali, no fundo dos oceanos, repousa um tesouro intocado, de imensas jazidas minerais suficientemente vastas para abastecer a humanidade durante séculos: cobre bastante para todo mundo por 6 mil anos, níquel para 150 mil e alumínio para 20 mil (na superfície da terra, as reservas conhecidas desses minerais dão para 40,

Técnicas de mineração submarina: ***dois navios puxam um cabo de 15 mil metros que por meio de baldes recolhe os nódulos do fundo***

100 e 1 000 anos respectivamente). Com isso, é natural que algumas das maiores companhias de mineração e do setor de energia do mundo estejam vivamente interessadas no que há por baixo dos oceanos. Para se ter uma idéia, basta considerar que só os Estados Unidos gastam em importações de minerais mais de 2 bilhões de dólares anualmente.

Alguns grupos de companhias associadas já se puseram em campo e realizaram testes de mineração no fundo do mar. Um deles descobriu que somente em duas áreas examinadas há mais cobre do que em todas as reservas conhecidas em terra seca. Outro grupo tentou registrar a posse, junto ao Governo Americano, de um veio principal no leito do Pacífico. Ao todo, já foram gastos mais de 100 milhões de dólares só em pesquisas. Naturalmente estão todos impacientes para começar a mineração oceânica em escala comercial.

Trata-se, na realidade, de uma caça ao tesouro em escala nacional e de grandes companhias multinacionais. Mas quais serão os direitos dos *caçadores*? Quem controlará o leito dos mares — uma área maior do que todos os continentes juntos — e quem arrecadará os lucros? As respostas não são simples e a busca de soluções tumultuou mais de meia dúzia de reuniões da Conferência sobre a Lei do Mar, das Nações Unidas, cuja última sessão encerrou-se recentemente na Cidade de Nova Iorque sem que se tivesse chegado a um acordo.

Mais da metade do mundo fica a cerca de 3 quilômetros de profundidade, sob o mar. Nesses abismos, entre as montanhas marítimas, espalhadas por montes e planícies, inimagináveis jazidas de minérios esperam alguém que as descubra. Segundo os especialistas, o sedimento do mar profundo, conhecido como barro vermelho, contém cerca de 1 trilhão de toneladas de minerais que se puderem ser retiradas a um custo razoável abastecerão a humanidade durante milhares de anos. Além disso, o leito do mar é a fonte final de muitos — senão da maioria — dos minérios explorados em terra.

Contudo, o interesse comercial imediato se dirige aos nódulos de manganês, distribuídos pelo leito marinho em camadas extremamente densas. São peças redondas ou em forma de batata, cachos de uvas, ou *hamburgers*, que contêm 40 metais diferentes, inclusive cobre, alumínio, níquel, ferro e cobalto — além de

Satélite usado para navegação exata

Domo Geodésico sobre o Deepsea Miner II

Raio de sonar para medir profundidade

Batissonda para medir temperatura, salinidade, pressão, velocidade do som

A profundidade máxima para mergulhadores é de 60 metros

Caçamba para recolher nódulos

Sonda de profundidade com câmaras fotográficas, de TV e iluminação para uma melhor "visão"

Aspirador para sugar nódulos a 4.800m de profundidade

Nódulos de Manganês

Ilustração de Robert ...

...lo mar. O Deepsea Miner usa ar comprimido para sugar o material do leito marinho. Outro método emprega uma pá controlada por fios

manganês. Calcula-se que há meio trilhão de nódulos de manganês no fundo do mar.

Os nódulos de manganês foram vistos **pela primeira vez pelo navio inglês *Challenger* que fez a primeira grande viagem oceanográfica digna desse nome há 100 anos. Em quase todas as amostras arrecadadas pela tripulação do navio em todo** mundo havia nódulos, que a princípio os cientistas confundiram com fragmentos de meteoritos. Só depois da Segunda Guerra, quando as primeiras câmaras de profundidade começaram a ser usadas, é que alguém percebeu a existência de verdadeiros tapetes de nódulos de manganês no leito marinho, às vezes tão amontoados que não há nenhum espaço entre eles e distribuídos em campos que abrangem milhões de quilômetros quadrados.

Ao contrário da maioria dos minérios encontrados na superfície, os nódulos de manganês só contêm metais. Mas embora recubram uma parte maior da superfície da Terra do que qualquer outro recurso mineral e sejam conhecidos pela ciência há um século, ninguém sabe como se formam. É possível que organismos microscópicos tenham desempenhado papel significativo em sua criação. Como pérolas ou cristais de laboratório, os nódulos crescem em torno da uma semente, um grão de sedimento, um dente de tubarão, o osso auricular de uma baleia, uma lasca de rocha ou até de outro nódulo de manganês. Quando serrados ao meio, revelam a *semente* e as camadas que se foram superpondo durante milhões de anos.

Os nódulos crescem muito lentamente — um, de cerca de 50 quilos, colhido por um navio do Instituto Scripps de Oceanografia, de San Diego, tinha aproximadamente 16 milhões de anos e crescera à razão de um milímetro a cada 100 mil anos, segundo revelaram exames de laboratório. Mesmo assim, no total, parecem multiplicar-se mais rápido do que a capacidade da humanidade em consumilos — o cálculo menos otimista estabeleceu a taxa de 16 milhões de toneladas por ano. As únicas áreas em que não se encontram nódulos são aquelas onde a sedimentação se acumula tão rapidamente que sepulta as formações antes que se desenvolvam totalmente.

De maneira geral, os metais encontrados nos nódulos são os mesmos que existem dissolvidos na água do mar e nos sedimentos em que as formações repousam. Se vêm da água ou do próprio sedimento, porém, é assunto a ser discutido. Uma das teorias sustenta que minúsculos insetos, semelhantes a caracóis, chamados *forams*, e que às vezes revestem os nódulos, agem como uma espécie de catalisador. Outra hipótese parte do princípio de que os agentes ativos são bactérias. Seja qual for a causa de seu aparecimento, os nódulos variam de um lugar para outro. Há pequenos e grandes, mais ou menos ricos em minerais, de acordo com a região. Os do Pacífico, por exemplo, são mais frágeis do que os do Atlântico.

Embora há muitos anos se minere ouro e diamantes em águas rasas, os nódulos de manganês, escondidos em lugares quase inacessíveis, despertavam interesse apenas científico até 1959. Naquele ano, John Mero, então um jovem recém-diplomado em Engenharia de Minas pela Universidade da Califórnia, publicou o primeiro trabalho sério sobre a possibilidade de se retirar minérios do mar profundo. Mero calculou a quantidade de nódulos existentes no mundo, em que regiões poderiam ser encontrados em maior abundância, como podiam ser minerados e a que custo. Desde então, John Mero, um homem atarracado, com 40 anos atualmente, vem escrevendo e fazendo conferências sobre o assunto. Desenvolveu também um método de mineração oceânica considerado promissor por muitos especialistas. É certo que muita gente familiarizada com o setor já o chamou de tudo — desde pioneiro de larga visão a oportunista — mas provavelmente não será simples coincidência o fato de que todos os projetos de mineração no fundo do mar existentes atualmente surgiram alguns anos após o lançamento de sua tese.

Longe de ser um recurso desesperado da humanidade à mingua de minerais, a mineração no fundo do mar tem certas vantagens sobre a de terra seca. Uma jazida de nódulos de manganês, por exemplo, pode ser descoberta sem perfurações ou explosões e cada nódulo a ser extraído num projeto de longa duração pode ser fotografado e contado antes da instalação de uma só peça de equipamento. Não é necessário se cavar poços ou perfurar montanhas para chegar ao minério nem construir usinas de força para processá-lo no local, ferrovias para transportá-lo ou cidades para abrigar os operários. Calcula-se que o custo de uma mineração no fundo do mar pode chegar até 500 milhões de dólares, mas nos últimos anos certas minas em lugares remotos da Terra custam quase o dobro. Além disso, como observa Mero, não há cartéis no mar, do tipo OPEP, para manipular os preços nem Governos hostis ou instáveis para encampar propriedades, ou problemas de balanças de pagamento desfavoráveis.

Somente em duas áreas examinadas há mais cobre do que em todas as reservas conhecidas atualmente. Elas poderiam abastecer o mundo por 6 mil anos

Os riscos financeiros da mineração oceânica, no entanto, são consideráveis e das dezenas de companhias envolvidas no setor nenhuma se aventurou ainda a assumi-los sozinha. Embora os fracassos sejam previsíveis no início de qualquer nova aventura, um especialista já comparou a tarefa de retirar minérios do fundo do mar à tentativa de pegar algo na calçada balançando um longo pedaço de espaguete do alto de um arranha-céu. O mais simples dos sistemas em desenvolvimento é uma linha contínua de baldes com capacidade para uma tonelada, ligados a um cabo de aço de 15 mil metros. A linha, pendurada entre dois barcos, é puxada lentamente de modo a que cada recipiente arraste no fundo e recolha os nódulos. Mas há também sistemas mais complexos e dispendiosos e teoricamente mais eficientes. Um deles consiste em tubos de sucção que apanharão os nódulos no fundo e os transportarão através de um condutor, impulsionados por bombas hidráulicas ou de ar comprimido. Dezenas de componentes desse sistema já foram construídos e testados cuidadosamente, peça por peça, em diferentes tamanhos e combinações. Mecanismos de mineração em pequena escala também já estão sendo experimentados, assim como pequenas usinas para processamento dos nódulos.

Em 1970, a Deepsea Ventures passou vários meses minerando nódulos no Blake Bahama Plateau, parte relativamente rasa do Atlântico. Embora fosse apenas um teste, era a primeira vez que se realizava alguma coisa de concreto no setor. A Kenecott, que está construindo o maior sistema de mineração (para manipular 15 mil toneladas por dia; a Deepsea tem por objetivo apenas cinco mil) vem operando seu equipamento em águas mais profundas mas sem tentar por enquanto apanhar os nódulos. Seja como for, todos os consórcios envolvidos na mineração submarina programaram os testes mais importantes para o ano que vem. Mas já há um navio que deverá iniciar em breve um cruzeiro pelo Pacífico para produzir 15 mil toneladas de nódulos, colhendo-os à razão de mil toneladas por dia, nível bem próximo do que se pode considerar uma exploração comercial satisfatória. É uma embarcação de aparência estranha, com um grande domo geodésico no meio e um poço no fundo do casco através do qual se baixam os equipamentos ao leito do mar.

Os melhores campos conhecidos de nódulos no mundo, tanto em quantidade quanto em qualidade, estão numa faixa do oceano Pacífico de 3 mil 750 quilômetros de comprimento e 1 mil e 200 quilômetros de largura. A faixa começa numa cadeia de montanhas marinhas a cerca de 900 quilômetros a Oeste da costa do México e vai até a ilhas Line, a quase 900 quilômetros a Sudoeste do Havaí. Identificada em 1972 por David e Bárbara Horn e Maryland Delache, do Observatório Geológico Lamont-Doherty, da Universidade de Columbia, a região chama-se Golden Horn. Ali, os consórcios de mineração vêm efetuando pesquisas com aparelhos de sonar de alta precisão e câmaras fotográficas e de televisão submarina em busca de bolsões mais ricos, colhendo amostras e mapeando minuciosamente a área. John Mero, em seu primeiro trabalho, calculou que uma jazida de nódulos podia ser operada durante 20 anos em 30 mil quilômetros quadrados de leito marinho. Em Golden Horn, há *três milhões* de quilômetros quadrados recheados de nódulos. ●

A maior fabricante no Japão. Agora no Brasil.

NIPPONDENSO

Ar condicionado para auto.

NIPPONDENSO DO BRASIL REFRIGERAÇÃO S.A.

você já pensou o que significa um tratamento dentário em suaves mensalidades?

Economia para você e sua família; o fim daquelas desistências porque surgiu uma despesa inesperada no mês e, finalmente, você vai poder tratar dos dentes da família inteira em quantos pagamentos desejar.

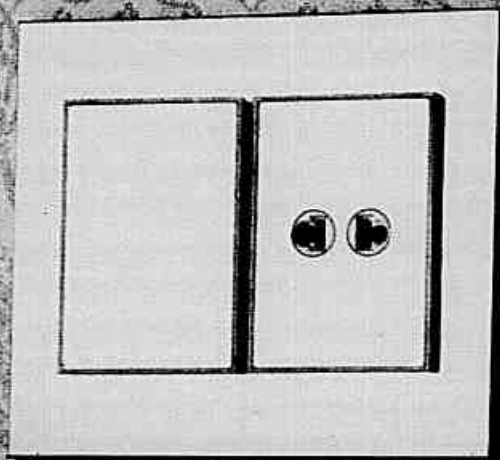
Visite hoje mesmo a

CLIMOF

Clínica Médica Odontológica Fluminense

Tudo em odontologia e medicina preventiva.

Rua Otávio Carneiro, 96, Icaraí.

MÍDIA

MODULADOS VOGUE

A UCHE faz projetos personalizados, perfeitamente integrados a decoração de sua casa. Com MODULADOS VOGUE a versatilidade é ilimitada.

Visite nossa nova loja 3ªs e 5ªs-feiras até 22 hs.

À VISTA COM 15% OU A PRAZO SEM ACRÉSCIMO

Exposição e Vendas: Av. Ataulfo de Paiva, 566-E Leblon — Tel: 294-0145

SOLICITE SEM COMPROMISSO A VISITA DE UM DECORADOR.

Moda brasileira mesmo para tempo quente

AO VERÃO COM JO & CO

Iesa Rodrigues

Fotos de Evandro Teixeira

Na moda de 1978, as roupas inspiradas no estilo e na estamparia safári continuarão fazendo sucesso; na linha romântica, os tecidos crus se misturam com rendas e redes, em saias de babados e blusas franzidas; um pouco mais de cor é a contribuição dada pelos vestidinhos debruados, que enfrentarão o dia-a-dia. Quem determina estas ordens? Os criadores de moda, os famosos estilistas, desenhistas que trabalham com dados sociais, técnicos e culturais, para se inspirarem na invenção de um detalhezinho novo na roupa. Não importa se sua invenção vai vender muito ou pouco: a criação é que é fundamental. No Rio, o destaque do próximo verão vai para a moda de José Augusto Bicalho.

Dentro de um mesmo gênero, várias opções de vestir: extravagante, com calças jodhpur *(à indiana, bufantes) ou bermudas de rede; discreta, nos vestidos de algodão debruados em arco-íris; ou superesporte, com conjuntos de* shorts *e túnica aberta ou blusão e* bustier, *também tecnicoloridos. Tudo, da Jo & Co.*

Muitas astúcias no lidar com tecidos, garantem a variação dos modelos. O mesmo algodão cru serve para a roupa trabalhosa, teatral, e para as saias amassadas, com blusões de rede. Os conjuntos se intercombinam, formando novos modelos. O cuidado do estilo vai até os acessórios, as cestinhas, cintos.

Maquilagem de Eva, do Salão Sergio Luiz. Sapatos da Lefan e Bat-But.

NOSSO HOMEM DE VERÃO

Durante os desfiles e coleções de verão no Rio, José Augusto foi o que mostrou um trabalho mais criativo e surpreendente. A praticidade da roupa, aliada à perfeita execução e à coerência com realizações anteriores foram a marca deste estilista que começou como artista gráfico, passou pelo jornalismo e a fotografia até criar suas próprias bases para inventar moda.

Uma viagem à Ásia com Cr$ 45,00 por dia

NA CAPADÓCIA, A PRÉ-HISTÓRIA É HOJE

Carlos Aguinaga e Bernardo Blanquier

Planejar cuidadosamente uma viagem à Ásia e viajar pela Ásia são duas coisas totalmente distintas. Foi o que logo descobriram Carlos Aguinaga e Bernardo Blanquier, dois jovens brasileiros que resolveram partir para a aventura com pouco dinheiro e muitas informações que a realidade se encarregou de mostrar serem inteiramente distorcidas. Mesmo assim, com uma dose enorme de paciência — e muito cuidado — cedo perceberam que os problemas que se apresentaram acabaram-se transformando na verdade em gratificantes experiências.

Ao iniciar a viagem, que englobaria grande parte do Sudeste asiático, inclusive a Indonésia, e terminaria na Europa, cada um levava 1 mil 650 dólares num cinto especial fechado por fecho-éclair, uma mochila e uma prancha de surfe. Mas não precisaram gastar todo o dinheiro: ao fazerem as contas, na chegada, descobriram que ainda sobravam 165 dólares para cada um. Com as lembranças compradas na Índia, vestidos no Afeganistão — para serem revendidos na Europa — dois bilhetes de avião e o presente de aniversário autoconcedido por um deles — uma viagem aérea sobre o Everest e um jantar no melhor hotel de Katmandu — foram gastos 1 mil 485 dólares em seis meses de viagem. Isso mesmo porque tiveram de deixar a economia de lado em algumas regiões em que era necessário fugir às doenças e à sujeira. Apesar disso, constaram que a vida em todo o percurso é baratíssima — pelo menos para brasileiros — e que com uma média de três dólares por dia — Cr$ 45,00 — consegue-se o essencial para a alimentação — frutas, iogurte e vegetais — e uma cama para dormir. Quem não for exigente e quiser repetir a proeza não vai precisar mais do que isso: o luxo e o conforto dos grandes hotéis são regiamente compensados pelas paisagens a serem vistas e pelo contato com as populações das diversas regiões.

Carlos e Bernardo saíram de Santos, rumo a Cingapura, primeira etapa da viagem, de navio cargueiro. Foram 26 dias de mar, sem nenhuma escala, cuja monotonia só foi quebrada em momentos como o Natal e o Ano Novo. Numa delas, o Natal, toda a bebida embarcada a bordo foi liquidada em um só dia. No dia seguinte, o navio estava com um desvio de 180 graus em relação ao rumo previsto, graças ao segundo piloto que, evidentemente, não quis ficar de fora da festa. Foi de Cingapura que iniciaram a viagem propriamente dita, partindo para lugares que permanecem praticamente desconhecidos para a maior parte dos brasileiros. Uma dessas etapas, a Capadócia, localizada no centro da Turquia, é mostrada por eles nesta reportagem.

Na cidade de Uchisar, as cavernas escavadas na rocha servem de apartamentos. O principal meio de transporte é a mula

Ao contrário do que acontece com muitas regiões interessantes que existem pelo mundo, não é preciso procurar pontos de interesse específicos para se conhecer — e bem — a Capadócia. Desde o momento em que o ônibus vindo de Kaysey ou Aksaray começa a entrar no planalto da Anatólia, onde há incríveis cavernas, a sensação que se tem é a de estar num museu de arte moderna natural, em que os principais artistas foram o vento e a erosão.

Acredita-se que a região tenha sido descoberta por cristãos em fuga das invasões árabes. O certo é que a formação das rochas e a facilidade que se tem para escavá-las proporcionam um ótimo esconderijo. Assim, é natural que as hordas invasoras não notassem a presença do povo que ali vivia. O terreno da Capadócia é, na realidade, especial. De origem vulcânica, é ao mesmo tempo resistente e maleável o que torna fácil a tarefa de dar forma ao interior e ao exterior das cavernas bem simples.

O fato de terem de viver escondidos não impediu que os cristãos continuassem construindo seus templos. Várias obras de arte, a maioria em estilo bizantino e datadas do século 11, foram deixadas por eles. As igrejas, também escavadas na rocha, foram decoradas em afrescos com temas religiosos representando cenas da vida de Cristo e louvando. São Basílio, o santo originário da Capadócia.

Localizada no centro da Turquia, a Capadócia pode ser condensada num círculo de no máximo 20 quilômetros de raio. O clima é seco e a melhor época para se conhecê-la é a primavera. Mas mesmo o inverno, extremamente rigoroso, faz com que as nevadas adicionem às cores da paisagem — tons variados de roxo, amarelo e vermelho — o branco que só faz ressaltá-la. A maior parte dos turistas que costumam visitá-la, porém, fica em cidades mais afastadas, alcançadas pelos aviões vindos de Istambul, fazendo as excursões em ônibus especiais. Com isso, a noite nas pequenas cidades torna-se agradabilíssima e proporciona boas oportunidades de contato com a cultura local.

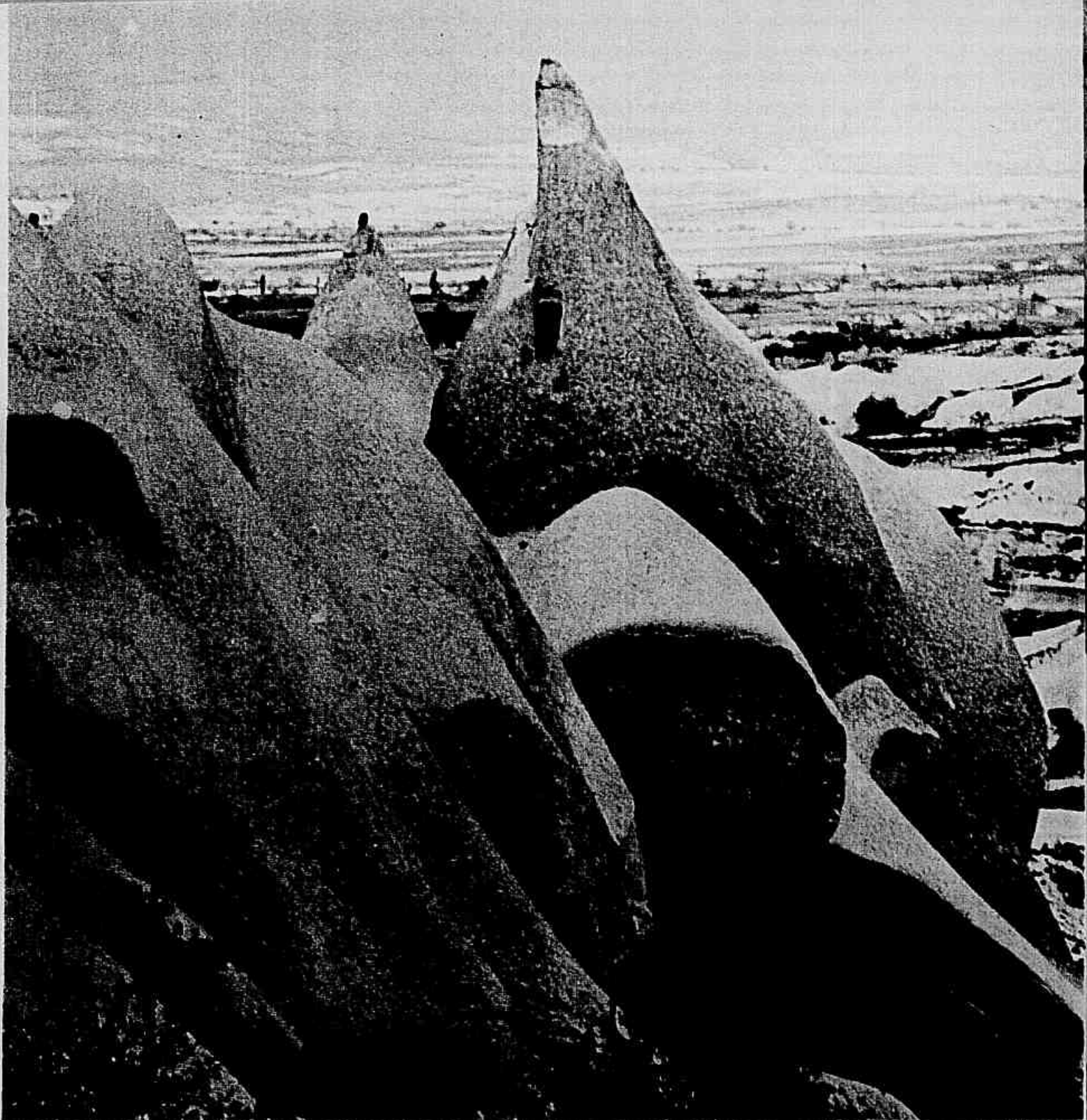
Os expoentes da arte cristã são sem dúvida as igrejas de Carikli, Karanlik e Takali, localizadas em Goreme. Carikli significa *igreja com sandálias* e nela estão representadas as pegadas de Cristo, cópia das que são veneradas em Jerusalém. Nas outras duas igrejas há trabalhos a respeito da Ascensão, Nascimento e Crucificação de Cristo (Karanlik) e da Anunciação da Virgem até a Ascensão, junto com cenas do Novo Testamento (Tokali). As cores são fortes e resistem até hoje, embora o estado de conservação em alguns casos seja deplorável. Os guias turcos tentam explicar a depredação — como aconteceu com um grupo de turistas franceses — atribuindo-a aos gregos, "pois os turcos não a fariam nunca". O problema é que há vários *mustafás* rabiscados por cima dos afrescos. Dificilmente e com toda a

boa vontade do mundo, alguém poderá atribuir origens gregas ao nome.

Exímios artesãos, os capadócios fabricam tapetes que têm grande procura. Com isso, o preço real começa a se transformar em *preço-turista* e as lojinhas proliferam. Mas a comida do lugar é saborosa, feita à base de grão-de-bico e *kebab*, uma espécie de churrasco no espeto. Como bebida, o vinho, de boa qualidade, já que um dos meios de sobrevivência da população é a vinicultura.

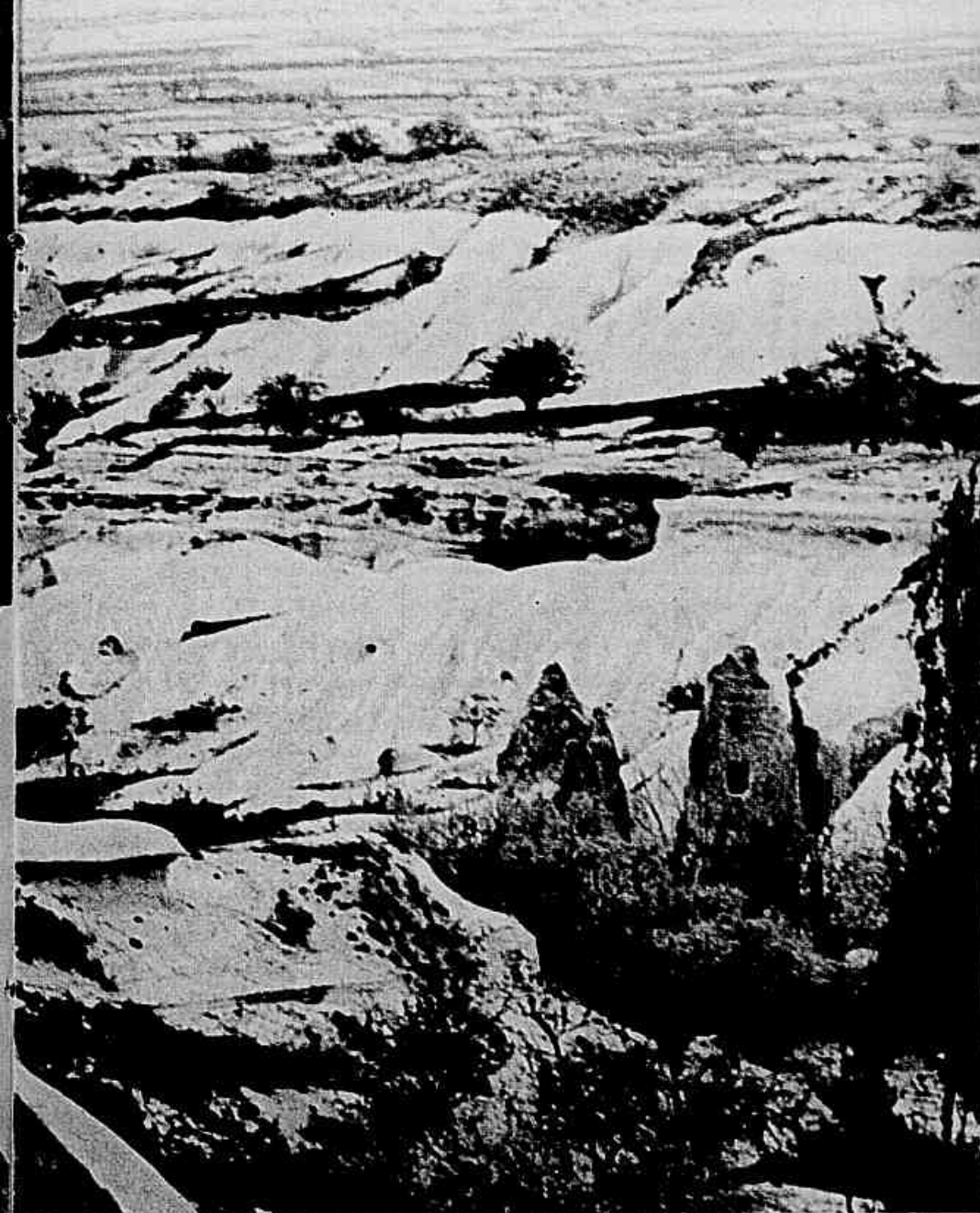
A 12 e 20 quilômetros, respectivamente, de Neusheir, estão Kaimakli e Dininkuyu, duas cidades subterrâneas também construídas pelos cristãos como refúgio. Uma pedra enorme, removível somente pelo lado de dentro, fechava a entrada das cavernas. Às vezes os fugitivos eram obrigados a permanecer no interior durante meses, o que tornava necessário levar os animais e fazer provisões de mantimentos para longos períodos. Kaimakli chega a ter sete andares para baixo e a ligação entre os vários níveis é feita por corredores estreitos e baixos, todos cavados na pedra. Lá dentro o frio é intenso e pode-se imaginar que durante o inverno devia ser quase impossível a vida dos refugiados.

Com exceção das igrejas de Goreme e da cidade troglodita de Avcilar, a maior parte das cavernas ainda é usada para moradia e vendida como se fossem apartamentos. Algumas têm até mesmo televisão instalada, mas de maneira geral o fornecimento de eletricidade é bem limitado, o que obriga ao uso de tochas e lampiões para a iluminação. Na antiguidade, as cavernas aglomeradas serviam como local de orações para os monges e as mais afastadas eram procuradas apenas por eremitas. Entre os séculos 14 e 19 a região foi parcialmente abandonada. Posteriormente a ocupação foi retomando impulso gradativamente. Hoje em dia, há muita gente vivendo em casas acopladas às cavernas, combinando o espaço na rocha com as fachadas de cimento tradicionais.

Além da paisagem verdadeiramente insólita do lugar, a comida e a amabilidade do povo fazem com que qualquer um logo se apegue à Capadócia, a região mais simpática e acolhedora das que visitamos na Ásia. Dois exemplos: uma vez

O vento e a erosão esculpiram durante milênios formas originais por toda a Capadócia, que serviriam de base aos habitantes

Em Urugup, o trabalho de escultura da água

Os dentes de ouro representam um dos sinais de status ***mais cobiçados***

Um povo receptivo e amável vive entre relíquias de valor histórico incalculável

da região para a construção de seus curiosos arranha-céus

Interior de uma igreja construída pelos cristãos refugiados, em Goremo

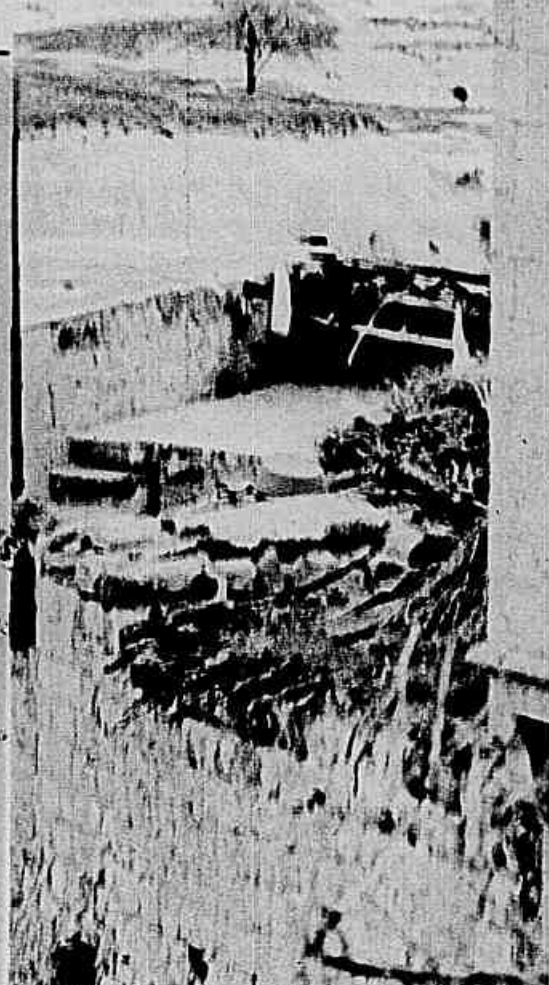
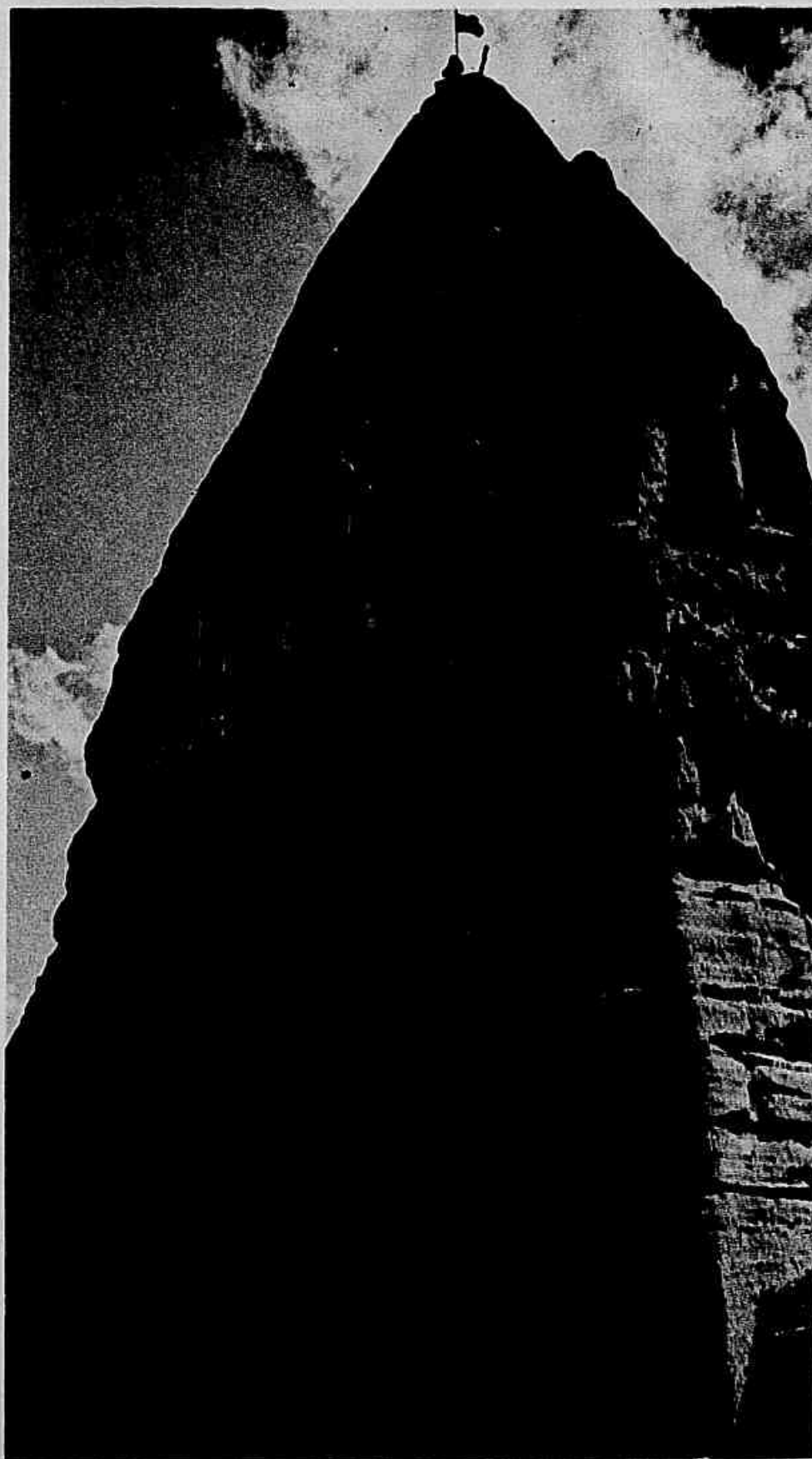
pelos capadócios

Igrejas do Goreme, em estilo Bizantino, do século XI

A natureza das rochas, resistentes e maleáveis, facilitava a escavação

Trabalhadores que saem para a Europa trouxeram a língua alemã para a região

Alguns afrescos que decoram as igrejas cristãs estão em estado deplorável

O recente e o milenar se juntam quando cavernas feitas na pedra são acopladas a prolon

gamentos de concreto à maneira ocidental

As paisagens insólitas se repetem a cada momento nesta região perdida

A população é composta por gente simples que produz só para seu consumo

pegamos carona num caminhão e ao pularmos na caçamba constatamos que estava cheia de maçãs. Escondidios do chofer, tratamos de comer algumas. Quando o homem descobriu o que fazíamos deu uma boa gargalhada e nos incentivou a comer mais ainda. No final, encheu nossas bolsas com mais maçãs. Em outro dia, estávamos na estrada, sozinhos, quando passou uma caminhonete em sentido contrário ao que íamos. Uns 100 metros depois, o veículo parou e deu marcha à ré em nossa direção. Ficamos um pouco desconfiados, devido a algumas experiências negativas que tivéramos em outros países. Mas a desconfiança se transformou em perplexidade quando o motorista parou o carro, foi à traseira da caminhonete, pegou duas laranjas e nos entregou, seguindo viagem normalmente.

Como o solo da Capadócia é de origem vulcânica, a terra na região é extremamente fértil, do mesmo tipo da terra roxa do Paraná. Os pequenos fazendeiros e agricultores constituem a base da população, produzindo leite, pão, cereais e frutas, apenas para consumo local. As charretes, tratores e caminhões pequenos são o principal meio de transporte, além do jumento, próprio para percorrer os íngremes caminhos das cavernas. Ao se viajar na Capadócia, o idioma ideal é surpreendentemente o alemão. Isso acontece porque os trabalhadores turcos que saem para trabalhar na Europa acabam ficando mesmo é na Alemanha. Quem não souber falar alemão, tem de recorrer naturalmente à mímica. Mas há sempre um *tourist-office* onde se pode pedir informações, pelo menos as básicas. Depois, o que resolve é a intuição.

Nossa intenção era ir da Capadócia a Ancara de carona, um percurso de 300 quilômetros, proeza que não é difícil de realizar, graças à boa vontade da população local. Deixamos a região — o que certamente acontece com qualquer visitante — sentindo um grande afeto por aquele pedaço moderno da era das cavernas, uma amostra da Pré-História encravada no mundo de hoje, uma região totalmente insólita pelo incrível relevo, pelas curiosas construções, e que abriga um povo especialmente receptivo. ●

1
2
3
6
7
8
9

Ninguém discute que o bife com fritas é uma solução prática. Mas às vezes cansa. É aí que chega a hora de esquecer por uns instantes as batatas e partir para recheios cheios de imaginação. Escolha um peso sem gorduras, corte em bifes finos, enrole e frite.

O BIFE EM DEZ TEMPOS

Ciléa Gropillo

1 — Roquefort

Quatro bifes e queijo *roquefort*.

Corte o queijo em fatias e espalhe os pedaços sobre a metade de cada bife. Dobre ao meio e frite em gordura quente, dourando dos dois lados. Sirva com fatias de pão preto ligeiramente torradas e salada de maçãs com batatas, temperadas com molho de maionese.

2 — Tomates

Quatro bifes, seis tomates, azeitonas pretas picadas, filés de anchova ou sardinha, orégano, sal e manjericão.

Pele os tomates, retire as sementes e pique em pedacinhos ou passe na peneira. Escorra antes de empregar. Espalhe o creme de tomates sobre a metade de cada bife. Com uma colher coloque porções de sardinha ou anchova amassadas e espalhe. Enfeite com as azeitonas e salpique orégano e majericão. Dobre ao meio, frite em gordura quente e sirva com espaguete cozido na água e sal, temperado com manteiga.

3 — Patê de Fígado e Bacon

Quatro bifes, fatias de patê de fígado e *bacon* cortado.

Frite os pedaços de *bacon* até ficarem torrados. Cubra as metades de bife com rodelas de patê e enfeite com o *bacon*. Dobre as fatias de carne e frite em gordura quente. Sirva com torradas de pão de forma e salada verde bem temperada.

4 — Queijo com Alho

Quatro bifes, queijo temperado com alho (já existe uma marca nacional) e salsa.

Se não encontrar o queijo temperado use ricota amassada com o garfo adicionando alho socado a gosto, uma colher (café) de mostarda e sal. O queijo temperado, já pronto, se for empregado, também deve ser amassado. Espalhe essa mistura sobre as metades de bife. Salpique salsa picadinha por cima, dobre e frite em óleo quente.

5 — Vitela com Cogumelos

Quatro bifes, 200 g de carne de vitela moída, 100 g de cogumelos em conserva cortados em fatias, um copo de creme de leite sem soro, sal, pimenta e fatias de *bacon*.

Refogue a carne de vitela em um pouco de manteiga e tempere com sal e pimenta. Acrescente os cogumelos, o creme de leite batido mexa e espalhe essa mistura sobre as metades de bife. Coloque sobre o creme uma ou duas fatias de *bacon* frito, torradinho, dobre o bife e frite em gordura quente. Sirva com batatas coradas, salada de feijão e tomates grelhados.

6 — Creme de Cogumelos

Quatro bifes, um vidro de cogumelos, uma colher (sopa) de manteiga, uma colher (sopa) de farinha de trigo, o líquido dos cogumelos, leite, sal e pimenta a gosto.

Derreta a manteiga em uma panelinha e acrescente a farinha, mexendo rapidamente para não embolar. Acrescente um pouco do líquido dos cogumelos e mexa. Junte mais ou menos meio copo de leite e espere levantar fervura. Se o creme ficar muito espesso adicione mais leite. Tempere com sal, pimenta e acrescente os cogumelos. Espalhe esse creme sobre as fatias de carne, até a metade. Dobre ao meio e frite em óleo quente.

7 — Cebolas com Mostarda

Quatro bifes, mostarda preta e cebolas picadas.

Rale a cebola ou pique em pedacinhos bem miudinhos. Espalhe a mostarda sobre toda a superfície do bife e por cima coloque bastante cebola picada. Dobre o bife em dois, firme com palitos e frite em óleo quente. Doure dos dois lados.

8 — Queijo com Azeitonas

Quatro bifes, oito fatias de queijo prato, azeitonas verdes recheadas e picadas, orégano e manjericão.

Coloque sobre cada bife uma fatia de queijo e espalhe as azeitonas picadas. Tempere com orégano, manjericão e cubra com a segunda fatia de queijo. Dobre uma metade sobre a outra e frite em óleo bem quente, conservando o fogo sempre alto. Vire dos dois lados.

9 — Maçãs com Alho-Poró

Quatro bifes, quatro maçãs, quatro alhos-porós e temperos.

Descasque as maçãs, retire as sementes e corte em fatias finas, temperando com limão para não escurecerem. Corte o alho-poró em fatias. Refogue a maçã e o alho em uma frigideira com um pouco de manteiga, conservando o fogo sempre baixo, tomando cuidado para que dourem mas não desmanchem. Distribua os ingredientes sobre as metades de bife, dobre uma parte sobre a outra e frite em fogo alto com gordura bem quente. Doure dos dois lados.

10 — Rabanetes com Creme

Quatro bifes, 1 1/2 copo de creme de leite, um molho pequeno de rabanetes, sal, pimenta e os temperos da preferência.

Descasque os rabanetes e rale. Retire todo o soro do creme de leite e misture-o aos rabanetes ralados. Adicione os temperos e prove para uma verificação final. Espalhe essa mistura sobre a metade de cada bife. Dobre uma parte sobre a outra, como se fosse um sanduíche e espete palitos para firmar melhor. Coloque óleo numa frigideira e deixe esquentar bem. Frite o bife colocando-o cuidadosamente na frigideira. Espere dourar para virar do outro lado. Sirva com rabanetes em fatias, gema de ovo crua, tomates grelhados e purê de batatas.

Aos 91 anos, Nair de Teffé continua dizendo o que pensa

DONA NAIR, A PRIMEIRA EM TUDO

Lilian Newlands

Espírito inquieto, ela foi sempre a primeira: antes dela, nenhuma outra mulher havia publicado caricaturas em todo mundo; no Brasil, lançou a moda das calças compridas para o sexo feminino e a de montar a cavalo como homem; nos salões da alta burguesia introduziu a música popular brasileira. Nascida em berço de ouro, filha do Barão de Teffé, Nair de Teffé completou recentemente 91 anos. Foi a primeira Nair registrada no Brasil.

Estudante no Convento da Ursulina, na França, tinha nove anos de idade quando fez sua primeira caricatura: a de uma irmã de caridade, sua professora. Acabava de nascer a caricaturista Rian — Nair ao contrário. Precursora espontânea de novas atitudes, bonita, mimada, elogiada e talentosa, a terrível Rian, *no entanto, só teve um amor em sua vida: o Presidente Hermes da Fonseca. Viveu com ele nove anos e nove meses. Seu mundo anterior vive desse amor até hoje. Alimentado, cultivado e proclamado num livro —* A Verdade sobre a Revolução de 22 *— onde ela mesma resume tudo: "A morte poupou-lhe a humilhação de ser julgado. Foi anistiado por Deus, levando no peito a minha fotografia, cuja dedicatória tem sido a síntese de minha vida:* Com o Amor de Nair."

Foto de André Papi

O azul dos olhos tem 91 anos de limpidez e luminosidade. Difícil não se deter diante deles, mesmo que ela, risonha, insista em afirmar que é um azulado comum. Mas não é.

Noventa e um anos de expressividade, lembranças nítidas ("minha entrada na sociedade foi aos sete anos, quando papai era ministro"), outras, ofuscadas pelo tempo, esse mata-borrão de fatos e memórias que, a essa altura da vida, melhor nem virem à tona. As mãos — seu instrumento de luta e arte — ajudam a contar histórias, delicadamente, o leve sotaque de alguma língua que não se pode precisar qual, o jeito de virar a cabeça, atenta, sorriso triste, olhar pensativo, tudo isso compõe a delicada coreografia emocional de Nair de Teffé.

Há um orgulho oculto atrás de cada ruga, uma dignidade espantosa no olhar. Os cabelos presos no alto da nuca, o vestido longo, que sugere outras épocas, tudo distribuído num corpo de não mais de 50 quilos. A lucidez — para tantos bem mais jovens muitas vezes insuportável — não encontra qualquer tipo de resistência diante do porte fidalgo desta senhora. A cadeira de rodas é um mero coadjuvante que facilita sua mobilização pela casa, da sala para a varanda, expostas aos barulhos da rua, à poeira levantada pelos ônibus e aos passantes, curiosos que sabem que no sobrado branco mora a viúva de um ex-Presidente. Na esquina, em Icaraí, Niterói, uma placa com o nome da rua, talvez por ironia, talvez por merecimento: Rua Sete de Setembro.

No meio da conversa, com um Collie fêmea pedindo afagos no colo, Nair deixa escapar algumas frases aparentemente sem nexo, mas essencialmente significativas:

— **Foi um acidente. A vida continua.**

O acidente a que se refere tanto pode ser a queda de cavalo logo após seu casamento com o Marechal Hermes da Fonseca, como os fatos a que ela assistiu de perto, durante o movimento de 5 de julho de 1922, assunto de seu livro *A Verdade sobre a Revolução de 22*, escrito há quatro anos. Para os que duvidam da imparcialidade da narrativa, a própria Nair responde:

— É possível que amanhã os historiadores digam que eu também analisei, narrei e vi os fatos com veneração ao Marechal Hermes.

Mas a principal importância do livro talvez seja exatamente esta. Um livro escrito com fidelidade aos seus sentimentos. Ela viveu, enxergou, sentiu e amou, ações que, no seu caso, são suficientes para montar a verdade.

"Há duas histórias: a oficial, mentirosa (ad usum delphini) e a secreta, em que estão as verdadeiras causas dos acontecimentos." (H. Balzac — Les Illusions Perdues)

Acho que os estudantes estão certos. A mocidade é muito vibradora, inteligente. Quando eles reclamam estão com a razão e eu concordo com eles. Agora, esse tal de Lefebvre, acho um grande atrevido. Onde se viu desobedecer o Papa?

— Como vai a vida, dona Nair?

— Não tenho queixas. Tive uma vida maravilhosa e um marido que amei muito. Momentos bons e ruins, como todo mundo. Quando me casei, perguntei ao Marechal: "Você agora é um Presidente, ocupa uma posição elevada. Será que vou poder continuar fazendo minhas caricaturas?" E ele, compreensivo, respondeu: "Claro. E com a vantagem de que de agora em diante vai ter sempre alguém para carregar sua caixa de tintas." Pois é. Ele prometeu e cumpriu. Tem uns que prometem e depois não cumprem. O Marechal sabia o quanto o trabalho era importante para mim, e teria sido duro parar de fazer caricaturas. Caricaturas? Há algum tempo que não faço. A última foi de meu sobrinho, Luigi, que mora na Itália. É lindo. Tornou-se ator de cinema e adotou o nome Anthony Stepen. Escrever, só de vez em quando. Alguma lembrança, alguma frase bonita, ou mesmo um pensamento. Quando posso, desenvolvo. Mas não é sempre. Você sabe, a vista está cansada, dificuldades.

— O que a senhora faz durante o dia? As manchetes de jornais assustam a senhora?

— Que nada! Nada me impressiona. Adoro ler jornais e ver televisão. O jornal do qual sou assinante chega pontualmente todo dia às seis da manhã. Leio inteiro. Estudantes? Acho que eles estão certos. A mocidade é muito vibradora, inteligente. E quando os estudantes reclamam, estão com a razão. Eles reclamam e eu concordo com eles. Agora, esse tal de Lefebvre acho um grande atrevido. Um bagunceiro. Onde já se viu desobedecer o Papa? Na televisão assisto a todos os noticiários, os nacionais e internacionais. Adoro. Novela só de vez em quando. Não gosto muito não.

— E a imprensa, dona Nair? Chateia muito a senhora?

— Não, de jeito nenhum. Só que ela fala mais em mim do que no Marechal. É injusto, não é? Há pouco tempo uma jornalista de São Paulo me procurou. Queria que eu colaborasse num jornal feminista. Agradeci mas não aceitei. Não tenho nada contra as feministas, mas não me considero uma delas. As coisas que fiz, que na época escandalizaram as pessoas, foram espontâneas. Não tive intenção de fazer nenhum alarde. Outro dia também vieram me procurar para participar de um filme sobre Chiquinha Gonzaga. Uma jornalista de quem gosto muito, a Angela Cozzetti. Ela é uma alegria personificada, inteligente e batalhadora. Gostei de trabalhar com ela.

"Naquele tempo, a música popular brasileira (o chote, o maxixe e as modinhas) ainda não havia explodido na sua autêntica manifestação folclórica. Predominavam as valsas, polcas, e trechos de óperas. O Marechal era amigo e admirador de Catulo da Paixão Cearense. Depois do estrondoso sucesso no recital realizado no Palácio do Catete, Catulo pediu-me para interpretar alguma música nossa. Não havia partitura para piano e violão das músicas de nossos compositores daquela época. Catulo falou com Chiquinha Gonzaga, grande maestrina, a quem não tive o prazer de conhecer pessoalmente. Chiquinha compôs especialmente para mim o famoso Corta-Jaca *com partitura para violão e piano. . .( ) Lancei o* Corta-Jaca *entre os aplausos alegres dos convidados. Foi uma noite* prafrentex*. . .( ) Rui Barbosa aproveitou o lançamento do* Corta-Jaca *para inserir nos anais do Senado, a sua costumeira verborragia, na Sessão do dia 11 de novembro de 1914, babando contra mim a sua orgulhosa cantilinária de insopitável ódio ao Governo. As pedras que ele me atirou não me atingiram. Elas dormem esquecidas no fundo do mar ou da terra e só serviram para assinalar a luta que enfrentei contra os preconceitos de então.* (Do livro *A Verdade* **sobre a Revolução de 22**)

Mais do que as perdas políticas durante o Governo do Marechal Hermes, Nair lamenta as perdas humanas, em seu livro. Principalmente o assassinato de Pinheiro Machado, apunhalado pelas costas "pela loucura sanguinária de Manso de Paiva", no dia 8 de setembro de 1915. Conta Nair que o senador tinha por ela especial atenção e carinho e que sua morte deixou a família inteira abalada.

— As lembranças machucam ainda, dona Nair?

— Não, procurei esquecer tudo. Não há mais tempo para ódios e rancores. No meu livro, inclusive, eu ataquei muito o Epitácio Pessoa. A Censura cortou, considerou minhas declarações muito "violentas". Melhor assim. Para que reviver ódios passados? (Nair de Teffé conduz a conversa novamente para o Marechal. É sobre ele que ela deseja mesmo falar.)

— Depois que o Marechal foi preso ficou muito abatido. Estava com uma saúde esplêndida. Mas logo ficou afetada. Não tinha mais conserto. Um ano e dois meses depois ele morreu.

Mas teria sido melhor se tivesse antes, para não ter que assistir àquela revolução que acabou com a reputação dele, que botou por terra sua auréola que brilhava com tanta grandeza. Escureceu tudo. Mas a vida foi assim. *Foi tudo um acidente. A vida continua.* O Marechal não queria aquela revolução. Usaram o Marechal porque queriam um líder, envolveram ele.

Historiadora imparcial ou mulher apaixonada? Nair de Teffé se emociona. Ressalta que, apesar de tudo, é uma pessoa feliz. Procura esconder com a garra dos orgulhosos aquilo que mais aparece: solidão. Seus grandes desejos — "gostaria de morar no Retiro dos Artistas, pagando aluguel, porque assim teria a companhia de outros artistas, e que o Governo isentasse do Imposto de Renda as pessoas com mais de 70 anos, porque é difícil de se declarar, tem muita papelada".

— E a poesia, dona Nair? A senhora chegou a fazer algumas?

— Não. O caricaturista não pensa em poesia. Ele só enxerga o real, o que observa, o que existe. Não dá para conjeturar sobre o irreal. Poesia é irrealidade. Assim mesmo fiz uma trova, um dia desses (dá uma risada simpática, maliciosa):

Se vens chorar com fingimento
Junto à minha sepultura,
do meu esquife borolento
faço a tua caricatura.

Depois pergunta, espantada:

— Quer dizer que agora é preciso ter diploma para ser jornalista? Que bobagem. Quanta exigência. Jornalismo se aprende na prática. É como a caricatura: ou se tem jeito ou não se tem.

No quintal, dois cachorros latem. Nair chama uma de suas filhas adotivas para prendê-los. Depois desiste e torna a colocar o Collie fêmea em seu colo. O mundo se resume no aparelho de TV, nos jornais diários e na sala de entrada, transformada em quarto. Suas pernas não sobem mais até o segundo andar.

Das antigas honrarias militares, das altas rodas sociais, dos políticos influentes e expressivos e dos elogios que atravessaram sua vida restam apenas dois cachorros. Dois companheiros assíduos, talvez os últimos únicos vestígios de fidelidade humana ("quem disse que os cachorros não sentem? Eles sentem. Não pensam, mas sentem"), que ela cria com carinho. Sentirão sua falta, se um dia ela conseguir realizar seu sonho de morar na Casa dos Artistas.

Isolada, mas agarrando a vida com as mesmas mãos que realizaram pequenas obras-primas, Nair de Teffé talvez acorde no meio da noite e se pergunte por onde andam as pessoas. Aquelas que tão bem aderiram às causas e heroísmos públicos. Mas que dormem enquanto o tempo se esgota e o heroísmo silencioso e anônimo dorme com elas. ●

JOGOS

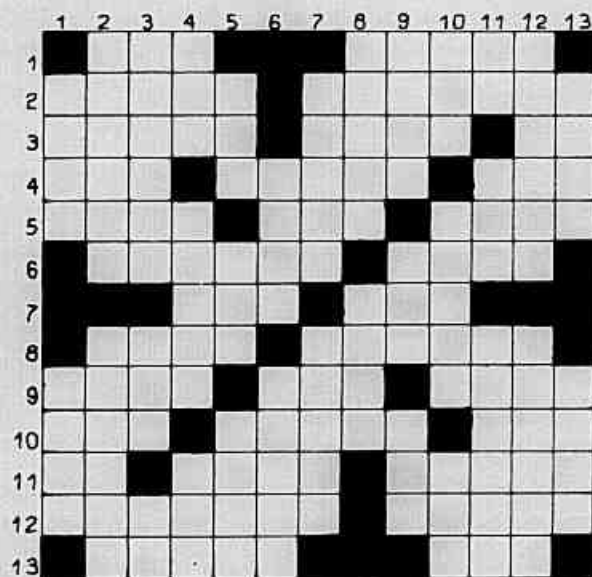
LEXTRAS

Luiz Carlos Bravo

Forme cada palavra juntando uma ou mais letras (antes e depois) às letras dadas. Quanto menor for o número de letras usadas, melhor será sua pontuação. Não valem verbos, nomes próprios, plural nem gíria. Eu usei 31.

— BS —
— BD —
— RA —
— ZE —
— PU —
— BA —
— XU —
— XT —
— SU —
— SE —

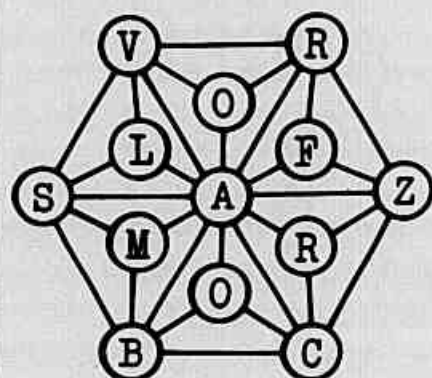
PALAVRAS X WORDS

HORIZONTAIS — 1. mordeu; corrente. 2. cômico; cachinho de cabelo. 3. mais maduro; linha; nós. 4. Alabama; ceder; consertar. 5. sino; cafajeste; último. 6. razão; só. 7. lixeira; dia. 8. galinheiro; no sentido de. 9. ficar fora de foco; corça; chumbo. 10. apodrecer; pérola; profissional. 11. assim; careca; acordou. 12. fuga; votos favoráveis. 13. que tem um som metálico; *Mr* Franklin

VERTICAIS — 1. caranguejo; gabar-se. 2. caldeira; armário. 3. empalar; fora; si. 4. gravata; labor; proibir. 5. chorar; bebericar; peão. 6. ícone; atraso. 7. limpo; puxa-saco. 8. criança; realizador. 9. traseiro; lei; deitar. 10. idade; leal; teia. 11. em; ventilador; repousar. 12. não mesmo; escurecer. 13. próximo; faz.

CRIPTOMANIA

R OVDABTV UR RZNBR V EVDAGJ UG INV R CNOVFMNUV UG MBTG — MBTG

Esta mensagem foi escrita em código de substituição simples de letras. Por exemplo, SUBMARINO INIMIGO, num código semelhante, seria assim: DFLVJCSXZ SXSVSQZ. Para decifrá-la, basta observar a freqüência com que aparecem certas letras ou grupos de letras.

LABIRINTO

Veja quantas palavras de cinco letras você é capaz de formar, unindo as letras sem pular linhas nem casas. Não valem verbos, nomes próprios, plural, nem gírias. Eu formei 70 sem usar dicionário.

LOGOBOLICHE

Se *derrubar* todos os *pins* (formar a palavra completa), você faz um *strike* e ganha 20 pontos. Se não conseguir, tente fazer um *spare*, para ganhar 10 pontos, formando duas palavras menores usando todas as letras. Cada letra só pode ser usada uma vez e vale um ponto. A pontuação máxima possível, fazendo 10 *strikes* e 10 *spares*, é 300. As palavras que você formar não precisam ser as mesmas dadas na solução, porém você não poderá usar nomes próprios, verbos, plural e gíria. A letra inicial de cada palavra encontra-se na linha do *strike*.

I	C	I	I	I
CE	MO	CO	OA	NO
RED	HAS	CAN	CAN	NUT
DEAL	VAIN	DEAL	CORN	POOR
Strike	Strike	Strike	Strike	Strike
C	M	C	A	I
Spare	Spare	Spare	Spare	Spare

I	R	I	I	A
IN	II	TO	CO	UR
SAD	VET	SIR	TEN	SUE
DEAN	SOON	GAME	GOAL	CLAN
Strike	Strike	Strike	Strike	Strike
I	I	M	L	E
Spare	Spare	Spare	Spare	Spare

XADREZ

Ruy Lopez

As brancas jogam e dão mate em dois lances (J. M. Rice, 1962)

A VOLTA DE SPASSKY

Será o retorno de Spassky? É o que se perguntam os admiradores do antigo campeão mundial, depois da sua dura vitória sobre Portisch na semifinal do Torneio dos Candidatos.

Enquanto esperamos, aí vai uma bela partida de Spassky, jogada no recente torneio de Solingen, em que ele castiga impiedosamente os erros das brancas.

M. Gerusel x Boris Spassky
Defesa Benoni

1. P4D C3BR 2. P4BD P4B 3. P5D P3D 4. C3BD P3CR 5. P4R B2C 6. B3D 0-0 7. CR2R C3T 8. P3TR C2B 9. P4CR P3R 10. P4TD PxP 11. PRxP C2D 12. C3C C4R 13. B2R P4B 14. P4B D5T 15. R2B P4CR 16. R2C C3C 17. PBxP B2D 18. B2D TD1R 19. D1R P5B 20. CR4R BxC 21. CxB P6B xq 22. BxP TxD 23. TDxT TxB 24. RxT BxP xq 25. R2C B4B 26. P3C D5D 27. T2R D6D 28. T2B C5T xq 29. R1C C6B xq 30. R2C CxB, e as brancas abandonam.

BRIDGE

Lizzie Murtinho

THROW IN (II)

O jogo é 6 paus e você está com um sério problema: a mão duplicou inteira e tem duas perdedoras em ouros. Pense bem: qual é a posição que fará você ganhar o jogo?

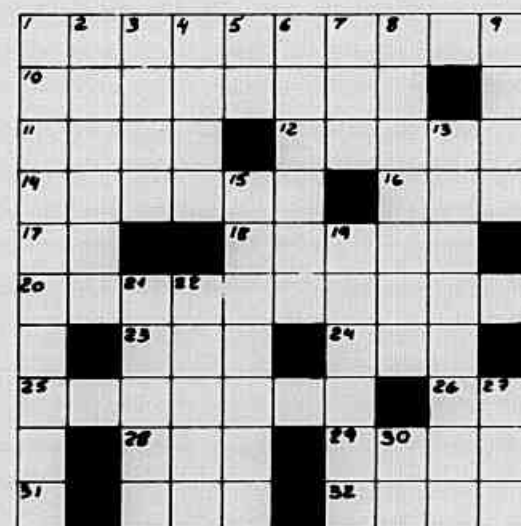
A saída foi espadas. Escreva em que ordem você jogará as cartas (os trunfos estão 2—1). A ordem certa é ganhar a vaza de espadas, bater o A de ouros, destrunfar, e eliminar as espadas e as copas e jogar pequeno ouros, torcendo para que 1 dos lados tenha Hx. O cara pega a mão e não tem outro jeito senão te dar corte e balda. Mas por que você bateu o A de ourós logo no começo? Imagine que as cartas estejam assim:

Se você fizer o "favor" de anunciar para quem interessar que está eliminando a mão para dar um *throw in*, Sul será muito trouxa se não jogar fora esse K. E aí você ficará num mato sem cachorro.

Na 2ª vaza a coisa é diferente. Se ele tiver visão de jogo suficiente para imaginar o que você fará e tiver coragem de desbloquear, bata palmas que ele merece.

CRUZADAS

Carlos da Silva

HORIZONTAIS — 1 — beberragens de curandeiros aplicadas como remédio; 10 — transação que se paga anualmente; 11 — rude, inculto; 12 — canoas estreitas e leves e rápidas, utilizadas em competições esportivas; 14 — que não estão lesas; 16 — íntimo; 17 — pouco produtiva; 18 — árvore mediana da família das anacardiáceas; 20 — formalidade de boa sociedade; 23 — espécie de enguia; 24 — interjeição de espanto, de terror; 25 — desleixo, negligência; 26 — meia pipa; 28 — vitória-régia; 29 — de modo nenhum; 31 — coisas difíceis, dificuldades; 32 — realizado de viva voz.

VERTICAIS — 1 — explorador de preciosidades literárias ou lingüísticas; 2 — em que se põe anel; 3 — áspero, escabroso; 4 — grande porção de qualquer coisa; 5 — preposição latina que rege acusativo e significa contra; 6 — brilho de espírito; 7 — leite recentemente mungido; 8 — aquilo que causa deleite; 9 — prudência, tino; 13 — tornada macilenta; 15 — símios da Amazônia; 19 — relativo a Itu; 21 — indígenas que habitam as margens do rio Maracá (AM); 22 — reunião de pessoas; 27 — menos bem do que se merece; 30 — aparência externa de qualquer coisa.

Léxicos utilizados: Melhoramentos e Casanovas. Correspondência, colaborações e remessa de livros e revistas para: Rua das Palmeiras, 57, ap. 4 — Botafogo — ZC-02

As soluções estão na página 37.

Em Nova Iorque, o Festival Avant-Garde-77 apresenta maluquices para todos os gostos; mas arte, muito pouca, talvez nenhuma

ARTE/EUA/77

A VANGUARDA SEM FUTURO

Beatriz Schiller
Correspondente

Fotos de Beatriz Schiller

Tudo ali é arte *, desde o guitarrista que se envolve em papel de parede até a mulher dominadora que arrasta pelo pescoço o homem dominado*

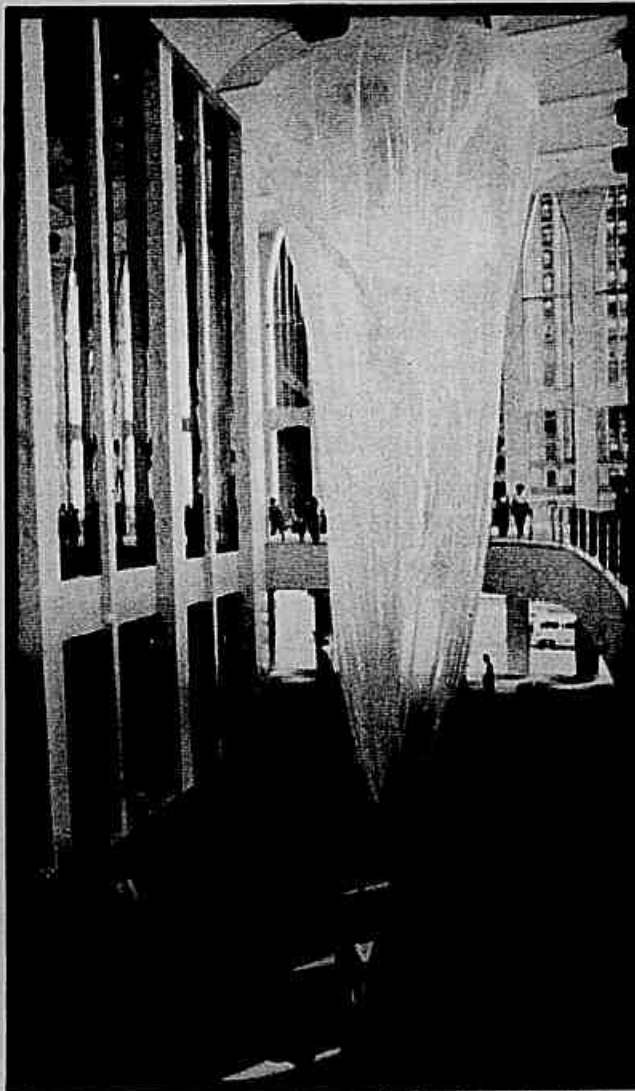
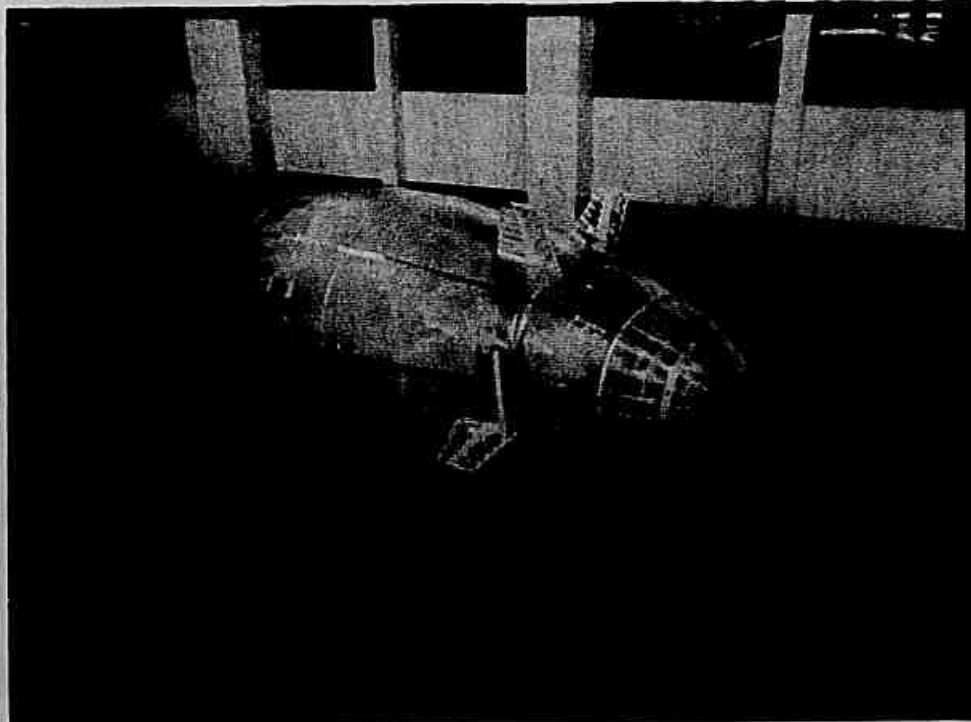
O verão transforma Nova Iorque numa cidade insuportável; a temperatura atinge máximas iguais ou superiores às do Rio. Com isso, nas horas de lazer só restam aos habitantes duas alternativas: procurar um lugar com o ar refrigerado no ponto mais alto, ou assistir aos eventos que se realizam ao ar livre. Como o Festival Avant-Garde de Charlotte Moorman, que acontece pela décima terceira vez, neste verão de 1977.

É um festival muito concorrido, divertido para adultos e crianças, e grátis. Cada ano os organizadores escolhem local diverso do anterior e bem diferente dos tradicionais centros onde têm lugar os festivais de arte mais conservadores. O Avant-Garde já aconteceu em vagões de trens, num aeroporto abandonado, numa antiga barca de passageiros (do tipo da Cantareira). Este ano instalou-se no moderno e altíssimo World Trade Center, no coração da cidade.

Não sei se o festival deste ano foi mais fraco que o de 1976, ou se a novidade terminou para mim. Mas o impacto do cenário impressionante das duas torres de concreto e vidro fez desta obra arquitetônica a campeã do festival, reduzindo a importância da obra dos artistas. Preferi observar o prédio a acompanhar a maioria dos eventos que lá aconteciam. O World é realmente mais surrealista, é o campeão do absurdo.

A lista dos participantes incluía celebridades internacionais e paroquiais, como Ioko Ono, Christo, Nam June Paik e outros que não apareceram pessoalmente mas mandaram obras, levadas por estudantes. As ausências nada significariam se os trabalhos tivessem força suficiente para sustentar um festival criativo. Mas a criatividade, o talento e o gênio de outras mostras anteriores desta vez não compareceram. Ninguém apresentou um *approach* novo, fascinante. Por exemplo, Simone Forti, dançarina experimental, mandou seu Hudle, moto-contínuo de dançarinos que se embolam e sobem uns sobre os outros, utilizando a superfície do corpo humano, em vez do chão, para seus movimentos. Essa peça data de 1969.

Nam June Paik compareceu com dois trabalhos intitulados *Peixe Instalado na Televisão*. Um deles é antigo, o outro recente. No antigo, uma caixa de televisão foi esvaziada e serve de aquário para o peixe — tem um profundo sentimento de humor e é

O festival foi criado por uma violoncelista excêntrica que costuma tocar de seios nus e nele vale tudo. Há quem se transforme em obra de arte ambulante e as *propostas* são as mais mirabolantes possíveis. No fundo, é uma boa oportunidade para uma grande brincadeira sem maiores compromissos

Na busca de novas concepções, a vanguarda americana recorre às esculturas infláveis e às fantasias mais extravagantes. Tudo parece já ultrapassado

mais interessante que o recente. Neste, os aquários estão montados em frente ao vídeo em que se vêem filmes de peixes.

A própria Charlotte Moorman, que dá o seu nome ao festival, não apareceu por lá. Violoncelista excêntrica, sua especialidade é tocar de seios nus onde quer que esteja. Charlotte executa peças de Bach de escafandro, dentro de uma piscina, ou então saltando de pára-quedas, na proa de um navio ou em outras posições insólitas. Mas desta vez resolveu *destacar-se* pela ausência. John Cage, que desde 1963 é o grande incentivador do festival, tampouco foi visto.

Christo, artista famoso em Nova Iorque, enviou o vídeo-tape da construção da sua *Muralha da China de Fazenda*, imensa tira de fazenda cortando campos sem fim. É uma peça muito estranha, mas os americanos já a viram através de fotografias de todos os ângulos, publicadas em revistas; portanto também não é novidade.

Entre as novidades destaca-se o trabalho de dois jovens, Kit Fitzgerald e John Sanborn: dois carrinhos de supermercado, nos quais foram instaladas duas televisões que refletem a imagem dos dois, empurrados pelos corredores do World Trade Center. O grupo Woofy Bubbles apresentou *Esculturas Macias para Serem Usadas no Corpo*. Uma série de esculturas macias, com o feitio de dente molar de raízes de fora. Estavam colocadas em cavalete, umas sobre as outras, formando montanha coloridíssima. Mas aos poucos tudo começou a movimentar-se e a se transformar. A escultura tomou as mais variadas formas e os artistas transmudaram-se em seres fantásticos. Mágico, engraçado, de bom gosto.

Algo diferente pode ser observado junto ao grupo que fazia música de maneira complicadíssima: o regente colocava e tirava chupetas das bocas dos músicos e estes então produziam sons através do choro. A *Madona*, de Ada Whitney, foi instalada num altar, rodeada de anjinhos dourados e decorada com sutiãs e ligas de prender meias. Dois rapazes passeavam com imensos chapéus em forma de tubo. "Para um edifício alto, um chapéu alto", era a explicação.

Muitas obras com ar de decoração. Cores brilhantes, mas tudo muito conservador, como se a arte estivesse voltada para o passado, ao invés do futuro. Os espectadores misturavam-se ao *show* e muitos apresentavam-se como obras de arte ambulantes. Um rapaz com o guarda-chuva amarrado na testa; um casal passeando, ela de dominadora, conduzindo-o com uma corda amarrada no pescoço. Vestido com fantasia de galinha, um guitarrista dava o seu concerto.

Enfim, um festival de bobagens e maluquices, que pouco tem de arte. A julgar-se por esta mostra de vanguarda, os artistas americanos estão enquadrados e aburguesados; caminham na direção exatamente oposta ao conceito de vanguarda. Mas não há razões para pessimismo, pois talvez este festival não seja representativo do que está acontecendo de melhor nos meios artísticos do país. ●

Quando lideravam o society e apareciam todos os dias nas crônicas sociais, elas achavam que a festa era eterna. Agora reconhecem que a festa acabou

AS COMADRES

Jacintho de Thormes

— As sete e 30 da manhã, tomo café na cama do meu apartamento em Nova Iorque — diz Lourdes.

— No quarto de Luís XVI, diante de sua cama no Castelo de Versailles, eu me lembro de Assis Chateaubriand e um bando de gente fantasiada de cangaceiro, dançando *xaxado* — diz Thereza, rindo.

— Nós vivíamos um mundo mais divertido, mas este é terrivelmente inteligente — diz Lourdes.

— Outro dia uma jovem me confessou que só está namorando um rapaz porque ele a leva muito ao Régine. Pode?

Essas são frases de duas senhoras que por beleza, elegância, classe e personalidade dominaram toda uma época no Rio de Janeiro. Thereza sempre de Souza Campos e Lourdes ex-Catão e atualmente Gobin-Daudé.

— Lourdes é madrinha de batismo do Diduzinho, somos comadres.

— Thereza e eu jamais tivemos uma discussão. Nunca competimos uma com a outra. Não houve agressão de qualquer forma em todo esse tempo.

Que coisa rara. Duas mulheres, que há quase 30 anos são amigas, lideraram na mesma faixa, freqüentaram problemas parecidos quase na mesma época, separaram-se de seus maridos e conseguiram manter essa amizade sempre igual, mesmo distantes. Isso é muito mais freqüente entre homens.

Talvez a esta altura já alguém esteja dizendo que o assunto é supérfluo. Para começar eu não acho que o supérfluo seja supérfluo. Quero dizer que seja demais e desnecessário. Maria Antonieta, na hora em que lhe relataram estar o povo revoltado por não ter pão, respondeu com a famosa frase: "Então por que não comem bolachas?" Retratou todo o problema de sua época com muito mais nitidez do que a infindável oratória de Danton poderia ter feito. É claro que as avaliações só podem existir com correção monetária e a correção monetária da história é a perspectiva dada pelo tempo.

Na crônica do Rio de Janeiro não existiu época mais intensa, em erros e acertos, do que os anos que foram de 48 a 58. Nesse tempo duas jovens mulheres, entre tantas outras extraordinárias, foram a notícia permanente, a imagem do bom gosto, a curiosidade geral. A classe média brasileira olhava, observava, tentava copiar Thereza e Lourdes como um menino coleciona figurinhas, para colar no álbum. Elas eram o padrão. De uma certa maneira Thereza mais do que Lourdes. Isso porque Thereza trabalhava em equipe. Em outras palavras, Thereza e Didu, o Casal Vinte. Ela fazia parte da lista das 10 mulheres mais elegantes do Brasil e Didu dos 10 homens mais elegantes. Lourdes então casada com Álvaro, jogador de pólo (como Didu), rico, porém mais catarinense, menos cravo na lapela, conservador em relação ao Didu que sendo baiano gostava da vida com outro sol.

Olho agora para as comadres do Rio. As duas são muito bonitas, sobretudo dessa beleza que já sofreu, que sabe das coisas, esse olhar complacente que admite a discoteca, dança o som, mas é sobretudo a favor do infinito Sinatra. Enquanto dure. Estamos em 1977, eu as encontro no Rio, aliás, pedi o encontro. Queria rever as minhas duas *velhas* amigas juntas.

Lourdes mora em Nova Iorque, ela e seu marido conseguiram moradia permanente nos Estados Unidos. O centro do mundo. O melhor restaurante francês está lá. O melhor ator inglês está lá. A grande exposição de quadros, de selos, de moda, de tudo acaba indo para Nova Iorque. Thereza mora na Vieira Souto. Ela e o filho Diduzinho. Sua paixão. No momento trata-se de uma decoradora do maior sucesso. Hotéis, escritórios, casas, seu bom gosto por toda parte. Dizem que está ficando rica.

— Somos amigas desde os 17 anos. Falávamos todos os dias pelo telefone. Agora que Lourdes está longe só de vez em quando pelo DDI.

— Conhecemo-nos num jantar no Country. Ficamos amigas logo e para sempre. Apoiamo-nos até por telepatia. Agora, quando venho ao Rio, estamos quase todos os dias juntas.

Diz Thereza:

— Hoje sou uma pessoa amarga.

Lourdes protesta:

— Você não é amarga. Ao contrário, é alegre. No outro dia, em Garibaldi, no lançamento do Champanha Chandon, você sentou-se entre operários e técnicos e foi a alma da festa. Todo mundo ria de suas histórias.

— Pois eu também me diverti. Acontece que os valores mudaram muito. Acho que nós duas nos humanizamos. Sofremos. Hoje sou uma mulher com um pé atrás. Desconfio.

— Antes achávamos que éramos imortais, que a festa ia continuar e a vida também. Mas a festa acabou. Agora só faço o que quero dentro do meu esquema, com meu marido, contente de ter os filhos e Rose, minha neta. Moro no centro do mundo e sou uma pessoa informada. A sociedade do Rio continua falando das mesmas coisas. É uma pena.

— Eu continuo aqui, mas não quero mais aquela vida. Mesmo porque ela não existe mais. Agora sou direta e objetiva. Trabalho e acho graça na importância que as pessoas dão ao que não tem a menor importância. Lourdes e eu éramos um padrão. Tinha aquela história de receber centenas de cartas pedindo conselhos. Tudo muito gratificante, mas acho que não faz mais sentido. Os homens que foram à Lua e viram a dimensão da Terra, tão insignificante, compreenderam o que existe de fútil, de tolo em brigar tanto por tão pouco.

Lourdes intervém:

— Acho maravilhoso chegar à nossa idade e entender que o importante é gostar e ter pessoas que gostam de você. A maturidade é um prêmio. Curioso ver o tempo passar. Toda a sociedade é basicamente monarquista. Mesmo nos países socialistas existem reis, rainhas, príncipes candidatos à corte. O fascínio pela realeza é tão importante que quem for bom é logo chamado de rei. Pelé, por exemplo. E os grandes homens de negócios. O rei do estanho, o rei do café. A beleza tem rainha. A elegância tem Duque de Windsor. O corte de cabelo já teve príncipe Danilo. Não existe sociedade mais *gamada* pela realeza do que a dos Estados Unidos. No que chega uma pessoa com título, as colunas não falam noutra coisa. Eu me lembro que quando a Varig fez o seu vôo inaugural a Nova Iorque, a convidada principal era Dona Fátima, então casada com o Príncipe Dom João de Orléans e Bragança. As primeiras páginas da cidade diziam: "Princesa brasileira desembarca com sua comitiva." Davam nomes e a "dama de companhia" de Sua Alteza Imperial era Yvonne Lopes, hoje casada com o ex-Embaixador da Itália no Brasil, Carlo Enrico Giglioli. Vocês não imaginam o que foi. Naquele dezembro de 1956, a sociedade de Nova Iorque preparou-se para receber a Princesa da República brasileira (mas de nacionalidade egípcia), como se fosse o acontecimento do ano. Surpreendi um grupo de senhoras com nomes famosos, como Cabot, Vanderbilt, Rockefeller, Lodge, na frente de um espelho ensaiando, com seus vestidos longos, a reverência protocolar. Lembro que um senhor da milionária família Astor perguntou se eu fazia parte da comitiva. Brincando disse que era o Conselheiro de Imprensa. Passamos imediatamente a conversar em francês, que é a língua oficial da sociedade *snob* americana. Pelo menos era. Dona Fátima, que ama o Brasil e é muito querida, levou tudo aquilo com muito senso de humor e grande dignidade. Deu entrevistas à imprensa falando como brasileira e foi um sucesso.

Naquele tempo e na *corte* da sociedade brasileira, Thereza e Lourdes eram as figuras femininas mais importantes, mais fotografadas. Pessoas simples paravam as duas na rua para pedir autógrafos. Lourdes foi um dos fatores importantes para que Álvaro chegasse ao Senado federal. Ela compareceu a todos os comícios e mil cidades catarinenses ouviram seus discursos que surpreenderam, cativaram, trouxeram votos e aplausos.

Diz Thereza:

— Lourdes é suave, mas consegue sempre o que quer. Ela tem uma coragem bem-educada, mas é determinada. Assumiu uma nova vida, casou novamente, deixou tudo o que tinha aqui. Com tranqüila dignidade.

Diz Lourdes:

— Existe outro mundo acontecendo e muita gente aqui no Brasil não sabe. Por exemplo, em questão de divertimento jovem. Em Nova Iorque existe o Studio 54. O som custou 1 milhão de dólares. Nessa casa noturna

Foto de Evandro Teixeira

Cansadas do sucesso, Lourdes e Thereza decidiram que estava na hora de assumir outras vidas

não se vende álcool. O discotecário controla o movimento dos clientes com uma alavanca. Com a força do som ele leva da loucura mais extravagante ao namoro mais romântico. Empurra as pessoas com o poder eletrônico. Todos obedecem.

Thereza comenta:

— E nós ainda vamos a lugares *caretas* como o Régine.

— Em Nova Iorque, se você não lê pelo menos *The New York Times* e não está a par do que acontece, não existe conversa possível. Todo mundo é bem informado. O último Festival de Spoleto, a poluição na Austrália, o livro que Cortazar não escreveu, tudo é assunto. Discutem-se as declarações de Carter. Você tem que estar por dentro.

— Na sociedade carioca a única mudança é que não se realiza há mais de 10 anos o baile das debutantes. Por isso eu só vou aos poucos lugares de que gosto e com as pessoas de quem gosto. Adoro trabalhar. Fazer minhas decorações.

Tudo mudou tanto que as duas mulheres mais sensacionais das últimas décadas, as que ditaram toda uma época, tiveram também o mérito de reconhecer que estava na hora de assumir outras vidas, outras vozes. Aquela debutante que era a Lourdes, aquela primeira entrevista (que foi comigo), pertencem ao passado bom. Agora ela atende o telefone e ouve do filho Álvaro Luiz que não vai jantar com ela porque o preço da soja caiu e ele tem um carregamento no porto que se ficar parado vai dar prejuízo. Thereza, enquanto isso, diz que no Rio não pode sair com um homem, mesmo que seja para negócios, que perguntam logo se vai casar.

Devo explicar que o rápido perfil dessas duas mulheres tenta mostrar algo mais do que o óbvio. Eu gostaria que esta pequena história jornalística fosse considerada um *flash*, na velocidade de um flagrante, a imagem da troca de valores que estamos passando. Lourdes e Thereza perceberam isso. Duas pessoas que são famosas foram o padrão da sociedade chamada alta e o exemplo da classe chamada média. Mas agora, diante de tantos astronautas encucados, optaram por suas próprias definições.

Diz Lourdes:

— É importante não ser importante para os outros e sim para a gente de quem a gente gosta.

Diz Thereza:

— Não vou abdicar do direito de começar tudo de novo. Já comecei. Sozinha. Eu mesma.

Foi por admiração a essas afirmações que escrevi esta história. As comadres. De agora, de ontem, de sempre. A festa acabou. ●

ÁRIES

(21/3 a 20/4). Planeta: Marte.

Amor: As relações afetivas continuam favorecidas: possibilidades de esclarecimentos e consolidações. Problemas em família, mas harmonia com Leão. **Saúde:** Descontraia-se, durma mais. **Vida Social:** Boas perspectivas, mas domine sua impaciência. Tudo que você pôs em andamento vai bem, mas tenha calma. **Conselho:** Dê prova de sensatez e de senso de medida para vencer.

TOURO

(21/4 a 21/5). Planeta: Vênus.

Amor: Pouco a pouco, você se sentirá mais seguro de si e de suas ligações. Possibilidade de encontros inesquecíveis. Acordo em família e com Câncer. **Saúde:** Não perca o hábito dos passeios a pé. **Vida Social:** Boas soluções, iniciativas judiciosas. Você alargará seu raio de ação e suas finanças. **Conselho:** Continue otimista, você pode levar a bom termo o que já iniciou.

GÊMEOS

(22/5 a 21/6). Planeta: Mercúrio.

Amor: Possibilidade de consolidar ligações e de tomar grandes decisões. Não esqueça os amigos. Sólidas relações em família e com Leão. **Saúde:** Riscos de doenças passageiras. **Vida social:** Se você se organizar bem, todos os trabalhos lhe darão satisfação. Aja com ordem e disciplina. **Conselho:** Seja prudente, se pretende assumir compromissos por escrito ou verbais.

CÂNCER

(22/6 a 22/7). Planeta: Lua.

Amor: Semana excelente, sucesso e satisfações, encontros importantes para o futuro. Boas relações com a família e com Virgem. **Saúde:** Não se agite por bobagens. Prudência ao volante. **Vida social:** Audácia e iniciativas, soluções para os problemas que o têm atormentado. Atualize a correspondência. **Conselho:** Tenha confiança em si mesmo, siga calmamente seu caminho.

LEÃO

(23/7 a 23/8). Planeta: Sol.

Amor: Muitos terão de fazer uma opção, e a intuição será o melhor guia. Em família, um problema em relação à casa. Afinidades com Libra. **Saúde:** Cuidado com a alimentação. **Vida social:** Demonstre aplicação, que fará progresso e terá êxito. Prudência em questões de dinheiro. Livre-se dos problemas urgentes. **Conselho:** Toda decisão merece uma boa dose de reflexão.

VIRGEM

(24/8 a 23/9). Planeta: Mercúrio.

Amor: Expulse as dúvidas e não confunda atividade com agitação, se quiser passar horas tranqüilas. Boas relações com os amigos. Busque a companhia de Escorpião. **Saúde:** Tendência a cansar-se — repouse. **Vida social:** Você poderá tomar iniciativas, fazer projetos, estabelecer programas realizáveis. **Conselho:** Se lhe fizeram confidências, seja discreto e não julgue.

BALANÇA

(24/9 a 23/10). Planeta: Vênus.

Amor: Excelentes perspectivas, entendimento perfeito com o ser amado, com a condição de não admitir ingerências em sua vida privada. Sólidas relações em família e com Sagitário. **Saúde:** Nada de abusos. **Vida Social:** Seu trabalho não lhe trará grandes problemas. Leve a cabo os assuntos urgentes. **Conselho:** Tenha confiança em si mesmo, não crie preocupações dispensáveis.

ESCORPIÃO

(24/10 a 22/11). Marte e Plutão.

Amor: Semana um tanto movimentada. Problemas e choques, mas nada para dramatizar. Soluções em família, entendimento perfeito com Capricórnio. **Saúde:** Boa, se você não se agitar demais. **Vida social:** Boas perspectivas, você superará os eventuais obstáculos e poderá ver a realização de novas iniciativas. **Conselho:** Aprenda a sorrir das pequenas manias, sem se irritar.

SAGITÁRIO

(23/11 a 21/12) Planeta: Júpiter.

Amor: Entendimento perfeito com o ser amado, possibilidade de tomar grandes decisões. Acordo em família, e também com Aquário. **Saúde:** Nada de esforços excessivos. **Vida social:** Enfrentado com confiança e otimismo, seu trabalho lhe dará satisfações inesperadas. **Conselho:** Perseverança, concentração e lógica fria lhe permitirão acertar os problemas mais difíceis.

CAPRICÓRNIO

(22/12 a 20/1). Planeta: Saturno.

Amor: Azul, todo azul é o seu céu. E muito boas as perspectivas. Tensão em família, mas entendimento com Leão. **Saúde:** Repouse mais, e nada de imprudências. **Vida social:** Não hesite em tomar iniciativas, mas não se desencoraje em caso de atrasos. Favorecidas as negociações e os pequenos problemas. **Conselho:** Não esqueça que diplomacia é sinônimo de êxito: domine-se.

AQUÁRIO

(21/1 a 18/2). Urano e Saturno.

Amor: Controle-se, se quiser passar uma semana tranqüila. Receberá manifestações de simpatia. Riscos de tensão em família. Câncer trará paz. **Saúde:** Cuidado, trate logo de doenças eventuais. **Vida social:** Você fará grandes progressos, contanto que se aplique e seja diligente. Nenhum problema de dinheiro. **Conselho:** Desfaça com calma os mal-entendidos e seja prestativo.

PEIXES

(19/2 a 20/3). Júpiter e Netuno.

Amor: Sucesso, alegria de viver, segurança. Possibilidade de tomar decisões importantes e de ter encontros decisivos. Boas relações em família (apesar de algumas discussões e com Câncer. **Saúde:** O sono é o melhor remédio. **Vida social:** Impulso e entusiasmo. Você melhorará sensivelmente sua situação. **Conselho:** Seja mais maleável, mais aberto, sobretudo para as novas idéias.

SOLUÇÕES

LOGOBOLICHE

CELERIDADE — CIDADE/RELÊ
MASCAVINHO — VINHA/MOSCA
CALCEDÔNIA — LANCE/ÁCIDO
ANACRÔNICO — CORINA/NACO
INOPORTUNO — PIO/NOTURNO
INSANIDADE — ÍNDIA/DENSA
INSETÍVORO — VITOR/SÊNIO
MAGISTÉRIO — AMIGO/RISTE
LOGOTECNIA — GOLO/ACINTE
ENCLAUSURA — RECUSA/NULA

XADREZ

C4R

PALAVRAS X WORDS

ACROSS	DOWN
1 . bit; chain	1 . crab; brag
2 . comic; chignon	2 . boiler; closet
3 . riper; line; we	3 . impale; out; ti
4 . Ala; yield; fix	4 . tie; labor; ban
5 . bell; cad; last	5 . cry; sip; pawn
6 . reason; lone	6 . icon; delay
7 . bin; day	7 . clean; toady
8 . coop; toward	8 . child; doer
9 . blur; doe; lead	9 . hind; law; lay
10 . rot; pearl; pro	10 . age; loyal; web
11 . as; bald; awoke	11 . in; fan; repose
12 . getaway; yeses	12 . nowise; darken
13 . tinny; Ben	13 . next; does

CRUZADAS

HORIZONTAIS — garrafadas; anuidade; rudo; ioles; ilesas; imo; ma; icica; pragmatica; iro; uai; incuria; am; ape; nada; ossos; oral.
VERTICAIS — garimpeiro; anular; rude; rios; ad; faisca; ado; delicia; siso; amaciar; aimores; ituano; aicas; grupo; mal; ar.

CRIPTOMANIA

Mensagem decifrada:
A velhice da águia é melhor do que a juventude do tico-tico.

LABIRINTO

ABACO ABAFA ACARÁ AMBAS AVARA BAOBA
BARCO BAZAR CAMBA CALVO CAROÁ COALA
COCAL COCAR FALAZ FAVOR FRACO LARVA
LAVOR LAVRA LAZÃO MALVA MAMÃO MAMBO
MARCA RAMAL RAZÃO SACRA SAFRA SALAZ
SALSA SALVO VACAL VAZÃO VORAZ ETC...

LEXTRAS

ABSINTO ABDOME
GRAU AZEDO ÓPUS
ABADE OXUM EXTRA
INSUMO ÓSSEO

TERROR

Você está internado num hospital. Vai fazer uma operação. Nada grave, mas é a sua primeira operação. De manhã, é acordado por uma enfermeira. Mas não é uma enfermeira comum. Esta é uma menina dos seus oito ou nove anos.

— Bom dia! Meu nome é Lorelete.

— Bo-bom dia. Mas como é que você, com essa idade...

— Não, não. Eu não sou uma enfermeira de verdade. É que hoje é um dia especial. Todo o pessoal do hospital foi substituído por crianças. Não é *bacana?* Eu sou a sua enfermeira-mirim.

Só então você se dá conta de que, junto com a enfermeira-mirim, entraram no seu quarto vários repórteres e cinegrafistas de TV, com câmaras portáteis. Os repórteres tomam nota e as câmaras rodam enquanto Lorelete brinca de enfermeira, arrumando a sua coberta e o seu travesseiro. Você está confuso. Pede:

— Chamem a enfermeira-chefe, por favor.

O pedido é transmitido através da multidão que lota o seu quarto.

— Chamem a enfermeira-chefe!

Chega a enfermeira-chefe, entre exclamações de prazer dos presentes. É uma menina da mesma idade de Lorelete, só mais gorda.

— Mas você não é a enfermeira-chefe.

— Hoje eu sou. E agora fique calmo. Deixa eu ver aqui na sua ficha o que o senhor tem. Hum. É uma palavra tão complicada que eu nem sei soletrar.

Todos dão risadas. A enfermeira-chefe abana para as câmaras. Você começa a perder a paciência.

— Escute aqui, minha filha. Isto é tudo muito interessante, mas eu preciso fazer uma operação de verdade, entende? Não é brincadeira.

A enfermeira-chefe põe a mão na sua testa. Tira um termômetro do bolso e põe o termômetro atrás da sua orelha. Depois dá um gritinho ao descobrir o engano e tenta levantar o seu braço para botar o termômetro no lugar certo. Você resiste. E exige:

— Quero falar com alguém da administração do hospital. Imediatamente.

Mandam chamar o diretor do hospital. Quem aparece é um garoto de óculos, obviamente o primeiro da turma. Você protesta.

— Não. Chega de palhaçada. Quero falar com o diretor de verdade.

— Todo o pessoal do hospital foi substituído por escolares — explica o diretor-mirim, muito sério. — É uma iniciativa dos clubes de serviço. Para as crianças aprenderem como funciona um hospital.

— Eu acho isso ótimo, mas acontece que eu preciso ser operado dentro de alguns minutos e...

Há um rebuliço na multidão que cerca a sua cama.

— Olha o anestesista!

Abrem alas para o anestesista, um garoto de sete anos com uma seringa na mão e muito inibido. A mãe o empurra para a frente.

— Vai, Janderzinho, e dá a injeção no moço. Você vai aparecer na TV.

Você tenta levantar da cama mas é contido por um dos repórteres que diz.

— O melhor é relaxar e aceitar. É só por hoje.

— Mas eu vou ser operado!

— E tem mais. Uma criança muito famosa vai participar da promoção. Ela já está vindo para cá. Fique firme.

Janderzinho aproxima-se, timidamente, da cama. E, antes que você possa se defender, ele fecha os olhos e finca a agulha na sua perna. Você dá um berro. Todos riem muito. A enfermeira-chefe — sem desviar os olhos das câmaras — bate maternalmente na sua cabeça.

— Pronto, pronto. Não vai doer nada. Agora você vai dormir e quando acordar a operação já terminou. Calminha.

Você já sente tontura. A injeção está fazendo efeito. Ouve alguém exclamar, com entusiasmo:

— É ele!

É o cirurgião. Quase perdendo os sentidos, você ainda consegue erguer uma pálpebra para ver quem está entrando no quarto, de avental branco, abanando para todos. É o Ferrugem!

— Muito bem — diz o Ferrugem já ao lado da sua cama, imitando a jovialidade profissional de um cirurgião. — Levem o paciente para a sala de operações.

Você perde os sentidos.

Você lança o seu primeiro livro. Um dia depois da tarde de autógrafos, está em casa, satisfeito da vida — finalmente, depois de tanta luta, um livro publicado! — quando batem na porta. Você abre a porta. É a polícia.

— O senhor pode nos acompanhar até a delegacia, por favor?

— Por quê?

— Acompanhe-nos, por favor.

Você vai, tentando desesperadamente se lembrar do que pode ter feito para merecer a prisão. Fica ainda mais confuso quando vê que o delegado tem o seu livro na mão. Chega a ter um acesso de esperança: vai ver ele só quer o meu autógrafo! Mas a cara do delegado não confirma a sua vã suposição.

— O senhor ficará detido por uma semana.

— Por quê?

— Como, "por quê"? O senhor não leu os jornais de hoje?

— Não.

— Há três críticas do seu livro. Todas desfavoráveis.

— Bom, eu sinto muito. Mas não entendo por quê. . .

— O senhor obviamente não está a par da nova legislação.

— Que legislação?

— Os críticos literários agora podem mandar prender o autor, se não gostarem do livro dele.

— O quê?!

— Isso aconteceu depois que o secretário de segurança de São Paulo leu um livro, não gostou do que leu e mandou apreender não o livro mas o autor. Os críticos literários reagiram. Acharam que, se um crítico amador como o secretário podia mandar prender autores, os profissionais deviam ter o mesmo poder. E conseguiram o que queriam.

— Mas assim, sem julgamento nem nada?

— Eles fazem o julgamento do livro nas suas críticas e terminam com um veredito.

— Todos os críticos pediram a minha prisão?

— Bom, um recomendou liberdade vigiada, para que você não voltasse a repetir um livro. Outro foi categórico: prisão perpétua com trabalho forçado. E o outro concluiu: prendam-no para interrogatório. Tirei uma média e achei que uma semana de prisão seria justo.

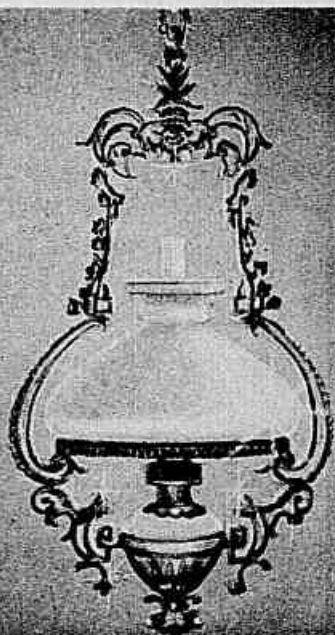
— Mas, mas. . .

— Sinto muito. Para o xadrez. Você vai aguardar julgamento, preso.

— "Aguardar julgamento"? Mas eu já não fui julgado?

— Ainda falta a crítica da *Veja* e a do *Isto É*. Sua pena pode ser aumentada.

— Eu pelo menos posso ter lápis e papel na cela?

— O quê? E continuar a sua vida de crimes dentro da prisão?!

Nas linhas do Passat a beleza do nosso tempo.

Seus olhos não mentem.
Ao ver o Passat, você vê toda a beleza do nosso tempo.
A rara descoberta de um estilo único, inconfundível.
A classe que coloca o Passat muito acima dos padrões comuns.
É preciso ter o gosto apurado para identificar as concepções mais avançadas e inovadoras.
Nunca os aspectos práticos - conforto, economia e segurança - foram envolvidos por tanta beleza.
Deixe o seu bom gosto escolher o carro que você merece agora.
Passat.

Garanta o combustível de amanhã. Respeite os 80.

MINISTER, O SABOR PARA QUEM SABE O QUE QUER.

CADERNO DE
QUADRINHOS

Nº 79 Suplemento do JORNAL DO BRASIL, 11 de setembro de 1977 Não pode ser vendido separadamente

PEANUTS

Charlie Brown e sua patota

POR SCHULZ

Prezado senhores.
Estou devolvendo, em separado, uma raqueta de tênis defeituosa.

PERNA-LONGA

ESTÁ ATRASADO, FRAJOLA!
E DAÍ, AMADO CHEFE?
HOJE FRU X FRU
CACHORROS QUENTES

TRATE DE APANHAR O AVENTAL E O BONÉ SEU MALANDRO!
RECUSO-ME!

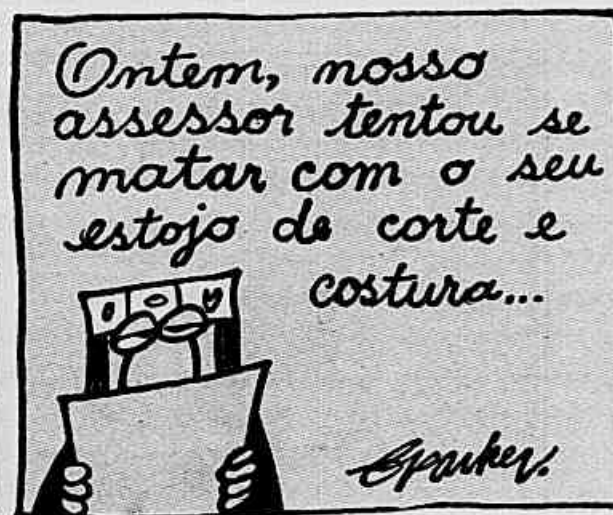
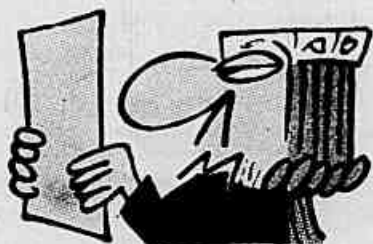
MINHAS AMBIÇÕES VÃO ALÉM DE VENDER CACHORRO QUENTE À POPULAÇÃO!

QUEM SABE SE, UM DIA NÃO SEREI O PREFEITO DESTA BRIOSA CIDADE?!
HUM!

PELOS MEUS REGISTROS, VOCÊ COMEU, DESDE QUE COMEÇOU A TRABALHAR, MAIS DE 100 CACHORROS QUENTES! SÃO 500 CRUZEIROS!
LINDOS E APETITOSOS, POR SINAL!
BUNS

OU PAGA AGORA... OU ENFRENTA O BATENTE!
OH! AZAR DOS AZARES!
6/19

POR FAVOR, AMADO CHEFE, QUER ACRESCENTAR MAIS 5 CACHORROS QUENTES À MINHA CONTA?
CACHORROS QUENTES

Alteza: estamos sem comida. Perdemos todas as nossas armas...

...e nossos uniformes. A tropa está nua!

Ontem, nosso assessor tentou se matar com o seu estojo de corte e costura...

Parker.

Mande-nos cavalos o quanto antes, para que possamos bater em retirada!
Rodney

ARCA BICHOS

SINTO-ME MAL!
VOU AO MÉDICO...

ELE SABERÁ O QUE FAZER...

NÃO ME SINTO BEM, DOUTOR!
SENTE-SE, CAPITÃO! JÁ VOU ATENDÊ-LO

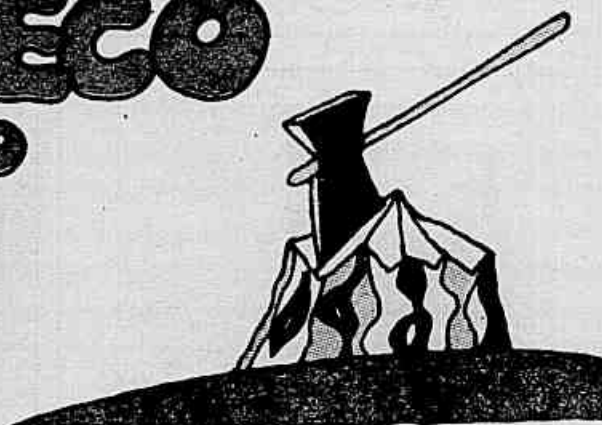
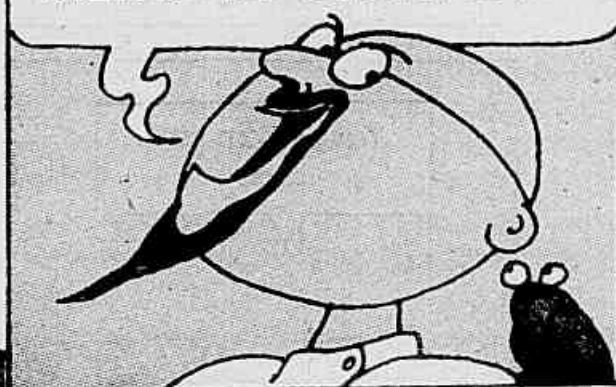
O SENHOR PARECE FURIOSO.
E ESTOU.

© King Features Syndicate, Inc., 1977
ESTA PLANTA MORREU... NÃO CONSIGO ENTENDER O MO- TIVO...

É INCRÍVEL! ACHO QUE É A QUARTA PLANTA QUE TENHO DE JOGAR FORA ESTE ANO...
3-6
Addison

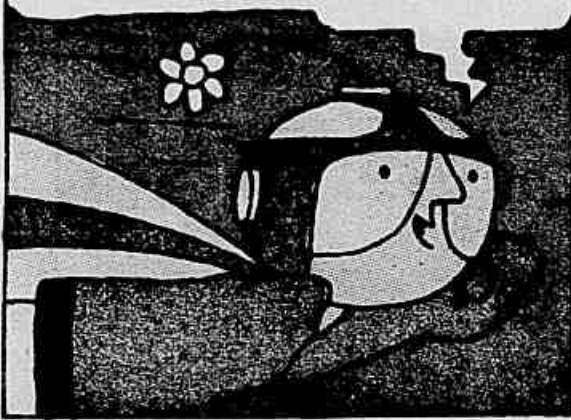
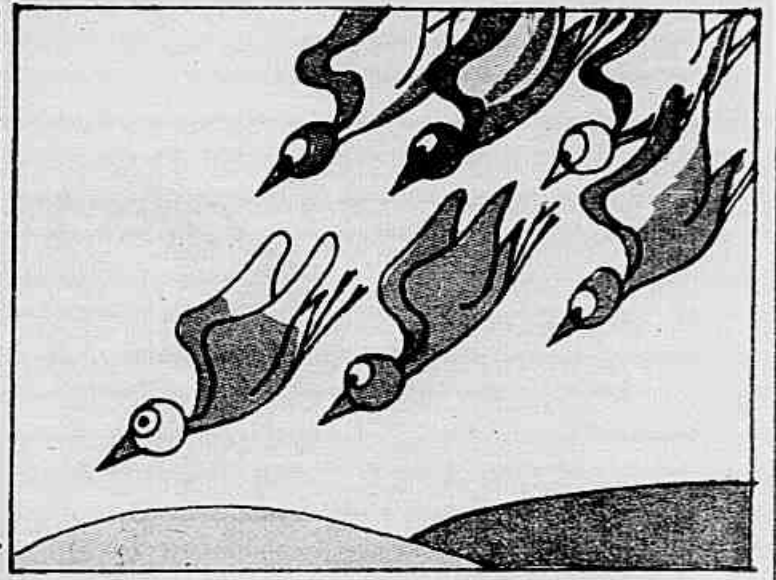
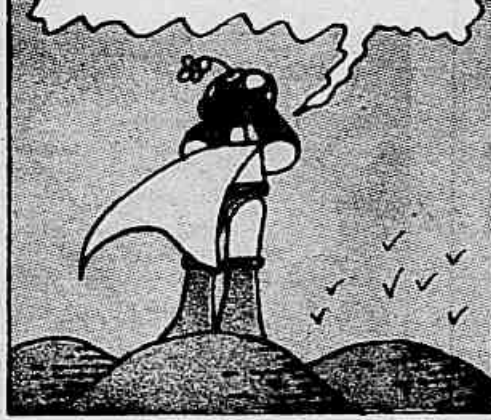
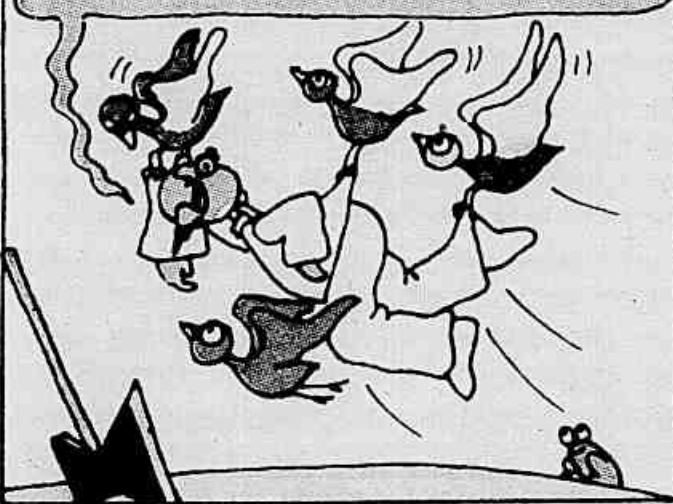
PARECE QUE BASTA EU CHE- GAR PERTO DELAS, E ELAS MORREM! NÃO ENTENDO, CAPITÃO...

CAPITÃO...?

WALT DISNEY MICKEY

MAS ONDE ESTÁ O DR. POLU, ESTÁ TAMBÉM SEMPRE O NOSSO CAPITÃO ECO...

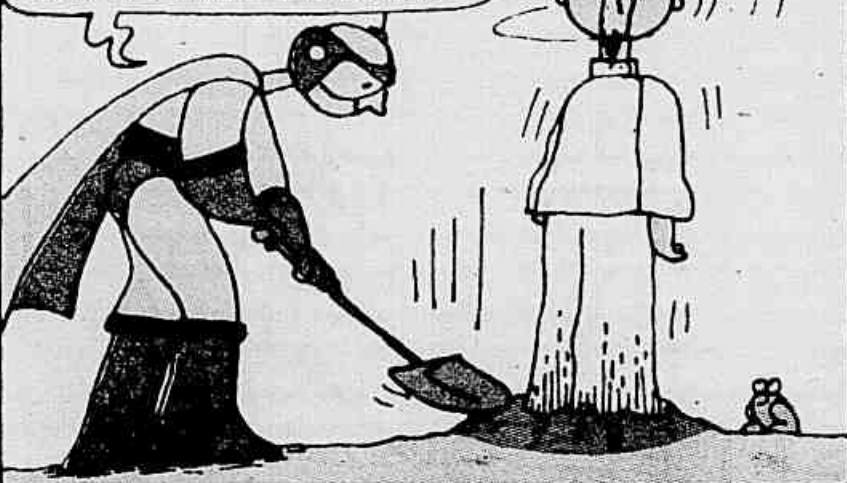
EPA! SE O DR. POLU CONTINUAR A CORTAR AS ÁRVORES DESSE JEITO, DAQUI A POUCO VAI ESTAR FALTANDO OXIGÊNIO POR AQUI!

ANTES QUE SEJA TARDE VOU CHAMAR MEUS AMIGOS PASSARINHOS.

FFFIIIUUUUIII!!

EPA!! O QUE ESTÁ ACONTECENDO? ME DEIXEM NO CHÃO!!!

PODEM DAR UMA VOLTINHA, MAS NÃO VOEM MUITO ALTO. DEPOIS VOLTEM AQUI!

ESTOU CAIIINDO!

EXATAMENTE! E ESTÁ CAINDO DENTRO DO BURACO QUE CAVEI!

PRONTO. O DR. POLU VIROU UMA ÁRVORE.

E SERÁ O ABRIGO DOS PASSARINHOS ATÉ QUE DECIDA PLANTAR UM BOSQUE INTEIRO!
FIM

BRICK BRADFORD by Paul Norris

CONTINUA

KID FAROFA de Tom K. Ryan

MAURICIO apresenta
HORÁCIO
CAPÍTULO 8
E ESSE NÃO É O HORÁCIO!
XI, PATRÃO-ZINHO...
ELES DESCOBRIRAM TUDO!
NÃO PODEM FAZER NADA! NEM MESMO PROVAR QUE NÃO SOU O TAL HORÁCIO!
© 1977 MAURICIO DE SOUSA PROD.
O QUE ESTÁ HAVENDO LÁ NO CARTÓRIO? PARECE QUE TODO MUNDO ESTÁ DISCUTINDO!
MAS E O DINHEIRO QUE VOCÊ PAGOU PELO CASAMENTO?
PODE FICAR COM ELE... MAS NÃO QUERO NENHUM IMPOSTOR COMO MARIDO!
BEM! SE NÃO TENHO PREJUIZO, CONSIDEREM O CASAMENTO ANULADO!
VIU? AGORA VAI ME DIZER ONDE ESTÁ O VERDADEIRO HERDEI... OU MELHOR, O HORÁCIO?
BEM... SE OLHAR PARA TRÁS, VERÁ O SEU "PRÍNCIPE ENCANTADO" CHEGANDO!
??
?
666
O QUE ESTÁ HAVENDO POR AQUI?
DESCULPE-ME PELA DEMORA, MAS FOI DIFÍCIL CONVENCER ESTES DOIS A SEREM TESTEMUNHAS!
O CARACOL, ENTÃO, MAL ESTÁ ACORDADO!
BEM... EU SIMPATIZEI COM VOCÊ, MOÇA... TENTEI TOMAR O LUGAR DO OUTRO, MAS NÃO DEU CERTO!
OH! AÍ ESTÁ VOCÊ!
?!
PUXA! CANSEI DE ANDAR ATRÁS DE VOCÊ, MEU CARO!
HÁ UMA HERANÇA À SUA ESPERA! SOU O SEU ADVOGADO!
MAS... É ESTE... E NÃO AQUELE?
ORA! CONHECERIA O HERDEIRO ATÉ NO ESCURO! TEM CARA DE RICO! O OUTRO NÃO!
!
BOLAS! ESSA CARA DE MILIONÁRIO... SEMPRE ME ATRAPALHANDO! TODOS ME OLHAM E JÁ SABEM QUE ESTÃO OLHANDO PARA O J.B.ZINHO!
ELE... ELE JÁ ERA MILIONÁRIO ANTES DA HERANÇA?
NEM SEI O QUE TENHO!
E SE CONVERSÁSSEMOS COM O JUIZ DE NOVO?
NÃO ADIANTA, MOÇA! ELE SÓ FAZ DESSAS COISAS UMA VEZ!
DESCULPEM-ME, AMIGOS... PARECE QUE EU IA CAIR NUMA CILADA!
ALGUÉM PENSOU QUE EU ERA O MILIONÁRIO!
PENA QUE A HISTÓRIA SOBRE MEUS PAIS NÃO ERA VERDADEIRA!
ZNNN
FIM

BELINDA
de YOUNG e RAYMOND

FOMOS INTIMADOS A FAZER COMPRAS.
É!

MAS TIVE UMA BOA IDÉIA...

RESOLVEMOS LEVAR VOCÊS AO BOLICHE!
AO BOLICHE?

MAS NÓS NÃO QUEREMOS.
QUEREMOS FAZER COMPRAS.

NÃO VAMOS FAZER COMPRAS.
NÃO VAMOS AO BOLICHE!

ESTAMOS SENDO EGOÍSTAS...
É... NÃO CUSTAVA NADA LEVÁ-LAS!

ESTAMOS SENDO EGOÍSTAS...
É... COITADOS, TAMBÉM ACHO...
© King Features Syndicate, Inc., 1977. World rights reserved.

VAMOS NOS SACRIFICAR DESTA VEZ, DINO...
ELAS VÃO ADORAR!

VAMOS JOGAR BOLICHE!
ELES VÃO ADORAR!

RESOLVEMOS IR FAZER COMPRAS!
RESOLVEMOS IR AO BOLICHE!

NÃO VAMOS JOGAR BOLICHE!
NÃO VAMOS FAZER COMPRAS!
6-26

TEM MAIS ALGUMA IDÉIA?
YOUNG RAYMOND

Zezé e Cia

de MORT WALKER
e DIK BROWNE

GILDA
RITINHA
PIPAROTI
DAMIANA
PITA
TRISTINHO
O CIRCO LAMBE-LAMBE

VOCÊ QUER APRENDER A FAZER UM ROUXINOL? ENTÃO PEGUE UM PAPEL COM OS QUATRO LADOS IGUAIS E SIGA AS INSTRUÇÕES QUE EU VOU DAR.
FIG.1. A PONTA DE CIMA DEVE FICAR POR BAIXO DAS OUTRAS DUAS PONTAS. PUXE A DOBRA DE DENTRO PARA FORA
FIG.4 FORMANDO UMA PONTA.
FIG.5 E FAÇA O MESMO COM O OUTRO LADO.
FIG.7 DOBRE A PONTA DE CIMA PARA FORMAR O BICO E AS DUAS PONTAS DE BAIXO, PARA FORMAR OS PÉS.

AS SOMBRAS CHINESAS VÊM DO ANTIGO ORIENTE E COM IMAGINAÇÃO PODEMOS INVENTAR UMA PORÇÃO DELAS. AQUI ESTÃO ALGUMAS SUGESTÕES... VAMOS TENTAR?

PIPAROTI PORQUE NÃO DEVEMOS NADAR DEPOIS DAS REFEIÇÕES?
OS ORGÃOS QUE TRABALHAM NA DIGESTÃO PRECISAM DE MUITO SANGUE, PORTANTO NÃO SOBRA QUANTIDADE SUFICIENTE PARA SUPRIR OS MÚSCULOS QUE USAMOS PARA NADAR. COM OS MÚSCULOS RECEBENDO POUCO OXIGÊNIO, SENTIMOS CÃIMBRA NAS PERNAS QUANDO ESTAMOS NADANDO. OS MÚSCULOS DA PERNA PRECISAM SER SUPRIDOS DE MAIOR QUANTIDADE DE SANGUE PARA NATAÇÃO...

COM UMA TIRA DE COURO BEM LEVE VOU MOSTRAR A VOCÊS COMO SE FAZ UMA PULSEIRA BONITA, UM CINTO OU CHAVEIRO. RISQUE O DESENHO AO LADO SOBRE O COURO, DEPOIS VÁ TRANÇANDO, SEGUINDO O ESQUEMA DO DESENHO. VERÁ QUE PULSEIRA OU CINTO MODERNINHO QUE VOCÊ PODERÁ FAZER.

OS EGÍPCIOS FORMARAM UMA DAS MAIS ANTIGAS CIVILIZAÇÕES DA TERRA. OS PRINCIPAIS ACONTECIMENTOS DAS DINASTIAS DOS FARAÓS QUE GOVERNARAM O VALE DO RIO NILO POR MAIS DE 5 MIL ANOS FORAM REGISTRADOS EM PAPIROS, EM PAREDES DE MONUMENTOS E NOS TÚMULOS.
©DANIEL AZULAY 1976

O EGIPTÓLOGO FRANCÊS JEAN-FRANÇOIS CHAMPOLLION FOI QUEM CONSEGUIU DECIFRAR O COMPLICADO QUEBRA-CABEÇAS DA ESCRITURA HIEROGLÍFICA EGÍPCIA, ATRAVÉS DE UMA PEDRA ACHADA POR UM SOLDADO DE NAPOLEÃO BONAPARTE.
OS HIERÓGLIFOS SE DERIVAM DE IMAGENS DA REALIDADE. AQUI VEMOS UM PASSARO E UMA SERPENTE EM TRÊS ETAPAS: DA REALIDADE À REPRESENTAÇÃO EM BAIXO-RELEVO E DESTA AO SÍMBOLO OU ESCRITA.